



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH



Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT

**Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS)**

**Doutorado em Museologia e Patrimônio**

# **EM BUSCA DO OBJETO FILOSÓFICO DA MUSEOLOGIA / PATRIMONIOLOGIA: *alguma especulação***

*por*

***Anaildo Bernardo Baraçal***

*Aluno(a) do Curso de Doutorado em Museologia e Patrimônio*

*Linha 01 – Museu e Museologia*

Tese de Doutorado apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio  
– PPG-PMUS (UNIRIO/MAST).

Orientador: Professor Doutor Ivan Coelho de Sá

*UNIRIO/MAST – Rio de Janeiro, julho de 2015*

B223

Baraçal, Anaildo Bernardo.

Em busca do objeto filosófico da Museologia /  
Patrimoniologia: alguma especulação / Anaildo Bernardo Baraçal.  
- Rio de Janeiro, 2015.  
362 f: il.

Orientador: Ivan Coelho de Sá  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do  
Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Museologia e  
Patrimônio; Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2015

1. Metamuseologia / Metapatrimoniologia. 2. Teoria da  
Museologia. 3. Teoria da Patrimoniologia. 4. Museologia /  
Patrimoniologia. 5. Filosofia. I. Sá, Ivan Coelho de. II. Título.

# EM BUSCA DO OBJETO FILOSÓFICO DA MUSEOLOGIA / PATRIMONIOLOGIA: alguma especulação

Tese de Doutorado submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT, como requisito final para a obtenção do grau de Doutor em Ciências, Museologia e Patrimônio.

*Aprovada por*

**Prof. Dra.** Diana Farjalla Correia Lima  
Profa. Dra. PPG – PMUS – UNIRIO/MAST

**Prof. Dra.** Lena Vania Ribeiro Pinheiro  
Profa. Dra. PPG – PMUS – UNIRIO/MAST

**Prof. Dra.** Maria de Lourdes Parreiras Horta  
Profa. Dra. Creative Heritage - Patrimônio Criativo Consultoria e Projetos Culturais.

**Prof. Dra.** Neusa Fernandes  
Profa. Dra. Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ

**Prof. Dr.** Ivan Coelho de Sá  
Prof. Dr. PPG – PMUS – UNIRIO/MAST

*Rio de janeiro, 2015*

## AGRADECIMENTOS

Registramos a gratidão aos que nos ensinaram e que nos puseram à prova, têmpera de caráter e dos nossos propósitos. Mas, é especial escrever os nomes dos que contribuíram diretamente, correndo o risco do esquecimento...

Andréa Pedreira  
Ana Maria Ladeira Yamada  
Bruno César Brulon Soares  
Claudia Machado Ribeiro  
Daniel Barretto da Silva  
Débora Vasconcelos  
Diana Farrjalla Correia Lima  
Elizabete Mendonça  
Jan Dolák  
Katerina Kotiková  
Lena Vania Ribeiro Pinheiro  
Luiz Carlos Borges  
Marcella Bacha  
Marcos Félix de Souza  
Maria de Lourdes Parreiras Horta  
Maria Nélide González de Gómez  
Max Perlingeiro  
Neusa Fernandes  
Simone da Rocha Weitzel  
Suzanne Nash  
Tereza Cristina Moletta Scheiner  
Victor Alexandre Soares Ramuz  
Vinos Sofka  
Zuzana Paternostro  
World Wide Web, Internet e ao buscador Google  
Ao Dorflex, Rivotril, Stilnox, entre outros!

## DEDICATÓRIA

A Arnaldo (*in memoriam*), meu pai, filho de imigrantes e operário, que desejou ter um filho doutor, sonho que agora lhe realizo, e

A Ana Arcanjo (*in memoriam*), minha mãe, mulher viva e vivaz, com quem aprendi a lutar pelo que se acredita, sempre presença: eternos doutores!

A Maria de Lourdes do Rego Pinto Novaes – Deca, que viu em mim, em minha juventude, uma qualidade de pensar filosófico,

A Neyde Gomes de Oliveira (*in memoriam*), exemplo de profissionalismo, aplicação e de vida, saudosa memória,

A Tereza Cristina Moletta Scheiner, excelente interlocutora para esta tese,

A Ivan Coelho de Sá, capaz de se entregar incondicionalmente...

A Zbynek Zbyslav Stránský, criativo, inquieto, propositor, estimulante, surpreendente!

E de início os conceitos são e permanecem assinados: substância de Aristóteles, cogito de Descartes, mônada de Leibniz, condição de Kant, potência de Schelling, duração de Bergson... Mas também alguns exigem uma palavra extraordinária, às vezes bárbara ou chocante, que deve designá-los, ao passo que outros se contentam com uma palavra corrente muito comum, que se enche de harmônicos tão longínquos que podem passar despercebidos a um ouvido não filosófico. Alguns solicitam arcaísmos, outros neologismos, atravessados por exercícios etimológicos quase loucos: a etimologia como atletismo propriamente filosófico. Deve haver em cada caso uma estranha necessidade dessas palavras e de sua escolha, como elemento de estilo. O batismo do conceito solicita um *gosto* propriamente filosófico que procede com violência ou com insinuação, e que constitui na língua uma língua da filosofia, não somente um vocabulário, mas uma sintaxe que atinge o sublime ou uma grande beleza.

(DELEUZE Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? 2. ed., 6. imp. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 16.)

Mundo mundo vasto mundo  
se eu me chamasse Raimundo  
seria uma rima, não seria uma solução.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. Poema de sete faces. In: \_\_\_\_\_.  
**Alguma Poesia**. 1930. Disponível em:  
<<http://drummond.memoriaviva.com.br/alguma-poesia/poema-de-sete-faces/>>. Acesso em: 26 maio 2015.)

# RESUMO

EM BUSCA DO OBJETO FILOSÓFICO DA MUSEOLOGIA / PATRIMONIOLOGIA: alguma especulação. 2015. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro. 362 p. Orientador Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá.

O objeto epistêmico da Museologia tem sido identificado, a partir de Zbynek Zbyslav Stránský, à relação entre o homem e a realidade. Em decorrência dessa definição, Tomislav Sola propõe uma nova disciplina, a Patrimoniologia, dada a ampliação do âmbito do objeto, que não seria mais restrito ao Museu. A Museologia pode ser abordada, em decorrência, em equivalência à Patrimoniologia. Por outro lado, a Museologia tem sido considerada ciência social aplicada, embora Stránský tenha mencionado os ramos filosóficos da Ontologia, Gnoseologia, Noética, Axiologia e Ética em sua formulação. A consideração da Museologia enquanto integrante da Filosofia está circunscrita, de modo sistemático, a alguns poucos pensadores e por menor número, ainda, no que concerne ao Patrimônio. A revisão da abordagem da Museologia / Patrimoniologia enquanto Filosofia é ponto inicial para a proposição do objeto como o estudo da fixação da representação da relação do homem com a realidade / mundo, através do suporte de filósofos, notadamente Heidegger e Schopenhauer, buscando-se fundamentação na discussão especulativa sobre o valor, a consciência, a representação, o relacional e o absoluto. Metodologicamente, Heidegger serviu de guia, pela análise das palavras e modo de questionamento, em que a etimologia e a investigação sobre os conceitos e os termos que os expressam assumem o *logos* em suas dimensões de razão e de expressão, uma das primeiras manifestações do sentido museal / patrimonial da humanidade.

Palavras-chave: Metamuseologia. Metapatrimoniologia. Teoria da Museologia. Teoria da Patrimoniologia. Museologia. Patrimoniologia. Filosofia.

# ABSTRACT

IN SEARCH OF THE PHILOSOPHICAL SUBJECT OF MUSEOLOGY / HERITOLOGY: some speculation. 2015. Thesis (PHD) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro. 362 p. Advisor Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá.

The epistemic subject of Museology has been identified by Zbynek Zbyslav Stránský as the relationship between man and reality. Due to this definition, Tomislav Sola proposes a new discipline, Heritology, given the extension of the scope of the subject of study that would no longer be restricted to the Museum. Museology can be addressed, as a result, in equivalence to Heritology. On the other hand, Museology has been considered an applied social science, although Stránský has mentioned the philosophical branches of Ontology, Gnoseology, Noetic, Axiology and Ethics in its formulation. The conception of Museology as part of Philosophy is circumscribed, systematically, to a few thinkers and fewer are the ones that consider Heritage. The review of the approach that regards Museology / Heritology as philosophy is the starting point for the proposition of the subject of study as the fixation of man's relation with reality / world representation through the support of philosophers, notably Heidegger and Schopenhauer, seeking its foundation in the speculative discussion of value, consciousness, awareness, representation, relational and absolute. Methodologically, Heidegger served as a guide from his analysis of words and questioning mode, in which the etymology and research on the concepts and terms that express them assume the *logos* in its dimensions of reason and speech, one of the first manifestations of the museal / heritage sense of humanity.

Keywords: Metamuseology. Metaheritology. Museology Theory. Heritology Theory. Museology. Heritology. Philosophy.



# LISTA DE ILUSTRAÇÕES

	Pág.
Figura 01 <i>Nobody knows Where Alesia Is! Asterix</i>	206
Figura 02 Terorema “de Pitágoras”	214
Diagrama 01 Relação Homem – Realidade e Valor	271
Quadro 01 Objeto – Modo – Referencial – Teoria(s)	285
Diagrama 02 A) Homem relacional	
B) Homem patrimonial	288

# SUMÁRIO

	Pág.
INTRODUÇÃO	1
1 – Pró-logos	1
2 - Buscando o caminho	7
3 - Apresentando e formulando questões	10
4 - Elementos constitutivos	26
4.1 - Linha de pesquisa a que se vincula	26
4.2 - Objetivos	26
4.3 - Do objeto e hipótese	27
5 - Sobre a escritura da tese	29
6 - Justificativa	30
7 - Viabilidade	33
8 - Fundamentos teóricos	36
9 - Metodologia, especificamente	38
10 - Estrutura da tese	42
Cap.1 MAPEANDO O CAMPO DE ESPECULAÇÃO: a Museologia / Patrimoniologia na consideração de sua essência filosófica	45
1.1 - A Museologia é ciência? Qual seu objeto de estudo? Como se forjou essa formulação? Quais seus referenciais? Como se constituiria e se estruturaria? A aproximação ou referenciação com a Filosofia.	50
1.2 - Interregno: questões sobre a língua em que se expressa a academia museológica	80
1.3 - Museologia e Filosofia: o que se pensa?	103
1.4 - Porque a Museologia não é uma ciência?	121
1.5 - A Patrimoniologia: problema e resposta?	135
1.6 - Patrimoniologia e Filosofia	142
Cap. 2 O QUE É A MUSEOLOGIA / PATRIMONIOLOGIA?: à procura da essência de uma disciplina	149
Cap. 3 RE-PRESENTAÇÃO DA RELAÇÃO HOMEM-REALIDADE / MUNDO: outra especulação	175
3.1- Presentando conceitos ou Termos re-presentando conceitos	176
3.2 A representação: argumento entre Ciência da Informação e Filosofia	184
3.3 -A representação: a título de argumento museístico	192
3.4 - A representação: argumento filosófico	193
3.5 - Especulação	198
Cap. 4 ESPECULANDO SOBRE A CONSCIÊNCIA PATRIMONIAL – MUSEAL	201
4.1 - Patrimônio consciente? Gauleses e Asterix	202
4.2 - Ser zumbi?	207

4.3 - O pêndulo	216
Cap. 5 ALGUMAS ESPECULAÇÕES SOBRE O VALOR	221
5.1 - O ponto de partida de nosso questionamento sobre o <u>valor</u>	234
5.2 - O termo <u>valor</u> no campo lexical: incursões por dicionários	248
5.3 - O termo <u>valor</u> passado em revista em alguma literatura	257
Cap. 6 OS MODOS E O MEIO DA RE-LAÇÃO DO HOMEM COM O MUNDO: revedo a aproximação pelo <u>entre</u> , o modal e o medial, como objeto da fixação em patrimônio da dinâmica do “espaço do tempo”.	273
CONSIDERAÇÕES FINAIS	292
REFERÊNCIAS	303
APÊNDICE	
1 Levantamento de dissertações de mestrado do PPG-PMUS, de 2008 ao 1º semestre de 2014, por Victor Ramuz, a pedido.	321
2 Levantamento sobre os cursos de graduação em Museologia no Brasil (ago-set 2013) por Marcella Bacha, a pedido, através de dados Eletrônicos e a partir de base institucional fornecida pela Diretora da Escola de Museologia da UNIRIO, profa. Dra. Elisabete Mendonça, e complementado com Levantamento de Cursos de pós graduação em museologia no Brasil (Mestrado e Doutorado), de janeiro de 2015.	335
3 Exercício ou tempestade cerebral sobre uma visão de constituição filosófica do currículo do Curso de Museologia da UNIRIO (empreendido de 08 a 1/09/2006), apresentado pelo professor Anaildo Bernardo Baraçal ao Diretor da Escola de Museologia CCH/UNIRIO.	350
ANEXOS	
1 Referências obtidas nas Notas de STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. Predmet muzeologie. In: _____. ed. <b>Sborník materiálu prvého muzeologického sympozia</b> . Brno: Museu da Morávia, 1965. p. 30-33.	353
2 Referências relativas ao Capítulo 5 (Metamuseologia) de STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. <b>Archeologie a muzeologie</b> . Brno: Masarykova - Univerzita, 2005.	355
3 Projeto de pesquisa: conceitos e objetos da Museologia. Victor Alexandre Soares Ramuz	359

# INTRODUÇÃO

## 1 Pró-logos\*

A imagem da Arca de Noé bíblica - o começo da relação museística - está relacionada com o aparecimento do homem enquanto combinação de criatura e cultura. A Arca foi construída a partir da necessidade existencial, algo da verdadeira história da coisa para eliminar o mal, o dismantelar extensivamente, para opostamente à deterioração natural trazer - em análogo deslocamento - valores de memória que a *representem* e a possam *transmitir*. A Arca é um fenômeno da cultura, temporal e atemporal<sup>1</sup>.

O fascínio que essa imagem, do patriarca Noé, a revelação, a antecipação do futuro, a prevenção, a preparação, a seleção, a parcerização, a construção, o embarque, a inundação, a flutuação, a indicação (pelo ar, pela terra longínqua, pela espécie botânica - oliveira, pelo arco-íris – o fenômeno para a Aliança entre duas ordens do **ser**), o Ararat (o Mediterrâneo, o Oriente médio, a Turquia), as “raças” do mundo, a prole semita, camita, jafetita e, em termos “genéticos”, ESTAMOS NÓS AQUI!

A história de Noé e da arca, narrada nos livros sagrados de hebreus e cristãos (Bereshit [no princípio] e Gênesis, 6 a 10), percorre nossa tradição cultural judaico-cristã, é aludida em um museu de ciência<sup>2</sup>, como o Museu Nacional de História Natural da França, em Paris, e atraca na cultura brasileira com **A arca de Noé**, de Vinicius de Moraes (Rio de Janeiro – 1913 -1980). Os poemas escritos para seus filhos Suzana (Rio de Janeiro,

---

\* Advertência: nem sempre o *logos* é requerido, na totalidade do âmbito da arte, dos jogos e dos desportos.

<sup>1</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. Prefácio de "Quem é Quem em museus". **Museum Aktuell**. Munique: Christian Müller-Straten, maio 2003, p. 1. última revisão, maio 2005. Disponível em: <[http://www.museum-aktuell.de/pdf/vorwort\\_ma.pdf](http://www.museum-aktuell.de/pdf/vorwort_ma.pdf)>. Acesso em: 27 fev. 2015. Quando da revisão, essa página se dava como indisponível, sendo o mesmo teor encontrado em: <[http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=de&tl=pt&u=http%3A%2F%2Fwww.museum-aktuell.de%2Fpdf%2Fvorwort\\_ma.pdf&anno=2](http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=de&tl=pt&u=http%3A%2F%2Fwww.museum-aktuell.de%2Fpdf%2Fvorwort_ma.pdf&anno=2), Vorwort zu "who is who in museums". [...] "Das bild der biblischen Arche Noah - der Urbeginn musealer Beziehung - steht mit dem Hervortreten des Menschen als Kulturgeschöpf in Verbindung. Die Arche entstand aus dem existentiellen Bedürfniss, etwas aus dem realem Verlauf der Ding auszusondern und sich das solchermassen Ausgesonderte in Opposition zum natürlichen Verfall und zum Erlöschen in Opposition zu bringen, das - in sinngemässer Verschiebung - Gedächtniswerte repräsentieren und vermitteln konnte. Die Arche ist ein zeitliches und zeitloses Kulturphänomen". Stránský é colaborador editorial dessa revista mensal [*die aktuelle fachzeitschrift für die deutschsprachige museumswelt* - revista de atualidades do mundo do museu em língua alemã] editada em Munique e está realizando os portfólios de museólogos para as páginas desse periódico na Internet. DOLÁK, Jan; VAVRIKOVÁ, Jana. **Muzeolog Z. Z. Stránský: zivot a dílo** [O museólogo Z. Z. Stránský: vida e obra]. Brno: Universidade Masaryk, 2006. p.8. Tradução nossa. Grifos nossos.

<sup>2</sup> “Uma vez passada a entrada que leva à Grande Galeria da Evolução, o visitante assiste, maravilhado, uma reconstituição [do cortejo dos animais para entrada na]\_Arca de Noé”\_ “Une fois passée l’entrée qui conduit à la Grande Galerie de l’Evolution, le visiteur assiste, émerveillé, à une reconstitution grandeur nature proche de l’Arche de Noé”. MUSEUM [National] d’Histoire Naturelle: vivants ou empaillés, les animaux jouent les stars. France Soir. 22 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.francesoir.fr/culture-art-expo/museum-dhistoire-naturelle-vivants-ou-empailles-les-animaux-jouent-les-stars>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

1940 – 2015) e Pedro (1942) permaneceram inéditos para o público até 1970 ou 1972, quando foram lançados na Itália<sup>3</sup>. Permitimo-nos neste momento falar dessa obra, pois ela faz parte da apresentação da Defesa desta tese, no dia 23 de julho de 2015. O disco brasileiro<sup>4</sup> contou com capa concebida por Elifas Andreato que se inspirara em originais de Antonio Bandeira<sup>5</sup>: uma capa “interativa”, pensada para ter a arca e seus componentes, dispersos no espaço, recortados e colados sob a ordem que a “criança” lhes quisesse dar. Vozes consagradas de intérpretes brasileiros, Chico Buarque de Holanda e Milton Nascimento estão presentes na canção título do álbum. A rede Globo de televisão realiza um programa especial com o acervo desse disco, **Vinicius para crianças – Arca de Noé**, que lhe valeu um prêmio Emmy Internacional, em 1981.

Para além da universalidade da música e da inocência e comunicabilidade irrestrita infantil, entre nós, em um aqui – agora específico e especificante – erigiu-se uma torre, quando ainda “era toda a terra de uma mesma língua e de uma mesma fala” (Gênesis – Bereshit (No princípio), 11:1). E nos desentendemos, em Babel, em nossa ambição de chegar aos céus e após termos comido o fruto da árvore do conhecimento (ou do autoconhecimento, identidade, identificação e reconhecimento, consciência, em suma).

*En arche en ho logos* [No princípio era o Verbo [o *logos*]] *kai ho logos en pros ton theon* [e o Verbo estava com Deus] *kai theos en ho logos* [e o Verbo era Deus]. O apóstolo e evangelista João retoma a forma de inicialização de texto e radicaliza sobre o que seria o próprio princípio: a palavra.

No princípio era o Verbo [o *logos*], e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele, nada do que foi feito se fez.

---

<sup>3</sup> DÃO. **A Arca de Noé** - Vinicius de Moraes (1980). 2014. Disponível em: <<http://1001br.blogspot.com.br/2014/04/a-arca-de-noe-vinicius-de-moraes-com.html>>. Acesso em: 20 abr. 2015. DANTAS, Itamar; TACIOLI, Ricardo. O último trabalho de Vinicius: A história de um dos discos infantis mais importantes da música brasileira: A Arca de Noé. In: ITAÚ CULTURAL. **Álbum Itaú Cultural**. Disponível em: <<http://albumitaucultural.org.br/secoes/a-arca-de-vinicius/>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

<sup>4</sup> MORAES, Vinicius. **A arca de Noé**. Rio de Janeiro: Philips, 1980. 1 disco sonoro (ca. 48 min), 33 1/3 rpm, 12 pol. Direção artística: Mazola; Produção executiva: Fernando Faro; Arranjos: Rogério Duprat e Toquinho; Criação da capa, adaptação gráfica e ilustração complementares: Elifas Andreato. DANTAS, Itamar; TACIOLI, Ricardo. O último trabalho de Vinicius: A história de um dos discos infantis mais importantes da música brasileira: A Arca de Noé. In: ITAÚ CULTURAL. **Álbum Itaú Cultural**. Disponível em: <<http://albumitaucultural.org.br/secoes/a-arca-de-vinicius/>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

<sup>5</sup> Teriam sido desenhos para uma obra de Eneida de Moraes, Keté (1953) ou Sujinho da terra, crônicas (inédito?). Para biografia de Eneida de Moraes ver FORMAS E MEIOS. **Eneida de Moraes**: mulher linha de frente. 2009. Disponível em: <<http://formasemeios.blogspot.com.br/2009/07/eneida-de-moraes.html>>. Acesso em: 20 abr. 2015. Max Perlingeiro indicou-nos serem esses desenhos de Bandeira pertencentes ao Museu de Arte Contemporânea do Ceará – Centro Dragão do Mar, do governo do Estado do Ceará, em Fortaleza. Contactado, o Museu nada pode informar sobre essas potenciais criações de Bandeira que estariam sob sua guarda.

vida estava nele, e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela<sup>6</sup>.

E procuramos esse princípio, em tudo, quando pensamos significativamente, procuramos pela essência que, mesmo que não saibamos ou que nunca venhamos a saber, já **é**, sempre tendo sido. Tal a ontologia e tal a nossa busca incessante a resultado inacessível: o fundo do que **é**.

E, ao pensarmos, desejamos representar esse pensamento. Podemos pintá-lo, como vemos em interiores de cavernas, ou criar conceitos e [de] – escrevê-los em palavras, letra e música!

Essa imagem da arca de Noé que, pela Torá, chega e se dispersa, a partir do judaísmo e cristianismo e, pela cultura geral, ao mundo todo, se permite formar em nossos cérebros, sem nunca termos visto uma arca, ou Noé e seus filhos e os animais, e mesmo uma oliveira: por “palavras” os vemos imaginariamente...

Antes da arca ser arca, de Noé ser Noé, para nós, é preciso que saibamos deles, e o sabemos pela escritura, pela nomeação, pelo *logos*, nas suas dimensões de pensamento e de palavra, o fenômeno palavra, em expressão, que se liga ao númeno, em conceito: o *logos*, em sua dupla articulação (razão e exposição). Tal como o termo se liga ao conceito, algo, aproximativo, como significante e significado se completam para Ferdinand de Saussure. Conceito e termo estão no fundamento da reflexão sobre as coisas, mas não são esses os fundamentos. Devemos investir e investigar sobre quais elementos que seriam subjacentes tanto aos conceitos e termos como àquilo para que **são** estabelecidos. *Terminus*, em latim, significa “final, linha de fronteira” e em grego é *terma*: limite, fim<sup>7</sup>. *Conceptus*, do latim clássico “(algo) concebido”, de *concep-*, participio passado da raiz de *concipere* “tomar”<sup>8</sup>.

Falamos e escrevemos em português de acordo com nosso aprendizado, por inserção à cultura e sociedade brasileiras. Nós, aqui, nascemos e nos fomos treinando a associar o termo “mãe” àquele ente constante, o mais constante ou o único por ali. E o “pai” nos

---

<sup>6</sup> JOÃO, 1:1 – 5. In: BÍBLIA. rev. at. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, s/d. [tradução: João Ferreira Almeida]. Disponível em: <http://www.sbb.org.br/interna.asp?areaID=7>. Acesso em: 20 abr. 2015.

<sup>7</sup> *Terminus* (n.) 1550s, "goal, end, final point," from Latin *terminus* (plural *termini*) "end, boundary line," from PIE *\*ter-men-*, from root *\*ter-*, base of words meaning "peg, post, boundary, marker, goal" [...]. "Greek *terma* "boundary, end, limit" [...]. HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: [http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=terminus&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=terminus&searchmode=none).

Acesso em: 15 maio 2015. A mesma fonte assinala como nome da divindade das fronteiras e pontos de referência, central no importante festival romano da *Terminalia* (celebrando em 23 de fevereiro o final do ano da Roma antiga).

<sup>8</sup> *Concept* (n.) 1550s, from Medieval Latin *conceptum* "draft, abstract," in classical Latin "(a thing) conceived," from *concep-*, past participle stem of *concipere* "to take in" (see conceive). Ibidem.

vem sendo marcado àquela outra figura. “Água”, como a nossa linguinha nos permita reproduzir, expertos, logo aprendemos, quando ainda não conceituamos puramente a sede... Não é o caso de “mamadeira” (*dedeira*) ou de “chupeta” (*pepeta*), com suas outras variantes, léxicas e semânticas... O autor desta tese chamava a sua irmã, sete anos mais velha, por “Tetê”, muito mais tarde, perpetuado o apelido, veio a relação conceitual primeva: era ela quem trazia a “mamadeira” – “tetê”, que seu irmão, mais velho do que ela, preparava, nossa mãe, tanto quanto nosso pai, trabalhando no mercado profissional. Ela, a irmã, era a personificação ou o acesso à desejada “tetê”! Se nascêssemos, hoje, na França, poderíamos nos expressar em árabe ou, se nascidos nos Estados Unidos da América do Norte, falaríamos espanhol! Mas, se de fato as expressões são diversas entre os idiomas, por vezes absolutamente diversas, em boa parte das vezes são relativamente equivalentes. E a expressão na linguagem matemática ou lógico-matemática é bastante universal e pode corresponder a puros conceitos, aplicados para enunciar, demonstrar e também determinar matérias de conhecimento, participando da sua construção. O que poderia equivaler a, como dizem Guattari e Deleuze, a uma caracterização da Filosofia pela busca dos puros conceitos, que discutiremos no Capítulo 1, durante um interregno sobre a língua de expressão disciplinar. Existimos em um processo de construção de consciência do real, do mundo, a que vamos representando, por conceitos e palavras, na dupla articulação do *logos*, e no da autoconsciência, na subjetividade cartesiana, em que vamos, também, nos autorrepresentando. E, assim, se vão construindo museus pessoais<sup>9</sup> em que os entes, notadamente os humanos, se constituem e se representam para si mesmos e para o mundo.

Essa Arca, esta arca que esta tese empreende no oceano de ideias e sob incessante precipitação, confinada dentro de suas madeiras e seus lacres de betume, aspirando os

---

<sup>9</sup> Sentido de *persona*, máscara para a representação teatral, corpo em aparência, pertença de si mesmo. “Person (n.) from Latin *persona* ‘human being, person, personage; a part in a drama, assumed character, originally ‘mask, false face, ‘such as those of wood or clay worn by the actors in later Roman theater. [...] Klein and Barnhart say it is possibly borrowed from Etruscan *phersu* ‘mask.’ Klein goes on to say this is ultimately of Greek origin and compares *Persephone*. [...] The use of *-person* to replace *-man* in compounds and avoid alleged sexist connotations is first recorded 1971 (in *chairperson*). In *person* ‘by bodily presence’ is from 1560s. *Person-to-person* first recorded 1919, originally of telephone calls. Personage (n.) ‘body of a person’ (with regard to appearance), [...] from Medieval Latin *personaticum* (11c.), from *persona* (see person). Personal (adj.) ‘pertaining to the self,’ [...] from late Latin *personalis* ‘pertaining to a person,’ from Latin *persona* (see person). [...] As ‘a classified ad addressed to an individual,’ it is recorded from 1861. *Personal computer* is from 1976”. HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: <[http://etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=person&searchmode=none](http://etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=person&searchmode=none)>. Acesso em 11 de fev. 2015. Ver BARAÇAL, Analdo Bernardo. O que é Museu Pessoal? [apresentação] In: ed. **Museu Pessoal**. Rio de Janeiro: SPHAN / Pró-Memória – Museus Castro Maya, 1986. 2 p.

aromas e miasmas de todos os animais, incluindo os humanos, e os gêneros para subsistência, aspirando pela continuidade da vida e confiando nas alianças, nos contratos que se estabeleceram e estabelecem, a perpetuar as espécies... separar, documentar, preservar, perpetuar, herdar, transmitir...

Na arca encontramos representação, consciência, um modo de relacionamento com a realidade (condição de real), pelo sistema de valor que lhe define e lhe expressa e a maneira como se fixou (a Torá, a Bíblia). E, por sua vez, sua fixação, implica representação, consciência, um modo de relacionamento com a realidade, um sistema de valor e a possibilidade de interpretação da fixação, por persistir, por poder ser traduzida em um sistema de equivalências, por poder ser resgatada via interpretação (arqueológica, histórica e filosófica, por exemplo) e poder ser percebida fenomenicamente (*aesthesis*). E uma fixação pode ser infixa, e percebida na sua infixidez, gerando algo fixado, por sua vez tomado em uma de suas partes, um corte, por exemplo, ou mesmo ser deliberadamente alterado, no todo ou parcialmente, como os bigodes na Mona Lisa em **L.H.O.O.Q.** (1919), ou a **Fonte** (1917), de Marcel Duchamp. Na expressão fixa, nesse termo, “palavra”, coisa, objeto, relíquia, livro, documento, palma da mão estampada em uma parede de caverna, uma incisão em uma carteira de estudante (mobiliário)..., os conceitos estão associados, ainda que nem as associações sejam homogêneas ou que se possam produzir todas as associações conceituais. Por outro lado, os conceitos associados somente serão alguns dentre todos os conceitos a que poderiam ser associados e poderíamos criar outros conceitos para o mesmo dado fixado. Eis o mistério! Como sabemos, se precisamos buscar o fundo das coisas no pensar filosofante, jamais se atinge o fundo: o “só sei que nada sei” socrático. No entanto, essa busca pelo essencial nos faz formular questões, perguntas, derivadas de nossa percepção em opacidade de algo da existência: com quantas coisas, com quantas realidades coexistimos sem termos consciência dessas existências? Sabemos que olhamos sem ver e, muitas vezes, apenas vemos o que de certo modo conhecemos. Às vezes, procuramos tanto e não encontramos o que está sob o nosso nariz. É precípuo que se tenham certas condições para essa busca, ao menos na tentativa de busca, reconhecendo, de antemão, que se obterá, no máximo uma resposta, dentre as inumeráveis possíveis. Vale o exercício, vale a especulação, vale explorar o território da inteligibilidade do mundo.

Saber sobre os fundamentos da Museologia / Patrimoniologia é necessário. Museus são contingências, uma delas, segundo nossa perspectiva. Os fundamentos são o *a priori* da compreensão dos fenômenos que, sem a explicação seriam apenas ocorrências



(como raios, nuvens, sol, lua, nascer, morrer, germinar, dispersar...). Einstein determinou, em sua busca de compreensão dos fenômenos, mais uma dimensão, definida pela posição do observador, incorporado e integrado ao evento observado. O *a priori* das formas e dos modos não os determina ou os define, mas permite as teorias de sua compreensão ontologicamente.

A vida, a existência, registramos por diversas maneiras e formas que, por seu turno, se consagraram em vidas e existências, em nossa incessante capacidade poética. Em coisas cotidianas, em soluções para supressão de necessidades, em explicações para os fenômenos, em palavras para expressar e discutir com mais alguém sobre algo, referenciadamente, relativamente, concebemos, real-izamos (tornamos real, tornamos coisa – *res*), pintamos, esculpimos, construímos, escrevemos, documentamos, atestamos, coletamos, armazenamos, desenvolvemos técnicas de conservação de alimentos e de fertilização de gêneros, controlando ou driblando os “determinismos” da sazonalidade e da naturalidade genética.

E nos demos genealogia, nomes de família, certidão de nascimento, chupetas e mamadeiras.

Essa arca é uma imagem de sobrevivência, do universo, o todo, o planeta, a vida, no contexto ou excerto, identificável como o museu integral, total, holístico<sup>10</sup>. Paul Otlet e Henri La Fontaine nos propõem o *Mundaneum!*<sup>11</sup> Uma perspectiva de documentação científica, de natureza museística, bibliográfica e arquivística, da crescente arca em que se armazenam as memórias do mundo, a coletânea dos dados de seu conhecimento, a árvore da sabedoria contemporânea, sem proibição de se lhe comer o fruto!

E hoje se reconsidera a origem da arca, a arca antes de Noé<sup>12</sup>, assim como as arcas navegam nas ondas da Internet [ou a grande arca]! Nossa atualidade de representação que certos seres instauram, processam e fazem proceder, em ambiente de consciência, a par desses procedimentos em termos de códigos genéticos, atávicos, instintivos,

---

<sup>10</sup> Ver SCHEINER, Tereza Cristina. Repensando o museu integral: do conceito às práticas. **Boletim do Museu. Paraense. Emílio Goeldi**. Ciências. Humanas, v.7, n.1. Belém, jan/abr 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-81222012000100003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222012000100003). Acesso em: 3 mar. 2015.

<sup>11</sup> RAYWARD, W. Boyd. Visions of Xanadu: Paul Otlet (1868–1944) and Hypertext. In: **Jasis** 45, p. 235–250, 1994. Disponível em: < <http://people.lis.illinois.edu/~wrayward/otlet/xanadu.htm> >. Acesso em: 3 mar. 2015.

<sup>12</sup> FINKEL, Irving. **Was the ark round?** A Babylonian description discovered. 24 jan. 2014. Disponível em: <<http://blog.britishmuseum.org/2014/01/24/was-the-ark-round-a-babylonian-description-discovered/>>.

Acesso em: 31 maio 2015. Pesquisador do Museu Britânico, baseando-se em uma recém-conhecida placa de argila babilônica, datada de 1.750 a.C., encontra no texto similitude com a narrativa do dilúvio do Gênesis, e nela se apresenta um desenho que identifica à planta do que teria sido **A arca antes de Noé (The ark before Noah)**.

cibernéticos, para além e no fundo daquilo que **é**, no mundo dos nomes e das normas, do *onoma* e da *nomia*. E Orfeu, a que se liga o mito de *Musaios*, é legislador das palavras, ao lado de Deus Verbo, na encruzilhada das tradições gregas com as judaico-cristãs, a que Exu bem poderia concorrer, comunicando e abrindo caminhos!

## 2 Buscando o caminho

Naturalmente é um procedimento correto para uma disciplina por, antes de mais nada, sob suspeição o objeto que lhe foi destinado pela tradição<sup>13</sup>.

*There will be an answer, let it be*<sup>14</sup>.

É conveniente que desde este início se esclareça sobre a natureza epistêmica deste trabalho acadêmico. Embora recorrendo a informações de ordem conceitual e histórica, em que se pretende rigor científico, a escritura se desenvolve tanto quanto possível por uma argumentação especulativa, pelo exercício do raciocínio, exercício da e na limitação, relativismo cultural individual do que só sabemos o que podemos ou nas condições do nosso saber, assumindo o socrático *só sei que nada sei*. O resultado, assim, deve ter caráter de exploração de território e, fundamentalmente, constituir contribuição para o campo da Museologia / Patrimoniologia. O objeto da Museologia sendo o nosso horizonte, natural realizar a transposição para a Patrimoniologia, buscando compreender o modo, ou o método, pelo que se definem os objetos disciplinares. Patrimoniologia e Museologia podem, por algum viés, serem complementares ou sinônimos, dependendo da matriz epistemológica que se siga.

Sem termos formação em filosofia, faltam-nos bases familiares para transitar com naturalidade pelos conceitos filosóficos, o que procuramos compensar com aplicação a livros, a portais na internet, e solicitando auxílio ao professor Gilvan Fogel, do PPG de Filosofia do IFCHS – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, e de outras pessoas, como a mestra em Neurologia pela Universidade Federal Fluminense - UFF, Ana Maria Ladeira Yamada.

Martin Heidegger (1889 – 1976) identifica três tipos de saber<sup>15</sup>, o científico e técnico, o da experiência cotidiana e o filosófico. A estes arriscaríamos acrescentar o conhecimento religioso, revelado. Os diversos filões de saber dizem respeito à verdade

---

<sup>13</sup> ECO, Umberto. **Semiótica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Ática, 1991. p.14.

<sup>14</sup> McCARTNEY, Paul; THE BEATLES. **Let it be**. Inglaterra: 1969 /1970. “Haverá uma resposta, deixa estar”. (Tradução nossa)

<sup>15</sup> HEIDEGGER, Martin. **O que é uma coisa?** Lisboa; Rio de Janeiro: Edições 70, 1992. p. 18 a 25.

desses mesmos saberes, verdade que o pensador alemão define como *conformidade*<sup>16</sup> e verdadeiro aquilo que tem validade.

Pelo primeiro golpe de vista sobre as últimas leituras a nossa volta, os títulos das obras faziam terminar a sequência de palavras com uma interrogação. Esse sinal persistente nas publicações era uma resposta. Mas, resposta para qual pergunta? A pergunta que nós ainda não fizéramos sobre interrogar! Que títulos eram aqueles por que passeava o nosso olhar destituído, ao menos em parte, de consciência perceptiva, fenomenal? **Que é a filosofia?**, em Deleuze e Guattari; **Que é filosofia?**, em Gilvan Fogel. Em Heidegger! Em Heidegger, tanto a questão se volta para a filosofia, *Qu'est-ce que la philosophie?*, tanto quanto para a coisa [**O que é uma coisa?**]!

Perguntar, questionar, o que se posta na formulação de uma questão, como o que gera o presente exercício, tem sua contraparte na (em uma possibilidade de) resposta. Do latim *resposta*, em vez de *reposita*, do verbo *reponere*, com influência de *respondere*, *responder*<sup>17</sup>, isto é: *re-por*. Retomemos Heidegger em sua caracterização e qualificação da *resposta*: para se chegar a uma resposta [...] “para a questão: Que é isto — a filosofia? A resposta somente pode ser uma resposta filosofante, uma resposta que enquanto res-posta filosofa por ela mesma”<sup>18</sup>. E filosofar ocorre

[...] quando entramos em diálogo com os filósofos. Disto faz parte que discutamos com eles aquilo de que falam. Este debate em comum sobre aquilo que sempre de novo, enquanto o mesmo, é tarefa específica dos filósofos, é o falar, o *légein* no sentido do *dialégesthai*, o falar como diálogo<sup>19</sup>.

---

<sup>16</sup> HEIDEGGER, Martin. **O que é uma coisa?** Lisboa; Rio de Janeiro: Edições 70, 1992. P. 42, para o conceito; p.22 a 24, na relação com o saber científico e com a experiência cotidiana. Gilvan Fogel atalhou-nos dizendo ser a verdade a “suposição” da conformidade.

<sup>17</sup> Recorrendo ao tradutor do Google, obtivemos em grego moderno o par απάντηση / *apántisi*; ερώτηση / *erótisi*: Chamou-nos a atenção para o sufixo em comum entre eles e lembrando-nos o radical *these*, que para os gregos significa *por*, *colocar*. Nessa acepção foi traduzida pelos romanos ao latim, donde temos em português as duas matrizes, por exemplo, *hipótese*, equivalente a *suposição*, ambas significando *colocar sob*. O professor Gilvan Fogel, através de correio eletrônico, em mensagem de 25 de outubro de 2012, respondeu-nos que recorrera ao dicionário Bailly, Grec/français [**Le grand Bailly**: dictionnaire], onde leu *pergunta* como *érotema*, *atos* e *perguntar* como *érotáo*. A advertiu-nos, todavia, que “Não creio, porém, que na composição entre *por*, isto é, *títhemí*. Mas isso é só palpite. Pode, por alguma via, perfeitamente entrar...! *Resposta*, quando com o sentido de réplica, é *antilégo*, que seria um *contra-dizer* e *contra-por*. Mas há resposta também como *ápokrisis*, eos... *Apo+krisis* - é, sim, para se investigar...” Outro aspecto interessante, o radical para *pergunta*, em grego, de *erótisi*, é **Eros**, o deus do amor passional. E Fogel nos diz, ainda em sua mensagem eletrônica de 28 de outubro de 2012: [...] “Realmente, é de se buscar a presença deste éros”.

<sup>18</sup> HEIDEGGER, Martin. Qu'est-ce que la philosophie? In: \_\_\_\_\_. **Heidegger**: conferências e escritos filosóficos. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1996. p. 34-35. O filósofo considera a História não contributiva para se responder a sua questão do que seja a Filosofia, embora enriquecedora.

<sup>19</sup> Ibidem, p 35.

Para Platão e Aristóteles, a filosofia e o filosofar integram uma dimensão do homem, que Heidegger designa como *dis-posição* “(no sentido de uma tonalidade afetiva que nos harmoniza e nos convoca por um apelo)”<sup>20</sup>.

E prossegue na especulação do sentido de resposta:

Nosso falar deve co-responder àquilo pelo qual os filósofos são interpelados. [...] A resposta não é uma afirmação que replica (*n'est pas une réponse*), a resposta é muito mais a co-respondência (*la correspondance*), que corresponde ao ser do ente<sup>21</sup>.

Permitimo-nos considerar o vocábulo repor, com certa analogia a *responder*. O sentido latino do vocábulo *reponere*, significando *re-por*, *por de novo*, associa-se a re-colocar, re-estabelecer. Recapitulando, *por* entra na construção de *suposição*, a *hipótese* na matriz latina e, em si mesma, a palavra é *tese*, em grego. O que se *re-põe* subentende o que já está posto, cabendo ser reconduzido em presença. Mas, não seria a ausência da presença, senão a presença ausentificada de nossa percepção, sensorial e racional. “Quem procura acha”, eis o ditado! E se acha, acha o que já está, o que já é. Propomos se considerar a resposta como algo que é, que já é e o que é, carecendo de ser evidenciado pela pergunta que a reconheça. Assim, perguntar é facultar a re-colocação, que se traga algo à presença, sendo a questão a formulação da pergunta de modo a desvelar a resposta. A resposta, que é, é *ex-istente*, já existe fora.

Aqui, nosso método foi cartesiano, questionando o que sabia, na suposição inercial da ignorância ou da suspeição de saber incerto ou não verdadeiro. Duvidar, a cada palavra, da precisão tida como certa ou válida, adequada e pertinente, se procedente enquanto elemento e argumento. Neste sentido, os conceitos e os termos requisitaram ser considerados opacamente, em uma utilização alusiva à proposta analítico-arqueológica para o saber em Michel Foucault (1926 – 1984), cabendo reparar que o pensador francês tratava dos discursos e não dos textos. Prepondera a busca pela ideia, o que poderíamos nós achar como fundo daquilo que se acha fundado a nossa frente: um pouco de arqueologia heideggeriana, outro pouco de subjetividade foucaultiana. E tudo em uma conversa, sobretudo conosco que, de um solilóquio, se apresenta agora como proposta dialógica, de diálogo, *dia-logos*, enquanto fala entre dois, através da fala, conversa em reciprocidade, na trajetória que implica, para nós, o nosso *telos*, nosso assunto tético: o objeto da Museologia / Patrimoniologia.

---

<sup>20</sup> HEIDEGGER, Martin. Qu'est-ce que la philosophie? In: \_\_\_\_\_. **Heidegger**: conferências e escritos filosóficos. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1996. p. 37.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 35.

Não sabemos se formulamos perguntas<sup>22</sup> adequadas para ir de encontro à resposta. Por isso, procuramos cercá-la, nesta tese, através de exercícios, caminhos, percursos ônticos, visando chegar à clareira onde ela encontra, onde repousa a resposta.

Lemos e procuramos observar os passos argumentativos de Heidegger, começando pelas palavras em sua etimologia e essência linguístico - filosófica, explicando a pretensão de explorarmos o grego, pedindo desculpas pelos equívocos que viermos a praticar.

### 3 Apresentando e formulando questões

Chegamos ao mundo<sup>23</sup> físico com ele previamente estabelecido. Seja qual for a maneira como considerarmos o mundo – real<sup>24</sup>, imaginado, representado, muitos de nós o

---

<sup>22</sup> No **Novo dicionário da língua portuguesa**, vemos “pergunta, do verbo perguntar, latim vulgar *praecunctare*, fazer perguntas”. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 14. imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d.

<sup>23</sup> Substantivo, do latim “universo”, ‘limpo, elegante’, usado como tradução do grego *khosmos* (ver *cosmo*) em seu sentido pitagórico de ‘universo físico’ (no sentido original da palavra grega era ‘arranjo ordenado’). Apud mundano (adj.). Cosmo (s.) c.1200 (mas não populares até 1848, como uma tradução do *Kosmos* de Humboldt), de forma latinizada do grego *kosmos* ‘ordem, à boa ordem, arranjo ordenado’, uma palavra com vários sentidos principais enraizadas nessas noções: o verbo *kosmein* significava geralmente ‘dispor, preparar’, mas, sobretudo ‘ordenar e organizar ( tropas para a batalha )’, definir ( um exército ) quanto a seu arranjo; também ‘estabelecer ( um governo ou regime )’; ‘cobrir, adornar, equipar, vestir’ (especialmente das mulheres). Assim *kosmos* teve um importante sentido secundário de “ornamentos de um vestido de mulher, decoração’ (cf. *kosmokomes* ‘arranjar o cabelo’), bem como ‘o universo, o mundo’. Diz-se que Pitágoras foi o primeiro a aplicar esta palavra para ‘o universo’, talvez originalmente significando ‘o firmamento estrelado’, mas mais tarde o sentido foi estendido para todo o mundo físico, incluindo a Terra. Com referência específica ao ‘mundo das pessoas’, a frase clássica era *he oikoumene* (ge), ‘a habitada (terra)’. Septuaginta usa tanto *kosmos* quanto *oikoumene*. *Kosmos* também foi usada em escritos religiosos cristãos com um sentido de ‘vida mundana, este mundo (em oposição à vida após a morte)’, mas a palavra mais freqüente para isso foi *aion*, literalmente, ‘tempo de vida’, a idade’. HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: <[http:// etymonline.com / index.php allowed\\_in\\_frame = 0 & search = cosmos e searchmode = nenhum?](http://etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=cosmos&searchmode=nenhum)>. Acesso em: 26 maio 2013. [From latin] “*mundus* ‘universe, world,’ literally ‘clean, elegant’; used as a translation of Greek *khosmos* (see cosmos) in its Pythagorean sense of “the physical universe” (the original sense of the Greek word was “orderly arrangement”). Apud Mundane (adj.). HARPER. Op. cit. Disponível em: [http://etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=mundus&searchmode=none](http://etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=mundus&searchmode=none)>.

Acesso em: 26 maio 2013. Cosmo (n.) c.1200 (but not popular until 1848, as a translation of Humboldt’s *Kosmos*), from Latinized form of Greek *kosmos* “order, good order, orderly arrangement,” a word with several main senses rooted in those notions: The verb *kosmein* meant generally “to dispose, prepare,” but especially “to order and arrange (troops for battle), to set (an army) in array;” also “to establish (a government or regime);” “to deck, adorn, equip, dress” (especially of women). Thus, *kosmos* had an important secondary sense of “ornaments of a woman’s dress, decoration” (cf. *kosmokomes* “dressing the hair”) as well as “the universe, the world.” Pythagoras is said to have been the first to apply this word to “the universe,” perhaps originally meaning “the starry firmament,” but later it was extended to the whole physical world, including the earth. For specific reference to “the world of people,” the classical phrase was *he oikoumene* (ge) “the inhabited (earth).” Septuagint uses both *kosmos* and *oikoumene*. *Kosmos* also was used in Christian religious writing with a sense of “worldly life, this world (as opposed to the afterlife),” but the more frequent word for this was *aion*, literally “lifetime, age.” HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: <[http://etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=cosmos&searchmode=nenhum](http://etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=cosmos&searchmode=nenhum)>. Acesso em: 26 maio 2013.

<sup>24</sup> real (adj.) early 14c., “actually existing, true;” mid-15c., “relating to things” (especially property), from Old French *reel* “real, actual,” from Late Latin *realis* “actual,” in Medieval Latin “belonging to the thing itself,” from Latin *res* “matter, thing,” of uncertain origin. Meaning “genuine” is recorded from 1550s; sense

recebem ou o contemplam como algo dado, e “a cavalo dado não se olham os dentes”. Nossa aceitação tácita, não questionadora, por vezes pode significar a ausência mesma de consciência sobre aspectos do mundo, ou dele todo. Viver vegetativamente o mundo, no mundo é vivê-lo sem pensá-lo, maquinalmente, automatadamente no sentido cartesiano. Sem perguntas, sem respostas, nos mantemos em nossas funções biológicas, não conscientes. E quando acionamos, como em nossa infância, as sessões de “por quês?” temos um olhar sobre o que podemos qualificar enquanto fenômeno, que se apresenta à nossa sensibilidade, de sentidos, de emoção e da mente. Arthur Schopenhauer (1788 -1860) aponta que “A peculiaridade da filosofia é que ela não pressupõe nada de conhecido, mas que, pelo contrário, tudo lhe é igualmente estranho e problemático, não só nas relações dos fenômenos, mas os próprios fenômenos”<sup>25</sup>.

O grande acervo do *patrimonium*, daquilo que é qualidade legada e herdada culturalmente, incluiu tudo o que é pensado, como produto, mas também o que se pensa sobre o pensamento. Em uma instância, recebemos as teorias; em outra, o que se entende pela formulação teórica. Zbynek Zbyslav Stránský, em 1965, declara não ser o museu o objeto da Museologia. Desestabelecer o museu como objeto disciplinar, todavia, não implicou, naquele tempo, em necessariamente substituí-lo por outro, ocupando-se mais em questionar o que **não é**, de modo a se ter a abertura para **qual é**<sup>26</sup>. Tratar-se-ia, mais que afirmação, de questionamento: **qual é?** O museólogo checo, assim, em seu manifesto, contempla o mundo que lhe foi dado e a ele aplica o que de Umberto Eco usamos como epígrafe: a naturalidade com que as disciplinas reveem seus objetos clássicos.

---

of "unaffected, no-nonsense" is from 1847. Generally, by the time you are Real, most of your hair has been loved off, and your eyes drop out and you get loose in the joints and very shabby. But these things don't matter at all, because once you are Real you can't be ugly, except to people who don't understand. [Margery Williams, "The Velveteen Rabbit"] *Real estate* is first recorded 1660s and retains the oldest English sense of the word. Noun phrase *real time* is early 19c. as a term in logic and philosophy, 1953 as an adjectival phrase; *get real*, usually an interjection, was U.S. college slang in 1960s, reached wide popularity c.1987. Ibidem. Disponível em: <[http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=real&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=real&searchmode=none)>. Acesso em: 12 out. 2012. Actual (adj.) early 14c., "pertaining to an action," from Old French *actuel* "now existing, up to date" (13c.), from Late Latin *actualis* "active, pertaining to action," adjectival form of Latin *actus* (see act (n.)). The broader sense of "real, existing" (as opposed to *potential*, *ideal*, etc.) is from late 14c. Actually (adv.) early 15c., "in fact, in reality" (as opposed to in possibility), from actual + -ly (2). Meaning "actively, vigorously" is from mid-15c.; that of "at this time, at present" is from 1660s. As an intensive added to a statement and suggesting "as a matter of fact, really, in truth" it is attested from 1762. Ibidem. Disponível em: <[http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=actual&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=actual&searchmode=none)>. Acesso em: 12 out. 2012.

<sup>25</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. 4. imp. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001. p. 91.

<sup>26</sup> Stránský, em seu texto de 1965, apresenta, como contribuição, outro objeto para a Museologia, como se verá na sequência.

Diz-se da Museologia / Patrimoniologia ser campo instável, por ser jovem, por ser híbrido, por ser interdisciplinar. Não seria, todavia, a carência de reflexão filosófica que tarda à consideração da essência do objeto epistêmico desse campo?

Vai longe o ano de 1965 e, neste ano de 2015, ainda preponderantemente se fala em Museu ao se discutir Museologia...

Stránský, quando lhe foi permitido dar a conhecer, sistemática e amplamente, o que pensava a respeito da Museologia, para além da então “cortina de ferro”, no final dos anos 1970, provocado pelo recém-criado Comitê para Museologia - ICOFOM, do Conselho Internacional de Museus – ICOM, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO, à alternativa de ser trabalho prático, afirma a Museologia como disciplina científica. Grosso modo, polarizada a caracterização do campo: Museologia na Europa continental e Estudo de Museus na Inglaterra e em outros países de matriz linguístico-cultural anglo-saxônica. Em comum, tem-se o objeto Museu. E, no caso da tradição continental, que se espraiou e se adensa mundo afora, no âmbito epistemológico se discute quase unanimemente como sendo científico. As alternativas concebidas para 1979 eram ou a pragmática ou a científica. Não se perguntava sobre a Museologia como filosofia o que, no entanto, não escapou à inquirição de alguns, poucos, pensadores da Museologia. Por costume ou mesmo pela dificuldade estabelecida pela centralidade do Museu nas colaborações de pensamento da área, falar de Museu tem sempre um caráter de pressuposto ao se tratar de Museologia, ainda que se fale dele para se buscar descolar a sua noção, ou ainda desmaterializá-la em termos institucionais, de maneira a permitir o afloramento de outra perspetivação nocional, ao Museu e à Museologia.

Na década de 1970, possivelmente em sua segunda metade, Stránský define o objeto da Museologia como Musealidade. A partir desse objeto, evolui para outro, a relação entre homem e realidade. Décadas depois, aprofunda e adiciona ao objeto relacional, entre homem-realidade, o caráter do valor, já presente no objeto Musealidade, e mesmo em 1965, quando menciona a Axiologia. Vista a amplitude do objeto em relação e ainda o objeto negado, o Museu, Tomislav Sola, em 1982<sup>27</sup>, aceitando e assumindo o objeto da Museologia conforme a concepção stranskyana, justifica que esse dado objeto ficaria mais adequado a uma disciplina igualmente mais ampla, criando e propondo o conceito disciplinar de Patrimoniologia, como mais próprio e includente. Por essa possibilidade,

---

<sup>27</sup> SOLA, Tomislav. **Heritology**: A contribution to a possible definition of museology... Paris: 1982. Disponível em: <<http://heritology.com/index2.html>>. Acesso em: 14 nov 2013.

nesta tese, usamos de modo equivalente os termos Museologia e Patrimoniologia, ressaltando as cargas terminológicas nos usos de cada uma dessas palavras e seus empregos históricos. Adiantamos que, para nós, a palavra, junto com a imagem, constitui a primeira e mais generalizada manifestação do museal, identificando o termo à essencialidade da Museologia e, antes, de uma necessidade do **ser** em sua condição de existente.

Na dissertação **O objeto da Museologia**: a via aberta por Stránský, de 2008, orientada pela profa. Dra. Tereza Cristina Moletta Scheiner, apresentada ao Mestrado em Museologia e Patrimônio, do Programa de Pós Graduação PPG-PMUS, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e do Museu de Astronomia e Ciências Afins, do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação - MAST, buscamos retrazar a trajetória do pensado e do pensamento objetivo de Stránský, cognominado “pai da Museologia científica”. Inevitável foi perseguir a forma questionadora do autor checo sobre o objeto disciplinar e inquirir sobre esse mesmo objeto. Inicialmente, consideramos a ilimitada extensão do objeto (a relação do homem com a realidade) e o embasamento ou os pontos de partida apresentados por Stránský quanto à forma “científica” com que pretendeu descrever a disciplina. Atribuí a campos da filosofia a base para o seu pensamento, como a noética, epistemologia, gnoseologia, axiologia, ética... Esse ponto de partida conceitual, por que não poderia ser a consideração da própria essência da Museologia? Em qualquer uma das duas linhas de questionamento, vale dizer, em ambas, o fenômeno Museu devia ser deixado de lado, fosse pela ampliação da possibilidade de observação de ocorrência do objeto (relação homem-realidade), fosse ainda pela reflexão sobre o fundo de uma coisa-em-si, portanto considerada independente de uma aparência manifesta: o **que** é!

O espanto<sup>28</sup> com o mundo nos faz questioná-lo, ou questioná-los: o mundo e o próprio espantar-se. E questionar é a essência da filosofia, quando pergunta o **que é?** Em um processo de busca, desenvolvida a partir de fora – do que já é dito, mas, sobretudo, dentro, intensa atividade de perguntação em debate íntimo e silencioso (aos ouvidos externos) nas tentativas de re-por a re(s)-posta ou re-sposta, existente, porém não identificada, não re-conhecida. Busca que é intenção de desvelamento sobre algo suposto.

---

<sup>28</sup> FOGEL, Gilvan. **O que é filosofia?** Filosofia como exercício de finitude. Aparecida: Ideias e Letras, 2009. Foi nele que, pela primeira vez, lemos sobre a essência do espanto que constitui a Filosofia. Schopenhauer retoma Platão quando o ateniense diz: “o espanto é o sentimento filosófico por excelência”. SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001. p. 40.



Das leituras em Museologia, de sua crítica, a alguma leitura em filosofia e das aulas em disciplinas do Doutorado em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ surgiu e se estabeleceu em nós a vontade e o interesse em considerar a Museologia / Patrimoniologia pelo prisma filosófico, sabendo-se dos riscos que a limitação de nossos conhecimentos sobre a Filosofia pode antepor ao que dissermos, enquanto equívocos, ou por aplicação pueril de teorias sofisticadas e complexas. Nossos limites nos ficaram patentes diante da dificuldade de conceituação e definição de termos fundamentais para a filosofia, como **ente** e **ser**, real e realidade ou mundo e mundaneidade. Os termos se, de saída, para nós, careceriam de estabilidade nocional, por outro lado se viam acrescentar de uma instabilidade pela acepção em que diferentes pensadores os tomam. No entanto, embora conscientes da possibilidade de ser superficial, acreditamos vir a colaborar, no mínimo, com a colocação de uma questão, de modo frontal e objetivo, e de traçar os contornos do espaço já explorado, ou ainda quase ignorado, sobre a tentativa de abordagem filosófica da matéria. No percurso desta busca tivemos companhia em alguns trechos. Na maior parte deles, valeram-nos a orientação da profa. Dra. Tereza Scheiner, a Mestre Ana Maria Ladeira Yamada, a então acadêmica Marcella Bacha, a Dra. Elizabete Mendonça, diretora da Escola de Museologia UNIRIO a quem, além de outras pessoas, reiteramos o agradecimento.

Hoje, na atualidade da nossa redação, no nosso **hoje**, em presença do computador pessoal, nele realizamos em texto o que temos pensado sobre os nossos espantos a respeito do objeto da Museologia / Patrimoniologia. Estamos em presença dessa admiração com o mundo pensável e, diante de nós, neste [nosso] tempo presente, levamos a efeito a possibilidade de registrar o pensamento. Poderíamos estar escrevendo em um *chat*, com o leitor diante de seu computador pessoal, e nosso pensamento fluindo para e pelas teclas, transformado em impulsos – letras que se iam iluminando na tela, ocorrendo, em sua sequência formando palavras, às vezes antecipadas em sua leitura, intuídas, ou aguardando seu acabamento em frases... Isto é, poderíamos, nós e o leitor, estar diante do mesmo espaço-tempo-texto na sua instauração dimensional, territorial, ou no mesmo tempo da escritura-leitura, da concomitância de nossos tempos presentes. Haveria a alternativa de estarmos frente a frente, em uma sala espacialmente delimitada ou em uma sala de bate-papo digital, remota, em espaços diversos, porém em tempos presentes. Faríamos apontamentos do que ouvimos e dissemos ou gravaríamos, de tudo sendo possível registrarmos o conteúdo do encontro em ata.

O que escrevemos agora [no nosso agora] ou que seja relatado em ata<sup>29</sup>, em ambos os casos temos uma fonte estabilizada, em suas espacialidades e materialidades de suporte, e a leitura e audição que admitem a concomitância ou alternância de tempos. O leitor nos lê em seu presente, e o faz, muito provavelmente não no nosso hoje que, embora o sendo à época de leitura, já não mais o é, em termos do tempo do escrever, para quem o escreveu, unidos ambos os tempos pela superfície da escritura. O leitor, também, pode nos ler em diversas vezes, em diversos presentes, conferindo atual-idade (qualidade, modo de ser, estado, propriedade<sup>30</sup> + atual) ao nosso texto. Também nós, ao retermos o próprio texto, podemos revisá-lo e aumentá-lo, e os comentários que leitores críticos fizerem a ele podem ser incorporados, de modo que o presente da leitura do texto, para o autor, inclusive, proporciona contornos diferenciados ao texto. Martin Heidegger exemplifica as diferenças de conformidade a partir de uma mesma coisa<sup>31</sup>. Escrevemos em uma folha de papel a frase: - “aqui está o giz”. E dispomos o escrito junto a um giz, em uma sala de aula. Terminada a classe, o vento desloca apenas a folha para o corredor, onde, depois, um aluno a lerá e nela não verá sentido. Para Heidegger, a verdade se dá quando em conformidade com a coisa<sup>32</sup>, e concebeu e articulou esse exemplo para questionar a verdade. Tomamos o caso pelo lado da presença, da copresença do dito com o objeto, e da concomitância no tempo presente entre o representâmen e referência com o referente, no dizer de Charles Sanders Peirce e de Ogden e Richards. Em outro episódio proposto por Heidegger, toma-se do giz e no quadro negro escreve-se: “agora é meio dia”. No dia seguinte, pela manhã, o agente de serviços gerais entra na sala para efetuar a limpeza e lê a afirmação. Heidegger, no seu texto, destaca graficamente o aspecto factual, de existência de um giz, e da temporalidade, do agora. O presente, na presença entre quem escreve e o que se escreve, esse agora, que se tratou de concomitância, é lido como inverídico por outra pessoa em outro tempo presente. Não usamos mais giz. Ler Heidegger nessas passagens é ler um seu, dele, agora, um seu presente, somente inteligível para nós porque conhecemos empiricamente o giz, porque temos memória desse conhecimento. Mas, por outro lado, já não necessariamente se conhece a natureza da matéria do giz, a que associamos ao gesso que, em obras de construção e reforma, já industrializado,

---

<sup>29</sup> Do latim ACTA [pl de actum] “obras, coisas feitas”, particípio passado de AGERE, “agir, realizar, fazer”. ACTA. Origem da palavra. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/pergunta/etimologia-da-palavra-ata/>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

<sup>30</sup> PEZATTI, Erotilde Goreti. A gramática da derivação sufixal: os sufixos formadores de substantivos abstratos. In: **Alfa**, São Paulo, **34**: 153-174, 1990. Disponível em: <<http://br.bing.com/search?q=seer.fclar.unesp.br%2Falfa%2Farticle%2Fdownload%2F3837%2F3544&form=DLCDF8&pc=MDDC&src=IE-SearchBox>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

<sup>31</sup> HEIDEGGER, Martin. **O que é uma coisa?** Lisboa: Edições 70, 1992. p. 37 e 38.

<sup>32</sup> Ibidem, p. 42.

em placas de rebaixamento de teto, seus fragmentos permitem anotações e marcações de operários (que operam, realizam) nas paredes do recinto. Daqui a um decênio, quando toda uma geração não mais tiver tido a experiência do giz, e ele não for mais fenomenicamente percebido em sua natureza, devemos confiar a sua referência apenas aos dicionários, em coleções reminiscentes de alguns remanescentes, ou nos arquivos digitalizados disponíveis nas redes por satélite. Para esses gizes com sobrevida, seu presente persiste, não seu contexto operativo, de realização, e o observador o tomará, no seu tempo presente, como algo que, ali estando, apenas em aspecto de realidade está diante dele. E a esse observador cabe criar, ou recriar, uma realidade em que aquilo, que não mais opera, seja concebido como realizável, ou potente para realizar. Mas, dessa potência devemos, em nome da preservação, destituir o objeto preservado e percebê-lo em sua latência, sobretudo sua potência, sua virtualidade. Schopenhauer, em seu segundo livro de **O mundo como vontade e representação**, dirá da arte um percebido que, todavia, se teve um tempo inicial, sua essência é atemporal, estando em si ser sempre presente. Nem nós nem o grosso da realidade permanecemos eternamente para presenciarmos o presente, porém o museal, o patrimonial nos permite, pela nossa faculdade imanente, entender o infinito, a vida, a percepção, os conceitos<sup>33</sup> como existentes fora e também independentemente de cada um de nós. O coletivo transcendente, o universal, se horizontaliza, entre os existentes copresentes e se verticaliza pelo caráter de compartilhamento entre momentos superpostos e transitórios da relação entre complexos, de distintos presentes, como os de uma geração, madura, e de outra que começa a se realizar no mundo. A vida em rede incorpora a questão da espacialidade sob outro prisma. Antes, a copresença apenas era possível na concomitância, ou seja: o presente se dava no tempo e no espaço, tal

---

<sup>33</sup> "Conceito (s.) anos 1550, do latim medieval *conceptum* 'projeto, resenha', no latim clássico '(uma coisa) concebida)', de *concept-*, raiz do participio passado de *concipere* 'abrigar, aceitar, acolher' (ver *conceber*). [...] Concept (n.) 1550s, from Medieval Latin *conceptum* "draft, abstract," in classical Latin "(a thing) conceived," from *concep-*, past participle stem of *concipere* "to take in" (see *conceive*). In some 16c. cases a refashioning of *conceit* (perhaps to avoid negative connotations). HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: <[http://http://etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=concept&searchmode=none](http://http://etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=concept&searchmode=none)>. Acesso em: 26 maio 2013. Ver também: CONCEITO. Wikipedia. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Conceito>>. Acesso em: 26 maio 2013. *Conceber* (v) final do século XIII, '*conceiven*', "tomar (semente) para o útero, engravidar", da raiz do francês antigo *conceveir* (francês moderno *concevoir*), do latim *concipere* (participio passado *concepto*) "tomar e manter; engravidar". de *com-*, prefixo intensivo (ver *com-*) + *pente*. forma de *capere* "tomar", do Proto indo europeu \* *kap-* "para compreender" (ver *capaz*). Significando "ter em mente" é de a partir de meados do século XIV, sentido figurado também encontrado em palavras do francês antigo e do latim. Relacionados: Concebido; conceber. *Concieve* (v) late 13c., *conceiven*, "take (seed) into the womb, become pregnant," from stem of Old French *conceveir* (Modern French *concevoir*), from Latin *concipere* (past participle *conceptus*) "to take in and hold; become pregnant," from *com-*, intensive prefix (see *com-*), + comb. form of *capere* "to take," from PIE \**kap-* "to grasp" (see *capable*). Meaning "take into the mind" is from mid-14c., a figurative sense also found in the Old French and Latin words. Related: *Conceived*; *conceiving*. Ibidem. Acesso em: 26 maio 2013.

como nos dois casos tomados a Heidegger. Atualmente, o ciberespaço permite aos que estejam em espaços físicos estanques e distantes e em horários específicos, diversos, se deterem em copresença digitalizada, eletronicamente. Mesmo no caso das persistências, aguardamos pela imprensa para termos a difusão, mas não a universalização, do conhecimento, para sermos, então, colocados em presença do pensamento, das evidências do que, em termos de vida material, não mais está presente. A vida, na rede, pode ser percebida como vivente ainda que morta, pela natureza presentificadora de tudo o que suponha a potência e seu aspecto atualizante e em certos casos atualizador, atuante, realizador. A ciência do mundo nos permite, por seu turno, olhar algo que está no presente, como a arqueologia, ou a biologia, ou a geologia, a física, e determinar<sup>34</sup> o contexto do presente, relacional do fragmento de

---

<sup>34</sup>HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: <[http://etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=terminus&searchmode=none](http://etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=terminus&searchmode=none)>. Acesso em: 9 dez. 2013. Término (s) 1550, "meta, fim, ponto final," a partir do latim *terminal* (plural *terminais*) "final, linha de fronteira", a partir da raiz do proto indo-europeu \**ter-*, base de palavras que significam "estaca, poste, limite, meta, marcador" (cf. sânscrito *Tarati* "passa por cima, atravessa, do hitita *tarmaizzi*, "ele limita", grego *terma* - "limite, fim",). Na Roma antiga, *Terminus* era o nome da divindade que presidia limites e marcos, foco do importante festival romano da *Terminalia* (realizado em 23 de fevereiro, o fim do ano da antiga Roma). O significado "uma ou outra extremidade de uma linha de um meio de transporte" é registrado pela primeira vez em 1836. Terminologia (n.) 1801, a partir do alemão *terminologie* (1786), um híbrido inventado por C.G. Schütz de Jena, do latim medieval *terminal* "palavra, expressão" (ver *terminal*) + grego -*logia* "um tratar com, um discurso de" (veja -*logia*). Terminal (adj.) meados do século XV, "relacionado a ou marcação fronteiras", do latim *terminalis*, "pertencente a um limite ou final", a partir de *terminal* "final, linha de fronteira" (ver *terminal*). O significado "fatal" (doença terminal) é registrado pela primeira vez em 1891. Com o sentido de "situado no extremo de algo" é de a partir de 1805. Gíria que significa "extremo" é registrada pela primeira vez em 1983. Contérmino (adj.) 1670, do latim *conterminus* "fronteira superposta, tendo um limite comum", a partir de *com-* "junto, com" (ver *com-*) + *terminal* (ver *terminal*). Determinar (v.) meados do século XIV, "chegar a um fim", também "resolver, decidir" (final do século XIV), a partir do francês antigo *determiner* (século XII) ou diretamente do latim *determinare* "incluir, obrigar, estabelecer limites para", de *De-* "de" (ver *de-*) + *terminare* "marcar o fim ou limite", a partir de *terminal* "fim, limite" (ver *terminal*). Sentido de "chegar a uma decisão firme" (de fazer algo) é de a partir de meados do século XV. Relativos: Determinado; determinante. Termo (s.) início do século XIII, *terme* "limite no tempo, definido ou período indicado", do francês antigo *terme* "limite de tempo ou lugar" (século XI), do latim *terminal* "final, linha de fronteira", relacionado com *Termen* "limite, fim" (ver *terminal*). O inglês antigo tinha *termen* "prazo final", do latim. Sentido de "período de tempo durante o qual algo acontece", primeiro registro de cerca de 1300, especialmente de uma escola ou uma sessão de tribunal (meados o século XV). Com o significado de "palavra ou frase usada em um sentido limitado ou preciso" é registrado pela primeira vez no final do século XIV, do latim medieval usado para corresponder ao grego *horos* "fronteira", empregado em matemática e lógica. Significando "a conclusão do período de gravidez" é de a partir de 1844. Terminador [?] (s.) 1770, "linha de separação entre as partes claras e escuras de uma lua ou planeta", do latim *terminator*, a partir de *terminare* (ver *terminal*). Significando "aquele que termina (algo)" é atestada a partir de 1846. Terminar (v.) 1610, "levar a um fim", a partir do latim *terminatus*, particípio passado de *terminare* "limitar, fim" (ver *terminal*). Com o sentido de "chegar a um fim" é registrado a partir de 1640, significando "demitir de um emprego" é grafado a partir de 1973; o de "assassinar" é a partir de 1975. Relacionados: Encerrado; terminação. Terminus (n) 1550s, "goal, end, final point," from Latin *terminus* (plural *termini*) "end, boundary line," from PIE root \**ter-*, base of words meaning "peg, post, boundary, marker goal" (cf. Sanskrit *tarati* "passes over, crosses over," Hittite *tarmaizzi* "he limits," Greek *terma* "boundary, end, limit"). In ancient Rome, *Terminus* was the name of the deity who presided over boundaries and landmarks, focus of the important Roman festival of *Terminalia* (held Feb. 23, the end of the old Roman year). Meaning "either end of a transportation line" is first recorded 1836. Terminology (n.) 1801, from German *Terminologie* (1786), a hybrid coined by C.G. Schütz of Jena, from Medieval Latin *terminus* "word, expression" (see *terminus*) + Greek -*logia* "a dealing with, a speaking of" (see -*logy*). Terminal (adj.) mid-15c., "relating to or marking boundaries," from Latin *terminalis* "pertaining to a boundary or end, final," from *terminus* "end, boundary line" (see *terminus*). Meaning "fatal" (*terminal illness*) is first recorded 1891. Sense of "situated at the

presente remanescente que se manifesta à realização de sua realidade mais integral. De maneira semelhante, a ciência por esse presente tomado na sua sucessão pretérita pode considerar a projeção futura (predição, previsão). Schopenhauer falaria disso em termos do princípio da causalidade que, ao lado de tempo e espaço, constitui para ele as formas de entendimento<sup>35</sup>.

Inserimo-nos no infinito do tempo, na duração de nossos sucessivos presentes, parcialmente comuns, boa parte das vezes não concomitantes (vivendo nós em um presente diverso do da vida de Platão (428 ou 427 – 348 ou 347 a.C.), por exemplo.

O Pensamento é sempre atual, enquanto que o pensado é o passado do pensamento. Propomos nos lembrar da corrida de revezamento<sup>36</sup>: de um ponto de largada dispara um corredor, portando um bastão; outro integrante da equipe inicia sua carreira pouco à frente do companheiro de modo que quando é atingido pelas passadas, brevemente na concomitância da trajetória, alcança com a mão que estende o bastão empunhado pelo outro. A dinâmica volta a se repetir até que o último participante de um mesmo grupo cruza a linha de destino. Temos indivíduos, quatro no caso do estabelecimento desportivo, complementares em um grupo competidor (quatro passando a um). O

---

extreme end of something" is from 1805. Slang meaning "extreme" first recorded 1983. Conterminous (adj.) 1670s, from Latin *conterminus* "bordering upon, having a common boundary," from *com-* "together, with" (see *com-*) + *terminus* (see *terminus*). *determine* (v.) mid-14c., "to come to an end," also "to settle, decide" (late 14c.), from Old French *determiner* (12c.) or directly from Latin *determinare* "to enclose, bound, set limits to," from *de-* "off" (see *de-*) + *terminare* "to mark the end or boundary," from *terminus* "end, limit" (see *terminus*). Sense of "coming to a firm decision" (to do something) is from mid-15c. Related: *Determined*; *determining*; *determiner*. *term* (n.) early 13c., *terme* "limit in time, set or appointed period," from Old French *terme* "limit of time or place" (11c.), from Latin *terminus* "end, boundary line," related to *terminus* "boundary, end" (see *terminus*). Old English had *termen* "term, end," from Latin. Sense of "period of time during which something happens" first recorded c.1300, especially of a school or law court session (mid-15c.). The meaning "word or phrase used in a limited or precise sense" is first recorded late 14c., from Medieval Latin use to render Greek *horos* "boundary," employed in mathematics and logic. Meaning "completion of the period of pregnancy" is from 1844. *Term-paper* [monografia] in U.S. educational sense is recorded from 1931. *terminator* (n.) 1770, "line of separation between the bright and dark parts of a moon or planet," from Latin *terminator*, from *terminare* (see *terminus*). Meaning "one who terminates (something)" is attested from 1846. *terminate* (v.) 1610s, "to bring to an end," from Latin *terminatus*, past participle of *terminare* "to limit, end" (see *terminus*). Sense of "to come to an end" is recorded from 1640s; meaning "dismiss from a job" is recorded from 1973; that of "to assassinate" is from 1975. Related: *Terminated*; *terminating*.

<sup>35</sup> SCHOPENHAUER. Arthur. **O mundo como vontade e representação**. 4. imp. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001. p. 35. *passim*. O autor, na página 28, ao iniciar sua abordagem sobre o entendimento afirma ser "[...] o mesmo nos animais e no homem; apresenta em toda parte a mesma essência simples: o conhecimento pelas causas, faculdade de ligar o efeito à causa ou a causa ao efeito, e nada mais".

<sup>36</sup> "Os revezamentos representam as únicas provas coletivas do atletismo. [...] A corrida de revezamento já era conhecida dos antigos gregos. Nas Panateneias, festas realizadas em homenagem à deusa Atena, havia a Corrida das Tochas, disputada por cinco equipes, com 40 atletas cada. A chama não podia se apagar e a equipe vencedora era a que conseguisse acender a fogueira no Altar de Prometeu, no marco da chegada. Com a invenção da escrita, os povos organizaram serviços de correspondência - as cartas eram levadas por corredores, que iam sendo substituídos ao longo do caminho. Longas distâncias eram cobertas dessa maneira". BOVESPA. **Atletismo**. Disponível em: <<http://www.clubedeatletismo.org.br/bmf-bovespa/curiosidades/corridas-de-revezamento-193804-1.asp>>. Acesso em: 14 nov. 2013. Pessoas, sua cultura (de matriz grega nesse caso), o esporte, a modalidade desportiva e o bastão são cada um e todos persistências, museais / patrimoniais.

contínuo da corrida se define pela figura do bastão: para ser transmitido, carece que cada um dos quatro indivíduos, **entes** e atuantes em momentos diferentes, tenha, em quatro momentos, pelo menos, um tempo simultâneo, entre etapas, de dois deles, configurando a permanência do bastão, do início ao fim do percurso, como sentido e completude. Talvez nessa modalidade possamos identificar ou associar uma imagem para Patrimônio, em sua trajetória, objeto, objetivo, associações, temporalidades, orientação, dinâmica e acelerações / desacelerações, sobre a individualidade e coletividade, sobre o exercício e a experiência, em ato e em visualização (e deixou-se de falar do ato da assistência torcer por um resultado de primazia de uma equipe, quando todos torcem para esse resultado que apenas uma equipe poderá obter, o que apenas se conhecerá ao final do certame!). Se, por um lado, vimos a ter consciência da finitude de nossos corpos, também vimos a conceber a infinitude das ideias, desde que expostas e fixadas<sup>37</sup>. A consciência da vida bem pode ser a consciência da corrida, da trajetória, do revezamento. A vida não é nem o nascimento e nem a morte, isolados ou tomados como extremidades, sendo ela, a vida, o espaço, entre, o interstício, compreendido do nascimento, à morte, nem esta, nem aquele, sendo parte da própria existência. A existência é o espaço-tempo entre a concepção e o esquecimento (*lethe*), entre o desvelamento e o velar, entre o descobrimento e o cobrir, entre a consciência e a ignorância. As ideias, expressas, sobre suportes, materializadas, apresentadas, podem ser mantidas por mais outros presentes, como expressão do pensamento, o pensado, da ação e do conhecimento. O que designamos presente pode assumir diversos tipos de aparência: o presente atual, em presença; aquele que já teve presença – um presente já passado, outrora presente; e o presente potente, presente virtual em futuro, que poderá se atualizar em presente que, então, em deixando a copresença, se despresencializa.

---

<sup>37</sup> Fixo (s) "A posição da qual é difícil de se mover", de 1809, [...] Fixar (v) final do século XIV, "definir (os olhos de alguém ou mente) em alguma coisa", provavelmente do francês antigo \**fixer*, de *fixe* "fixo", do latim *fixus* "fixo, rápido, imóvel, estabelecido, resolvido", particípio passado de *figere* "fixar, prender", da raiz do proto indo-europeu \* *dhigw-* "ficar, corrigir". Sentido de "prender, atar" é de cerca de 1400, o de "estabelecer, resolver, atribuir" é anterior a 1500 e evoluiu para "ajustar, organizar" (1660), e depois para "reparar" (1737). [...] Relacionados: Fixo; fixamente (1590); fixação. fix (n.) "position from which it is difficult to move," 1809, American English, from fix (v.). Meaning "dose of narcotic" is from 1934, shortened from *fix-up* (1867, originally in reference to liquor). fixar (v) fix (v.) late 14c., "set (one's eyes or mind) on something," probably from Old French \**fixer*, from *fixe* "fixed," from Latin *fixus* "fixed, fast, immovable, established, settled," past participle of *figere* "to fix, fasten," from PIE root \**dhigw-* "to stick, to fix." Sense of "fasten, attach" is c.1400; that of "settle, assign" is pre-1500 and evolved into "adjust, arrange" (1660s), then "repair" (1737). Sense of "tamper with" (a fight, a jury, etc.) is 1790. As euphemism for "castrate a pet" it dates from 1930. Related: *Fixed*; *fixedly* (1590s); *fixing*. HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: <[http://etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=fix&searchmode=none](http://etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=fix&searchmode=none)>. Acesso em: 26 maio /2013.

Palavras, antes delas imagens, imagens e ideias que se plasmaram em linhas, como ideogramas: encontramos, nós, humanos, meios de evidenciar, de externar, de pôr para fora, de ex-pôr a nossa atividade mental e, com isso, registramos o que pensamos. Emmanuel Carneiro Leão, na Apresentação à obra **Ser e tempo**, de Martin Heidegger<sup>38</sup>, nos indica ser o pensar o modo de ser do homem. “O pensamento do ser no tempo das realizações é inseparável das falas e das línguas da linguagem com o respectivo silêncio”<sup>39</sup>.

No pensamento, a fala nunca é primeiro. O pensamento nunca fala de modo próprio. Sempre responde por já ter escutado. Toda pergunta ou questão do pensamento torna-se radical por já ser sempre resposta. Só se consegue dizer a palavra essencial na escuta do sentido. Obediência é uma audiência atenta do sentido. Por lhe dirigir continuamente a essência da palavra, o tempo, enquanto pronome do ser, está sempre dizendo a palavra crucial, mas que o pensamento só consegue repetir numa variedade infinda de palavras, de gestos, de sentidos, de ações.

Os homens falam para responder e são para falar. Quando terminam de falar deixam de ser. [...] O homem é o ser que fala mesmo quando não fala e cala, recolhendo-se no silêncio do sentido [...] A fala remete para além ou aquém das palavras, mas este remeter não é semântico nem sintático. É o silêncio do sentido. A fala só fala para e por calar. A palavra essencial, sendo a essência da palavra no tempo das realizações, é apenas silêncio. Por isso, não há nada além ou aquém da palavra, só se dá mesmo o nada. [...] Trata-se de um nada criativo, um nada que deixa tudo originar-se: a terra, o mundo, a história, os homens, com todas as negações e afirmações. É um nada que constitui a estrutura ser-no-mundo.

[...] Tematizar e questionar são tentativas de se falar e dizer, no nível e por meio de discursos de uma língua. Ora, o dizer do discurso se nutre de um contato pré-discursivo e antelinguístico com um tempo de verdade e sentido que, face ao trabalho temático, é tão originário que se torna uma fonte de inteligibilidade e compreensão, de atividade e decisão. O mistério deste contato impôs, ao longo da história do Ocidente, toda uma série de registros diferentes para evocá-lo. Ao indicar uma diversidade de estilos e épocas, de línguas e discursos, a diferença dos registros afirma, sobretudo, uma identidade radical, um além ou aquém do discurso, uma experiência primigênea de doação [...] <sup>40</sup>

Leão diz ser o **Ser e tempo** texto, de uma língua, sendo texto, para ser lido, “uma escritura, um sistema de palavras em que algumas sempre de novo recorrem numa cadência regular”<sup>41</sup>. As palavras recursivas, tornadas fortes, constituem palavras-chave do texto. A partir de uma primeira fase, de familiarização com as palavras-chave,

---

<sup>38</sup> LEÃO, Emmanuel Carneiro. Apresentação. In: HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. parte 1. p. 11-20.

<sup>39</sup> Ibidem, p.15.

<sup>40</sup> Ibidem, p. 15-17.

<sup>41</sup> Ibidem, p. 17.

procura-se, no texto, “a estrutura de sustentação e a dinâmica interior da funcionalidade de suas funções”<sup>42</sup>. As demais palavras vêm a constituir o texto na articulação com e a partir das palavras-chave. E chega-se à terceira fase da leitura, a da que o texto não diz: “De texto, de uma escritura, a leitura se torna viagem do sentido de ser e não ser no tempo”.

E o que tudo isto tem a ver com a estrutura de ser-no-mundo da existência? A resposta é simples: o que fizemos até aqui, é isto o que tem a ver com mundo e ser na estrutura de ser-no-mundo. Pois, até agora, recorreremos a imagens e palavras, de origem espacial, temporal e gestual para dar lugar a vigências que, à primeira vista pelo menos, nada têm a ver com o mundo do tempo, do espaço, do gesto. E o estranho é que todo este jogo de linguagem é nossa única saída. Decerto, poderíamos apelar para outras palavras, nos valer de outras imagens, nos servir de outra língua. Mas, não poderíamos prescindir de um acervo de imagens e esquemas, de modelos e figuras do mundo. Não se pode falar filosoficamente, elevar-se ao nível do pensamento sem recorrer a um esquematismo fundamental. É um esquematismo constituído por um número proporcionalmente pequeno de *relações* espaciais, temporais e gestuais, tais como alto e baixo, próximo e distante, interior e exterior, aberto e fechado, movimento e repouso, luz e sombra, céu e terra, centro e periferia, além e aquém, fundo e superfície etc. Mais estranho ainda é que tudo isso aconteça com o propósito de criar condições para, no dizer de Heráclito, esperar o inesperado, para que o pensamento atravessasse todo o esquematismo e, de chofre, se lance no elemento de sua linguagem de ser no tempo<sup>43</sup>.

“A linguagem é a passagem obrigatória de todos os caminhos do pensamento”<sup>44</sup>. Nesse sentido, temos a tese de a atividade mental-intelectual ter a linguagem como uma manifestação essencial<sup>45</sup>.

Ao abrigo das cavernas, nas rugosidades das paredes de pedras, no silêncio e no eco do espaço reservado, na luz que se espreita ou que se esgueira pelas frestas, ou emanada das bruxuleantes labaredas, espalmam-se mãos, contornam-se animais, configuram-se homens caçadores. Não a sombra percebida na caverna, ilusão da realidade, mas a retenção, talvez mágica, da potência ou do registro de uma atualidade, tal a caverna imagem, antes das letras. Sobre a argila, ainda mole, desenham-se figuras que tanto se vão aperfeiçoando nos distintivos do que re-presentam quanto se vão sintetizando nas esquematizações conceituais: cunhas, glifos, desenhar, grafar, escrever, ideias ou fonemas se organizam em sistemas de fixar o pensado abstrato – concreto compreendido por e entre dois ou mais seres, em um ou entre dois tempos. A

---

<sup>42</sup> LEÃO, Emmanuel Carneiro. Apresentação. In: HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. parte 1. p. 18.

<sup>43</sup> Ibidem, p. 18-19.

<sup>44</sup> Ibidem, p. 21.

<sup>45</sup> BLACKBURN. Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 293 (verbete pensamento dos animais).



fixação em desenho ou síntese gráfica, ideogramática ou fonética, permite a expressão e re-presentação do conceito. Inteligir, pensar e dar a conhecer, através do fixado, em um apontamento vetorializado, de um para outro, plasmam o objeto na suposição do sujeito que procede à re-presentação. Objeto-sujeito, materializado no conceito exposto, define a passagem pretendida de se perceber, de se dar a saber, de estabelecer uma sequência entre o re-presentador, para quem registra o apresentado, e o leitor, que mediante a re-presentação pode pensar o presentável.

Presente, ser diante, tempo em que estamos diante do ser em presença, em que o ser é dado a ser diante. Nem tudo está diante, seja porque o território da visada não comporta o tudo, seja porque escolhemos, pela visão, o que ver ou pelo que nos espantamos ao ver. Nem tudo é dado a ver, nem tudo é dado a pensar. Nem tudo que é dado a ver é visto, nem tudo que é dado a pensar é pensado. Empíria ou inteligência, apreensão fenomenal ou reflexão, embora ilimitados em possibilidade restringem-se pela duração do presente no qual o possível deve ser considerável à luz do tornável apreendido ou pensado. Potencialmente, tudo está aí para ser contemplado, mas devemos realizar escolhas, efetivá-las. Tal a realidade que circunscreve o todo real. E as palavras, na associação e configuração das letras, expressam nossas escolhas sobre um léxico definido e definidor de conceitos. Analisar palavras é buscar sua essência sob a aparência do sentido que primeiramente nos provocam. Revirar e revolver a origem das palavras é refazer a estrada que primeiramente uniu uma ideia a sua exposição, sua materialização, sua experiência. No caso das palavras, parece justo nos indagarmos se elas, materialmente, também não substanciam suas essências, quando tomadas na necessidade de ser o que dizem ser ou que dizem de ser, expressando o que **são** e de **que** são. Palavras, assim assumidas, são entes, mais que simples manifestação do pensamento, constituem fragmentos do pensamento em si, forjadas para serem o que são, entidades mentais. Espantar-se com as palavras, a substância conceitual de que são, permite dar à reflexão o caminho e a trilha e a orientação – o *methodos*. Palavras e linguagem são destinos, percursos e origem, as palavras são a manifestação, a cartografia, mas são algo em si que se expõe, se põe para fora, arte que se realiza de mente a mente, entre consciências. A palavra, a linguagem, é artificial, é forma/ ideia, a que o homem acedeu, como instrumento e como *poiesis*, pela qual as Musas facultam exteriorizar a capacidade criadora cultivada, até agora<sup>46</sup>, pelo ser

---

<sup>46</sup> Admitimos, desde a orientação à monografia de conclusão de curso de Bruna Queiroz, sobre os golfinhos, que outros animais têm capacidade de produção de cultura, cujo conhecimento ainda é de recente início de investigação, aguardando o entendimento mais conclusivo da questão. CRUZ, Bruna Costa Queiroz da. **Das Baías Austrais aos baianos**: por uma teoria delfínica da museologia. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) - Escola de Museologia, Universidade

humano. Meio, fim e princípio, a palavra, a linguagem, é a possibilitação da relação ideia – conhecimento, o entendimento que pode assim ser expresso. A abstração que se articula e através da qual o sentido perpassa. A palavra e a linguagem, por esta importância, significado e valor, pode bem se constituir em um dos primeiros e mais universais patrimônios do ser, a radiação das musas. Recorde-se que Música é linguagem, há linguagem das emoções e a catarse teatral dessas emoções, tragédia - choro, comédia - riso, emoções que outros seres não conseguem expressar. Vemos Calíope, da bela voz, da eloquência, a primeira das musas, filhas de Zeus, representada nas artes, com a tabuleta e o buril para escrever! A noção corrente de patrimônio ou de museu tem sido forte o bastante para impedir a reflexão sobre a Patrimoniologia, a Museologia. Poder-se-ia considerar ser Patrimônio algo que articulasse outra conceituação, mais inclusiva e mais universal, mais essencial. A própria abstração, que permite a re-presentação de conceitos em palavras e em linguagens, que faculta se abstraírem leis, a se relacionar e sistematizar causa e efeito, que supõe a consciência e a subjetividade, que cria, que entende, não seria o pensamento, a capacidade de se abstrair uma expressão Patrimonial, Museal do ser humano?

Estabelece-se a questão pelo que se espanta, a especulação pelas mais adequadas palavras para percorrer o desenrolar do pensamento sobre o admirado, tornando o pensamento no algo pensado. Por certo, os meandros do pensamento, o seu método e processo, não necessariamente são presenciados na exposição das palavras, a instância mental não sendo de todo exprimível e apreensível na linguagem, mas, uma vez re-velada, ou des-velada, se dá como mundo em si, independente, mais ou menos, da mente que a realizou, pois pode se realizar ao ser lida, pelo leitor. Umberto Eco e sua **Obra aberta** ou a escola de Constanza, da estética da recepção, Marco de Marinis, no caso da recepção de espetáculos, pensam a pragmática do leitor, expectador.

No caso ficcional, ou na incerteza ou ignorância sobre a realidade do argumento de uma obra, na superfície e na temporalidade da leitura, além das condições e competências do leitor, o objeto narrativo é um caminho percorrido e realizado pelo leitor. Tome-se exemplarmente o caso da alusão a Troia. A literatura considerada ficcional falando dessa cidade grega, Troia, a consubstancia como um existente mental. A arqueologia

---

Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Ver também BACHA, Marcella Faustino Fernandes. **A baleia em primeira pessoa**: iconografia, história, cultura e memória. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Escola de Museologia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

lhe dá fé, como existente virtual, a ser atualizado, e a busca. Ao encontrá-la, o ficcional se torna material, a natureza da *arché* se altera e a estruturação do conhecimento faz perpassar, o que era pela via do patrimônio literário, pela via do patrimônio arqueológico. Ambas as instâncias têm sua história, seu cronos, com fundamentos diferentes, seres diferentes, objetos diferentes. Mas um está dentro do outro: Troia em um texto, um texto tido como literatura, um texto lido com relato histórico, um achado de Troia, Troia uma cidade evidenciada, desvelada, verdadeira – conforme, material. O perpasse se dá no tempo como também nas qualificações de compreensão, nisto residindo o pêndulo ou o aspecto dos móveis e mobilizadores da ação pendular. Nessa enumeração sobre Troia, nada a impede de ser concomitante. Um jovem leitor, hoje, da Odisseia atribuída a Homero, pode atualizar rapidamente [tomando-se a atualização de páginas na internet como conceito] ou entrosar rapidamente os argumentos literário e material, perpassados em um agora, próprio da atualização. Assim, temos mais uma vez a ocorrência do intrageneracional e do subjetivo, amplificada pelo matrimônio entre patrimônio ficcional/histórico e material/histórico. Devemos ter em mente que essa operação pode, e na quase totalidade das vezes é orientada, mobilizada, debreada, por alguém, ou por um instituto, que tem previamente a compreensão da justaposição do fato literário / arqueológico, no que reside uma operação patrimonial intergeracional. Se, todavia, não ler ou não ouvir falar de Odisseia, se informações vierem a não estar mais disponíveis ou, se de todo, decidamos questionar a relação ficção – materialidade, re-tomadas como evidências isoladas, volta-se a ter “patrimônios” independentes entre si, não se validando a atualização. Validar parece ser, portanto, o sacramento para que, em matrimônio gerado, em patrimônio seja persistente.

Na tradição da filosofia ocidental, registrar (*re+gerere*) é trazer de volta. Observe-se o fim, a teleologia: o que se faz tem a perspectiva de se passar, de dar, de doar, dedicar, de transmitir. Contempla uma deliberada ex-posição, por para fora, como o escrever e publicizar um livro, como Sócrates (470 ou 469 – 399 a.C.) em Platão, talvez a primeira noção e o primeiro legado de patrimônio intencional filosófico. Se Sócrates é em Platão, e o é em diálogo, a entificação é mobilizada a partir de um ponto inicial inerte, interpessoal [*Διαπροσωπικός*] (*diaprosopikés*), mas que supõe o leitor, e torna a dialógica persistente, liberando mais energia para impulsão adiante. Platão ex-pôs Sócrates, pela escritura, procurando co-responder à essência do pensamento socrático sobre o mundo considerado filosoficamente. Pondo para fora, põe à luz, coloca à dis-posição, posiciona, a-presenta, enquanto que o re-presenta. Esteve Platão a serviço do que Sócrates era, mas, com cuja presentificação dia-loga. Platão contribui com outras a-presentações e re-presentações de pensadores, como Tales (Mileto, hoje Turquia, 623 a.C. ou 624 a.C.

– c. 556 a.C. ou 558 a.C.) e Parmênides<sup>47</sup> (Eleia, Magna Grécia, atual Itália, entre 530 e 515 a.C. - ?, c. 450 a.C.).

E formam-se as nossas questões de fundo: Que? O que é? O que é a Museologia, a Patrimoniologia? Qual(is) seu(s) objeto(s)? *ἡ ἐρώτησις*; / *ἡ ἐρώτησις*? A questão?

O termo Museologia articula o termo Musa e também o termo - nome próprio Museo. Atenhamo-nos, por ora, na palavra Musa: o **que** decorre das musas? Do museal? Consideremos como sendo a potência de realizar, de tornar real, de fazer efeito de coisa e de objeto, de dar existência no estatuto perceptivo e intelectual e metafísico às coisas, ao mundo, tornando-o real, existente, à inteligibilidade, de criar o sentido de real e de contribuir criando (*poiesis*) coisas para integrar o real, objetos, procedimentos e imaginário, produções mentais. O identificar a si, sujeito, logo o faz identificar o outro, objeto e neste binômio, neste modo de relação, implicar o conhecer. Para o conhecer subjaz o pensar que, por sua vez, supõe o abstrair, em cujo retrospecto encontra-se o sentir e o perceber: a estese. Na trajetória do animal humano, partimos como os demais seres biológicos, com sistema nervoso, do sentir e do perceber, porém nos distinguimos de outros animais pela capacidade de abstração. A contribuição museal, patrimonial, das musas, da nossa transcendência, na metafísica, constitui a capacidade de usar o dom que as musas nos dão de realizarmos através da faculdade de real-ização, e não necessariamente a coisa materializada.

Por essa consideração, a relação do homem com a realidade não é nem valor e nem modo, em termos absolutos, mas o estabelecimento, a consciência dela, sua consideração filosófica, sua definição e delimitação, embora não unas ou exclusivas, posto produtos subjetivos.

Para este trabalho de tese, há o reconhecimento da importância das palavras para a estruturação e fundamentação da ex-posição do pensamento. Tendo se recorrido basicamente a um dicionário etimológico relativo à língua inglesa<sup>48</sup>, procurando-se observar nas raízes de palavras de matriz latina ou grega e a constatação de sentidos comuns ao idioma português, descartando-os na tradução quando não verificáveis em nossa língua. As datações que dizem respeito ao registro do termo em inglês, habitualmente através do francês, foram mantidas, apenas como referenciais de tempo

---

<sup>47</sup> PARMÊNIDES, Xenófanos. **Filósofos épicos I**: Parmênides e Xenófanos, fragmentos. Edição do texto grego, revisão e comentários. Fernando Santoro. Revisão Científica Néstor Cordero. Rio de Janeiro: Hexis, Fundação Biblioteca Nacional, 2011. p. 57. Disponível em: <[http://www.academia.edu/1220814/Filosofos\\_Epicos\\_I\\_Parmenides\\_e\\_Xenofanes\\_fragmentos](http://www.academia.edu/1220814/Filosofos_Epicos_I_Parmenides_e_Xenofanes_fragmentos)>. Acesso em: 14 nov. 2013.

<sup>48</sup> HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: <<http://etymonline.com/>>. Acesso em: 15 ago. 2011.

à adoção de termos de um idioma por outro, circunstância em que muitos vocábulos igualmente entraram no português, advindos do francês, por exemplo.

## **4 Elementos constitutivos**

Para a elaboração do documento de qualificação a esta tese, na esteira do estudo dos conceitos e da terminologia que os expressa, estendemos esse caminho metodológico aos itens estruturais básicos de um trabalho acadêmico. Lá, procuramos recuperar o sentido de velhas palavras para lhes recobrar a essência de seus sentidos e dar-lhes, para nós, um renovado viço. Por efeito de economia, deixamos, na quase totalidade, de replicar o conteúdo de aporte terminológico que constava daquela fase do desenvolvimento do trabalho. Este abandono não se faz alegremente, sabedores de que a manutenção do ineditismo daquela etapa, superada pela atual, imporá o esquecimento. Se nos fosse permitido, reproduziríamos, em apêndice, aqueles conteúdos sacrificados.

### **4.1 Linha de pesquisa a que se vincula**

É na linha 01, Museu e Museologia, que se estabelecem as condições conceituais em que a teoria dos estudos sobre o Patrimônio e a teoria museológica representam as bases epistemológicas para o arcabouço do presente trabalho.

E isso claramente explicitado nos projetos de pesquisa do item 3. Patrimônio, Museologia e Sociedades em Transformação. Dentre os professores, contamos com a colaboração das ministrantes de disciplinas cursadas, Dra. Lena Vania Ribeiro Pinheiro e Diana Farjalla Correia Lima, do pesquisador estrangeiro Vinos Sofka, à época do Curso de Mestrado, pelo mesmo Programa de Pós-Graduação, do Dr. Tomislav Sola, e sua Patrimoniologia, em 1982, e pela efetiva interlocução com a Dra. Tereza Scheiner. Representam perfis e identidades nos que reconheci as condições diretas para desenvolver, ou melhor, continuar desenvolvendo a busca a que há muito nos lançáramos.

### **4.2 Objetivos**

#### **Geral**

A pesquisa teve como objetivo geral:

- Refletir sobre a Museologia / Patrimoniologia quanto ao seu fundamento disciplinar, tomando a Filosofia como referência epistêmica, visando contribuir para a teoria da Museologia / Patrimoniologia, em caráter metamuseológico / metapatrimoniológico.

### **Específicos**

- Observar o tratamento da disciplina Museologia / Patrimoniologia direta ou indiretamente relacionado à Filosofia, procedendo a uma tomada de consciência sobre a produção específica do campo museológico / patrimoniológico nessa vertente.
- Propor, de modo o mais sistematicamente possível, a consideração da Museologia / Patrimoniologia, enquanto teoria, como ligada à Filosofia.
- Contribuir para a reflexão no campo, seja pela revisão de bibliografia sobre as contribuições a respeito da relação da Museologia / Patrimoniologia com a Filosofia ou ainda pela apresentação de espantos, perguntas e propostas de respostas que re-presentam um processo especulativo, um processo exploratório.

### **4.3 Do objeto e hipótese**

Ao nos apresentarmos ao concurso público para ingresso no Doutorado do PPG-PMUS, elaboramos um projeto de tese intitulado **Museologia, metamuseologia - Patrimoniologia, metapatrimoniologia Realidade, metarealidade**: axiologia. Já estava contemplada a copresença da Museologia e da Patrimoniologia e suas teorias ou metateorias, em que o foco seria dado sobre o aspecto do valor. De fato, deu-se investimento sobre essa abordagem, que se consubstanciou em trabalho de final de disciplina e retomado em capítulo desta tese. Seguindo a investigação sobre o pensamento de Stránský quanto ao objeto disciplinar da Museologia por ele estabelecido, explorada em Dissertação de Mestrado, no mesmo PPG-PMUS, dentre os ramos da Filosofia por ele mencionados (ética, gnoseologia, noética, ontologia e axiologia), inicialmente privilegiamos aprofundar a questão do valor, tendo em vista ter sido por ele incorporado a sua definição do objeto epistêmico, ou intenção cognitiva, como preferiu chamar, como a vemos em sua publicação **Archeologie a muzeologie**, de 2005.

Nosso maior referencial é Stránský, desde o processo de aprofundamento do conhecimento sobre seu pensamento. Gradativamente, o nosso movimento foi de afastamento, estimulado pelo próprio Stránský, em direção a outra possibilidade de identificação do objeto epistêmico da Museologia. Parte da estrutura desta tese reflete uma inicial retomada de aspectos da formulação stranskyana para na sequência explorar outro caminho, independente das postulações do “pai da museologia científica”, ainda que, mesmo nessas últimas circunstâncias, nele se nutra de alguma base de reflexão.

Convém explicitar que não nos interessam museus, os mencionaremos porquê e quando integram a formulação de autores. O que tentamos identificar é um objeto essencial, não experiencial ou fenomenal, ainda que identificável no fundo do museu, instituição, fenômeno, ideia, o que quer que seja ou como se pretenda que seja! Trata-se de uma atitude qualificada como radical, entendido o adjetivo como relativo à raiz, ao fundamental.

Na VIII semana de Integração Acadêmica da UNIRIO, demos conta, em 6 de março de 2013, de que avançávamos para discutir “um objeto filosófico para a Museologia: o estudo da fixação da representação da Realidade” e enunciamos naquela oportunidade o projeto de tese, naquele estágio: **Museologia, do seu objeto [pré] científico ao objeto filosófico**: um percurso metamuseológico<sup>49</sup>. Ao fim da apresentação, estruturada a partir do percurso que desenvolvemos, da trajetória do tratamento da questão objetiva, da crítica epistemológica, da metafísica e metamuseologia, chegamos a, na proposição: um objeto filosófico para a Museologia: o estudo da fixação da representação da Realidade.

A hipótese a nos orientar, desde então, tem sido a de que a Museologia / Patrimoniologia tem por objeto epistêmico o estudo da fixação da representação da relação do homem com a realidade – mundo.

---

<sup>49</sup> Síntese da apresentação: **INTRODUÇÃO** – apresentação, como chegamos até aqui, o estado de coisas em que nos encontrávamos; 1. **TRAJETÓRIA** – colocação do problema, o objeto da museologia historicamente; 2. **CRÍTICA EPISTEMOLÓGICA** – o pensamento e elaboração de Stránský do seu objeto para a Museologia, o objeto científico, ciência; 3. **METAFÍSICA E METAMUSEOLOGIA** – argumentação pelo prisma filosófico, da teoria do conhecimento / gnoseologia, de um objeto disciplinar. Aproximação da Teoria da Museologia, metamuseologia, enquanto campo inquiritivo, filosófico, sobre a realidade fenomenológica. 4. **PROPOSIÇÃO** – um objeto filosófico para a Museologia: o estudo da fixação da representação da Realidade.

## 5 Sobre a escritura da tese

Antes de introduzirmos o conteúdo dos componentes estruturais desta tese, observamos que a estrutura se pretendeu anárquica. Excetuadas a primeira parte (Introdução), a segunda (mapeando o campo de especulação: a Museologia / Patrimoniologia na consideração de sua essência filosófica) e a última (Os modos e o meio da re-lação do homem com o mundo: revendo a aproximação pelo entre, o modal e o medial, como objeto da fixação em patrimônio da dinâmica do “espaço do tempo”), o que vai pelo meio pode ser lido em qualquer ordem, apesar desta em que lhe confinamos. Veio-nos à memória O jogo da amarelinha<sup>50</sup>, de Julio Cortázar (Embaixada da Argentina em Ixelles, Bélgica, 1914 – Paris, 1984), e a liberdade e inserção do leitor em sua busca estética, sua dele leitor, sua dele autor. Mas, lembramo-nos de outro escritor, de Nelson Rodrigues (Recife, 1912 — Rio de Janeiro, 1980) e os planos narrativos (realidade, memória e alucinação) em O vestido de noiva<sup>51</sup>. Além de prescindir de uma pré-ordenação, os elementos importantes para a discussão da hipótese se privilegiados, isoladamente, em cada capítulo, reaparecem em outros, constituindo em um capítulo o tema e no mesmo espaço escrito como sublinhe.

E o sublinhado marca os conceitos e termos da trama que se vai tecendo<sup>52</sup> e estreitado no percurso de nossa escritura, como destacando esses termos ou dando ênfase ao recuperado nos autores consultados. Esta é a explicação para, usando esse destaque gráfico, o sublinhado, não concorrer com os itálicos, reservados a registrar o destaque nos originais referenciados e os casos normativamente estabelecidos, para assinalar vocábulos estrangeiros. O negrito, por sua vez, marca as ocorrências associadas à Ontologia (a articulação do verbo ser, quando em contexto ontológico ou ôntico), evidenciando, suplementarmente, casos de conceitos-termos e enunciados, sejam em títulos de obras, sejam em formulações de ideias.

As ideias que nos deram suporte quando colhidas em outro idioma (inglês, francês, espanhol e italiano), tiveram seus textos traduzidos por nós. As publicações em checo, traduzidas por Katerina Kotiková já para a nossa Dissertação, foram por nós ajustadas,

---

<sup>50</sup> Publicado em 1963. **O JOGO da amarelinha**. Wikipedia. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Jogo\\_da\\_Amarelinha](http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Jogo_da_Amarelinha)>. Acesso em: 26 maio 2015.

<sup>51</sup> Publicada em 1968. **MODELO para armar**. Wikipedia. Disponível em: <[http://es.wikipedia.org/wiki/62\\_Modelo\\_para\\_armar](http://es.wikipedia.org/wiki/62_Modelo_para_armar)>. Acesso em: 26 maio 2015. Ficamos em 6 discussões principais, mas com vontade de chegarmos ao 62 Modelo para armar...

<sup>52</sup> Esta imagem do urdir, do tecer, também é usada por TSURUTA, Soichiro. In: ICOM - ICOFOM. **La muséologie**: science ou seulement travail pratique du musée? Museological Working Papers / Documents de Travail sur la Museologie – MuWoP/DoTraM. n.1, 1980. p. 48.



revisadas (processo a que colaborou em determinados momentos a Dra. Tereza Scheiner), para melhor sentido em português. As fontes eslavas (checo, eslovaco, croata, sérvio, russo) ou em alemão, obtidas especificamente para esta tese, submetidas ao tradutor automático do Google, receberam, igualmente, adequação para melhor compreensão em nosso idioma. Os textos cujos originais eram nesses idiomas, pela dificuldade de serem transcritos com a acentuação original, pelas limitações ditas, não foram transcritos. E, por desconhecimento ou falhas, pedimos desculpas...

A grafia de palavras e nomes próprios em checo não respeitou a acentuação original, posto não se estar automaticamente disponível no teclado que usamos, e seria penoso ficar trocando de fonte gráfica - ortográfica. Algo semelhante se dá em consideração ao grego (com algumas exceções), cirílico ou aos idiomas escandinavos, adotando-se a transcrição para o alfabeto latino.

Notamos, em acréscimos, a influência de nossa condição de professor, emergente em alguns momentos em que talvez tenhamos excedido e observado aspectos da formação acadêmica em Museologia e Patrimoniologia (*Heritology*) em seus componentes curriculares.

## 6 Justificativa

Um exercício visual, gráfico, a partir do termo justificativa leva a sua de-composição em *justi+ fic[a] +ativa*, que conduz aos termos *justo+fazer+ ato*, a ação de tornar, de fazer algo de modo exato, apropriado, adequado. A justa- ica-ação deste trabalho acadêmico principia por um argumento de caráter histórico: os cinquenta anos da declaração de Stránský dissociando o museu-instituição como objeto disciplinar da Museologia e a dominância e persistência da centralidade que a instituição Museu tem para os pensadores do campo. Como Umberto Eco<sup>53</sup>, a naturalidade de, recebendo-se uma tradição, epistêmica, no caso, exercer o questionamento sobre o que se recebe, dando valor ao recebido e sobre ele elaborando, pelo menos, a legitimação continuadora ou revigoramento pelas ponderações sobre novas leituras, hibridização ou reuso, atribui legitimidade ao questionamento sobre o próprio princípio que previamente nos foi oferecido.

Embora o termo Museologia seja quase sesquicentenário, é termo instável quanto ao aspecto do conceito e do referencial epistemológico e mesmo acadêmico. Recorde-se que o maior, mais abrangente no sentido geográfico e mais ativo fórum de circulação de

---

<sup>53</sup> ECO, Umberto. **Semiótica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Ática, 1991. p. 14.

textos, breves, sobre a museologia, não é de caráter acadêmico, não se parametrando por normas definidas como científicas: o Comitê para Museologia – ICOFOM (criado na década de 1970), ao lado de tantos outros Comitês – especializados e atinentes a campos disciplinares vários, é parte do Conselho Internacional de MUSEUS - ICOM, que congrega profissionais de museus, sem outra exigência do que se ser ligado, por qualquer forma, a MUSEU. Prosseguindo, o ICOM, vinculando-se ao Conselho da Organização das Nações Unidas – ONU (formalmente criada após a 2ª Guerra Mundial, substituindo a Liga das Nações) para a Ciência e Cultura- UNESCO, tem personalidade não governamental, constituída por Estados Membros por adesão voluntária, sobre os quais não se exerce coerção, exceto em casos em que a beligerância ou insuportáveis abusos sejam cometidos por um ou mais de um dos Estados do planeta. A contribuição, sendo sensível, é irregular e em poucas vezes se pretendeu sistemática, via-de-regra plasmada em volumes com coletâneas de pequena extensão e profundidade variável, dependente da especialidade do escritor e do seu referencial teórico.

Nos ambientes acadêmicos, há os que têm por base os *Museum Studies* (declaradamente ou por falta de clareza epistêmica dos que se estabelecem declarando como tendo por base a Museologia), e os cursos de Museologia, em nível de graduação e de pós-graduação, em cujas ementas se poderia analisar a importância relativa dos conteúdos teóricos ou, melhor, metateóricos. Ainda nestes últimos, o que obteríamos se considerássemos a produção sobre a teoria ou sobre a metateoria da Museologia? E em termos de obra de referência sobre o campo disciplinar, o que apuraríamos? As contribuições parecem ser bem mais frequentes em dissertações e teses, boa parte das vezes em pós-graduações de outros campos, bastando ver a natureza dos objetos de estudo dos egressos do Programa de Pós - graduação em Museologia e Patrimônio - PPG-PMUS quanto ao seu flagrante afastamento da teoria da Museologia / Patrimoniologia. Dos ambientes acadêmicos, o da Universidade de Brno, Morávia, atual República Checa, demonstrou afincos dos seus membros em contribuir para uma constituição epistêmica disciplinar, em moldes efetivamente acadêmicos, dentre os quais Stránský reuniu as condições para, questionando a herança, estabelecer a possibilidade de outro objeto epistêmico à Museologia. O pensador checo infundiu um modo de pensar, um pensamento, ao que não se excluem seus parceiros da “escola checa” (de cujos pensamentos talvez em parte sejam porta-voz) que se tornou referencial, admitido, refutado ou alterado, por seus contemporâneos, contemporâneos e pósteros, e universal desde que, graças à abertura alavancada pelo ICOFOM, e sob os auspícios de Jan Jelínek pode se expressar para além da “cortina de ferro”.

Deixamos de justificar, todavia, através de tantas outras formações acadêmicas, como a holandesa ou a chinesa, concentrando-nos no foco que lançamos sobre o objeto da Museologia / Patrimoniologia, persistente em nossa trajetória. Trata-se de economia, dado o volume possível e o tempo disponível, o desconhecimento, por não termos procedido a levantamento e por não termos acesso ou não ser de domínio a produção em certos idiomas<sup>54</sup>.

O termo Patrimoniologia, por seu turno, é trintagenário, apenas, e do ponto de vista da teoria, pouco sistematizado, segundo o que temos acesso, enquanto pensamento, ainda bastante ligado ao seu atuante cunhador, o croata Tomislav Sola.

A expansão, recente, do número de cursos de formação em Museologia / Patrimoniologia, em graduação e em pós-graduação, notadamente no Brasil, e a pluralidade de contribuições, em diversas afiliações intelectuais, a que se poderia compreender de modo teoricamente mais estruturado, do prisma da metateoria, da metamuseologia / metapatrimoniologia, ou seja, dos princípios teóricos que fundam as teorias adotadas, conscientemente ou não.

Tem-se classificado a Museologia como Ciência Social, e como tal a temos aceito, quase sem questionamento. Crescem as contribuições de cientistas sociais, incluindo historiadores, no campo, bastando, entretanto, observar-se se abordam Museologia ou museus, se tratam de Patrimoniologia ou de patrimônio... Ou a perspectiva da Ciência da Informação, que universaliza a documentação, em cujo âmbito se discute a propriedade de se designar como “museológica” uma documentação que é em museus ou sobre museus. Poucos os que questionam a natureza da disciplina, em especial os que o fazem continuamente e tentando serem consistentes, entre os quais destaco a nossa interlocutora. Menos ainda o número daqueles que lançam um olhar para a Filosofia visando estimular outras fertilizações, dentre os quais se deve repetir a menção à Dra. Tereza Scheiner. Nessa discussão da tradição do pensamento da Museologia, ou do pensado quanto ao que se nomeia Museologia, em questionar seu objeto, em se espantar sobre o que possa ser em essência, ainda pelo simples contraste, de saída, do que **não** seria que consideramos principiar a justificação de nosso trabalho.

Pelo pouco que se tem dedicado à metamuseologia, pelo privilegiamento da instituição Museu como objeto das reflexões, como fundo e fim, pela existência de cursos de

---

<sup>54</sup> Demonstração disso, em nossa Dissertação, de 2008, tivemos acesso a então recentes publicações, majoritariamente em checo (obras por muitos desconhecidas pela barreira idiomática) e outras, poucas, bilíngues checo / inglês. Exemplificando, ainda mais, o documento mesmo, de 1965, em que Stránský declara a desvinculação objetiva da Museologia com o Museu pouco circula, embora algo referenciado, em checo, sem ser traduzido para outros vernáculos.

formação e a adequação de reflexão sobre suas bases epistemológicas, pelo estado das especulações sobre o objeto disciplinar, pela instabilidade e ambiguidade do termo e do conceito de Museologia, pelo sempre necessário investimento à definição dos conceitos, pela abertura da possibilidade de vir a contribuir com a reflexão sobre os conceitos herdados que, embora sempre referenciais e recorrentes, são empregados em boa parte das vezes automaticamente é que, em suma, justificamos o que me vimos nos dedicando em pensamento.

A primeira e mais decisiva justificativa, diga-se, é a da consciência fenomenal – a experiência e sua sensibilidade, ser por ela sensibilizado e o espanto, a consciência do se estar no mundo e o questionamento sobre o **ser**. Pensar, a respeito da essência e determinação das coisas no mundo, no pensamento do mundo, expor e fixar o que se pensa, dando a conhecer e a se debater mais que justificativas podem ser concebidas como elementos da natureza reflexiva, da atividade consciente da humanidade.

Pelo que expusemos e como o fizemos, assumimos a busca por empreender discussões sobre conceitos e termos, antes mesmo de serem centrais, como pré-cursoras, encarando os termos e seus conceitos como fundadores do pensamento desenvolvido que lhes toma e os articula.

## 7 Viabilidade

O universo deste trabalho é específico, pela delimitação de seu objeto. Toda a vez em que se fale de Museologia / Patrimoniologia como disciplina ou campo disciplinar dever-se-ia ter, e enunciar, em antecipação, o conceito em que se toma ou a que se refere. E esse movimento inicial, digamos fundamentador, é produto do estado de consciência. Concitar a consciência é requisito para a identificação de um problema conceitual e sua eleição como objeto de reflexão. E essa etapa já foi cumprida: o problema já se nos espantou! Via, viável, via-bilidade<sup>55</sup>: capacidade e possibilidade de transitar... É preciso a capacidade de pensar, e de pensar o pensado, e de pensar o pensamento. Em um vetor, ler a exposição do pensado por pensadores referenciais e escolhidos, tanto pela contiguidade ou possibilidade de transposição do pensado, quanto nele, no pensado, pensar o pensamento de quem pensou. E pensar é viável, desde que nossas faculdades, perceptivas, cognitivas (na nossa relação com o nosso objeto tético), emocionais, por exemplo, estejam disponíveis e aptas a processar o pensar, em

---

<sup>55</sup> O sufixo *dade*, *idade* vem do sufixo latino – *tati*, e forma substantivos abstratos que designam "qualidade, modo de ser, estado, propriedade". PEZATTI, Erotilde Goreti. A gramática da derivação sufixal: os sufixos formadores dos substantivos abstratos. In: **Alfa**. São Paulo, 34, 153-174, 1990. p.156 e ss.

pensamento. O limite, o nosso limite, é o que não tenha consciência de não saber, como Sócrates, em seu “só sei que nada sei”. E quando identificamos o que não sabemos, se nos viabiliza a possibilidade de buscar saber, a buscar conhecer o objeto... Retomando, o universo do conhecido, nas condições de sensibilização que a consubstanciação do fenômeno possa ou pode suscitar nos pensadores sobre a Metamuseologia / Metapatrimoniologia é restrito, contável nos dedos da mão, legíveis, ao menos os que tivemos acesso em francês, inglês, espanhol e português e aqueles que pudemos fazer traduzir do checo (consciente da possibilidade de haverem outros não sabidos, não acessíveis). Nossa atividade docente em Museologia e desempenho intelectual e pragmático em instituições do patrimônio e museísticas<sup>56</sup>, no Brasil e, indiretamente, no exterior, nos permitem conhecimento teórico e casuístico sobre a problematização aqui apontada. O que mais requer do nosso trânsito é a capacidade, limitada, de domínio do campo filosófico. Não tendo formação específica em Filosofia, nem tendo leitura extensiva das teorias filosóficas, o esforço para superação é opostamente proporcional a nossa ignorância. Auxilia essa consciência o que aulas no Doutorado de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ vieram concorrer para, na dinâmica relacional, em classes, “naturalizar” as discussões de caráter filosófico. Quanto às teorias, o trabalho foi selecionar em alguns pensadores, em algumas obras deles, ou o suporte a nossa reflexão ou a possibilidade de apropriação e transposição na perspectiva do nosso pensamento em construção. Assim, neste contexto, somos nós mesmos o objeto stranskyano, considerando nossa relação com a realidade, relação que, em sendo particular, depende de nossa consciência, pensamento e procedimentos fundamentadores da reflexão. Esse exercício subjetivo, digamos existencialista, se estabelece, como **sendo**, no momento em que claramente se concebe como existente: nós e aquilo que, no real, qualificamos como apresentado. A via, muitas vezes a trafegamos ao largo, ou dela nos distanciamos pela variante, nas encruzilhadas, ora tendo a via como roteiro de trajeto, ora como integrante de uma rede de caminhos a serem erraticamente caminhados. No entanto, o mapear o trajeto parece ser o mais viável, para não somente conhecer o caminho pré-indicado, como ainda, nos outros caminhos, percebê-los no que são: caminhos. E incorporá-los a guia de trajetos possíveis, com suas paisagens, as realidades que em fenômeno possamos perceber. Para ser viável é necessário que o caminho seja transitável: manter o olhar na sequência do trajeto, mesmo que temporariamente levantada a necessidade do destino, do fim,

---

<sup>56</sup> Para terminologia relativa ao campo da Museologia empregada neste trabalho, ver glossário anexo em BARAÇAL, Anildo Bernardo. **O objeto da Museologia**: a via conceitual aberta por Zbynek Zbyslav Stránský. 2008. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro / Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2008.

em que os pés e seus passos alternados levem, pelo solo, pés e solo como suportes e sustentadores do aspecto visionário. Viável é tudo que nosso olhar viabiliza como impulso de reflexão sobre o percorrer, sem o que não é estrada, mas estação. Próprias às vias, as curvas ocultam enquanto prometem outros e novos trechos da estrada, e passamos a não nos inquietar na suspeição de que acha apenas precipício na sequência da via. Ainda que estejamos abrindo uma picada, o fazemos para dar-lhe prosseguimento, na medida em que nossos pés e nossos passos possam continuar levando nossa motivação visionária, em que vemos estrada onde hoje haja espinheiro ou rocha. Buscamos trilhar essa via, na brenha apresentada, com as condições preliminares, daquilo que em conhecendo disponhamos como referencial ou disponível para articulação mental, e com aquelas que o próprio trânsito ensina, ou permite aprender ou apreender. A viabilidade, no caso de um trabalho especulativo, depende mais da disposição subjetiva do que sobre disponibilidades objetivas, se bem que destas decorrem, por exposição percebida, as coisas a que se dispõe o sujeito, na relação com o objeto. De mais, nossa expectativa é a de que esta pesquisa demonstre o percurso do já transitado no mapa da(s) via(s) que escolhemos, dos nossos espantos e de nossa abertura para eles.

Sentimos os benefícios de vivermos em um tempo em que se dispõe da rede mundial de informações, enquanto sistema, e das pessoas que providenciaram a alimentação e disponibilização de referências e de coisas inteiras na internet. São inúmeros os repertórios a que temos acesso e infinitas as ligações e surpresas por ligações impensáveis antecipadamente... Surpresa, também, por aquelas referências que, durante a revisão, desapareceram, requerendo novas buscas para a obtenção de conteúdos iguais ou equivalentes. A certeza e o espanto ocorrem e viabilizam um percurso perguntado, como a um Sistema de Posicionamento Global [*Global Positioning System*] - GPS, mas também, insuspeitamente, re-vela novos possíveis, estabelecendo bases para elaboração de uma outra realidade de trânsito. E a rede em si é transitável, havendo energia – elétrica e da vontade, havendo curiosidade, havendo perguntas.

As tarefas de sistematizar, organizar, resenhar, nos caminhos previamente traçados ou resultantes do percurso errático de todas são, por natureza, solitárias, vias de autoacompanhamento, de autoconhecimento. A viabilidade há que se fazer fazendo, se impondo como fundamento à realização.

O caminho se torna mais caminhável, no tocante ao esforço que requeira movimentar-se, quando o percorremos acompanhados. Mais viável, sendo “carroçável”, sendo

acompanhável, compartilhável. Este nosso caminho, ainda sentidamente muito solitário, foi transitado com as discussões com a profa. Dra. Tereza Scheiner, com os professores das diversas disciplinas cursadas e com os colegas, quando, em nossas vias, falamos das próprias e aprendemos com as vias dos outros, narradas, visionadas.

O desejável, para nós, seria um processo dialógico, de discussão abundante, de exposição da proposição em diversos trajetos, sem a espera do fim de linha...

## 8 Fundamentos teóricos

Trata-se, aqui, de apresentar as fundações, o embasamento para o edifício reflexivo recém-construído. Nossa via inicial de acesso à informação da abordagem stranskyana do objeto da Museologia, de sua autonomia em relação ao Museu, deriva de fontes traduzidas a partir de publicações em checo, dependente, portanto, do recorte do teor que passa a ser declarado e conhecido, ou ainda conscientizado, desde que disponível em idiomas de conhecimento mais geral, como o francês e inglês. Quer isso dizer que o tempo da disseminação do conhecimento da questão (sobre o objeto da Museologia), e ao qual se teve primeiro acesso para cá da então Europa comunista (no final dos anos 1970) é posterior e referencial a documento antecedente, até hoje não traduzido, do idioma checo. O fundamento veio se desvelando antilinearmente, do ponto de vista da linha de tempo das ocorrências primeiras. E de modo indireto, tomado por Anna Gregorová em referência a Stránský. As coletâneas de artigos solicitados a pensadores pelo recém-criado ICOFOM se consubstanciaram nos Documentos de Trabalho, DOTRAM (francês) – MUWOP (inglês), nos únicos números, 1 e 2 (1979/1980 e 1980/1981, respectivamente ano da solicitação / ano de publicação). O *Predmet muzeologie* (Objeto da museologia), de 1965, em checo, é o manifesto da tomada de posição emancipatória da disciplina em relação a um objeto presumido ou correntemente assumido. A nova assunção, entretanto, principia pelo que **não** é objeto, sem dizer qual **é**. O trabalho desenvolvido teve, assim, uma ligação e afiliação com a postura de independência da Museologia com relação ao objeto Museu: fundamento teórico primordial.

No anteriormente citado DOTRAM, no de número 1, encontram-se textos versando sobre a questão de ser a Museologia trabalho prático ou ciência. Stránský, entre outros, concebendo a Museologia como ciência (até por não assumir que seu objeto seja o museu), desenvolve uma reflexão sobre os fundamentos, quer epistemológicos quer disciplinares, que a definem como científica. Interessante que, no mesmo volume,

encontra-se texto de Gregorová, que se identifica como filósofa, engrossando as fileiras dos advogados da Museologia como ciência. A história das disciplinas científicas no Ocidente tem sua *arché* na Filosofia, no entanto a Museologia ocorreria, se não pragmática, diretamente sobre a forma científica. Sendo ciência crença justificada, previsor, teria a Museologia essa capacidade de propugnar o devir? Stránský identifica certos ramos da filosofia como fundantes da Museologia, como a ontologia, a noética, a axiologia, a gnoseologia, a ética... Pressupostos que dariam conta da casuística da musealidade (valor), das essências, da consciência, da relação sujeito-objeto e das responsabilidades. E o objeto disciplinar stranskyano é a relação homem-realidade. Segundo fundamento: a Museologia é ciência com um objeto amplo, marcadamente gnoseológico.

No escrito posterior, publicado em 2004, **Archeologie a Muzeologie**, Stránský aprofunda o caráter axiológico do objeto da Museologia, o valor da e na relação homem - realidade. Terceiro fundamento: é admissível a discussão sobre a axiologia como eixo da definição gnoseológica, ou seja: ramos da Filosofia ficam mais evidentes no pensamento, permitindo serem pensados como fundadores e como sendo da natureza da Museologia.

Bernard Deloche e Tereza Scheiner produzem na pressuposição de que Museologia é Filosofia, nas respectivas obras (**Le musée virtuel** e **Imagens do 'não-lugar': comunicação e os novos patrimônios**<sup>57</sup>) que colocam o conhecimento museológico em áreas distintas do pensamento. Também eles, ao lado de outros autores, apresentam artigos provocados e reunidos pelo ICOFOM, relativos ao tema Museologia e Filosofia, para o encontro em Coro, Venezuela, de 1999<sup>58</sup>. Quarto fundamento: há teorias estabelecidas sobre o caráter filosófico da Museologia.

Embora sem estudo específico, pode-se dizer que o grosso da produção sobre Museologia mantém a relação com o Museu. Quinto fundamento: a matéria objeto da Museologia na acepção ruptiva stranskyana é residual.

E esses fundamentos nos levaram a identificações de questões, tais como:

- O que é, no fundo, a Museologia / Patrimoniologia?
- Haveria e qual seria a natureza filosófica da Museologia / Patrimoniologia?
- Qual o objeto epistêmico da Museologia / Patrimoniologia?

---

<sup>57</sup> SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. **Imagens do 'não-lugar': comunicação e os novos patrimônios**. 2004. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

<sup>58</sup> VIAREGG, Hildegard K., ed. **Museologia e Filosofia**. ICOM - ICOFOM Study Series – ISS 31. Coro, Venezuela, 28/11 – 4/12/1999. Preprints. Munique: Museums Pädagogisches Zentrum, [2000?].



## 9 Metodologia, especificamente

Recorde-se que *logos*, em grego, tem tanto a acepção de palavra quanto de estudo ou de discurso, tratado e razão. Exercitar o *logos*, para nós, é o método, o meio de caminhar, através da conceituação e do discurso que, para e sobre o papel, fazemos através das palavras. Identificar nos termos os conceitos é o meio de percorrer o caminho que decidimos trilhar, apoiado nos pés da etimologia, da *arché*, origem e fundamento do pensado e do ex-posto. Neste movimento, nesta energia, a análise<sup>59</sup> das palavras abre-as sobre elas mesmas, sua identidade, no que seriam idênticas ao que re-presentam ou apresentam. Decompô-las é buscar a composição, por palavras de base, derivações, por sua origem linguística, fonética e conceitual, facultando re-identificá-las a palavras integrantes do mesmo campo lexical ou nocional. Entender as palavras como estruturantes dos conceitos, por seu turno, faculta buscar nos conceitos a sua estruturação, reforçando a noção integradora entre o termo e seu(s) conceito(s). Investir no Termo e Conceito permite refletir sobre a conceituação e a terminologia, ambas as ações estabelecedoras e organizadoras do corpo de uma disciplina epistêmica, qualquer que seja ela. Debruçar sobre a palavra, torná-la opaca, compreendê-la como meio ex-pressivo, meio ex-positivo do que eu penso ou possa pensar, para partilhá-la com o leitor analista/crítico, baseando-se em um estabelecimento comum sustentado pela palavra-conceito-raciocínio, ou raciocínio-conceito-palavra, instrumento para o pensamento e chave de sua compreensão enquanto processo: pensamos conceitos e os podemos identificar por estarem plasmados em palavras. Se imaginamos novos conceitos, precisamos criar palavras para expressá-los, como atesta a prodigalidade de Stránský, ou, com Heidegger, por exemplo, questionar a palavra dada para recuperar ou dotá-la de outro sentido, substituindo conceitos estabelecidos. E foi em Heidegger, e com Heidegger, que vimos o estudo da palavra como método, de modo sistemático, recuperando o seu sentido grego, sua cultura de inserção, na concepção grega da palavra e do *logos*, na

---

<sup>59</sup>Análise (s.) 1580, "Resolução de algo complexo em elementos simples" (oposto de síntese), a partir do latim medieval *analysis* (século XV), a partir do grego *analysis* ", uma ruptura, um afrouxamento, liberação", substantivo de ação de *analyein* "desatar, liberar, libertar; libertar um navio de suas amarras ", em Aristóteles [(Estagira 384 – Atenas 322 a.C.)], " analisar ", de *ana* " para cima, ao longo "(ver *ana*-) + *lysis* "afrouxamento ", de *lyein* "desatar "(veja *perder*). Sentido psicológico é de a partir de 1890. Frase *na análise final ou em última análise* (1844), traduz do francês *en dernière analyse*. *Analysis* (n.) 1580s, "resolution of anything complex into simple elements" (opposite of *synthesis*), from Medieval Latin *analysis* (15c.), from Greek *analysis* "a breaking up, a loosening, releasing," noun of action from *analyein* "unloose, release, set free; to loose a ship from its moorings," in Aristotle, "to analyze," from *ana* "up, throughout" (see *ana*-) + *lysis* "a loosening," from *lyein* "to unfasten" (see *lose*). Psychological sense is from 1890. Phrase *in the final (or last) analysis* (1844), translates French *en dernière analyse*. HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: <[http://etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=analysis&searchmode=none](http://etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=analysis&searchmode=none)>. Acesso em: 25 maio 2013.

construção vocabular que, através do latim ou diretamente, nos chega à contemporaneidade, os neo-logismos e a marcação das palavras distinguidas, em sua essência conceitual e em seus prefixos. O recurso frequente na escritura deste trabalho é fazer a decomposição das palavras, hifenizando-as, e objetivar o caráter radical contido nelas e sua tessitura, derivativa, associada a partículas de prefixação e de sufixação - umas que lhe conferem particularidades, outras que lhes dão qualidade e possibilidade de integração a classes, gramaticais ou nocionais. Como exemplo, citamos o termo real, derivado em real-idade, i-[r]real-idade, hiper-real-idade, exacerbando aqui o modo como Heidegger apresenta certas palavras-conceitos-*logos* em seus escritos.

Assumida a palavra como meio e método, através dela principiámos o procedimento especulativo, considerando os conceitos nos pensamentos expressos, por palavras ou linguagem, e fixados, em palavras ou linguagem, em textos, assim como o são em nosso pensamento – consciência e memória. Palavras e conceitos advieram-nos de leituras, da revisão de literatura, da busca na rede de computadores - internet, das sugestões da Dra. Scheiner, de conversas com interlocutores.

Se o que pretendemos é refletir no âmbito da Metamuseologia / Metapatrimoniologia, sobre a teoria que funda o ramo de pensamento, especular é o pressuposto do caminho.

Buscando fundamentação sobre a metodologia no campo da Filosofia, uma orientação acadêmica da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais instrui que

Na Filosofia, atualmente quatro traços são comuns aos diferentes métodos filosóficos: [a] o método é reflexivo – parte da autoanálise ou do autoconhecimento do pensamento; [b] é crítico – investiga os fundamentos e as condições necessárias da possibilidade do conhecimento verdadeiro, da ação ética, da criação artística e da atividade política; [c] é descritivo – descreve as estruturas internas ou essências de cada campo de objetos do conhecimento e das formas de ação humana; [d] é interpretativo – busca as formas da linguagem e as significações ou os sentidos dos objetos, dos fatos, das práticas e das instituições, suas origens e transformações<sup>60</sup>.

Em síntese, os métodos da pesquisa em filosofia se caracterizam hoje pela reflexão, crítica, descrição e interpretação. De modo assimétrico, nosso estudo contempla os quatro traços, embora nem sempre aplicados a todos os elementos ou partes do trabalho. Ou, mesmo, não se apresentam em igual extensão e profundidade sobre todos e cada um dos elementos ou partes. Exemplificando, no capítulo inicial, a partir de

---

<sup>60</sup> UNIVERSIDADE Federal de Minas Gerais – Escola de Belas Artes. **Aula 7**. Disponível em: <<http://www.eba.ufmg.br/graduacao/materialdidatico/apl001/aula007web.html>>. Acesso em: 14 nov. 2012.

revisão de literatura, se exercita mais a interpretação, enquanto que o segundo capítulo, sobre uma abordagem filosófica exploratória da Patrimoniologia, a ênfase é prioritariamente do aspecto descritivo. Nos capítulos seguintes, diríamos que a reflexão, no exercício da transposição de conceitos vigentes a uma nova perspectiva para o campo, seria mais requerida que os demais, enquanto que para o último dos capítulos o caráter suposto é o crítico (e sintético).

Por outra caracterização, e por outra fonte, os métodos contemporâneos que se destacam na metodologia da Filosofia<sup>61</sup> são o existencialismo, a fenomenologia e o método analítico.

O método existencial é proposto por Soren Aabye Kierkegaard (Copenhague, 1813-1855). Sem negar o método científico, entretanto, afirma a natureza subjetiva da verdade (não objetiva), chegando a identificar verdade como subjetividade. Resultam suas características: a verdade é pessoal, não bastando observar, requerendo a participação; o primado do concreto e do existencial (não do abstrato ou do racional); a verdade como um ato de vontade, de fé, pela qual se conhece. A verdade está na área do “paradoxal”. A tendência ao subjetivismo, a eventual predominância dos sentimentos, o engano e a ilusão são apresentados como algumas das desvantagens deste método.

O método fenomenológico posiciona a pessoa como, a partir de suas consciências primárias, percebora do mundo, de modo aos fatos serem apreendidos antes da reflexão sobre eles. Martin Heidegger aplicou o método ao estudo do homem, ser presente, lançado no mundo, indo em direção à morte. Pergunta-se, todavia, se o mundo pode ser abordado sem que haja pressuposições, mas se pode afirmar que “a subjetividade não deve ser excluída do âmbito da verdade. Além disto, procura ser descritiva e objetiva acerca das experiências que a pessoa tem do mundo”.<sup>62</sup>

O método analítico tem duas correntes principais, quanto à verificação ou confirmação e a outra à elucidação. Pelo método da verificação se tem a eliminação da metafísica ao se basear “no princípio de que para uma declaração fazer sentido, deve ser ou puramente definicional (analítica) ou, senão, verificável (sintética) por um ou mais dos cinco sentidos. Todas as demais declarações (éticas, teológicas e metafísicas) são contrassenso, ou sem sentido.”<sup>63</sup> Argui-se que, neste método, a instabilidade “do princípio da verificação que em algumas formas é exclusivo demais e em outras, é

---

<sup>61</sup>SOUZA FILHO, Augusto Bello de. **A metodologia da filosofia**. Disponível em: <<http://www.bibliapage.com/filosof2.html>>. Acesso em: 29 set. 2013.

<sup>62</sup> Ibidem.

<sup>63</sup> Ibidem.

inclusivo demais.”<sup>64</sup> Ainda se questiona esse método pelo “princípio da falsificação”, que consiste em afirmar que — “qualquer declaração ou proposição não faz sentido a não ser que seja sujeita a ser comprovada falsa”.<sup>65</sup> Pelo método da elucidação, baseado na análise da linguagem, se uma pergunta pode ser formulada, pode lhe haver resposta. Contudo, a formulação nem sempre significativa das perguntas constitui dificuldade para este proceder. Não há apenas um só método para se chegar à descoberta da verdade, do mesmo modo que o descoberto não é apenas uma só verdade.

Registre-se que, no percurso desta especulação, evidenciou-se a importância de investigar os conceitos no âmbito dos termos, especialmente no campo etimológico e, tanto quanto possível, idiomático. Considerou-se, assim, o caráter instrumental e epistêmico das palavras na substanciação do pensado, do pensamento, contemplando as palavras como expressões de fundo às formulações teóricas. Para o exercício da especulação, o recurso a fragmentos filosóficos de determinados pensadores, sobre a essência da Museologia / Patrimoniologia, foi indispensável. Assinale-se, ainda, o aspecto metodológico que, nos limites desta construção textual acadêmica, assume a elaboração do pensado, pelo plano dos conceitos do pensamento. Ou seja, os termos, com a teoria a eles vinculada, permitem traçar – retraçar o desenvolvimento do próprio pensamento, constituinte e constituído conforme a expressão do *logos* na articulação da linguagem.

Porém, o fulcro é o questionamento, cuja importância atesta o impacto da percepção do mundo, espantoso, em que se aciona a cadeia de inquirições sobre *quês*, *porquês*, de *quês*, em *quês*...: a procura da compreensão da quididade!<sup>66</sup> Uma experiência da maiêutica<sup>67</sup>, pueril em nossa argumentação, talvez, mas certamente um movimento poderoso de busca. Partindo da pergunta: - Será a museologia a ciência dos Museus? Stránský teria identificado uma resposta inesperada. Essa resposta, assumida como asserção, acolhe nossa pergunta: - Será a museologia a disciplina que estuda o valor

---

<sup>64</sup> SOUZA FILHO, Augusto Bello de. **A metodologia da filosofia**. Disponível em: <<http://www.bibliapage.com/filosof2.html>>. Acesso em: 29 set. 2013.

<sup>65</sup> *Ibidem*.

<sup>66</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. parte 1. À pagina 77 dispõe quididade como essentia. “A única via de acesso autêntica para esse conhecimento, a intellectio, no sentido do conhecimento físico-matemático. [...] Este ente é aquilo *que sempre é o que é* [...] o que constitui o seu ser propriamente dito é aquilo que pode mostrar o caráter de permanência constante, como remanes capax mutationum. Propriamente, só é o que sempre permanece. [...] Descartes cumpre, assim, de maneira filosoficamente explícita, a virada das influências da ontologia tradicional sobre a física matemática moderna e os seus fundamentos transcendentais. p. 141 e 142.

<sup>67</sup> Do grego *maieutikos*, o que age como uma parteira. Método em que perguntas extraem ideias, as quais se consideram pré-existentes. BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. Método maiêutico. *Ellenchus*, do grego interrogatório, outro método socrático, é relativo à obtenção da verdade, a instrumentação argumentativa.

da e na relação homem-realidade? Haverá fundamento filosófico na Museologia / Patrimoniologia e, conseqüentemente, em seu objeto epistêmico?

## **10 Estrutura da tese**

### **INTRODUÇÃO**

Aqui colocamos nossos referenciais subjetivos, que procuramos figurar objetivamente, sobre a problematização da Museologia e da Patrimoniologia, em sua independência e caracterização como ciência. Enuncia o esforço para racionalizar o procedimento do questionar, tendo o caráter de antecipar resumidamente os conteúdos desenvolvidos e o modo pelos quais se deu o processo de reflexão.

**Cap.1 MAPEANDO O CAMPO DE ESPECULAÇÃO: a Museologia / Patrimoniologia na consideração de sua essência filosófica.** Nos perguntamos: A Museologia é ciência? Qual seu objeto de estudo? Como se forjou essa formulação? Quais seus referenciais? Como se constituiria e se estruturaria? Em suma, procurou-se a aproximação ou referenciação com a Filosofia. Dado o método a que prioritariamente recorreremos, o da apreciação dos conceitos em palavras, pareceu-nos importante observar a francofonia proeminente no campo museológico. Regressando ao aspecto revisional, revisita-se a literatura sobre trabalhos que versam sobre a relação Museologia – Filosofia para, em seguida, considerar a negação do estatuto científico à Museologia. Para abordar a Patrimoniologia, a sequência do texto trata da solução de Tomislav Sola e o questionamento de Davallon sobre a necessidade de observação filosófica sobre o Patrimônio.

Abre o estudo o estabelecimento do estado da arte da abordagem filosófica da Museologia. Á colocação da ruptura objetiva proposta por Stránský, de que a Museologia não estuda o museu-instituição, em 1965, o pai da museologia acrescenta, década e meia mais tarde, que o objeto disciplinar é o estudo da relação entre o homem e a realidade, embora transparecesse já em 1965. Propugnando tratar-se a museologia de disciplina científica, sua construção parte da consideração, apenas enunciada, de campos da filosofia, como ontologia, gnoseologia, noética, axiologia, ética. São poucos os autores em Museologia que dedicaram trabalhos extensos sobre a abordagem filosófica da Museologia, Deloche e Scheiner são citados. Estes autores e uma dezena de outros aludiram episodicamente à questão da Museologia por viéses da filosofia, em artigos curtos, estimulados por tematização do ICOFOM. O universo de observação fica restrito ao do que é publicado em idiomas mais correntes, como o inglês, francês e

espanhol, e, nesta circunscção, são de ocorrência excepcional, especialmente se lembrarmos datarem-se os estudos sistemáticos do campo teórico-museológico de a partir dos anos 1970. Domina a afirmação de ser a Museologia disciplina científica, e ocorre atrelada às ciências sociais. Quanto à Patrimoniologia, conceito estabelecido em 1982, portanto, mais recente, a sua teoria geral se apresenta menos definida. A questão filosófica é inexistente nesse campo, à exceção da mera concitação de Davallon ao exame filosófico do objeto patrimonial, exatamente para se escapar às impregnações da visão epistemológica das ciências sociais sobre o assunto.

**Cap.2 O QUE É A PATRIMONIOLOGIA?: à procura da essência de uma Disciplina.** Após a revisão da pequena literatura que trata a Museologia / Patrimoniologia pelo prisma filosófico, a segunda parte da tese começa a exercitar a consideração da Museologia / Patrimoniologia à luz da filosofia. Heidegger foi por nós adotado como metodólogo, tanto pelo processo inquiritivo por ele demonstrado, quanto por destacar a importância dos termos – conceitos, com os quais explicita o pensamento, ao mesmo tempo em que essencializa o próprio pensamento pensado, e dos quais faz um exercício virtuoso, de análise, origem e uso. Tais qualidades estão na base de nossa escolha do texto *Qu'est-ce que la philosophie?* para uma “paráfrase”, tendo por objeto, especialmente, o Patrimônio. Esta “trans-posição”, teve sua origem ensejada como parte do trabalho final da disciplina Teoria do Patrimônio, do PPG-PMUS, ministrada pela Dra. Tereza Scheiner, em 2012. Grosso modo, já se antecipa ser a Museologia ligada mais à matriz linguística, e conceitual, grega, enquanto que a Patrimoniologia se re-velou associada ao pensamento romano, o que pode ser evidenciado pelos termos equivalentes nos idiomas neo-latinos, tomando por base *patrimonium + logia*, e os que se orientam pelo inglês *herito+ logy* que, em português, destaca o sentido de herdade, de herança.

**Cap.3 RE-PRESENTAÇÃO DA RELAÇÃO HOMEM-REALIDADE / MUNDO: outra especulação** é dedicado ao conceito de representação, na Ciência da Informação, na Filosofia e na Museologia.

**Cap.4 ESPECULANDO SOBRE A CONSCIÊNCIA PATRIMONIAL – MUSEAL** considera o papel desempenhado pela consciência, e pela ausência dela, como fundamento da percepção museal / patrimonial.

**Cap.5 ALGUMAS ESPECULAÇÕES SOBRE O VALOR** retoma a última definição disponível da “intenção cognitiva” da Museologia em Stránský e revisão de literatura em Ciência da Informação. Através desse campo, chegamos a um referencial analítico de

que nos apropriamos e que permite visualizar o objeto da Museologia / Patrimoniologia pelo prisma cartesiano, efetivamente relacional.

**Cap.6 OS MODOS E O MEIO DA RE-LAÇÃO DO HOMEM COM O MUNDO: revendo a aproximação pelo entre, o modal e o medial, como objeto da fixação em patrimônio da dinâmica do “espaço do tempo”.** Constitui a síntese em que se plasma a verificação de nossa hipótese de o objeto da Museologia / Patrimoniologia ser o estudo da fixação da representação da relação entre homem e realidade / mundo. Essa parte articula os elementos dos capítulos anteriores, especialmente do 4 e 5, apresentando uma possibilidade de configuração do campo na sua relação com a Filosofia.

As **CONSIDERAÇÕES FINAIS** resumem os principais pontos da tese, dando fecho ao trabalho.

Seguem-se as **REFERÊNCIAS** sobre as quais nos apoiamos e das quais apropriamos e atualizamos conteúdos para nossas especulações.

Os **APÊNDICES** apresentam os Levantamentos de dissertações de mestrado do PPG-PMUS, de 2008 ao 1º semestre de 2014 e de cursos de graduação em Museologia no Brasil (ago-set 2013), além do nosso Exercício ou tempestade cerebral sobre uma visão de constituição filosófica do currículo do Curso de Museologia da UNIRIO (08 a 11/09/2006).

Dos **ANEXOS** constam as sistematizações e revisões de referências de dois textos de Stránský, traduzidos do checo (*Predmet muzeologie* e do capítulo 5, *Metamuzeologie*, p. 207 a 251, do **Archeologie a muzeologie**), empreendidas para a elaboração desta tese, e o projeto de pesquisa sobre conceitos e objetos da Museologia, de Victor Ramuz, e um exercício de curricularização do Curso de Museologia da UNIRIO em termos de Filosofia.

# CAPÍTULO 1

## MAPEANDO O CAMPO DE ESPECULAÇÃO:

### a Museologia / Patrimoniologia na consideração de sua essência filosófica

Apesar da criação do conceito de "arqueologia patrimonial" [*heritage archaeology*] e a existência de institutos de patrimônio arqueológico, a conservação do patrimônio não prevê a arqueologia ou a museologia com qualquer base para a abordagem interdisciplinar, nas atuais circunstâncias. Institutos de arqueologia patrimonial retiraram os museus de sua posição e também os arqueólogos não conseguiram perceber o que Evzen Neustupný tornara óbvio e sua abordagem da arqueologia patrimonial, ou seja, que a arqueologia como ciência estava perdendo seu prestígio científico e base profissional.

No entanto, os profissionais de museus também têm sua parcela de responsabilidade a assumir. Eles não conseguiram defender o seu papel neste domínio, precisamente devido a sua preferência profundamente enraizada por aspectos puramente práticos e pela falta de preocupação com a sua própria plataforma científica e obtendo-se, como consequência, a diminuição do prestígio científico<sup>68</sup>.

Sendo o âmbito do tópico a ser abordado pelo trabalho em curso a possível natureza filosófica da Museologia / Patrimoniologia, o início do que se apresenta adequadamente seria o estado da arte dessa abordagem filosófica no campo museológico / patrimonial. A revisão de literatura, assim, principia por uma questão: desvincular a Museologia do objeto "museu", enquanto seu fundamento e base de reflexão epistêmica exclusiva. Tendemos a identificar ou a buscar identificar fundadores, pessoas ou mitos, a precisar ou atribuir paternidade, para dar à matéria (da mesma raiz linguística de *mater*-nidade) a completude por e de sua gênese. Para "pai da Museologia", a Wikipédia em inglês aponta Johann Daniel Major, professor de teoria da medicina, naturalista, colecionador, nascido em 1634, em Breslau, Alemanha<sup>69</sup>. De 1673

---

<sup>68</sup>STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p. 265. "Despite the creation of the 'heritage archaeology' concept and the existence of heritage archaeology institutes, heritage conservation does not provide archaeology or museology with any basis for interdisciplinarity approach under the current circumstances. Heritage archaeology institutes have withdrawn museums from their position, and also archaeologists failed to realize what had been made obvious by Evzen Neustupný and his approach to heritage archaeology, i.e. that archaeology as a science was losing its scientific prestige and professional basis. However, museum workers also have their share of responsibility to assume. They failed to defend their role in this field, precisely due to their deep-rooted preference for purely practical aspects and lack of concern with their own scientific platform and with their diminishing scientific prestige as a consequence".

<sup>69</sup> Idem. Is museology a sequel of the existence of museums or did it proceed their arrival and must museology thus programme their future? In: **Museology and Museums, Basic Papers**, ICOFOM Symposium (Helsinki- Espoo, September 1987), ICOFOM Study Series, 12, p. 288, 1987. Apud AQUILINA, Janick Daniel. The Babelian Tale of Museology and Museography: A History in Words. In: **Museology** - International Scientific Electronic Journal, Issue 6, 2011. Department of Cultural Technology and Communication, University of the Aegean. p.5. Disponível em: <<http://museology.ct.aegean.gr/articles/2011104162340.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2015. Confrontar com a



a 1682, dedicou-se também às antiguidades e à história natural, organizando grandes coleções. De 1680 em diante, se entregou principalmente à numismática e à Pré-História de Schleswig-Holstein e da Jutlândia (Cimbricum) para, entre 1685 a 1692,

---

versão francesa: STRÁNSKÝ, Z.Z. La muséologie est-elle une conséquence de l'existence des musées ou les précède-t-elle et détermine [-t-elle] leur avenir? **Museologie et Musées**, ICOFOM Study Series, n.12, p. 293-297, 1987. Atuou como médico no período da pandemia de peste bubônica / peste negra, em Hamburgo, a partir de 1663, e em 1666 conduziu a primeira dissecação pública de um corpo humano, em Kiel. Em 1667, desenvolveu a injeção intravenosa. Em 1667, foi indicado supervisor do jardim botânico da Universidade dessa cidade. Em 1669, estabelece um *Hortus Medicus* em Kiel, nos jardins do castelo. Dirigiu escavações arqueológicas e estudou floras e faunas regionais. Faleceu em Estocolmo, Suécia, em 1693. Pela variedade dos objetos de suas publicações, foi um polímata. JOHANN DANIEL MAJOR. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Johann\\_Daniel\\_Major](http://en.wikipedia.org/wiki/Johann_Daniel_Major)>. Acesso em: 10 fev. 2015. REINBACHER, W. Rudolph. **Leben, Arbeit und Umwelt des Arztes Johann Daniel Major**. Linsengericht [Alemanha]: M. Kroeber, 1998. Disponível em: <[http://www.kieler-stadtentwicklung.de/Daten/Johann\\_Daniel\\_Major.html](http://www.kieler-stadtentwicklung.de/Daten/Johann_Daniel_Major.html)>. Acesso em: 10 fev. 2015. Lembrando-nos que o Museu Ashmoleano foi aberto em 1683 e a data de abertura do de Major, 1688, é necessário se assinalar a extensão da produção catalográfica sobre coleções, diversas, como: **Memoriale Anatomico-miscellanum** [Descrição de sua coleção de anatomia]. Kiel: s.n., 1669.; **Denkschrift über den neu errichteten Botanischen Garten an der Universität Kiel** ["Memória" sobre o recém criado Jardim Botânico da Universidade de Kiel]. Kiel: s.n., 1669.; **Katalog der Pflanzen** [Catálogo de plantas]. Kiel: s.n., 1673.; **Catalogus oder Index Alphabeticus von Kunst, Antiquitäten, Schatz und fürnehmlich [sic] Naturalien-Kammern, Conclavia, Musea, Repositoria, oder auch nur kleinere Serinia Rerum Naturalium Selectorum** [Catálogo ou índice alfabético dos gabinetes de arte, antiguidades, tesouro e principalmente de espécies naturais, Conclavia, Musea, Repositoria, ou ainda Serinia [scrinia?] Rerum Naturalium Selectorum]. Kiel: s.n., 1674. **Unvorgreifliches\* [sic] Bedenken von Kunst und Naturalienkammern insgemein** [Preocupações (*unvorgreifliches*, arcaico: sem pressuposições ou antecipações. Há uma obra manuscrita de Leibniz, **Unvorgreifliche Gedanke betreffend die Ausübung und Verbesserung der teutschen [sic] Sprache**, situado no início dos anos 1680. AQUILINA nos dá a tradução em inglês desse título: **Unprejudiced Consideration of Chambers of Art and Nature**) [Consideração imparcial dos gabinetes de arte e natureza]. Kiel: s.n.,1674.; **Vorstellung etlicher Kunst und Naturalienkammern in Africa und an den Gränzen Europae** [Apresentação de vários gabinetes de arte e da natureza na África e nas fronteiras da Europa]. Kiel: s.n.,1674.; **Vorstellung etlicher Kunst und Naturalienkammern in America und Asia** [Apresentação de vários gabinetes de arte e da natureza na América e na Ásia]. Kiel: s.n.,1674.; **Vorstellung etlicher Kunst und Naturalienkammern in Italien, zu Neapol und Alt Rom** [Apresentação de vários gabinetes de arte e de natureza na Itália, Nápolis e Roma Antiga]. Kiel: s.n.,1675.; **Grosser Reichtum zusammengebracht aus den meisten Schätzen der Welt, oder Poetischer Interims Diskurs von Kunst und Naturalien Kammern, einem dergleichen Dinge wohlerfahrenen guten Freude zugeeignet** [Grande riqueza reunida da maioria dos tesouros do mundo, ou...]. Kiel: s.n.,1679.; **Vermutungen über eine Münze des sächsischen Königs Otto** [Hipóteses sobre uma moeda do rei saxão Otto Kiel]. Kiel: s.n., 682.; **Über Münzen mit griechischen Inschriften** [Sobre moedas com inscrições gregas]. Kiel: s.n., 1685.; **Kurzer Vorbericht, betreffend D. Johann Daniel Majors Museum Cimbricum oder insgemein so-gennate Kunst Kammer mit darzugehörigen Conferenz-Saal** [Curto relato preliminar, pelo Dr. Johann Daniel Major, relativo ao *Museum Cimbricum*, ou o assim geralmente chamado gabinete,...]. Plön: s.n., 1688.; **Musei Cimbrici cum contentis in eo rebus selectioribus privatim declarandi** [Museu Cimbrici com o seu conteúdo...]. Kiel: s.n., 1689.

\*"It is difficult to translate unvorgreifliche satisfactorily in one word. Its approximate meaning would be 'without presuppositions or anticipations'". BONFIGLIO, Thomas Paul. **Mother Tongues and Nations: the invention of native speaker**. Nova Iorque: Walter de Gruyter, 2010. (Trends in linguistics. Studies and monographs; 226). p. 126. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=bhRnWijVdUMC&pg=PA126&lpg=PA126&dq=Unvorgreifliches+translation&source=bl&ots=nZLn1TGw87&sig=2TVHE78ipCxy3ycytIWFN2RKUFC&hl=pt-BR&sa=X&ei=x0HIVL6vA8KMyASA9YH4BQ&ved=0CC4Q6AEwAg#v=onepage&q=Unvorgreifliches%20translation&f=false>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

fundar o "Museu dos Cimbro"70, aberto em 168871. Por sua atuação frente a coleções de diversas naturezas e a seus escritos relativos a coleções, de um ponto de vista "técnico"72.

À colocação da ruptura objetiva proposta por Zbynek Zbylav Stránský, em 196573, de que a Museologia não estuda o museu-instituição, o *pai* da museologia, científica, agora, acrescenta, década e meia mais tarde, que o objeto disciplinar é o estudo da relação entre o homem e a realidade. Propugnando tratar-se a museologia de disciplina científica, sua construção parte da consideração, apenas enunciada, de campos da filosofia, como ontologia, gnoseologia, noética, axiologia, ética74. São poucos os autores em Museologia que dedicaram trabalhos extensos sobre a abordagem filosófica da Museologia; Deloche e Scheiner são citados. Estes autores e uma dezena de outros aludiram episodicamente à questão da Museologia por vieses da filosofia, em artigos curtos, estimulados por tematização do ICOFOM. O universo de observação fica restrito ao do que é publicado em idiomas mais correntes, como o inglês, francês e espanhol, e, nesta circunscrição, são de ocorrência excepcional, especialmente, se lembrarmos, datarem-se os estudos sistemáticos do campo teórico-museológico de a partir dos anos 1970 ou de 1965, se tomado o marco de Brno. Domina a afirmação de ser a Museologia disciplina científica, e ocorre atrelada às ciências sociais. Quanto à Patrimoniologia, conceito estabelecido em 1982, portanto, mais recente, a sua teoria geral se apresenta

---

<sup>70</sup> A região da Jutlândia incorpora três terras: Dinamarca, Scania (parte da Suécia) e Zelândia. Anteriormente, de acordo com Ptolomeu (c. 90 – c. 168), recebia o nome de *Cimbric* [ou *Cimbrian*] *Chersonesos* [península, em grego], casa dos Teutões, Cimbro e Charudes [?]. JUTLAND. **Wikipedia**. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Jutland>>. Acesso em: 10 fev. 2015. Os Cimbro, antigo povo germânico ou céltico que junto com os Teutões e *Ambrones* lutaram contra Roma, entre 113 e 101 a.C. Os Cimbro foram derrotados quando tentavam invadir a Itália, sendo seu rei morto. Relata-se que cativos sobreviventes estavam entre os gladiadores revoltosos na 3ª. Guerra Servil (ou dos Gladiadores, ou de Espártaco). CIMBROS. **Wikipedia**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cimbro>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

<sup>71</sup> Estabeleceu o Museu na rua Flamengo [*Flämischen Straße*] 15, em Kiel, sendo as coleções vendidas por seus herdeiros após seu falecimento, em 1699, encerrando-se a curta existência desse museu. STECKNER, Cornelius. Das Museum Cimbricum von 1688 [O museu cimbricum de 1688] und die cartesianische "Perfection des Gemüthes" [A "perfeição da mente" cartesiana]. In: GROTE, A. (Hrsg. [Herausgeber]) **Macrocosmos in Microcosmo**. Die Welt in der Stube. Zur Geschichte des Sammelns 1450 bis 1800 [O Macrocosmo no microcosmo: o mundo na sala. Sobre a história das coleções – de 1450 a 1800]. Opladen: 1994. Apud JOHANN DANIEL MAJOR. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Johann\\_Daniel\\_Major](http://en.wikipedia.org/wiki/Johann_Daniel_Major)>. Acesso em: 10 fev. 2015.; REINBACHER, Rudolph W. Arbeit und Umwelt des Arztes Johann Daniel Major [Vida, obra e meio do médico Johann Daniel Major]. Linsengericht [Alemanha]: M. Kroeber, 1998. Disponível em: <[http://www.kieler-stadtentwicklung.de/Daten/Johann\\_Daniel\\_Major.html](http://www.kieler-stadtentwicklung.de/Daten/Johann_Daniel_Major.html)>. Acesso em: 10.02.2015.

<sup>72</sup> A Wikisource alemã amplia, ou precisa, o âmbito de sua atuação, acrescentando a numismática. Indica ter escrito o **Index der Kunst, Naturalien, Schatz- und Antiquitätenkammer in und außer Europa** [Índice do Gabinete de arte, natureza, tesouro e antiguidades da e de fora da Europa]. MAJOR, Johann Daniel. **Wikisource**. Disponível em: <[https://de.wikisource.org/wiki/ADB:Major,\\_Johann\\_Daniel](https://de.wikisource.org/wiki/ADB:Major,_Johann_Daniel)> [ADB: Allgemeine Deutsche Biographie – Biografia geral alemã].

<sup>73</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbylav. Predmet muzeologie. In: \_\_\_\_\_, ed. **Sborník materiálu prvého muzeologického sympozia**. Brno: Museu da Morávia, 1965. p. 30-33.

<sup>74</sup> Idem. Archeologie a muzeologie. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p. 108.

menos definida. Seu proponente, Tomislav Sola, pergunta: “Porque não chamar esse conceito mais abrangente de Museologia, isto é, uma disciplina que não é mais centrada em museu, pelo nome de patrimoniologia?”<sup>75</sup> A questão filosófica é inexistente nesse campo, à exceção da mera concitação de Davallon ao exame filosófico do objeto patrimonial, exatamente para se escapar às impregnações da visão epistemológica das ciências sociais sobre o assunto. Diz-se da Museologia / Patrimoniologia ser campo instável, por ser jovem, por ser híbrido, por ser interdisciplinar. Não seria, todavia, a carência de reflexão filosófica que tarda à consideração da essência do objeto epistêmico desse campo?

Qual o ponto de partida para o conceito disciplinar de MUSEOLOGIA? Tomemos um que soa natural: [...] “a Ciência que tem como objetivo estudar a missão e organização dos museus”<sup>76</sup>. Essa definição, de 1958, proferida no Seminário regional internacional dos museus da UNESCO, Rio de Janeiro, sendo reafirmada no 5º Seminário regional de museus do México, em 1962, demonstra a centralidade da instituição Museu na Museologia.

Na contemporaneidade, em informação geral que percorre a rede mundial de computadores, em meio eletrônico, a Wikipédia francesa define Museologia<sup>77</sup> como:

---

<sup>75</sup> SOLA, Tomislav. **Heritology**: A contribution to a possible definition of museology. Paris: 1982. Disponível em: <<http://heritology.com/index2.html>>. Acesso em: 15 mar. 2007. “Why not call such a broad concept of museology i.e. of a discipline which is no longer museum-centred by name of heritology. I am fully aware that a name is a matter of convention and it is therefore necessary to determine the differences by defining the contents and the subject of the matter of an activity. In other words, to me it is indifferent whether the theory on functioning of the museum will be named museology or museography, but it is essential to establish what is contained within the agreed and logical compass of such a discipline. However, if we want to cover all the new manifestations (and also those evidently to come) which can only be separated from the phenomenology of the museal activity with difficulty, than we shall to define a very large context, a vast field of activity beyond traditional restrictions of the museum. It will be necessary and possible to assign it into the competence of a single and united scientific discipline. If we can agree that museography sufficiently determines the field of theory and practice of the museum institution, then we could enlarge the definition of museology to such an extent as to successfully handle the overall problems concerning the protection and the treatment of the total heritage. Although I do not consider the terminology essential (from the moment when we know what is meant under a particular term) still I would heretically claim that we should not shrink even introducing new concepts. Why not call such a broad concept of museology i.e. of a discipline which is no longer museum-centred by name of heritology.” Ver também: HJORLAND, Birger. **Heritology** (Cultural heritage). 17.10.2006. Disponível em:< <http://www.iva.dk/bh/core%20concepts%20in%20lis/articles%20a-z/heritology.htm>>. E SOLA, Tomislav. A Contribution to Understanding of Museums: Why Would the Museums Count? Disponível em: <http://dzs.ffzg.unizg.hr/text/sola-contribution.htm>>. (texto de a partir de 1998).

<sup>76</sup> Apud TSURUTA, Soichiro. In: ICOM - ICOFOM. **La muséologie**: science ou seulement travail pratique du musée? Museological Working Papers / Documents de Travail sur la Museologie – MuWoP/DoTraM. n.1, 1980, p. 47. “La muséologie est la science ayant pour but d’étudier la mission et l’organisation des musées”.

<sup>77</sup> MUSÉOLOGIE. **Wikipedia**. Disponível em: <<https://fr.wikipedia.org/wiki/Mus%C3%A9ologie>>. Acesso em : 10 jul. 2014. “muséologie est une ‘méta-discipline’ qui étudie, réfléchit, questionne l’institution muséale, le musée, et travaille intellectuellement l’ensemble des activités liées au champ muséal : les sciences et techniques du musée que sont la gestion, la recherche, la conservation, le classement, la mise en valeur des objets, œuvres ou patrimoine (les collections), la médiation, l’animation, etc. Elle étudie notamment l’histoire, les fonctions philosophiques, sociales et culturelles des musées (recherches, éducation, etc.), tout comme les attentes, les besoins et les pratiques des publics. Elle interroge également l’avenir du muséal

uma “metadisciplina”<sup>78</sup> que estuda, reflete, questiona a instituição museal, o museu, e trabalha intelectualmente o conjunto das atividades ligadas ao campo museal: as ciências e técnicas do museu que são a gestão, a pesquisa, a conservação, a classificação, a valorização dos objetos, obras ou patrimônio (coleções), a mediação, a animação, etc. Estuda, notadamente, a história, as funções filosóficas, sociais e culturais dos museus (pesquisas, educação, etc), bem como as expectativas, necessidades e as práticas públicas. Questiona-se igualmente sobre o futuro do museal no espaço público e se pergunta sobre as orientações sobre as formas novas que o museu poderia eventualmente tomar. A museologia recorre a numerosas disciplinas, como as ciências da informação e da comunicação, a sociologia, a história, a economia, as ciências da administração / gestão, as ciências políticas, a filosofia, a história da arte...

O texto da Wikipédia, note-se, não fala da arqueologia, cara a Stránský, como veremos em breve, ou à ecologia, cara à atualidade, enquanto disciplinas interagentes com a Museologia. A enciclopédia eletrônica a que recorreremos aborda três eixos que definem três profissionais às atividades museísticas “no curso do desenvolvimento de museus ou de um programa museal, o museógrafo [sic, talvez assumindo o conceito belga ou do Canadá francês?] determina intelectualmente a posição do museu, os princípios, o programa científico e cultural”<sup>79</sup>. a) Ao museólogo (todavia, contraditoriamente ao enunciado imediatamente anterior) compete conduzir as atividades de reflexão e de pesquisa a respeito das exposições e dos museus, enquanto que b) o museógrafo concebe o projeto museal (...) e c) o cenógrafo traduz tecnicamente o projeto no espaço

---

dans l'espace public, et s'interroge sur les orientations et sur les formes nouvelles que le musée pourrait éventuellement prendre. La muséologie a recours à de nombreuses disciplines, dont les sciences de l'information et de la communication, la sociologie, l'histoire, l'économie, les sciences de gestion, les sciences politiques, la philosophie, l'histoire de l'art... O texto prossegue, versando sobre ensino da Museologia e terminologia e distinção entre Museologia e Museografia. “La muséologie est enseignée dans certains établissements d'enseignement supérieur (École du Louvre, Muséum national d'histoire naturelle, Universités). Activité de recherches, elle est le plus souvent pratiquée par des universitaires et des chercheurs. Il faut cependant distinguer la muséologie, qui est une activité de recherche, de la muséographie, qui regroupe l'ensemble des techniques de mise en forme des projets d'exposition : outils et techniques de monstration, de présentation, des collections. La muséographie définit les contenus des discours présentés, les conditions de présentation, les objets ('expôts') mobilisés, et leur condition de présentation, mais aussi les conditions de réception par les publics. Il faut la distinguer de ce qui relève de la mise en scène et de son mobilier (la scénographie), comme l'éclairage, la construction de panneaux et vitrines, la conception graphique, etc.” Grifos nossos.

<sup>78</sup> Ver DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris : Presses Universitaires de France, 2001. p. 125. A museologia se apresenta como metadisciplina, isto é, uma disciplina de destaque, concentrada sobre a instituição ou sobre seus pensadores, e é completamente nesta perspectiva que alguns reivindicam para ela o estatuto de ciência.

<sup>79</sup> MUSÉOLOGIE. **Wikipedia**. Disponível em: <<http://fr.wikipedia.org/wiki/Mus%C3%A9ologie>>. Acesso em : 10 jul. 2014. “Lors du développement d'un musée ou d'un *programme muséal*, le muséographe détermine intellectuellement la position du musée, les principes, le programme scientifique et culturel, soit les axes fédérateurs du musée que la scénographie est ensuite chargée de traduire ‘matériellement’ : en design et techniquement. Trois professions sont dès lors à distinguer : *Le muséologue*, qui conduit des activités de réflexion et de recherche au sujet des expositions et des musées. *Le muséographe*, qui conçoit le projet muséal, organise l'articulation dans l'espace des contenus et des objets, pense les impératifs en outils et supports de médiation, et détermine les outils en fonctions des cibles de publics, etc. *Le scénographe*, qui traduit techniquement le projet dans l'espace physique. Dans un premier temps, il revient donc au muséographe de travailler avec l'équipe scientifique, puis, une fois le programme du musée développé, de travailler avec le scénographe pour sa mise en œuvre”.

físico. Certamente, essa tripartição e a definição dos profissionais é muito variável, podendo e, muitas vezes, incluindo o arquiteto, o programador visual, etc.

Apontamos e frisamos que a fonte referencial desse conteúdo, conforme anotado na página da Wikipédia francesa, é o **Dictionnaire Encyclopédique de Muséologie**<sup>80</sup>.

### **1.1 A Museologia é ciência? Qual seu objeto de estudo? Como se forjou essa formulação? Quais seus referenciais? Como se constituiria e se estruturaria? A aproximação ou referenciação com a Filosofia.**

Sete anos depois da adoção pela UNESCO da definição, em que museologia é qualificada como disciplina científica, a voz questionadora de Stránský, em 1965 – afirma que o objeto de estudo da Museologia não é o museu<sup>81</sup>. Stránský elabora esse

---

<sup>80</sup> DESVALLÉES, André ; MAIRESSE, François, dir. **Dictionnaire Encyclopédique de Muséologie**. Paris: Armand Colin, 2011. Citado em: MUSÉOLOGIE. **Wikipedia**. Disponível em: <<http://fr.wikipedia.org/wiki/Mus%C3%A9ologie>>. Acesso em: 10 jul. 2014. O texto da página prossegue abordando a formação em Museologia na França e no Canadá francês. **“Formations France**. Rarement généralistes, plusieurs universités dispensent des programmes spécialisés en conservation, administration, diffusion des connaissances, et proposent des Master (bac + 5) en ingénierie culturelle, valorisation des patrimoines, muséologie, etc. Il existe des spécialités de muséologie au sein des Écoles doctorales de certaines universités et écoles, dont l'École du Louvre, et du Muséum national d'histoire naturelle. Ces deux derniers établissements proposent également chacun un master en muséologie. L'Université d'Artois à Arras dispense un cycle de master (1 et 2) MME en muséologie d'environ 850 heures, Master Muséo-Expographie [UNIVERSITÉ d'Artois. **Expo-museographie**. Disponível em : < <http://www.formation-exposition-musee.com/>>], composé essentiellement d'apports par des professionnels, d'exercice in situ, d'études de cas et de projets tuteurés. Dans le même esprit L'université de Haute Alsace dispense depuis trente ans un enseignement de muséologie fondé sur les ressources internationale de la vallée du Rhin [METIERS de la Culture des Archives et du Document - MECADOC. **Patrimoines et Musées**. Disponível em: <<http://www.infodoc.flsh.uha.fr/web.musees/web/tout.php>>]. Par ailleurs, en France, un certain nombre de conservateurs de musée, de muséologues et de muséographes ont été formés auprès des grands Musées Nationaux ou auprès d'établissements techniques ou scientifiques tels le Musée des Arts et métiers, le Muséum national d'histoire naturelle ou le Palais de la découverte et recrutés ensuite sur concours. Québec : Technique de muséologie, Collège Montmorency, Laval; DESS Muséologie, Université Laval, Québec; Maîtrise conjointe en muséologie; Maîtrise de muséologie, Multifacultaire, Montréal; Doctorat en Muséologie, Médiation, Patrimoine, Montréal-Avignon; Programme en muséologie et patrimoines, Université du Québec en Outaouais Maîtrise en muséologie et pratique des arts, Université du Québec en Outaouais.

<sup>81</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. Predmet muzeologie. In: \_\_\_\_\_, ed. **Sborník materiálu prvého muzeologického sympozia**. Brno: Museu da Morávia, 1965. p. 30-33. [Coletânea [Anais?] do material do primeiro simpósio museológico, trad. livre do título] Tradução de Katerina Kotiková, por iniciativa e expensas de Anaildo Bernardo Baraçal, para pesquisa em sua Dissertação de Mestrado, O objeto da Museologia: a via conceitual aberta por Zbynek Zbyslav Stránský, Rio de Janeiro: PPG-PMUS UNIRIO/MAST, 2008, orientada pela prof. Dra. Tereza Scheiner, a partir da publicação gentilmente escaneada e remetida por via eletrônica de Brno, República Checa, em 2008, por Jan Dolák. O conceito e o termo “museu”, na negação objetiva feita por Stránský é passível de discussão quanto à precisão de seu significado e emprego. Para a Dra. Tereza Scheiner, Stránský faria uma distinção entre Museu – fenômeno, o Museu com “M” maiúsculo, e o museu – representação. Da nossa leitura sobre a pouca bibliografia disponível em língua ocidental da lavra do pensador checo, quando ele estabelece o conceito de musealidade, do valor que na e pela sociedade se toma e se recolhe a um museu um seu representante “autêntico” (da relação do homem com a realidade), como poderemos ver em algumas passagens desta tese e da dissertação de BARAÇAL, o que depreendemos ou o que podemos concluir deságua no conceito institucional do museu. Mesmo quando no Sumário do **Archaeologie a muzeologie** se fala em “eventos”, o contexto da enunciação nos conduziria à compreensão do museu tradicional, já que significam os processos ligando o passado com o presente e o futuro, através de uma fonte / base específica (o específico da relação homem – realidade): relíquia, para a Arqueologia e museália, para a Museologia... p. 264.

seu texto fundador a pedido do Departamento de Museologia da Universidade Mazaryk<sup>82</sup>, então sob outro nome, como introdução ao primeiro simpósio museológico daquela entidade acadêmica. Concebe-o como elemento de orientação, sem determinar soluções, a despeito de apresentar sua opinião autoral.<sup>83</sup> O seu conteúdo, expresso em apenas quatro páginas impressas, é rico e instigante, e merece ser traduzido para diversos idiomas “gerais”, como inglês, francês e espanhol, mas, sem dúvida, para o nosso português, visando a disseminação e estimulação da reflexão sobre o fundo da Museologia. Cabe a advertência de que apenas tivemos acesso às quatro páginas correspondentes ao *Predmet*, consistindo, portanto, o nosso desconhecimento do pronunciamento de outros autores para o Simpósio, além da sua autoria também da Introdução<sup>84</sup> de que ele nos dá conta ainda em nota de rodapé, de número 19. A remissão que nela faz chama a “atenção para a literatura mencionada em anexo da palestra de abertura deste livro de anais, para mais explicações sobre as fontes para o termo de ciência” além de referenciar **Voprosy archivovedenija** [Questões de arquivística]<sup>85</sup>.

Nesta tese, cabe somente efetuar recortes deste texto, de certos enunciados ligados às discussões que propomos. O pensador checo estabelece nesse seu escrito, como em outros, a referência à filosofia, inicialmente definindo que o nível terminológico é de um nível filosófico<sup>86</sup>. “Utilizamos o termo museologia normalmente no sentido de teoria de trabalho em museus. Se perguntarmos sobre o caráter de museologia, podemos simplesmente dizer, que perguntamos o que define o caráter desta teoria de prática em museus”<sup>87</sup>. Tratando do que toma como “teoria”<sup>88</sup>, o autor a caracteriza como um

---

<sup>82</sup> Criada em 1919, renomeada como Universidade Jan Evangelista Purkyně, em 1960, retomando sua designação original em 1990. MAZARYK UNIVERSITY. Disponível em:

<<http://www.muni.cz/history/milestones>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

<sup>83</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Predmet muzeologie**. In: \_\_\_\_\_, ed. **Sborník materiálu prvního muzeologického sympozia**. Brno: Museu da Morávia, 1965. p. 30.

<sup>84</sup> Ibidem, loc.cit. Na listagem da literatura consultada do **Archeologie a muzeologie**, p. 207-251, não consta obra relativa ao ano de 1965. Os dois artigos referenciados abaixo, para essa data, foram obtidos na relação da produção textual de Stránský, presente na obra de DÓLAK, Jan; VAVRIKOVÁ, Jana.

**Muzeolog Z. Z. Stránský: život a dílo** [O museólogo Z. Z. Stránský: vida e obra: vida e obra]. Brno: Universidade Masaryk, 2006. STRÁNSKÝ, Zbynek Z. Podstata muzeologie a její zarazení do vysokoskolského studia. [A essência da museologia e sua inclusão no ensino superior] In: \_\_\_\_\_, ed. **Sborník materiálu prvního muzeologického sympozia**. Brno: Museu da Morávia, 1965. p. 10-17. STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Predmet muzeologie**. In: \_\_\_\_\_, ed. **Sborník materiálu prvního muzeologického sympozia**. Brno: Museu da Morávia, 1965. p. 30-33.

<sup>85</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Predmet muzeologie**. In: \_\_\_\_\_, ed. **Sborník materiálu prvního muzeologického sympozia**. Brno: Museu da Morávia, 1965. p. 33, nota de rodapé 19. **Voprosy archivovedenija** [Questões de arquivística]. [Moscou?]:1962, 2, p. 113 et seq.

<sup>86</sup> Ibidem, p. 30.

<sup>87</sup> Ibidem, p. 30.

<sup>88</sup> Stránský referencia, como base para sua abordagem de “teoria”, M. [Miroslav] KUSÝ. **[Marxistická] teória poznania** [Teoria [marxista] do conhecimento]. Bratislava: [Slovenské vydavateľstvo politickej literatúry – Editora eslovaca de literatura política], 1962. p.311 et seq.

sistema de conhecimentos gerais a explicar aspectos da realidade, teoria essa não de todo autônoma, pois depende de momentos gnoseológicos, lógicos e filosóficos em geral<sup>89</sup>. Em complemento, vê a teoria como integrante relacional de uma estrutura que tanto lhe dá condições para a elaboração teórica quanto não a restringe.

A pergunta sobre seu caráter é assim uma pergunta sobre as condições dela, pergunta sobre a base teórica desta teoria. Sintetizando, tratamos de uma problemática metateórica. E essa problemática não pode ser resolvida naturalmente dentro dessa própria teoria e com os métodos, que dependem do objeto desta teoria<sup>90</sup>.

Dentre os diversos pontos de vista que colige<sup>91</sup>, Stránský, nesse seu texto, se concentra sobre o caráter científico da Museologia. Informa não ter tido sucesso ao tentar encontrar apoio em literatura sobre esse caráter científico, em que os autores a posicionam no sistema científico, reivindicando esse status, sem, todavia, se observarem os critérios que permitem a um conhecimento ser considerado ciência: terminologia própria, delimitação de objeto, método e sistema<sup>92</sup>. E se fixa na questão do objeto da Museologia. Partindo da “naturalidade” terminológica entre o museu[u] e logia, que do Museu faria o objeto de estudo disciplinar, reflete em outros campos se a resposta a essa “naturalidade”, certa analogia de termo conduziria a um objeto, digamos, físico: a teatrologia, filmologia e cenografia, respectivamente, teriam seu fundo no maquinário de teatro, em estúdios de filmagem... E se detém na comparação exemplificativa da cenografia, para o que nos dá como fonte o **Scénografie jê veda** [A cenografia é ciência] [...], escrita pelo cenógrafo Miroslav Kouril<sup>93</sup>, concluindo: “Vemos

---

<sup>89</sup> Stránský referencia Vojtěch FILKORN. **Úvod do metodologie [vied]** [Introdução à metodologia [da ciência]]. Bratislava: [Vydavateľstvo Slovenskej akadémie vied- Editora da Academia Eslovaca de Ciência], 1960. p. 15 et seq. [Filozofická bibliotéka, zv. 5.]

<sup>90</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. Predmet muzeologie. In: \_\_\_\_\_, ed. **Sborník materiálu prvého muzeologického sympozia**. Brno: Museu da Morávia, 1965. p. 30. Na sequência, ainda nesta página, Stránský argumenta que é preciso uma base comum, encontrada para além das considerações e aportes dos profissionais em Museus e, na página 31, ao enunciar o caráter científico da Museologia, reafirmando o papel que a terminologia representa para o caráter científico, alterna com o caráter de a Museologia ser “somente instruções para a prática”. Esse binômio remete àquele escolhido em 1979, pelo ICOFOM, de debate se a Museologia seria ciência ou apenas trabalho prático em museu. Grifo nosso.

<sup>91</sup> Assim agrupa tais pontos de vista sobre a Museologia: a) como disciplina científica regular; b) como disciplina científica especializada e aplicada (aplicação no museu), sendo que a museologia geral seria considerada como generalização das especializadas tendo mais caráter de teoria; c) como método e técnica de trabalho em museus; d) não tem direito a sua existência, é redundante, sendo atividade em museus é questão de ordem prática..

<sup>92</sup> Ibidem, p. 31.

<sup>93</sup> KOURIL, M. **Scénografie jê veda** [A cenografia é ciência] (Acta scénographica, 1961, 7). Nesse procedimento analítico, Stránský (p. 31) recupera que “A arte do teatro tem, além da expressão primária dos atores em si, uma parte visual muito forte. Esta arte visual do palco está subordinada a certa objetividade de regras de composição, tem sua estética, teoria e crítica. A arte visual do palco é somente uma parte mais estreita da teoria e crítica incluídas na cenografia. A parte de cena é muito mais ampla, inclui atores, figurinos, perucas, luzes etc, etc. O objeto da cenografia para KOURIL é a parte ótica, visual artística da obra de teatro criada pela arte visual do palco e montagem, também pela técnica e tecnologia da parte material do trabalho em teatro e, no final, o espaço do teatro como síntese do auditório com o palco. Cenografia é assim “uma disciplina científico-técnica dedicada à obra de arte do teatro, seu lado visual e montagem.” [Kouril, p. 122]. A Dra. Tereza Scheiner repara nas contribuições do teatro checo, especialmente quanto à justaposição da cena, espaço dos atores, e da projeção cinematográfica,

assim, que o objeto não é o maquinário de teatro, mas a expressão artística realizada pelos meios técnicos, institucionais. Temos que separar a finalidade e o instrumento”<sup>94</sup>. “A separação entre instrumento e finalidade é um caminho para solucionar a nossa questão”<sup>95</sup>.

Até essa instância do texto, é marcante o caráter ruptivo com o modo tradicional das tentativas de abordagem ou do automatismo, em que não se formulam perguntas, ou as perguntas são formuladas para a obtenção de resposta redundante na tradição do campo. Ruptivo, ainda, pela busca de calçar com fundamentos epistêmicos o que episodicamente se dizia como ciência, buscando fundamentar conceitos, desde o de “teoria”. Revê Stránský as, poucas, perspectivas teóricas para firmar a adequação e necessidade da visada de âmbito metateórico. Observa campos novos, em que a eventual analogia entre o campo de aplicação poder-se-ia confundir com o objeto epistêmico disciplinar. De repente, em sua narrativa ressoa o Museu que vem o autor afirmando não ser o objeto da Museologia, ao dar primazia a uma questão, em tese fundamental para a sua consideração metateórica da Museologia, dizendo: “Mas assim enfrentamos outro problema, que temos que resolver primeiro. A questão é: o que é o museu?”

Como enquadrar a colocação e imprescindibilidade do museu no quadro objetivo disciplinar? Esse freio, talvez, resulte das condições de época ou da força da tradição, momento em que Stránský vislumbra a abertura sem cumprir aquilo que tomara da

---

simultânea. Historicamente, destaca-se o espetáculo **Laterna Magika**, apresentado inicialmente na Exposição de Bruxelas, de 1958: “O Diretor Alfréd Radok e o cenógrafo Josef Svoboda apresentaram sua forma teatral bem peculiar e inovadora [...]. Em essência se trata de um projeto que conecta de forma irrepreensível e precisamente sincronizada técnicas de cinema e de teatro, uma nova forma de ‘mídia’. Radok e Svoboda usaram a chamada ‘polyekran’” (projeção paralela de telas múltiplas) sincronizando elementos individuais de teatro (atores, cenário) e de cinema, para gerar performances fantásticas, quase irrealis, com esses recursos multi-gênero.” LATERNA MAGIKA. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Laterna\\_Magika](http://pt.wikipedia.org/wiki/Laterna_Magika)>. Acesso em: 12 abr. 2015. Talvez essa multigeneraldade tenha sido base para a presença de recursos audiovisuais nas exposições museísticas.

<sup>94</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. Predmet muzeologie. In: \_\_\_\_\_, ed. **Sborník materiálu prvého muzeologického sympozia**. Brno: Museu da Morávia, 1965. p. 31. No esforço de discussão do objeto disciplinar, Stránský cita Sonnfried STREICHER, que “Tentou, em uma obra teórica, definir o objeto denominando-o ‘Museumsgegenstand’”, “dass Museumsgegenstände geschaffen werden... auf deren Grundlage Kenntnisse und Erkenntnisse ermittelt und vermittelt werden”. O termo “Museumsgegenstand” [objeto de museu] em sua opinião é um sinônimo para coleção de museu, acervo de museu. A essa abordagem contribui Knorr. Apud 8) S. STREICHER: Zu Problemen der Einheit Von Froschungs und Bildungsetatigkeit der naturwissenschaftlichen Museen (**Neue Museumskunde**, 1962, 4/ p. 272 et seq. Citação à p. 275. H. KNORR: Was ist ein Museumsgegenstand? (**Neue Museumskunde**, 1963, 4) p.190 et seq. Enfeixando o debate entre esses dois autores, o museólogo checo manifesta que “Nem ele [Streicher] nem KNORR consideraram a relação entre museologia e museus e não realizaram que o museu como um edifício não pode ter a tarefa gnoseológica, tarefa de conhecer, mas que este edifício mesmo já serve a alguma tarefa, que tem que ser buscada e pelo meio dela entender o museu e sua missão”. p. 31-32.

<sup>95</sup> Ibidem, p. 32.



cenografia, repetindo-lhe: “Temos que separar a finalidade e o instrumento”<sup>96</sup>. “A separação entre instrumento e finalidade é um caminho para solucionar a nossa questão”<sup>97</sup>.

Onde estaria a separação entre finalidade e instrumento, duplamente afirmada no curto texto?

E seguirá uma revisão conceitual, de “aspectos históricos e estruturais”, então, do que seja museu, para tanto se servindo da classificação de sistemas de museus por Luc Benoist<sup>98</sup>, não sem antes comentar genericamente sobre os “problemas da literatura museológica contemporânea” e evocar “as discussões internacionais organizadas pelo ICOM”<sup>99</sup>.

Após resenhar conceitos tipológicos e as missões atribuídas aos museus, Stránský apresenta a sua visão de “que a missão dos museus é criar uma base de documentos, uma base sistemática e crítica através dos documentos primários – museálias - e preservar esta base e disponibilizá-la para as necessidades da ciência e educação.”<sup>100</sup> Salienta o papel de agência e a tarefa educativa e científica contemporânea da

---

<sup>96</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. Predmet muzeologie. In: \_\_\_\_\_, ed. **Sborník materiálu prvního muzeologického symposia**. Brno: Museu da Morávia, 1965. p. 31.

<sup>97</sup> Ibidem, p. 32.

<sup>98</sup> BENOIST, Luc. **Musées et muséologie**. Paris: s.n., 1960. Em resumo, na formulação de Benoist, há três principais tipos de museus no sistema total dessas instituições: 1) considerado como uma instituição educativa, um tipo especial de escola (*musée-école*), peculiar à União Soviética e aos países do bloco socialista. 2) da Europa ocidental, como uma instituição artística e uma experiência social (*musée-salon*). 3) definido na América, o museu como centro de realização e enriquecimento de um interesse individual (*musée-club*). Para Stránský, este sistema, se estabelece diferenciações básicas entre museus, a definição é estática por não considerar os momentos de desenvolvimento histórico e as tendências pelas se modificam de acordo com o desenvolvimento da sociedade. Discorre, a seguir, sobre os museus na checoslováquia, soviéticos e do bloco socialista, os quais, durante os anos 1950, se integravam ao processo social e concorriam para as mudanças em seus conteúdos, com ênfase ao papel educacional, em função político-propagandista. No final de anos 50 o sistema já estava se enfraquecendo enquanto se ampliava a participação dita de educação extraescolar. Estabelece-se e difunde-se a opinião de que a missão de trabalho de museus é divulgar conhecimentos especiais e científicos sobre a natureza e sociedade, popularizando através de suas formas de apresentação. Mas o autor considera essa visão da missão institucional como simplificada e não considera o caráter holístico do trabalho em museus. Museus não nasceram como exposições, mas gerados pelas coleções, como acervos de documentos sobre a natureza e a sociedade. “A comunicação dos resultados e a popularização dos conhecimentos derivados do material destas coleções foi a culminação da missão e da função dos objetos das coleções, de seu valor documentário e como fonte.” (p. 33). A falta de atividade colecionadora não é característica somente para grupo tipológico de “*musée-école*”. Também nos outros dois grupos, a maior importância está centrada na apresentação. “Acho [...] que o trabalho documentativo contínuo em museus, a construção sistemática de coleções é a condição primária da atividade dos museus, a condição de sua plena utilidade à sociedade no nível científico e, bem assim, em nível educacional.” p. 33. Para K. von RATH [**Museum und Öffentlichkeit** II. (Die Öffentlichkeitsarbeit der Museen. UNESCO - Kommission, Köln 1964) -].

<sup>99</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. Predmet muzeologie. In: \_\_\_\_\_, ed. **Sborník materiálu prvního muzeologického symposia**. Brno: Museu da Morávia, 1965. p. 32. Nas suas notas de rodapé 12 a 14, apresenta referências de bibliografia para a área, a saber: ICOM NEWS, em particular o v. 6, 3 (1963); **Výberová bibliografia zahraničnej muzeologickej literatúry** [Bibliografia selecionada de literatura de museologia estrangeira]. S/e: Bratislava – Praga, 1962 (1 – 2), 1964 (3), 1965 (4); materiais de seminários organizados com patrocínio do ICOM, por exemplo, no Brasil, México, Japão e Alemanha Ocidental.

<sup>100</sup> Ibidem, p. 33.

instituição, servindo à sociedade, que pode nela e dela desfrutar dos seus caracteres de colecionadora / coletora, preservadora / protetora e científico-educacional. Feita a incursão sobre o que seria museu, estranhável na colocação ruptiva do objeto epistêmico, o pai da museologia científica regressa ao centro de sua discussão para repetir: “O objeto da museologia não é e não pode ser o museu. Museu é uma instituição que serve para alguma finalidade”<sup>101</sup>.

Desdobra na precisão, então, do que lhe seria o objeto disciplinar, identificável no “ramo de trabalho em museu” quando tomado em sua vertente do conhecimento, gnoseológico, “o reconhecimento do material (documento) primário. Isto é, aquela tarefa de trabalho sistemático e crítico de documentar focalizado na seleção dos documentos primários – museálias”<sup>102</sup>. Em princípio, esse objeto também o seria, por exemplo, o da etnografia, história da arte, arqueologia, história etc. “Etnógrafo coleciona provas de eventos etnográficos, arqueólogo coleciona provas materiais de desenvolvimento humano. Por que precisamos de mais uma disciplina científica?”<sup>103</sup>, interroga Stránský!

A diferença se dá pelo fato de

[...] os cientistas destas disciplinas, como estão forçados a trabalhar com objetos, não reconhecem que o objeto das suas observações não é seu próprio objeto em matéria, mas somente um lado deste objeto. Quero dizer, que eles observam somente um dos valores de documentação, que o objeto contém, por que este valor e sua qualidade já é a informação para eles<sup>104</sup>.

Esse modo aproximativo do material é especificante, seletivo, orientado, pelo que não se toma o objeto em seu pleno valor de documentação, “muito maior, de mais conteúdo do que aparece para cada disciplina científica, por que seus objetos científicos são diferentes”. Disciplinas disputam o objeto, mas cada disciplina “só coleciona os objetos relacionados a seu próprio objeto de pesquisa”<sup>105</sup>.

---

<sup>101</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. Predmet muzeologie. In: \_\_\_\_\_, ed. **Sborník materiálu prvního muzeologického sympozia**. Brno: Museu da Morávia, 1965. P. 33.

<sup>102</sup> Ibidem, loc.cit.

<sup>103</sup> Ibidem, loc.cit.

<sup>104</sup> Ibidem, loc.cit. Grifos nossos.

<sup>105</sup> Para finalidade de memória, transcrevemos aqui o resumo do ponto de vista de Stránský quanto ao objeto da Museologia que propõe. “Podemos sumarizar esta argumentação assim: a) O objeto de cada disciplina científica empregada em museus não é o mesmo da área delimitada do objeto de museologia. Nem uma destas disciplinas cobre a tarefa de pesquisa neste sentido. Centralizam-se as fontes, faz isso do ponto de vista do próprio objeto com a relação das informações das fontes, que o objeto traz. Não leva em conta todos os outros momentos de documentação, quer dizer o valor total de informação do objeto. b) A centralização dos objetos conforme os requerimentos de cada disciplina científica está feita de forma passiva, quer dizer que estão colecionadas somente as fontes preservadas, os objetos que sobreviveram por ocasião e que não tem nem uma garantia que contém as informações primárias, as informações refletindo os momentos substanciais. c) “Eu acho, que ao contrário do b), os museus devem conduzir documentação ativa. Nisso vejo a sua contribuição própria, particular, que tem sua justificativa gnoseológica. Neste ponto de vista a museologia tem um papel científico sério, cujo resultado é a criação

E finaliza dando indicações do que, futuramente, sistematizaria como um seu outro, mais novo, objeto para a Museologia, conforme se pode depreender das palavras e conceitos implicados neste trecho: “Vamos ter que conduzir uma análise detalhada sobre o desenvolvimento histórico dos museus, estudar em detalhe a relação entre museu e sociedade”<sup>106</sup>. Reforça a natureza do empreendimento gnoseológico, a dar as condições de estabelecimento enquanto disciplina científica, por via do caráter terminológico, o da questão do método e do sistema disciplinar, o que considera [...] “é uma tarefa para estudos especiais”<sup>107</sup>.

Seja pela proposta e espaço de inserção, um simpósio, um primeiro simpósio museológico ligado a uma academia universitária, ou mesmo pelo esforço revisional e ao mesmo tempo de superação de dificuldades de elementos tomados como pétreos, a impedir avanço ou mesmo diálogo, especialmente no âmbito científico, Stránský abre a questão, exercitando, ele mesmo, um percurso desbravador na e pela abertura como tal, expressando a apreciação sobre o que pronunciara: “Não acho que a solução proposta desta questão seja assim suficiente. Também não acho que não podemos encontrar uma solução diferente e melhor. Mas tratamos de um assunto muito sério. Acho que temos que mobilizar todas as forças e utilizar todas as opiniões e variedades possíveis. Somente assim vamos conseguir definir a concepção adequada do caráter da museologia”<sup>108</sup>.

Palavras inspiradoras, de mais abertura, que estimulam a possibilidade de “encontrar uma solução diferente”, investida de, uma vez promovida a abertura, ir-se além, não fixar o olhar para trás, para não virar estátua de sal, mas procurar o profundo, em direção ao fundo, em busca da essência da máxima de que o objeto da Museologia NÃO É o museu.

Antes de tomar a metateoria da Museologia, a Metamuseologia, entendida como “exame de uma disciplina pelo ponto de vista da filosofia e da teoria da ciência” expressa de maneira sistemática, quarenta anos após o *Predmet* [objeto epistêmico], na obra

---

sistemática dos acervos documentários no caráter especializado, que assim pode se tornar fonte para as disciplinas científicas, existentes, e outras a surgir. d) Este ponto de vista da museologia é mais amplo do ponto heurístico, mesmo sendo relacionado a ele. É possível diferencial, mais que objeto de arquivística, bibliologia e também da disciplina científica soviética sobre as fontes”. Ibidem, p. 33. Note-se o caráter “documentário” de que reveste os acervos, conforme o item “b” acima, parecendo essa “natureza” ser tomada por Bernard DELOCHE, à luz do **Le musée virtuel**: Presses Universitaires de France, 2001.

<sup>106</sup> Ibidem, loc.cit.

<sup>107</sup> Ibidem, loc.cit.

<sup>108</sup> Ibidem, loc.cit.

**Archeologie a muzeologie** [Arqueologia e Museologia]<sup>109</sup>, sentimos a necessidade de uma breve incursão e consideração nos e dos referenciais teóricos de Stránský, para o que revisamos nas Notas do texto de 1965, o *Predmet*, obras e autores, especialmente, em uma tentativa de reconstituição da construção do pensamento stranskyano no momento em que propõe a ruptura sobre o objeto da Museologia. Para acompanhamento do leitor, anexamos essas Notas, traduzidas e revistas (Anexo 1). Constituindo um grupamento, estão presentes pensadores do então bloco comunista, na esfera filosófico-política. Miroslav Kusý (Bratislava, Eslováquia – 1931): politólogo e filósofo eslovaco<sup>110</sup>, jovem, à época da publicação desse livro, com cerca de 31 anos! Na referência, Stránský omite “marxista” do título da obra de Kusý [**Marxistická**] **teória poznania** [Teoria [marxista] do conhecimento]. Também não faz constar a editora [Slovenské vydavateľstvo politickej literatúry – Editora eslovaca de literatura política]. No entanto, a não enunciação das casas editoras é comum a todos os itens constantes de suas notas de rodapé. Vojtech Filkorn (Pravenec, Eslováquia, 1922 – Bratislava, Eslováquia, 2009), lógico eslovaco, professor universitário, fundador da metodologia exata eslovaca, escola representante da escola filosófico-metodológica de Bratislava, especializado em questões de teoria da ciência, metodologia da ciência, estrutura e evolução da lógica<sup>111</sup>. Como Kusý, na casa dos 30 anos ao escrever a obra consultada por Stránský, ligado à filosofia, através da lógica e da metodologia da ciência. Reitor da Universidade Comenius (Bratislava) de 1963-1966, dentro do regime comunista e na época em que se dá o primeiro simpósio de Museologia de Brno. Sobre Miroslav Kouril não foram encontrados na internet dados biográficos. Destaca-se, no universo de nossas referências brasileiras, a participação de Kouril como membro da comissão da exposição sobre o Teatro – Tchecoslováquia<sup>112</sup>, na 6ª Bienal de São Paulo, de 1961, mesmo ano da publicação do **Scénografie jê veda** [A cenografia é ciência]<sup>113</sup>, tomado

---

<sup>109</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p. 263: “*metamuseology*, i.e. examination of the discipline from the point of view of current philosophy and theory science.”

<sup>110</sup> MIROSLAV KUSÝ. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://sk.wikipedia.org/wiki/Miroslav\\_Kus%C3%BD](http://sk.wikipedia.org/wiki/Miroslav_Kus%C3%BD)>. Acesso em: 10 fev. 2015. A Dra. Scheiner enriquece a biografia de Kusý, informando ter sido ele professor entre 1967 e 1970; dissidente do bloco marxista, uniu-se a Václav Havel, sendo preso e proibido de exercer atividade de ensino. Em 1990 é nomeado reitor da Universidade Comenius.

<sup>111</sup> VOJTECH FILKORN. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://sk.wikipedia.org/wiki/Vojtech\\_Filkorn](http://sk.wikipedia.org/wiki/Vojtech_Filkorn)>. Acesso em: 10 fev. 2015.

<sup>112</sup> BIENAL DE SÃO PAULO. **Teatro**: Tchecoslováquia. Exposição organizada pelo Instituto do Teatro em Praga, Ministério da Cultura, e comissão preparativa presidida por Svatopluk Stepánek. In: Catálogo da VI Bienal de São Paulo, parte 2, 1961. p. 469. Disponível em: <<http://issuu.com/bienal/docs/namebb0a44/86>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

<sup>113</sup> KOURIL, M. **Scénografie jê veda** [A cenografia é ciência] (*Acta scénographica*, 1961, 7). A Dra. Tereza Scheiner observa a contribuição do russo Malevich na cenografia do leste europeu, com a constituição e expansão do bloco comunista, e sua influência na museografia. Procedendo a levantamentos na internet, visando a sustentar as contribuições da Dra. Tereza Scheiner, recortamos trechos a respeito da relação de Malevich com o teatro. “Malevich e os artistas do movimento da vanguarda russa reinventaram o espaço. Suas explorações e experimentos no mundo do teatro ajudaram-nos a desenvolver e articular suas visões

por Stránský em 1965. O comissário<sup>114</sup> da exibição foi o dr. Jiri Kotalik e Kouril é qualificado como engenheiro arquiteto. A noção de cenografia, com origens em práticas artísticas do período renascentista, foi reintroduzida na Tchecoslováquia após a Segunda Guerra Mundial, havendo diversas tentativas de a definir. Auto-denominado teórico da cenografia, sua perspectiva teórica toma ideias do estruturalismo checo e em sua ação se inclui o estabelecimento do Instituto de Cenografia de Praga<sup>115</sup>.

Outro conjunto, também integrado por pensadores do mesmo bloco comunista, versa sobre o campo museístico. Sonnfried Streicher nasceu em 1929, em Crimmitschau, Alemanha, biólogo marinho, foi chefe do Museu Oceanográfico Alemão, de Stralsund. No período de 1955 a 1990, exerceu a presidência da seção de museus científicos além de ser membro do Conselho dos Museus da então República Democrática Alemã - RDA, representando os museus de ciência<sup>116</sup>. À época da publicação citada, também estava na faixa dos 30 anos e destacado na participação de órgão representativo da RDA. Heinz Arno Knorr, nascido em 1909, em Kiel, Alemanha, e falecido no ano de 1996, em Halle (Saale, Alemanha), com cerca de 54 anos à publicação do **Was ist ein Museumsgegenstand?** [O que é um objeto de museu?], do ponto de vista etário,

---

e ideias artísticas. A narrativa do espaço e os extraordinários figurinos criados por Malevich para a produção da ópera *Vitória sobre o sol*, 1913, deram o pano de fundo para impulsionar nosso entendimento da vanguarda e do Suprematismo". VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Russian Avant-Garde Theatre: War, Revolution and Design**. [2014]. Disponível em: <<http://www.vam.ac.uk/blog/russian-avant-garde-theatre-war-revolution-and-design-1913-1933/when-the-point-of-support-disappears>>. Acesso em: 11 fev. 2015. Comentando o seu Estudo para cenário de "Vitória sobre o Sol" [*Study for Decor of Victory Over the Sun*], grafite sobre papel, 1913 (Museu do Teatro, São Petersburgo, Rússia), informa-se ter Malevich colaborado com Alexei Kruchenykh e Mikhail Matiushin na criação dos cenários para a ópera futurista *Vitória sobre o sol*, de 1913. Esse estudo apreciado, para a cena 5 do segundo ato, "prenuncia o desenvolvimento do suprematismo em seu uso de um motivo geométrico", sem recorrer à cor ou ao sombreamento. "O preto e branco nesta composição [...] sugerem novamente o nascimento do novo movimento de Malevich. A ópera era um lugar particularmente apropriado para a estréia das idéias de Malevich, uma vez que o movimento futurista que o inspirou também foi importante na formação suprematismo. Assim como o futurismo visava uma renovação total da cultura russa, o suprematismo reivindicava se substituírem todos os movimentos de arte anteriores. Os projetos de Malevich para a ópera marcaram uma ruptura com a convenção teatral, uma vez que eles não eram nem decorativos nem ilustravam uma cena, como uma paisagem ou um cômodo. Sua estranha escuridão também fez coro com a crença de Mikhail Matiushin que a ópera foi sobre "A vitória, sobre o velho conceito aceito do belo sol." SUPREMATISM. **The Art Story: Modern Art Insight**. Disponível em: <<http://www.theartstory.org/movement-suprematism.htm>> . Acesso em: 11 fev. 2015. Para o aspecto da contribuição de Malevich à museografia, ver: GRECO, Patrícia Danza. **Kazimir Malievitch: novos conceitos, outras revoluções**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2007. Disponível em: <[http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2007\\_GRECO\\_Patricia\\_Danza-S.pdf](http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2007_GRECO_Patricia_Danza-S.pdf)>.

<sup>114</sup> Note-se o emprego do termo *Comissário* da exposição, possível antecedente do atual uso disseminado de Curador de exposição, talvez demonstrando, à época, a aproximação de referenciais europeus, depois substituídos pelos estadunidenses.

<sup>115</sup> DIEGO RIVERA PŘÍHODOVÁ, Barbora. "**Scenography is science**": Miroslav Kouril, his theory of scenography and the Institute of Scenography in Prague. 2013. Disponível em: <<http://www.muni.cz/research/publications/1106756>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

<sup>116</sup> SONNFRIED Streicher. **Wikipedia**. Disponível em: <[https://de.wikipedia.org/wiki/Sonnfried\\_Streicher](https://de.wikipedia.org/wiki/Sonnfried_Streicher)>. Acesso em: 11 fev. 2015. Foi fundamental para a reconstrução e concepção científica do museu naval, para, finalmente, o museu mais visitado na República Democrática Alemã (RDA) e do norte da Alemanha e, em 1994, seu museu, até ali municipal, para uma fundação. Participou de inúmeras expedições do museu marítimo, que dirigiu até 1995.

integra geração anterior a dos autores presentes no artigo de Stránský. Alemão por origem, distinguido pré-historiador, estuda em Berlim, fazendo pós-graduação na Universidade de Praga. Desenvolve estudo sobre a cultura material eslava<sup>117</sup>. Teve ampla atuação em museus, organizações museísticas e docência em Museologia na RDA, desde o fim do conflito mundial. De 1958 a 1961, também foi editor-chefe da revista **Neue Museumskunde** [Nova Museologia]. A partir de 1961, torna-se professor de Pré-História, História e Museologia da Universidade de Leipzig. De 1965 a 1967, foi vice-reitor de Pesquisa da Faculdade de Filosofia. Desde 1959, participa do Comitê Científico para a Museologia e da Sociedade historiador alemão (mais tarde Sociedade dos Historiadores) e, desde 1965, da Comissão Nacional de Pré-História e História da Academia de Ciências da RDA. Chama a atenção em Knorr a junção de sua formação alemã, seu objeto de pesquisa, (a cultura material dos eslavos, sua pós-graduação em Praga) e suas atividades docentes e participação em organizações ligadas a museus e museologia. Voltando aos checos, Vladimír Denkstein, (Dobřany, 1906 - 1993, Praga) foi historiador da arte medieval checa e diretor do Museu Nacional de Praga, de 1956 a 1970<sup>118</sup>. Karel Tuček, mineralogista, petrógrafo e museólogo checo, nasceu em 1906, em Nova Pátek, morrendo em Písek, no ano de 1990. Em 1937, ingressa nos quadros do Museu Nacional de Praga, atuando como chefe de departamento de 1939 a 1950 e de 1956 a 1976, atuou como chefe de departamento. Nos anos de 1951 a 1953, dirigiu como Diretor Técnico do Museu Nacional e, nos anos de 1953 a 1956, chefiou o Departamento de Museus do Ministério da Cultura Checoslovaco. Entre outras atividades, participou do Comitê para a Documentação do ICOM – CIDOC<sup>119</sup>. Ivan Klášterský (Praga, 1901 – 1979) é outro checo de geração anterior à de Stránský, cujo currículo, trajetória e proeminência no cenário checo de 1965 bem justificam ter sido fonte no *Predmet*. Tendo estudado e participado de atividades ligadas à botânica, na Universidade e em museu, pesquisou em botânica e sobre a história dos botânicos checos<sup>120</sup>. Otakar Štěpánek (1903-1995) adensa a comunidade de pensadores checos

---

<sup>117</sup> HEINZ ARNO KNORR. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://de.wikipedia.org/wiki/Heinz\\_Arno\\_Knorr](http://de.wikipedia.org/wiki/Heinz_Arno_Knorr)>. Acesso em: 11 fev. 2015. Em 1940, é mobilizado ao exército alemão, se destacando na guerra; é preso pelos norte-americanos e, solto, faz trabalhos agrícolas forçados. No corpo desta tese, foram destacadas atividades relativas ao período da publicação de seu artigo e do de Stránský.

<sup>118</sup>VLADIMÍR DENKSTEIN. **Wikipedie**. Disponível em: [http://cs.wikipedia.org/wiki/Vladim%C3%ADr\\_Denkstein](http://cs.wikipedia.org/wiki/Vladim%C3%ADr_Denkstein). Acesso em: 11 fev. 2015.

<sup>119</sup> MINERALOGICKÉ MUZEUM. **Portréty osobností spjatých s muzeem**: Karel Tuček [retratos de personalidades associadas ao Museu: Karel Tuček]. Disponível em: <<https://web.natur.cuni.cz/ugmnz/muzeum/muzeum/portrety/tucek.html>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

<sup>120</sup> MÖLLEROVÁ, Jana. **Homo botanicus**: Klášterský, Ivan. 2009. Disponível em: <<http://botany.cz/cs/klastersky/>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

entrosados por Stránský em seu artigo. Professor, zoólogo, herpetólogo<sup>121</sup> e museólogo, realizou trabalho de campo<sup>122</sup> e figura no âmbito das referências a publicações de uma década anterior a 1965, reconhecida autoridade em história natural.

Um terceiro universo tem origem na Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - UNESCO e no seu conselho para Museus, o ICOM, e de obra coletiva sobre bibliografia do campo, eslava. Na procedência da UNESCO, especifica o resultado publicado sobre o papel educativo dos museus, de 1960. Dentre os exemplares de ICOM NEWS, e as fontes bibliográficas que contêm, particulariza o de 1963/6, número 3, volume 16<sup>123</sup>, que, após imprimir a **Informação sobre a organização geral do ICOM**, traz, em sua parte II, a **Contribuição bibliográfica para o estabelecimento de museus em países em via de desenvolvimento**. Pelo ICOM, ainda, salienta os seminários, exemplificando com os ocorridos no Brasil (3º, Rio de Janeiro, 1958), Japão (Tóquio, 1960), México (Cidade do México, 1962) e Alemanha Ocidental (1964). Nesta revisão de elenco bibliográfico, Stránský incorpora a **Výberová bibliografia zahraničnej muzeologickej literatúry** [Bibliografia selecionada de literatura estrangeira de museologia], Bratislava – Praga, 1962 (1 – 2), 1964 (3), 1965 (4).

As informações de natureza histórica e classificatória de que parte Stránský para a sua desconstrução e seguinte proposição tomaram como base Luc Benoist, especialmente a classificação tipológica (*musée-école*, *musée-salon*, *musée-club*). Benoist (França, 1893-1980), dentre os citados, é o mais remoto e persistente como referencial, até aquela época pelo menos, sobre a história dos museus. Ao publicar o **Musées et muséologie**, em 1960, é sexagenário. Inicialmente “conservador” de museu, como o palácio de Versalhes, e “conservador” honorário dos Museus da França, depois historiador da arte<sup>124</sup>.

Sobre alguns dos autores referenciados, apesar dos esforços, exceto poder se identificar estarem ligados à Alemanha e ao universo eslavo, nada foi encontrado em termos biográficos. No caso de Rath, há a enunciação de vinculação, ao menos da

---

<sup>121</sup> A herpetologia é um ramo da zoologia dedicado ao estudo dos répteis e anfíbios: sua classificação, ecologia, comportamento, fisiologia e paleontologia. HERPETOLOFIA. **Wikipedia**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Herpetologia>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

<sup>122</sup> DATABAZEKNIH. **Otakar Štěpánek**. Disponível em: <<http://www.databazeknih.cz/autori/otakar-stepanek-7165>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

<sup>123</sup> ICOM. **ICOM news / Nouvelles de l'ICOM**. Paris, n. 3, v. 16, 1963/6. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k65590900.image.langEN>>. Acesso em: 12 fev. 2015.

<sup>124</sup> LUC BENOIST. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://fr.wikipedia.org/wiki/Luc\\_Benoist](http://fr.wikipedia.org/wiki/Luc_Benoist)>. Acesso em: 11 fev. 2015.

publicação em que aparece seu artigo, a uma comissão da UNESCO. M. P. Simkon e František Matous ficam carentes de informação.

A partir dos levantamentos biográficos, dos dados disponíveis em rede, salientamos o aspecto geracional, em que o primeiro pelotão, o dos teóricos citados, estava em seus trinta anos no momento em que publicam os textos tomados por Stránský. O museólogo checo, nascido em Kutná Hora (26/10/1926)<sup>125</sup>, tinha à época cerca de 38 anos. Participava, pois, de um mesmo diapasão de jovens adultos, em que a maturidade intelectual combinada aos desafios da ideologia política socialista, granjeando os novos para a construção da sociedade ideal. Para os referenciais de conteúdo de área, Stránský recorreu a obras de autores mais velhos, cuja trajetória sedimentada, no viés acadêmico e no da participação em instituições, museísticas ou técnico-políticas, de caráter representativo setorial, de museus, por exemplo, confere peso e estatura à fundamentação dos argumentos stránskýanos. Luc Benoist, francês nascido no século XIX, parece ser o grande autor sobre questões históricas do museu e um seu classificador, nota de validação e estabilidade aos elementos de que dele Stránský se serve como ponto de partida. Boa parte desses pensadores, recupere-se, são privilegiadamente checos e, os demais, alemães da então República Democrática Alemã, integrante do bloco comunista do leste europeu. Simbioticamente, no caso de Heinz Arno Knorr, autor do **Was ist ein Museumsgegenstand?** [O que é um objeto de museu?], como visto, era alemão que estudara em Praga e que realizara estudos sobre a cultura material eslava... O papel referencial de organismos de cooperação internacional e os esforços de trabalhos transnacionais e não governamentais (a permitir o diálogo, a produção e circulação de conhecimento, especialmente à época de 1965 -

---

<sup>125</sup> Estudou filologia e história da Universidade Carlos, em Praga, completando seus estudos em 1950, mas, por razões políticas, não pode se doutorar. A partir de 1958, estudou musicologia, na Universidade de Brno. Graduado, trabalhou em vários museus checos, como o Antonin Dvora, em Praga. Em 1962, ele se torna funcionário do Museu da Morávia, em Brno, onde iniciou a criação de um novo centro de museologia metodológico. Stránský é creditado com criador da museologia como disciplina independente e do desenvolvimento da pedagogia museológica. Em 1962, por sua iniciativa é criada a Faculdade de Museologia, na Universidade de Jan Evangelista em Brno (hoje Universidade Masaryk). Em 1983, em colaboração com a UNESCO, criou a Escola Internacional de Verão de Museologia (ISSOM), a qual presidiu até 1998. Desde 1986, integrou a Comissão checoslovaca do ICOM (embora não como membro pleno). Depois de novembro 1989, a carreira de Stránský toma impulso tornando-se membro pleno do ICOM, onde foi eleito Vice-Presidente do Comitê de Museologia (ICOFOM). Cria e chefia um departamento específico de Museologia na Universidade Masaryk, em 1991. Também a ele se credita o estabelecimento do departamento de Ecomuseu, na Universidade Matej Bel, em Banská Bystrica, Eslováquia, em 1998. Zbynek Zbyslav STRÁNSKÝ. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://cs.wikipedia.org/wiki/Zbyn%C4%9Bk\\_Zbyslav\\_Str%C3%A1nsk%C3%BD](http://cs.wikipedia.org/wiki/Zbyn%C4%9Bk_Zbyslav_Str%C3%A1nsk%C3%BD)>. Acesso em: 10 fev. 2015. Entre novembro e dezembro de 1989, a Revolução de Veludo leva a República Checa à democracia, com o fim do monopólio do poder pelo Partido Comunista. A Checoslováquia, estabelecida em 1918, cai na esfera de influência da União Soviética, que sufoca os esforços de liberalização pleiteados pela "Primavera de Praga", em 1968. Em 1º de janeiro de 1993, a Checoslováquia, pacificamente, independe-se em dois países: a República Checa e a Eslováquia. HISTÓRIA da República Checa. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria\\_da\\_Rep%C3%BAblica\\_Checa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_Rep%C3%BAblica_Checa)>. Acesso em: 11 fev. 2015.



em que o mundo se tripartia entre os comunistas, capitalistas e não alinhados ou em desenvolvimento), se figura pela presença das citações à UNESCO e ICOM e o reconhecimento ao trabalho, publicado em Bratislava, hoje Eslováquia, de levantamento de bibliografia estrangeira (talvez se quisesse dizer não eslava) sobre museologia. Destaco, todavia, a autoria e obra de Kouril, **Scénografie jê veda [A cenografia é ciência]**. Conforme Diego Rivera Prihodová<sup>126</sup>, data do pós-segunda grande guerra a reintrodução da noção de cenografia na Checoslováquia e o caráter científico reivindicado por Kouril (1911-1984<sup>127</sup>) em sua publicação de 1961, quatro anos antes do pleito de Stránský. O cenógrafo, ao se autodesignar “teórico da cenografia”, afasta-se de sua formação em engenharia – arquitetura, ao mesmo tempo em que trabalha pela institucionalização da cenografia, decorrendo seu esforço para a criação do Instituto específico em Praga. Relembrando o que se ouvia, Stránský não recorre à comparação de que arquiteto ou arquitetura sejam saberes específicos para a construção de escolas ou de hospitais, mas arquiteto (ou arquitetura), simplesmente, nem pedagogo ou pedagogia exclusivo a escolas, mas pedagogo ou pedagogia, simplesmente. Em outros termos, pedagogia não estuda a escola, como a medicina não estuda hospitais, em termos de instituições. E Stránský nos fala, invés desses campos, da filmografia, teatrologia e, mais especificamente, em cenografia como ciência para a qual Kouril isolara um objeto, diga-se, menos imediato ou aparente. Então, a escolha de Stránský ou a única disponibilidade para fundamentar bibliograficamente a sua comparação ou transposição foi ou seria a cenografia, e a fonte **Scénografie jê veda [A cenografia é ciência]** (de onde Stránský bem poderia ter se inspirado para transpor o *status* científico à Museologia). Se Stránský exemplifica o questionamento do objeto disciplinar pela teatrologia, filmologia e cenografia, a argumentação sobre o caráter científico que nos oferece é exclusiva ao da cenográfica, recorrendo, quanto a esse aspecto ao apoio bibliográfico exclusivo em cenografia como ciência, pelo **Scénografie jê veda [A cenografia é ciência]**, talvez por não se dispor de um texto sobre a teatrologia como

---

<sup>126</sup> DIEGO RIVERA PŘIHODOVÁ, Barbora. "**Scenography is science**": Miroslav Kouril, his theory of scenography and the Institute of Scenography in Prague. 2013. <http://www.muni.cz/research/publications/1106756>

<sup>127</sup> LAW, Jonathan, ed. **The Methuen Drama Dictionary of the Theatre**. S.l.: A&C Black, 2013. Disponível em:

<[https://books.google.com.br/books?id=oXMsAQAAQBAJ&pg=PT1019&lpg=PT1019&dq=institute+of+scenography+prague+created+kouril&source=bl&ots=Ld6rwF4nn\\_&sig=M8QGyBWq4Q5scq\\_dK\\_Knb7SupiA&hl=pt-BR&sa=X&ei=PU7VVITAA4yogwTI64P4AQ&ved=0CDQQ6AEwAw#v=onepage&q=institute%20of%20scenography%20prague%20created%20kouril&f=false](https://books.google.com.br/books?id=oXMsAQAAQBAJ&pg=PT1019&lpg=PT1019&dq=institute+of+scenography+prague+created+kouril&source=bl&ots=Ld6rwF4nn_&sig=M8QGyBWq4Q5scq_dK_Knb7SupiA&hl=pt-BR&sa=X&ei=PU7VVITAA4yogwTI64P4AQ&ved=0CDQQ6AEwAw#v=onepage&q=institute%20of%20scenography%20prague%20created%20kouril&f=false)>. Acesso em: 11 fev. 2015; KYSOVÁ, Šárka Havlíčková; PRIHODOVÁ, Barbora. Archaeology of Concepts and Ambitions: Performing Structuralism through the Field of Scenography (Czechoslovakia, 1970s). In: **Theatralia**, n.2, 2014. P. 111-121. (III) Personalities and Methodologies of the Prague School. Disponível em: <[https://digilib.phil.muni.cz/bitstream/handle/11222.digilib/130882/1\\_Theatralia\\_17-2014-2\\_14.pdf?sequence=1](https://digilib.phil.muni.cz/bitstream/handle/11222.digilib/130882/1_Theatralia_17-2014-2_14.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 11 fev. 2015.

ciência ou outro sobre filmologia como ciência. E, tomada a cenografia, seu objeto epistemológico, em suma, [...] “não é o maquinário de teatro, mas a expressão artística realizada pelos meios técnicos, institucionais”<sup>128</sup>, separando-se a finalidade do instrumento<sup>129</sup>.

Consideradas as referências autorais do *Predmet* (1965) e verificando sua permanência na *Archeologie a muzeologie* (2005), ficam: STREICHER. **Zu Problemen der Einheit von Forschungs und Bildungstätigkeit der naturwissenschaftlichen Museen** [Problemas da unidade de pesquisa e ensino nos museus de ciência], KNORR. **Was ist ein Museumsgegenstand?** [O que é um objeto de museu?] e BENOIST, com o seu **Musées et muséologie**.

Desaparecem as fontes: KUSÝ. **[Marxistická] teória poznania** [Teoria [marxista] do conhecimento]. [Slovenské vydavateľstvo politickej literatúry – Editora eslovaca de literatura política]; FILKORN. **Úvod do metodologie [vied]** [Introdução à metodologia [da ciência]]; DENKSTEIN, MATOUS, TUČEK. **Musea slouží lidu** [Os museus servem ao povo]; SIMKON. **Sber materiálu zé sovětského období** [Coleta de material do período soviético] e RATH. **Museum und Öffentlichkeit II**. In: **Die Öffentlichkeitsarbeit der Museen**. [Museu e público II. In: As relações públicas dos museus]. E ainda não constará TUČEK, KLÁŠTERSKÝ, ŠTĚPÁNEK. **Zakládání přírodovědeckých sbírek vlastivědných museí [Návod k vytváření, udržování a správě přírodovědeckých sbírek vlastivědných museí]** [Criação de coleções de museus de história natural: instruções para a criação, manutenção e gestão de coleções de ciências naturais em museus etnográficos].

No entanto, se estas desapareições são perfeitamente compreensíveis, à luz das ocorrências históricas e da superação da anterior bipolarização entre comunistas e capitalistas, conferindo obsolescência a determinados posicionamentos e abordagens (ou a vontade de os abandonar, esquecer e apagar), quando se constata, a ausência de Kouril e do seu trabalho **Scénografie jê veda** [A cenografia é ciência], na publicação de 2005, surpreende. A expectativa da sustentação da fonte que, quatro décadas antes, servira como, nos campos

---

<sup>128</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. *Predmet muzeologie*. In: \_\_\_\_\_. ed. **Sborník materiálu prvého muzeologického sympozia**. Brno: Museu da Morávia, 1965. p. 31.

<sup>129</sup> *Ibidem*, loc.cit. Stránský, em *Archeologie a muzeologie*, p. 111, retoma o argumento: “Aponte as outras disciplinas científicas neste sentido, como a pedagogia, que não é a disciplina “sobre a escola” ou a teatrologia, que não é a disciplina “sobre o teatro”. No entanto, lá não mais cita Kouril.

admitidos para a comparação, o único a que recorreu Stránský para inquirir sobre a natureza científica da Museologia, parametrada pela afirmação de Kouril para a cientificidade da cenografia.

Como se lera no *Predmet*, Stránský postula uma posição de proponente e de abertura com relação ao objeto da Museologia, e o faz em caráter geral, curto e sintético, dada a natureza do texto e do seu contexto, participante de um simpósio. Considerando as eventuais publicações em que volta e versa sobre esse tópico, dando-se um salto sobre seus textos constantes do DoTraM / MuWoP, de 1980 e 1981, chega-se à publicação de quarenta anos depois, **Archeologie a muzeologie**<sup>130</sup> [Arqueologia e museologia] que, no entanto, é obra mais alentada e sistemática sobre o modo como concebe a Museologia, no caso de nosso interesse aqui. Considerado o Índice, o livro se compõe de capítulos<sup>131</sup> e respectivas partições, dedicados aos assuntos: 1. A COMUNIDADE (*Společenství*) (Tesouros; Relíquias; Antiguidades; Objetos de Museus); 2. A ALIENAÇÃO (DISTANCIAMENTO) (*Odcizování*) (Separação; Prestação de serviços; Reprovação da museologia (Rejeição, Recusa à museologia?) (*Odmítání muzeologie*); Herança legitimada); 3. O FENÔMENO DO MUSEU (Ancoragem em línguas (Etimologia de vocabulário museológico); Especialidades em coleções (Criação de coleções); O mundo *sui generis*); 4. O OBJETIVO DA MUSEOLOGIA (Intenção para [fases da Museologia]) (Descrição; *Tactica conclavium*; Museografia; Pré-museologia; Museologia; Nova museologia); 5. A METAMUSEOLOGIA (Contexto filosófico- científico; Composição lógica; Domínio do cognitivo; Metodologia; Terminologia; Sistema; Posição no sistema das ciências); 6. O SISTEMA DA MUSEOLOGIA (Museologia teórica; Subteoria da seleção; Subteoria da tesaurização (*tezaurace*)<sup>132</sup> (criação de acervos e

---

<sup>130</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. Há na rede digital, datada de 2000, uma obra editada por Stránský, cujo título traduzido é **Estudos básicos de Museologia**, cuja estrutura é similar ao do **Archeologie...** STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav, ed. **Estudos básicos de Museologia**. Banská Bystrica [Eslováquia]: Departamento de Eco-Museologia - Universidade Matej Bel, 2000. Disponível em: [http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=sk&u=http://muff.uffs.net/skola/muzeo/bb\\_zaklady\\_studia\\_muzeologie.pdf&prev=search](http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=sk&u=http://muff.uffs.net/skola/muzeo/bb_zaklady_studia_muzeologie.pdf&prev=search). Acesso em: 25 mar. 2015. Disponível em: [http://muff.uffs.net/skola/muzeo/bb\\_zaklady\\_studia\\_muzeologie.pdf](http://muff.uffs.net/skola/muzeo/bb_zaklady_studia_muzeologie.pdf). [Original em eslovaco]. Comum entre essas duas etapas editoriais da compilação do pensamento de Stránský, por ele mesmo, estão os conteúdos de cinco capítulos, já incluído, em 2000, o dedicado à Metamuseologia.

<sup>131</sup> Convém reiterar o pedido de atenção à ponderação sobre a adequação da tradução ao português do original em checo. Tanto a tradutora quanto nós nos esforçamos por obter o conteúdo mais justo, a pesar as dificuldades do idioma eslavo, dos termos inéditos, criados por Stránský, e as características de seu pensamento, inovador, sem que nos permita recorrer a outros referenciais, senão a sua própria obra que, em um círculo vicioso, na quase totalidade se encontra em checo ou alemão, por exemplo.

<sup>132</sup> Proviria o vocábulo *tezaurace* do grego tesouro, tesouro, repositório. Com o tempo, deriva da materialidade para o caráter de repertório de termos e conceitos, como em “tesouro”. Na acepção tomada por Stránský, “tesaurar” estaria significando tanto o reunido, coletado, em sua base material, quanto seus aspectos conceituais e terminológicos tratados à luz de um sistema de organização ideal. No Glossário do *Archeologie a muzeologie* consta: *tezaurace - muzeologicky termín označující proces uchovávaní*

coleções); Subteoria da apresentação; Museologia aplicada / Museografia; Institucionalização de museus; Ambiente dos museus; Comunicação de museus; Preservação em museus; Exposições em museus; Relação entre museus e público; Museologia histórica; Autoctonia; Periodização; Gênese; Museologia contemporânea; Musealização contemporânea, Política cultural de museus, Futuro da cultura de museus); 7. A CONFRONTAÇÃO (Mundo pós-moderno; Domínios da cognição; Herança natural e cultural; Arqueologia de monumentos); 8. A COOPERAÇÃO (Interdisciplinaridade; Museus arqueológicos; Qualificação; Estudos arqueológicos e museológicos; Programas de estudos).

Tomando-se a estrutura sumarizada desta obra de Stránský, publicada em 2005, pensa-se no conteúdo da exposição sobre a teoria apresentada em **O caminho do museu**<sup>133</sup> (*Výstava: Cesta muzeí*)<sup>134</sup>. Estruturou-se pelos seguintes tópicos: SEMPRE HOUVE

---

[tesaurização - termo museológico que denota o processo de preservação]. Comparada essa nossa tradução, a partir do tradutor do Google, com o vocábulo *thésaurisation*, no vernáculo francês, lá significa juntar riquezas, conforme o **DICIONNAIRE de Français Larousse**. Disponível em: <<http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/th%C3%A9saurisation/77854>>. Acesso em: 11 fev. 2015. O termo corresponde, mais ou menos, em português a *entesouramento*. Poder-se-ia pensar em uma matriz comum, pela efetividade do entesouramento na Idade Média, pela Igreja Católica, ou como acumulação primitiva de capital, talvez, especialmente, a partir de objetos em metal nobre. Desta fonte, o termo em Museologia especificaria a reunião de valores outros, que não os religiosos ou econômicos, para outras finalidades, notadamente de ordem cultural-intelectual-fruição. Mas, ainda, cogitaríamos do aspecto do conceito no termo que poderia abarcar a “tesouração”, melhor traduzível por entesouramento, remetendo-nos a uma eventual ambiguidade, no francês, em que um termo somente, *thésaurisation* [Ver SCHNEIDER, Evzen. “La voie du musée”, exposition au musée Morave, Brno. **Museum**, Paris, v. 29, n. 4, 1977. p. 190] [que, na p. 102, de DESVALLÉES, André, dir. **Terminologia museológica**: proyecto permanente de investigación. ICOFOM/ICOFOM LAM. S/l: \_\_\_\_\_, maio 2000, apresenta o equivalente em inglês, *thezaurization*] tem duas acepções. Melhor para nossa expressão, em português, que distinguimos, em termos autônomos, e constituindo um termo próprio e específico ao vocabulário de área.

<sup>133</sup> Ver BARAÇAL, Anáildo Bernardo. Stránský expando a museologia em 1971 (ou: aspectos *arqueológicos* do pensamento de Stránský) Capítulo 2, p. 42-70. In: \_\_\_\_\_. **O objeto da Museologia**: a via conceitual aberta por Zbynek Zbyslav Stránský. 2008. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro / Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2008. SCHNEIDER, Evzen. “La voie du musée”, exposition au musée Morave, Brno. **Museum**, Paris, v. 29, n. 4, p. 182-192, 1977. DOLÁK, Jan; VAVRIKOVÁ, Jana. **Muzeolog Z. Z. Stránský**: zivot a dílo [O museólogo Z. Z. Stránský: vida e obra]. Brno: Universidade Masaryk, 2006. p. 35, il. p. 56. Ver também: BARAÇAL, Anáildo Bernardo; SCHEINER, Tereza. A teoria museológica em exposição: o caminho do museu. **Museu e Patrimônio**: v. 7, n. 2, p. 122-138, 2014.

<sup>134</sup> SCHNEIDER, Evzen. “La voie du musée”, exposition au musée Morave, Brno. **Museum**, Paris, v. 29, n. 4, p. 182-192, 1977. Promovida por Zbynek. Z. Stránský, auxiliado por Jan Jelinek, Vilem Hank e Evzen Schneider, a exposição teve plano de Zdenek Lang, sendo a parte artística realizada por Leo Kapoun. Comemorou os 10 anos da fundação do Departamento de Museologia (SCHNEIDER, Evzen. “La voie du musée”, exposition au musée Morave, Brno. **Museum**, Paris, v. 29, n. 4, 1977. p. 184) da Faculdade de Filosofia da Universidade Jan Evangelista Purkyně, que atualmente retomou o nome original de Masarykova Univerzita. UNIVERSIDADE MAZARIKY [Disponível em <[http://ois.muni.cz/at\\_mu/brief\\_history\\_of\\_mu](http://ois.muni.cz/at_mu/brief_history_of_mu)>. Acesso em: 27 jul. 2007.], de Brno, República Checa, e o cinquentenário da criação naquela Universidade de uma cadeira para a formação do pessoal de museus. Teve apoio do Conselho Internacional de Museus, ICOM (Ibidem, passim). Tendo sido o Departamento criado em 1963 (conforme UNIVERSIDADE DE TORONTO. Disponível em: <[www.utoronto.ca/mouseia/course2/Museum2.pdf](http://www.utoronto.ca/mouseia/course2/Museum2.pdf)>. Acesso em: 27 jul. 2007.), e a criação da cadeira específica datar de 1921. Pela proximidade das datas comemorativas e pela relação com a Conferência Geral do ICOM, a exposição inaugurada em 1971, teria permanecido aberta pelo menos até 1973, celebrando o primeiro decênio do Departamento de Museologia. Realizada no Museu da Morávia, Brno, a *teoria museológica* e a documentação nela apresentadas se fundamentam em trabalhos do Departamento e da Seção de Museologia do Museu, além de, na medida do possível, sobre resultados

MUSEUS; A PESQUISA DE UM TRAJETO NO LABIRINTO DA REALIDADE; O MUSEU ATRAVÉS DA HISTÓRIA; A MUSEOLOGIA SE TORNA UMA CIÊNCIA INDEPENDENTE; O SISTEMA MUSEOLÓGICO; A SELEÇÃO MUSEOLÓGICA; A TESAURIZAÇÃO MUSEOLÓGICA; A COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA; A MISSÃO DA MUSEOLOGIA. Os três primeiros aspectos desse roteiro introduzem a abordagem e a situam tipológica e historicamente. Em SEMPRE HOUVE MUSEUS, no texto se configura o objeto stranskyano para a Museologia ao lado do termo musealidade: “todos [os modos de reunião de representantes] são formas diferentes de exprimir a relação entre o homem e a realidade”<sup>135</sup>. Dando um salto, a parte relativa a OS MUSEUS ATRAVÉS DA HISTÓRIA<sup>136</sup> lembra que “A atividade dos museus não pode ser unicamente um aspecto prático. Necessita uma concepção teórica que lhe seja própria”<sup>137</sup> que, todavia, apesar dos ensaios não se consubstanciou. E tal consolidação será discutida em A MUSEOLOGIA SE TORNA UMA CIÊNCIA INDEPENDENTE, por requerer “regras que definam a abordagem [*approche*] especificamente museológica da realidade”. A partir desse ponto, se reveste a exposição de um caráter de postulação teórica<sup>138</sup>. O SISTEMA DA MUSEOLOGIA constitui o capítulo 6 de **Archeologie a Muzeologie**, de que A SELEÇÃO MUSEOLÓGICA e A TESAURIZAÇÃO MUSEOLÓGICA também fazem parte, como subteorias, juntamente com A COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA<sup>139</sup>, todas essas parcelas integrantes do Sistema. Em A MISSÃO DA MUSEOLOGIA, agora na condição de ciência, como fecho, retoma-se o caráter do sistema museológico e preconiza aos museus, como princípios fundamentais, a aplicarem: seleção, tesauroização (“constituição de coleções [de objetos

---

obtidos em outros países (SCHNEIDER, loc.cit.). A exposição de museu documentada pelo artigo na revista **Museum**. SCHNEIDER, Evzen. “La voie du musée”, exposition au musée Morave, Brno. **Museum**, Paris, v. 29, n. 4, p. 182-192, 1977.

<sup>135</sup> SCHNEIDER, Evzen. “La voie du musée”, exposition au musée Morave, Brno. **Museum**, Paris, v. 29, n. 4, 1977, p. 184. (grifo nosso, enfatizando a expressão do objeto da Museologia contida na afirmação).

<sup>136</sup> Ibidem, p. 189.

<sup>137</sup> O autor aborda a ocorrência e elevado grau de constituição de coleções a partir do século XVI. À p. 102 observa “a ascensão aparentemente irresistível dos museus nesse período [séc. XVI-XVIII] [...] explicada não só como indicador da expansão da curiosidade mas como uma tentativa de administrar uma ‘crise de conhecimento’ que se seguiu à inundação da Europa pelos novos objetos provenientes do Novo Mundo e de outros lugares [...] objetos que resistiam a se adaptar às categorias tradicionais”. (p. 102) Lembre-se que o museu Ashmolean liga-se à Universidade de Oxford, sendo criado ainda no escopo da revolução científica do século XVI, o empirismo. (BURKE, Peter. Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p.100 et seq.). Enuncia os nomes de pensadores contribuintes ao pensamento sobre os museus: Quiccheberg, Adam Olearius, Major, Neickelius, Lineu, Klemm, Graesse, Murray, Lichtwark, Treter, Coleman.

<sup>138</sup> Cita-se contribuição para essa construção teórica pelos museólogos e outros pensadores, como Rivière, Neustupný, Wittlin, Michajlovskaja, Cameron, Bauer e outros pensadores, como Bazin ou Malinovski, e pelas entidades como o ICOM e seus comitês, demais instituições criadas em diversos países após a 2ª Guerra Mundial; e os centros de formação em Museologia que “têm se multiplicado e aperfeiçoado”.

<sup>139</sup> Pelo conceito, mais apropriado nesse caso designar como comunicação de museu ou expográfica, nos termos da publicação do projeto de terminologia, dirigido por DESVALLÉES, André, dir. **Terminologia museológica**: proyecto permanente de investigación. ICOFOM/ICOFOM LAM. S/I: \_\_\_\_\_, maio 2000, ou à luz do que Stránský esclarece oportunamente.

documentos autênticos] representativas e seu enriquecimento sistemático”<sup>140</sup>) e comunicação.

Antes de se prosseguir, estacamos para reparar no conceito e termo “fenômeno”, uma vez associado e identificado a “museu”. Diante da naturalidade fenomênica do museu, primordialmente estabelecida por Stránský, trazemos as definições etimológicas do termo e de algum correlato.

**Fenômeno** (s.) 1570, "fato, ocorrência", a partir do latim tardio *phænomenon*, a partir do grego *phainomenon* "que aparece ou é visto", uso substantivo do particípio presente neutro de *phainesthai* "aparecer", passivo de *phainein* (ver *fantasma*). Significando "acontecimento extraordinário", registrado pela primeira vez em 1771. Plural [em latim e inglês] é *phenomena*.

**Fenomenal** (adj.) 1803, "da natureza de um fenômeno", um híbrido de *fenômeno* +-*al*. Significando "notável, excepcional" é de 1850. [Fenomenal] é um termo metafísico com uso próprio. Desviá-lo deste uso correto para outro emprego inadequado, fazê-lo ter a carga de *notável*, *extraordinário* ou *prodigioso* é um pecado contra o idioma Inglês. [Fowler]<sup>141</sup>

A palavra fenômeno provém do grego [...] [*phainomenon*] através do latim *phaenomenon*. Um fenômeno é algo que ocorre desde a imaginação até um objeto que pode ser visto. Daí a palavra *phainomenon*, particípio passivo (o sufixo – *meno*, como em *energúmeno* e *catecúmeno*) de [...] [*phainein* = brilhar, fazer brilhar, aparecer, mostrar, fazer ver], que literalmente significa “o que se mostra”.

Do verbo *phainein* também temos fantasia, epifania, afaníptero e sicofante. Este verbo vem da raiz indoeuropeia \**bha* – (brilhar) que deu [...] (*phos* = luz) e daí fósforo, fóton, fotossíntese, fototropismo, etc.

Também se chama fenômeno, coloquialmente, a uma pessoa que se sobressai em algum sentido; assim como também se pode chamar a alguma outra que é atroz ou abominável. De todo modo, esta segunda acepção tem caráter pejorativo<sup>142</sup>.

<sup>140</sup> SCHNEIDER, Evzen. “La voie du musée”, exposition au musée Morave, Brno. **Museum**, Paris, v. 29, n. 4, 1977, p.190.

<sup>141</sup> HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: <<http://www.etymonline.com/>>. [http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=phenomenon&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=phenomenon&searchmode=none). Acesso em: 22 fev. 2015. Phenomenon (s.) 1570s, "fact, occurrence," from Late Latin *phænomenon*, from Greek *phainomenon* "that which appears or is seen," noun use of neuter present participle of *phainesthai* "to appear," passive of *phainein* (see *phantasm*). Meaning "extraordinary occurrence" first recorded 1771. Plural is *phenomena*. Phenomenal (adj.) 1803, "of the nature of a phenomenon," a hybrid from *phenomenon* + *-al*. Meaning "remarkable, exceptional" is from 1850. [Phenomenal] is a metaphysical term with a use of its own. To divert it from this proper use to a job for which it is not needed, by making it do duty for *remarkable*, *extraordinary*, or *prodigious*, is a sin against the English language. [Fowler]

<sup>142</sup> La palabra fenómeno proviene del griego [...] [leer: *phainomenon*] a través del latín *phaenomenon*. Un fenómeno es algo que pasa desde la imaginación a um objeto que puede ser visto. De háí la palabra *phainomenon*, que es el particípio pasivo (sufijo –*meno*, como en *energúmeno* y *catecúmeno*) de [...]

Recorrendo-se ao dicionário de filosofia, no verbete fenômeno vamos nos encontrar com o pensamento de Immanuel Kant (1724 -1804), tanto para o conceito de fenômeno como para o complementar, númeno, apresentado depois.

Fenômeno- Algo que se mostra, revela ou manifesta na experiência. Na metafísica kantiana, os fenômenos são os objetos e os acontecimentos da forma como aparecem à nossa experiência, opondo-se aos objetos e aos acontecimentos, tal [sic] como são em si (númenos). Segundo a tese central de Kant, os primeiros são moldados pela natureza das nossas faculdades cognitivas: é por nossa causa que as coisas surgem no espaço e no tempo, causalmente conectadas. Em geral, os aspectos fenomênicos das coisas são os aspectos que se mostram a si mesmos, e não os aspectos teóricos que são inferidos ou postulados para explicá-los. 'Salvar os fenômenos' é teorizar de maneira a fazer justiça aos aspectos fenomênicos do assunto em causa: muitas vezes, os filósofos se acusam mutuamente por proporem teorias simplistas das coisas, que não conta de um ou outro aspecto dos fenômenos. Ver também Fenomenologia<sup>143</sup>.

Não há razão aparente para se questionar o sentido do termo no emprego a ele dado por Stránský, de que o museu é um dado sensível, observável e constatável, conforme, verdadeiro<sup>144</sup>, autêntico, talvez. O ponto discutível seria sobre a profundidade do uso do conceito, se avançaria para seu uso no sentido filosófico. Do que lemos diretamente do escrito por Stránský, e consideramos que tenha sido pouco, não encontramos lugar em que tenha definido o conceito e o termo fenômeno, o que pareceria indicar o recurso ao senso conhecido, corrente da palavra, não merecedora de reparo, precisão, especificação, especialização ou redefinição de acepção. Dirá Stránský, e tantos outros dirão, que o Patrimônio ou a Arqueologia são, igualmente, fenômenos. Pois, o que não seria fenômeno?

Para Kant, conforme a citação imediatamente anterior, “os fenômenos são os objetos e os acontecimentos *da forma como aparecem à nossa experiência*, opondo-se aos *objetos e aos acontecimentos tal como são em si (númenos)*.” Para efeito de clareza sobre a oposição conceitual kantiana, tem-se:

númeno (s.) 1796, "objeto de intuição intelectual" (em oposição a um fenômeno), termo introduzido por Kant, do grego *noumeno* "o que é

---

[phainein = brilhar, hacer brillar, aparecer, mostrar, hacer ver], que literalmente significa “lo que se muestra”. Del verbo phainein también tenemos fantasía, epifanía, afaníptero y sicofante. Este verbo viene de la raíz indoeuropea \*bha- (brillar) que dio [...] (phos = luz) y de ahí fósforo, fotón, fotosíntesis, fototropismo etc. También se llama fenómeno, coloquialmente, a una persona que sobresale em algún sentido; así como también se pode llamar a alguna otra que es atroz o abominable. De todos modos, esta segunda acepción tiene carácter peyorativo. ANDERS, Valentín. **Etimología de Chile**. Disponível em: <<http://etimologias.dechile.net/?feno.meno>>. Acesso em: 22 fev. 2015.

<sup>143</sup> BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. P. 146.

<sup>144</sup> Na acepção de “verdade”, para Heidegger, como “conformidade com as coisas”. HEIDEGGER, Martin. **O que é uma coisa?** Lisboa, Rio de Janeiro: Edições 70, 1992[?]. p. 42.

percebido", participio presente neutro passivo de *noein* "apreender, perceber pela mente" (de *noos* "mente"). Com sufixo passivo -*menos*<sup>145</sup>.

Suspeitamos, entretanto, que Stránský operasse com esse dualismo, embora também não tivéssemos acesso a fonte do autor em que apresentasse definição do termo usado, como no caso da palavra, do mesmo radical *noos*, de que deriva o termo noética, sendo "Noético (do gr., *noetós*: intelectual, da mente) aquilo que é do, ou que pertence ao intelecto ou mente; que se caracteriza pela atividade intelectual"<sup>146</sup>. Em uma consideração etimológica mais singela para noética, enquanto *noos* mantém o significado de mente, "ético" pode ser entendido como "pertencente a", obtendo-se: o que pertence ou é relativo à mente<sup>147</sup>.

E nos perguntamos se, ao usar o conceito de fenômeno e de se referir à importância da noética para a Museologia, o museólogo checo estaria articulado à ou articulando a corrente filosófica da fenomenologia?

Retomemos o dicionário de filosofia!

**fenomenologia** Termo que surgiu no século XVIII, nas obras de Johann Heinrich Lambert (1728-77) e de Kant, para denotar a descrição da consciência e da experiência, abstraindo de considerações sobre seu conteúdo intencional (*Ver* intencionalidade). Em Hegel, a fenomenologia é, em vez disso, a investigação histórica da evolução da autoconsciência, que se desenvolve a partir da experiência sensorial elementar, até alcançar processos de pensamento completamente racionais e livres, capazes de engendrar

---

<sup>145</sup>ANDERS, Valentín. **Etimologia de Chile**. Disponível em: <[http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=noumenon&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=noumenon&searchmode=none)>. Acesso em: 22 fev. 2015. Noumenon (s.) 1796, "object of intellectual intuition" (opposed to a *phenomenon*), term introduced by Kant, from Greek *noumenon* "that which is perceived," neuter passive present participle of *noein* "to apprehend, perceive by the mind" (from *noos* "mind"). With passive suffix -*menos*. HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: <[http://etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=noumenon&searchmode=none](http://etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=noumenon&searchmode=none)>. Acesso em: 22 fev. 2015.

<sup>146</sup>BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 268. O verbete remete aos termos *hylê* e *noema*, a saber: "*hylê* (*hylas*) gr., matéria) O substrato das coisas materiais que Aristóteles pensava precisar de uma forma para fazer uma coisa. [...]". Idem, op. Cit. p. 189. "Noema - Termo utilizado por Husserl de forma um tanto confusa. Os elementos "noéticos de um ato intencional (tais como ver ou planejar) são aqueles que lhe dão sentido; que transforma os dados sensoriais inertes, ou hiléticos, em algo com significado. Noemata são os elementos que fazem esta conversão. "A casa-como-intencionada", "a árvore -como-percebida" e até o "noemático 'objeto no como'", são algumas das explicações do próprio Husserl. Ainda que os comentadores tenham sugerido várias interpretações, não há razão consensual para pensar que existe algo que corresponda a esses termos." Idem, op. Cit. p. 268

<sup>147</sup>Ethic (n). late 14c., *ethik* "study of morals," from Old French *etique* "ethics, moral philosophy" (13c.), from Late Latin *ethica*, from Greek *ethike philosophia* "moral philosophy," fem. of *ethikos* "ethical," from *ethos* "moral character," related to *ethos* "custom" (see *ethos*). Meaning "moral principles of a person or group" is attested from 1650s. HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: <[http://etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=ethic&searchmode=none](http://etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=ethic&searchmode=none)>. Acesso em: 22 fev. 2015; A palavra "ética" vem do grego *ἠθικός* (*ethikos*), e significa aquilo que pertence ao *ἦθος* (*ethos*), que significava "bom costume", "costume superior", ou "portador de caráter". ÉTICA. Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89tica>. Acesso em: 22 fev. 2015.



conhecimento. No século XX o termo está associado à obra de e à escola de Husserl. Seguindo as ideias de Brentano, Husserl percebeu que a intencionalidade era a marca característica da consciência, e viu nela um conceito suscetível de ultrapassar o dualismo tradicional mente-corpo. O estudo da consciência, portanto, diz respeito a dois aspectos: uma experiência consciente pode ser vista como um elemento do fluxo da consciência, mas também como algo que *representa* um aspecto ou ‘perfil’ de um objeto. Apesar da rejeição do dualismo por Husserl, sua crença na existência de algo que permanece depois da *epochê*, ou suspensão dos conteúdos da experiência, o associa à prioridade dada às experiências elementares na doutrina paralela do fenomenismo, e a fenomenologia acabou por sofrer, em parte, com a superação dessa abordagem aos problemas da experiência e da realidade. Contudo, fenomenólogos mais recentes, como Merleau-Ponty, fazem plena justiça à natureza mundo-envolvente da experiência<sup>148</sup>.

Fenomenologia e consciência, ou processo mental; perceber e refletir, quem sabe avaliar e decidir para selecionar, para musealizar em um museu? Não temos elementos para afirmar o partido cognitivo que Stránský tomou ou mesmo assumiu, parecendo-nos que, cuidadoso com o nível terminológico dos enunciados da ciência que pretendeu, ele diz o que diz e explica como quer que seja lido e compreendido. Se não o disse, se não nos indicou outra direção, parece bastante razoável ter estipulado o que e como pensava, nos limites da expressão que faz e dá ao seu pensamento. Portanto, seria ultrapassar suas intenções atribuir-lhe outro caráter, o filosófico, ou outros significados ou a *arché* etimológica, se não os pretendeu: É O QUE É!

Retomando o percurso de consideração à obra **Archeologie a muzeologie**, cabe compreender o título da obra que enuncia a Arqueologia e a Museologia, constando tratar o Índice fundamentalmente de Museologia. No Sumário em inglês do livro recuperam-se, em síntese, os arrazoados que nos dão conta da intenção do autor de aproximar as duas disciplinas, Arqueologia e Museologia, de modo a estarem combinadas em currículos universitários<sup>149</sup>. Efetivamente, talvez por considerar a Arqueologia como disciplina científica bem resolvida e, pelo viés científico, sobrepujando a Museologia, caberia tratar, então, do lado menos desenvolvido, o da Museologia, a que se dedica<sup>150</sup>, pelo que estabelece e se orienta à resposta, nesta obra,

---

<sup>148</sup> BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p.146. Grifo nosso.

<sup>149</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. Sumário, p. 266. Na frase de abertura do Sumário, declara-se a caracterização da obra: “This publication is a theory-based attempt of the author to shed light on the dissociation of *archaeo* – and *museo- phenomena*, a process which began in the course of the 20th century and culminated at its turn”. p. 263. E, à página 266, confere à publicação o caráter de manual, como se segue: “The book is structured in a way to allow for its use as an implementation handbook for the curricula mentioned above [currículos universitários combinados de arqueologia e museologia].”

<sup>150</sup> Registre-se a caracterização como *fenômeno* também aos elementos arqueológicos. Menciona o “*relic approach*” disciplinar da Arqueologia, p. 264. Nessa mesma página, o sumariizador recupera o conceito adotado para “*feinomenon*”: “The author focuses on *events*, i.e. the processes linking the past with the present and the future and, doing so, draws upon a specific source basis – that of *relics* and *musealia*. In

à pergunta: “A museologia, cujo estabelecimento como disciplina é um fato histórico hoje, portaria os signos da ciência e obedeceria a critérios científicos contemporâneos?”<sup>151</sup>

A organização do conteúdo da obra **Archeologie a muzeologie** [Arqueologia e museologia] se desenvolve partindo a) da consideração sobre a base material identificada pela sociedade como elemento de valor, de saliência; b) ao processo de distanciamento no seio social imediato para ser legitimado enquanto herança em museus; e c) à compreensão, então, fenomênica, dessa construção social e suas especializações derivadas das coleções que a sociedade possua contidas em museus. À Museologia em suas fases segue-se a teorização sobre a Museologia, Metamuseologia, condição para sua análise enquanto sistema epistêmico, dados os seus conteúdos. Analisada e embasada a Museologia na perspectiva científica, o autor, então, considera ter reunido as condições para dispor, face a face, a Museologia e a Arqueologia como disciplinas científicas correlacionadas, o que as habilita a compartilharem programas de formação acadêmica.

Na perspectiva de nossa intenção tética, nessa obra de Stránský se destaca o capítulo 5, que trata da Metamuseologia, a que nos dedicaremos a seguir. Caracterizando, de

---

both cases, the *source* of cognitive intention of the disciplines is the objective, *specific reality perceived by senses*”. E prosseguindo, imediatamente, apresenta a definição de Musealidade: “What makes the difference is the approach to scientific explanation of relics of historical phenomena and of their value for culture and collective memory, i.e. *museality*”. A abordagem pelas relíquias, para a Arqueologia, e pela musealia, para a Museologia, constituem as “fontes” fenomenais da intenção cognitiva, do objeto epistêmico, de ambas as disciplinas. Musealia, *Muzeálie*, no glossário dessa obra de 2005, p. 256, vem definida como “objeto autêntico selecionado que representa um valor cultural de museu, usualmente designado como objeto de museu”. Em alguns casos, como neste, traduzimos ao português a partir de tradução do checo para o inglês, a nosso pedido, por Vinos Sofka e Suzanne Nash, em 2008: “selected authentic object which was selected, and is representing a cultural museum *value*, usually designed as a museum object.”). Os *eventos*, processos que, para o autor, ligando o passado com o presente e o futuro, o fazem através de uma fonte / base *específica* (*reliquia e museália*), enquanto que a fonte da intenção cognitiva para as disciplinas Arqueologia e Museologia é a *realidade* objetiva e *específica* percebida pelos sentidos (fenômeno).” O curto e condensando excerto representa o cerne da proposição disciplinar da Museologia, esclarecendo os termos e seus contextos de apropriação: “específico”, “realidade”, “fenômeno”. Já na página 263 do Sumário, o termo “específico” ocorre: “The author defines the forms of appropriation of cultural reality specific of the two approaches [arqueológico e museológico] [...]”. Referindo-se a Museu como fenômeno, ainda nessa página, os termos “específico” e “realidade” reaparecem ao dizer: [...] “the author presents an overall characteristic of the museum-phenomenon [que mais adiante dirá datar de desde a antiguidade, tratando de sua evolução no capítulo 4]. He refers to the evolution of terminology related to this phenomenon in a historical context, and explains the *especific* nature of appropriation of *reality* through museum activity as opposed to other activities, such as collection building” [...]. Continuando nessa linha de recuperação, [...] “the logical structure of museology, with principal attention given to the cognitive domain of museology which he [o autor, Stránský] regards as identical with *musealisation of reality* based on the *value* category of *museality*”. Interessa salientar as equivalências stranskyanas entre “musealização da realidade” e o objeto, o campo cognitivo (“cognitive domain”), da Museologia, baseada na Musealidade, um valor. Itálicos do autor, grifos nossos.

<sup>151</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyšlav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. Sumário, p. 263. “Does museology, the establishment of which as a discipline is a historical fact today, bear the signs of science, and does it meet contemporary scientific criteria?”

partida, o contexto filosófico-científico, o autor, na parte subsequente, ao discorrer sobre a composição lógica da Museologia, nela faz reconhecer os elementos caracterizadores de uma disciplina científica - campo [domínio] cognitivo, metodologia, terminologia e sistema- objetivamente enunciados desde o *Predmet*: “Se a museologia é uma disciplina científica, assim – isso surge da terminologia geral própria – tem que ter o objeto, método e sistema transparentes e possíveis de serem definidos”<sup>152</sup>. Finaliza escrevendo sobre a posição da Museologia no sistema das disciplinas científicas.

Passemos à resenha do conteúdo da Metamuseologia<sup>153</sup>, conforme a instituição dada por Stránský. Para ele, “O pensamento metateórico se formou somente no final de século XIX e, principalmente, no século XX”<sup>154</sup>. Para o campo da Museologia, Stránský afirma que muitos se interessaram por defini-la como disciplina científica, no século XX, “Mas eles ficavam limitados demais em pensamentos tradicionais – podemos dizer museográficos – e não perceberam que a questão não se decide somente pela prática ou pelos desejos, mas pelos princípios objetivos”<sup>155</sup>. Para mais completa compreensão dos fundamentos e referenciais de Stránský para este capítulo, anexamos a lista das referências que nele faz<sup>156</sup> (Anexo 2).

Não basta a afirmação ou se firmar uma disciplina sobre uma história, mesmo que extensa, devendo-se observar na contemporaneidade a indispensabilidade social do fenômeno museu: o binômio museologia – museu, repare-se. Assinala a relação histórica do pensamento museológico com o pensamento filosófico, científico e cultural, além de marcado pelas mudanças sociais e a importância de [...] “fatos da realidade,

---

<sup>152</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. *Predmet muzeologie*. In: \_\_\_\_\_. ed. **Sborník materiálu prvého muzeologického sympozia**. Brno: Museu da Morávia, 1965. p. 31.

<sup>153</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p. 105-117. Na epígrafe que abre o capítulo 5, o pensador checo cita, da Wikipedia, consultada por ele em 2004, o termo “Metateoria é a teoria, cujo objeto de pesquisa é uma outra teoria ou várias teorias. Observa a estrutura lógica desta teoria, seu sistema terminológico, suas fronteiras, suas possibilidades de desenvolvimento...” p. 105, apud Wikipedia, 2004. Na mesma página, no corpo do texto, dá conta de que [...] “introduzi o termo metamuseologia ao pensamento museológico, que não significa museologia em geral, mas uma avaliação filosófico-teórica da museologia como uma possível disciplina científica, isto é, a *teoria da museologia* “e que essa sua abordagem ocorre desde seus textos de 1965 (sic, em relação às referências do livro), 1995 e 2000. Aponta como seguidores Friedrich Waidacher (**Handbuch der Allgemeinen Museologie**. Viena, Colônia e Weimar: 1993.) e Peter van Mensch (Museology as a scientific basis for the museum profession. In: **Professionalising the muses: the museum profession in motion**. Amsterdam: AHA Books, 1989), “que reconheceu a indispensabilidade desta orientação.”

<sup>154</sup> STRÁNSKÝ, op.cit., p. 105.

<sup>155</sup> Ibidem, loc.cit.

<sup>156</sup> Durante o processo de leitura e de fichamento eletrônico a partir da tradução do checo que agenciáramos, à medida que avançava, procedia à elaboração de uma lista de referências, que ora dispomos, apresentadas ao se desdobrar o texto, copiando-as da literatura constante do **Archeologie a muzeologie**, às páginas 207 a 251. Para a tese, as referências das obras foram revistas, não exaustivamente, e dependendo da disponibilidade da equivalência de dados de imprensa, em português, inglês ou neolatina, quanto a títulos, especialmente na complementação dos subtítulos, casas editoras, data de edição e, em alguns casos, busca pelo título em inglês ou assunto do título em português.

que pressionam por mudanças na cultura dos museus”<sup>157</sup>. No momento atual, a humanidade resultante do primado da razão, do totalitarismo, da técnica e do materialismo, enfrenta uma crise global, na perda do entendimento do papel da natureza, exacerbando-se o poder da ciência, o consumo – em que tudo é produto, a polarização extrema entre matéria e espírito, este tendo sido destituído, as *drogas culturais* e a hiperrealidade – com a perda da missão central que a cultura tem para a humanidade e a humanização. Nessa interpretação apocalíptica, Stránský formula a questão: “Temos pelo menos alguma esperança?” e transcreve David Bohm:

Sem espírito científico e artístico não podemos chegar à espiritualidade geral e contínua. A descontinuação da espiritualidade não ajuda em nada. Podemos dizer que a ciência, artes e espiritualidade são as bases do conteúdo da cultura. Se estes agentes básicos são separados, não podemos ter a cultura completa, coerente. E por que a cultura é um significado compartilhado, nem podemos ter este contínuo significado compartilhado. Assim, a nossa cultura teria pouco ou nenhum significado. Sem significado, a nossa sociedade será destruída<sup>158</sup>.

Por essas alegações conclui a justificação da persistência dos museus na contemporaneidade social e de seu “papel insubstituível na cultura e também no pensamento cultural do Homem e de toda humanidade”, para afirmar: “É esta a tarefa da museologia”<sup>159</sup>.

Equipar a museologia para este papel importante é uma tarefa filosófica e científica muito especial. Para isso precisa-se de focos cognitivos próprios, utilização de métodos especiais, linguagem formalizada e também elaboração de um sistema teórico adequado<sup>160</sup>.

Assumem os museus, talvez, um caráter de bastião ou de redentor da cultura e condição de humanidade do homem; e imputa à Museologia, sim, à Museologia, a missão de calçar os museus para cumprimento do papel por ele identificado para eles. Destaca-se a ênfase na filosofia, como pensamento, e na ciência como ordenador epistemológico, retomando o quarteto dos referências cognitivos (corpo conceitual), metodologia, terminologia e sistema disciplinar.

Tendo colocado a questão da relevância de se tratar a Museologia do ponto de vista teórico e o da significância de sua tarefa face ao fenômeno museu perante a crise da humanidade que precisara, Stránský passa a se dedicar ao contexto *filosófico* –

---

<sup>157</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. P.105.

<sup>158</sup> BOHM, David. **Rozvíjení významu: Víkendový dialog** [Unfolding Meaning: A weekend of dialogue with David Bohm]. Praga: 1992; STRÁNSKÝ, Zbynek Z. Muzealizace v kontextu ekologické a kulturní krize. In: \_\_\_\_\_. Ed. **Museologica**, II. Banská Bystrica: UMB, 2001. p. 207. Apud STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p.107.

<sup>159</sup> STRÁNSKÝ, op.cit., p.107.

<sup>160</sup> Ibidem, loc. cit. Grifo nosso.

*científico* da Museologia. Partindo do museu, desde sempre identificado com sua tendência a guardar<sup>161</sup>, implicada na musealização<sup>162</sup>, fenômeno cujo estudo da motivação não se dá através de uma disciplina que trate de museus, mas pela Museologia, na reflexão sobre o princípio e o sentido da relação de musealização entre o homem e a realidade, poderemos entender os “instrumentos institucionais, que podem facilitar a realização desta relação”<sup>163</sup>.

Recorrendo à filosofia, a Museologia se relaciona com os seus campos da Ontologia e Axiologia<sup>164</sup>. Quanto à ciência<sup>165</sup>, considera que, apesar da persistente dominância do paradigma cartesiano-newtoniano, a Museologia também se beneficiaria de um novo paradigma para a sua definição e de sua posição, desprendendo-a das “amarras do positivismo”. Por essa via, a Museologia dialoga com os estudos sobre a memória (do mundo inorgânico, orgânico, psíquico, social e espaço cósmico), com a ecologia e sua

---

<sup>161</sup> E transcreve Umberto Eco: “A pós-modernidade musealiza a modernidade, respectivamente ela nasce quando a modernidade vira museu.” “postmoderna muzealizuje modernu, resp. ona se zrodí, az se moderna stane muzeum.” ECO, Umberto. Interview mit Umberto Eco. In: **Süddeutsche Zeitung**, n. 269, 1985. Apud STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p. 107.

<sup>162</sup> Refere-se a outros autores que trataram da musealização: WESCHENFELDER, K. *Museale: Gegenwartsdokumentation*. In: ZACHARIAS, W. ed. **Zeitphänomen Musealisierung**. Essen: 1990. p.180-188; ZACHARIAS, W. ed. **Zeitphänomen Musealisierung**. Essen: 1990; STURM, Eva. **Konservierte Welt. Museum und Musealisierung**. Berlim: 1991; FLUGEL, K., ERNST, W. ed. **Musealisierung der DDR? 40 Jahre als kulturhistorische Herausforderung**, Hochschule ur Technik, Wirtschaft und Kultur. Leipzig: 1992; HERLES, D. **Das Museum und die Dinge**. Munique: 1996.

<sup>163</sup> STRÁNSKÝ, op. cit., p. 108. “Isso quer dizer, que o nosso ‘*pensamento museológico*’ não pode atuar somente na área da metodologia e da técnica aplicada aos museus, como infelizmente encontramos na maioria das vezes hoje em dia, mas temos que agregar pensamentos filosóficos e científicos contemporâneos.” Stránský, na continuidade, defende a existência e desempenho em museus de profissionais com formação específica para o setor museístico. Argumenta sobre a adequação de a Museologia, em sendo ciência, e como tal não se ocupar de seus resultados agradarem ou não. A afirmação de que [...] “pode acontecer que a ausência de museologia científica dará origem a várias ‘museologias populares’” (MAYRAND, Pierre. **Sens et enjeux de la muséologie populaire**. 1985. (manuscrito)) nos leva ao questionamento que, se a nova museologia incorpora ou considera as “museologias populares”, em caso afirmativo, então, ela não seria científica, nos termos oponentes e excludentes de Stránský. Na página 114, abordando a metodologia da Museologia e o caráter de responsabilidade do museólogo no exercício de identificação do valor cultural daquilo passível de ser musealizado, faz pensar que o termo “populares” esteja conceituado à luz dos regimes comunistas, baseados ideologicamente no povo e, assim, “populares”, diverso do sentido a que recorreremos no Brasil, de algo ou ideia não oirundo ou próprio da elite, por exemplo: “Este tipo de trabalho pode estar em vários casos em contradição com os valores populares, como foi particularmente nas épocas de regimes totalitários. Mas podemos encontrar este fato também hoje em dia contrariando interesses de partidos políticos ou de vários movimentos”.

<sup>164</sup> Ibidem, p. 108. À página 111, refere-se à presença da noética em sua formulação no texto *Predmet*, de 1965.

<sup>165</sup> Stránský recorreu para aspectos científicos, em seu texto de 1965, a Kusý sobre a teoria marxista do conhecimento e a Filkorn (lógica). O apoio para a abordagem científica, explicitadamente, é creditado a Miroslav KRÁL, como na obra **Zmena paradigmatu vedy** [Mudança do paradigma da ciência]. Praga: 1994. Empregamos o termo “explicitadamente”, pois a quadripartição de corpo conceitual, terminologia, metodologia e sistema disciplinar, já constantes desde o artigo de 1965, bem poderiam ser creditados a Kusý.

interface com a cultura, orientadas para a ecomuseologia, proposta pelo autor<sup>166</sup>, e ainda no sentido da museologia alternativa, conceito criado por Stránska<sup>167</sup>.

No concerto da filosofia e da ciência contemporâneas, o caráter é o do relacionamento multidisciplinar e interdisciplinar, sem hierarquia de subordinação, mas de cooperação entre as disciplinas.

Situado o contexto, a atenção de Stránský se nos conduz aos componentes científicos da Museologia, apresentando o seu modo de ver a afirmação da Museologia como ciência:

O desenvolvimento mencionado do pensamento museológico e sua contínua diferenciação da museologia como disciplina própria, que culminou no final do século XX, não somente em várias formas institucionais, mas, em boa parte, na própria profissionalização, deve constatar que a museologia já se tornou uma disciplina científica definida e que tem seu papel na ciência em geral, como também sua missão já penetrou no pensamento de pessoas que trabalham em museus e reflete, ainda, cada vez em maior número, em outras disciplinas científicas<sup>168</sup>.

Opostamente a essa percepção, Stránský observa que a Museologia a) não adentrou as portas do reino da ciência, b) somado ao fato de que há, abertamente, rejeição à Museologia enquanto disciplina no seio do sistema científico, pelos pares cientistas e no ambiente universitário, enquanto que c) no espaço dos museus, os próprios trabalhadores não dão atenção à produção museológica:

Isso às vezes é resultado do conhecimento deles que só veem museologia na parte institucional de museus e não veem a particularidade desta disciplina e seu enriquecimento, não somente na cultura de museus, como para ciência em geral e diferentes disciplinas científicas<sup>169</sup>.

Para a Museologia se confrontar com essa posição que a ela negam é preciso que ela se estruture como e enquanto ciência, em termos de corpo conceitual, terminologia, metodologia e sistema do seu conteúdo disciplinar<sup>170</sup>.

Na sua construção epistêmica, de buscar os elementos estabelecidos da Museologia como ciência, mediante os referenciais teóricos que tomou, o autor necessita precisar

---

<sup>166</sup> Cf. STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. Das Öko-Paradigma und die Museologie. **Museum Aktuell**, 51, 2025-2028. 1999; \_\_\_\_\_. Potrebujeme eko-muzeologii? **Múzeum**, 45, 2, 18-20. 1999; \_\_\_\_\_. Pojem kulturní dedictví. In: **Acta histórica et museologica Universitatis Silesianae Opaviensis**. 5, Opava, SLEZSKÁ UNIVERZITA, 2000. p. 65-69; ou **Úvod do studia muzeologie**. 2.ed. atualizada. Brno: Universidade Masaryk, 2000. 169p.

<sup>167</sup> STRÁNSKÁ, Eva. **Alternativna muzeologie?** Museologica. I. 71-80, 2000. Apud STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. Archeologie a muzeologie. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p. 109.

<sup>168</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. Archeologie a muzeologie. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p. 109.

<sup>169</sup> Ibidem, p.110.

<sup>170</sup> Ibidem, loc.cit.

um campo cognitivo, o que a Museologia quer conhecer, fundamental ao que se poderá desdobrar no âmbito das formulações conceituais, metodologia, terminologia e sistema disciplinar a esse objeto identificado.

A definição do objeto cognitivo da museologia tem importância definitiva para a defesa e o próprio perfil da museologia como ciência e seu papel na cultura dos museus, e também ao mesmo tempo em todo sistema da ciência contemporânea<sup>171</sup>.

É muito importante no sistema das ciências que esta intenção cognitiva não se encontre no campo de visão de nenhuma outra disciplina de ciência<sup>172</sup>.

O setor de museus, a cultura de museus, na designação stranskyana, assistiu à projeção de diversas disciplinas científicas em seu interior, na maioria descritivas e distantes dos novos paradigmas filosóficos e científicos que, em sua defesa territorial, obstaram a Museologia como principal disciplina em museus. Por seu turno a teoria do museu se centrava nos próprios equipamentos de museus, coleções e mesmo os seus edifícios, assuntos identificados com a fase museográfica do desenvolvimento epistêmico da Museologia<sup>173</sup>, tão longa e difícil de ser ultrapassada, ainda hoje<sup>174</sup>.

[...] “ressaltei [no *Predmet*, de 1965] que não estou omitindo as suas formas institucionais do campo de visão desta disciplina científica, quer dizer, o museu”<sup>175</sup>. Mas

---

<sup>171</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p.110.

<sup>172</sup> Ibidem, p.111.

<sup>173</sup> Cf. STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Capítulo 4.

<sup>174</sup> Ibidem, p. 110 -111. A importância da missão cultural e do papel científico do museu, atribuída por teóricos como Quiccheberg, Major, Leibniz, Goethe e Klemm declina no decorrer do século XIX e no início do século XX. Para enfrentar a crise, se socorre nos interesses educacionais da sociedade, destacados após a segunda Guerra Mundial.

<sup>175</sup> Ibidem, p. 111. Prosseguindo, na mesma vertente da contribuição do Museu à postulação da Museologia como disciplina científica, e para falar do seu conceito de Musealidade, escreve: “Prestei atenção à história do fenômeno dos museus e cheguei à conclusão que o nascimento do fenômeno sempre é motivado pela relação de valores entre Homem e realidade. Esta relação motivou a seleção autêntica de representantes destes valores e o requerimento de sua conservação, mas também sua apresentação na intenção desta cognição na missão de criadora de cultura. Assim cheguei à definição do termo *musealidade*, popularmente entendido como um valor da cultura e memória.” Demonstração da fertilidade da criação de conceitos e de termos, transcrevemos: “Junto com a palavra *musealidade*, trabalhamos já no início dos anos 70, junto com Wilhelm ENENBACH com o termo *musealização* (Musealisierung) – (**Muzeologické sesity** [Cadernos Museológicos] 1979, VII.), que descrevemos como um processo de adquirir *musealidade*.” p. 111. E mais: Com o termo *musealização* opera ex: Jean-Francois (sic) LYOTARD [S.t. S/l: s.e] (1985) [sic. Obra não identificada nas referências do livro **Archeologie a muzeologie**], JEAN BOUDRILLARD (sic) [BAUDRILLARD, Jean-François; **Agonie des Realen**. Berlim: (1978), 1978), Henry Pierre JEUDY [Die Musealisierung der Welt oder Die Erinnerung des gegenwärtigen. **Ästhetik und Kommunikation**, 67/68, 23 an. 1987. ou **Die Welt als Museum**. Berlim: 1987] (1987) e Hermann LUBBE [**Das Fortschritt und das Museum**. Londres: 1982. (1982, 1990 (sic)). Boudrillard (sic) usa o termo “*Museificação*” [*Museifizierung*] mas isso significa pela explicação dele “levar algo ao estado em que não pode mais mudar e que também não pode mais morrer: as realidades estão sendo congeladas, esterilizadas e protegidas contra o fim ou a morte” (BOUDRILLARD (sic) [BAUDRILLARD, Jean. **Agonie des Realen**. Berlim: 1978] 1978, STURM 1990(sic) [STURM, Eva. **Konservierte Welt. Museum und Musealisierung**. Berlim: 1991.] p.99). Wolfgang ZACHARIAS organizou um encontro no ano de 1988 em Munique para a questão da musealização e os documentos foram publicados com nome de Zeitphänomen (sic) [Zeitphänomen] Musealisierung [ZACHARIAS, W. ed. **Zeitphänomen Musealisierung**. Essen:1990] (1990). Conforme as suas conclusões, “o valor museal não se materializa e (não) dá visibilidade ao objeto, mas tem um caráter totalmente imaterial, trata-se de uma experiência do caminho do objeto através do tempo e sua

cabia distinguir o campo cognitivo em relação aos museus. E define o campo cognitivo da Museologia como o da musealização da realidade, pelo que determina que alguma coisa tem e outra não tem valor para o Homem e a sociedade, aquele dito valor museológico, igual a valor de cultura e memória<sup>176</sup>.

É importante perceber que se trata de alguma relação de valores com a realidade, quer dizer que não é importante o conhecimento em si desta realidade, mas trata-se da identificação de tais entidades, que representam os valores culturais, cujas seleções, conservação e utilização influenciam o próprio desenvolvimento da cultura<sup>177</sup>.

Assim, para Stránský, [...] “no centro da intenção cognitiva da museologia encontra-se o processo de musealização da realidade [...] motivado pelo valor de musealidade<sup>178</sup>, de

---

interpretação e importância” (ZACHARIAS, W. ed. **Zeitphänomen Musealisierung**. Essen: 21-24). De acordo com isso, ele aponta para Waldenfels, que disse que “o que resulta em musealização é ultrapassagem do museal sobre a vida em nome da conservação dos traços da vida e preservação de fenômenos de vida” (WALDENFELS [WALDENFELS, B. **Stachel des Fremden**. Frankfurt: 1990] (1990). Eva STURM [**Konservierte Welt. Museum und Musealisierung**. Berlim: 1991] (1991) publicou a monografia sobre este processo de que alguma coisa está se tornando museal. Eu também dediquei muitos trabalhos à elaboração da aplicação deste termo na identificação da *especificidade* da abordagem museológica à realidade (STRÁNSKÝ 1971, 1980, 2002 (sic)) [STRÁNSKÝ, Zbynek Z. Der Begriff der Museologie. In: JELINÉK, Jan. ed. **Muzeologické sesity**. Supplementum 1, Einführung in die museologie. Brno: UJEP, 1971.p. 14-39; ou Úvodem k diskusi o pomeru muzeí, galerií a památkové péče. **Muzeologické sesity**. 1971, 3, 77-88, ou Grundlagen der Allgemeinen Museologie. **Muzeologické sesity**. Supplementum 1, Einführung in die museologie. Brno: UJEP, 1971. p. 40-68; STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Úvod do studia muzeologie**. Brno: UJEP, 1980 [1979?]; ou Museology as a science: a Thesis. **Museologia**. 1980, n. 15, 33-39; 2002 (sic) (obra não identificada nas referências do livro **Archeologie a muzeologie**)]. “Apontei nestes trabalhos que este termo tem sentido em relação à musealidade. Esta é a motivação deste processo e o guia até o fim, quer dizer, adquirir e conservar os representantes da *musealidade* e sua aplicação dos valores criadores-culturais e sociais. Já é característico que o termo *musealização* apenas muito lentamente e com dificuldades começou a penetrar na cultura de museus. É muito característico que a (p.113) importância deste termo foi mais cedo identificada pelas pessoas fora dos museus (JEUDY 1987 [JEUDY, Henry Pierre. Die Musealisierung der Welt oder Die Erinnerung des gegenwärtigen. **Ästhetik und Kommunikation**, 67/68, 23 an. 1987. ou Die Welt als Museum. Berlim: 1987.], WESCHENFELDER 1987 (sic) [WESCHENFELDER, K. Museale: Gegenwartsdokumentation. In: ZACHARIAS, W. ed. **Zeitphänomen Musealisierung**. Essen: 1990. p.180-188], STURM 1991) [STURM, Eva. **Konservierte Welt. Museum und Musealisierung**. Berlim: 1991]). Em nosso país [República Checa], os primeiros a utilizar este termo foram Josef Benes e Jiri ZALMAN. Ele também identificou que este ponto de vista traz uma mudança de qualidade radical ao nível do trabalho de museus. Ele opera também com o termo *metarrealidade* e conclui que “no mesmo momento que o mundo real é caótico, complicado, muitas vezes impossível de entender e impossível de saber o que vai acontecer, o reflexo deste mundo compilado pelas coleções de museus é organizado, visível e possível de entender”. Por isso ele também faz constar que “museus, que são capazes de conduzir musealização, assim ganham mais importância ultrapassando muito o nível de instituições colecionadoras” (BENES 1991 [BENES, Josef. Muzealizace a její místo v muzeologii. **Múzeum**, 3, 1-7. 1991. ou Význam a vývoj muzeologie v českých zemích, **Muzeologický bulletin**, 1, 9-26. 1991.], ZALMAN 2003:200 [ZALMAN, J. Muzealizace jako názor k odžití minulých jevu. In: **Muzea v procesu transformace/Museum in Transformation Process**, 199-203. Brno, 2003.]. STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p. 112-113. Grifos nossos.

<sup>176</sup> Para efeito de ênfase, acompanhamos os grifos do autor a essas locuções. Na mesma página 111, para continuar destacando a importância do museu para a Museologia, Stránský expressa que “Somente com este ponto de vista podemos avaliar os instrumentos com os quais pode ser realizado o conhecimento da maneira mais efetiva. E o instrumento mais importante hoje em dia, no decorrer do desenvolvimento deste fenômeno, sem dúvida alguma, é o museu”.

<sup>177</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p. 111.

<sup>178</sup> Aproveitando-se a oportunidade, transcrevemos o uso dos termos Musealidade e Musealização por outro pensador da Museologia. “O conceito de *musealidade* surgiu seguindo a abordagem da museologia a partir da filosofia, da semiologia e da ciência da informação. Este conceito cobre a maior parte das qualidades não materiais do objeto ou dos conjuntos do patrimônio cultural ou, em um sentido mais delimitado, os objetos do museu. *Musealidade* é a característica de um objeto material que, em uma



caráter cultural e memorial<sup>179</sup>. Criador e continuador, esse valor, para a cultura, para sua consciência e conhecimento dos indivíduos e da sociedade, evidencia sua representação, do que participou ou participa da formação da cultura material. “É de igual importância que o valor destes representantes esteja conectado em acordo ôntico

---

realidade, documenta outra realidade. É um documento do passado em tempo *presente*. No museu, é um documento do mundo real; dentro de um espaço é um documento de outras relações espaciais. Portanto, os objetos de um determinado tempo e lugar podem documentar diferentes sociedades, já que são testemunhos de seu desenvolvimento. Em um lugar determinado, têm a capacidade de documentar o tempo de sua origem ou o passar do tempo e o *status* social que representaram. Um objeto usado ou descartado pode documentar o tempo e o lugar a que pertenceu ou algum outro momento do tempo passado de que somente subsistem tenues indicações. *Musealidade* é um valor imaterial ou o significado de um objeto que nos dá razão ao motivo de sua *musealização*. (MAROEVIC, Y. **Uvod u muzeologiju** [Introdução à Museologia] Zagreb: Zavod za Informacijske Studije Filozofskog Fakulteta u Zagrebu [Departamento de Estudos da Informação / Faculdade de Filosofia em Zagreb], 1993. p.96-97). *Musealização* é o processo que permite ao objetos *existir* dentro de um contexto museológico. O conceito de musealidade nos permite reconhecer e identificar dois tipos essenciais de informação: científica (seletiva) e cultural (estrutural). A informação cultural não está ligada à classe de informação científica, que pode ser lida em forma precisa e imediata, a partir da estrutura material do objeto. É muito variável: aparece e desaparece de acordo com o sistema de valores con que está estruturada (ético, estético, político, e assim sucessivamente). É, com efeito, a base do que chamaremos memória. A memória que está contida no conceito de patrimônio cultural, é um sistema de associações em um contexto dado (físico e social) que muito frequentemente determina a categoria e amplitude das conotações. É suficiente recordar o “*teatro da memória*” nos tempos do Maneirismo (HOOPER-GREENHILL, E. The Museum in the Disciplinary Society, in: PEARCE, S. ed. **Museum Studies in Material Culture**. Leicester: Leicester University Press, 1989: 61-72. p. 65) para não encontrar dificuldade em relacionar o conceito de informação cultural com o fenômeno da memória.” “El concepto de *musealidad* apareció siguiendo el abordaje de la museología desde la filosofía, la semiología y las ciencias de la información. Este concepto cubre la mayor parte de las cualidades no-materiales del objeto o de los conjuntos del patrimonio cultural, o en un sentido más acotado, los objetos del museo. *Musealidad* es la característica de un objeto material que, en una realidad, documenta otra realidad. Es un documento del pasado en el tiempo *presente*. En el museo, es un documento del mundo real; dentro de un espacio es un documento de otras relaciones espaciales. Por lo tanto, los objetos de un determinado tiempo y lugar pueden documentar diferentes sociedades, ya que son testigos de su desarrollo. En un lugar determinado, tienen la capacidad de documentar el tiempo de su origen o el paso del tiempo y el status social que representaron. Un objeto usado o descartado puede documentar el tiempo y lugar al que perteneció o algún otro momento del tiempo pasado del que sólo subsisten indicaciones tenues. *Musealidad* es un valor inmaterial o el significado de un objeto que nos da razón del motivo de su *musealización*. (MAROEVIC, Y. **Uvod u muzeologiju** [Introdução à Museologia] Zagreb: Zavod za Informacijske Studije Filozofskog Fakulteta u Zagrebu [Departamento de Estudos da Informação / Faculdade de Filosofia em Zagreb], 1993. p.96-97). *Musealización* es el proceso que permite a los objetos *existir* dentro de un contexto museológico. El concepto de musealidad nos permite reconocer e identificar dos tipos esenciales de información: científica (selectiva) y cultural (estructural). La información cultural no está ligada con la clase de información científica que puede ser leída en forma precisa e inmediata, a partir de la estructura material del objeto. Es muy variable: aparece y desaparece de acuerdo con el sistema de valores con que está estructurada (ético, estético, político, y así sucesivamente). Es, en efecto, la base de lo que llamaremos memoria. La memoria que está contenida en el concepto de patrimonio cultural, es un sistema de asociaciones en un contexto dado (físico y social) que muy a menudo determina el rango y amplitud de las connotaciones. Es suficiente recordar el “*teatro de la memoria*” en los tiempos del Maneirismo (E. Hooper-Greenhill, 1989:65) para no encontrar dificultad en relacionar el concepto de información cultural con el fenómeno de la memoria.” MAROEVIC, Ivo. El rol de la musealidad en la preservación de la memoria. In: ICOM-ICOFOM. **Museología y Patrimonio Intangible en América latina y el Caribe**: una visión integradora. La Antigua Guatemala, Guatemala 2004. Disponible em: <[http://icofom-lam.org/files/13\\_maroevic\\_musealidad\\_en\\_la\\_preservacion\\_de\\_la\\_.pdf](http://icofom-lam.org/files/13_maroevic_musealidad_en_la_preservacion_de_la_.pdf)>. Acesso em: 12 out. 2013. Scheiner transcreve seu pronunciamento sobre musealidade em SCHEINER, Tereza. ISSOM – International Summer School of Museology, Brno, República Checa, 1999. SCHEINER, Tereza. Musée et Muséologie: définitions en cours. In : MAIRESSE, François, DESVALLÉES, André; VAN PRAET, Michel. (Org.). **Vers une redéfinition du musée?** Paris : L’Harmattan, 2007. p. 161-162. Grifos nossos.

<sup>179</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p.111.

com o fenômeno que está representando. Deste acordo depende também seu *valor para a memória* e assim também sua *importância e alcance para a replicar*<sup>180</sup>.

Uma metodologia específica, como a da Museologia, deve se basear na metodologia geral da ciência contemporânea e nela é considerada a parte de situação mais frágil<sup>181</sup> e é condicionada pelo objeto do campo cognitivo.

A explicação científica da relação museológica com a realidade demanda conhecimento da motivação desta relação [...] delimitada pelo caráter da realidade musealizada e pela importância de seus valores [para tanto] a museologia tem que se basear no conhecimento da importância para a cultura e memória daquela realidade que está sendo observada. Para isso, precisamos utilizar conhecimentos de numerosas disciplinas científicas e não somente no nível mono-disciplinar, mas em nível multidisciplinar, [...] [para se] conseguir conhecer a totalidade da importância daquela realidade musealizada no caso em que não se trata especialmente de um fenômeno singular<sup>182</sup>.

O entendimento e reflexão sobre o valor de possíveis representantes é essencial e decisivo na hora de se selecionar e se conservar, diga-se, musealizar. A axiologia é imperativa ao museólogo para a identificação do valor cultural, com consciência e responsabilidade, e implicação de ordem ética, de grande espectro - pois o resultado do seu julgamento se reflete nas coleções que permanecerão e ficarão testemunhando aquela avaliação e avaliador. Tal caráter axiológico, relativo à musealidade, valor cultural, confere à Museologia especificidade e particularidade no seio do sistema científico, cultural e social, enfim.

Para Carnap, a formatação da terminologia museológica demanda a “*substituição do termo mais ou menos impreciso pelo termo preciso*”<sup>183</sup> mas também se requer a definição das regras de seu uso e posição no conteúdo terminológico da disciplina. O aperfeiçoamento da terminologia da Museologia “só pode ser feito de acordo com a formação do próprio sistema de conhecimento da museologia”<sup>184</sup>. Assim, como se trata de sistema terminológico, não se trata só de termos diferentes. Implica na introdução de novos termos condizente com a formulação teórica em Museologia. A estabilidade de

---

<sup>180</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p.113. BLACKMORE / OVÁ 1999, [BLACKMORE/ova/, Susan. **Te[or]ie memu: kultura a její evoluce**. Praga: 1999], NOSEK 2004 (sic) [NOSEK, J. ed. **Miénium vedy a filosofie**. Praga: 2002.].

<sup>181</sup> Cf. Peter van MENSCH (sic) (1989, 1994) [MENSCH, Peter van. **For Now and Ever: an Introduction to Collecting for Museums**. Amsterdam: Reinwardt Academie, 1994.; MENSCH, Peter van. **Museology as a scientific basis for the museum profession**. In: **Professionalising the muses**. Amsterdam: Aha Books, 1989.] e Friedrich Waidacher (2005) [Waidacher, Friedrich. **Museologie – Knapp gefasst**. Viena: 2005.].

<sup>182</sup> STRÁNSKÝ, op.cit., p. 113.

<sup>183</sup> CARNAP, Rudolf. **Problémy jazyka vedy** [Problemas da linguagem da ciência]. Praga: Svoboda [?], 1968. Apud STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p. 114.

<sup>184</sup> STRÁNSKÝ, op.cit., p. 114.

termos na sua relação com conceitos é índice da situação da disciplina e as diferenças no significado de termos expressa a “insuficiência teórica da abordagem dos temas em questão”<sup>185</sup>. A imprecisão terminológica, conforme Stránský, é empecilho para a teoria museológica, por condicionar trabalho teórico, interpretativo, “de modo completamente subjetivo” e considera que “Sem o aperfeiçoamento da terminologia, não pode existir nenhuma disciplina científica”<sup>186</sup>.

## 1.2 Interregno: questões sobre a língua em que se expressa a academia museológica

Parece-nos ser este o momento para mais uma interpolação, mais extensa, desta vez alusiva ao aspecto idiomático e à elaboração da terminologia de área de conhecimento, nesta circunstância, da Museologia.

Stránský se atribui a gênese de alguns importantes conceitos expressos em termos e aponta o uso deles de modo impreciso, ou seja, não em conformidade com a formulação que lhes deu origem<sup>187</sup>. Tendo se dedicado ao estabelecimento de regras lexicográficas<sup>188</sup>, ao mesmo tempo em que empreende diversos esforços para a elaboração de dicionários de Museologia, critica essa mesma diversidade de produção de dicionários, como a dificuldade e impossibilidade de se encontrarem [ou de se dificultarem] equivalências entre idiomas de ramos linguísticos diferentes, a exemplo do inglês, do alemão, do russo... Cita: **Dictionarium museologicum** (1986, em vinte

---

<sup>185</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p.114. Stránský declara: “Lamento, mas em muitos casos, estes termos [os criados por ele, por exemplo: musealidade, musealização, entre outros] foram adotados pelos demais, mas em um sentido de conteúdo muito impreciso”.

<sup>186</sup> Ibidem, p. 115.

<sup>187</sup> Ibidem, p. 114. Ver **GLOSSÁRIO MÍNIMO** (a partir de Stránský, traduzido do checo, via inglês, por Jan Dolák, Suzanne e Vinos Sofka, com colaborações de Z.Z. Stránský, Katerina Kotíková, Bruna Latini, Tereza Cristina Moletta Scheiner e de Anaildo Bernardo Baraçal, e do francês por este último. Incluíram-se no Glossário termos não arrolados por Stránský. In: BARAÇAL, Anaildo Bernardo. **O objeto da Museologia: a via conceitual aberta por Zbynek Zbyslav Stránský**. 2008. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro / Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2008.

<sup>188</sup> Ibidem, loc.cit. Na literatura apontada em **Archeologie a muzeologie**, p. 207-251, as obras relativas a STRÁNSKÝ: 1980, conforme citado no corpo do texto, p. 114, são: [STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Úvod do studia muzeologie**. Brno: UJEP, 1980 [1979?]] e *Museology as a science: a Thesis*. **Museologia**. 1980, n. 15, 33-39.]. Procurando-se no levantamento da produção de Stránský em DOLAK, Jan; VAVRIKOVA, Jana. *Muzeolog S.S. Stránský: zivot a dílo*, o item nº 103, p. 17, registra: **Lexicographic problems of the multilanguage Dictionary of Museology**. Newsletter of Museological Terminology. 1980, p. 2-6. Essa referência, quanto ao ano de edição e especialmente pela identidade do título, se adequa ao conteúdo do enunciado no texto de **Archeologie a muzeologie**. Em complementação, sobre essa fonte, tem-se: ÉRI, István, ed. **Nouvelles de terminologie muséologique / Newsletter of Museological Terminology**. Budapeste: National Centre of Museums / Direction centrale des musées, 1979-1987. (**Monthly/Mensuel**) (English, French / Anglais, français). ICOM. ICOM Publications – CIDOC. Disponível em: [http://archives.icom.museum/b\\_int-com\\_cidoc.html](http://archives.icom.museum/b_int-com_cidoc.html). Acesso em: 31 maio 2015.

idiomas, de cuja edição participou); o Lexique de muséologie / Glossary of Museology (Ottawa: 1989), que parece se tratar de uma tradução; Kleines Worterbuch des Museumswesen (Berlim: 1975), em cuja edição participou W. Ennenbach; Museologický slovník [Dicionário museológico] (Praga: 1978), de Josef Benes; Museologische Termini, de Klaus Schreiner (Neubrandenburg: 1982); Nederlandse museumterminologie, de Peter van Mensche (sic) (Leiden: 1983); Muzejnyje terminy (Moscou: 1986), que reflete o pensamento geral da cultura de museus na antiga União Soviética.

Feita a revisão, Stránský aponta para o horizonte de quando escreve o Archeologie a muzeologie, reconhecendo o esforço do *Arbeitsgruppe Museologie* [Grupo de Trabalho sobre a Museologia] austríaco, publicando Museologisches Glossar e “Atualmente, este problema [de lidar com os termos da Museologia, de que constam os termos Patrimônio, Relíquia...] está sendo tratado por André Desvallées (sic), que apresentou o Thesaurus Museologicus no encontro de ICOFOM em Stavanger, em 1995”<sup>189</sup>. Na apresentação dos resultados publicados em 2000, em espanhol<sup>190</sup>, dá-se como estabelecido na Conferência Anual do ICOFOM, na Grécia, em 1993, e a escolha de Desvallées para coordenar o grupo de trabalho para essa finalidade ocorre no encontro do ICOFOM de Pequim, em 1994 - marco inicial da elaboração da Encyclopaedia Museologica<sup>191</sup>. Em “Método de trabalho para o **Thesaurus Museologicus**”<sup>192</sup>, caracteriza-se o tesouro museológico como “redação coletiva a partir de uma *lista hierarquizada de termos*” e que “No estado atual da evolução da proposta, a lista de termos do Thesaurus Museologicus principia com os equivalentes dos idiomas inglês e francês”<sup>193</sup>. Para o encontro de 1998, em Melbourne, seria apresentada uma publicação, constando de duas partes: a primeira, com o desenvolvimento histórico dos termos e dos conceitos principais, comparando-os; e o uso em diversas línguas, parcela esta coordenada por Desvallées;

---

<sup>189</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p. 115.

<sup>190</sup> DESVALLÉES, André, dir. **Terminologia museológica**: proyecto permanente de investigación. ICOFOM/ICOFOM LAM. S/l: \_\_\_\_\_, maio 2000. Relacionam-se os colaboradores: Ivo Maroevic, Peter van Mensch, Zbygniew (sic) Stranski (sic), Martin Schaerer e Tereza Scheiner. p.3.

<sup>191</sup> Ibidem, p.4. Na fase de apresentação, cita-se que o Centro de Pesquisas da Linguagem Museológica se junta a esse trabalho, nesse mesmo ano, no momento em que se integra ao ICOFOM América Latina – ICOFOM LAM. Em espanhol, no original, Centro de Investigaciones del Lenguaje Museológico – CILEM, presidido por Nelly Decarolis. Diz que “Na América Latina, pesquisas sobre o tema começaram aproximadamente em 1989, derivando na criação do CILEM.” p. 3. O grupo do ICOFOM LAM sobre terminologia é então coordenado por Norma Rusconi (sic), com pesquisadores da Argentina, Brasil, Equador, México e Venezuela. [p. 3] Há verbetes com a indicação, ao final, do seu autor. Alguns deles contém, entre parênteses, a expressão “d’après L.B e N.R.” (p. ex. p. 30 e 31). Estas últimas iniciais facilmente são identificáveis a Norma Rusconi, participante coordenadora pelo ICOFOM LAM. As primeiras iniciais correspondem a Liliana Borioli (Argentina).

<sup>192</sup> Ibidem, p. 5. Em espanhol e latim, no original: Método de trabajo para el Thesaurus Museologicus.

<sup>193</sup> [...] “redacción colectiva a partir de una lista jerarquizada de términos [...] En el estado actual de avance de la propuesta, la lista de términos del Thesaurus Museologicus parte con los equivalentes de los idiomas inglés y francés.” Ibidem, loc.cit.

a segunda, sob responsabilidade de Stránský, “adotará a forma de dicionário, reagrupando definições”<sup>194</sup>. A pretensão é a do alcance internacional, definindo-se conceitos “sem a precisão de um jurista, mas com a crítica construtiva da *atitude filosófica que ao nomear determina a realidades* [...] Seu alcance internacional ultrapassa os limites das línguas que lhe servem de eixo transversal (inglês, francês)”<sup>195</sup>. Apontamos a “curiosidade” de o exemplo, tanto para o Modelo de Análise e Redação<sup>196</sup> quanto para o Modelo de Análise Terminológica; Equivalências linguísticas e analogias<sup>197</sup>, ser PATRIMÔNIO, enquanto que o primeiro termo do corpo do Thesaurus é MUSEOLOGIA<sup>198</sup>. A Lista de Termos do Thesaurus, das páginas 100 a 106, organiza-os a partir de grupamentos: REALIDADE; MUSEU; PATRIMONIOLOGIA; MUSEOLOGIA; ESPAÇO MUSEAL; PRESERVAÇÃO; COLEÇÃO; CONSERVAÇÃO; MEDIATIZAÇÃO; SEMIÓTICA; COMUNICAÇÃO; SEGURANÇA; PROFISSÕES DE MUSEU. Valeriam, por um lado, a análise dos critérios de estabelecimento desses continentes e de seus conteúdos e, por outro, da bibliografia<sup>199</sup> da que resultaram, em tese.

**Key concepts of Museology**<sup>200</sup>, de 2009, sintetiza o Thesaurus do **Dictionnaire Encyclopédique de Muséologie**<sup>201</sup>, então em fase de editoração. Os **Conceitos-**

---

<sup>194</sup> DESVALLÉES, André, dir. **Terminologia museológica**: proyecto permanente de investigación. ICOFOM/ICOFOM LAM. S/l: \_\_\_\_\_, maio 2000. [...] “adoptará la forma de diccionario, reagrupando deficiones”. P.5.

<sup>195</sup> Ibidem, loc.cit. [...] “sin la precisión de un jurista, pero sí com la crítica constructiva de la *actitud filosófica que al nombrar, determina realidades* [...] Su alcance internacional sobrepasa los límites de las lenguas que le sirven de eje transversal (inglés, francés)”.

<sup>196</sup> Ibidem, p. 6-7. Texto exemplificador, pensamos, de Desvallées, à p. 6.

<sup>197</sup> Ibidem, p.12-13.

<sup>198</sup> Ibidem, p. 19.

<sup>199</sup> Ibidem, p. 19. p. 97-99.

<sup>200</sup> IDESVALLÉES, André; MAIRESSE, François, Ed. **Key concepts of Museology**. Paris: Armand Colin, 2009.

<sup>201</sup> Na página eletrônica do ICOM que apresenta o Dicionário, o texto da Introdução do Dictionnaire Encyclopedique de Muséologie, intitulado The French-speaking museum world in the ICOM dialogue, vem, parcial, sem identificação de autoria. ICOM / ICOFOM. The French-speaking museum world in the ICOM dialogue. In: Dictionnaire encyclopedique de museologie. [2010]. Disponível em: <<http://network.icom.museum/icofom/dictionnaire-encyclopedique-de-museologie/>>. Acesso em: 10 jan. 2015. O Dicionário, informa-nos a página do ICOFOM, foi produzido por seus membros, com seu suporte, com uma história iniciada em 1978, quando o Conselho Executivo do ICOM adota projeto de um tratado de museologia, esboçado por Georges Henri Rivière (1897 – 198), já com 80 anos. “The year before, 1977, at its General Assembly Moscow, in addition to founding the International Committee for Museology (ICOFOM), ICOM launched an appeal to the “Committees of ICOM to submit their proposals for a uniform museological terminology...” The result was the publication in 1986 by the Hungarian National Committee of ICOM of the *Dictionarium Museologicum* – a volume listing museological terms in 20 different languages, but without definitions.” In 1993 Martin Schärer, then President of ICOFOM, proposed the compilation of a dictionary of selected museological subjects with defining articles and a choice of museological terms in a thesaurus form – a project adopted and led by André Desvallées with international collaboration. Joined<sup>201</sup> by François Mairesse as Co-Editor in 2008, with a broad group of museology writers, the impressive result is what we have today [referindo-se ao Dicionário]. A booklet of 83 pages entitled *Key Concepts of Museology* with an introduction to each of the 21 fundamental terms chosen for discussion in major articles, published by Armand Colin and edited by André Desvallées and François Mairesse, was distributed in four languages (French, English, Spanish and Chinese) at the ICOM General Assembly in Shanghai [2010]. It is in part an

**chave** escolhidos foram: arquitetura; coleção, comunicação, educação; ética; exposição; patrimônio; instituição; administração/gestão; mediação; museal; musealização; museografia; museologia (*museum studies*); museu; objeto ou museália; preservação; profissão; público; pesquisa; sociedade. E, apenas para recortar das fontes advindas da obra de Stránský temos: *Museology as a Science (a Thesis)*. **Museologia**, 15, XI, 1980, 33-40; *La muséologie est-elle une conséquence de l'existence des musées ou les précède-t-elle et détermine [t-elle] leur avenir?* **ICOFOM Study Series**, n.12, 1987 p. 295 (sic)<sup>202</sup>; **Muséologie**: Introduction aux études. Brno, Université Masaryk, 1995.

Traduzido para diversos idiomas, incluindo o português, sua Apresentação, assinada pela então presidente do ICOM, Alissandra Cummings, assim como a parcela da Introdução, titulada O mundo museal francófono no diálogo do ICOM<sup>203</sup>, por Desvallées e Mairesse, bem dispensariam comentários, ou, nos termos dos franceses: *ça va sans dire!*<sup>204</sup> A Apresentação<sup>205</sup> salienta o alcance da obra à comunidade global de museus, “Embora o dicionário apresente uma visão predominante francófona da museologia por razões de coerência linguística, a terminologia aqui sintetizada é compreendida e / ou utilizada por museólogos em várias culturas diferentes. A publicação, embora não exaustiva, sintetiza décadas de desenvolvimento do conhecimento em uma investigação sistemática, tanto da epistemologia e etimologia do museu e oferece uma apresentação detalhada dos principais conceitos em Museologia hoje [...] Como uma *avant première* do Dicionário Enciclopédico completo” [...]”<sup>206</sup>. Os editores, Desvallées e Mairesse, introduzem<sup>207</sup> os Conceitos-chave. Dentro, o texto apresenta duas subdivisões sendo a primeira, e aqui relevante, O mundo museal francófono no diálogo do ICOM e sua íntegra é de todo interessante. Todavia, procurando o destaque do mais

---

appeal to make a translation of the entire volume, which includes a selective dictionary of 500 fully defined terms mentioned in the articles. In itself this booklet is an introduction to the fundamentals of museology”.

<sup>202</sup> Tanto à referência ao título do artigo quanto a sua extensão foram: um alterado e outro identificado a uma página, somente. A referência completa, a seguir transcrita, foi tomada a DOLÁK, Jan; VAVRIKOVÁ, Jana: *Muzeolog Z. Z. Stránský: život a dílo* [O museólogo Z. Z. Stránský: vida e obra]. Brno: Universidade Masaryk, 2006. p.27, item 267. *Museology and museums / Muséologie et musées*. ISS 1987, n.12. p. 287-297. Mas, mesmo aqui, a paginação da versão francesa da publicação é p. 293-298.

<sup>203</sup> *The French-speaking museal world in the ICOM dialogue*, no original.

<sup>204</sup> Expressão que equivale a: é óbvio, dispensa explicação, fala por si mesmo...

<sup>205</sup> CUMMINGS, Alissandra. Apresentação. In: DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François, ed. **Key concepts of Museology**. Paris: Armand Colin, 2009. p. 7-9.

<sup>206</sup> DESVALLÉES, idem, p. 8. “Although the Dictionary presents a predominantly Francophone vision of museology for reasons of linguistic coherence, the terminologies synthesised herein are comprehended and/or utilised by museologists in several different cultures. The publication, while not exhaustive, synthesises decades of knowledge development in a systematic investigation of both the epistemology and etymology of the museum and offers an in-depth presentation of the primary concepts in Museology today [...] As an *avant première* of the complete Encyclopaedic Dictionary” [...]

<sup>207</sup> *Ibidem*, p. 16-18.

importante para a discussão da questão do idioma de expressão terminológica no diálogo internacional, recortaremos certas frases. As justificativas dadas para a escolha quase exclusiva de membros francófonos para a comissão de elaboração do Dicionário são em “maioria [...] de ordem prática”<sup>208</sup>. A) No plano internacional não se partilha uma língua comum, científica ou não e se deve “evitar o risco de uma Babel”<sup>209</sup> em princípio favorecendo-se a língua franca atual: o inglês, também um dos três idiomas oficiais do ICOM, ao lado do próprio francês e do espanhol. “Usar um dos três idiomas do ICOM (inglês, francês e espanhol) era inevitável, mas qual?”<sup>210</sup> b) A história ou a historicidade, de um órgão, de uma biografia ou pessoal conferindo naturalidade, foi indicador para, olhando para si e a partir de si verificarem a nacionalidade dos primeiros colaboradores, “sob a direção de André Desvallées”<sup>211</sup> C) “que trabalhou por muitos anos com Georges Henri Rivière”<sup>212</sup>, D) por sua vez, “o primeiro diretor do ICOM”<sup>213</sup>, E) “e fundador da museologia francesa”<sup>214</sup>. A despeito da significância de Desvallées, de Rivière, do ICOM e da Museologia Francesa (?), não houve outras filiações, ascendências, organizações e Museologias nacionais que lhes pudessem “disputar”? E uma Museologia alemã<sup>215</sup> (Major, considerável como o “pai da Museologia”), aspecto que abordaremos mais adiante, ou checa (Stránský, considerado como o “pai da Museologia científica”), pelo caráter historiológico, epistemológico, diga-se com intenção científica e mesmo de pragmática de encontros, discussões, preparação de léxico, dicionários, criação de termos, como no grande continente dos países integrantes do bloco comunista, de 1945 a 1989, mais ou menos, incluindo os alemães da então República Democrática Alemã – RDA [integrante do bloco comunista]?

[...] “mas havia outros argumentos a seu favor [do uso do francês]”<sup>216</sup>. F) Se

A maioria dos contribuintes pode ler [...] [e] Estamos familiarizados com a riqueza das contribuições anglo-americanos no campo do museu, [...]

---

<sup>208</sup> DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Introduction. In: \_\_\_\_\_, ed. **Key concepts of Museology**. Paris: Armand Colin, 2009. p. 16.

<sup>209</sup> Ibidem, p. 17. A propósito, para não se recorrer a mais uma longa nota de rodapé, a questão da terminologia quanto ao (s) idioma (s), tal como tratada por Janick Daniel Aquilina será objeto de abordagem, no corpo do texto, logo após a discussão sobre a francofonia na terminologia do ICOFOM.

<sup>210</sup> Ibidem, loc.cit.

<sup>211</sup> Ibidem, loc.cit.

<sup>212</sup> Ibidem, loc.cit. [...] “who had worked for many years with Georges Henri Rivière,” the first Director of ICOM and the founder of French museology”.

<sup>213</sup> Ibidem, loc.cit. [...] “the first Director of ICOM”.

<sup>214</sup> Ibidem, p.17. “and the founder of French museology”.

<sup>215</sup> Cf. AQUILINA, Janick Daniel. 2. Germany – the birthplace of museology? In: \_\_\_\_ **The Babelian Tale of Museology and Museography: A History in Words**. In: *Museology - International Scientific Electronic Journal*, Issue 6, 2011. Department of Cultural Technology and Communication, University of the Aegean. p. 3-5. Disponível em: <<http://museology.ct.aegean.gr/articles/2011104162340.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2015. p. 3-5.

<sup>216</sup> DESVALLÉES, op.cit., loc.cit. “Most of the contributors can read if not all three, then at least two of the ICOM languages, even though their command may be far from perfect. We are familiar with the wealth of Anglo-American contributions in the museum field, but we must point out that most of these authors – with

devemos salientar que a maior parte destes autores - com algumas exceções notáveis, [...] não lê nem em francês e nem em espanhol.

Francamente, se é um silogismo, escapa-nos a relação de seus termos com a conclusão... G) “A escolha do francês, aliada, esperamos, com um conhecimento razoável da literatura estrangeira, permitiu-nos abranger, se não todas as contribuições no campo do museu, pelo menos alguns de seus aspectos que geralmente não são explorados, mas que são muito importantes para o ICOM<sup>217</sup>. H) Como

[...] a escolha de uma língua tem conseqüências para a estrutura do pensamento [...] Estamos conscientes de que este volume não teria sido o mesmo em espanhol, inglês ou alemão, tanto no [1]) nível de sua estrutura e na sua [2]) escolha de termos, mas há também teria havido um certo [3]) viés teórico!<sup>218</sup>

I) “Não é de estranhar que a maioria dos guias práticos sobre museus são escritos em Inglês [...] enquanto eles são muito mais raros na França ou no antigo leste países europeus, que favorecem redação e desenvolvendo embora e teoria.”<sup>219</sup> É impossível se fazer filosofia ou teoria em inglês? A estrutura linguística não é propícia a formulações com essas naturezas? Os reparos antagônicos no texto não são eficazes a contradizer a colocação inicial<sup>220</sup>. J) Arremata-se com o plano patrimonial do resultado de trabalho realizado, representacional, memorial, e de homenagem, sendo

importante pagar o tributo, através da escolha da língua francesa, pelo trabalho teórico fundamental contínuo, por muitos anos, dos dois primeiros diretores do ICOM, Georges Henri Rivière e Hugues de Varine, sem os quais uma grande parte do trabalho de museu na

---

some notable exceptions, such as the emblematic figures of Patrick Boylan and Peter Davis, read neither French nor Spanish”.

<sup>217</sup> DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Introduction. In: \_\_\_\_\_, ed. **Key concepts of Museology**. Paris: Armand Colin, 2009. P.17. "The choice of French in connection, we hope, with a fairly good knowledge of foreign literature, allowed us to embrace, if not all contributions in the museum field then at least some of its aspects which are not generally explored but which are very important for ICOM. We are however aware of the limits of our research and hope that this work will inspire other teams to present, in their own language (German or Italian, for example), a different approach to the museum field."

<sup>218</sup> Ibidem, loc.cit. [...] "the choice of a language has consequences for the structure of thought [- as illustrated by a comparison of the definition of museum by ICOM in 1974 and in 2007, the first being originally drafted in French, the second in English.] We are aware that this volume would not have been the same in Spanish, English or German, both on the level of its structure and in its choice of terms, but there would also have been a certain theoretical bias!" Grifos nossos.

<sup>219</sup> Ibidem, p. 17-18. "It is not surprising that most practical guides about museums are written in English (such as the excellent manual edited by Patrick Boylan [p. 18] *Running a Museum: A Practical Handbook*<sup>219</sup>), while they are much rarer in France or in the old eastern European countries, which favour essay writing and developing though and theory".

<sup>220</sup> Ibidem, p. 18. "It would nevertheless be too caricatural to divide museum literature into a practical component, strictly Anglo-American, and a theoretical component, closer to the Latin way of thinking: the number of theoretical essays written by Anglo- Saxon thinkers in museum literature completely contradicts this picture. The fact remains that a number of differences exist, and differences are always enriching to learn and to appreciate. We have tried to take this into consideration."



Europa continental e nas Américas e África não poderia ser compreendido<sup>221</sup>.

k) E como se esquecer do legado da França, ela mesma: “Uma reflexão fundamental sobre o mundo do museu não pode ignorar sua história, assim como ele deve ter em mente que [1]) suas origens [do museu] estavam ancorados no[2]) Iluminismo e que a transformação (i.é, a sua [3]) institucionalização) ocorreu na época da Revolução Francesa, mas também que as [4]) bases teóricas foram transpostas para o outro lado do muro de Berlim, durante os anos 1960, quando o mundo ainda estava dividido em dois blocos antagônicos<sup>222</sup>. Valeria mencionar o estabelecimento renascentista do Museu do Vaticano<sup>223</sup>, no seio de, entre outras, uma revolução artística e “arqueológica”? ou, retomando-se Peter Burke<sup>224</sup>, o caráter de ocorrências pré-museísticas ou museísticas e sua importância para a empiria e a revolução científica, a partir do século XVI, que no século XVII enquadra o museu ashmoleano, anexo à Universidade de Oxford, Inglaterra, considerável como o primeiro museu moderno? Por outro lado, faltam-nos dados, conhecimento, mesmo, para identificar as ”bases teóricas [...] transpostas para o outro lado do muro de Berlim, durante os anos 1960”<sup>225</sup>.

---

<sup>221</sup> Ibidem, loc. cit. “Finally it is important to pay tribute, through the choice of the French Language, to the fundamental theoretical work continued for many years by the first two directors of ICOM, Georges Henri Rivière and Hugues de Varine, without whom a large part of the museum work in continental Europe and in the Americas and Africa could not be understood”.

<sup>222</sup> DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Introduction. In: \_\_\_\_\_, ed. **Key concepts of Museology**. Paris: Armand Colin, 2009. P.18. O texto assim continua, talvez em tom de advertência: “Embora a ordem geopolítica tenha sido completamente alterada há quase um quarto de século atrás, é importante que o setor de museus não deva esquecer a sua própria história - isso seria absurdo para um instrumento que passa na cultura para o público e para as futuras gerações! No entanto, ainda há um risco de em um curto espaço de memória de que se mantenha da história do museu apenas o como tocar essas instituições e como atrair visitantes ...” “A fundamental reflection on the museum world cannot overlook its history, just as it must keep in mind that its origins were anchored in the Enlightenment and that its transformation (that is its institutionalization) occurred at the time of the French Revolution, but also that the theoretical foundations were laid on the other side of the Berlin wall, during the 1960s when the world was still divided into two antagonistic blocs. Although the geopolitical order was completely overturned nearly a quarter of a century ago, it is important that the museum sector should not forget its own history – this would be absurd for an instrument that passes culture on to the public and to future generations! However, there is still a risk of a very short memory which retains from museum history only how to run such institutions and how to attract visitors...” Grifos nossos.

<sup>223</sup> “Desejo dirigir o meu agradecimento mais sincero a quantos gentilmente me convidaram para assistir esta tarde à inauguração da exposição intitulada **Laocoonte**. Nas origens dos Museus do Vaticano. Como recordou o Dr. Francesco Buranelli, Diretor dos Museus, a exposição está centrada na primeira e mais importante escultura conservada no Vaticano, a que deu início, através de um lento e articulado percurso colecionador, a um dos acervos mais famosos e prestigiosos do mundo. A presente iniciativa, de elevado valor artístico, insere-se nas manifestações e nos eventos comemorativos do Quinto Centenário da criação dos Museus do Vaticano.” BERTONE, Tarcisio, cardeal. **Laocoonte**: Nas origens dos museus do Vaticano. [Discurso na inauguração da exposição].16 de nov. 2006. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/secretariat\\_state/card-bertone/2006/documents/rc\\_seg-st\\_20061116\\_laocoonte\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/card-bertone/2006/documents/rc_seg-st_20061116_laocoonte_po.html)>. Acesso em: 10 de fev. 2015. Grifos nossos.

<sup>224</sup> BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p.100 et seq. Cf. nota de rodapé nº 135.

<sup>225</sup> DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Introduction. In: \_\_\_\_\_, ed. **Key concepts of museology**. Paris: Armand Colin, 2009. p.18. “the theoretical foundations were laid on the other side of the Berlin wall, during the 1960s”. Grifos nossos.

São todos esses argumentos de natureza e ordem “científica”, ao se pretender cientificidade à Museologia? As alegações em defesa da francofonia, sua qualidade de mediadora, arregimentadora, propulsora e historicamente determinada e determinante, bem como a pretensão de um *ethos* teorizante seriam todas elas efetivamente justificáveis e, ao tempo em que se sobreporiam, legitimamente, às demais estruturas idiomáticas, idiomático-culturais, idiomático-científicas? Um território, espaço, tempo, história e patrimônio podem fundar um determinismo de supremacia, em qualquer que seja a área de percepção? Na música, na filosofia, na pintura, na ciência, na literatura, etc? E hoje, com o fenômeno e processo reticular da colaboração e temporalidade real de nosso contemporâneo, há espaços – culturais – territoriais de excelência, reservados, predestinados, iluminados?

No entanto, nem precisamos andar fora do território francófono para observarmos a fragilidade da “solidez” do argumento ao monumento da francofonia. Como língua é cultura e sendo o mundo francófono disperso geográfica, política e socialmente, em diversos países e continentes, em suma com várias formações sócio - culturais, o idioma francês, como representação, não é uniforme ou expressão de unicidade. Conforme a Wikipédia francesa,

Há diferenças de terminologia e usos segundo os países francófonos. O termo museologia é empregado para os aspectos de pesquisa, [...] na França, enquanto pode ser usado para igualmente designar a atividade do museógrafo na Bélgica ou em Quebec. E de se crer ocorrerem confusões nas denominações das etapas e atribuições de cada um segundo as conceituações<sup>226</sup>.

Recorremos, para tentativa de esclarecimento da territorialidade, a Deleuze e Guattari, em *O que é a filosofia?*<sup>227</sup> No tocante à grecidade da Filosofia quanto à questão do território, mais propriamente da desterritorialização. Os autores assim abrem a parte destinada à Geo-filosofia:

O sujeito e o objeto oferecem uma má aproximação do pensamento. Pensar não é nem um fio estendido entre um sujeito e um objeto, nem uma revolução de um em torno do outro. Pensar se faz antes na relação entre o território e a terra. [...] Vimos, todavia, que a terra não cessa de operar um movimento de desterritorialização *in loco*, pelo qual ultrapassa todo território: ela é desterritorializante e desterritorializada. [...] São dois componentes, o território e a terra, com duas zonas de

---

<sup>226</sup> “Il existe des différences de terminologie et d'usages selon les pays francophones. Le terme de muséologie est utilisé pour les aspects de recherche, comme énoncé ci-dessus en France, alors qu'il peut être utilisé pour désigner également l'activité du muséographe en Belgique ou au Québec. Des confusions sont donc à craindre dans la dénomination des étapes et des tâches de chacun selon les descriptions”. MUSÉOLOGIE. **Wikipedia.** Disponível em : <<http://fr.wikipedia.org/wiki/Mus%C3%A9ologie>>. Acesso em : 10 fev. 2015.

<sup>227</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** 2.ed., 6. Imp. São Paulo: Editora 34, 2009. Grifos nossos.

indiscernibilidade, a desterritorialização (do território à terra) e a reterritorialização (da terra ao território). Não se pode dizer qual é o primeiro. Pergunta-se em que sentido a Grécia é o território do filósofo ou a terra da filosofia<sup>228</sup>.

Como, então, seria simples e imediata a transposição, como pretende o texto de Apresentação e o de Introdução do **Key concepts of Museology**, para nos perguntarmos se ou em que sentido a França é o território do museólogo / patrimoniólogo ou a terra da Museologia / Patrimoniologia? Deleuze e Guattari exemplificam: “como diz Faye, é preciso um século para que o nome ‘filósofo’, sem dúvida inventado por Heráclito de Éfeso, encontre seu correlato na palavra ‘filosofia’, sem dúvida inventada por Platão, o Ateniense; ‘Ásia, Itália, África são as fases odisséicas do percurso que religa o *philosophos* à filosofia”<sup>229</sup>.

Acompanhando Deleuze e Guattari, “Criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia. [...] Para falar a verdade, as ciências, as artes, as filosofias são igualmente criadoras, mesmo se compete apenas à filosofia criar conceitos no sentido estrito. [...] e é dos conceitos que o filósofo deve desconfiar mais, desde que ele mesmo não os criou”<sup>230</sup>. Falamos dos termos, da terminologia, quando o fundo são os conceitos, sua formulação e adoção. Na caracterização da filosofia, os autores discernem o que ela não é:

ela não é contemplação, nem reflexão, nem comunicação. [...] Ela não é contemplação, pois as contemplações são as coisas elas mesmas enquanto vistas na criação de seus próprios conceitos. Ela não é reflexão, porque ninguém precisa de filosofia para refletir sobre o que quer que seja [...] E a filosofia não encontra nenhum refúgio último na comunicação, que não trabalha em potência a não ser a de opiniões, para criar o “consenso” e não o conceito. A ideia de uma conversação democrática ocidental entre amigos não produziu nunca o menor conceito [...] A contemplação, a reflexão e a comunicação não são disciplinas, mas máquinas de constituir Universais em todas as disciplinas<sup>231</sup>.

Estando no plano da informação e no da comunicação, a terminologia, interpretando-se e transpondo-se a exposição de Deleuze e Guattari, integra o esforço de estabelecimento do “consenso”. A máxima de que a “amizade” intelectual ocidental não gerou nenhum conceito, mas antes, o que subjetivamente alguém criara pode vir a se constituir universal disciplinarmente pela informação / comunicação.

E de início os conceitos são e permanecem assinados: substância de Aristóteles, cogito de Descartes, mônada de Leibniz, condição de Kant, potência de Schelling, duração de Bergson. Mas também alguns

<sup>228</sup> Ibidem, p. 113.

<sup>229</sup> FAYE, Jean Pierre. **La raison narrative**. Ed. Balland, p. 15-18. Apud DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** 2.ed., 6. Imp. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 115.

<sup>230</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** 2.ed., 6. Imp. São Paulo: Editora 34, 2009p. 13-14.

<sup>231</sup> Ibidem, p. 14-15. Aqui reaparece uma de nossas epígrafes...Grifos nossos.

exigem uma palavra extraordinária, às vezes bárbara ou chocante, que deve designá-los, ao passo que outros se contentam com uma palavra corrente muito comum, que se enche de harmônicos tão longínquos que podem passar despercebidos a um ouvido não filosófico. Alguns solicitam arcaísmos, outros neologismos, atravessados por exercícios etimológicos quase loucos: a etimologia como atletismo propriamente filosófico. Deve haver em cada caso uma estranha necessidade dessas palavras e de sua escolha, como elemento de estilo. O batismo do conceito solicita um *gosto* propriamente filosófico que procede com violência ou com insinuação, e que constitui na língua uma língua da filosofia, não somente um vocabulário, mas uma sintaxe que atinge o sublime ou uma grande beleza<sup>232</sup>.

Tal o papel do dicionário, ao que parece, especialmente nos momentos iniciais da constituição de um vocabulário específico de campo de conhecimento, i.e., de seus conceitos, de leva-los da subjetividade para a consensualização da objetividade, ou, na extensão dos termos dos autores considerados, a desterritorialização (do território do conceituador, da conceitualização, à terra da conceituação, dos conceitos) e a reterritorialização (da terra das terminologias ao território da teoria, da formulação).

[...] os gregos tinham inventado um plano de imanência absoluto. Mas a originalidade dos gregos, é preciso antes procurá-la na relação entre o relativo e o absoluto. Quando a desterritorialização relativa é ela mesma horizontal, imanente, *ela se conjuga* com a desterritorialização absoluta do plano de imanência que leva ao infinito, que leva ao absoluto os movimentos da primeira, transformando-os (o meio, o amigo, a opinião). A imanência é redobrada. É aí que se pensa, não mais por figuras, mas por conceitos. É o conceito que vem povoar o plano da imanência. Não há mais projeção numa figura, mas conexão no conceito. É por isso que o conceito, ele mesmo, abandona toda referência para não reter senão conjugações e conexões que constituem sua consistência. O conceito não tem outra regra senão a vizinhança, interna ou externa. [...] A plurivocidade [por oposição à univocidade, em que apenas se admite uma interpretação] do conceito depende unicamente da vizinhança (um conceito pode ter muitos outros conceitos vizinhos). Os conceitos são os fundos uniformes sem níveis, ordenadas sem hierarquia. Donde a importância das questões na filosofia: que meter num conceito, e com que coinserto-lo? Que conceito é preciso inserir ao lado deste, e que componentes em cada um? São questões da criação de conceitos.

[...] O conceito não é paradigmático, mas *sintagmático*; não é projetivo, mas *conectivo*; não é hierárquico, mas *vicinal*; não é referente, mas *consistente*. É forçoso, daí, que a filosofia, a ciência e a arte não se organizem mais como os níveis de uma [p.120] mesma projeção e, mesmo, que não se diferenciem a partir de uma matriz comum, mas se coloquem ou se reconstituam imediatamente numa independência respectiva, uma divisão do trabalho que suscita entre elas relações de conexão<sup>233</sup>.

Essas páginas contêm um bom guia sobre uma “metodologia” para a análise da essencialidade de ou em um conceito: um absoluto relativizável, por isso transformável

---

<sup>232</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** 2.ed., 6. Imp. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 16.

<sup>233</sup> Ibidem, grifos nossos.

e transformador (do meio, do amigo<sup>234</sup> e da opinião, talvez do pragmático, do intersubjetivo e da elaboração do pensamento), desterritorialização do pensamento enquanto reterritorializador do pensado, ou do pensável, destituído e destituído de [suas?] referências (tornado objeto consistente à mente, como uma consistência em si), interpretável, essência não hierárquica, ordenada e niveladora, sintagmático, conectivo, vicinal, consistente. E, ao final, o trecho nos soa como uma advertência ao modo em que os movimentos de conceitualização – conceituação devem operar, em “independência respectiva, uma divisão do trabalho que suscita entre elas relações de conexão”<sup>235</sup>. Outra instância, que nos parece advertência, respeita a uma pretensa dicotomia entre o conceituar e experiência ou ato:

Conhecer-se a si mesmo – aprender a pensar – fazer como se nada fosse evidente – espantar-se, “estranhar que o ente seja” [...] não constituem uma ocupação bem definida, uma atividade precisa [...] Pode-se considerar decisiva, ao contrário, a definição da filosofia: conhecimento por puros conceitos. Mas não há lugar para opor o conhecimento por conceitos, e por construção de conceitos na experiência possível ou na intuição. Pois, segundo o veredito nietzscheano, você não conhecerá nada por conceitos se você não os tiver de início criado, isto é, construído numa intuição que lhes é própria. [...] Criar conceitos, ao menos, é fazer algo<sup>236</sup>.

Marquemos que, por início, não observamos no campo a indicação de se abandonar a referência da Museologia a Museus, no caso, donde a persistente e permanente dificuldade de obtenção de um nível conceitual “absoluto”, ainda que cotejado com sua relatividade a referências, a museus e a outras, como o patrimônio, os objetos documentários...

Como reparo, esses movimentos de desterritorialização e reterritorialização são bem mais discerníveis e verificáveis no mundo digital – eletrônico, a cada vetor de movimento do usuário – rede e da rede ao usuário, nem sujeitos, nem objetos, nem passivos nem ativos, nem sábios nem ignorantes...

Voltemos à Babel, ou ao mundo alemão, na verdade. Desvallées e Mairesse na Introdução aos Conceitos chave da Museologia, sobre a francofonia e “cientes dos limites de nossa pesquisa [...] esperamos que este trabalho inspire outras equipes a apresentar, na sua própria língua (alemão ou italiano, por exemplo), uma abordagem diferente para o campo de museu”<sup>237</sup>. Em nosso percurso na busca pela fundamentação

---

<sup>234</sup> Ibidem, p. 17. A filosofia, de origem grega, tem a cidade como uma regra de sociedade de “amigos”.

<sup>235</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** 2.ed., 6. Imp. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 120.

<sup>236</sup> Ibidem, p. 15-16.

<sup>237</sup> DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Introduction. In: \_\_\_\_\_, ed. **Key concepts of museology**. Paris: Armand Colin, 2009. p. 17. “We are however aware of the limits of our research and hope that this

da formulação de termos, de terminologia de campo epistêmico, e “acidentalmente”<sup>238</sup>, ao procurarmos por dados sobre Johann Daniel Major, deparamos com o artigo de Janick Daniel Aquilina. **The Babelian Tale of Museology and Museography: A History in Words**<sup>239</sup>. De pronto, afirma ser habitual o uso do termo “museologia” e que se creia que seu sentido seja entendido da mesma maneira por todo mundo, mas, “a leitura atenta de publicações museológicas e relacionadas a museus revela que há muita discordância sobre seu significado”<sup>240</sup>. Aquilina, no artigo referenciado, dedica-se a observar a evolução semântica de “museologia” e sua emancipação do termo “museografia”. Inicia destacando a contribuição alemã, desde o século XVI, de cujo idioma surgem os dois vocábulos e analisa seus usos e confusões na literatura de desde o início do século XVIII até os anos 1930<sup>241</sup>.

A obra *Inscriptiones Vel Tituli Theatri Amplissimi...* (Inscrições ou títulos do imenso teatro...), de Samuel Quiccheberg, publicado em Munique, em 1565, é o mais antigo escrito “museológico” do ocidente que se conhece. “Uma parte importante de seu breve tratado informa ao leitor sobre como organizar uma coleção de objetos do mundo em cinco classes e cinquenta e três subclasses ou inscrições”<sup>242</sup>, desejoso de encorajar o colecionismo. “O que distingue o texto do médico flamengo de outros escritos não são os princípios de seleção, de classificação ou de exposição, já presentes em coleções do período [...] [mas] a definição de regras para a organização de uma coleção formando a estrutura do ‘teatro’. O objeto no sistema de Quiccheberg é um verdadeiro objeto de estudo, de conhecimento, de perguntas e de discussão; ele desempenha um papel de protagonista mais do que de coadjuvante, assim diferindo significativamente das

---

work will inspire other teams to present, in their own language (German or Italian, for example), a different approach to the museum field”.

<sup>238</sup> Uma entre as inúmeras fortuitas e admiráveis contribuições possibilitadas pelo mundo reticular, pela reticularização e pela nodulação das redes de informação, notadamente a eletrônica digital: Viva!

<sup>239</sup> AQUILINA, Janick Daniel. *The Babelian Tale of Museology and Museography: A History in Words*. In: **Museology** - International Scientific Electronic Journal, Issue 6, 2011. Department of Cultural Technology and Communication, University of the Aegean. p. 1-20. Disponível em: <<http://museology.ct.aegean.gr/articles/2011104162340.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2015. Ver também: AQUILINA, Janick Daniel. *Muséologie et muséographie : la tour de Babel ou les origines de la Confusion*. In: **Muséologies** – Les cahiers d'études supérieures, 2009, 4/1, p. 43-59. Disponível em: <<http://museologies.org/>>. Acesso em : 10 fev.2015.

<sup>240</sup> Ibidem, p.1. “a perusal of various museological and museum-related publications reveals that there is still much disagreement on its meaning.”

<sup>241</sup> Ibidem, loc. cit. Citam-se em suas palavras-chave: Neickel, Daniel Eberhard Baring, Antoine-Joseph Dézallier d'Argenville, Georg Rathgeber.

<sup>242</sup> Ibidem. In: **Museology** - International Scientific Electronic Journal, Issue 6, 2011. Department of Cultural Technology and Communication, University of the Aegean. p. 4. "An important part of his short treatise informs the reader on how to organise a collection of the world's objects into five classes and 53 sub-classes or *inscriptions*." O autor remete a BROUT, N. *Le traité muséologique de Quiccheberg*. In: BRUWIER, M.-C. et al.,ed. **L'extraordinaire jardin de la mémoire**. Morlanwelz: Musée Royal de Mariemont, 2004. p.68-135.

coleções passadas, nas quais o objeto era apenas fonte de inspiração”<sup>243</sup>. Na sequência dos escritos considerados fundadores da Museologia encontra o livro de Johann Daniel Major, **Unvorgreiffliches Bedencken von Kunst – und NaturalienKammern insgesamt** (Uma apreciação sem preconceito do gabinete de arte e de natureza<sup>244</sup>), publicado em Kiel, Alemanha, em 1674. Em suas vinte páginas, caracteriza-se, por exemplo, por discutir a razão de o homem colecionar e dá conselhos sobre como organizar e conservar uma coleção. Apresenta e define cerca de 40 palavras de línguas diversas que expressam o sentido de coleções e enumera importantes coleções que conheceu<sup>245</sup> e cria uma designação para uma nova teoria, a *conclavium Tactica*, que Stránský<sup>246</sup> classifica como uma das fases iniciais da Museologia<sup>247</sup>. Michael Bernhard Valentini, em seus três volumes do *Museum Museorum...* (Museu dos museus, Frankfurt, 1704-1714), constitui um livro-museu de excertos, em que se encontra a republicação da íntegra da obra citada de Major. “Valentini, além disso, ambiciosamente faz uma lista de coisas que compõem o universo e explica a sua utilidade, bem como descreve uma série de coleções de história natural, incluindo a sua própria. Seu trabalho também enumera 159 museus conhecidos à época”<sup>248</sup>.

Desvallées e Mairesse, os editores do **Key concepts of Museology** e defensores da francofonia, na sua Introdução a essa obra, são citados por Aquilina por terem exaltado a contribuição germânica: “todos esses textos são exemplos da vitalidade do trabalho

---

<sup>243</sup> AQUILINA, op.cit. p. 4. “What distinguishes the Flemish physician’s text from other writings are not the principles of selection, of classification, or of exhibition that are already present in the collections of the period. Rather, the originality of Quiccheberg’s work lies in the setting out of rules for the organisation of a collection forming the structure of his “theatre”. The object in Quiccheberg’s system is truly an object of study, of knowledge, of wonder and of discussion; it plays a leading rather than a supporting role, and thus significantly differs from past collections where the object was merely a source of inspiration.”

<sup>244</sup> An Unprejudiced Consideration of Chambers of Art and Nature, conforme AQUILINA, Janick Daniel. The Babelian Tale of Museology and Museography: A History in Words<sup>244</sup>. In: **Museology** - International Scientific Electronic Journal, Issue 6, 2011. Department of Cultural Technology and Communication, University of the Aegean, p.4. Disponível em: <<http://museology.ct.aegean.gr/articles/2011104162340.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2015.

<sup>245</sup> O autor nos fornece sua fonte: Schulz, E. Notes on the History of Collecting and of Museums. **Journal of the History of Collections**, 2/2, p. 205-218, 1990.

<sup>246</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. Is museology a sequel of the existence of museums or did it proceed their arrival and must museology thus programme their future? In: **Museology and Museums**, Basic Papers, ICOFOM Symposium (Helsinki- Espoo, September 1987), ICOFOM Study Series, 12, 1987, p. 287-292. Apud AQUILINA, op. cit., p. 5. Confrontar com a versão francesa: STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. La muséologie est-elle une conséquence de l’existence des musées ou les précède-t-elle et détermine [t-elle] leur avenir? In: **Museologie et Musées**, ICOFOM Study Series, n.12, p. 293-298, 1987.

<sup>247</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005.

<sup>248</sup> AQUILINA, op.cit. p. 5. “Valentini furthermore ambitiously draws a list of things that make up the universe and explains their usefulness as well as describes a number of natural history collections including his own. His work also lists 159 museums that are known to exist at the time”, dando-nos como referência WILLSON, W. Fifty-four Early Mineral Collection Catalogs. In: **Axis**, 2/1, 2006, p. 19-20.

científico que tinha lugar na Alemanha e são parte de um novo corpo de trabalho no qual surgem os contornos do que logo se tornaria museologia”<sup>249</sup>.

Para chave desta abordagem sobre a terminologia, na opinião de Stránský, a imprecisão terminológica está presente, também, em muitas publicações do ICOM e da UNESCO, bem como se percebe na legislação das diferentes nações. “Os dicionários mencionados, assim, refletem mais ou menos a imprecisão terminológica de hoje em dia”<sup>250</sup>.

Ao final da elaboração desta tese, pensamos na procedência e utilidade de se considerar a formação, formulação e convenção de vocabulários em disciplinas científicas e a presença e importância que idiomas tais como o grego e o latim ainda teriam para a constituição de neologismos, ou referimento vocabular a uma matriz identificada como de lastro e, de certo modo, neutralidade e impessoalidade. A menção da Babel de termos na Museologia e o aspecto de que cada cultura idiomática, ao fundar seu próprio vocabulário, baseado em seu idioma, dificulta, se não impede, a equivalência, precisa, e o uso "universal" de um vocabulário, como o há na medicina, p.ex. O embate, declarado, de francófonos x anglófonos, na Museologia, se amplia quando se pensa na prodigalidade criadora de conceitos e termos de Stránský, em checo e, em alguns casos, em alemão (*musealisierung*, p. ex.), nos quais constata-se as matrizes gregas e latinas, pela persistência dos radicais das palavras, ainda que estes, possivelmente, sejam em essência relativos à disciplina – MUSEO(u)LOGIA. Na busca, na3 rede digital, de apoio para a importância da base do grego e do latim para a formulação, para formação de termos para conceitos novos a um campo disciplinar,

---

<sup>249</sup> Ibidem, p.5. [...] “all of these texts are examples of the vitality of the scientific work taking place in Germany and are part of a new body of work in which appears the outline of what will soon become museology”. Aquilina refere-se ao teor exposto à página 10, em DESVALLÉES, André, MAIRESSE, François. 2005a, “Brève histoire de la muséologie, des *Inscriptions* au Musée virtuel. In: MARIAUX, P.A. (ed.). **L’objet de la muséologie**. Neuchâtel: IHAM, 2005. p.1-53. O autor do artigo transcreve a consideração de Stránský sobre tais contribuições, salientando, entretanto, que não se constituem “museológicas” em sentido próprio: “From the contemporary scientific point of view, the thoughts of Mayor (*sic*) or Nickellius (*sic*) for instance could certainly not be considered as museological in the proper meaning of the word, but within the context of science and scientific thinking of the period, we must admit that they have the same level. STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. Is museology a sequel of the existence of museums or did it proceed their arrival and must museology thus programme their future? In: **Museology and Museums**, Basic Papers, ICOFOM Symposium (Helsinki-Espoo, September 1987), ICOFOM Study Series, 12, 1987, p. 291. Apud AQUILINA, Janick Daniel. The Babelian Tale of Museology and Museography: A History in Words<sup>249</sup>. In: **Museology** - International Scientific Electronic Journal, Issue 6, 2011. Department of Cultural Technology and Communication, University of the Aegean, p. 5. Disponível em: <<http://museology.ct.aegean.gr/articles/2011104162340.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2015.

<sup>250</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p. 115. (STRÁNSKÝ 1988) [STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Museologische Terminologie**. Neue Museumskunde, 31, n.1, 12-17. 1988. Ou **Museologia**: Deus ex machina. ICOFOM Study Series, 15, 215-223, 1988.].



encontramos o trabalho de o conhecimento, a terminologia e o dicionário, de Maria Tereza Camargo Biderman<sup>251</sup>. Neste texto lemos:

Mas a língua se serve também, não raro, de empréstimos de outras línguas, sendo o inglês, na atualidade, o idioma que maior número de termos fornece ao português<sup>252</sup>. [...] A derivação é acionada frequentemente sendo que, nesse caso, a prefixação ocorre comumente. Aqui tem imensa importância o uso de prefixos ou elementos de composição gregos e latinos [...] É verdade que o neologismo científico formado a partir de um desses formantes muitas vezes não foi gerado no português, mas em outro idioma (o inglês, o francês) e nossa língua adotou esse vocábulo, adaptando-o às características morfossintáticas do português, podendo-se considerar que se trata de empréstimo. De fato, o vocabulário técnico-científico tem caráter universal e, para todas as línguas, o grego e o latim constituem a fonte lexical onde todos vão beber na revitalização contínua de seus léxicos<sup>253</sup>.

E se a questão da expressão e representação em *logos* coloca tantas questões e, podemos dizer, disputas ou pressuposições de naturalidade, a questão de fundo são os conceitos, no plano epistemológico e também no experiencial, pragmático da musealização dos conceitos, renunciando, já, o que abordaremos em uma próxima seção desta tese.

Voltemos ao conteúdo do **Archeologie a muzeologie**. O sistema de um conhecimento é básico para a ciência: não sendo apenas um repositório de conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, ciência é sistema com subsistemas e teorias parciais sobre o campo cognitivo<sup>254</sup>. “Na literatura museológica, temos várias tentativas de delineamento deste sistema de conhecimento. Nem sempre os autores reconhecem o que significa este sistema em ciência e descrevem, mais ou menos, várias atividades ou funções de museus como instituição”<sup>255</sup>. Josef Benes publica, em 1997<sup>256</sup>, uma lista de sistemas, em que figura o de Anna Gregorová, integrado por: 1. Teoria e história da relação dos museus entre Homem e realidade, 2. Teoria do objeto de coleção, 3. Teoria, metodologia e prática das atividades de museus, 4. Organização, administração e

---

<sup>251</sup>BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O conhecimento, a terminologia e o dicionário. **Ciência e Cultura**. v.58, n.2, São Paulo, abr/jun. 2006. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252006000200014&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252006000200014&script=sci_arttext)>. Acesso em: 13 fev. 2015.

<sup>252</sup> Exemplifica, no campo da economia, com as palavras: *holding, leasing, spread*.

<sup>253</sup> A exiguidade do tempo para dar vazão a todas as estimulações, interesses e curiosidades intelectuais apenas no permite apontar aqui para futuras investigações no campo das terminologias, os temas seguintes e eventualmente relacionais: Terminologia – lexicografia; Gramática – idiomática; Língua franca; Campo semântico x campo lexical (que abordaremos brevemente no capítulo sobre valor).

<sup>254</sup> “Teoria é uma rede, que lançamos para pegar o mundo, racionalizá-lo, explicá-lo e governá-lo. Trabalhamos diminuindo os espaços da rede”. (POPPER 1976:31) [POPPER, K.B. **Logika vedeckého zkoumání**. Praga: 1976.]. Apud STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p. 115.

<sup>255</sup> Ibidem, loc.cit.

<sup>256</sup> Ibidem, p. 115-116.

gerenciamento de museus (GREGOROVÁ: 1984<sup>257</sup>). Na obra germano-soviética **Museologie**: Theoretische Grundlagen und Methodik der Arbeit in Geschichtsmuseen (sic) (HERBST-LEVYKIN, Berlim: 1988), a Museologia se divide em quatro subdisciplinas: 1. História de museus (incluindo história da museologia), 2. Teoria (incluindo teoria geral da museologia, teoria do colecionismo e da preservação, teoria da formação de acervos de coleções, teoria da comunicação de museus), 3. Ensino de fontes sobre museus, 4. Museologia aplicada (incluindo revistas científicas, técnica de museus, organização, planejamento e gerenciamento). Para Soichiro TSURUTA (1980: 47<sup>258</sup>), o museu é o campo central da museologia, diferenciando: a auto-museologia, que estuda o museu como um fenômeno particular e observa sua taxonomia, morfologia e função; a museologia especial, que observa as relações com outras disciplinas; a sin-museologia<sup>259</sup>, dedicada à pesquisa sobre organizações sociais; a sócio-museologia, direcionada à pesquisa sobre relações sociais e a administração de museus, relativa à organização e gerência. No centro do sistema concebido por Peter van MENSCH (1989<sup>260</sup>) está a museologia geral, conectada à museologia histórica, aplicada e especial. Sobre esta base disciplinar repousam a museologia teórica e a historiografia e metodologia da museologia. A museologia aplicada está subdividida em administração, conservação (dividida em colecionismo, conservação e registro), pesquisa e comunicação (dividida em educação, exposições e avaliação).

---

<sup>257</sup> GREGOROVÁ, Anna. **Múzeá a múzejníctvo**. Martin: 1984.

<sup>258</sup> TSURUTA, Soichiro. In: ICOM - ICOFOM. **La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée?** Museological Working Papers / Documents de Travail sur la Museologie – MuWoP / DoTraM. n.1, p. 47-49, 1980.

<sup>259</sup> Buscando o artigo citado de Tsuruta, na versão em francês do DoTraM / MuWoP 1, à p. 49, tem-se: “Sin-muséologie [syn, prefixo grego, em português “sin”, significando junto, com] (*museologie de la population*) integra [o elemento de base de estudo da museologia] 3.1.2 [um museu pode ser reconhecido como um indivíduo dentro de uma unidade, um membro de um grupo, um membro de uma associação, etc. Para todos esses tipos há um segundo aspecto: estudo dos museus enquanto população de unidades. p. 48]. Estudos dos museus como ‘população’ existente atualmente sob a forma de associações nacionais de museus. Associação Internacional de Museus a Céu Aberto, e mesmo o ICOM poderiam ser parcialmente incluídos nesta categoria. A sin-museologia da população visa sistematizar em ciência as relações entre os museus e os grupos de museus. Por exemplo, as relações de base entre museus serão chamadas ‘ação, reação, coação’, e os protótipos de estruturas como a população museal serão classificados como ‘estruturas dispersas, estruturas abertas e estruturas fechadas’. Este tipo de estudo é um aspecto vital da museologia.” p.49. “Syn-muséologie (muséologie de la population) Ceci entre dans le point 3.1.2 [Un musée peut être reconnu comme un individu dans une unité, un membre d’un groupe, un membre d’une association, etc. Pour tous ces types il y a le second aspect: étude des musées en tant que population d’unités.]. Etudes des musées en tant que ‘population’ existant actuellement sous forme d’Associations nationales de musées, Association Internationale des Musées de Plein-Air, et même l’ICOM pourrait être partiellement inclus dans cette catégorie. La syn-muséologie de la population vise à systématiser en science les relations entre les musées et groupe de musées. Par exemple, les relations de base entre musées seront appelées ‘action’, réaction, co-action’, et les prototypes de structure comme la population muséale serait classées comme ‘structures disperses, structures ouvertes et structures fermées’. Ce type d’étude est un aspect vital de la muséologie.”

<sup>260</sup> MENSCH, Peter van. *Museology as a scientific basis for the museum profession*. In: **Professionalising the muses**. Amsterdam: Aha Books, 1989.

WAIDACHER<sup>261</sup> (1999<sup>262</sup>) avança a partir de um sistema de Stránský, constando da museologia geral, em posição central, que contém, em sua opinião, a *metamuseologia*, a museologia histórica, a museologia teórica e a museologia prática. A museologia teórica reúne a seleção, tesauroização, comunicação e institucionalização. A museologia prática toma conta da seleção de objetos, estabelecimento de acervos, relações públicas, organização e administração. Ao ramo de museologia geral pertencem ainda os métodos da museologia, quer dizer a tecnologia, teoria e metodologia das disciplinas<sup>263</sup>.

Naturalmente, cuida de apresentar bem mais detidamente o sistema próprio. De acordo com a intenção do conhecimento definida, o objeto estrutura o sistema museológico em quatro níveis de conhecimento: diacrônico / Museologia histórica; sincrônico / Museologia contemporânea; teórico / Museologia teórica; e aplicado / Museografia. “A metamuseologia está fora do sistema, acima dele”<sup>264</sup>, enquanto que o cerne é a museologia teórica, “que reflete em todas as outras partes. As outras partes influenciam de volta o pensamento teórico.” E auto avalia o seu sistema, como “capaz, com seus níveis de conhecimento, [de] entender a complexidade do campo, quer dizer, é uma rede [retomando POPPER 1976:31<sup>265</sup>], que abrange toda a realidade observada. Assim cumpre a sua missão”<sup>266</sup>.

E onde se situa a Museologia entre as disciplinas científicas? Para Stránský, a museologia, dado o seu campo cognitivo, participa das disciplinas humanísticas, na esfera das ciências culturais, ou culturologia, e, concomitantemente, o seu objeto faz parte da natureza, sociedade, cultura ou técnica, o que lhe confere caráter interdisciplinar. Formadora da realidade, que também integra o seu objeto, “A musealização transforma a realidade em nova *metarealidade cultural*”<sup>267</sup>. Esta é a participação da museologia na criação da cultura”<sup>268</sup>. Enquanto a Museologia se imputava a pesquisa sobre as fontes e era subordinada às demais disciplinas presentes nos museus, não se lhe identificava um objeto particular. “A definição da musealidade

---

<sup>261</sup>(Graz, Áustria, 1934 - ). FRIEDRICH WAIDACHER. **Wikipedia**. Disponível em: [http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=sk&u=http://sk.wikipedia.org/wiki/Friedrich\\_Waidacher&prev=search](http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=sk&u=http://sk.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Waidacher&prev=search). Acesso em: 23 fev. 2015.

<sup>262</sup> WAIDACHER, Friedrich. **Prírucka vseobecnej muzeológie** [Guia geral da museologia]. Bratislava: SNM [Museu Nacional da Eslováquia], 1999.

<sup>263</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p. 115-116.

<sup>264</sup> Ibidem, p. 117. Grifo nosso.

<sup>265</sup> POPPER, Karl B. **Logika vedeckého zkoumání** [A lógica da pesquisa científica]. Praga: 1976.

<sup>266</sup> STRÁNSKÝ, op. cit., p. 117.

<sup>267</sup> Ibidem, loc.cit. Itálico do autor, grifo nosso.

<sup>268</sup> Ibidem, loc.cit.

como campo<sup>269</sup> da museologia oferece a esta disciplina seu próprio âmbito de conhecimentos. Ao mesmo tempo, não elimina a participação de disciplinas tradicionalmente ativas em museus, nem a aplicação das disciplinas afins.“ E continua sintetizando o escopo desse seu capítulo, enfatizando que os resultados dos conhecimentos, obtidos por essas disciplinas,

[...] somente fazem a base para musealização, que é o âmbito próprio da museologia. Esta abordagem da museologia à realidade necessita de um acesso global, *holístico*, à realidade. A razão disso é que, baseado somente nestes resultados de conhecimentos, é possível fazer avaliação de valores, que são básicos para identificação da musealidade<sup>271</sup>.

E, antes de encerrar o capítulo, próximo ao seu fecho, Stránský repete o seu objeto da museologia, que supõe terminologia, metodologia, sistema disciplinar e afirmação distintiva no corpo do sistema das ciências: a musealização da realidade, a ser empregada no processo cognitivo, de natureza museológica. Com toda a sua formulação, todavia, ecoa a equivalência que Stránský faz, dizendo que “cultura de museus, quer dizer da museologia”<sup>272</sup>. Operamos aqui um anticlímax, com o intuito de

---

<sup>269</sup> “Vymezený muzeality jako *domény* muzeologie” [...]. No original checo, o termo “domény” é tradutível como “domínio”. Para efeito de sentido em português, aqui atribui-se-lhe o conceito de “campo”.

<sup>270</sup> Já aqui, ao termo relativo a “domínio”, em checo, atribui-se a equivalência a “âmbito”. [...] muzealizaci, která je vlastní *doménou* muzeologie.” Na realidade, tanto musealidade quanto muzealização são objetos da Museologia, para Stránský. Grifo nosso.

<sup>271</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p. 117. Outras disciplinas pouco tradicionais em museus vêm sinalizando uma nova abordagem ao processo relacional com a realidade, a exemplo [p. 118] da sociologia, informática, psicologia, semiótica ou a teoria da comunicação e mediação (mediática). Cita também disciplinas que chamam a atenção da Museologia, como a ecologia ou a teoria da memória. E ainda outro grupo de disciplinas, de que tomam parte a sozologia [ciência da proteção ativa do ambiente, pelo polonês, cf. <http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=pl&u=http://pl.wikipedia.org/wiki/Sozologia&prev=search>), a monumentalística e a documentarística. Mas, adverte Stránský: “Estas relações multilaterais não significam que a museologia é alguma “colagem” de disciplinas diferentes. A Museologia tem uma posição especial neste sistema dinâmico da ciência contemporânea e também uma missão particular que não pode ser cumprida pelas outras disciplinas. A Museologia participa, com seu jeito especial, do desenvolvimento das ciências e do pensamento científico, com um papel importante na memologia e na culturologia. [...] Mas, e esta atividade de muitas disciplinas científicas não significaria que elas vêm se tornando parte da museologia e formando assim a base das museologias especiais? “Originalmente, o termo museologia especial nasceu de uma imaginação da aplicação das disciplinas científicas à prática de museus (NEUSTUPNÝ 1950) [NEUSTUPNÝ, J. **Otázky dnešního muzejnictví**. Praga: 1950.]. É característico que, apesar de algumas experiências, não tenhamos nenhuma museologia especial. O que vem repercutindo na literatura museológica está dentro da delimitação da museologia geral com uma pequena diferença, que se trata de casos concretos. Assim, podemos falar melhor de *museologia concreta*. Não se trata, de fato, que utilizando conhecimentos de outras disciplinas na cultura museológica estejamos criando uma especialidade dentro da museologia (STRÁNSKÝ 1968-69) [STRÁNSKÝ, Zbynek Z. Predmet obecné a speciální muzeologie [Objeto geral e museologia especial]. **Casopis Moravského muzea v Brno** [Revista do Museu da Morávia em Brno], Vedy společenské [Ciência Social]. 1968-1969, v.53-54, n. 2, p. 207-252.]. Somente no nível de disciplina aplicada não podemos resolver parte da musealização da realidade, que é o objeto de intenção cognitiva da disciplina envolvida, se não empregamos neste processo cognitivo o processo cognitivo museológico. Assim, não rebaixamos a importância do papel da disciplina aplicada envolvida ou desvalorizamos sua importância de contribuição de seus conhecimentos. Ao contrário. A abordagem museológica precisa desta base de conhecimentos para desenvolver seu próprio processo cognitivo e primeiramente o processo da avaliação. Mas o que é decisivo é o ponto de vista museológico. Se surge uma disciplina especial baseada nesta conjugação, trata-se de especialização, que foi criada pela relação interdisciplinar.” p. 118. Grifo nosso.

<sup>272</sup> Ibidem, p. 114.

explicar a persistente fragilidade no caminho de se dar à Museologia independência do museu, de um objeto epistêmico autônomo que, embora possa ser contemplado ou existir em museus, também poderia ser ontologicamente prescindível dele.

Atrás da Cortina de ferro, o pensamento de Stránský e da escola Checa de Museologia apenas é conhecido no bloco comunista europeu, a partir do que veio a ser designado por escola checa de Museologia, devendo aguardar para ser apresentado, apreciado e incorporado ao resto do meio com a criação do Comitê para a Museologia, ao final dos anos 1970, do Conselho Internacional de Museus – ICOFOM, da UNESCO<sup>273</sup>.

Avram Moiseevich RAZGON (1920, Yartsevo – 1989, Moscou), vice-presidente do Comitê, de 1977 a 1983<sup>274</sup>, na primeira publicação disponível do ICOFOM, tendo por assunto o trabalho de pesquisa nos museus<sup>275</sup>, na contribuição do museólogo russo<sup>276</sup>, soviético, referindo-se a Stránský, à página 22, menciona um encontro em Gera, na então República Democrática Alemã - RDA, promovido pelo ICOFOM, versando sobre a relação entre Museologia e disciplinas históricas, realizado através de seu membro R. Kiau, Diretor do Instituto Museológico da RDA, com trabalhos de B. Rüdiger e de Stránský, sobre os aspectos museológicos<sup>277</sup>. Na página 27 (além de outras citações anteriores a Stránský), apesar do enunciado bastante geral e elíptico, não nos deixa de nos dar conta da significância do trabalho intelectual de Stránský escrevendo:

Por falta de espaço<sup>278</sup>, não posso explicar aqui a minha definição do objeto da museologia. Apenas posso dizer, que aprecio muito o que tem sido feito neste campo por Z. Stránský / República Socialista da Checoslováquia <sup>279</sup>, apesar do fato de que há muitas diferenças entre nossas abordagens para a questão, o que é bastante natural, especialmente no período inicial de formulação de noções complexas<sup>280</sup>.

---

<sup>273</sup> Na época anterior a novembro de 1989, ele recebeu permissão para dar palestras somente em países do chamado bloco socialista, e seus trabalhos foram divulgados pelos outros colegas em países não socialistas. DOLAK, Jan; VAVRIKOVA, Jana: **Muzeolog Z. Z. Stránský: zivot a dílo** [O museólogo Z. Z. Stránský: vida e obra]. Brno: Universidade Masaryk, 2006. p. 6.

<sup>274</sup>AVRAM MOISEEVICH RAZGON. **Wikipedia**. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Avram\\_Moiseevich\\_Razgon](https://en.wikipedia.org/wiki/Avram_Moiseevich_Razgon)>. Acesso em: 22 fev. 2015.

<sup>275</sup> ICOM - ICOFOM. Research work in Museums: its possibilities and limits / Le travail de recherché dans le musée: possibilities et limites. ICOFOM, 1978.

<sup>276</sup> RAZGON, A. M. Possibilities and limits in scientific research typical for the museums / Possibilités et limites de la recherche scientifique typiques pour les musées. In: ICOM - ICOFOM. **Research work in Museums: its possibilities and limits / Le travail de recherché dans le musée: possibilities et limites**. ICOFOM, 1978. p. 20-45; 99-127.

<sup>277</sup> Ibidem, p. 22; 101-102.

<sup>278</sup> Nos primeiros anos do ICOFOM, o limite para a produção de textos era de 8 páginas.

<sup>279</sup> Recordando a época a que o artigo se reporta, a referência de nacionalidade dada a Stránský foi à República Socialista da Checoslováquia, em checo *Československá Socialistická Republika, sob a sigla CSSR*. REPUBLIQUE SOCIALISTE TCHECOSLOVAQUE. **Wikipedia**. Disponível em: <[https://fr.wikipedia.org/wiki/R%C3%A9publique\\_socialiste\\_tch%C3%A9coslovaque](https://fr.wikipedia.org/wiki/R%C3%A9publique_socialiste_tch%C3%A9coslovaque)>. Acesso em: 23 fev.2015.

<sup>280</sup> "For lack of space I cannot explain here my definition of the subject matter of museology. We can only say, that I appreciate very much what have been done in this field by Z. Stránský / CSSR/, in spite of the

A compilação dada a público se consubstanciou no primeiro de dois livros do Comitê para Museologia do ICOFOM<sup>281</sup>: os Documentos de Trabalho sobre a Museologia (MuWoP [*Museological Working Papers*] ou DoTraM [*Documents de Travail sur la Muséologie*], nas reduções do título em inglês e em francês) I e II inauguraram uma metodologia de apresentar e de permitir evidenciar modos de questionar e de responder a assuntos propostos sobre um eixo temático. Concebido para ser uma revista internacional de “debate sobre as questões fundamentais que se relacionam com o museu”, como um “fórum aberto para um debate permanente sobre os problemas fundamentais do museu”<sup>282</sup>. No número II, antecedendo às contribuições sobre o novo tema proposto A interdisciplinaridade em Museologia, figuram comentários, análises e sínteses sobre o material constante do DoTraM / MuWoP I<sup>283</sup>. Seu Redator Chefe, Vinos Sofka, retoma a pergunta com que terminara a introdução à **Questão posta**: a museologia – ciência ou apenas trabalho prático do museu?: “Enfim, o que é a Museologia?”<sup>284</sup> Menciona o espanto decorrente dos dados do levantamento realizado em 1975, por Villy Toft Jensen, que revelam uma situação conceitual confusa entre as opiniões de profissionais de museus europeus sobre a museologia<sup>285</sup>. O redator se pergunta se, a uma questão de sentido limitado, houve resultado? Foi ela resolvida? Observa que as quinze “memórias de base” (os artigos dos convidados) têm um largo

---

fact that in our approach to the problem there are many differences, which is quite natural, especially in the initial period of formulating complicating notions”.

<sup>281</sup> Pelo ICOFOM, antecederam-se duas publicações conhecidas, relativas a encontros em 1978 e 1979.

<sup>282</sup> SOFKA, Vinos. Editorial. In: ICOFOM. **La muséologie**: science ou seulement travail pratique du musée? *Museological Working Papers - MuWoP/DoTraM*, Estocolmo, n.1, 1980, p. 3. [...] “débat sur les questions fondamentales qui se rapportent au musée [...]” [...] “forum ouvert pour un débat permanent sur les problèmes fondamentaux du musée [...]” Na tradução, o termo “du musée”, conforme reparou a Dra. Tereza Scheiner, em sua expressão singular, referencia o caráter geral, metainstitucional, enquanto que “des musées”, traduzível por “dos museus”, remete a aspectos intrainstitucionais, ligados à natureza institucional. Stránský nos fornece a distinção entre “de museus” e “museal”: “Acho que devemos – conforme a situação anteriormente descrita – utilizar a palavra *de museus* quando vamos tratar os assuntos de fenômeno de museus e tudo que está em volta, e outra palavra *museal* devemos utilizar para identificar aquela relação de avaliação (STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p.112) particular da realidade. A relação entre as duas palavras, temos que realizar, que dentro de um museu é museal só o que representa os valores museais: que são os objetos de coleções. Ao contrário, a vitrine de museus é um instrumento para apresentação de algo museal, mas ela própria é equipamento de museus. Ambos os termos não existem isoladamente. Eles têm uma relação direta: seus conteúdos se entrelaçam de forma que, de ponto de vista geral de valores, o termo museal ultrapassa o termo “de museu” [museístico], mas de ponto de vista do fenômeno de museus em geral, a parte museal é só uma fração dele”. Ibidem, p. 111.

<sup>283</sup> ICOM - ICOFOM. **La théorie des systèmes et la muséologie**. *Museological Working Papers / Documents de Travail sur la Muséologie - MuWoP/DoTraM*, Estocolmo, n.2, 1981, p. 8-25.

<sup>284</sup> SOFKA, Vinos. Introduction du rédacteur en chef. In: ICOM / ICOFOM. **La théorie des systèmes et la muséologie**. *Museological Working Papers / Documents de Travail sur la Muséologie - MuWoP/DoTraM*, Estocolmo, n.2, 1981, p. 8

<sup>285</sup> SOFKA, Vinos. Introduction du rédacteur en chef. In: ICOM - ICOFOM. **La muséologie**: science ou seulement travail pratique du musée? *Museological Working Papers / Documents de Travail sur la Muséologie - MuWoP/DoTraM*, Estocolmo, n.1, 1980, p. 6; SOFKA, Vinos. Introduction du rédacteur en chef. In: ICOM / ICOFOM. **La théorie des systèmes et la muséologie**. *Museological Working Papers / Documents de Travail sur la Muséologie - MuWoP/DoTraM*, Estocolmo, n.2, 1981, p.8.

espectro de opiniões, considerando, afinal, que os conteúdos podem ser agrupados entre:

- a) o mais numeroso, que concebe a museologia como disciplina, como uma ciência, mais precisamente como estando em vias de se tornar uma ciência.
- b) a museologia, tanto ciência como trabalho prático, uma arte ou uma ciência aplicada<sup>286</sup>.

O conselho da revista concitara aos articulistas a replicarem os trabalhos presentes no DotraM / MuWoP I, mas apenas Stránský respondeu ao apelo, ao lado de seis outros comentaristas que não participaram no primeiro número.

Trazendo a observação desse aspecto proposto pelo ICOFOM, nos ambientes acadêmicos, há os que têm por base os *Museum Studies* [intencionalmente ou pela falta de clareza epistêmica com relação aos pressupostos da Museologia enquanto teoria], e os cursos de Museologia, em nível de graduação e de pós-graduação (Apêndice 2), em cujas ementas se poderia analisar a importância relativa dos conteúdos teóricos ou, melhor, metateóricos, conforme levantamentos anexados<sup>287</sup> em contraste ao pressuposto prático no temário inicial do ICOFOM. Ainda nestes últimos, o que obteríamos se considerássemos a produção sobre a teoria ou sobre a metateoria da Museologia? E em termos de obra de referência sobre o campo disciplinar, o que apurariamos? As contribuições parecem ser bem mais frequentes em dissertações e teses, boa parte das vezes em pós-graduações de outros campos, bastando ver a natureza dos objetos de estudo dos egressos do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio - PPG-PMUS quanto ao seu direcionamento a questões específicas e exclusivas da teoria da Museologia / Patrimoniologia. Foi solicitado ao acadêmico Victor Alexandre Soares Ramuz, bolsista de monitoria da disciplina Museologia II, do Curso de Museologia da UNIRIO e do Projeto **A filosofia e o objeto da Museologia**<sup>288</sup>, o levantamento das dissertações de Mestrado do Programa de Pós

---

<sup>286</sup> SOFKA, Vinos. Introduction du rédacteur en chef. In: ICOM / ICOFOM. **La théorie des systèmes et la muséologie**. Museological Working Papers / Documents de Travail sur la Muséologie - MuWoP/DoTraM, Estocolmo, n.2, 1981, p.8.

<sup>287</sup> Conforme o Levantamento empreendido por Marcella Bacha, constante do Apêndice 2, inicialmente dos cursos brasileiros de graduação em Museologia que, em janeiro de 2015, suplementou com os cursos de pós-graduação no País, por sugestão da Dra. Tereza Scheiner. No documento de Qualificação da presente tese, em fevereiro de 2014 constava, da "justificativa", afirmáramos sobre a baixa produção de fundo teórico disciplinar sobre a Museologia em si no Programa de Pós Graduação de Museologia e Patrimônio – UNIRIO/MAST. A prof<sup>a</sup> Dra. Diana Farjalla Correia Lima, membro da banca, solicitou que, ao se proferir a presunção, se demonstrasse a procedência do enunciado, do que derivou o pedido de levantamento ao acadêmico bolsista Victor Ramuz.

<sup>288</sup> Em decorrência e desdobramento do relacionamento do orientador com o bolsista, ocorreu a formulação de projeto de pesquisa de Victor Ramuz, sobre Conceitos e objetos da museologia, apresentado em Anexo 3).

Graduação em Museologia e patrimônio - PPG-PMUS, da UNIRIO / MAST, no período de 2008- 2014 (1º semestre)<sup>289</sup>. Os elementos levantados e sua revisão e tabulação, enquadrando o período de março a dezembro de 2014, conforme definição prévia do autor, com acréscimo proposto pela Profa. Dra. Diana Farjalla Correia Lima foram: título, palavras-chave, orientador, banca e data de produção/defesa, sendo os resultados compilados em tabela e anexados ao final da tese (Apêndice 1). Devido ao portal do PPG-PMUS publicar as referências apenas das dissertações defendidas e revisadas, foi necessário ir aos arquivos da Coordenação do PPG-PMUS, Centro de Ciências Humanas e Sociais, na UNIRIO, e, adicionalmente, consultar a relação das dissertações de 2013-2014 enviadas pelo Prof. Dr. Marcus Granato, vice-Coordenador do Programa, no mês de junho de 2014. A amostragem, inicialmente, abarcava a totalidade do universo das dissertações presentes nos dois locais de busca, no período de 2008 a 2014. Entretanto, como parte das dissertações não havia sido revisada, optou-se, por meio de uma conversa com a Dra. Teresa Scheiner, Coordenadora do PPG-PMUS, por fazer se considerarem somente dissertações defendidas e revisadas, o que determinou o retorno ao portal do PPG-PMUS, no período de agosto de 2014. Uma última revisão foi realizada em dezembro, na qual todos os dados foram tabulados. Durante o processo houve a dificuldade com relação à clareza sobre quais dissertações estavam revisadas e quais não estavam, o que ocasionou as mudanças no recorte.

Por restrição de tempo, já que demandaria definições e levantamentos suplementares, abandonou-se a ideia, também proposta pela Dra. Diana, de se analisar a área de formação e de conhecimento dos professores envolvidos, orientadores e membros de bancas, de cada uma das dissertações. Restringiu-se, então, o trabalho a uma consideração objetiva do enunciado dos títulos e das palavras-chave oferecidas pelos respectivos autores dos trabalhos dissertativos. A procura foi pela identificação dos termos referentes ao universo conceitual do ponto de vista teórico, em Museologia, certamente, observando-se o campo em que se inseriam os títulos e as palavras-chave. A restrição suplementar estendida à não exposição no quadro do exercício de categorização / classificação da natureza da dissertação, inicialmente bipolarizada entre a teórica e a aplicada. Repetindo-se, o objetivo foi, nos dados levantados, fundamentar quantitativamente o endereçamento dos mestrados em seus trabalhos finais às

---

<sup>289</sup> O Mestrado em Museologia e Patrimônio da UNIRIO / MAST, foi o primeiro a se estabelecer no Brasil junto a uma Universidade Federal, a partir de 2005, com dissertações defendidas a partir de 2008. O Programa de Pós-graduação Interunidades em Museologia, da Universidade de São Paulo (estadual) passou a receber mestrados a partir de 2012 e as defesas das dissertações se dão a partir de 2013, período já posterior ao da coleta de dados realizada para esta Tese. De modo semelhante, o Mestrado em Museologia da Universidade Federal da Bahia é recente e os produtos por vir ainda não podiam ser considerados para esta Tese.



questões de natureza exclusivamente teóricas da Museologia / Patrimoniologia. O bolsista recorreu ao portal do PPG-PMUS, encontrando, até agosto de 2014, 66 dissertações referenciadas na base digital. Na primeira leitura, desse número, apenas uma dissertação estava tematicamente ligada à pura Teoria da Museologia.

Tendo o exercício inicial de tentativa de identificação de natureza teórica ou aplicada resultado apenas em uma dissertação relacionada ao plano metateórico, e como o autor dessa dissertação é o mesmo da presente tese e adicionalmente supervisor do aluno bolsista, procurou-se a leitura crítica do colega museólogo Dr. Bruno César Brulon Soares, também ele contemporâneo à primeira turma do Mestrado em Museologia e Patrimônio do PPG-PMUS UNIRIO/MAST, conseqüentemente autor de uma das dissertações consideradas e sendo ele ligado à teoria da Museologia<sup>290</sup>, sobre seu parecer a respeito da classificação proposta e imposta a cada uma das dissertações do universo que se tinha em vista propôs a categorização tripartida, entre natureza teórica pura, aplicada e estudo de caso, natureza essa não aparente no Apêndice 1, pelas razões previamente ditas. O Dr. Soares, por comportamento diligente, procurou a igualmente mestranda nossa contemporânea e pensadora ligada a questões teóricas para dela ouvir a caracterização de seu trabalho, pronunciamento a nós repetido de que se tratava de dissertação de caráter teórico, sem o ser específica e exclusivamente de teoria da Museologia.

Para avançarmos na análise, todavia, identificamos genericamente colegas que, no PPG-PMUS, poderiam ter se dedicado à teoria da Museologia. Essa tentativa de revisão, é preciso anotar, não tendo sido exaustiva, por princípio não teria validade, pelo que não citaremos as dissertações efetivamente consultadas, para não sermos injustos ou pecarmos por omissão, por desconhecimento dos teores das demais dissertações do PPG-PMUS, sobre seu caráter teórico e sobre conceitos puros e/ ou metateóricos objetivamente sobre a teoria da Museologia. Todavia, reconhecemos a orientação das dissertações para a elaboração teórica, retornando ao levantamento geral e às palavras chave para apreciar que o plano, se teórico, em Teoria da Museologia é subsidiário ou fundador à discussão de outro objeto que não a própria Teoria da Museologia, a Metamuseologia.

---

<sup>290</sup> Professor concursado para a área de Teoria da Museologia, na UNIRIO – Escola de Museologia, coordenador do Curso Integral de Museologia dessa Escola e vice-Presidente do Comitê para a Museologia do Conselho Internacional de Museus – ICOM.

### 1.3 Museologia e Filosofia: o que se pensa?

O ICOM e, mais orientadamente, o ICOFOM promoveram a produção e difusão da reflexão sobre a Museologia. Outro caminho é trilhado pelas academias universitárias encarregadas da formação intelectual e profissional de museólogos, embora nem o pensamento e nem a atuação no campo profissional e seus requerimentos pluridisciplinares possam ser restritos a uma regulamentação que impeça a produção de conhecimento, em e sobre qualquer área. Para efeito de recorte, de proximidade e por contiguidade a mais objetiva e imediata, nos limites do presente trabalho consideramos os Cursos de Museologia em nosso País e neles a presença e eventual ligação com a Filosofia<sup>291</sup>.

No Brasil, até o primeiro semestre do ano de 2013, há quinze cursos de graduação em museologia: treze integram Universidades Federais (do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, Bahia - UFBA, Pelotas - UFPEL, Recôncavo da Bahia - UFRB, Sergipe - UFS, Ouro Preto - UFOP, Rio Grande do Sul - UFRGS, Brasília - UNB, Pernambuco - UFPE, Goiás - UFG, Minas Gerais – UFMG, Pará - UFPA, Santa Catarina - UFSC. Dois cursos são particulares, do Centro Universitário Barriga Verde (UNIBAVE, Orléans, Santa Catarina e da Faculdade e Colégio Dom Bosco (FAECA – Monte Aprazível, São Paulo). São três os cursos de mestrado (UNIRIO, UFBA e USP) e um de doutorado (UNIRIO). Através de levantamentos<sup>292</sup> dos atuais cursos de graduação em Museologia e área de conhecimento a que estão vinculados, os cursos das Universidades Federais se ligam

---

<sup>291</sup> Muito gostaríamos de ter tido condições, sobretudo de tempo, para verificar no âmbito do Comitê Internacional para Formação de Pessoal – International Committee for Training of Personnel – ICTOP, do ICOM, a ocorrência da Filosofia nas indicações de conteúdos para a formação de pessoal de trabalho em museus.

<sup>292</sup> Agradecemos à gentil colaboração de Marcella Faustino Fernandes Bacha, à época ainda estudante de Museologia da UNIRIO, hoje já bacharelada, pelos levantamentos procedidos na Internet, no dia 31 de agosto de 2013, revisto até 19 de setembro de 2013 (Apêndice 2), a partir de contatos eletrônicos iniciais fornecidos pela Diretora da Escola de Museologia da UNIRIO, Profa. Dra. Elizabete Mendonça, a quem também agradecemos. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro: criação 1932. Centro de Ciências Humanas e Sociais; Universidade Federal da Bahia (UFBA): criação 1970. Área III. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA (FFCH UFBA); Centro Universitário Barriga Verde (Unibave, Orléans, SC): criação 2004. (vinculação não apurada em rede); Universidade Federal de Pelotas (UFPEL): criação 2006. Instituto de Ciências Humanas; Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB): criação 2006. Centro de Artes, Humanidades e Letras; Universidade Federal de Sergipe (UFS): criação 2007. Núcleo de Museologia, do Campus de Laranjeira, ao lado dos núcleos de: Arqueologia, Dança, Teatro e Arquitetura e urbanismo; Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP): criação 2008. Instituto de Filosofia, Artes e Cultura; Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS): criação 2008. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação; Universidade Federal de Brasília (UNB): criação 2009. Faculdade de Ciência da Informação; Universidade Federal de Pernambuco (UFPE): criação 2009. Centro de Filosofia e Ciências Humanas; Universidade Federal de Goiás (UFG): criação 2010. Faculdade de Ciências Sociais; Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG): criação 2010. Escola de Ciência da Informação; Universidade Federal do Pará (UFPA): criação 2010. Instituto de Ciências da Arte Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC): criação 2010. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Antropologia; Faculdade e Colégio Dom Bosco (FAECA – Monte Aprazível, SP): criação 2012 (vinculação não apurada em rede).

ou a centros de ciências humanas e sociais, de ciência da informação, de comunicação, ou, ainda, associam-se a núcleo voltado para as artes. Ainda nada apuramos quanto aos cursos ligados a entidades de ensino particulares.

Em um preliminar e rápido levantamento, obteve-se pequena presença nas grades curriculares de disciplinas ligadas diretamente à Filosofia, a saber:

Introdução à Filosofia (UFBA) Fundamentos de Filosofia (UFRB), Introdução à Filosofia (UFOP), Epistemologia (UFPEL), Introdução ao Pensamento Filosófico (UFRGS), Fundamentos de Filosofia (UFS), Filosofia da Cultura (UNIBAVE). Na UFG e na UFPE há disciplinas que, dependendo do conteúdo, podem estar abordando diretamente aspectos filosóficos (Teorias do objeto e estudos de cultura material e Teoria dos Objetos e das Coleções). Em dois cursos, parece não haver disciplina dedicada à Filosofia e, sobre dois outros, não se obtêm grades curriculares em rede<sup>293</sup>.

A situação da construção curricular, conforme levantamento realizado em 2013, apontava para uma baixa presença de disciplinas ligadas à Filosofia. Mesmo quando constantes, tinham o caráter de “introdução” ou “fundamentos” da Filosofia ou do pensamento filosófico, nos casos da UNIRIO, da UFBA, da UFRB, da UFOP, da UFRGS. Epistemologia é ministrada na UNIRIO e na UFPEL. A UNIBAVE contemplava a disciplina Filosofia da Cultura.

Como a disciplina Teorias do objeto, na UNIRIO, incorpora a discussão do objeto para a Filosofia, pode-se pensar que em disciplina correlata, na UFG e na UFPE, também ministrem conteúdo de caráter filosófico.

Houve falta de condição para o levantamento, quando não se obtiveram os dados da grade curricular por indisponibilidade na web, como na UFPA e, para os demais cursos não citados, a ausência de disciplina que declaradamente se voltasse para a Filosofia.

Para a Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, a Museologia “estuda e analisa as relações entre a natureza, o homem, a sociedade, a cultura e as diferentes manifestações do museu, no tempo e no espaço”<sup>294</sup>. Em termos epistêmicos, supondo ser a museologia considerada como disciplina científica, seria interessante vir a saber sobre as vinculações a departamentos e centros universitários de modo a ver como se concebe a inserção dessa disciplina no corpo

---

<sup>293</sup> Reiteramos a natureza precária dos resultados apurados com relação aos levantamentos iniciais de vinculação e de conteúdo.

<sup>294</sup> Tereza Scheiner, diretora da Escola de Museologia (1994-2000), CCH/UNIRIO. 1997.

científico. A considerar o curso da UNIRIO, primeiro deles, criado em 1932, é possível que a tendência majoritária seja o de inseri-la entres as disciplinas das ciências humanas e sociais<sup>295</sup>. Seria, ainda, adequado verificar mais detida e aprofundadamente a presença de disciplinas de conteúdo filosófico integrantes nas diversas grades curriculares desses cursos, de graduação e de pós-graduação, tarefa, todavia, a que não nos dedicaremos agora. E, assim, obter-se-iam dados sobre como se afirma a formação do profissional em museologia no Brasil, sendo igualmente conveniente contemplar os demais cursos no exterior.

No concernente à presença de disciplinas nos três cursos de pós-graduação em Museologia (UNIRIO/MAST, USP, UFBA), ocorre no binômio “teórico-filosófico” e no uso estrito em parte do enunciado de conteúdo das disciplinas Teoria e metodologia da Museologia e Teoria do Patrimônio, UNIRIO/MAST, e na disciplina Análise crítica da imagem e contextos socioculturais, da UFBA, não sendo citado na apresentação das disciplinas do mestrado da USP, do mesmo modo que não figura nas disciplinas adicionais para o doutorado da UNIRIO/MAST<sup>296</sup>.

No âmbito de um trabalho de tese, o caráter revisional, a identificação da *arché* do pensado e das estruturas do pensamento é essencial. De onde se veio e para onde se está se dirigindo circunscreve o caminho, enquanto método e metodologia. Sob a rubrica binomial Museologia – Filosofia pouco se obtém de resultado nas indexações de obras, artigos ou conteúdos. É mesmo necessário, também, se clarificar o emprego do termo “filosofia” ou sua adjetivação, “filosófico”, como verdadeiramente (desvelado enquanto filosófico ou em conformidade com as coisas, no dizer de Heidegger). O filtro de ordem conceitual impôs-se como precípua, aliado à significância que, para um autor, um pensamento, digamos, e na expressão pensada, uma obra, constitua, declarada e constatatadamente a intenção e direção a que se orientam produtor e produto. Nesse sentido, vimos em Stránsky, por fio de Ariadne que nos tem sido, a enunciação de pressupostos filosóficos pouco elaborados justo em prol do objetivo do museólogo checo em fundar e fundamentar a Museologia enquanto Ciência, querendo dar-lhe e construir-lhe uma teoria em moldes científicos. Certo que a Filosofia, no cenário ocidental, desempenhou e desempenha papel de, em formulando questões e conceitos puros e em sua busca de universalidade, estimular a reflexão, em geral, e interesse por desdobramentos empíricos, particulares, por exemplo, desembocando na instauração

---

<sup>295</sup> Apêndice 3. Proposta de Currículo para a Escola de Museologia baseado em disciplinas da Filosofia,

<sup>296</sup> Devemos referir a renovada colaboração da, agora, museóloga Marcella Bacha quanto ao levantamento por ela realizado que nos permitiu aquilatar a presença da enunciação de Filosofia nos portais dos cursos de pós-graduação de Museologia (Apêndice 2).

de novas ciências, como o fora com a psicologia, citemos. A Filosofia é útero para as fecundações e ocorrências embrionárias que podem nascer de si ou serem transplantadas, adotadas, etc. sendo ponto, no nosso ambiente de cultura de matriz ocidental, quase sempre referenciada. Tal é que, se Platão nos precedeu em dois milênios, o que pensara e as estruturas de seu pensamento ainda são estruturantes, por afirmação ou questionamento, para o pensamento corrente. E não se coloca aspecto de prevalência, dominância ou hierarquia em Platão e em suas teorias em consideração às demais, em um território cumulativo e associativo, ainda que a custa de divergências. A ordem do pensar filosofante é sedutora e seu referimento enaltecedor. Tentamos nos aparelhar para alargar a abertura, reconhecendo nossos limites para a empreitada, o que nos remete a compreender quem antes de nós o intentou.

Nosso ponto de partida foi Stránský, anteriormente se comentando, especialmente sobre seus pressupostos de teorias ou ramos filosóficos que assume como iniciais à Museologia enquanto ciência.

A promoção de uma reflexão sobre o tema: Museologia - ciência ou apenas trabalho prático de Museus? foi consolidada em publicação de 1980. Dos contribuintes, previamente escolhidos, por caráter geográfico e pluralidade de pontos de vista<sup>297</sup>, somente Anna Gregorová se apresenta como filósofo, ao dizer: "Nos últimos anos de minha atividade no Museu Nacional da Eslováquia, em Bratislava, voltei-me profundamente sobre a minha própria atuação - como um filósofo – sobre os problemas da museologia"<sup>298</sup>. Especificando o pressuposto de ordem filosófica na formulação do objeto epistêmico da Museologia, conforme proposto por Stránský, para ela, "além da abordagem filosófica deste tema [a relação específica homem – realidade], se requer uma solução que permita desenvolver as questões sobre uma base teórica"<sup>299</sup>. E apresenta sua metodologia de análise do problema, a constituir a estrutura de seu artigo:

No quadro desta relação específica, no qual se é possível examinar a *museologia* com respeito à realidade por *3 grupos de problemas fundamentais*: o museu e a realidade, o museu e a sociedade e, por fim, os problemas terminológicos em conexão com a análise das funções do museu. Somente por uma tal abordagem analítico-indutiva

---

<sup>297</sup> SOFKA, Vinos. Editorial. In: ICOM - ICOFOM. **La muséologie**: science ou seulement travail pratique du musée? *Museological Working Papers - MuWoP/DoTraM*, Estocolmo, n.1, 1980. p. 3.

<sup>298</sup> GREGOROVÁ, Anna. In: ICOM - ICOFOM. **La muséologie**: science ou seulement travail pratique du musée? *Museological Working Papers - MuWoP/DoTraM*, Estocolmo, n.1, 1980. p. 19. "Les dernières années de mon activité au Musée National Slovaque de Bratislava je me suis penchée profondément sur ma propre initiative - en tant que philosophe - sur les problèmes de la muséologie".

<sup>299</sup> Ibidem, loc.cit. (...) "d'ailleurs l'approche philosophique de ce thème [le rapport spécifique homme – réalité] nécessite d'elle même une telle solution qui permettrait de développer les problèmes sur une base théorique). Grifos nossos. Gregorová parece ser a responsável pela incorporação do termo « específica » à definição do objeto disciplinar por Stránský.

poderemos alcançar, por um método dedutivo, uma síntese que permita formular logicamente a definição das noções museu e museologia<sup>300</sup>.

Seu artigo não refuta quer o caráter pragmático quer o científico entre os quais se parametravam os textos. Mencione-se que a enunciação por Gregorová do objeto da Museologia para Stránský, o estudo da relação específica homem-realidade, dá início ao percurso para aquém da Cortina de ferro desta nova concepção conceitual fora do ambiente político-ideologicamente circunscrito<sup>301</sup>. De igual modo, argui e sustenta a tese de não ser o Museu o objeto de estudo da Museologia.

Ainda com algo do espírito de apresentação de ideias de colaboradores sobre um tema dado, a compilação e publicação dos textos apresentados, como se figuram nas primeiras publicações do ICOFOM, no caso desta tese os DoTraM / MuWoP I e II, que mais e especificamente lhe dizem respeito, o encontro do ICOFOM de 1999 tematizou A Museologia e a Filosofia e ocorreu em Coro, Venezuela, juntamente com o ICOFOM LAM que, por sua vez, pautou o tema Museologia, Filosofia e Identidade na América Latina e Caribe<sup>302</sup>.

Prefaciado pela editora da publicação, Hildegard K. Vieregk identificou três grupos de aspectos discutidos nas contribuições individuais: a museologia, ciência ou filosofia; os fundamentos filosóficos da museologia (realidade como base ontológica da museologia, o tempo, o espaço e a verdade ligadas a reflexões museológicas, museu – identidade / alteridade, museu e arte contemporânea, o museu e a museologia e a nova ética em tempos de mundialização; a filosofia contemporânea e a museologia<sup>303</sup>. Entre os 14 artigos<sup>304</sup>, há textos breves, alguns com pouco mais de uma lauda, rápidas a possibilitar

---

<sup>300</sup> GREGOROVÁ, Anna. In: ICOM - ICOFOM. **La muséologie**: science ou seulement travail pratique du musée? *Museological Working Papers - MuWoP/DoTraM*, Estocolmo, n.1, 1980. p. 19. “Dans le cadre de ce rapport spécifique, donc *muséologique* à l’égard de la réalité il est possible d’examiner 3 *groupes de problèmes fondamentaux*: le *musée* et la réalité, le *musée* et la société et enfin les *problèmes terminologiques* en connexion avec l’analyse des fonctions du *musée*. Ce n’est qu’après une telle approche analytico-inductive que nous pourrions parvenir, par une méthode déductive, à une synthèse qui permette de formuler logiquement la définition des notions musée et muséologie.” Grifos nossos.

<sup>301</sup> GREGOROVÁ, Anna. In: ICOM - ICOFOM. **La muséologie**: science ou seulement travail pratique du musée? *Museological Working Papers - MuWoP/DoTraM*, Estocolmo, n.1, 1980. p. 19.

<sup>302</sup> VIIEGG, Hildegard K., ed. **Museologia y Filosofía**. ICOM - ICOFOM Study Series – ISS 31. Coro, Venezuela, 28/11 – 4/12/1999. **Preprints**. Munique: Museums Pädagogisches Zentrum, [2000?].

<sup>303</sup> Sumários em versão inglesa, à página 6, e francesa, à 7.

<sup>304</sup> *Ibidem*, p. 6-7. Artigos ditos provocativos, com resumos, em dois ou três idiomas, por: 1-Bernard Deloche. **Museologie et Philosophie**. p. 8-17. 2- Nely Decarolis. **Relaciones de La Filosofía com La Museologia contemporánea**. p. 18-28. (bilíngue, espanhol e inglês). 2- Juan Francisco Devincenzi. **Sociedad e identidad face al nuevo milenio**. p. 30-32. (bilíngue, espanhol e inglês). 3- Ana Maria Thereza P. Labrador. **Colecting identities in museums: locating Bontok ethnicity (northern Philippines) in Museological Spaces**. p. 34 – 59. 4- François Mairesse. **La relation spécifique**. P. 60-68. 5- Mónica Beatriz Mercuri. **Mi acto de distinción**. p. 69- 73. 6- Omarou Nao. **Muséologie, identité et multiculturalisme**. p. 74-79. 7- Odalice Miranda Priosti. **Sociedade, identidade e turismo cultural: o caminho pedagógico do patrimônio**. p. 80 – 86. 8- Marcio Rangel. **Museologia, a poesia da filosofia**. p. 87- 89. 9- Norma Rusconi. **Logos e**

condições para se refletir sobre a sua construção intelectual. Alguns escritos tratam de casos e aspectos relacionados a segunda parcela do enunciado do Encontro, Identidade na América Latina e Caribe, percorrendo sobre turismo cultural, pedagogia, históricos relacionados a situações / instituições específicas. Contemplando Museologia e Filosofia, duas ocorrências, de François Mairesse (**La relation spécifique**) e de Laszlo Zeljko (**Is a General Theory on Museality Possible?**) têm por ponto de partida os objetos da Museologia propostos por Stránský, para nós também referenciais, pelo que podem constituir interesse em explorar essas abordagens ao pensamento stránskýano. Partindo de considerações exploratórias que tomam por referência a Filosofia, os seguintes títulos (e uma leitura “transversal” dos conteúdos) chamam a atenção para eventual contribuição sobre a abordagem filosófica da Museologia: **Mi acto de distinción** (Mónica Beatriz Mercuri), **Logos e identidad: retórica y semiología de fin de siglo** (Norma Rusconi), **Philosophy – Museology – Symbols: the connections (the Indian perspective)** (Anita B. Shah) e **Museologia, ética e estética** (Dorothea Voegeli Passetti). Destaque-se o artigo de Tereza Cristina Scheiner, pela promessa que traz no título (**As bases ontológicas do museu e da museologia**) quanto por outras contribuições da autora ao pensamento filosófico da Museologia / Patrimoniologia. Acrescente-se o exame da reflexão de Bernard Deloche (**Museologie et Philosophie**), defensor da posição da Museologia como parte da Filosofia e não como integrante do sistema científico, que abordaremos a partir do teor, por ele apropriado<sup>305</sup> no seu livro **Le musée virtuel**.

Os presentes ao Encontro redigiram a Carta de Coro<sup>306</sup>. Para a dinâmica dos trabalhos, constituíram dois grupos, tendo em vista os dois temas apreciados, sendo que relativo a Museologia e Filosofia, se estabeleceram os seguintes tópicos:

---

**identidad: retórica y semiología de fin de siglo.** p. 90- 102. (bilingue, espanhol e francês). 10- Tereza Cristina Scheiner. **Les bases ontologiques du musée et de la muséologie.** p. 103-125 (francês). **As bases ontológicas do museu e da museologia /The Ontological Bases of the Museum and of Museologie.** p. 126 – 173. ((bilingue, português e inglês).

11- Anita B. Shah. **Philosophy – Museology – Symbols: the connections (the Indian perspective).** p. 174-177. 12- Hildegard Viereg. **Wilhelm von Humboldts Ideen zur Bildung des Menschen: museologische, philosophische und pädagogische Betrachtung / Wilhelm von Humboldt – Ideas on Education of Human Being: museological, philosophical and educational contemplation.** p. 178 - 193 (bilingue, alemão e inglês). 13- Dorothea Voegeli Passetti. **Museologia, ética e estética.** p. 194 – 201(bilingue, português e espanhol). 14- Marília Xavier Cury. **Museologia e filosofia: Dewey, Pessanha e Platão, Foucault e Habermas / Museology and Philosophy: Dewey, Pessanha and Plato, Foucault and Habermas / Muséologie et Philosophie: Dewey, Pessanha et Platon, Foucault et Habermas.** p. 202- 227 (trilingue, português, inglês e francês). 15- Laszlo Zeljko. **Is a General Theory on Museality Possible?** p. 228 – 233.

<sup>305</sup> Por sua vez, a apresentação do texto em 1999, já derivava de uma comunicação e de um seminário dado na Escola Internacional de Museologia de Verão da Unesco, em 1995. DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel.** Paris: Presses Universitaires de France, 2001. p.116, nota de rodapé 1.

<sup>306</sup> ICOM – ICOFOM - ICOFOM-LAM (Comitê para Museologia, do Conselho Internacional de Museus, da UNESCO, Organização Regional do ICOFOM para a América Latina e Caribe). **Carta de Coro.** VIII Encuentro Regional del Icofom IAM. Museología, filosofía e identidad en América Latina y el Caribe. Coro -

- TEMA 1: Bases filosóficas da museologia
- 1.1 Museologia, filosofia e transdisciplinaridade?;
  - 1.2 A museologia uma nova ciência do homem?;
  - 1.3 A museologia e as ciências do impreciso;
  - 1.4 Museologia: limites epistemológicos e novos paradigmas;
  - 1.5 O real como fundamento ontológico da museologia<sup>307</sup>.

Venezuela, 4/12/1999. Disponível em: <[http://icofom-lam.org/files/carta\\_8.pdf](http://icofom-lam.org/files/carta_8.pdf)>. Acesso em: 25 mar. 2015. Em espanhol, no original. TEMA 1: Bases filosóficas de la museología 1.1 Museología, filosofía y transdisciplinariedad; 1.2 La museología ¿una nueva ciencia del hombre?; 1.3 La museología y las ciencias de lo impreciso; 1.4 Museología: límites epistemológicos y nuevos paradigmas; 1.5 Lo real como fundamento ontológico de la museología. Este grupo teve a coordenação de Mônica Gorgas, Emilia Maury, Indira Aguilera, Sílvia Fuentes, Patricia Moyano e Vitagliano Carol. A coordenação geral do evento coube a Nelly Decarolis, Tereza Scheiner e Ana María Reyes.

<sup>307</sup> Transcrevemos a íntegra do documento correspondente ao trabalho do grupo Museologia e Filosofia.

**TEMA 1: Museologia e Filosofia** – Considerando que o fundamento de todo conhecimento científico é o pensamento filosófico, e tomando como base os documentos analisados no presente Encontro que destacam a necessidade que tem a museología de definir seu estatuto epistemológico, se evidencia uma intencionalidade e uma vontade de delimitar os princípios, o objeto e o método que tornarão possível sua constituição como um corpo científico.

- Mais de duas décadas de intensas discussões e reflexões em relação a esta temática dão conta da necessidade de alcançar um consenso. As posições encontradas não cessam de se debater. O surgimento de novos espaços que se assumem como museais reclamam o estabelecimento de critérios “universais” e “abertos” para legitimar o estatuto ontológico e epistemológico do museal, evitando-se cair em uma vulgarização do termo que, por extensão, resultaria demasiado abrangente.

- Partindo da realidade latinoamericana, o vocábulo patrimônio compreende outras dimensões, o que conduz a refletir a partir de outros ângulos o conceito do museal. Uma tentativa de aproximação com esta problemática nos remete à definição do real como totalidade, da qual emanam realidades diversas. Onde se depreende que na dimensão museal o real compreende tanto o tangível como o intangível.

- A delimitação do objeto do campo de estudo da museologia se complica ainda mais, sendo esta uma disciplina que pertence à área das ciências humanas onde o cientista não se rege por critérios de Lei e Verdade absolutas. A isso se soma a necessidade que tem o estudo do museal de apoiar-se e complementar-se com outras esferas do saber.

- Dado o caráter de transdisciplinaridade e interdisciplinaridade que acompanha esta nova ciência do homem, é mister adotar uma posição que sintetize sua especificidade como disciplina em relação a outras ciências, evitando o perigo de cair em posturas reducionistas e excludentes que confundiriam a sua própria *praxis*.

- A partir desta perspectiva, considera-se que a definição que melhor se adapta à museología é aquela que a concebe como a disciplina que estuda a relação específica do homem com o real no contexto museal. Onde “o museal” se torna uma realidade polissêmica, complexa, multivariada [?] e multicausal. Portanto, requer sua integração com as outras ciências, visando a clarificar seu campo de ação.

- Esta abordagem transdisciplinar e interdisciplinar tem resultado da dinâmica que tem acompanhado a *praxis* museológica desde seu início, [...] “como um espaço de pura possibilidade, de liberdade que está requerendo do sujeito uma nova linguagem, uma nova perspectiva ontológica e o eterno compromisso que, como homem falante e pensante, assumiu ante os outros homens e ante o mundo [...] Se a museologia e os novos museus aspiram a ser espelhos das sociedades viventes, a noção de liberdade se torna, então, o fundamento essencial desta nova disciplina”. (Norma Rusconi, 1998).

- Não se deve esquecer o precedente histórico que tomou assento na Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1972, onde, através de grandes debates e considerações, chegou-se ao consenso sobre a importância do papel do museu como mediador que contribui para elevar a qualidade de nossos povos a partir do reconhecimento do que somos em nossa relação com o outro: **a identidade na diversidade**.

- Se a museología aspira a constituir-se como uma ciência do homem, deve fundamentar-se nos princípios que proporciona a filosofia. Requer, portanto, uma ontologia, entendida como reflexão sobre a essência de seu objeto; de uma epistemología, para o conhecimento do real no contexto museal; de uma estética como aproximação com a capacidade criadora do homem e de uma ética sustentada no princípio máximo da liberdade. Tradução nossa, grifos nossos.

**Tema 1: Museología y Filosofía** - Considerando que el fundamento de todo conocimiento científico es el pensamiento filosófico, y tomando como base los documentos analizados en el presente Encuentro que destacan la necesidad que tiene la museología de definir su status epistemológico, se evidencia una intencionalidad y una voluntad por delimitar los principios, el objeto y el método que harán posible su constitución como un corpus científico.

- Más de dos décadas de intensas discusiones y reflexiones en relación a esta temática dan cuenta de la necesidad de alcanzar un consenso. Las posiciones encontradas no cesan de debatirse. El surgimiento de nuevos espacios que se asumen como museales reclaman el establecimiento de criterios “universales” y “abierto” para legitimar el status ontológico y epistemológico de lo museal, evitando caer en una vulgata del término que, por extensión, resultaría demasiado abarcativo.



O temário do Encontro, ainda que sob o tema Museologia e Filosofia, inclui, em cinquenta por cento dos subitens, aspectos da Museologia como ciência. A leitura da Carta revela a indefinição ou dualidade entre os participantes de a Museologia ter ligações com a Filosofia ou de ser ciência. Tendo a ele colaborado Bernard Deloche, objeto de consideração mais adiante, saberemos que sua posição advoga a Museologia como um ramo da Filosofia. É patente, forte e marcante a ascendência stranskyana nesse texto, embora o autor checo não seja ali citado...

Dentre as indicações do grupo de trabalho Museologia e Filosofia, em seu Tema 1, está: [...] “a definição que melhor se adapta à museología é aquela disciplina que estuda a relação específica do homem com o real no contexto museal [do museu?]. Donde “o museal” se torna uma realidade polissêmica, complexa, multivariar [?] e multicausal. Portanto, requer sua integração com as outras ciências, visando a clarificar seu campo de ação”<sup>308</sup>. Se, como vimos, Stránský concebia a musealização como o específico da

---

- Partiendo de la realidad latinoamericana, el vocablo patrimonio comprende otras dimensiones, lo que conduce a reflexionar desde otros ángulos el concepto de lo museal. Un intento de aproximación a esta problemática nos remite a la definición de lo real como totalidad, de la cual emanan realidades diversas. De donde se desprende que en la dimensión museal lo real comprende tanto lo tangible como lo intangible.

- La delimitación del objeto y del campo de estudio de la museología se complica aún más, siendo ésta una disciplina que pertenece al área de las ciencias humanas donde lo científico no está regido por criterios de Ley y Verdad absolutas. A ello se suma la necesidad que tiene el estudio de lo museal de apoyarse y complementarse con otras esferas del saber.

- Dado el carácter de transdisciplinariedad e interdisciplinariedad que acompaña a esta nueva ciencia del hombre, es menester adoptar una posición que sintetice su especificidad como disciplina en relación con las otras ciencias, evitando el peligro de caer en posturas reduccionistas y excluyentes que confundirían su propia praxis.

- Desde esta perspectiva se considera que la definición que mejor se adapta a la museología es aquella que la concibe como la disciplina que estudia la relación específica del hombre con lo real en el contexto museal. De donde “lo museal” deviene en una realidad polisémica, compleja, multivariar y multicausal. Por lo tanto requiere de su integración con las otras ciencias a efectos de clarificar su campo de acción.

- Este abordaje transdisciplinario e interdisciplinario ha resultado de la dinámica que há acompañado a la praxis museológica desde sus inicios, [...]” como un espacio de pura posibilidad, de libertad que está requiriendo del sujeto un nuevo lenguaje, una nueva perspectiva ontológica y el eterno compromiso que, como hombre hablante y pensante, asumió ante los otros hombres y ante el mundo [...]. Si la museología y los nuevos museos aspiran a ser espejos de las sociedades vivientes, la noción de libertad deviene entonces en el fundamento esencial de esta nueva disciplina”. (Norma Rusconi, 1998)

- No se debe olvidar el precedente histórico que sentó la Mesa Redonda de Santiago de Chile en 1972, donde tras largos debates y consideraciones se llegó a consensuar la importancia del rol del museo como mediador que contribuye a elevar la calidad devida de nuestros pueblos a partir del reconocimiento de lo que somos en nuestra relación con el otro: **la identidad en la diversidad**.

- Si la museología aspira a constituirse como una ciencia del hombre, debe fundamentarse en los principios que le proporciona la filosofía. Requiere por tanto de una ontología, entendida como reflexión de la esencia de su objeto; de una epistemología para el conocimiento de lo real en el contexto museal; de una estética como aproximación a la capacidad creadora del hombre y de una ética sustentada en el principio máximo de la libertad.

<sup>308</sup> “La museología es aquella que la concibe como la disciplina que estudia la relación específica del hombre con lo real en el contexto museal. De donde “lo museal” deviene en una realidad polisémica, compleja, multivariar y multicausal. Por lo tanto requiere de su integración con las outras ciencias a efectos de clarificar su campo de acción”. Grifos nossos.

relação, falar-se adicionalmente em “contexto museal” implica em redundância ou outra concepção não caracterizada do que seria a especificidade.

A filosofia guarda no documento o caráter de pensamento fundador, para todo o conhecimento científico (“o fundamento de todo conhecimento científico é o pensamento filosófico”), pelo menos como o concebemos através da tradição ocidental. O pressuposto do temário Museologia e Filosofia decorreu da constatação da “necessidade que tem a museologia de definir seu estatuto epistemológico”, pelo que se delimitam princípios, se define objeto e se estabelece o método para “sua constituição como um corpo científico”, como já preconizara Stránský, acrescentando a terminologia, em um primeiro momento e, depois, o sistema disciplinar. A tarefa de encontro do consenso, um quase moto perpétuo na Museologia, naquela oportunidade fora identificada, ao final do século passado, pelo surgimento de modalidades de “espaços que se assumem como museais”, em que importa uma procura da essência ontológica e epistemológica do museal, igualmente buscando-se precisar o próprio termo “museal”, em certa medida reconhecendo-se seu uso indiscriminado. De fato, carecemos da definição conceitual do termo, tal como empregado no texto da Carta de Coro, sendo-nos fácil a equivalência do adjetivo empregado como “de museu”, como em “espaços que se assumem como museus”, a exemplo dos museus digitais emergentes à época? Outro foco saliente da Carta refere-se ao sentido mais amplo e profundo que Patrimônio assume na América Latina e seu interrelacionamento com o conceito do museal, nesta colocação “museal” avançado para setor outro que não o de museu, como o das manifestações culturais, em que “na dimensão museal o real compreende tanto o tangível como o intangível”.

A ênfase ou a tendência mais fortemente declarada se realiza em torno da concepção da Museologia como ciência, todavia, sempre inserida entre as ciências humanas, cuja produção não se rege por formulação de leis e de afirmação de verdades absolutas, i.é, chega a verdades relativas. E, concebe-se a Museologia enquanto ciência em um proceso de interação com outras ciências, por transdisciplinaridade ou por interdisciplinaridade. Ainda em 1999, mais uma vez, considera-se a Museologia como “nova ciência”, recordando-nos da discussão havida em 1979/1980, no seio do ICOFOM, sobre o estatuto científico ou pragmático da Museologia... O que ressalta é, porém, na reunião de especialistas, continuar restando se “clarificar seu campo de ação”.

Mas, referindo-se à Filosofia, ainda que fundadora e fundamentadora do pensamento e, propriamente na Carta, o pensamento científico, o que dela se tomaria para a

Museologia? No celeiro constituído pela Filosofia, preconizou-se buscarem-se os princípios representados pela ontologia, para a reflexão sobre a essência de seu objeto; de uma epistemologia, para o conhecimento do real no contexto museal [do museu]; de uma estética, dada a capacidade criadora do homem; de uma ética, sustentada no princípio máximo da liberdade. Duas observações: 1) o **ser** da Museologia ocorrera desde o início do documento, através, diga-se de “o museal”, antecedido pela necessidade identificada de precisão do estatuto da Museologia. 2) a presença da estética nos faz pensar em Deloche, um dos participantes, em que a estética é uma das tónicas de sua formulação, como em **Le musée virtuel**. Por outra linha de observação, comparativa, Stránský, além da epistemologia (gnoseologia em seus textos), enuncia a axiologia, noética e, igualmente, a ética.

Entre os pensadores em Museologia, quanto a sua abordagem da Museologia como Filosofia, tem lugar destacado. O ponto de vista de Bernard DELOCHE consta de sua obra *Le musée virtuel*<sup>309</sup>, especificamente na sua parte 2, dedicada ao Museal [*Muséal*]<sup>310</sup> e, dentro desta, a última parcela, sobre o Estatuto da museologia [*Statut de la muséologie*, p. 115-145]. Deloche registra que

Este capítulo constituiu a substância de uma comunicação e de um seminário dado na ISSOM (Escola Internacional de Museologia de Verão da UNESCO), Brno, República Checa, em 1º de setembro de 1995; depois [integrou a comunicação] na conferência introdutória aos cursos do ISSOM, de 13 de julho de 1999. Este texto foi parcialmente publicado no ICOFOM Study Series 31 [1999, alusivo ao encontro conjunto ICOFOM – ICOFOM LAM, sobre Museologia e Filosofia, em Coro, Venezuela], p. 8-17<sup>311</sup>.

Assim, a gênese desse conteúdo é encontrada em 1995 e relacionada à ISSOM. Por seu turno, à frente da ISSOM nessa data está Stránský, seu diretor, então<sup>312</sup>. Tomando como ponto de partida para a sua consideração de Museologia, interroga-se: “Como

---

<sup>309</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.

<sup>310</sup> Ibidem, parte 2 – *Muséal*, p. 83-145, sendo as demais grandes divisões do livro: 1- *Esthétique*; 3- *Virtual; Perspectives*.

<sup>311</sup> Ibidem, p.116, nota de rodapé 1: “Ce chapitre a constitué la substance d’une communication et d’un séminaire donnés à ISSOM (École Internationale d’été de muséologie de l’UNESCO) Brno, République tchèque, le 1er septembre 1995; puis celle de la séance introductive des cours de l’ISSOM Le 13 juillet 1999. Ce texte a été partiellement publié dans Icofom Study Series 31 [1999], p. 8-17”. Tratou-se do primeiro dos artigos ditos “provocativos” ao encontro sobre Museologia e Filosofia que figuram no ISS 31, intitulado *Muséologie et Philosophie*.

<sup>312</sup> 1986-1996: no ano de 1983, por pedido da UNESCO, Stránský elaborou o projeto da Escola Internacional de Museologia de Verão – ISSOM (International Summer School of Museology) e nos anos de 1986 a 1997 dava a maioria das palestras. Em 1986, o decano da Faculdade de Filosofia da então Universidade **Jan Evangelista Purkyně** chamou Stránský para preparar o programa de estudos, a elaboração do material de estudos e a organização geral desse excepcional projeto internacional. p. 6. Em 1996, Stránský se aposentou, mas sua atividade não diminuiu. Até 1998, foi diretor da ISSOM e continuou ensinando na cadeira de museologia. DOLAK, Jan; VAVRIKOVA, Jana. **Muzeolog Z. Z. Stránský: zivot a dílo** [O museólogo Z. Z. Stránský: vida e obra]. Brno: Universidade Masaryk, 2006. p. 6 - 7.

comprender a multiplicidade abundante das configurações do museu para as reunir na unidade de um debate coerente, senão pelo conceito ?”<sup>313</sup>. Certamente nos recordamos do que recuperamos de Deleuze e Guattari quanto à importância para a reflexão, filosófica no enquadramento de O que é a filosofia? sobre o conceito puro, ou a sua busca. A “multiplicidade abundante” das configurações do museu é fato, e tal multiplicidade é infinita, como todo e qualquer multiplicável ou múltiplo, entre museus, mas dentro, intra um mesmo museu. Considerado como instituição social, com a sociedade evolve, evoluciona, hoje mesmo podendo ser identificável a uma “marca”, a uma *griffe*, como Guggenheim, Louvre, para além, muito além de ser uma agência planetária associada a satélites que lhe orbitem ou para o trânsito de acervos centrais. A segunda parcela do enunciado de Deloche, a intenção da unidade em um debate unificado parece mesmo contraditória e impossível de como se reduzir o múltiplo e expansível à constrição modelar e unitária. Consciente desse programa dificultador, o pensador de Lyon estabelece o terceiro termo, de que no conceito, e não na efetividade plural e formal do museu, se encontra a possibilidade da unidade para o “debate coerente”!

De qualquer forma, persiste o museu como base para a reflexão, como referência (a que Deleuze e Guattari advertem a necessidade de ser afastada), ainda que em conceito (no dualismo da alma x corpo, p.ex.?).

Na consideração de elementos fenomênicos do museu, ressalta Deloche a importância do ato de expor, dos processos de recuperação a propósitos definidos, ideológicos, os esforços para escapar à sacralização que faz incorrer em outras ilusões, etc, elementos esses [...] “que reivindicam uma disciplina capaz de lhes construir uma teoria.” E “A essa disciplina deu-se o nome de museologia”<sup>314</sup>.

Seu ponto de partida é o museu, como, digamos, o é, direta ou indiretamente, o da quase totalidade de quem reflete sobre a Museologia, que define o estatuto da Museologia como disciplina reclamada por ele, museu, enquanto conceito e fenômeno, para lhe criar uma teoria<sup>315</sup>. Convém reparar, conforme a sequência da exposição de Deloche, a extensão que o conceito de museu assume, ou melhor, a natureza de que participa, de ser “projeto museal”, reconhecível em “figuras atípicas e inesperadas, às

---

<sup>313</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. p. 115. “Comment comprendre la multiplicité foisonnante des figures du musée pour la saisir dans l’unité d’un débat cohérent, sinon par le concept?” Grifo nosso.

<sup>314</sup> Ibidem, p. 115-116.

<sup>315</sup> Ibidem, p. 115.

vezes até mesmo completamente à margem da instituição [identificando-se, por exemplo] em um CD-rom ou até mesmo em um sítio da internet”<sup>316</sup>. “Somente uma disciplina fundadora, gozando de um distanciamento [*recu*] suficiente em relação às vicissitudes do empreendimento e dos debates que a acompanham, pode oferecer os meios de reconhecer o projeto museal”<sup>317</sup> onde e sob a forma em que se apresenta.

Mas, efetivamente, se está obtendo o distanciamento? E, em caso afirmativo, em que e em qual medida se determina e mensura o distanciamento? Haveria suficiente desprendimento para se proceder a tal consideração? Enquanto o peso da fenomenologia não for equilibrado ao da consciência, da Ontologia, podemos supor difícil, senão impossível, se considerar o plano da metafísica, o que reconhece o autor: Assim compreendida, a museologia seria somente uma tentativa para trazer uma resposta à questão da finalidade da instituição museal”<sup>318</sup> [o museu]. Para o desenvolvimento de seu pressuposto filosófico à Museologia, Deloche questiona o estatuto de disciplina científica a ela atribuído:

[...] é preciso antecipadamente discutir o estatuto da museologia enquanto ciência e resgatar a hipoteca de ela pertencer ao campo de disciplinas científicas. Durante trinta anos, e pelo menos desde a fundação do Comitê Internacional para Museologia, do ICOM (ICOFOM), a questão de um eventual estatuto científico da museologia ocupou o centro do debate internacional. A resposta negativa, hoje aceita quase por unanimidade, força a definir outro estatuto para esta disciplina em processo de construção<sup>319</sup>.

Reconhece, todavia, que

[...] a disciplina existe, como [autorreferida em sua] própria denominação, reivindicada pelos profissionais em museus em cujo exercício de trabalho a entendem dessa forma; mas falta saber se ela responde bem a uma definição unitária e satisfatória<sup>320</sup>.

---

<sup>316</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. p. 116. “figures atypiques et inattendues, parfois même complètement en marge de l’institution. Pour dire les choses brutalement, par exemple, identifier un projet muséal dans un CD-Rom ou même dans un site Internet.”

<sup>317</sup> Ibidem, loc.cit. “Seule une discipline fondatrice, jouissant d’un recul suffisant face aux vicissitudes de l’entreprise et aux débats qui les accompagnent, peut offrir les moyens de reconnaître le projet muséal”.

<sup>318</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. P. 116. “Ainsi comprise, la muséologie ne serait d’autre que la tentative pour apporter une réponse rationnelle à la question de la finalité de l’institution muséale”.

<sup>319</sup> Ibidem, loc.cit. [...] “on doit préalablement discuter du statut de la muséologie au regard de la science et lever l’hypothèque de son appartenance éventuelle au champ des disciplines scientifiques. Durant une trentaine d’années, et au moins depuis la foundation du Comité international de l’ICOM pour la muséologie (ICOFOM), la question d’un éventuel statut scientifique de la muséologie a occupé le devant de la scène des débats internationaux. La réponse négative, aujourd’hui quasi unanimement acceptée, contraint à définir un autre statut pour cette discipline en cours de construction”.

<sup>320</sup> Ibidem, p. 117. [...] “la discipline existe, comme sa dénomination même, et qu’elle est revendiquée par des spécialistes qui estiment la pratiquer; mais reste à savoir si elle répond bien à une définition unitaire et satisfaisante”.

E, como nós, busca referência e apoio em Stránský<sup>321</sup>, em 1965, quando este afirma a “naturalidade” decorrente do próprio termo *museo-logia* e da realidade *museal* tangível pelos olhos e que o objeto da museologia não pode ser o museu. Nome por nome, *museologia* [*museumlogie, muséologie, muzeumlogie, museumlogy?*] não seria mais objetivo, adequado e inquestionável? Ocorre a impossibilidade de se ter uma instituição como objeto de estudo de uma disciplina, como observado anteriormente... Ou mesmo a aceitação da adoção da locução inglesa (*versus* a vertente, de matriz germânica, de *Museologie?*), afirmativa da objetividade, adequação e inquestionabilidade do assunto tratado: os Estudos de e sobre Museu<sup>322?</sup>

O pensamento de Deloche é radical, em sua procura do que possa ser comum, subjacente à definição de Museologia e à determinação do seu objeto, assinalando a falta de consenso quanto a esses tópicos<sup>323</sup>, apesar do esforço por três décadas, incluindo o do ICOFOM, de discutir um estatuto científico para a Museologia<sup>324</sup>. “É certamente difícil determinar o objeto de uma disciplina ainda não perfeitamente definida - e reciprocamente definir uma disciplina da qual não sabemos o objeto - por isso, aqui também, reinam a incerteza e a discordância”<sup>325</sup>.

E, lúcida e atualizadamente, observa a tendência natural de sermos tentados a considerar que o objeto de uma disciplina esteja no seu nome, o que excluiria as iniciativas e experiências paramuseais (que não de museus? Para além de museus? Ao lado de museus? Junto a museus<sup>326?</sup>). O museu seria, para alguns, “uma expressão

---

<sup>321</sup> Deloche apõe, em nota de rodapé: STRÁNSKÝ. “Le rapport de la muséologie et des musées”. p. 2. Trata-se de referência equivocada e incompleta, sendo o apropriado: STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyoslav. **La muséologie est-elle une consequence de l’existence des musées ou les p’recède-t-elle et determine [t-elle] leur avenir?** ICOFOM Study Series, n.12, 1987, p. 294. Conforme observado na nota de rodapé n. 139, também nas referências do **Key concepts of Museology**, este trabalho de Stránský está presente de modo alterado, o que identificamos na leitura de DOLÁK, Jan; VAVRIKOVÁ, Jana. **Muzeolog Z. Z. Stránský: zivot a dílo** [O museólogo Z. Z. Stránský: vida e obra]. Brno: Universidade Masaryk, 2006. p. 27, item 267. No entanto, também nessa obra de referência, a paginação não corresponde ao exemplar do ISS 12, em francês, pelo menos que seria p. 293-298 e não: *Museology and museums / Muséologie et musées*. ISS 1987, n.12. p. 287-297.

<sup>322</sup> *Museum Studies*, em inglês.

<sup>323</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. p. 117. [...] “relever le manque de *consensus* qui affecte à la fois la définition de la muséologie et la détermination de son objet”.

<sup>324</sup> *Ibidem*, loc.cit. [...] “depuis plus de trente ans pour tenter de caractériser la muséologie, le consensus n’est pas encore réalisé et la confusion la plus grande règne toujours quant à la défintion de cette discipline assez particulière”.

<sup>325</sup> *Ibidem*, p. 118. “Il est assurément difficile de déterminer l’objet d’une discipline que l’on n’a pas encore parfaitement définie – et réciproquement d’ailleurs de définir une discipline dont on ne connaît pas l’objet –, c’est pourquoi, ici aussi, règnent l’incertitude et le désaccord”.

<sup>326</sup> Apontamos a dificuldade trazida pelo uso em francês do conceito de “museal”, adjetivação daquilo relativo a museu, não na acepção de valor a ser identificado, conforme a concepção do termo por Stránský.

possível [contigente], mas não necessária de algo mais essencial, que seria o verdadeiro objeto da museologia”<sup>327</sup>.

Acompanhemos a construção de Deloche. Conforme a inspiração, qualificada, pelo autor, como livre<sup>328</sup>, para sua abordagem filosófica, toma por empréstimo elementos do esquema proposto por Deleuze e Guattari em **O que é a filosofia?** “O filósofo determina com precisão campos geradores de problemas aos quais responderão conceitos, traduzindo-se por três operações complementares”<sup>329</sup>.

1- Definição de campos de especificidade: *pode-se definir um campo museal?*<sup>330</sup> [museal pressupondo “de museu”?];

2- Formulação de problemas: “o campo [...] gera o problema dos valores associados (*engagées*) [,sendo que] alguém situado em outro campo não colocará o mesmo problema. [...] *Se há um campo museal análogo ao campo social, qual tipo de problemas ele determinará?*”<sup>331</sup>;

3- Elaboração de conceitos como soluções a problemas: *há um conceito de museu? Sendo a resposta afirmativa, a qual problema ele responde e dentro de qual campo?*<sup>332</sup>

Questionando o que propriamente seria atinente a museu, Deloche apresentará três ordens de reflexão, a seguir comentadas.

#### 1) *Analogia do campo museal e do campo político*

“Stránský há muito denunciou a inadequação do museu como objeto da museologia, foi ele que chamou a atenção para a necessidade de definir uma especificidade do campo museal na qual o museu seria apenas um caso particular ou ainda um simples meio a serviço de uma função”<sup>333</sup>.

Gostaríamos de problematizar a relevância da necessidade da precisão, pelo menos no sentido em que se toma na afirmação, tanto de Stránský quanto na sua tomada por

---

<sup>327</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. p. 117. [...]“une expression possible mais non nécessaire de quelque chose de plus essentiel qui serait l’objet véritable de la muséologie”.

<sup>328</sup> Ibidem, p. 119, nota de rodapé 1.

<sup>329</sup> Ibidem, loc. cit. “Le philosophe détermine précisément des champs générateurs de problèmes auxquels répondront des concepts. Ce qui se traduit par trois opérations complémentaires”.

<sup>330</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.P.119. [...] “*peut-on définir un champ muséal?*”

<sup>331</sup> Ibidem, loc. cit. “Le champ [...] génère le problème des valeurs engagées [...] Et quelqu’un qui se place dans un autre champs ne posera pas le même problème. [...] *s’il existe un champ muséal analogue au champ social, quel type de problème va-t-il déterminer?*”

<sup>332</sup> Ibidem, p. 120. [...] “*y-a-t-il un concept du musée, si oui, à quel problème répond-il et dans quel champ?*”

<sup>333</sup> Ibidem, loc. cit. “*Analogie du champ muséal et du champ politique*. – Z.Z. Stránský a dénoncé depuis longtemps l’inadéquation du musée comme objet de la muséologie, c’est lui qui a attiré l’attention sur la nécessité de définir une spécificité du champ muséal au regard duquel le musée ne serait qu’un cas particulier ou encore un simple moyen au service d’une fonction”.

Deloche, dos termos museu e museal. Em outra paragem do nosso trabalho, aponta-se para a questão do objeto da Museologia em Stránský e que a musealização é a manifestação específica da relação do homem com a realidade através do objeto, que lhe é representante e documento. Uma tese seria a que embasa a se considerar, em Stránský, uma noção de museu dissociada do carácter institucional. Todavia, não encontramos apoio no que lemos de Stránský para aceitar como fundamentada uma hipótese, digamos, noética, para museu, no pensador checo. Quanto ao museal, se Stránský o impregna do carácter axiológico, no que é seguido por Deloche e muitos, e na acepção original não explicitamente associada a museu, mas ao valor da e na relação homem-realidade, cuja identificação de sua musealidade indicaria o desdobramento musealizante, pela musealização, causa a não ser confundida com um dos possíveis efeitos... No idioma francês, e no português, o uso de museal é correntemente identificado a um adjetivo relacional a Museu, portanto sem essência própria, sem ser um conceito absoluto ou puro conceito. Falamos quer da instabilidade da definição ao se adotar o termo quanto ao uso indefinido que se tem geralmente do termo. Perante a imprecisão, assim, difícil qualquer tentativa de precisar. Cabe apenas argumentar, a que bem se presta a in-definição.

Bem exemplifica a infixidez conceitual a consideração de Deloche sobre a escolha de Stránský pelo conceito de “musealidade”, que criara, pela mais adequada expressão o *museal*, “subtendido: o campo museal”<sup>334</sup>, apoiando-se em André Desvallées, para quem “o museal reveste uma dimensão universal e ilimitada. No sentido estrito, ‘tudo pode se tornar exposto, o que significa que há um ponto de vista museal sobre cada coisa’<sup>335</sup>. Em uma intrincada floresta de conceitos autorados, com relações de implicação e vizinhança, citemos Deleuze e Guattari, em que, aqui, se requer, para se optar por “o museal” em detrimento de “musealidade”, o conceito de “exposto” (nem objeto, nem museália, nem relíquia, nem património ou bem cultural e, menos ainda, processos e bens imateriais, a sujeição e redução ao fenómeno e sensibilidade, perceptividade, de ordem visual). De forma contundente, entretanto, a incerteza terminológica cessa no Glossário de **Le musée virtuel**. Lá, Deloche estabelece e dispõe como “Museal: campo problemático do ‘mostrar’, remetendo à função documentária intuitiva”<sup>336</sup> e “Museu: figura institucional possível do ‘mostrar’”<sup>337</sup>. Mostrar é termo

---

<sup>334</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. p. 120.

<sup>335</sup> Apud DELOCHE, op.cit., p. 121. “Le muséal revêt une dimension universelle et illimité. Au sens strict, ‘tout peut devenir expôt’, ce qui signifie qu’il y a un point de vue muséal sur chaque chose”.

<sup>336</sup> DELOCHE, op.cit., p. 252. “Muséal: champ problématique du ‘montrer’ renvoyant à la fonction documentaire intuitive”.

<sup>337</sup> Ibidem, p. 254. “Musée: figure institutionnelle possible du ‘montrer’”.



comum aos dois verbetes e, a menos que nos falhe a tradução, refere-se à ordem do ex-posicional, da visualidade em especial. Museu tem o caráter do Institucional, instância institucionalizada e institucionalizadora em cujo abrigo se achará a função documentária intuitiva, termos (documentário e intuitivo) a que retornaremos oportunamente<sup>338</sup>.

Retoma Stránský e referencia Anna Gregorová, identificadores do conceito de campo museal “pois [Gregorová] afirmava, de um ponto de vista que se qualificará por ontológico, que o museu se definiu por uma relação específica entre homem e a realidade”<sup>339</sup>. Insistindo na concepção do específico da relação para Deloche, são dele as palavras: “essa instituição específica que é o museu”<sup>340</sup>. Convém reparar que Gregorová, creditando a Stránský, escreve sobre a relação específica homem – realidade como objeto da Museologia e não como sendo uma definição de Museu. O procedimento se assemelha ao que o autor declara alguns parágrafos adiante: “Em poucas palavras, forçando talvez um pouco o seu pensamento, se poderia dizer resumindo-a, que *a especificidade do museal é a função documentária intuitiva concreta*”<sup>341</sup>. E esse forçar deriva de considerar Deloche que “Essa relação remete à função social de ‘coleção e [de] conservação conscientes e sistemáticas e [à] utilização científica, cultural e educativa [sem se referir a fruição estética, por exemplo] de objetos inanimados, materiais, móveis (sobretudo tridimensionais) que documentam o desenvolvimento da natureza e da sociedade”<sup>342</sup>. Enfatize-se a indicação, projeção que o museólogo de Lyon dará para a função documentária intuitiva concreta e salientamos,

---

<sup>338</sup> A Dra. Scheiner contribuiu lembrando que, conforme sua Dissertação, de 1998, o fenômeno Museu está vinculado à ideia da espontaneidade e da criação, daquilo 'que advém', do que traz à presença, do que se dá a perceber. Portanto, a própria essência do Museu (ou do Museal) é a presença, é o desvelamento (e sua emergência e o coexistente). Para ela, o campo do 'mostrar' vai muito além do que seja reconhecido como ex-posicional, ou da visualidade. SCHEINER, Tereza. Apolo e Dioniso no Templo das Musas: Museu - gênese, idéia e representações em sistemas de pensamento da sociedade ocidental. 1998. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

<sup>339</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. p. 121. [...] “lorsqu'elle affirmait, d'un point de vue que l'on qualifiera d'ontologique, que le musée se définit par un rapport spécifique entre l'homme et la réalité.” Cf. GREGOROVÁ, Anna. [La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée?]. In: ICOM - ICOFOM. La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée? Museological Working Papers / Documents de Travail sur la Muséologie - MuWoP/DoTraM, Estocolmo, n.1, 1980, p. 19: “Z.Z. Stránský a été Le premier dans notre pays à préconiser une conception de la muséologie dont l'objet est le *rapport spécifique homme – réalité*”. Grifo nosso.

<sup>340</sup> Ibidem, p. 13. [...] “cette institution spécifique qu'est le musée”. Grifo nosso.

<sup>341</sup> Ibidem, p.122. E acrescenta: “comme celle du bâtiment est la fonction d'abri ou celle du téléphone la fonction de télécommunication verbale, etc”.

<sup>342</sup> GREGOROVÁ, Anna. [La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée?]. In: ICOM - ICOFOM. **La muséologie**: science ou seulement travail pratique du musée? Museological Working Papers / Documents de Travail sur la Muséologie - MuWoP/DoTraM, Estocolmo, n.1, 1980, p. 20, apud DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. p. 121-122. “Cette relation renvoie à la fonction sociale de ‘collection et [de] conservation conscientes et systématiques et [à] l'utilisation scientifique, culturelle et éducative, d'objets inanimés, matériels, mobiles (surtout tridimensionnels) qui documentent le développement de la nature et de la société’ ”.

em Gregorová, ratificada sem reparo por Deloche, que o objeto coletivo é de natureza material, de diversas naturezas, porém todas materiais (inanimados, materiais, móveis (sobretudo bidimensionais) relativos à natureza e à sociedade). Na preferência terminológica delocheana, e de outros franceses e francófonos, a objetos adotam-se expostos (*expôts*), trazendo-nos o aporte de Desvallées, “uma colocação em espaço que faz dos expostos o suporte essencial do discurso”<sup>343</sup>.

Nosso reforço argumentativo para o caráter adjetivo e relativo (não absoluto) do conceito de museal, tomado em referência a museu, é buscado e trazido da conclusão sobre as três ordens de reflexão de Deloche, que recortamos e trazemos para esta primeira! O museal se manifestou antes do museu oficialmente nascido (i.é, ao tempo dos fenômenos dos gabinetes de curiosidade, museus de substitutos), mas nessa discussão chega-se à questão [?] de quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?<sup>344</sup> Talvez um paralelismo pudesse ser identificado quanto à alquimia e a química: se a química preexiste na alquimia ou se desdobra dela? E volta à percepção teórica stranskyana, e à ruptura por ela proposta, “pois é somente a experiência concreta do museu que conduziu a pensar a especificidade do museal”<sup>345</sup>, relação objetiva Museu – Museal, relação causal, ao menos no aspecto da fecundação para gênese do segundo conceito.

## 2) A questão da homogeneidade do campo

O campo museal global é formado por duas figuras do museal: documentação visual (mostrar) e patrimônio (separar, isolar e transmitir uma imagem do homem). Primeiro reparo, a assunção de um estrato patrimonial associado a outro documentário ou testemunhal, poderíamos dizer, que dá aos sentidos. Talvez nisso entrossem-se as dimensões intertemporais ou transtemporais [o permanente] e as espaciais [o persistente, a revalidação]. Outro aspecto desta dicotomia delocheana deriva da afirmação de que o caráter do patrimônio é transmitir uma imagem do homem (porque não da natureza, do território?). Os elementos do binômio documentação visual / patrimônio estabelecem o plano de correspondência do Patrimonial (cujas problematizações são a separação e proteção, na ocorrência do museu institucional) e o da Documentação Visual (pelo que se problematiza o conhecer e o mostrar, identificado ao museu imaginário, conforme André Malraux).

---

<sup>343</sup> DESVALLEES, André. **La muséologie selon Georges Henri Rivière**. Paris: Dunod, 1989. p. 361. Apud DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. p. 122. [...] “une mise en espace qui fait des expôts le support essentiel du discours”.

<sup>344</sup> Deloche cita este paralogismo apresentado por Vinos Sofka em Helsinqui, 1987.

<sup>345</sup> DELOCHE, op.cit, p. 123-124. [...] “car c’est seulement l’expérience concrète du musée qui a conduit à penser la spécificité du muséal”. Grifos nossos.

### 3) *Interseção de dois planos,*

que podem se tocar em uma linha de intersecção, em que se acham os processos comuns aos planos patrimonial e da documentação visual que, por isso, “podem justificar um tratamento único”<sup>346</sup>. Exemplifica com o museu imaginário que pode às vezes servir a propósitos de sacralização, como no caso do Museu da Diáspora Judaica [atualmente Museu do Povo Judeu] em Tel Aviv, ou no do “museu institucional assegurar também a gestão documentária (projeto de Vicq d’Azyr)”<sup>347</sup>. A independência objetiva dos conceitos de Museologia e museal com referência ao museu, opostamente, se indissociam para aqueles que fazem do museu o objeto intelectual quase exclusivo da Museologia e do museal.

Deloche, ao considerar as três ordens em que decompôs sua argumentação, repete seu *leitmotiv*:

O museal (quer dizer a função documentária intuitiva concreta) tem por caráter original produzir historicamente a instituição do museu, assim como o [âmbito] político produziu historicamente o Estado, como seu meio de ação. É difícil os dissociar, ponto que será essencial na definição da museologia<sup>348</sup>.

Por conclusão, o autor pondera que se, por direito, a Museologia precede e funda a instituição museu, e nisso pode se paralelizar com a transcrição anterior, da correspondência original do museal frente ao museu, instituição, em que, se reduzindo, museologia e museal se equivaleriam... Complementa que, acompanhando a antecedência da Museologia ao museu<sup>349</sup>, “persiste a interrogação reflexiva e a constituição da disciplina é derivada, *de fato*, uma da outra, da existência histórica do museu enquanto instituição”, representante da causa do surgimento da museologia. “Se o museu não tivesse existido, a museologia talvez não tivesse nascido, ao menos sob o nome que tem atualmente”<sup>350</sup>. Neste sentido de a) a busca da formulação do conceito puro, de que nos falam Deleuze e Guattari, e b) da proposta de superação e autonomia vinda de Tomislav Sola, a Patrimoniologia, embora podendo ser tomada como derivativa do aspecto patrimonial de um dos planos configurados por Deloche, realizaria a intenção

---

<sup>346</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. p.123. [...] “processus communs qui peuvent justifier un traitement unique”.

<sup>347</sup> Ibidem, p. 122. [...] “le musée institutionnel assure aussi la gestion documentaire (projet de Vicq d’Azyr)”.

<sup>348</sup> Ibidem, p. 124. “Le muséal (c’est-à-dire la fonction documentaire intuitive concrète) a pour caractère original de produire historiquement l’institution du musée, de même que le politique a produit historiquement l’État comme son moyen d’action. Il est difficile de les dissocier, ce point sera essentiel dans la définition de la muséologie”.

<sup>349</sup> Ibidem, p. 123. “Il n’en demeure pas moins que l’interrogation réfléchie et la constitution de la discipline sont issues *en fait* l’une de l’autre de l’existence historique du musée en tant qu’institution, qui représente em quelque sorte la cause occasionnelle de l’apparition de la muséologie. Si le musée n’avait pas existé, la muséologie ne serait peut-être pas née, tout au moins sous le nom qu’elle porte actuellement”.

<sup>350</sup> Ibidem, loc.cit.

de desvinculação do associacionismo museologia – museu ao mesmo tempo em que liberaria o percurso em direção à pura conceituação filosófica e à abertura, escancaramento, diremos, e radicalização (de raiz) a um objeto epistêmico de fato conceitual, não preso ou condicionado pelo fenomenal, instaurando-se no numênico.

#### **1.4 Porque a Museologia não é uma ciência?**

Deloche, antecedendo à postulação do estatuto filosófico da Museologia, argui sobre a atribuição de um estatuto científico a ela<sup>351</sup>. Tendo por objeto a relação museal (adjetivo relativo a museu?) específica (musealização? museificação?) do homem com a realidade ou tomado o Museu em seu caráter de instituto sócio-cultural, seriam esses objetos inscritos entre as ciências humanas ou sociais. Interessante a conceituação que nos aporta a essa argumentação quanto à “natureza” das instituições, subdivididas em primárias e secundárias. As primeiras respondem a necessidades biológicas naturais (alimentação, casamento, habitação), enquanto as secundárias são mediadoras de necessidades sociais, artificiais, como escola, hospital, prisão. O museu estaria neste grupo, conquanto celebrar, cultuar, ritualizar, memorializar, registrar, documentar não seriam necessidades primárias. A resposta é a negativa, pois são manifestações, fenômenos das expressões culturais, portanto sociais. Mas, isto nos estimula a perguntar se aquilo que subjaz a essa necessidade não seria outra necessidade, de ordem “biológica” ou mais precisamente ontológica?

A se prosseguir nessa linha de consideração, de o Museu atender à escala da demanda social, a museologia é definida como a disciplina encarregada de estudar a formação, a evolução e a diversificação dessa instituição, o museu. Todavia, instituições, como escola, hospital e prisão, não são objetos disciplinares, como já vimos afirmar Stránský, mas relativas às suas funções (pedagogia, clínica e criminologia). Paralelamente à museologia, desenvolveram-se as disciplinas da ciência da informação e a comunicação, que a substituem. Nesta acepção, a Museologia é metadisciplina, ao lidar com uma instituição ou com seus pensadores, assim encarnando um estatuto científico para um determinado grupo de pessoas. Sendo a única disciplina que teria uma instituição por objeto, e não a sua função, isso se explicaria por “a museologia ter nascido como um tipo de guardião moral da instituição, e é assim que ela é

---

<sup>351</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. p. 124-130.

frequentemente compreendida pelos conservadores mais retrógrados”<sup>352</sup>, o que não é uma incumbência científica.

Repara Deloche, no aspecto etimológico, que o sufixo *logia* também se associa a campos não científicos, citando a parapsicologia e a sofrologia (Yoga, para os ocidentais). Nestes casos, *logos* não é tomado no sentido de discurso com pretensão racional, não se estabelecendo neles a dimensão cognitiva. Ou seja: não é suficiente que um termo contemple o componente “logia” para ser conceituado como ciência. Em termos analíticos, o reconhecimento do estatuto científico das ciências humanas e sociais se dá por: método, fecundidade (que Deloche associa à dimensão gnoseológica) e objetividade. Temos, aqui, a replicação dos pressupostos científicos que serviram de ponto de partida e que estruturaram o pensamento de Stránský, a que, mais tarde, veio juntar-se o sistema disciplinar.

Segundo o paradigma cartesiano-newtoniano, a que também referencia Scheiner<sup>353</sup>, Deloche escreve que a Museologia não pode ser ciência, pois:

a) não enuncia nenhuma lei, não há leis (mesmo que estatísticas) sobre o nascimento, desenvolvimento e a degenerescência dos museus. “Não há hoje nenhum modelo que possa servir à explicação da relação museal [através do museu?] do homem com a realidade”<sup>354</sup>. Seria então um estágio pré-científico? Ou a inexistência de modelos se deve à busca teorizante de uma instituição, caso de uma consideração de Museologia? Dada a gênese dos museus, deliberada e consciente, a modelização não pode ser de natureza explicativa, mas ilustrativa ou normativa: “Os modelos servirão para dizer o que *deve ser* o museu e não para explicar o que ele *é*”<sup>355</sup>. E, não podendo servir à discussão ontológica, os modelos passam a dizer respeito à manifestação, a enquadrá-la. Nesta via de raciocínio, bem fica clara nossa intensidade tanto para estabelecermos

---

<sup>352</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. P. 125. [...] “la muséologie est née comme une sorte de gardien moral de l’institution, et c’est ainsi qu’elle est souvent comprise par les plus rétrogrades des conservateurs”.

<sup>353</sup> SCHEINER, Tereza. Musée et Muséologie: définitions en cours. In: MAIRESSE, François, DESVALLÉES, André. **Vers une redéfinition du musée?** Paris: L’Harmattan, 2007. p. 147-165. Stránský, apoiando-se em Miloslav Král, recorre ao paradigma cartesiano-newtoniano, ainda dominante, e a necessidade dele ser substituído pelo novo paradigma, que abrirá o caminho para a ciência nas áreas tradicionalmente “interditadas”: “Em ciência não é possível aceitar – ele ressalta – uma opinião pós-moderna, hoje em dia moderna, de que a verdade é somente um tratado intersubjetivo entre os cientistas da comunidade científica. Mas como teoria científica não podemos proclamar qualquer teoria que seja intersubjetiva clara [?]. Não podemos, também, porque essa tem que ser compatível, coerente com o sistema de conhecimento científico e tem que respeitar os fatores da objetividade.” (KRÁL 1994:83). Apud STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyšlav. Archeologie a muzeologie. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p. 108.

<sup>354</sup> DELOCHE, op.cit., p. 128. “il n’y ait pas aujourd’hui de modèle qui puisse servir à expliquer la relation muséale de l’homme avec la réalité.”

<sup>355</sup> Ibidem, loc.cit. [...] “les modèles serviront à dire ce que *doit être* le musée e non pás à expliquer ce qu’il est.”

novas tipologias de museus e estabilizar suas distinções e precisões onomásticas, distanciando-nos da reflexão do fundo universal de todos os modelos existentes e possíveis do ponto de vista fenomênico.

b) A museologia gera conteúdos de conhecimento?

[...] como metadisciplina não libera nenhum conteúdo de conhecimento, é apenas uma reflexão sobre uma maneira de produção de conhecimento. Como epistemologia, trata dos fundamentos da ciência, não sendo uma ciência no segundo grau, ela não é uma ciência da ciência<sup>356</sup>.

c) A museologia é uma disciplina objetiva? “A museologia não pratica a objetividade, isto é, o respeito ao objeto na sua fenomenalidade a partir de um dispositivo experimental reflexivo, mas ao contrário, não pára de intervir sobre ele para modificá-lo (pois o museu está sempre a se construir e a transformar)”<sup>357</sup>. Museologia, em tendo no museu seu objeto, se caracterizaria como uma ciência normativa, ocupada em “definir e corrigir”<sup>358</sup> o conjunto de instrumentos de uma instituição, o museu, e não como um fenômeno a se compreender...

Deloche se questiona se [...] “a instituição do museu realiza convenientemente a especificidade da relação museal do homem com a realidade?”<sup>359</sup>. E o que a Museologia poderia trazer sobre a relação homem-realidade? [...] “pois não é ela que nos permitirá melhor conhecer a realidade natural e cultural”<sup>360</sup>.

Conclui retomando Stránský quanto a se a Museologia não preenche esses três requisitos seria indicativo que talvez estivesse em uma fase pré-científica. Quanto ao objeto stranskyano, Deloche o critica argumentando que a relação do homem com a realidade permite a criação de modelos, tais como os elaborados pela ciência da informação e a comunicação, mas essa relação, enquanto museal (leia-se “de museu”) o poderia? E pergunta qual o conteúdo de conhecimento se obteria através da Museologia se, através dele, não se conheceria melhor a realidade natural ou cultural,

---

<sup>356</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. p. 129. [...] “comme métadiscipline, la muséologie ne livre aucun contenu de connaissance, elle est seulement une réflexion sur une démarche de connaissance. Comme épistemologie, elle traite des *fondements* de la science mais elle n’est pas une science au deuxième degré, elle n’est pas une science de la science”. Grifos nossos.

<sup>357</sup> Ibidem, p. 129. [...] “la muséologie ne pratique pas l’objectivité – c’est-à-dire le respect de l’objet dans sa phénoménalité à partir d’un dispositif expérimental réfléchi -, au contraire elle ne cesse d’intervenir sur lui pour le modifier, car le musée est toujours à construire et à transformer”.

<sup>358</sup> Ibidem, p. 130.

<sup>359</sup> Ibidem, loc. cit. [...] “l’institution du musée réalise-t-elle convenablement la spécificité de la relation muséale de l’homme avec la réalité?” Grifos nossos.

<sup>360</sup> Ibidem, loc. cit. [...] “car ce n’est pas elle qui nous permettra pas de mieux connaître la réalité naturelle ou culturelle”.

sendo inescapável, entretanto do caráter normativo institucional? Para, ao final arrematar: [...] “a questão recorrente é de ordem axiológica: a instituição do museu realizaria convenientemente a especificidade da relação museal do homem com a realidade?”<sup>361</sup>

Para nós, a apresentação da crítica delocheana ao estatuto da Museologia como ciência serve à compreensão do que aqui importa: a concepção filosófica que Deloche confere à Museologia. Sempre se tendo Stránský como referencial, nele se observa o termo “prática”, ou as condições de exercício da vontade racional, no conceito dado por Kant, em **Crítica da razão prática**. Se a prática é indissociável da teoria (sic), mas lhe é subordinada, não se confunde, entretanto, com técnicas e rotinas. E conjugando teoria e prática, “Falta saber a qual gênero pertence uma disciplina que associa assim a teoria e a prática na relação com uma instituição”<sup>362</sup>. Ao ter por objeto o museal, a museologia é uma filosofia “regional”, conforme termo emprestado por Deloche a Bachelard, a exemplo da filosofia política, do direito, das ciências (epistemologia), da educação, do trabalho ou da arte, etc.), em que “cada uma trata dos fundamentos de um campo específico da relação do homem com a realidade”<sup>363</sup>. Convém assinalar, embora expresso para outra linha argumentativa, que o objeto disciplinar stranskyano é geral e amplo e não restritivo, particular ou exclusivo à Museologia, posto que diversas disciplinas e, aqui, filosofias “regionais”, operam a partir da consideração da relação do homem com a realidade. Retomando Deloche, ajusta-se a sua síntese de que “É próprio da filosofia esclarecer todos os aspectos da realidade por referência à questão do sentido de ser (ontologia)”<sup>364</sup>. Traz-no a Filosofia que “não é nem um saber (conhecimento fundamental e definitivo) nem uma ciência (abordagem da aquisição de conhecimentos, por sua vez histórica e cumulativa) [...] como atividade fundadora, a filosofia é, sobretudo, o princípio de todas as metateorias”<sup>365</sup>. A fonte ao falar em metateoria é, como em nosso caso, Stránský, embora sem declarar a obra em que encontra esse conceito. E, ao trazer o termo “metadisciplina”, dá-nos a etimologia, do prefixo grego “meta”, indicador, segundo escrito em Deloche, de uma mudança de

---

<sup>361</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. Ibidem, p. 130. [...] “la question sans cesse réurgente est d’ordre axiologique: l’institution du musée réalise-t-elle convenablement la spécificité de la relation muséale de l’homme avec la réalité?” Grifo nosso.

<sup>362</sup> Ibidem, p. 131. “Reste à savoir à quel genre appartient une discipline que associe ainsi théorie et pratique en relation avec une institution”.

<sup>363</sup> Ibidem, loc. cit. “Ces diverses disciplines traitent chacune des fondements d’un champ spécifique de relation de l’homme avec la réalité”.

<sup>364</sup> Ibidem, loc. cit. “Le propre de la philosophie est d’éclairer tous les aspects de la réalité par référence à la question du sens de l’être (ontologie)”.

<sup>365</sup> Ibidem, loc. cit. [...] “la philosophie n’est ni un savoir (connaissance fondamentale et définitive) ni une science (démarche d’acquisition de connaissances, à la fois historique et cumulative). En tant qu’activité fondatrice, la philosophie est plutôt le principe de toutes les metatheories”. Grifos nossos.

ordem<sup>366</sup>. E, a partir desta base, avança para a sua própria teoria, de que a Museologia é a metateoria da ciência documentária intuitiva.

Já, por vezes empregamos o termo “intuitivo” nesse enunciado de Deloche, sendo oportuno tratar um pouco dele. Usamos a tradução para um termo lexicograficamente análogo em português, “intuitivo”, significando um tipo de conhecimento. Mas pareciam-nos não ficar claro se dizer que a Museologia seria uma metateoria de uma ciência documentária, nos perguntando se do campo intuitivo podemos abstrair uma ciência, e ciência objetiva, como a ela se refere Deloche, ou sobre e além dela, se pudesse obter ou existir uma metateoria? Parece-nos bem admissível a sistematização de traços de entes que coletem, reúnam e documentem essas atividades. Derivaria outra ordem de questões relacionadas com estágios de consciência e objetividade ao se nomear, classificar, contabilizar e organizar os “dados” derivados do que fora coletado e reunido, como frutas, em termos de sua duração enquanto comestível, retirada da árvore, o consumo médio por pessoa, a reprodutibilidade da semente, enquanto potência de outra árvore frutífera, a coleção de diversas frutas, o aproveitamento segundo técnicas de preservação (alimentarmente, falando aqui, nesta argumentação)? E os lugares onde seriam encontradas essas frutas para serem colhidas, e os controladores desses espaços, os cuidados para a frutificação (irrigação, por exemplo), e os valores associados? E mais, o volume do coletado e o espaço e logística para armazenagem e transformação e tecnologias próprias e associadas, como a da cerâmica? Em suma, por essa altura, o caráter documentário suporia ou mesmo exigiria uma consciência e replicabilidade, em que causalidade e efeito, natural ou cultural, integram um “pensamento”, certamente não mais intuitivo, por sua vez na possível matriz da aritmética e, logo, da matemática. O intuitivo como instância de abstração foi objeto de Kant ao conferir ao númeno a definição de ser o “objeto da intuição intelectual”, oposto ao fenômeno<sup>367</sup>. Prosseguindo em nossa busca de compreensão, deparamos-nos com a dicionarização em obra para o idioma francês, do Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales – CNRTL – Analyse et Traitement Informatique de la Langue

---

<sup>366</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. p. 131, nota de rodapé 1: “Le terme de *métathéorie*, emprunté à Z.Z. Stránský, contient, comme celui de *métadiscipline*, le préfixe grec “méta-“, qui indique un changement d’ordre”. Interessante sua recuperação do conceito de Stránský de que atividade é uma “forma de agir consciente”. Essencial para uma atividade prática é ela se tratar de uma ação consciente. p. 132. Grifos nossos.

<sup>367</sup> Conforme o verbete: “**noumenon (n.)** 1796, “object of intellectual intuition” (opposed to a *phenomenon*), term introduced by Kant, from Greek *noumenon* “that which is perceived,” neuter passive present participle of *noein* “to apprehend, perceive by the mind” (from *noos* “mind”). With passive suffix *-menos*”. HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: <[http://etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=intuition&searchmode=none](http://etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=intuition&searchmode=none)>. Acesso em: 15 abr. 2015.



Française - ATILF<sup>368</sup>: “caracterizado pelo conhecimento imediato”; “pessoa cuja intuição é a faculdade orientadora”. Deriva do latim *intuitus*: o olhar de relance, o olhar , a vista<sup>369</sup>. Para a palavra “intuição”, a fonte consigna: 1. “ação de contemplar [...]”; 2. Conhecimento imediato [...]; 3. 1831 pressentimento que nos faz adivinhar o que é ou deve ser (BALZAC, *Peau chagr.*, p. 264) [e nesse sentido o tomamos em senso comum em português]. Emprestado ao latim escolástico *intuitio*, já atestado na baixa época no sentido de ‘vista, olhar’ [...] [por sua vez derivado de] *intueri* ‘olhar atentamente; ter o pensamento fixo sobre’<sup>370</sup>. Note-se, na pureza da matriz latina, o teor de ligação do adjetivo ao objetivo, ao que está diante dos olhos, o do “documento” mais primário, mais imediato ao perceptível, a ser percebido “intuitivamente”, pelo cérebro, permitindo-se a afiliação kantiana de o númeno ser essa concepção intelectual. Mas, em Deloche, não parece haver oposição com o fenômeno, com o dado à luz, senão a percepção documentária desse mesmo fenômeno: a coisa, os objetos, aquilo que, oportunamente, tratar-se-á por museal, *musealium*, relíquia, o objeto, ob-jeto, lançado diante de nós, para a percepção e apreensão e manipulação<sup>371</sup>. Em outro ponto, situa o museu como uma das grandes agências de mediação, “pois seu papel essencial é por o público em relação sensível com uma coisa sensível”<sup>372</sup>, chamando o museu de “instituição do ‘mostrar’ [faire voir]”<sup>373</sup>. E, neste outro trecho, parece cabal, pela retomada e articulação dos termos “relação”, “sensível”, “mediação” com a Estética, ser o sentido de “intuitivo” o de perceptível, concretamente: [o conceito, em grego, de Estética] “sofre uma transformação radical ao tentar a exploração cognitiva dos processos intuitivos da

<sup>368</sup> Intuitif, -ive adj. Étymol. et Hist. 1. 1480 “caractérisé par la connaissance immédiate” (*Baratre infernal* ds DELB. *Notes mss*); 2. 1845 “personne dont l'intuition est la faculté maîtresse” (MICHELET, *loc. cit.*). Dér. sav. du lat. *intuitus* “coup d’œil, regard, vue”. CENTRE NATIONAL DE RESSOURCES TEXTUELLES ET LEXICALES – **Analyse et Traitement Informatique de la Langue Française** – CNRS. Disponível em : <<http://www.cnrtl.fr/etymologie/intuitive>>. Acesso em: 15 abr. 2015. Sobre a fonte: “Créé en 2005 par le CNRS [Centre National de la Recherche Scientifique], le CNRTL fédère au sein d’un portail unique, un ensemble de ressources linguistiques informatisées et d’outils de traitement de la langue. Le CNRTL intègre le recensement, la documentation (métadonnées), la normalisation, l’archivage, l’enrichissement et la diffusion des ressources. La pérennité du service et des données est garantie par l’adossement à l’UMR ATILF (CNRS – Nancy Université), le soutien du CNRS ainsi que son intégration dans le projet d’équipement d’excellence ORTOLANG.”

<sup>369</sup> “coup d’œil, regard, vue”.

<sup>370</sup> Intuition, subst. fém. **Étymol. et Hist.** 1. [Fin XIV<sup>es</sup>. d’apr. BL.-W.1-5] 1542 “action de contempler” (P. DE CHANGY, *De l’office du mary*, chap. 14 ds HUG.); 2. 1752 “connaissance immédiate” (*Trév. Suppl.*); 3. 1831 “pressentiment qui nous fait deviner ce qui est ou doit être” (BALZAC, *Peau chagr.*, p. 264). Empr. au lat. scolast. *intuitio*, déjà attesté à basse époque au sens de “vue, regard” (NIERM.), lui-même dér. de *intueri* “regarder attentivement; avoir la pensée fixée sur”. CENTRE NATIONAL DE RESSOURCES TEXTUELLES ET LEXICALES – **Analyse et Traitement Informatique de la Langue Française** – CNRS. INTUITION. Disponível em: <<http://www.cnrtl.fr/etymologie/intuition>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

<sup>371</sup> Tratando-se a “ciência documentária intuitiva”, ou concreta, na equivalência que nos apresenta na página 137 de umas das teses que postula em *Le musée virtuel*, Deloche retoma sua advocacia à p. 138.

<sup>372</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris; Presses Universitaires de France, 2001. p. 8. [...] “car son rôle essentiel est de mettre le public en relation sensible avec une chose même sensible”. Grifos nossos.

<sup>373</sup> *Ibidem*, p. 9. “l’institution du ‘faire voir’”.

mediação. Ela, então, retorna ao seu sentido etimológico original: para prestar contas de nossas relações sensíveis e entender como elas contribuem para a determinação do nosso comportamento e nossos pensamentos <sup>374</sup>\_[o mundo fenomenal, em suma, em sua contribuição para a atividade noética e numênica?]. E, se falamos em dos termos da expressão, é adequado tocarmos em “documentário”. Enquanto adjetivo, refere-se a “documentos”, significando “factual, concebido para prover um registro de algo”, assinalado a partir do francês “filme documentário, de 1924<sup>375</sup>. Por sua vez, o substantivo de base “documento” significa “ensino, instrução”, do francês antigo *document* “lição, evidência escrita”, do latim *documentum* “exemplo, prova, lição”, pelo latim medieval “documento oficial escrito”, de *docere* “mostrar, ensinar” (ver doutor (subst.)<sup>376</sup>.

Feita a necessária cesura em “intuitivo”, o “documentário” é termo implicado, como se viu, duplamente, pela acepção em francês e mesmo em latim como na construção stranskyana de que o museal, a musealidade reconhecem o valor de algo, do real, do observado ou considerado, para, sendo considerado documento, o musei-ficar, queremos dizer, sem conotação pejorativa, dar-lhe a forma e o instituto de museu-lizado. Podemos verificar o deslocamento da condição de objeto epistêmico, disciplinar, da relação homem – valoração museulizante da realidade, stranskyana, para a ciência derivativa de um campo filosófico, de uma filosofia “regional”, que absorve o estatuto, enquanto documentário da realidade, “intuitivo”, fenomênico, como em Deloche. Os termos, se não os mesmos, são bem aparentados.

No entanto, o termo recorrente é museu, dificultando a elaboração de qualquer coisa de “meta”, de mudança de ordem, ou de além ou de “teoria”, nessa insistência consumidora e consumadora. Afinal, o salto ruptivo, ao menos proposicional fora declarado em 1965, antecedendo em três décadas **Le musée virtuel!**

---

<sup>374</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. p. 14-15: [...] “elle subit une conversion radicale lorsqu’elle tente l’exploration cognitive des processus intuitifs de médiation. Elle retrouve alors son sens étymologique initial: rendre compte de nos relations sensibles et comprendre comment elles contribuent à la détermination de nos comportements et de nos pensées”. Grifos nossos.

<sup>375</sup> Documentary (adj.)[...] “pertaining to documents,” from document + -ary. Meaning “factual, meant to provide a record of something” [...] from French *film documentaire* (1924)”. HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: [http://etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=document&searchmode=none](http://etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=document&searchmode=none). Acesso em: 15 abr. 2015.

<sup>376</sup> Document (n.). early 15c., “teaching, instruction,” from Old French *document* (13c.) “lesson, written evidence,” from Latin *documentum* “example, proof, lesson,” in Medieval Latin “official written instrument,” from *docere* “to show, teach” (see doctor (n.)). HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: [http://etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=document&searchmode=none](http://etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=document&searchmode=none). Acesso em: 15 abr. 2015. Observe-se a raiz comum com docente, doutor. Grifo nosso.

Destacamos, ainda, embora se aludindo museu, o caráter ético, campo da Filosofia, que a Museologia implica, pois é [...] “na pesquisa de uma instituição, ou um feixe delas, que se possa responder às necessidades específicas da sociedade humana. A questão é saber a quais necessidades a instituição deve responder e se estas necessidades não são suscetíveis de evoluir”<sup>377</sup>. Essa formulação não pressuporia um argumento baseado na instituição secundária, cultural, sendo que, se fosse primarizada, identificada a questões de ordem biológica ou metaordinal, ontológica se descolaria, podendo ser formulável independentemente, puramente, noeticamente?

A premissa social é forte como, em eco e relação deve ser a ética e a moral, figuras da filosofia prática, conforme Deloche. Enquanto a ética, sendo a teoria do relativismo dos valores, não havendo valores absolutos, liga-se à axiologia, sob cujos sistemas se circunscrevem as coisas em um museu, sob uma “função documentária concreta”<sup>378</sup>. Mediante a consideração sobre o que o museu documenta, os valores implícitos, etc, se pode identificar o museu tradicional, conforme o autor. Acrescenta que os pressupostos de valor, no âmbito moral, provêm do exterior e são impostos, alheios aos caracteres científicos e filosóficos, sendo apenas factuais, e privam a museologia de sua tarefa de determinação dos valores. E preconiza o afastamento da Museologia de toda a moral. Insistimos: o que a Metadisciplina, Museologia, teria, por natureza reflexiva, com qualquer tarefa, neste caso a de determinadora de valores e seu escalonamento ou, inversamente, de seu repúdio? Deloche vê na renovação dos valores museais advindos com a nova museologia [perguntando-nos se efetivamente seriam outros os fundamentos? Os fins pragmáticos da ética mutável ou das circunstâncias históricas e/ou sociológicas atuando sobre a forma da manifestação, porém persistiriam com a mesma essência? Não se luta pela institucionalização de novas formas que museus têm assumido?] Fato é a presença e o espaço do “museu” em boa parte das alegações e dos pontos de partida de alegações, uma teoria do museu pela crítica do museu ou de suas formas, talvez para, mais tarde, a advocacia do conceito de museu virtual?<sup>379</sup>

---

<sup>377</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. p. 133. [...] à la recherche d'une institution – ou d'un faisceau d'institutions – qui puisse répondre à des besoins spécifiques de la société humaine. La question est alors de savoir à quels besoins l'institution doit répondre et si ces besoins ne sont pas susceptibles d'évoluer”. Grifos nossos.

<sup>378</sup> Ibidem, p. 135. “fonction documentaire concrète”.

<sup>379</sup> Ibidem. Confirmam, em meio à seção que destinara à Museologia como disciplina filosófica, as frases: museu como um “agente de tomada de consciência”, apud Desvalées, *Vagues II*, p.15 [p. 136]; “O museu, enquanto instituição da relação documentária concreta, desde então desprende-se da obrigação de selecionar as imagens do homem, se abriu ao conjunto da realidade natural e cultural”. Mas não era o caráter pronunciado pela mesa redonda de Santiago, por exemplo?; Passaria a haver uma *museologia contratual*, mediante expressão cunhada por Deloche mesmo [citando Rousseau e o contrato social e a

“Enquanto ética, a museologia é um ramo da filosofia encarregado de definir valores e uma conduta preferível no quadro que constitui o campo museal”<sup>380</sup> [do museu?]. Consciente da tentativa de isolamento dos “fatores”, ou dos campos, Deloche nos oferece a frase:

[...] a museologia é uma filosofia do museal com duas funções [*tâches*]: serve de metateoria à ciência documentária sensível e é também uma ética reguladora de toda a instituição encarregada de gerir esta função documentária intuitiva concreta. “Isto significa que ela define a especificidade de um campo e que ela lhe determina as finalidades, assim como os meios de lhes pôr em operação. É a ela que compete dizer, notadamente, porque mostrar quais objetos, a quem e em quais condições. Esta concepção da museologia é deliberadamente militante e engajada, ela denuncia a mais freqüente confusão entre o museu e a museologia: é ao próprio museu que retorna a tarefa de apresentação dos expostos, o papel de instrumento científico e [marcação da dra. Scheiner] a interdisciplinaridade, mas igualmente o tratamento das informações; em troca, é à museologia que pertence a escolha das finalidades. Daí decorre naturalmente uma missão, e o termo missão é indiscutivelmente mais próximo do que se espera de uma ética que de um projeto científico. Na missão há mais uma nuance de responsabilidade que a idéia de cumprimento metódico de um projeto de conhecimento<sup>381</sup>.

Sumarizemos a missão tal como entendida por Deloche, com seus três aspectos complementares:

- Teoria do museal (que segundo o autor é o ponto de vista museal [do museu?] sobre a documentação intuitiva concreta, a plurissensorialidade das *musealia*); o definir o campo, delimitar os traços de originalidade, precisar o ponto de vista museal sobre algo (documentário, necessariamente?), o modo de abordagem, a extensão e a compreensão do que se designam as *musealia*.
- Determinação dos fins, objetivos a atingir e valores a que submeterá função documentária concreta, por fins clássicos ou não (conhecimento, puro ou aplicado, uso pragmático – bem estar, deleite, cultura, educação, saúde, ou pelo contrário, doutrinação ou servidão dos homens). As novas tecnologias de informação, o direito da pessoa a sua imagem, a inserção em sistemas de valores éticos, militância, partidos e pressupostos de organização de apresentações, *in situ*, por exemplo, manipulação pelo

---

Michel Serres e o contrato natural, p. 137], podendo haver uma filosofia “regional” entre as figuras de contratante e contratado, como no direito, sem se distinguir o direito de sua filosofia regional, i.é, o contrato de que se fala para a museologia não estaria significando o contrato do museu (talvez instituição) com o agente? E quem é quem? Quem seria o contratante e o contratado nessa relação assim contratada?

<sup>380</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. p.136. “En tant qu'éthique, la muséologie est une branche de la philosophie chargée de définir à la fois des valeurs et une conduite préférable dans le cadre qui constitue le champ muséal”. Grifos nossos.

<sup>381</sup> Ibidem, p. 137-138. Grifos nossos.

público, na tendência de abertura do museu.<sup>382</sup> Dos objetivos, adianta, “que o mais essencial é o da ordem estética: o tratamento das formas e dos espaços percebidos, isto é, o estudo dos esquemas perceptivos e das imagens que os veiculam, como a compreensão de seu impacto sobre a cultura”<sup>383</sup>, lembrando-nos da estrutura tripartida do livro **Le musée virtuel** cuja primeira parte é “Estética”!

- Elaboração dos meios os mais próprios possível para sua realização concreta, atingindo seus objetivos, entendendo que “esses instrumentos não se reduzem certamente ao museu sob a figura tradicional que conhecemos”<sup>384</sup>. Identifica dois meios; 1) teórico (a ciência documentária) e 2) prático (museografia), que opera e sobre a imbricação em Deloche dos termos museologia (museológico), museu [museal, relativo a]: “E realiza concretamente os objetivos”.

Se antes Deloche fatorializara princípios e meios, aqui a dicotomia se acresce de outra, formada por teoria e prática e confundir os elementos sejam teoria (museologia) e prática (museografia) e/ou princípios (museologia) e meios (ciência documentária e museografia), constituem-se nos dois principais erros quanto ao estatuto da museologia, se filosófico ou científico. O autor caracteriza os elementos em cada um dos pares como opostos entre si, anote-se<sup>385</sup>.

Grosseira e redutivamente, a tese de Deloche é a de que a Museologia é um ramo da filosofia “regional” encarregado de elaborar a teoria do campo museal (que funda uma ciência documentária intuitiva ou concreta) e de comandar as práticas museográficas.

E se a Museologia se define como princípio e define princípios não pode ser uma ciência, já que estaria no campo da axiomática, donde não fundamentaria uma ciência. E finaliza, após nos propor uma metáfora: “Eis porque, àqueles que querem a todo custo fazer da museologia uma ciência, coloca-se simplesmente esta questão: se você confunde o condutor com o geógrafo ou com o mecânico, quem, afinal, tomará a decisão? Quer dizer, se você não quer dar o nome de museologia, como designaria a disciplina que guiaria a vontade do condutor?”<sup>386</sup> Nestes termos, envolvendo a

---

<sup>382</sup> O autor oferece muitos exemplos nesses tópicos, interessantes pelo efeito de compilação.

<sup>383</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. p. 142. [...] “que le plus essentiel [quanto aos objetivos] est d'ordre esthétique et consiste dans le traitement des formes et des espaces perçus, c'est-à-dire l'étude des schèmes perceptifs et des images qui les véhiculent, comme la compréhension de leur impact sur la culture”.

<sup>384</sup> Ibidem, loc. cit. [...] “ces outils ne se réduisent certainement pas au musée sous la figure traditionnellement que nous lui connaissons”.

<sup>385</sup> Ibidem, p. 144, sobre a “double opposition”.

<sup>386</sup> Ibidem, p. 145. “Voilà pourquoi, à ceux qui voudrait à tout prix faire de la muséologie une science, on posera simplement cette question: [...] si vous ne voulez pas lui le nom de muséologie, comment nommerez-vous la discipline qui guidera la volonté du conducteur?”

efetividade de uma pessoa percorrendo um território para chegar a um destino, em cima de uma máquina automobilística. Que tal o anglicismo “Estudo de museus”?

E com a frase seguinte, dificilmente persistirá dúvida: [...] “bastante evidente que é na instituição que os princípios museológicos encontram o mais eficaz e mais estruturado dos seus meios, pois a instituição é a figura socialmente organizada da gestão do museal”<sup>387</sup>.

Deloche abre **Le musée virtuel** formulando quatro questões. A segunda delas intitula-se: O ponto de vista filosófico sobre o museu: ir ao fundo das coisas<sup>388</sup>. Nessas poucas páginas, condensa algumas colocações de constatação que podem servir de advertência e mesmo de parametração de exercício intelectual / profissional. Enquanto a museografia se ocupa dos aspectos técnicos, a Museologia tem o caráter filosófico, embora esse estatuto não se seja reconhecido pelos responsáveis institucionais, dos museus. Contudo, Deloche entende como um estatuto disciplinar ainda indeciso, sem que não se lhe identifiquem as formulações sobre os fundamentos da instituição, museu, e o sentido das considerações ligadas ao seu funcionamento: o museu [...] “pertence à filosofia, para o dizer inteiramente, e dizer o que é geralmente proibido ou considerado impróprio para se dizer, ou até mesmo dizer o que não se quer ouvir. Pensando na contracorrente, impulsionada pelo mesmo conjunto de conceitos e, por si só, a filosofia é a única disciplina que tem como objetivo chegar ao fundo das coisas, ao seu ponto extremo de contradição. [...] “Agentes e usuários do museu raramente vão ao fundo das coisas”<sup>389</sup> [...] [pois que] “Em suma, tudo funciona em um circuito curto, sem

---

<sup>387</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. p. 142-143. “Il est bien évident que c’est dans l’institution que lès principes muséologiques trouvent les plus efficace et le plus structure de leurs moyens, parce que l’institution est la figure socialement organisée de la gestion du muséal.” Adverte que há outros modos, como recurso a réplicas, à informática, aos multimeios, por exemplo, e que a forma institucional não é absolutamente necessária, mas a idéia de museu sim, reconhecido pela sociedade como o melhor meio de estabilizar os valores adquiridos. Outra referência filosófica bastante identificável à tese de Deloche é a de Pierre Lévy e a conceituação de virtual: “A actualização vai de um problema a uma solução. A virtualização passa de uma solução dada a um (outro) problema. Ela transforma a actualidade inicial em caso particular de uma problemática mais geral”. LÉVY, Pierre. **Qu’est-ce que le virtuel?** Paris: La Découverte, 1998. p.16. “L’actualisation allait d’un problème à une solution. La virtualisation passe d’une solution donnée à un (autre) problème. Elle transforme l’actualité initiale em cas particulier d’une problématique plus générale.” Apud DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. p. 121. Gostamos da grafia de “actual” para se salientar a qualidade do ato, da realização e não apenas da contemporaneidade, entre observador e objeto de observação. Ver o termo que, em inglês, na matriz latina, consubstancia os dois sentidos, de momento e de verdadeiro, conforme com o real, em sua condição de real-izado. A actualização, destacaria, assim, o momento outro da potência, o ato que, em português, do Brasil ao menos, perde a inflexão de, no atual, de atuação, ficando com o dado temporal. Cite-se a ascendência bergsoniana na elaboração da conceituação de virtual.

<sup>388</sup> Ibidem, p. 11- 15. Questions 2. Le point de vue philosophique sur le musée: aller au fond des choses.

<sup>389</sup> Ibidem, p. 11. “Car il [o museu] appartient à la philosophie de tout dire, et donc de dire ce qu’il est généralement interdit ou inconvenant de dire, ou même ce que l’on n’a pas soi-même envie d’entendre. Pensant à contrecourant, poussé par le jeu même des concepts et par lui seul, la philosophie est la seule discipline qui se propose d’aller au fond des choses, jusqu’à leur point extreme de contradiction”. [...] “agents et usagers du musée vont rarement au fonds des choses” [...]. Grifo nosso.

questionamento sobre as origens e as consequências [implicações] das ações empreendidas”<sup>390</sup>. Donde o primado conceitual, da busca de sua compreensão e de sua definição quando inexistente, base da reflexão fundada, fundamentada, da teorização: “o pensamento filosófico somente poderá estabelecer sua própria credibilidade [crença fundamentada, ciência] pela incidência efetiva dos conceitos sobre a ocorrência das coisas [...] Tanto isso é evidente que dificilmente se pode discutir a conformidade de uma operação sem se reportar ao conceito”<sup>391</sup>. “O projeto filosófico, prossegue Deloche, repugna a se instalar em um campo pré-definido [estado de coisas ou sistema de motivações]<sup>392</sup>.

A filosofia [...] define por si mesma seu próprio campo de atividade e a questão filosófica é, por princípio, radical e fundadora, enquadrante; ela quer ser o ponto de vista dos pontos de vista e, porque não?, a teorização da impossível unicidade dos pontos de vista<sup>393</sup>.

Que bem é o caso da Museologia, há décadas identificando a necessidade de unicidade, destroçada em babel, enquanto se frustra em adotar a língua franca da filosofia.

Enquanto Stránský, entre outros, se destaca na defesa da adoção da Museologia como disciplina científica, Deloche propõe a alteração do estatuto epistêmico, a se compreender a Museologia como Filosofia. Scheiner não vê ciência e Filosofia como modos referenciais de produção de pensamento reciprocamente excludentes<sup>394</sup>; da Museologia “seja como filosofia, seja como ciência”<sup>395</sup>; “uma via ou um ‘lugar de

---

<sup>390</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. p.12. “En bref, tous fonctionnent dans un circuit court sans questionnement sur les tenants et aboutissants des actions entreprises”.

<sup>391</sup> Ibidem, p. 13. [...] “la pensée philosophique ne pourra établir sa propre crédibilité qu’au prix d’une incidence effective des concepts sur le cours des choses. [...] Tant il est évident que l’on peut difficilement discuter du bien-fondé d’une opération sans s’en rapporter au concept”.

<sup>392</sup> Ibidem, loc.cit. “Le projet philosophique, par définition, répugne à s’installer dans un champ pré-défini, qu’il s’agisse d’un état de choses (par exemple, l’institution telle qu’elle est, avec ses bâtiments, ses circuits, ses réserves, son personnel, etc.) ou d’un système de motivations (comme les mots d’ordre, déjà bien usés par le bégaiement des générations em mal de valeurs, de la démocratisation de la culture, de la réappropriation patrimoniale, du droit à ses racines, du lien social, etc), ces divers points de vue procèdent de ce qu’on a pu appeler les mécanismes encadrés, c’est-à-dire de processus contraints ou asservis.

<sup>393</sup> Ibidem, p.13-14. “La philosophie, quant à elle, définit seule son propre champ d’activité, et la question philosophique est, par principe, radicale et fondatrice, encadrante; elle veut être le point de vue des points de vue, et – pourquoi pas? – la théorisation de l’impossible unicité des points de vue”. Deloche, como já vimos, em *Le musée virtuel*, articula três elementos [p.14]: “Ce lien [entre os termos museu e virtual] paraît bien nouer dans l’ordre du concept”, ligados pela e na ordem do conceito. E coloca a abordagem filosófica como possibilitadora, como dissera antes de chegar à contração, de considerar a supressão da instituição museu como conformidade (verdade) da relação homem – realidade, tal como se lê na página14: “Seul le point de vue philosophique peut s’autoriser de poser la question aussi intempestive que radicale du bien-fondé de l’institution, oser envisager jusqu’à l’éventualité sacrilège de sa suppression, voire de sa recompréhension dans un contexte nouveau. Ainsi, toutes les décisions concrètes d’organisation et de transformation des musées, si elles ne procèdent pas simplement de mécanismes encadrés, reposent sur une détermination du concept, condition impérative d’une réelle politique culturelle”. Grifos nossos.

<sup>394</sup> SCHEINER, Tereza. Musée et muséologie: définitions em cours. In: MAIRESSE, François, DESVALLÉES, André, dir. **Vers une redéfinition du musée?** Paris: L’ Harmattan, 2007. p. 147-165.

<sup>395</sup> SCHEINER, Tereza. Musée et muséologie: définitions em cours. In: MAIRESSE, François, DESVALLÉES, André, dir. **Vers une redéfinition du musée?** Paris: L’ Harmattan, 2007.p. 148. [...] “la

passagem' onde, na interface entre conhecimento científico e filosófico, a museologia mostrará [...] sua substância bastante específica: a musealidade"<sup>396</sup>; [...] "a pesquisa sobre o lugar da museologia no pensamento contemporâneo, tanto quanto sobre as relações entre museologia e filosofia"<sup>397</sup>; "Entrecruzando nas interfaces entre a ciência e a filosofia, a museologia visa a explorar as relações múltiplas ente o humano e o real"<sup>398</sup>. Pelo menos desde sua dissertação de mestrado<sup>399</sup>, ainda que tomando a figura conceitual do museu<sup>400</sup>, alargado e ampliado para território, integralidade e "virtualidade", discute questões derivativas dos novos paradigmas, identidades e ética na contemporaneidade, chegando ao museu fenomenal, não circunscrito espacialmente, sob a égide da pluralidade, multiplicidade e complexidade, sendo um acontecimento. Essa explosão do museu possibilita, em sua esteira e complementaridade intelectual, a observação da Museologia como, recíproca e igualmente aberta, a procurar dar conta da fundamentação para o dado do fenômeno real, destituído agora do aspecto de corporeidade e institucionalidade. Nesse plano epistêmico, em que se requisita ainda mais a reflexão e a abstração, afasta-se da pragmática, enquanto necessidade e obrigatoriedade, determinada por valores costumeiros (ou rotineiros) e funções clássicas, para uma admissibilidade das emergências, ocorrentes desde sempre, apenas percebidas, consentidas ou admitidas agora.

Retomando o texto de 2007, para nós mais objetivo nos contornos deste trabalho, a inflexão de Scheiner é pela fluidez do ambiente do pensamento contemporâneo, sem que nele se abandone ou rejeite o modelo cartesiano - newtoniano. Todavia, como essa estrutura de pensamento é do conhecimento e adoção recorrente, os novos

---

muséologie [...] soit comme philosophie, soit comme science". Nessa página e na seguinte, a autora enuncia o movimento, do ponto de vista histórico, das iniciativas para a constituição disciplinar da Museologia, sobre bases científicas e filosóficas.

<sup>396</sup> Ibidem, p. 154. [...] "une voie ou um 'lieu de passage' ou, dans l'interface entre connaissance scientifique et philosophique, la muséologie montrerait au monde as substance très spécifique: la musealité" [...]. Grifo nosso.

<sup>397</sup> Ibidem, p. 156. [...] "la recherche sur la place de la muséologie dans la pensée contemporaine, autant que sur les relations entre la muséologie et la philosophie".

<sup>398</sup> Ibidem, p. 163, nota 43. "Croissant dans les interfaces entre la science et la philosophie, la muséologie vise à explorer les relations multiples entre l'humain e le réel" [...]

<sup>399</sup> SCHEINER, Tereza. **Apolo e Dioniso no Templo das Musas**: Museu - gênese, idéia e representações em sistemas de pensamento da sociedade ocidental. 1998. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

<sup>400</sup> Vejamos o papel do museu em sua orquestração conceitual em SCHEINER, op.cit., p. 160: "Dans ce processus [de ser a Museologia campo disciplinar, dedicada às relações entre o fenômeno museu e aplicações na realidade, com corpo teórico a partir de análises, que supõem a transdisciplinaridade, englobando natureza, cultura e sociedade, por estudos oriundos de outras áreas de conhecimento], la philosophie occupe une place spéciale: parce que c'est la philosophie qui permet de situer les relations entre le musée et les divers modes humains de perception, ceux qui conduisent à la constitution de systèmes sociaux spécifiques, à des manières spécifiques de générer et distribuer la richesse, à des formes de production et de consommation spécifiques de la culture".



paradigmas<sup>401</sup> carecem de advogados e disseminadores, o que pretende Scheiner: “Os conceitos e paradigmas consagrados pela modernidade são recolocados em questão, conduzindo a coexistir com sistemas complexos e contraditórios de pensamentos e organização social”<sup>402</sup>. Em nosso ambiente total, social e de produção intelectual, eixos tradicionais são reposicionados: “Às teorias sociais substituiu-se o discurso dos autores que podem estar simultaneamente em diferentes lugares (filosofia, política, ciência ou arte)”<sup>403</sup>. Então, mais que reposicionados, os eixos deixam de ser esteios ou, mesmo, axiais, assumem-se em sua fluidez. No campo da Museologia, a assunção da patrimonialidade e da *musealidade* como interpenetrantes, interagentes, senão de todo descabida a distinção em essência, se impõe, tema levado mais adiante quando a pensadora brasileira consigna a locução “patrimônio total” cujo conceito requer a ampliação do de “objeto”<sup>404</sup>. A inquietação do campo, sua fertilidade e fertilização, o tornam vibrátil, em constante movimento, atestáveis pela história da Museologia, ou melhor, do pensamento da Museologia, em sua Metateoria. Scheiner enuncia os setores de investimento intelectual no campo: a conceituação e terminologia, a busca do fundo – gênese, do seu caráter e, acrescenta, o meio social, em que se inscreve. Quando Scheiner lê Stránský, nele recupera o estímulo a que procuremos a unidade, o universal, salientando o caráter filosófico de que se impregnam esses conceitos: “Assim, abrem-se as portas da museologia aos *universais* filosóficos, permitindo ao *constructo* museológico articular-se, no encontro entre ciência e a reflexão filosófica”<sup>405</sup>. Compreendem-se, assim, os esforços de um grupo de teóricos em encontrar para a Museologia um objeto de estudo de natureza imaterial...

Scheiner identifica nos anos 1990 as duas principais tendências da produção teórica em Museologia, conforme seu princípio construtor: cartesiano – newtoniano, baseado nos aspectos organizacionais do museu, favorecendo a cultura material; e, pelos paradigmas pós-modernos, dedicada ao fenômeno, processo, entre outros. Em um seu texto de 1994, a museóloga observa que, na formulação do objeto da museologia, as

---

<sup>401</sup> SCHEINER, Tereza. Musée et muséologie: définitions em cours. In: MAIRESSE, François, DESVALLÉES, André, dir. **Vers une redéfinition du musée?** Paris: L' Harmattan, 2007. p. 149. Fala-nos dos paradigmas holístico e ecológico, por exemplo, que, se tiveram grande influência no pensamento ocidental, apenas lentamente afetaram o domínio da Museologia.

<sup>402</sup> Ibidem, p. 147. “Les concepts et paradigmes consacrés par la modernité sont remis en question, nous conduisant à coexister avec des systèmes complexes et contradictoires de pensée et d’organisation sociale”.

<sup>403</sup> Ibidem, loc.cit. “Aux théories sociales s’est substitué le discours des auteurs qui peuvent se situer simultanément en différents lieux (philosophie, politique, science ou art)”.

<sup>404</sup> Ibidem, p. 152.

<sup>405</sup> Ibidem, p. 151. “Ainsi ouvre-t-il les portes de la muséologie aux *universaux* philosophiques, permettant au *principe constructeur* muséologique d’articuler, dans la rencontre entre la science et la réflexion philosophique”.

diferentes relações entre o humano e o real engendram-se no quadro conceitual, no paradigma holístico<sup>406</sup>. Prossegue abordando o Encontro de Coro, transcrevendo o último dos itens da Carta produzida em 1999, sobre princípios filosóficos para a Museologia: ontologia, epistemologia, estética e ética.

### 1.5 A Patrimoniologia: problema e resposta?

Tomislav Sola, como anteriormente visto, formulara uma questão articulada a uma resposta, ao perguntar: “Porque não chamar esse conceito mais abrangente de Museologia, isto é, uma disciplina que não é mais centrada em museu, pelo nome de patrimoniologia?”<sup>407</sup>

O termo Patrimoniologia, enquanto Teoria do patrimônio, por si se inspira na definição extensiva da Museologia dada por Stránský, proposto por Tomislav Sola, em 1982, e tendo por objeto, também, o estudo da relação específica do homem com a realidade, sendo o museu, segundo ele, “uma das formas possíveis da realização da relação do homem com a realidade”<sup>408</sup>. Assim, parece que o termo Patrimoniologia assumiria contorno de maior abrangência e includência, a que Stránský teria preferido, especialmente na consideração do patrimônio ecológico.

Desvallées, recuando dois anos, evoca a 12<sup>a</sup>. Conferência geral do ICOM, no México. “Les musées et leurs responsabilités à l’égard du patrimoine mondial”, quando as comunicações empregaram bastante o termo e suas flexões: natural, científico, etnológico, do século xx, do futuro. A inserção projetiva [de um valor presuntivo] do Patrimônio do Futuro se deve ao pronunciamento de Pedro Ramirez-Vázquez, ministro dos assentamentos humanos e de obras públicas do México, que na conferência de abertura, define etimologicamente o termo e o precisa para aspectos da cultura incluindo os “valores espirituais”<sup>409</sup>.

---

<sup>406</sup> SCHEINER, Tereza. *Muséologie, éducation et action communautaire*. In: ICOM – ICOFOM – ICOFOM LAM / CECA. **Museologia, Educação e Ação Comunitária**. VI Encontro Regional do ICOFOM LAM / CECA / ICOM. Cuenca, Equador, out. 1994. Apud SCHEINER, Tereza. *Musée et muséologie: définitions em cours*. In: MAIRESSE, François, DESVALLÉES, André, dir. **Vers une redéfinition du musée?** Paris: L’Harmattan, 2007. p. 157.

<sup>407</sup> SOLA, Tomislav. **Heritology**. A contribution to a possible definition of museology. Paris: 1982.

Disponível em: <<http://heritology.com/index2.html>>. Acesso em: 15 mar. 2007. “Why not call such a broad concept of museology i.e. of a discipline which is no longer museum-centred by name of heritology”.

<sup>408</sup> DESVALLÉES, André, dir. **Terminologia museológica**: proyecto permanente de investigación. ICOFOM/ICOFOM LAM. S/l: \_\_\_\_\_, maio 2000. p. 56.

<sup>409</sup> DESVALLÉES, André, dir. **Terminologia museológica**: proyecto permanente de investigación. ICOFOM/ICOFOM LAM. S/l: \_\_\_\_\_, maio 2000. p. 54 e 55. Grifo nosso.

O título da fala de Pedro RAMIREZ-VÁZQUEZ é sugestivo: **L’avenir du patrimoine et Le patrimoine de l’avenir**<sup>410</sup>. Retiramos determinadas expressões que nos pareceram precisar a terminologia e alimentar o espírito crítico na dialógica proposta Museologia – Patrimoniologia.

Etimologicamente, a palavra patrimônio significa a herança legada por um pai a seu filho. No campo social, este é o legado passado de uma geração para outra [...] O patrimônio consiste no mundo físico, o o ambiente que uma geração legou a outra. [...] Podemos dizer, nesse sentido, que o patrimônio inclui a história de um povo, a linguagem, expressão viva de uma realidade, costumes e tradições, escrita e literatura oral. Ele inclui também o conhecimento técnico e experiência que os homens têm acumulado e eles têm mostrado, em todos os países, a fim de sobreviver; mas envolve também o conhecimento dos erros e fracassos de todos esses homens. Patrimônio são todos os princípios e valores espirituais que cimentam a vida comum no seio de um povo e dão sentido a sua vida [...] O cuidado que esta geração dá para a conservação do equilíbrio e dos recursos do seu universo representa um patrimônio inestimável que permitirá que a próxima geração viva melhor, em harmonia com a criação, e de avançar na mesma direção. De acordo com esta definição, o sentido da palavra patrimônio cobre então um campo extremamente amplo. É efetivamente o que uma geração pode transmitir à seguinte, não só o que conseguiu, mas igualmente o que ela herdou de todos os homens que viveram antes dele e que formam uma cadeia contínua através dos séculos [...] O conceito de patrimônio é inseparável do de devir. O termo patrimônio toma todo o sentido no contexto do desenvolvimento histórico de cada civilização[...] O patrimônio é talvez o mais importante de todos os elementos que permitem ao homem, como espécie, ultrapassar o destino individual e encontrar sua própria continuidade. [...] O patrimônio pode, portanto, ser entendido como um processo de criação e renovação garantindo a continuidade entre a matéria, a vida, o espaço e o tempo.

---

<sup>410</sup> A íntegra se acha transcrita nas **Actes de la 12<sup>e</sup> Conférence générale et de la 13<sup>e</sup> Assemblée générale du Conseil International de musées**. Paris, Maison de l’UNESCO, 1981, 199 p. Infelizmente, ainda não tivemos acesso a elas. DESVALLÉES, André, dir. **Terminologia museológica**: proyecto permanente de investigación. ICOFOM/ICOFOM LAM.S/l: \_\_\_\_\_, maio 2000. p.52-56. *Pedro Ramirez-Vázquez, arquiteto, tem entre suas obras, o prédio do Museu Nacional de Antropologia, da cidade do México, e o Estádio Asteca, onde, em 1970, o Brasil, por 4 a 1 definiu, em verde e amarelo, a copa do mundo...* “Etymologiquement, le mot patrimoine signifie l’héritage qu’un père lègue a son fils: dans le domaine social, il s’agit de l’héritage que transmet une génération à une autre [...] Le patrimoine est constitué par le monde physique, l’environnement qu’une génération legue à une autre. [...] On peut dire dans ce sens que le patrimoine comprend l’histoire d’un peuple, le langage, expression vivante d’une réalité, les coutumes et les traditions, la littérature écrite et orale. Il inclut de même les connaissances techniques et l’expérience que les hommes ont accumulées et dont ils ont fait preuve, dans tous les pays, afin de survivre; mais Il implique [p. 55] également la connaissance des erreurs et des échecs de tous ces hommes. Le patrimoine c’est l’ensemble des principes et des valeurs spirituelles que cimentent la vie en commun au sein d’un peuple et donnent un sens à sa vie quotidienne [...] Le soin que cette génération apporte à la conservation de l’équilibre et des ressources de son univers représente un héritage inestimable, qui permettra à la génération suivante de mieux vivre, en harmonie avec la création, et de progresser dans la même direction. D’après cette définition, les sens du mot patrimoine recouvre alors un champ extrêmement vaste. C’est en fait tout ce qu’une génération peut transmettre à la suivante, c’est non seulement ce à quoi elle est parvenue, mais également ce dont elle a hérité de tous les hommes qui ont vécu avant elle et qui forment une chaîne sans fin au long des siècles [...] Le concept de patrimoine est inséparable de celui de devenir. Le terme de patrimoine prend tout son sens dans le cadre de l’évolution historique de chaque civilisation [...] Le patrimoine est peut-être le plus important de tous les éléments qui permettent à l’homme, en tant qu’espèce, de dépasser un destin individuel et trouver sa propre continuité. [...] Le patrimoine peut donc se comprendre comme un processus de création et de renouvellement assurant la continuité entre la matière, la vie, l’espace et le temps.” Grifos nossos.

Em Stránský, no **Archeologie a muzeologie**, recuperamos seu enquadramento para o patrimônio em seu sistema.

analisa este termo [musealidade], que é amplamente utilizado hoje, no contexto de uma tendência atual para classificar os fenômenos da arqueologia e da museologia como subcategoria do *patrimônio*. De acordo com P. Howard, "patrimônio inclui tudo o que as pessoas desejam preservar, de ar limpo à dança, incluindo a cultura material e a natureza". O autor chama a atenção para o fato de que o patrimônio cultural não está apenas relacionada à cultura material, mas, principalmente, à consciência [*consciousness and awareness*] cultural pessoal e transpessoal. [...] O fenômeno do patrimônio, no entanto, não tem nenhuma base teórica própria, apesar das tentativas de se definir uma (HOWARD, SOLA, STIPCEVIC). Como resultado, tanto o patrimônio natural como o cultural deixam de fornecer uma base teórica à arqueologia e à museologia [...]<sup>411</sup>

Aprecia a "imprecisão dos conceitos de patrimônio e de conservação do patrimônio"<sup>412</sup> e nos dá a conhecer o que pensa Nevstupný<sup>413</sup> a respeito do, "esforço para criar uma disciplina burocrática da conservação do patrimônio dissociada da arqueologia como ciência é, infelizmente, uma tendência europeia atual, e ainda espero que isso não vá sobreviver à virada do milênio ...", para, ao final, constatar que "Hoje, é claro que ela não só sobreviveu, mas se espalhou ... Em vez de aprender sobre coisas novas, as pessoas hoje preferem se divertir"<sup>414</sup>.

A proposição inicial sobre uma disciplina designada por Patrimoniologia que, por mais abrangente, se coadunaria com a maior abrangência que o objeto stranskyano da Museologia considera, foi de **Tomislav Sladojević Šola**<sup>415</sup> (Zagreb, 1948 - ). Professor até 2013 da Universidade de Zagreb, Faculdade de Humanidades e Ciências Sociais,

---

<sup>411</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p. 264-265. "The author analyses this term [museality], which is widely used today, in the context of a current trend to classify the phenomena of archeology and museology as a subcategory or *heritage*. According to P. Howard '*heritage includes all that people wish to preserve, from clean air to dance, including material culture and nature*'. The author draws attention to the fact that cultural heritage is not only related to material culture, but [sic] primarily to personal and a transpersonal cultural consciousness and awareness. [...] The heritage phenomenon, however, has no proper theoretical basis, despite the attempts to define one (HOWARD [HOWARD, P. **Heritage**: management, Interpretation, Identity. Londres / Nova Iorque: 2003.], SOLA, STIPCEVIC). As a result, both natural and cultural heritage fail to provide archaeology and museology with a theoretical basis" [...]. Grifos nossos.

<sup>412</sup> Ibidem, p. 265. [...] "vagueness of heritage and heritage conservation concepts" [...].

<sup>413</sup> NEUSTUPNÝ, Even. **Archeologie v třetím tisíciletí** [A arqueologia no terceiro milênio]. Archeologické rozhledy, 2000, 48, 412-416 ou **Dve archeologie**. Acta histórica et museológica, 2000, 5, 60-64, SU, Opava. Apud STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p. 266. "Effort to create a bureaucratic discipline of heritage conservation dissociated from archeology as a science is, unfortunately, a current European trend, and I still hope it will not survive the turn of the millennium..."

<sup>414</sup> STRÁNSKÝ, op. cit., p. 266. "Today it is clear that it has not only survived, but spreaded out... Rather than learning about new things, people today prefer having fun".

<sup>415</sup> TOMISLAV SOLA. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Tomislav\\_%C5%A0ola](http://en.wikipedia.org/wiki/Tomislav_%C5%A0ola)>. Acesso em: 23 abr. 2015.

Departamento das Ciências da Informação e da Comunicação, sub-Departamento de Mídia e Comunicação. Formado em História da Arte e Língua Inglesa, em Zagreb, e pós-graduação em Jornalismo e Museologia, em Zagreb e em Paris. Cunhou os termos Patrimoniologia e, em 1989, Mnemosofia<sup>416</sup>, “provocativamente tentando sugerir a integridade do patrimônio e a necessidade de uma profissão mais ampla no domínio da memória pública”<sup>417</sup>. Seus termos e conceitos de Patrimoniologia e Mnemosofia estão presentes em instituições e programas de estudo em Liubliana (Eslovênia), Jyvaskyla (Finlândia) e Belgrado (Sérvia), além de Zagreb (Croácia). Participando dos cursos de Georges Henri Rivière, na Sorbonne, no final dos anos 1970, trabalhou no Centro de Documentação do ICOM e, mais tarde, dirigiu o Centro de Documentação do Museu da Iugoslávia e foi editor-chefe da revista **Informatica Museologica**. Em 1985, obtem o Ph.D. em Museologia, na Universidade de Liubliana, Eslovênia, com a tese **Para o museu total**. Membro e participante na direção de setores do ICOM, ICOFOM e ICTOP e CIMAM, dentre outras entidades. Atualmente, na Cátedra de Comunicologia, da Universidade de Zagreb, leciona disciplinas tais como: instituições de patrimônio, Teoria Geral do Patrimônio, Gestão de Patrimônio, *Marketing* do Patrimônio, Patrimônio e Desenvolvimento, Turismo e Patrimônio.

Ivo Maroević (Stari Grad, Hvar, Croácia, 1937- Zagreb, 2007), Ph. D., professor na área de museologia, especializado em planejamento urbano histórico e contemporâneo e em arquitetura, conservação e restauração, ligado à Faculdade de Humanidades e Ciências Sociais da Universidade de Zagreb, ao Instituto Croata de Restauração e ao Museu Municipal de Sisak. Formado em história da arte e inglês, pela Faculdade de Filosofia de Zagreb. Trabalhou como professor de inglês e de cultura visual. Conservador, diretor, documentalista, professor universitário e vice-decano da Faculdade de Filosofia<sup>418</sup>.

Na atualidade, Darko Babic, do Sub-Departamento de Museologia e Gestão do Patrimônio, do Departamento de Ciências da Informação e Comunicação, da Faculdade

---

<sup>416</sup> O autor define como: “‘Cybernetic philosophy of heritage’, a sort of ‘general theory of heritage...which includes at least five informational sciences: librarianship, archivistics, museography, encyclopedistics and documentalistics’.” TOMISLAV SOLA. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Tomislav\\_%C5%A0ola](http://en.wikipedia.org/wiki/Tomislav_%C5%A0ola)>. Acesso em: 23 abr. 2015.

<sup>417</sup> [...] “provocatively trying to suggest the integrity of heritage and the need for a strong, wide profession in the domain of public memory”. TOMISLAV SOLA. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Tomislav\\_%C5%A0ola](http://en.wikipedia.org/wiki/Tomislav_%C5%A0ola)>. Acesso em 23 abr. 2015.

<sup>418</sup> Dados a partir de questionário e material tirado dos arquivos pessoais do Muzejski Dokumentacijski Centar [Centro de Documentação de Museus] -MDC, e de entrevista gravada em 13 de outubro de 2002. MUZEJSKI DOKUMENTACIJSKI CENTAR [Centro de Documentação de Museus]. **Ivo Maroevic**. Disponível em: <[http://mdc.hr/muzealci-ispis\\_en.aspx?muzealacld=49&print=yes](http://mdc.hr/muzealci-ispis_en.aspx?muzealacld=49&print=yes)>. Acesso em: 22 abr. 2015.

de Humanidades e Ciências Sociais da Universidade de Zagreb, em seu artigo **O muzeologiji, novoj muzeologiji i znanosti o baštini** [Sobre museologia, nova museologia e ciência do patrimônio]<sup>419</sup>, considera a trajetória da Museologia que, desde seu conceito como reunião de práticas de e em museus, na segunda metade do século XIX, continua, em 2009, associado à instituição e aos objetos em museus<sup>420</sup>,

[...] através dos ramos do conhecimento que estudam os objetivos e organização do museu para a ciência da informação, segmento que abrange o estudo da identificação, proteção e comunicação dos testemunhos materiais, a musealidade da cultura e da natureza, a fim de proteger, interpretar e transmitir mensagens [...]<sup>421</sup>

As manifestações sociais dos anos 1960 levaram à redefinição de valores e questionamento do papel das instituições sociais, resultando a criação de ecomuseus:

No início dos anos setenta são criados ecomuseus, como resultado de novas idéias sobre o papel dos museus na sociedade e a correlação entre o homem e o ambiente em que ele existe. Desenvolve-se assim a nova museologia [...] enfatizando que o principal objeto de estudo não pode ser nem um museu nem um objeto de museu ou coleção, mas o conceito geral de patrimônio<sup>422</sup>.

Citando a **Uvod u muzeologiju** [Introdução à museologia], de Maroevic, Babic referencia a postulação de Stránský, motivada pela falta de estabelecimento claro do objeto de conhecimento da Museologia, resultando em sua proposta de sistema e metodologia para o campo disciplinar, criador de conceitos e termos, como musealidade (para além da realidade que podemos atingir somente em virtude da relação do homem com a realidade), sendo o museal aquilo que tem as características da musealidade, compreendido e identificado na Museologia, a que ele introduz uma metodologia, uma teoria do conhecimento e teoria do valor<sup>423</sup>. Devido ao forte pragmatismo, a postulação

---

<sup>419</sup> BABIĆ, Darko. O muzeologiji, novoj muzeologiji i znanosti o baštini [ Sobre museologia, nova museologia e ciência do patrimônio]. In: Vujić, Tarka; Špikić, Marko (Ed). **Ivi Maroeviću baštinici u spomen** [Á memória de Ivo Maroevic]. Zagreb: Zavod za informacijske studije Odsjeka za informacijske znanosti Filozofis Fakultet Sveučilišta u Zagrebu [Instituto de Estudos de Informação do Departamento de Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Zagreb], 2009, pp. 43-60. Disponível em: <[http://www.academia.edu/5217606/O\\_muzeologiji\\_novoj\\_muzeologiji\\_i\\_znanosti\\_o\\_ba%C5%A1tini](http://www.academia.edu/5217606/O_muzeologiji_novoj_muzeologiji_i_znanosti_o_ba%C5%A1tini)>. Acesso em: 22 abr. 2015.

<sup>420</sup> O conceito de Museologia como disciplina relacionada a Museus foi aprovado no seminário internacional de museus da UNESCO no Rio de Janeiro, em 1958. BABIĆ, Darko. O muzeologiji, novoj muzeologiji i znanosti o baštini [ Sobre museologia, nova museologia e ciência do patrimônio]. In: Vujić, Tarka; Špikić, Marko (Ed). **Ivi Maroeviću baštinici u spomen** [Á memória de Ivo Maroevic]. Zagreb: Zavod za informacijske studije Odsjeka za informacijske znanosti Filozofis Fakultet Sveučilišta u Zagrebu [Instituto de Estudos de Informação do Departamento de Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Zagreb], 2009, pp. 43-60. Disponível em: <[http://www.academia.edu/5217606/O\\_muzeologiji\\_novoj\\_muzeologiji\\_i\\_znanosti\\_o\\_ba%C5%A1tini](http://www.academia.edu/5217606/O_muzeologiji_novoj_muzeologiji_i_znanosti_o_ba%C5%A1tini)>. Acesso em: 22 abr. 2015.

<sup>421</sup> Ibidem. Grifo nosso.

<sup>422</sup> Ibidem.

<sup>423</sup> MAROEVIC, Ivo. **Uvod u muzeologiju**. Zagreb: *Zavod za informacijske studije Odsjeka za informacijske znanosti, Filozofski fakultet Sveučilišta* [Departamento de Estudos da Informação - Departamento de Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia], 1993. Col. *Zavoda za informacijske studije* [Instituto de Estudos de Informação], v. 6, p. 56. Apud BABIĆ, Darko. O muzeologiji, novoj muzeologiji i znanosti o baštini

stranskyana não recebeu a importância merecida: "Museu como uma instituição não pode ser objeto para a museologia lidar como ciência, mas toda aquela complexa estrutura de objetos de museu que, graças ao museu e a suas características, emergiu como um pretexto para novas percepções na informação, comunicação e amplo sentido cultural"<sup>424</sup>.

Com a aproximação de diversas disciplinas referentes ao patrimônio, pela conceituação e conteúdo, abre-se caminho para "o possível desenvolvimento de uma nova ciência interdisciplinar, a ciência do patrimônio"<sup>425</sup>.

A Universidade de Zagreb, de Sola e de Maroevic, desponta, em derivação de sua oferta acadêmica, como centro gerador, motor e dispersor da Patrimoniologia para além das fronteiras nacionais croatas. A seguir, apresento alguns exemplos de sua difusão, não exaustivos, colhidos aleatoriamente dos resultados oferecidos na pesquisa do buscador da internet ao termo "*heritology*". A capital da Sérvia, conta com o Centro para Estudos da Museologia e Patrimoniologia, ligado à faculdade de Filosofia, da Universidade de Belgrado<sup>426</sup>. Lendo-se o currículo de uma de suas integrantes, Dra. Verena Vidrih Perko<sup>427</sup> (1952-), Ph.D. em Arqueologia (Liubliana), Museologia [Museum Studies, na fonte eletrônica, em inglês] (Zagreb, sob orientação de Sola), com ligação [conselheira] ao Museu de Gorenjska (Kranj), participou da Escola Internacional de Verão de Museologia (República Checa) e atividades nos EUA. Atua em programas de educação de museus e de Museologia para especialistas eslovacos, membro do ICOFOM, ICOMOS, INTERPRETEUROPE (International Association for Heritage Interpretation), dentre outras entidades.

---

[Sobre museologia, nova museologia e ciência do patrimônio]. In: Vujić, Tarka; Špikić, Marko (Ed). **Ivi Maroeviću baštini u spomen** [Á memória de Ivo Maroevic]. Zagreb: Zavod za informacijske studije Odsjeka za informacijske znanosti Filozofisk Fakultet Sveučilišta u Zagrebu [Instituto de Estudos de Informação do Departamento de Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Zagreb], 2009, p. 43-60. Disponível em: <[http://www.academia.edu/5217606/O\\_muzeologiji\\_novoj\\_muzeologiji\\_i\\_znanosti\\_o\\_ba%C5%A1tini](http://www.academia.edu/5217606/O_muzeologiji_novoj_muzeologiji_i_znanosti_o_ba%C5%A1tini)>. Acesso em: 22 abr. 2015.

<sup>424</sup> BABIĆ, Darko. O muzeologiji, novoj muzeologiji i znanosti o baštini [Sobre museologia, nova museologia e ciência do patrimônio]. In: Vujić, Tarka; Špikić, Marko (Ed). **Ivi Maroeviću baštini u spomen** [Á memória de Ivo Maroevic]. Zagreb: Zavod za informacijske studije Odsjeka za informacijske znanosti Filozofisk Fakultet Sveučilišta u Zagrebu [Instituto de Estudos de Informação do Departamento de Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Zagreb], 2009, pp. 43-60. Disponível em: <[http://www.academia.edu/5217606/O\\_muzeologiji\\_novoj\\_muzeologiji\\_i\\_znanosti\\_o\\_ba%C5%A1tini](http://www.academia.edu/5217606/O_muzeologiji_novoj_muzeologiji_i_znanosti_o_ba%C5%A1tini)>. Acesso em: 22 abr. 2015.

<sup>425</sup> Ibidem.

<sup>426</sup> CENTRE FOR MUSEOLOGY AND HERITOLOGY STUDIES - Faculty of Philosophy, University of Belgrade. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/heritagefbg/centar-za-muzeologiju-i-heritologiju/saradnici>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

<sup>427</sup> SUDEC. Katja, dir. Verena Vidrih Perko. In: **Cooperate** – Institut UPS. [Eslovênia?: 2011-2012?]. Disponível em: <<http://www.co-operateskuc.com/projects/aktiv/lecturers-526/verena-vidrih-perko>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

Dragan Bulatović<sup>428</sup> é outro professor de Museologia e Patrimoniologia, também da Universidade de Belgrado – Faculdade de Filosofia, Departamento de História da Arte. Bacharelou-se e obteve os graus de mestre e de doutor na Universidade de Belgrado. Chefe do Departamento de Museologia e Patrimoniologia da Faculdade de Filosofia da universidade da capital sérvia, onde fundou o Centro para a Museologia e Patrimoniologia, cuja missão é “reformular os Estudos do Patrimônio e melhorar o conhecimento atual dos funcionários em instituições culturais, com ênfase nas recentes tendências do desenvolvimento em museu e no patrimônio”<sup>429</sup>. Servidor do Museu de Artes Aplicadas é membro do ICOM. Publicou textos sobre as doutrinas da interpretação e da conservação do patrimônio. Formulou programa modular para estudos do patrimônio nos diversos níveis acadêmicos, da graduação ao doutorado, no âmbito universitário da História da Arte, com programas implementados com os professores Nenad Radić e Milan Popadić<sup>430</sup>.

A pensadora brasileira Scheiner, se formada na América, liga-se às produções correntes do pensamento museológico internacional e, desde 1992, pelo menos, reconhece as possibilidades inclusivas da Patrimoniologia como uma ciência maior do que a Museologia:

Muitos profissionais defendem a Museologia como ciência, mas têm alguma dificuldade em construir um enquadramento para isso, porque usam, como ponto de partida, a instituição museu e o objeto museu. Se considerarmos a base institucional, a Museologia se perde dentro dos limites de uma ciência maior: a Patrimoniologia<sup>431</sup>.

---

<sup>428</sup> DRAGAN BULATOVIĆ. **Wikipedia**. Disponível em: <[https://sr.wikipedia.org/wiki/Dragan\\_Bulatovi%C4%87](https://sr.wikipedia.org/wiki/Dragan_Bulatovi%C4%87)>. Acesso em: 22 abr. 2015. Ver também: UNIVERSITY OF BELGRADE. **Dragan Bulatovic**. Disponível em: <[http://www.f.bg.ac.rs/cv/BUDR\\_117.pdf](http://www.f.bg.ac.rs/cv/BUDR_117.pdf)>. Acesso em: 22 abr. 2015.

<sup>429</sup> [...] “to reform Heritage Studies and to improve current knowledge of the employees in cultural institutions, with the emphasis on recent trends in museum and heritage development”. UNIVERSITY OF BELGRADE. **Dragan Bulatovic**. Disponível em: <[http://www.f.bg.ac.rs/cv/BUDR\\_117.pdf](http://www.f.bg.ac.rs/cv/BUDR_117.pdf)>. Acesso em: 22 abr. 2015.

<sup>430</sup> Quanto às disciplinas, os cursos que concebeu contemplam: no Bacharelado - Introdução aos estudos do patrimônio cultural, (geral), Patrimoniologia (especialista), Museologia (especialista), Modelos históricos da musealização (optativa), Tecnologia da Patrimoniologia (optativa); no Mestrado: Museologia e Patrimoniologia (obrigatória), Metodologia da enciclopédia, (obrigatório), Gênese da Patrimoniologia (optativa: 1. Origem e desenvolvimento da ciência do patrimônio; 2. Coleções e pesquisa), A proteção integrativa do patrimônio (optativa: 1. Técnicas, 2. Legal, 3. Social), Museografia da totalidade (optativa: 1. Museografia, 2. Projeto de gestão); no Doutorado: Museologia e Patrimoniologia (optativa), Teoria do tesouro (optativa), Outras em Patrimoniologia [others in heritology] (optativa), Museologia crítica e patrimoniologia (optativa), Metodologia do patrimônio (obrigatória), Base metodológica dos estudos de doutorado em história da arte (obrigatória)

<sup>431</sup> SCHEINER, Tereza. Editorial. [apresentado na XVI Conferência Geral do ICOM, Canadá, set. 1992]. In: ICOM – ICOFOM - ICOFOM-LAM. **Bulletin**, a.3, n.6/7, dez. 1992 – abr. 1993. [p.2]. “Many professionals defend Museology as a science – but have some difficulty in building a framework for it, because they use, as a starting point, the museum institution and the museum object. If we consider the institutional basis, Museology loses itself within the boundaries of a bigger science: Heritology”. O pensamento da autora, nesse seu pronunciamento, concebe a possibilidade de, ainda quanto ao ângulo da instituição, de se contemplar a Ciência Política e, explora outros pontos de partida para a concepção epistêmica e científica da Museologia. Quando se toma o objeto de museu como ponto de partida, acaba-se no campo da



## 1.6 Patrimoniologia e Filosofia

Deixando a exploração sobre a dispersão da Patrimoniologia, e retornando ao cerne da inquirição a que nos propomos, somos provocados por Jean Davallon a respeito da consideração sobre consideração do patrimônio pelo prisma da filosofia<sup>432</sup>:

A questão é de fato definir a distância [em que se toma] o objeto de estudo. [...] Se o distanciamento ocorre como parte de uma reflexão filosófica que se propõe a questionar a natureza do objeto em si, ela não é construída a partir de um quadro de conhecimento que lhe seja exterior. Por outro lado, não é suficiente se colocar de frente ao objeto estudado e, o considerando como uma construção social, produzir a crítica e o relacionar ao que deveria ser no bom funcionamento da nossa sociedade ou para dar uma opinião sobre ele.

Proponho [...] adotar uma atitude que descreveria como benevolente – uma *neutralidade axiológica* – face ao objeto estudado. Não no sentido de que se tomaria uma posição *a priori* 'para' o fenômeno patrimônio [...], mas no sentido de que convém ser considerado o conjunto social das práticas patrimoniais como um objeto neutro, não demarcado axiologicamente: estudar a produção dos valores e não se posicionar com relação a eles, nem a favor e nem contra eles.

Davallon coloca que: a) o Patrimônio vem sendo considerado pelas ciências sociais, como objeto externo cabendo se questionar sobre o objeto em si mesmo, conhecido a partir de sua essência, digamos, através da reflexão filosófica; b) a atribuição social de valor(es) ao Patrimônio o posiciona como fenômeno [social] se contrapõe a uma atitude de consideração neutra, neutralidade [condição de neutro] pelo autor assegurada ao se tomar o conjunto social das práticas do patrimônio [ônticas?], destituídas de valor (“étudier la production des valeurs et non pas se positionner vis-à-vis d’elles, ni contre elles”).

---

Antropologia, Etnografia ou da Ergonomia, ciências que investigam a cultura material. Se o ponto de partida é a sociedade, SCHEINER aponta para a Antropologia ou a Sociologia; enquanto se perspectiva é o indivíduo, chega-se à Psicologia ou Educação. E, sendo o prisma o da Natureza, como um todo, inscrever-se-ia na Ecologia Humana.

<sup>432</sup> Jean Davallon profere esse teor na obra **Le Don du Patrimoine**: une approche communicationnelle de la patrimonialisation. Paris: Lavoisier, 2006. (Collection Communication, Médiation et Construits Sociaux). Mais precisamente, suas palavras se encontram às páginas 22 e 23 do Capítulo 1: Sous la mise en valeur, la part symbolique du patrimoine? “Toute la question est en effet de régler la distance d’objet étudié. [...] Si la mise à distance s’opère dans le cadre d’une réflexion philosophique qui vise à questionner la nature de l’objet lui-même, elle ne se construit pas à partir d’un cadre de connaissance qui lui soit extérieur. A l’inverse, prendre position vis-à-vis de l’objet étudié en le considérant comme un construit social en vue d’en produire la critique, de le rapporter à ce qui devrait être le bon fonctionnement de notre société ou de donner un avis sur lui, ne saurait suffire non plus. [p.22] Je propose [...] d’adopter une attitude que je qualifierai de bienveillante - une *neutralité axiologique* - vis-à-vis de l’objet étudié. Non pas au sens où il s’agirait de prendre a priori position 'pour' le phénomène patrimoine (...) mais au sens où il convient de considérer l’ensemble social des pratiques de patrimoine comme un objet neutre, non marqué axiologiquement: étudier la production des valeurs et non pas se positionner vis-à-vis d’elles, ni contre elles”. Mais adiante, tratará da correspondência a uma “neutralidade metodológica”. [p.23]. Grifos nossos.

Repare-se que Davallon também usa o ponto de interrogação, e o termo *questão* (*question, questionner*) ocorre duas vezes no primeiro parágrafo citado. E objeto (de estudo) encontramos, igualmente, em reiteração. A distância com relação a ele varia da externa, corrente, equivalente a objeto social, à interna, do objeto em si, [como ente] correspondente a objeto filosófico. A atitude de que fala no segundo parágrafo citado, de neutralidade axiológica, talvez pudesse aproximar da noção do sujeito observador, social ou subjetivo, mas não psicológico: filosófico. O objeto, enquanto social, é submetido à valoração, a partir de valores estranhos à sua natureza; o objeto, enquanto filosófico, se oferece para ser desvelado naquilo que ele é. Todavia, pouco nos mantemos neutros, pouco buscamos a essência, o fundamento das coisas.

Pela proposição “b”, o texto articula o objeto a se refletir (o conjunto social das práticas de patrimônio como um objeto neutro) à produção de valores. E, nesse percurso, se distanciar do fenômeno patrimônio [a presença ou aparência do ente patrimonial]. Davallon configura uma dupla anteposição: a) com o teor do parágrafo anteriormente transcrito e b) do que diz neste mesmo, entre seus termos. Se no enunciado geral concita a se tomar o objeto “dentro”, em sua natureza, agora avança sobre se tomar as práticas (sociais) do patrimônio em que, portanto, sendo sociais, fazem o patrimônio, não sendo

ele mesmo, em si, mas externo. E ao considerar a produção de valores, igualmente social, penso que dificilmente se poderia refletir sobre a pragmática axiológica, exceto na reflexão de categorias bem genéricas, o bem, o belo, o verdadeiro, e gerais, a bondade, a beleza, a verdade e não a escala em si, ou o modo ou motivação pela qual se produza, por fugir ao âmbito do fundo da coisa, mas de sua apreensão (o ato, exemplificando, é manifestação, fenômeno, da ideia, energia, ideologia que o fundam). Assim, apreendida, a coisa patrimonial ressurge como social do qual se pretende inferir que o fenômeno com ela se confunda, quando na verdade com ela se especifica enquanto aparência percebida, possível e passível de sobre ela se refletir. Precisamos do fenômeno, a presença no mundo sobre o que perguntarmos, a resposta pelo que perguntamos. A conceituação tipificada como fenômeno social guarda, igualmente, distância do termo filosófico fenômeno. Não residiria nesse ponto a dificuldade ou pré-orientação ou pré-determinação da reflexão, das ciências sociais ou da filosófica, a que o autor convenientemente enunciara no primeiro parágrafo: a produção de valores é social; a reflexão sobre os valores é axiológica: estamos diante de dois entes, com naturezas próprias e *distantes* entre si.

Mas, o que é o fenômeno Patrimônio ainda não se questiona, entretanto.

Jean Davallon, pela sua biografia, apresentou teses de doutorado versando sobre a imagem, na publicidade e mediatizadas, em que incluiu abordagem do simbólico. Os assuntos na bibliografia que seleciona para seu perfil na Universidade de Avinhão<sup>433</sup>

---

<sup>433</sup>UNIVERSITÉ D'AVIGNON. **Davallon, Jean.** Disponível em: <<http://www.univ-avignon.fr/fr/recherche/annuaire-chercheurs/membrestruc/personnel/davallon-jean.html>>. Acesso em: 22 abr. 2015. Professor-pesquisador da Universidade de Avinhão, diretor do laboratório Cultura e comunicação. Presidente da seção 71 do Conselho Nacional das Universidades (CNU). Integrante da Equipe Cultura e Comunicação / Centro Norbert Elias e do Departamento de Ciências da Informação e da Comunicação. Leciona disciplinas principalmente com “enfoque histórico e teórico dos modelos de comunicação, a museologia, particularmente a análise dos dispositivos de valorização do patrimônio e de seus saberes (exposição midiática, sítios web, ferramentas de interpretação e auxílio à visita, etc.) a evolução das instituições do patrimônio, os instrumentos de avaliação das exposições e dos museus, a utilização da fotografia como instrumentos de descrição das exposições, especialmente no caso do mestrado Mediação da cultura e do patrimônio: exposições, mídias informatizadas, museologia, avaliação e do doutorado de Comunicação e Programa internacional de doutorado Museologia, mediação, patrimônio, que dirige, em conjunto com a Universidade do Quebec, Canadá.” Pesquisa “essencialmente sobre a relação entre a dimensão simbólica e funcionamento comunicacional, em primeiro lugar as imagens, seguido dos museus e patrimônio.” Suas pesquisas se materializaram e numerosas publicações. Participou ou dirigiu diversos programas de pesquisa sobre a museologia das ciências e técnicas para o Ministério da Cultura (direção dos Museus de França, Reunião dos Museus Nacionais, missão do Patrimônio Etnológico da direção do Patrimônio), o Ministério do Ensino Superior e da Pesquisa, a missão interministerial dos Grandes Trabalhos e diversas instituições museísticas. Coordena, à época desta leitura, um programa de pesquisa sobre os Traços de uso e mediações editoriais no grande *corpus* da Web. Doutorado “de 3º ciclo” com a tese *Le Sujet de la publicité : Analyse des rapports entre texte et image dans l'annonce publicitaire*, orientado por Roland Barthes (1978); doutorado “de estado” em Letras e Ciências Humanas sobre *L'Image médiatisée : De l'approche sémiotique des images à l'archéologie de l'image comme production symbolique*, orientada por Louis Marin (1991). Professor de Sociologia na Universidade Jean Monnet, em Saint-Étienne, de 1991 à 2000, onde criou e dirigiu o DEA e a formação doutoral de Museologia e mediação cultural: públicos, tecnologias, instituições, e também o Centro de Estudos e de Pesquisa sobre as exposições e os museus. Co-fundador e co-redator chefe (com Hana Gottesdiener) da revista internacional de museologia, de da comissão de avaliadores de *Publics & Musées*, que se tornou, desde 2002, *Culture & Musées* Membro da corpo de avaliadores da revista *Hermès*, de *Questions de communications*, de *Studies in Communication Sciences*, de *Prisma.com*. Membro do Conselho Internacional de Museus (ICOM). Dirigiu a publicação de *Claquemurer, pour ainsi dire, tout l'univers: La mise en exposition* (Centre Georges Pompidou), e publicou, entre outras obras, *L'Environnement entre au musée* (com G. Grandmont e B. Schiele), *L'Exposition à l'œuvre*, bem como numerosos artigos sobre as imagens, as exposições e os museus em obras coletivas, revistas ou em atas de colóquios científicos.

Seleção de publicações recentes

DAVALLON, Jean. La médiation: la communication en procès? **MEI - Médiation et information**: revue internationale de communication, 19, Médiations & médiateurs, 2004. p. 37-59.

\_\_\_\_\_. **Le Don du patrimoine**: Une approche communicationnelle de la patrimonialisation. Paris: Hermès Sciences-Lavoisier, 2006. (Col. Communication, médiation et construits sociaux).

\_\_\_\_\_. L'analisi del pubblico in Francia: innovazione e tradizione, p. 93-111. In: NARDI, Emma, dir. **Musei e Pubblico**: un rapporto educativo. Milano: FrancoAngeli, 2004.

\_\_\_\_\_. **L'Exposition à l'œuvre**: Stratégies de communication et médiation symbolique. Paris: L'Harmattan, 1999.

\_\_\_\_\_. Objet concret, objet scientifique, objet de recherche. **Hermès**, 38, p. 30-37. 2004.

\_\_\_\_\_. Réflexions sur la notion de médiation muséale. In: **L'Art contemporain et son exposition** (1). Paris: Éd. de L'Harmattan, 2002. p. 41-61. (Conférence du 10 novembre 2000 au séminaire L'art contemporain et son exposition du Collège international de philosophie).

\_\_\_\_\_; HERT, Philippe; TARDY, Cécile. Entre aide et substitution : l'écriture des pratiques pédagogiques, p. 107-139. In: TARDY, Cécile; JEANNERET, Yves, dir. **L'Écriture des médias informatisés**: espaces de pratiques. Paris: Hermès Sciences-Lavoisier, 2007. (Col. Communication, médiation et construits sociaux).

\_\_\_\_\_; NOEL-CADET, Nathalie; BROCHU, Danièle. L'usage dans le texte : les “traces d'usage” du site Gallica, p. 47-89. In: E. SOUCHIER, E.; JEANNERET, Yves; LE MAREC, J., dir. **Lire, écrire, récrire**: Objets, signes et pratiques dans les médias informatisés. Paris: Bibliothèque publique d'information – Centre Georges Pompidou, 2003.

SCHALL, Céline; DAVALLON, Jean; VILATTE, Jean-Christophe. The museum, the guided tour and visitors seeking a leisure activity, p. 65-69. In: GOTTESDIENER, Hana; VILATTE, Jean-Christophe, dir.

dizem respeito à mediatização, comunicação, em exposições, museus e patrimônio. Também esse enfoque se vê no doutorado de Museologia que criou. Lecionou sociologia e seu departamento universitário e suas obras publicadas e relacionadas por ele inscrevem-se na classificação de Ciências humanas e sociais. Suas colaborações e ações junto a órgãos governamentais, além da mediatização – comunicação, referem-se à ciência, técnica e etnologia. Destaco um seu artigo na revista **Hermès**, 38, de 2004, intitulado **Objet concret, objet scientifique, objet de recherche**. O título-enunciado contempla acepções do objeto, instando-o na condição de coisa em si e ainda assumido como objeto de ciência e como objeto de estudo. Constata-se não se falar de objeto de consideração filosófica. Mas seria necessário ler a integridade do texto para se, cabalmente, afirmar a ausência. De qualquer modo, Davallon privilegiou a comunicação midiática, a imagem midiática, depois considerada em museus e no patrimônio. Como pude ler, museus e patrimônio, como o ambiente próprio da web, são os âmbitos de ocorrência da matéria a que ele se dedica, os *loci*, os *media* onde ou através do que se presentificam. Sua advertência nos parágrafos anteriormente discutidos procede, na medida em que sua caminhada foi em direção ao objeto midiático, comunicacional, pela senda patrimonial. O patrimônio, tomado na dimensão do meio [midiático], fora de si mesmo, posto não ser especificamente o objeto de estudo de Davallon, ao menos na parte examinada da publicação selecionada.

Mas, em que obra lemos os parágrafos que lemos? Indo da parte ao todo, as duas transcrições, às páginas 22 e 23, estão em um primeiro capítulo, denominado *Sous la mise en valeur, la part symbolique du patrimoine?* Difícil traduzir a locução francesa composta por *mettre en*, traduzíveis como *por em*, *colocar em*. Por em valor, valorizar, destacar, salientar... Valor é termo, também, polissêmico, mas no contexto, axiológico, se estabiliza como sistema de valor ou princípio distintivo entre duas ou mais coisas cotejadas e hierarquizadas por um critério considerado. No título, penso que o autor busca evidenciar a segunda parcela do enunciado, *a parte simbólica do Patrimônio*. Esta parte seria colocada *sob* [*sous*] uma consideração de *valor*. A tudo isso, destaque-se, Davallon dá o tom de pergunta, prenunciando um conteúdo em que se poderia afirmar ou não se há valorização, ou quando ou como haveria, *da parte simbólica do Patrimônio*. Conquanto valor seja objeto na axiologia, na Filosofia, o caráter do simbólico se insere

---

**Proceedings of XIXth Congress of International association of empirical aesthetic.** août -1er sept 2006, université d'Avignon.

TARDY, Cécile; DAVALLON, Jean; JEANNERET, Yves. Les médias informatisés comme organisation des pratiques de savoir, p. 169-184. In **Organisation des connaissances et société des saviors**: concepts, usages, acteurs. 6e Colloque International du Chapitre français de l'ISKO, 7-8 juin 2007.

no universo da sociologia, da semiologia, da mítica e da mística. História da(s) religião (ões), a iconologia também tem a questão do simbólico como objeto. Pode-se pensar que a semiologia, notadamente em sua teoria semiótica, lógica, seja ramo da Filosofia ou nela se inscreva. O que é símbolo? Em semiologia é um tipo de signo, sendo o signo aquilo que está no lugar de outra coisa, algo representativo, não presentativo, em que o símbolo é o mais arbitrário entre todos os tipos de signo. A Filosofia, que procura os fundamentos, olharia para o símbolo como o velamento, ou o corpo de uma ideia de outra ideia, talvez. Nada se opõe a que isso que esteja no lugar de outra coisa seja apreciado na busca pelo fundo em Filosofia. Mas é disso que o texto trata? Responde o título do livro, sobretudo seu subtítulo: **Le Don du Patrimoine: une approche communicationnelle de la patrimonialisation**. *Don*, a ação de dar, de doar, coisa dada, presente, qualidade natural, dom, radical para dar [*donner*] e para dado [*donné*], como em *dado estatístico*. Patrimônio como dom, qualidade ou dádiva, como herança, como [dado] elemento ou quantidade conhecida para base de resolução de um problema, de formação de juízo ou sobre o que se assenta uma discussão? Em sentido filosófico, *dado*<sup>434</sup> é o que se apresenta à consciência como imediato, não construído ou não elaborado. Sim, parece que, em princípio, em título, a consideração seria o que seja, tal como seja, o patrimônio em si, já enunciado no primeiro parágrafo considerado de Davallon! Avançando ao subtítulo, o campo conceptual se solidifica, inequivocamente pronunciado pelo autor: uma abordagem *comunicacional* da patrimonialização. O recorte epistemológico da obra encaminha para a Comunicação, ciência social, ou *matemática*, por certo prisma. Vale reparar que Davallon fala da comunicação não do Patrimônio, mas da patrimoni-al-ização, [do sufixo verbalizador *izar*, do latim *izare*, pelo grego *ízein*, que incorporado expressa tornar, dar a condição de, dele derivando o substantivo quando se sufixa com ização : patrimônio + izar + ação= ato de tornar, de dar a condição, de constituir algo como patrimônio]. A busca pela natureza de algo, naquilo em que é e em que se constitui como tal, contradiz qualquer ato de tornar, condicionar ou constituir algo, de fora para si, em que não se está diante do dado, ele mesmo, mas o ente doador. Prosseguindo no que lê na capa do livro, vem ao campo visual o nome da coleção de que participa esta obra: Collection Communication, Médiation et Construits Sociaux. A série inclusiva repete os termos presentes na biografia, publicações e dados de Davallon: comunicação, mediação e midiação, além de *constructa* sociais, ciências sociais, sociologia.

---

<sup>434</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 14. imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d.

E chega a vez de olharmos a contracapa! No diálogo, procuro ouvir o editor da obra, quiçá da coleção, que propõe<sup>435</sup>:

A situação do patrimônio é paradoxal: invocado constantemente, aplicado a tudo, não é menos estigmatizado como a figura do conservadorismo cultural. Sem dúvida, é mal compreendido, dividido entre os aspectos lógicos e os pragmáticos: o conhecimento acadêmico, ideologia gerencial, políticas públicas e arroubos críticos. Este livro não toma partido desses debates, mas reformula a pergunta a se fazer sobre por quais operações o caráter patrimonial é conferido a determinados objetos. O que representa essa instituição em termos de ligações simbólicas a e em uma sociedade? Como os objetos são retirados do seu estado normal para se tornarem objetos de patrimônio? Que ligação se estabelece, então, entre épocas e culturas diferentes? Ao perguntar, face às várias interpretações simplistas, uma abordagem comunicacional do patrimônio, este livro mostra que a explicação econômica não é o suficiente para se entender a dimensão antropológica da comunicação patrimonial.

O editor se aplica em dizer se tratar a obra de uma reformulação do questionamento das operações que conferem o caráter patrimonial a determinados objetos. Isto é: algo não é patrimonial, é *escolhido* para o ser e uma operação o estabelece como tal. E o texto desdobra a questão geral em uma sequência de três interrogações específicas sobre: a representação da instituição Patrimônio em suas ligações simbólicas com a sociedade; o modo de subtração dos objetos da *condição de serem eles mesmos* para *serem tornados objetos na condição de patrimônio*; as ligações estabelecidas entre tempos e culturas diversas. Pela primeira ordem de pergunta, a postulação, então, é de que vir a ser Patrimônio é algo externo, jamais interno, jamais algo em si mesmo? Assim sendo, não caberia especulação pelo fundo, em filosofia, inútil procurar o que é, a natureza de ser, naquilo que **não** é. A abordagem é novamente ratificada, comunicacional, e introduz o aspecto de que essa abordagem patenteia a insuficiência da explicação econômica para “compreender a dimensão antropológica da comunicação patrimonial”<sup>436</sup>. Enquanto entra um novo viés analítico para a questão do

---

<sup>435</sup> Contracapa. In: DAVALLON, Jean. **Le Don du Patrimoine**: une approche communicationnelle de la patrimonialisation. Paris: Lavoisier, 2006. (Collection Communication, Médiation et Construits Sociaux). “La situation du patrimoine est paradoxale: invoqué sans cesse, appliqué à tout, Il n’en est pas moins stigmatisé comme la figure du conservatisme culturel. Sans doute est-il mal compris, déchiré qu’il est entre logiques et acteurs: savoirs savants, idéologie gestionnaire, politiques publiques et emportements critiques. Cet ouvrage ne prend pas parti dans ces polémiques mais reformule la question pour demander par quelles opérations le caractère patrimonial est conféré à certains objets. Que représente cette institution en termes de liens symboliques dans une société? Comment les objets sont-ils soustraits à leur statut ordinaire pour devenir objets de patrimoine? Quel lien s’établit alors entre des temps et des cultures différentes? En posant, face à diverses interprétations simplistes, une approche communicationnelle du patrimoine, ce livre montre que l’explication économique ne suffit pas pour comprendre la dimension anthropologique de la communication patrimoniale”. Grifos nossos.

<sup>436</sup> O editor. In : DAVALLON, Jean. **Le don du patrimoine**: une approche communicationnelle de la patrimonialisation. Paris: Lavoisier, 2006. (Collection Communication, Médiation et Construits Sociaux). [...] “comprendre la dimension anthropologique de la communication patrimoniale”. Contracapa. Grifo nosso.

patrimônio, a resposta que se busca é situada no perímetro da comunicação, em sua dimensão antropológica: o editor não nos permite dúvida!

O que se quer saber é menos o que é o Patrimônio enquanto classe, ou objeto classificável, mas antes o que ele é em si mesmo. Davallon fala em valor que se dá a um conjunto social das práticas de patrimônio que, pela proximidade, deixa de ser objeto neutro, mas associado a valores produzidos. Preconiza se distanciar do fenômeno patrimônio para, na distância, se abstrair do sistema de valor e, conforme a colocação da professora da disciplina Teoria do Patrimônio, Tereza Scheiner, no doutorado de Museologia e Patrimônio PPG-PMUS UNIRIO / MAST, se abordar filosoficamente a questão da natureza do patrimônio como objeto de reflexão.

## CAPÍTULO 2

# O QUE É A MUSEOLOGIA / PATRIMONIOLOGIA?:

### à procura da essência de uma disciplina

O panorama proposto do estado sobre a Museologia / Patrimoniologia, quanto ao seu objeto disciplinar, revisionista e historicizado, tal como explorado no capítulo inaugural, funciona como colocação do problema, sua definição e circunscrição. Ao se pretender caminhar em direção ao fundo do que seja Museologia / patrimoniologia, o método nos requer a arguição desse seu ser, de modo a se especular sobre possibilidades de compreensão de seu objeto. Trata-se não de negar, mas de procurar nova possibilidade analítica ou mesmo explorar seu território sob a luz de outra abordagem, tal como se buscará, de ordem filosófica. À pergunta *O que é a Museologia?*, a que, embora totalize pouco investimento e, conseqüentemente, poucos resultados ao redor das contribuições mundiais (especialmente devido à questão ontológica ter se posto como relevante ou importante a poucos dos pensadores em Museologia), seguir-se-á outra: *O que é a Patrimoniologia?* Das respostas evidenciar-se-ão diferenças e similaridades, responsáveis menos por auxiliarem a definir estranhamentos, mais por implicarem abrangências do campo disciplinar. Gradativamente, pela proposta assumida, as duas perguntas, em tendo em comum a inquirição sobre o “quê”, a quididade, faz a-presentar duas manifestações terminológicas que, espera-se, se concluam como unas em essência, sob aparências diversas, a se plasmarem na síntese que se pretende, de Museologia / Patrimoniologia.

O fundo de que se fala é. A essência da Museologia / Patrimoniologia, por princípio sendo, tem merecido de alguns teóricos o exercício de se buscar determinar o âmbito de seu fundo. Mas **ser** é sinônimo de **existir**? A Museologia e Patrimoniologia sendo existem, de fato, conforme sua aparência? Se as determinações de existência são tão múltiplas quanto excludentes, seriam os objetos disciplinares propostos próximos à compreensão de sua essência? Estudo de museu, de objetos, de processos, de coleções, ou da relação do homem com a realidade, alguns desses objetos, epistêmicos, podem nem ser claros ou específicos a um campo disciplinar (muitas vezes



subsidiários) e outras incompatíveis e excludentes, levando a consideração de invalidação ou de não satisfazerem à necessidade para a conformação da verdade de que o caráter da essencialidade requereria. Isto é, as de-terminações de que se tem valido o campo disciplinar resultam de contingências de situações interpretativas sobre a ocorrência, aceitável como verdadeira, na conformidade da explicação com o que se percebe - o fenômeno -, distanciada da fundação que reside oculta aos sentidos, no entanto não podendo fazer ou determinar o que **é** como o que realmente *seja*! Propomos considerar a escritura de um livro. Ao se escrever, se pensa o que será escrito, e essa ação **é**, sendo manifesta, apresentada [apresentação] de modo manuscrito, impresso e/ou digital. Se está na mente do autor e independente de um eu não o conhecer, o livro já **é**, porém não existe para mim, por não se me apresentar (donde o “ser em presença” heideggeriano). No plano antecedente à escritura, do pensamento, tudo principia quando se é afetado por algo a ser escrito, que se deseje ou que nos valha a pena escrever. No plano filosófico, a primazia, segundo Platão, se deve ao espanto, seguido pela formulação de questões a res-ponderem ao espanto. Heidegger, em **Ser e Tempo**, ao discorrer sobre a verdade, exemplifica com as leis de Newton. Antes delas serem descobertas, nos diz Heidegger, elas não eram “verdadeiras”, porque a verdade apenas pode ser em “abertura, descoberta e descobrimento”. “Só ‘se dá’ verdade na medida e enquanto a pré-sença é. Só então o ente é descoberto e ele só se abre enquanto a pré-sença é”<sup>437</sup> [...] “o ente em si mesmo se tornou acessível à pré-sença”<sup>438</sup>. A questão da essência da Museologia / Patrimoniologia **é**, mas até que seja motivo de espanto e proposicionada, não existe em pré-sença, tão pouco pode ser cogitada enquanto verdadeira, o que justificaria ser tão pouco questionada! Tem-se uma adoção do termo disciplinar Museologia sem se dar conta de que, no campo epistêmico, haveria instabilidade conceitual, do que não se tem consciência. Ou seja, apesar de a essência *ser* não se pergunta sobre o que ela é, talvez porque a percepção de sua existência requiera sutileza. Acreditava-se que a Museologia incluía a conservação, a expografia, a documentação, entre outras manifestações da rotina dos museus e de acervos e coleções, manifestações essas que vêm se desprendendo do corpo da Museologia, mesmo que considerada como Estudos sobre museus, objetos ou coleções. O que é, então, se **não** é nenhuma ou o conjunto de todas essas manifestações? Caberia dizer o quê não é? E nesse caso, a negativa seria ligada à própria essencialidade? Para tentar responder a isso, tem-se que caminhar mais...

---

<sup>437</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. parte 1. p. 295-296. Itálico do autor.

<sup>438</sup> Ibidem, p. 296.

Dar-lhe existência, trazendo-a à presença intelectual é a nossa proposta, a buscar a conformidade da *verdade* teórica com o fenômeno museal / patrimonial.

O que é Museologia? Uma pergunta à procura de sua resposta, que encetamos no primeiro capítulo desta tese.

Seguindo a orientação de Heidegger sobre o pensamento filosofante, procuramos identificar agora um novo interlocutor para nos perguntarmos sobre o Patrimônio. E propomos um diálogo imaginado ou a partir da imagem do texto de Heidegger sobre **O que é a filosofia?**<sup>439</sup> Da leitura do texto reteve-se a síntese da arguição manifesta do pensador alemão que passará, a seguir, a ser adotada como a orientação metodológica, em que se estabeleça a tentativa de diálogo pela transposição, quando possível, da referência da Filosofia para o campo do Patrimônio. A itemização na sequência das letras do alfabeto dará entrada sintética ao conteúdo apurado em Heidegger, destacado em negrito, como argumento - a que se seguirão as “paráfrases” relativas a Patrimônio.

**A) O caminho da discussão deve ser tal que o assunto tratado atinja nossa *responsabilidade*<sup>440</sup>, nos toque em nosso ser. E o que nos toca em termos da filosofia, guardiã da razão, é o que concerne ao homem, a racionalidade.**

Não foi estranho a Stránský<sup>441</sup> partir da filosofia para caracterizar a Museologia como uma disciplina que ele pretendeu ser científica, sem privilegiar enfocá-la como ramo filosófico. O pai da Museologia científica ancora a disciplina em referenciais da Filosofia sem fundamentar o que essas áreas que identifica teriam a ver com a Museologia, pelo menos de modo explícito, objetivo e direto. Como visto no capítulo anterior, muito poucos são os que procuram relacionar Museologia e Filosofia, como Deloche, Scheiner, de modo constante, e aproximações circunstanciais ensejadas por temários de encontros no campo da Museologia. A discrepância, boa parte das vezes subjacente, entre o que se considera objeto da Museologia pode ser explicitada pela concepção pragmática do *Museum Studies* e da Museologia “científica”. Por um lado, o viés do Museu, instituto, clássico, por outro a identificação, como no Brasil, de ser uma ciência social aplicada. Certamente as diferenças de concepção excedem a essa divisão, fracionando-se em muitas outras. Entre todas elas, excetuados os pensadores citados

---

<sup>439</sup> HEIDEGGER, Martin. Qu'est-ce que la philosophie? In: \_\_\_\_\_. **Heidegger**: conferências e escritos filosóficos. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1996. P. 27-40.

<sup>440</sup> O sufixo *idade* corresponde a *condição de...*, pelo que *responsabilidade* é a condição de responsável, de respondente, de quem responde, do que se responsabiliza.

<sup>441</sup> STRÁNSKÝ, Zbyněk Z. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Universidade Masaryk, 2005. P. 117-118. Para ele, do ponto de vista da filosofia, os referenciais da Museologia são: gnoseologia, axiologia, ontologia, noética e ética.

(e aparentemente isolados), a discussão trilha a vereda das ocorrências museísticas ou da discussão sobre sua ultrapassagem (diga-se, do museu instituição), ou novas contingências. O ser da Museologia, assim, não é encontrável nela, mas no Museu (o que resultaria em MuseUlogia) ou numa sociologia observada em um campo fenomenal do organismo social. Mas teria essência, vale dizer ser fundada, daquilo que lhe precisa sem ser alheio ou acessório, materializante, manifestante ou acidental? Historicamente, começamos por arguir pelo estatuto filosófico da Museologia como matriz que se vem estruturando e afirmando sua designação enquanto campo desde os anos 1960. No caso deste trabalho, a inquietação pela discussão do objeto da Museologia como objeto filosófico e, como exercício de aproximação, duplo (com a filosofia e com a patrimoniologia, se patrimoniologia for outro campo que não o mesmo da Museologia), se nos prefigura desde o mestrado. E, em seu âmbito específico, procuramos encontrar a resposta e re-pô-la no escopo do Doutorado em Museologia e Patrimônio.

Problematizar o que seja o Patrimônio decorre e se associa ao questionamento que nos encaminha para o fundamento da Museologia. Assunto tocante e inquietante, ainda mais por se pretender enveredar por uma aproximação patrimônio – filosofia escassamente tentada, e sua escassez talvez reflita a falta de sensibilização dos pensadores para essa relação. Desde Stránský, a predominância dos enfoques sobre a Museologia não privilegia a Filosofia. Jean Davallon<sup>442</sup> aponta para algo pelo que, no entanto, não foi tocado: a abordagem filosófica do patrimônio.

A natureza do toque se desdobra na modalidade do toque e da sensibilidade. Aprender a ser sensível ao fenômeno, mais perceptivo, mais receptivo, aprender para apreender, e vice-versa, é instrumentar-se em *logos* e *ratio* para o dia-logo para uma condição de razão (racionalidade) do e no pensamento filosofante.

**B) O caminho é a própria palavra “filosofia”, em sua origem grega, “proferida há muito tempo”, enquadrada e participante do mundo grego e estruturante da história ocidental-europeia.**

Museologia, igualmente, é palavra grega, não estabelecida no grego clássico, mas formada a partir da concepção do idioma grego e de certas referências históricas da cultura grega (*mousàon* – pelas musas<sup>443</sup>, *mouseion* – lugar das musas, *Musaios* – poeta, discípulo ou filho de Orfeu). Musas e Musaios são entes míticos gregos e sua

---

<sup>442</sup> DAVALLON, Jean. **Le Don du Patrimoine**: une approche communicationnelle de la patrimonialisation. Paris: Lavoisier, 2006. (Collection Communication, Médiation et Construits Sociaux).

<sup>443</sup> Conforme SCHEINER, Tereza. **Apolo e Dioniso no Templo das Musas**: Museu - gênese, ideia e representações em sistemas de pensamento da sociedade ocidental. 1998. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

essência se liga à entidade da criação, da *poiesis* que, essente e existente, se ancestraliza nas deusas e poetas lendários... Museologia tem sido tomada como a logia do *Mouseion*, dos templos dedicados às manifestações propiciadas pelas Musas ou a celebração órfica da criação pre-sentada pela constituição humana. Como tempo mítico, não é histórico e, pela sua articulação etimológica bem poderia ser associado ao caráter subjetivo de sua essência, de ser no ser e de ser expressão de uma essência, por seu turno, geral, universal, em todo o ser, talvez por que se dê usualmente a relação de Museologia com Memória, Memorialização, Monumentalização, narrativa. Templo, entretanto, não é a morada das Musas, nem o produto da criação, mas antes sendo a Musealidade, a qualidade museal tanto da afabilidade das Musas quanto dos versos do poeta. Celebram-se as Musas, se musificam as musas, sem que suas essências possam ser redutíveis mesmo ao conjunto o mais completo daquilo que inspiraram, pois a inspiração que originam continuará... Não se trataria antes da consciência, mental, noética, da possibilidade de criar, indistintamente da aparência dos atos criativos ou significativos? O *logos* na composição do termo Museologia, é tanto *ratio* como a expressão, tem muito do de-monstrativo, do a-presentativo. O pensado, o sentido, sendo dados em manifestação para dia-logo, para dizer. Destaca-se, entretanto, a qualidade deste pronunciar como estudo, algo sistemático, reflexivo, analítico, que não é *tekné* (arte, habilidade ou artifício). Distanciando-nos do plano material, fenomenal do que se toma por Museologia, devolvida à sua grecidade essencial, Museologia se afirma como fato ontológico associado à consciência de ser que, biunivocamente, constitui **ser enquanto consciente de ser**, o ser museal. Exceto tal consciência, nada se exige, idade, sexo, credo, cultura, geografia, sendo todas essas categorias contingentes à essencialidade museal. E por essa via, não é passível de mensuração ou valoração, ou ainda de expectativa de resultado, apenas de reconhecimento existencial na ontologia do que **é**, independente do nome que se lhe dê! Poderia se discutir de onde vem essa essência museal, se pelo código genético, se por aprendizado e compartilhamento cultural, se por desenvolvimento autógeno. Sem se poder precisar resposta, resta a afirmação de que, qualquer que seja a resposta ou a combinação entre elas, há seres que têm essa consciência de um âmbito voluntarioso, onírico, emocional que, no entanto, se deseja compartilhar em linguagem, em racionalização, em manifestação poética.

Em um processo associativo, podem-se colocar lado a lado palavras gregas com o sufixo *eio, eion*, indicativo de lugar<sup>444</sup>: *mouseion, mausoleio, antinoeion*. A acepção pode ter caráter religioso, sagrado, mas também é, antes de tudo, o lugar, o território destinado a, evocativo, celebrativo<sup>445</sup>.

Patrimônio é palavra latina, *patrimonium*, significando herança paterna, com caráter jurídico, legal. *Patrimonium* significava inicialmente os assuntos financeiros da paterfamília<sup>446</sup>. O sufixo *monium* significa competência, tarefa. Portanto, Patrimônio em sua origem diz respeito à competência, ou tarefa, do pai, do chefe da família. Nada se acrescenta aos textos iniciais de estudo sobre Patrimônio e a etimologia da palavra. Confrontando-se o termo Patrimônio com o de Testemunho, *Testimonium*, em latim, deriva de *testis*<sup>447</sup>, de *pater*, "a quem compete o testemunho, o que compete ao pai. Sabemos como a partir dessa acepção privada atinge-se a dimensão pública, de bem econômico a bem cultural, nos dias que se sucederam à Revolução Francesa e, recentemente, às especificações de natural, imaterialidade, paisagem cultural... Entretanto, se nos perguntamos, ainda, o que é o Patrimônio ou não estamos satisfeitos com a resposta dada ou pretendemos propor outra ou mesmo buscar precisar não a substância do Patrimônio, mas a sua ideia, seu fundamento para além do que possa ser re-conhecido e inscrito em arrolamento, como em um inventário patrimonial para fins de sucessão de bens, intergeracional, "de pai para filho", legado.

Durante o processo de elaboração desta parte do trabalho, sob excitação do tema, em que se está mais sensível, por estado e por aprendizado, ocorreu de estar diante de uma obra de Poussin, **O sacramento do matrimônio**. A palavra matrimônio vibrava, com sua energia fonética, e parecia eco, reverberação que retrocedia até encontrar sua

---

<sup>444</sup>ANDROCEU. **Origem da palavra.** Disponível em : <<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/androceu/>> . Acesso em : 11 dez. 2012.

<sup>445</sup> Celebrate (v) mid-15c., originally of the Mass, from Latin *celebratus* "much-frequented; kept solemn; famous," past participle of *celebrare* "assemble to honor," also "to publish; sing praises of; practice often," originally "to frequent in great numbers," from *celeber* "frequented, populous, crowded;" with transferred senses of "well-attended; famous; often-repeated." Related: Celebrated; *celebrating*. Celebration (n.) 1520s, "honoring of a day or season by appropriate festivities," formed in English from celebrate, or else from Latin *celebrationem* (nominative *celebratio*) "numerous attendance" (especially upon a festival celebration), noun of action from past participle stem of *celebrare*. Meaning "performance of a religious ceremony" (especially the Eucharist) is from 1570s; that of "extolling in speeches, etc." is from 1670s. HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary.** Disponível em: <[http://etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=celebrate&searchmode=none](http://etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=celebrate&searchmode=none)>. Acesso em: 15 ago. 2011.

<sup>446</sup> PATRIMONIUM. **Wikipedia.** Disponível em: <<https://de.wikipedia.org/wiki/Patrimonium>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

<sup>447</sup> Sem fundamentação, há dicionários etimológicos que associam Testemunho a uma capacidade masculina, supondo a palavra *testis*, testículo. Cf. HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary.** Disponível em: <[http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=testis&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=testis&searchmode=none)>. Acesso em: 12 dez. 2012.

fonte de emissão: o vocábulo patrimônio em que investíamos! Logo, olhando as duas palavras, lado a lado, perceber que apenas uma letra, a inicial mudava entre elas, o “P” e o “M”, mudança superlativa quanto ao significado. O levantamento exploratório principiou pela etimologia. Para o Dicionário Aurélio, matrimônio é a união legítima de um homem com uma mulher; casamento. No mesmo portal florentino se estampa: “do latim *matrimonium* que indicava inicialmente a ‘maternidade legal’, depois o seu instrumento ou a sua condição”. *Matrimonium* é relacionado a *patrimonium*. Começavam a aparecer as diferenças para além das letras iniciais que prefiguram a condição do pai e a da mãe, ambas as condições, de partida, de ordenamento social, de legitimidade, legal. A contribuição seguinte, de um portal de etimologia chileno, do espanhol, foi decisiva para um esclarecimento do termo Patrimônio, se não pela sua precisão, pelo seu limite e conseqüente circunscrição. Também à contribuição do termo se completa pela explicação cultural, fundamental para o tópico seguinte em Heidegger.

A palavra matrimônio vem do latim *matrimonium*, a qual provem de *mater* (mãe) e *monium* (qualidade de). Matrimônio tem origem similar a patrimônio, formado de *pater* (pai) e *monium*. O patrimônio reflete os bens adquiridos por herança, enquanto que o matrimônio reflete a união entre marido e mulher.

A relação de origem entre termos como *patrimônio* e *matrimônio* indicaria não apenas o sentido geral com que se desenvolvem esses vínculos sociais entre nós (como pode ser o sentido superficial de patrimônio para se referir a uma relação de verticalidade entre distintas gerações, enquanto que o matrimônio compreenderia as relações horizontais entre indivíduos da mesma geração). De um ponto de vista semântico dos sistemas culturais indoeuropeus em que se gestou a oposição patrimônio/matrimônio estas duas palavras também descreveriam dois tipos distintos de circulação da informação na comunicação dentro dos processos primários de socialização pelos quais se reproduz a nossa cultura. Desta maneira, se faz ostensível como a linguagem se molda através do costume, ao se reparar que *pater* encontraria sentido na transferência intergeracional da cultura através de relações sociais assimétricas (próprio de sociedades patrimoniais e de culturas machistas como a ocidental, onde a estrutura social repousa sobre o lado masculino das famílias), enquanto que *mater* aludiria ao intercâmbio cultural na interação social (relacionado a modos informais de intercâmbios, donde não se põem hierarquias entre as partes, próprio do modo em que se reproduzem as sociedades dominadas)<sup>448</sup>.

---

<sup>448</sup> ANDERS, Valentín. **Etimologia de Chile**. Disponível em: <<http://etimologias.dechile.net/?matrimonio>>. Acesso em: 29 set. 2012. “La palabra matrimonio viene del latín *matrimonium*, la cual proviene de *mater* (madre) y *monium* (calidad de). Matrimonio tiene un origen similar a patrimonio, formado de *pater* (padre) y *monium*. El patrimonio refleja a los bienes adquiridos por herencia, mientras que el matrimonio refleja la unión entre marido y mujer. La relación de origen entre términos como *patrimonio* y *matrimonio* no solo indicaría el sentido general con que se desarrollan estos vínculos sociales entre nosotros, (como puede ser el sentido superficial de patrimonio para referirse a una relación de verticalidad entre distintas generaciones, mientras que el matrimonio comprendería a las relaciones horizontales entre individuos de la misma generación). Desde un punto de vista semántico de los sistemas culturales indoeuropeos em el que se gestó la oposición patrimonio/matrimonio estas dos palabras también describirían a dos tipos distintos de

Note-se que mãe, *mater*, igualmente significa etimologicamente fonte, origem, substância, guardando afinidade com o vocábulo matéria<sup>449</sup>.

Jean Baudrillard associa a paternidade quando se procura a autenticidade dos e nos objetos antigos, a criação, origem, data, autoria e assinatura, o fascínio pelo objeto artesanal produto da “mão de alguém cujo trabalho ainda se acha nele inscrito”<sup>450</sup>, o pai, fonte do valor. Dispõe, em paralelo, a involução para o seio da mãe, aspiração suscitada pelo que ele designa por *marginal*.

Patrimônio é termo latino, tanto quanto à etimologia quanto ao contexto de seu conceito, de mesmo que seu complementar **matrimônio**, e ambos ligados à cultura jurídica da antiga Roma, pouco dada à filosofia. Em um acometimento lúdico, buscando em grego moderno o vocábulo correspondente obtem-se Κληρονομία – *klironomia*, palavra que justapõe os conceitos de *Kliro* – herança e de *Nomos* – lei. O idioma português e os neolatinos, como conjunto, se abastecem de termos tanto latinos como gregos. Se o radical *Kliro* nos é pouco familiar, *nomos* é recorrente: a+nomia (sem lei), auto+nomia (lei própria), hetero+nomia (lei diferente), Iso+nomia (lei igual) são exemplares. Aproxima-se, em grego moderno, do uso no idioma inglês, *heritage*, para o conceito dos neolatinos para Patrimônio. Mas este percurso, ainda que em grego, o é em grego contemporâneo, destituído de sentido filosófico: não basta a tradução. Seria necessário que continuássemos a potencializar e tentar atualizar o fundo filosófico em algo que, na superfície da palavra, é de expressão e uso corrente não filosófico.

Para o caso da Museologia o percurso inicial seria mais fácil, levando-se em conta que a palavra Museologia tem estrutura grega, advertindo-se, todavia, que sua formulação é contemporânea, firmada distantemente da tradição do pensamento clássico grego. Assim, o caminho pode ser percorrido, mas ponto de partida e articulações com os pressupostos lógicos devem ser mapeados como a um território de exploração nova, com antigos instrumentos.

---

circulación de la información en la comunicación dentro de los procesos primarios de socialización por los cuales se reproduce la nuestra cultura. De esta manera, se hace ostensible cómo el lenguaje se moldea a través de la costumbre, al reparar en que *pater* encontraría sentido em la transferencia intergeneracional de la cultura a través de relaciones sociales asimétricas planteadas (próprio de sociedades patrimoniales y de culturas machistas como la occidental, donde la estructura social se recuesta sobre el lado masculino de las familias), mientras que *mater* aludiría al intercambio cultural en la interacción social (relacionado [a] modos informales de intercambios, donde no se ponen jerarquías entre las partes, próprio del modo en que se reproducen las sociedades dominadas).”

<sup>449</sup> “matter (n.) [...] from mater “origin, source, mother”. HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: <[http://www.etymonline.com/index.php?term=matter&allowed\\_in\\_frame=0](http://www.etymonline.com/index.php?term=matter&allowed_in_frame=0)>. Acesso em: 15 dez. 2012.

<sup>450</sup> BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1973. (Debates, 70). p. 85.

**B.1) nesse sentido, à essência grega, ocidental e europeia se adicionam representações do cristianismo, na Idade Média.**

Pode-se apor ao Patrimônio romano o eclesiástico medieval, a curiosidade mundana renascentista e a experimentação científica - resultante, esta também, do pensamento a partir dos antigos gregos, como a seguir.

**B.2) E ainda, atestado pelo estado “filosófico” do universo grego, o surgimento e domínio das ciências no Ocidente e na Europa.**

Em tudo procuramos o *logos*, a logia, a ciência, o conhecimento que se procura especializar e precisar. *Museo+logia*, cuja citação mais remota que até agora se obteve data de 1869<sup>451</sup>, e *Patrimônio+logia* recua apenas a 1982, ambos os termos atestando o vetor logicizante decorrente do modo filosófico que subjaz à cultura “ocidental” europeia, abraçada pelo mundo internacionalizado a partir de um pressuposto europeizado. Cabe também advertir que, em se tratando de Patrimônio e a derivação patrimoniológica, há o primado superexcitado do racionalismo revolucionário francês, inaugurador da idade da contemporaneidade “ocidental”. Conquanto o *logos* seja patrimônio grego, ao longo do tempo vem obtendo influxos, que não o destituem da maternidade grega, mas que o põem em relação com outras fecundações, outras inseminações. Nos idos revolucionários, tem-se a quebra do instituto romano do patrimônio privado, lançado na abertura do patrimônio coletivo, e no âmbito da cultura (nem jurídico, nem econômico), cuja via aberta faculta, agora, o questionamento pela abordagem filosófica. Estaríamos numa tentativa de helenização em prosseguimento à desromanização francesa. Convém ainda evocar o conceito de cidadão, dessa mesma matriz revolucionária em que o coletivo é constituído pela entidade do indivíduo, o sujeito cartesiano elevado no plano do Estado, a quem se concita observar a patrimonialização,

---

<sup>451</sup> Ivo MAROEVIC recupera que “The term ‘Museology’ occurred for the first time in the book of Phillip Leopold Martin **Praxis der Naturgeschichte** (Nature Study practice) published in 1869. The second part of the book, called ‘Dermoplastik und Museologie’, dealt with the exhibition and maintenance of nature as the basic museological task of the time. (Van MENSCH 1992:258) collections. It is interesting that in the 1883 work of T. G. Th. Von Graesse. **Die Museologie als Fachwissenschaft** (The Museology as professional science), museology is for the first time was considered a science that deals with the topic of the museum, while the fundamental scientific disciplines determine and deal with collecting.” Introduction to Museology: the european approach. Munique: Dr. Christian Müller-Straten, 1998. p. 77-78. Conforme texto anônimo, provavelmente de J. Graesser, escrito na **Zeitschrift für Museologie und Antiquitätenkunde**, de 1883, Apud SCHNEIDER, 1977, p. 183. Em KUNSTBUS. Disponível em: <<http://www.kunstbus.nl/jaartal/1878.html>>. Acesso em: 15 dez. 2012. Aparece em meio a um texto em holandês a referência à mesma revista. No entanto, o ano a que parece se relacionar é 1878, antecedendo em cinco anos à ocorrência mencionada por SCHNEIDER: “1878 Eerste jaargang Zeitschrift fur allgemeine Museologie und verwandte Wissenschaften, na een nummer omgedoopt in Zeitschrift fur Museologie und Antiquitätenkunde”. Cf. AQUILINA, Janick Daniel. The Babelian Tale of Museology and Museography: A History in Words. In: **Museology** - International Scientific Electronic Journal, Issue 6, 2011. Department of Cultural Technology and Communication, University of the Aegean. p.1-20. Disponível em: <<http://museology.ct.aegean.gr/articles/2011104162340.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2015.



por espírito público, a partir do ato individual, e sua preservação, igualmente patrimonializado em sua entificação, monumentalizada na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Quer dizer: embora persistamos no caráter sócio-cultural do patrimônio (a dominância das abordagens em ciências humanas e sociais), a rotação de sentido de final do século XVIII se abriu e aguarda a formulação filosófica, na consideração do ente e o objeto patrimonial, do ente sendo considerado como patrimônio, em si, uma cidadania filosófico-patrimonial.

**C) “A” filosofia se liga a uma tradição historial, única e unívoca.**

Sim, falamos dessa tradição que, sem ser histórica, é historial, em que se podem buscar identificar e reconhecer os percursos, de origem helena, sob argumentação criada na distante Hélade. Porém, a ligação ainda não está estabelecida, pelo que se deve continuar o caminho.

**D) Liberta para a liberdade do *dia-logo* [entre], pois ser tradição não é aprisionar o passado ou não ser prisão revogável, mas transmitir. E, como a palavra *philosophía* está na “certidão de nascimento” de nossa própria história da cultura ocidental, o mundo grego deve ser o ponto de partida.**

O patrimônio estaria implicado com a transmissão da formulação do pensamento filosofante? Isto é: toda vez que algo, um conceito, se estabelece ou se dá; e que se procede ao dia-logo, em que para cada um, e para todos, se dê em liberdade e nela seja incorporado, nela incorpore e receba novos aportes. A liberdade e expressividade do *logos* em sua materialidade conceitual subjacente a tudo seria o fundo do patrimônio? Basta pronunciarmos uma deliberação para um conceito que o estaríamos liberando para fundar a patrimonialização? Certamente, o que dizemos ou como dizemos, a linguagem re-presenta e de-fine o real, o fenômeno. O *logos*, enquanto palavra e razão, seria, então, o fundo do patrimônio? Não o que se transmite (o objeto), mas o sentido da transmissão (a energia para o movimento), o modo da transmissão, o tempo e espaço da transmissão e sua substância, sua matéria? A transmissão intergeracional associada à intrageracional – genômio - e intra ou transobjetiva – egomômio? O transmitir e o comunicar? (*μετάδοση [metadosi] και επικοινωνία [epikoinonía]*;) O fundo seria ontogênico, percebido a partir da contribuição grega, porém perceptível e sensível em todos os contextos culturais: um totem, um dragão no ano novo chinês, os campos de flores de Grasse, uma esquadra surgindo após o nevoeiro, o sol aparecendo no horizonte... Um ex-por, o por para fora para transmitir em *logos* não poderia ser o que seja o patrimônio? Uma colocação em que se tem definido o destino, transmitir, mas com a potencial pergunta sobre a perpetuidade ou perenidade ou efetividade ou a dependência de outro, elemento do dia-logo para a *persistência* do fundo, que seria o

transmitir? Transcender? O aspecto fenomenal de uma essência metafenomenal, como valor, sentido? Metafísico? Numênico *Ding an sich*? A coisa em si, o patrimônio em si?

Para ser patrimônio é preciso que, antes, sua substância seja expressão de *logos*, manifestação, fenômeno. E que, em muitos casos, tenha passado por uma etapa numinosa, de pensamento: quando alguém olhou as formações rochosas do município do Rio de Janeiro e foi afetado sensivelmente, reconheceu maravilhamento (questão do valor). Em estágio seguinte, viu nisso, pelo *logos*, a beleza para a ela ir associando o quadro das referências urbanísticas, históricas, ecossistêmicas, humanas, comportamentais, inspiracionais, referenciais, cenográficas (como locação para filmes ou videocliques). Na sequência numinosa, em complemento à fenomenológica, indivíduos propõem em a-presentação para ciência e convencimento o seu tombamento como paisagem cultural e outros indivíduos de um organismo internacional analisam e dão a chancela, designando Patrimônio àquilo que sucede de *logo* em *logo*, para consagrar-se em excepcionalidade e propósito de transmissão intencional. E, assim, falou-se da culturalização da natureza, considerada perceptivamente pelo perceptor, ela em um e cada indivíduo, não ela *em si*. Heidegger, em **O que é uma coisa?** toma e especula sobre o *Ding an sich* kantiano e exemplifica observando, entre outras coisas, o giz e o sol, os modos do senso comum, científico e filosófico de se verem as coisas, e a filosofia tendo por objeto ver a coisa em si mesma, seu fundamento de **ser coisa**. O que é o Patrimônio, assim, em si, cuja base pode ser derivada patrimonialmente? O *logos* inicial e definidor, como triunfo, para o qual se faz um arco monumental, ou uma narrativa escrita para dar registro de existência e densidade lógica a Sócrates, por Platão, ou mesmo o canto de um grupo que conclama, prepara e anima para a guerra? O *logos* de um auto de fé expresso em procissão, como se lê no texto do filósofo e museólogo argentino Andrés Sansoni<sup>452</sup> (e que também o é expresso em imaginária, igreja construída, serviços religiosos)?

O patrimônio presentifica por si algo que, além de ser o que **se a-presenta**, **é** o que **re-presenta**. E o dialogador pode dia-logar no plano da apresentação e/ou da re-presentação, do fenômeno ou do númeno, do sentido do *logos* manifesto ou do persistente, transmitente, do *logos* inercial, do *logos* energético e, para cada um desses

---

<sup>452</sup> SANSONI, Andrés. Acercamiento “lógico” y “onto-lógico” a la categoría *patrimonio cultural inmaterial*. In: ICOFOM-LAM. **Museología y Patrimonio Intangible en América latina y el Caribe: una visión integradora**. La Antigua Guatemala, Guatemala, 2004. Disponível em: <[http://network.icom.museum/fileadmin/user\\_upload/minisites/icofom/pdf/99.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/99.pdf)>. Acesso em: 12 out. 2012. Para a relação da Museologia com a Filosofia destacamos as colaborações de Norma Rusconi, também seguindo Heidegger, e Tereza Scheiner, presentes no Simpósio do ICOFOM-LAM realizado em Coro/Venezuela.

casos, a competência reside no dialogador, o seu grau de zumbiedade (como ver-se-á oportunamente) no momento de uma determinada percepção fenomenal ou de elaboração numênica. Do *logos* ex-posto, transmitido, ao *logo* percebido, *aesthesis*, presente, ao re-presentado, do *logo* que é *logo* de si mesmo, referente, autorreferente, ao *logo* que é *logo* referência, aloreferente, autoreferente na substância de seu *logos* ou na sua argumentação, na sua idealidade ou na sua realidade [*res* idade, materialidade]: extromissão – intromissão, projeção - retrojeção. [*ekthese* – *ênthese*].

**E) A maneira como perguntamos, [...] “nossa maneira atual de questionar ainda é grega.” Que é isto? é questão multívoca<sup>453</sup>.**

Inauguramos o trabalho abordando o questionamento que se configura já nos títulos de trabalhos sobre a própria filosofia ou seus objetos: O que é? O tema retorna como epicentro, metodológico, sintetizado na dúvida metódica de Descartes. Nele se afirma a subjetividade do inquiridor, perguntas que se voltam para *arké onto, telo...* A pergunta “o que é?” compreende diversos perguntantes sob seu enunciado, singelo e constante. E, transcorridos 2500 anos, continuamos a perguntar “o que é?” já tantas respostas terem sido associadas à essa pergunta. Estamos em busca da inteligência da natureza e da essência do ser, em que a metafísica propicia um espectro de percurso, do qual se gerou o da ciência, mas que se mantém autônomo, questionando o fundo que funda o dado.

**F) O “que”, a quiddidade, a essência.**

Afunilando, Heidegger destaca o pronome funcionalmente caracterizador daquilo que é - porém, ainda por ser identificado. Fenomenologicamente temos “quês” à nossa frente e assumimos con[s]-ciência dessa presença e, quando temos essa consciência, o fenômeno, indefinido, é perscrutado a partir de uma entificação ainda latente, do tipo “que”. E a quiddidade constitutiva da pergunta de pronto essencializa o “que”, embora não se sabendo ainda a natureza ou o *logos* dessa essência. O “que” é o Patrimônio? pressupõe uma naturalidade para uma essência pela qual se procura (um exemplo contemporâneo seria, aproximativamente, o do código QR [*Quick Response*], em que ele é, identificamos que seja, mas não sabemos o que é em si, no conteúdo e, em muitos casos, em sua funcionalidade!).

**G) não se trata de filosofia da filosofia e nem de história, embora carregada de historicidade, embora historial (pois carrega em si um destino, até nós).**

---

<sup>453</sup> Com mais do que uma voz, mais do que um valor.

Definir a abordagem para o questionamento permite igualmente a definição de um âmbito. Questionar metafisicamente o patrimônio coloca as considerações para além dele, e não nele, do mesmo modo que a advertência inicial de Davallon<sup>454</sup> considerava sobre os valores ponderados a partir das ciências humanas e sociais exteriores ao fenômeno. As investigações de caráter historicizante, por sua vez, podem supor ideias de sequenciação, de encadeamento, ruptura, mecanismo, diversas da assunção de algo que, em nos antecedendo, nos atinge em nossa contemporaneidade. Tanto a filosofia como o patrimônio, exemplarmente citando o patrimônio da filosofia, em tendo origem na Grécia clássica, tempo e espaço determinados, se destinaram até aqui e agora, em que não se busca a linearidade, previsibilidade ou devir. Por isso, talvez o Cristo Redentor, em uma cidade de um país chamado Brasil possa ser bem votado para integrar o elenco das sete maravilhas do mundo contemporâneo por indivíduos de culturas amplamente diversas da carioca e a ele estarem associados através de um *logos* palavra-coisa em si, e não a narrativas, contextos e percurso histórico. Poucos sabem da história desse monumento, ou da história de se destacarem monumentos (as sete maravilhas da antiguidade, do mundo moderno), no entanto há um destino historial que, em vindo de outro tempo e de outro lugar, nos atinge no que é.

**H) A questão mesma é um caminho, de sua proveniência historial em direção ao nosso futuro historial, e mesmo para além de nós mesmos!**

E a articulação dessa manifestação transmitente do patrimônio perpassa intrageracionalmente, como a apreensão que se deu ao fenômeno “Cristo redentor”, no caso citado, que [repare-se no “que”, na quididade] já estava. Já **era** quando alguém hoje reparou nele e se abrirá como fenômeno, enquanto estiver presentificado, a alguém, duas ou mais gerações adiante das nossas. Seu fundo, de ser patrimônio, foi instaurado, celebrado em matrimônio em um determinado corte de tempo e, manifesto, se dá em herança para quem se considerar herdeiro, laços reconhecidos em consciência de ser com, ser parte.

E é **um** caminho, pois há vários, inúmeros percursos do patrimonial em sua manifestação e transmissão perpassante, hoje notabilizado pelo aspecto da digitalização em ambiente reticular eletrônico.

**I) A questão é a essência da filosofia, a filosofia deve se ter tornado problemática para nós, enquanto filosofia. E assim sendo, é um olhar para dentro da filosofia.**

---

<sup>454</sup> DAVALLON, Jean. **Le Don du Patrimoine**: une approche communicationnelle de la patrimonialisation. Paris: Lavoisier, 2006. (Collection Communication, Médiation et Construits Sociaux).

Patrimônio, como Museologia, é um campo problemático, não sabemos desde quando, como o sabemos para a Museologia. Davallon o problematiza e nessa senda problematizamos com ele e a partir dele. O olhar, embora buscando dentro dele, Patrimônio, vem com pretensas lentes da filosofia, de fora, como também sugeriu Davallon. Um dentro e fora em relação que se equaliza se o patrimônio, sua gênese, essência e *logos* deixarem de ser externos ou independentes da filosofia para dela se tornarem parte. Então, o olhar filosófico seria sobre um aspecto de si mesmo, o do *logos* em manifestação e transmissão, presentificado e re-presentificado?

O fundo do patrimônio do que ele seja em si, não metafísica ou cientificamente. Problematizar constitui uma opacidade sobre o objeto. Se as abordagens privilegiam o que a sociedade ou o que o conhecimento histórico ou da preservação e institucionalização revelam SOBRE ele, antes, essas análises refletem mais sobre a própria sociedade, historicidade, ciência, técnica e gestão. A essência do patrimônio, havendo, está antes, nele mesmo, constituindo-o como ideia de patrimônio em si.

**J) A palavra na língua grega é *logos*, dizendo o que se nomeia [...] seu *légein*, o que se expõe sem intermediários. O que ela expõe é o que está aí diante de nós. Pela palavra grega verdadeiramente ouvida de maneira grega, estamos imediatamente sem [sic?] presença da coisa mesma, aí diante de nós, e não primeiro apenas diante de uma simples significação verbal.”**

A palavra patrimônio não é grega, como grega também não é a palavra *heritage* e nem mesmo *klironomia* tem concepção grega, apenas talvez seja transposição de palavra anglosaxônica. Herança, herdade, base de *heritage*, é palavra latina do latim tardio *hereditare*, de *heres* (gen. *heredis*) "herdeiro" (ver hereditariedade)<sup>455</sup>. Mas, apesar de ser latina, quando se fala em patrimônio, parece haver sempre uma sugestão presentificada de algo que seja monumental, excepcional, chancelado, que surge à nossa mente mediante o fenômeno do *logos* ex-posto, o que vale ainda para o acervo museístico. Tal seria o caso especialíssimo daquilo que um *logos* estabelece como nome-coisa que, quando estamos diante de sua pronúncia desde então poderíamos considerar estar diante da coisa ela mesma. Propomos considerar as nossas expressões correntes, dos tipos: Essa pessoa é um Monumento; Fulano merece um Oscar; Ele deveria ganhar um Mollière; Sua capacidade vale um Nobel. Monumento, Oscar, Mollière, Nobel são *logos* do patrimônio ocidental para excepcionalidade, cinema, teatro, ciência...

---

<sup>455</sup>HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary.** Disponível em: <[http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=heritage&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=heritage&searchmode=none)>. Acesso em: 12 out. 2012.

**K) A palavra grega *philosophía* deriva de *philósophos*, um adjetivo, o que ama a *sophón*, a [...] “*homologeín*, falar como o *Lógos* fala, corresponder ao *Lógos*, estar de acordo com o *sophón* e acordo é harmonia que se revela na recíproca integração entre dois seres.**

Aqui se configuraria um princípio do *ethos* filosofante, correspondência, conformidade do pensamento com o real, para a verdade, pelo desvelamento [*aletheia*], em sentido harmônico. Produto de quem filosofa, é ato, resultado subjetivo e o padrão de orientação para produzir o pensar é uma maneira de relação que contempla o afeto naquilo de que se fala. Afeto, porque quando estabelecemos um “que”, fomos afetados por ele e quando sobre ele refletimos intencionamos desvelá-lo tal como é, buscando a ele co-responder.

No tocante ao patrimônio, o caráter do harmônico, do corresponder e o de integrar-se pode ser identificado na conclamação, nos idos revolucionários, para o desprendimento individual em prol do coletivo, do público que fundaria a noção contemporânea que temos do termo. O desapego, materno, ou a forçosa transmissão, paterna, diante da desapareição de quem fizera, reunira ou recebera um patrimônio é servir de perpassador, o bem de finitude menor que a duração de cada um dos seus detentores. A Harmonia ao desvelar, na busca da verdade [*Aletheia*], encontrada na justificação nacional, cidadã, coletiva, nos primórdios da contemporaneidade, é a elaboração de um fundo contra o esquecimento, o Lete [*lethe*]. Hoje, usamos no computador a tecla de+lete para o apagamento. Mas desde um ponto em que descobrimos o passado queremos evitar que o percamos depois de tê-lo encontrado. Esse encontro des+vela por ser des+velo, cuidado, e se trata de energia que se aplica e re-aplica ao inerte ou em desaceleração para o manter em movimento. Precisamos lembrar, todavia, que há vezes que queremos esquecer e desejamos que outros esqueçam ou nem saibam, pelo que escolhemos apagar, invés de desvelar. Mas essa postura é desarmônica, discordante e unívoca em relação ao objeto, neste caso, desafeto. Pelo que se afeta ou se desafeta supõe a hierarquia, ou as noções do bem e do belo, da ordem da ética e da axiologia, aspectos considerados pela filosofia, também eles, quanto a seus fundamentos e o que fundamentam, por seu turno. [ex.: memória, patrimônio e museus do comunismo]

**L) Um (é) Tudo, a totalidade, o todo do ente. *Sophón* significando todo ente no ser, o ser é o ente, e o ser é o recolhimento – *Lógos*. Ente é aquilo que é. Ente no ser.**

Ao dizermos “O” patrimônio atribuímos-lhe uma sobre-substantivação, entificando-o ainda mais pela maneira como o designamos. Substantivo definido na totalidade dos itens, elementos ou possibilidades que existam ou que venham a existir. Os órgãos internacionais e nacionais têm precisado, em categorias, especificações e especializações em número crescente do que qualificam como patrimônio. Em sua

totalidade, se faz de partes, sendo maior, todavia que o somatório delas. Por outro lado, a sua totalidade tem sido a do conjunto dos elementos agregados paulatinamente, em número e circunscrição. Não é, todavia, uma totalidade total, que apenas pode ser compreendida se pensada como total possível, potente, a ser perpassado como manifesto e presente. O ente, em sua totalidade, compreende a sua manifestação em todas as dimensões e naturezas, em que o *logos* é existente. O patrimônio “é”, é real, existente, portanto, e é presentificado, como já referido, em diversas manifestações percebidas, procissão e totem, arco do triunfo, as brancas penedias de Dover! “O” patrimônio, parafraseologicamente, é integral e seu percurso historial vai em direção ao seu futuro, desdobrando seu espectro manifesto.

**M) Salvar e proteger o poder de espanto. A salvação do mais espantoso – ente no ser – se deu pelo fato de que alguns se fizeram a caminho na sua direção, do acordo, da harmonia, transformada em aspiração: o ente no ser é agora procurado. E o *philein to sophón* [que ama a *sophón*] se torna ‘*philosophia*’. “Esta aspiração é determinada pelo Éros”. E quando se formula a questão: que é o ente?, o pensamento se torna ‘filosofia’.”**

Diante do real, daquilo que é, sendo afetados por ele, sentidos e *logos* perceptivos e receptivos a ele, somos inquietados e tomados pela pergunta sempre primeira: “o que é isto?” Cada vez que identificamos um “que” a ser desvelado, conhecido, nos surpreendemos, a nós mesmos, a ponto de nos enchermos de uma energia perquiridora, um patrimônio persistente da nossa inserção no mundo e de espanto no mundo que percebemos. E, como no exercício do trato com o computador, salvamos aquela versão (ou a atualizamos) de modo a, desvelando, evitar que se apague [de+lete] ou perca. Neste processo, um pensamento filosofante se orienta ou é estimulado pelo “que” se presenta em fenômeno, o que é real para a realidade (condição de real). O Éros, essa pulsão que nos impulsiona para amarmos em consumação o objeto da paixão também é o mobilizador para a perguntação, [pergunta em grego também é *erotheris*] para encontrar a resposta, re-posta. Não se está diante de um contexto freudiano na consideração de Éros. Trata-se da orientação, do por-se em caminho, de vetor. Estamos todos com o conceito jurídico de patrimônio, individual e familiar ou de clã e alguém, por ter uma aspiração, nos propõe uma sua nova orientação, um novo caminho, e lá vamos nós por ele. E, desde a Revolução Francesa<sup>456</sup>, vimos continuando

---

<sup>456</sup> A ideia do contemporâneo, racionalista, tendo como marco a Convenção francesa, de 1792, seu projeto de organização do conhecimento em instituições museísticas e o surgimento do conceito de patrimônio cultural: o iluminismo e as “ideologias”, do centro, direita e esquerda. E a esquerda se instaura em país e depois em bloco, contraposição do mundo, de vigora de 1917 à queda referencial do muro de Berlim: o comunismo. E vem se delineando o interesse que, imantado em grupos de sua defesa, vem propondo o término do ciclo ideológico, um mundo sem fronteiras, interligado e em tempo real: o reticularismo ou nodularismo. Seriam esses os momentos em que predominariam valores racionalistas, de fundação epistemológica, [de interregno romântico], desdobrado no conceitual de caráter Ideológico, para dobrar-se nas comunidades dos grupos de interesse, em casos monográficos?

a percorrer a senda em que se renovam e ampliam as conceituações e de-finições, de novos “fins”. São espantos, tidos e compartilhados, em que esse afeto vai afetando a maneira como percebemos o ente, depois de mais nos perguntarmos sobre sua existência e sua manifestação perpassante em nossa realidade.

**N) Que é a entidade do ser? “O ser do ente consiste na entidade, determinada por Platão como *ideia*, por Aristóteles como *enérgεια*.**

E quanto ao Patrimônio? A sua entidade seria essencialmente a forma com que seu *logos* se manifesta ou é posto em manifestação, seus “fins”, a reiterada manifestação triplamente constituída como impulsante, transmitente e perpassante? Ideia e energia são fundos identificáveis, por Platão e Aristóteles, à entidade (condição de ser, de real). Se Sócrates é em Platão, e o é em dia-logo, a entificação é mobilizada por um ponto inicial inerte, interpessoal [*Διαπροσωπικές*] (*diaprosopikés*) e dialógica persistente, liberando mais energia para impulsão adiante.

**O) Aristóteles delimita a filosofia em sua essência como “*epistémē tōn próton arkhōn Kai aitiōn theoretiké?*”<sup>457</sup> “A palavra *epistémē* deriva do participio *epistámenos*. Assim se chama o homem enquanto competente e hábil (competência no sentido de *appartenance*). A filosofia é *epistémē tís*, uma espécie de competência, *theoretiké*, que é capaz de *theorein*, quer dizer, olhar para algo e envolver e fixar com o olhar aquilo que perscruta. E por isso que a filosofia é *epistémē theoretiké que perscruta*:**

**O.1) as primeiras razões e causas que constituem o ser do ente.**

**O.2) “A filosofia é uma espécie de competência capaz de perscrutar o ente, a saber, sob o ponto de vista do que ele é, enquanto é ente.”**

Em sentido da fenomenologia, estamos diante do mundo, do real, que existe, que se apresenta. Encaminharmo-nos com um olhar minucioso e sutil requer a capacidade derivada em competência habilitada para proceder ao desvelamento, à identificação da congruência da relação da verdade, da conformidade do pensamento com o real apresentado. O apresentar já por si é um por diante, trazer à frente, por em evidência na clareira da *Aletheia*, do desvelamento. A tarefa da filosofia se constitui do questionamento em direção à *arkhé*, primeiras razões e causas do ser do ente e isso em si mesmo, no “**que**” ele é.

O Patrimônio, a *logia* do Patrimônio, tem sido visto como técnica, história, gestão, como também, em muitos casos, poderia se dizer da abordagem da Museologia. O *logos* de um e da outra, todavia, perpassam em si mesmos. Buscar em nós mesmos a

---

<sup>457</sup> Heidegger observa que ao se traduzir *epistémē* por “ciência” se induz a erro, pois se permite [...] “que se a moderna concepção de ‘ciência’. Também não é esse o sentido para ‘ciência’ em Fichte, Schelling e Hegel. HEIDEGGER, Martin. Qu’est-ce que la philosophie? In: \_\_\_\_\_. **Heidegger**: conferências e escritos filosóficos. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1996. p. 33.



competência e habilidade, nata ou desenvolvida, sensibilizada, sob Éros, para olhar apreensivamente o “que” pode ser apreensível da essência do Patrimônio. Teorizar, no caso, parece com a aplicação e insistência de, através (*dia*, em grego) de perguntas infundáveis sobre o objeto a ser apreendido, “que” é em si e para o “que” se deve orientar o olhar inquieto e incessante, na busca da identidade da resposta a, por exemplo: quais as primeiras razões e causas constitutivas do Patrimônio? O que é o Patrimônio? Para a primeira, tentamos algumas razões, a do por em movimento, emprestar energia, ao desvelado, enquanto manifestação da verdade, da realidade (as condições do verdadeiro e do real, *Aletheia*), a modalidade transmissível para compartilhamento intra e intergeracional como expressão dialética ao esquecimento (*lethe*) e a natureza do persistir. A uma capacidade de persistir há uma potência de persistir, uma meia vida, digamos, capaz de continuar a despende sua própria energia, para o movimento, e de ser renovada ou repossibilitada por um tempo mais, por um espaço mais, por um compartilhamento mais.

**P) As diversas definições de filosofia e da questão do que ela seja, a maneira como concebe sua essência, passou por várias transformações nos dois milênios que seguiram a Aristóteles. Mas de fato a filosofia de Aristóteles e Nietzsche permanece a mesma, precisamente na base destas transformações e através delas. “Pois as transformações são a garantia para o parentesco”.**

O fundo que se venha reconhecer no Patrimônio não pode deixar de se articular e se harmonizar, a co-responder com o fenômeno. O fundamento do Patrimônio, de um modo ou de outro, participa ou é intuído nas caracterizações que dele se tem nas ciências e nas técnicas, de conservação, por exemplo. A tradição, historial, que tem conduzido o pensamento filosofante desde a base grega, ocidental, é tal que as diferenças sobre os caminhos percorridos não os torna alheios, estranhos entre si. A forma de se olhar e de interrogar lhes é comum, seja qual for o caminho. Desse modo, reúnem-se todas as perquirições sobre Patrimônio em uma “logia” entrosadora do multívoco da pergunta e do diverso da re(s)-posta, afirmando ser a mesma pergunta, sob inflexão diferente, outro percurso de desvelamento.

**Q) Conhecer a história da filosofia, se enriquece, não contribui para se chegar a uma resposta [...] “para a questão: Que é isto — a filosofia? A resposta somente pode ser uma resposta filosofante, uma resposta que enquanto resposta filosofa por ela mesma.”**

O âmbito do “que” se dá a desvelar, se presenta, e re-presenta uma circunscrição. Reconhecer as noções de Patrimônio na ação temporal do homem traz o vetor de fora para dentro do objeto olhado, não se constituindo ele, Patrimônio, no aporte social, por princípio. Para pensar a quididade, o “que” em si, é adequado de-fini-lo nos seus contornos próprios, essenciais. A história aplicada ao Patrimônio contribui

especialmente para, consideramos, auxiliar o uso da argumentação dos estatutos culturais que embasam a fundamentação de sua ocorrência determinada no espaço e tempo, como, para a filosofia, nos permite situá-la entre os gregos em sua transterritorialidade e desterritorialização<sup>458</sup>, a partir de sua época clássica. Pela etimologia “histórica”, situamos o termo e seus percursos conceituais, a convivência entre esses conceitos e a inflexão que têm conforme a geografia cultural, tomada tanto em comparação quanto em diacronia [se quisermos, em seu sentido intrageracional e intergeracional, tomando-se a geografia cultural em si como Patrimônio do pensamento “ocidental”, da filosofia, ela mesma em seus desdobramentos]. Perceber a essência, levando-a para a luz que dela emana, a clareira considerada por Heidegger, distingue do modo historiográfico, no escopo das ciências sociais, e das assunções, por força do modo, que tem nos valores da(s) sociedade(s) atributos e o define como fenômeno social. Do mesmo modo que a filosofia não nega a ciência ou o senso comum, pois os reconhece como identificadores de verdades em conformidade com o real, com o apreensível, tal enfoque filosofante sobre o patrimônio não estabelece a negação de ele ser fenômeno social, apenas lhe incorpora ou lhe busca outra natureza e outra dimensão no mundo.

**R) E quando filosofamos? Quando entramos em diálogo com os filósofos, em que o falar é tarefa específica dos filósofos, “o *légein* no sentido do *dialégesthai*, o falar como diálogo”.**

Este tem sido o exercício, dialogar pulsionado pela leitura de Heidegger, pela sua investigação sobre o ser da própria filosofia. Platão, com competência filosofante, o fez primeiro, através do *logos* [em dia-logos] apanhado a Sócrates. Ou, como imagem, nós em diálogo com os megalitos célticos, para além de sua “história” ou explicação utilitária e formal, para as quais, diga-se, nem temos respostas cabais, do que prescindimos para dialogar com antigas expressões de cultura. Saliente-se, nesta linha, que a energia persistente, a transmissão e o perpasso nos facultam o espanto de continuarmos a olhar e a nos perguntar, partindo e chegando novamente a esses objetos monumentais. Dialogamos com os autores desconhecidos das coisas, com os investigadores que ofereceram suas considerações sobre as coisas, com os analistas que empiricamente consideraram as coisas, mas, e, sobretudo, com os que querem ver no fundo do ser, não importando se celta ou grego, a sua ideia, energia, seu intento de ter o que se dar a desvelar, como manifestação de sua vontade de formar e transformar, de persistir

---

<sup>458</sup> Ver sobre a filosofia e territorialização em DELEUZE, Gilles; GUATARI, Felix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.

perpassando o limiar do esquecimento e, contrariamente ao apagamento, registrando, presentando, fenomenalmente, o ser.

**S) “Nosso falar deve co-responder àquilo pelo qual os filósofos são interpelados. [...] A resposta não é uma afirmação que replica (*n’est pas une réponse*), a resposta é muito mais a co-respondência (*la correspondance*), que corresponde ao ser do ente.”**

**A resposta à questão: Que é isto — a filosofia? consiste no fato de correspondermos ao caminho da questão do ser do ente, permanecendo no diálogo com aquilo para onde a tradição da filosofia nos remete, nos libera<sup>459</sup>.**

A resposta não é autônoma em relação à pergunta. Na raiz da relação entre a pergunta e sua resposta está o “que” é, o **ser do ente** heideggeriano. Estar junto ou associado e perceber a evidência disso quando do momento de identificar a resposta permite constatar a adequação de uma resposta à pergunta formulada. Uma resposta que responde junto com a pergunta que a procura satisfazer passa, na relação com a pergunta, pela essencialidade do objeto, do ente, pelo que se inquire. Perguntar “o que é o Patrimônio?” se articula à resposta do que o Patrimônio é! E apenas encontra sentido na trajetória se o “que”, o ser do ente estiver em co-respondência. O co-responder considera o percurso e o método do ente sobre o qual se faz a pergunta. A resposta co-respondente é tanto relativa ao ser quanto à pergunta sobre o ser, recordando o caráter integral do *logos* grego, *ratio* e palavra - presentificação. Ao nos perquirirmos sobre o que é o Patrimônio? o fazemos considerando o seu despontar historial e seu futuro, em uma tradição de se interrogar sobre o fundo da entidade. A tradição, dada, abre para sua persistência e acréscimo, configurando a capacidade libertadora para, em tomando-a, desdobrá-la. O patrimônio é, também, por essência, a tradição, por um dado persistente, por outro, através da *enérgeia*, movimento transmitido e conferindo abertura para o continuado desvelamento e desdobramento, levando-a, encaminhando-a, tradicionalmente, a um ponto à frente no tempo. Recorrendo à imagem do Capitalismo, em sua tradição, e essência – da acumulação do Capital, persiste com impulsos energéticos, de um amearhar primeiro e primário, ao comércio, à manufatura, à indústria, às finanças e ao digital, dos e-negócios, por instância. Sua matéria, seu tempo e espaço diferem sem que nestes termos esteja a sua essência, apenas as suas manifestações.

---

<sup>459</sup> Interessante, paralelamente, como Heidegger vê o papel e competência da História. “Não encontramos a resposta à questão, que é a filosofia, através de enunciados históricos sobre as definições da filosofia, mas através do diálogo com aquilo que se nos transmitiu como ser do ente.” HEIDEGGER, Martin. Qu’est-ce que la philosophie?. In: \_\_\_\_\_. **Heidegger**: conferências e escritos filosóficos. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1996. p. 36. “Este caminho para a resposta à nossa questão não representa uma ruptura com a história, nem uma negação da história, mas uma apropriação e transformação do que *foi* transmitido. Uma tal apropriação da história é designada com a expressão ‘destruição’. O sentido desta palavra é claramente determinado em Ser e Tempo (§ 6). “Destruição não significa ruína, mas desmontar, demolir e pôr-de-lado — a saber, as afirmações puramente históricas sobre a história da filosofia. Destruição significa: abrir nosso ouvido, torná-lo livre para aquilo que na tradição do ser do ente nos inspira. Mantendo nossos ouvidos dóceis a esta inspiração, conseguimos situar-nos na correspondência”.

O bem patrimonial cultural, de modo semelhante, tem sua *arkhé* e razões primeiras para e no seu fundamento e a manifestação em diversidade re-presentar a continuada abertura que se processa a partir do fundo da tradição. Os termos tradição e abertura pouco guardam do binômio tradição-ruptura. Trata-se de procurar a resposta para uma pergunta de um fundo que, em sempre tendo sido, sempre está, independente das contingências ou aspectos da sua(s) manifestação(ões).

**T) Se residimos na correspondência ao ser do ente “só raramente somos atentos à inspiração do ser”<sup>460</sup>.**

Para a liberdade, a clareira, o futuro, tanto é necessário se ter a tradição como não ser prisioneiro dela. De modo semelhante, a intenção de estabelecer a co-respondência da investigação com o ser do ente, adverte Heidegger, é insuficiente para uma percepção profunda daquele ente que consideramos como base. Co-responder considera sentir o fundo além de percebê-lo. Sentir e perceber podem ter acepções equivalentes, enfatizando-se o lado “afetivo” de ser afetado POR e não apenas o de olhar para. A co-respondência assim articula o ser, a pergunta-resposta e o pensador. A co-respondência à questão “o que é o Patrimônio?” entrosa os elementos do que ele é em fundamento: como a relação (par) pergunta-resposta sobre essa sua essência e aquele que é afetado pelo ente patrimonial, por e para ele formula pergunta para encontrar a resposta, co-respondentes, talvez em um processo denominado de congruência, ou de resposta significativa, conforme o pensamento do psicopedagogo humanista Carl Rogers (1902-1987). Ou mesmo, no sentido de ser verdadeiro, em conformidade entre o “que” vemos presentificado, o “que” consideramos sobre ele, e o “que” ele é na sua condição de real (realidade), existente. Mas, se tudo existe, fazemos pergunta para obtermos todas as respostas? O existir, em nós, para nós, a ponto de se oferecer para ser respondido, depende exclusivamente da percepção ou da inspiração do ente à frente? Presentificar é somente estar no mundo diante de nós? E essa presença seria exclusivamente de ordem física? Por certo não. Parece-nos que o papel da consciência, que faculta que vejamos em opacidade os entes, é fundamental para o estabelecimento da presença, em nós, fundando uma origem e dando razões para se perguntar.

---

<sup>460</sup> HEIDEGGER, Martin. Qu'est-ce que la philosophie? In: \_\_\_\_\_. **Heidegger**: conferências e escritos filosóficos. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1996. p. 36.

**U) Dis-posição.** ‘Co-responder’<sup>461</sup> significa ser dis-posto a partir do ser do ente. *Dis-posé*<sup>462</sup> significa ex-posto, iluminado e com isto entregue ao serviço daquilo que é<sup>463</sup>.

Platão ex-pôs Sócrates, pela escritura procurando co-responder o mundo considerado filosoficamente à essência do pensamento socrático. Pondo para fora, põe à luz, coloca à dis-posição, posiciona, a-presenta. Esteve Platão a serviço do que Sócrates era, mas, com cuja presentificação dia-logs. Dis-por algo como patrimonial, seja bem de raiz, matéria de inventário para transmissão de bens de uma pessoa a herdeiro(s), seja cultural, é ato de se ex-por, de se registrar, apontar, designar, classificar, valorar. Tornar presente, manter presente, propiciar a persistência da presença pelo ser do patrimônio são atos de iluminação ou focalização que recortam a ex-posição, pelo que se evidencia o bem, sede do ente, e o serviço maior que a ele se faz seria o de nos propiciar ser afetados em nossa consciência do bem que ele é.

**V) O espanto é, enquanto *páthos* – o que sofre, suporta, aguenta, se deixa levar, se deixa con-vocar por - a *arkhé*<sup>464</sup> da filosofia. *Arkhé* designa aquilo de onde algo surge. P. 37 “Mas este ‘de onde’ não é deixado para trás no surgir; antes, a *arkhé* torna-se aquilo que é expresso pelo verbo *arkhein*, o que impera. O *páthos* do espanto não está simplesmente no começo da filosofia, como, por exemplo, o lavar das mãos precede a operação do cirurgião. O espanto carrega a filosofia e impera em seu interior.”**

Gilvan Fogel dedica boa parte de seu livro **O que é filosofia?**<sup>465</sup> à especulação do caráter de **ser espanto** da Filosofia. A origem da filosofia é, assim, quando se perguntou “o que é isto, a filosofia? Pergunta originária em espanto do espanto, do de-parar-se e perscrutar, de se envolver e pensar sobre o que se presentifica. Victor Hugo se espanta com o estado de conservação da Catedral de Notre Dame, de Paris, Violet Le Duc se espanta de as suas torres jamais terem sido concluídas, espanta-nos a acústica na nave daquela igreja, a leveza vazada naquela massa de pedra espanta, o fim dos tempos

---

<sup>461</sup>HEIDEGGER, Martin. Qu'est-ce que la philosophie? In: \_\_\_\_\_. **Heidegger**: conferências e escritos filosóficos. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1996. p.36 “*Philosophia* é a correspondência propriamente exercida, que fala na medida em que é dócil ao apelo do ser do ente. O corresponder escuta a voz do apelo. O que como voz do ser se dirige a nós dis -põe nosso corresponder.

<sup>462</sup> Em francês no original, para *Dis-posto*.

<sup>463</sup> Ibidem, p. 37. “O ente enquanto tal dis-põe de tal maneira o falar que o dizer se harmoniza (*accorder*) como o ser do ente. O corresponder é, necessariamente e sempre e não apenas ocasionalmente e de vez em quando, um corresponder dis - posto. Ele está numa disposição. E só com base na dis-posição (*dis-position*) o dizer da correspondência recebe sua precisão, sua vocação.” Segue, p. 37. “Enquanto dis-posta e con-vocada, a correspondência é essencialmente uma dis-posição. Por isso o nosso comportamento é cada vez dis-posto desta ou daquela maneira. A dis-posição não é um concerto de sentimentos que emergem casualmente, que apenas acompanham a correspondência. Se caracterizamos a filosofia como a correspondência dis-posta, não-posta, não é absolutamente intenção nossa entregar o pensamento às mudanças fortuitas e vacilações de estados de ânimo. Antes, trata -se unicamente de apontar para o fato de que toda precisão do dizer se funda numa disposição da correspondência, da *correspondance*, digo eu, à escuta do apelo.” Ver sobre o “dispositio” foucaultiano em AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

<sup>464</sup> Ibidem, p. 38 [...] “o espanto é *arkhé* — ele perpassa qualquer passo da filosofia. O espanto é *páthos*. Traduzimos habitualmente *páthos* por paixão, turbilhão afetivo. Mas *páthos* remonta a *páskhein*, sofrer, agüentar, suportar, tolerar, deixar-se levar por, deixar-se con-vocar por.” Grifo nosso.

<sup>465</sup> FOGEL, Gilvan. **O que é filosofia?** Filosofia como exercício de finitude. Aparecida: Ideias e Letras, 2009.

espanta, a finitude espanta, o fogo espanta, o atear fogo espanta: podemos viver em um mundo espantoso, que causa espanto. Tal espanto, no modo ocidental, originou a ex-posição do excepcionalmente espantoso: a riqueza das catedrais, as relíquias dos santos, o exótico nos gabinetes de curiosidade e a redescoberta da Roma imperial pela arqueologia do Renascimento, a revolução científica, a revolução industrial e a burguesa, o positivismo, a revolução socialista e a revolução eletrônico-digital. O patrimônio digital, por exemplo, é matéria corrente, sua efemeridade tecnológica, processual e sistêmica. E o Patrimônio, consciente da participação desse patrimônio eletrônico na tradição do fundamento do espanto a ser tradicionalizado e energizado para persistência, passou a estar afetado quanto as suas manifestações e possibilidade, a ser evitada, de seu de+lete total. Espantar-se incorpora-se ao considerado e com ele prosseguir, integrando a sua tradição, uma manifestação historial do espantoso, como em Ripley: “acredite se quiser!” [não é à toa o fascínio no senso comum pelo *freak*, pelos horrores e, ditos, bizarros, pelo mundo cão].

**X) Descartes pergunta *ti tò ón* — que é o ente, enquanto é? Como também pergunta: qual é aquele ente que no sentido do *ens certum* é o ente verdadeiro? A essência que se procura é a da *certitudo*.<sup>466</sup> A certeza decorre da “indubitabilidade do *cogito (ergo) sum* para o *ego* do homem”, *ego* que “se transforma no *sub-iectum* por excelência, e, desta maneira, a essência do homem penetra pela primeira vez na esfera da subjetividade no sentido da egoidade. [...] A disposição afetiva da confiança na absoluta certeza do conhecimento a cada momento acessível permanece o *páthos* e com isso a *arkhé* da filosofia moderna.”**

Outra pergunta sobre a essência do ser, essência da pergunta sobre a própria filosofia, formulou René Descartes. Estabelecendo a entrada do sujeito no argumento filosófico, do “sei que sei” e “sei o ‘que’ sei, o pensar é da essência da *arkhé* do sujeito pensador, de um **eu** que assume sua dis-posição em relação com o que lhe é presente, e sua consciência de ser pensante co-responde àquilo que se oferece para ser pensado. Pela questão do método, ao lado do dialógico, do dialético, do hermenêutico, Descartes acrescenta à tradição do pensamento filosófico grego a dúvida. E de dúvida em dúvida, aberta após uma pergunta antecedente, avança até o limite dessa dúvida deparando-se na certeza. O que dubitar quanto à essência do Patrimônio? No presente trabalho, principia-se por Scheiner<sup>467</sup> trazendo à clareira, propondo à luz, ex-pondo, a

---

<sup>466</sup> HEIDEGGER, Martin. Qu'est-ce que la philosophie? In: \_\_\_\_\_. **Heidegger**: conferências e escritos filosóficos. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1996. p. 38 “Aqui *certitudo* ainda coincide com a significação de *essentia*. Mas, para Descartes, aquilo que verdadeiramente é se mede de uma outra maneira. Para ele a dúvida se torna aquela dis-posição em que vibra o acordo com o *ens certum*, o ente que é com toda certeza. A *certitudo* torna-se aquela fixação do *ens qua ens*”.

<sup>467</sup> Conforme proposta da Dra. Tereza Scheiner, professora ministrante para trabalho final da disciplina Teoria do Patrimônio, do PPG-PMUS, UNIRIO / MAST, 1/2012. Salientamos na Ementa a alusão à “Abordagem teórico-filosófica do Patrimônio [natural e cultural], propiciando os fundamentos para uma Teoria do Patrimônio”<sup>467</sup>. Dentre os Objetivos do primeiro curso destacamos “Debater *ideias* e conceitos sobre o Patrimônio, desenvolvidos no campo das *ciências*, da *arte* e da filosofia e que vêm contribuindo para a constituição do que se poderia denominar uma ‘Teoria do Patrimônio’, ou mesmo um campo

dis-posição problemática de Davallon sobre a pertinência do pensamento filosofante a ser afetado por um ente, o Patrimônio, prisioneiro da visão social. Nessa condição, a *patrimonialidade*<sup>468</sup> estaria impedida de ser considerada por e em si mesma, assumida como resultante de valores externos, em uma floresta densa em que não se intui luz de clareira para a evidenciação do que seja o Patrimônio. Consciência do que o ente **eu** sou, pensante e existente, abrindo para a subjetividade e existencialismo, abre-se continuamente para o “que” é na consciência do “que” **é**. Ou seja: estar presente no mundo é realidade (condição de real, de *res* - coisa) existente pela consciência, pela certeza que por ela nos oferece, quando não se pode mais duvidar de algo em sua essência (esse) de ser, então **é** sendo.

Herança, física, material, intergeracional, legado, história. Linguagem, expressão da realidade, costumes, tradições. Literatura oral e escrita, conhecimentos técnicos, experiência acumulada, sobrevivência, conhecimento dos erros e falhas, *princípios*, [não como fundamentos filosóficos, mas como organizadores e norteadores dos] valores da vida em comum, da vida cotidiana, cuidado que cada geração confere “para a conservação do equilíbrio e dos recursos de seu universo”<sup>469</sup>, que se assegura a continuidade de se melhor viver por outra geração. Ainda antecipadamente, aproximo este termo, este fim, desse cuidado *intrageneracional* para o equilíbrio, com o conceito complementar de matrimônio, ao patrimônio. Observe-se o fim, a teleologia: o que se faz tem a perspectiva de se passar, de dar, de doar, dedicar, de transmitir. Contempla uma deliberada ex-posição, por para fora, como o escrever e publicizar um livro, como Sócrates em Platão, talvez a primeira noção e o primeiro legado de patrimônio intencional filosófico?

Ramirez-Vázquez nos diz que “O Patrimônio talvez seja o mais importante de todos os elementos que permitam ao homem, enquanto espécie, ultrapassar um destino individual e encontrar sua própria continuidade [...] assegurando a continuidade entre a **matéria, a vida, o espaço e o tempo**”: cadeia sem fim, intergeracional, transmissão, vir a ser – tornar-se, *devenir*), *evolução* histórica, civilização. Scheiner, na ementa da disciplina Teoria do Patrimônio, do PPG-PMUS aponta: “1. Patrimônio como *ideia* [: **tempo, espaço, matéria, movimento**]”. Superpondo Ramirez-Vázquez e Scheiner, entre os quatro termos, três são comuns, apenas um mencionando **vida** enquanto outro

---

disciplinar específico – a patrimoniologia (*heritology*).” E “Enfatizar a relação entre a Museologia e o Patrimônio.” Do Conteúdo Programático, recorto: “1. Patrimônio como *ideia* [: tempo, espaço, matéria, movimento].” “4. Patrimônio e Museologia – apreensão e interpretações.” Colchetes e grifos nossos.

<sup>468</sup> Aproxime-se com o conceito ou a situação da *musealidade*, em Stránský.

<sup>469</sup> RAMIREZ-VÁZQUES, Pedro. Apud DÉSVALLÉES, André, dir. **Terminologia museológica**: projecto permanente de investigación. ICOFOM/ICOFOM LAM. S/l: \_\_\_\_\_, maio 2000. p. 52-56.

se refere a **movimento**. Enquanto Platão identificara o fundamento do ser como *idea* ou *eidea*, ἰδέα<sup>470</sup>, Aristóteles o precisa na *energeia*, ἐνέργεια. *Energeia* tem, entre suas formas, a *Kinesis*, movimento, poderíamos assim equacionar no enunciado geral a *Idea* parcializada em quatro elementos, incluindo a energia. O tempo, χρόνος [crono], e o espaço [lugar], χώρος [coro], configuram duas das dimensões que interrelacionadas e precisadas por um observador são quatro. Quanto à vida, βίος [bio], a consideração de um princípio animador enérgico faz pensar na mutação, na mudança, no movimento, *Kinesis*, energia enfim. Nos minerais uma energia, uma atividade detectável radiologicamente, evidencia no espaço um tempo de estado ou configuração ou de persistência, de vida, da rocha radioativa. Algo verificável como o proporcionado pela análise por carbono 14 para tecidos “mortos”. Matéria, ὕλη [hile], substância, suporte que se dá a perceber em fenômeno, sobre a qual se exercem tempo e energia e define o espaço ou nele é definida. [...] “já Aristóteles diz: *Tò òn légetai pollakhōs*. ‘O sendo-ser torna-se, de múltiplos modos, fenômeno’<sup>471</sup>. Ser é o real e o real é o fenômeno: ser em presença!

Abandonando a apreciação entre enunciados sobre o Patrimônio a partir de contextos museológicos, mas retendo algo que nessa discussão ocorrera, prosseguiremos a especulação no diálogo com Platão e Aristóteles. Contemporâneos, apresentaram respostas diversas à pergunta semelhante sobre o fundamento do ser que, por sua vez, implicavam pressupostos diversos para cada afirmação. Para Platão, a ideia que fazemos de uma coisa provém do princípio geral, do ‘mundo inteligível’, que constitui a *Idea Universal* [...] a ideia da coisa é uma projeção do saber: ao verem a coisa, os olhos, emitindo raios de luz (*phaenon* – luz em grego, radical de *fenômeno*), projetam a imagem dessa mesma coisa, que existe em nós como princípio universal (extromissão). Para Aristóteles, a ideia da coisa provém da experiência sensível, do ‘mundo dos

---

<sup>470</sup> As informações a seguir foram obtidas em IDEIA. **Wikipedia**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ideia>>. Acesso em: 12 dez. 2012. Conforme essa página, “Estas noções estão presentes em toda a filosofia ocidental, em particular no campo da ontologia”. “No **Dicionário de Filosofia e Psicologia** (*Dictionary of Philosophy and Psychology*), Stout e Baldwin dão a seguinte definição de ideia: ‘reprodução, através de uma imagem mais ou menos adequada, de um objeto que na realidade não está presente nos sentidos’ (*the reproduction with a more or less adequate image, of an object not actually present to the senses*). Distinguem ideia de percepção pelo ‘grau de intensidade’, pela ‘ausência de movimento por parte do sujeito’ e por ‘dependência de atividade mental’. No sentido de representação mental, a ideia é quase sempre composta: na ideia de ‘cadeira’ há muitos objetos, todos eles diferentes em forma e tamanho, implícitos nessa representação, que classificam de ‘ideia abstrata’. Uma ‘ideia complexa’ pode não ter alguma correspondência com aquilo que representa: a ideia de centauro é uma representação mental complexa, associando as imagens de homem e de cavalo. [...] Hoje em dia, em suma, ideia significa ou um modelo das coisas sensíveis enquanto objeto do pensamento e da razão (λόγος - logos) ou, noutra acepção, a representação mental de alguma realidade externa, ocorrência, objeto concreto ou abstrato, que a mente constrói com determinado propósito, mesmo o da sua simples representação”. Grifos nossos.

<sup>471</sup> Apud HEIDEGGER, Martin. Qu’est-ce que la philosophie? In: \_\_\_\_\_. **Heidegger**: conferências e escritos filosóficos. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1996. p.40.



fenômenos contingentes': as coisas emitem cópias de si próprias, através da luz, cópias assimiladas pelos sentidos e interpretadas pelo saber inato ou adquirido (intromissão)". O que está em questão entre os dois pensadores é a representação do real (realidade). Ideia, conceito ou expressão que traz implícita uma presença de intencionalidade. A raiz etimológica de *idea* é *eidos*, imagem.

Já se estaria numa encruzilhada de possibilidade para a resposta à questão se enveredássemos pela consideração do Patrimônio idealista ou pelo Patrimônio realista [materialista]. De que trataria um Patrimônio fundado no mundo inteligível, integrante da ideia universal, projeção do saber, de nós sobre o mundo? A suposição elementar seria a de que ele antecederia aquilo em que se projeta, em que se materializa, em que em tal matéria se apresenta como sendo. Seria assim para a França da Convenção, para a contemporaneidade, em que à ideia de uma nação, de um povo, se deva servir o que se tenha? Ideia, idealismo, nas configurações simbólicas das construções ideológicas e do poder e de outras correntes filosóficas? O *logos* e o *ratio*, ciência, antecedentes ao mundo externo, então sendo projeção? Ou, realisticamente, as coisas apreendidas sensorialmente, fenômenos contingentes (não necessários) e interpretadas pelo saber, inato ou adquirido. Nesta vertente, a *aesthesis*, o por para fora, é mais destacada, o em si é a energia da coisa, ou a energia percebida da coisa, em nós.

...Teoria, Filosofia, Patrimoniologia, Museologia, ideias: *ideias* como fundo, como nos ensina Platão? O que consideramos hoje como Patrimônio não seriam as manifestações desse fundo em que, conscientes ou não, estamos em presença do fundo materializado da consideração e da condição humana?

E quando é e não o penso? E quando é e não o sei pela consciência? São perguntas que antecipam outro capítulo.

# CAPÍTULO 3

## RE-PRESENTAÇÃO DA RELAÇÃO HOMEM- REALIDADE/MUNDO: outra especulação.

[...] a exposição nos museus nacionais procura representar uma coincidência ontológica entre a realidade e representação, entre a sociedade e a coleção de símbolos que a representam (Canclini, 1990:152). Em síntese, os museus nacionais criam uma "metarrealidade", uma espécie de terra de sonho materializada<sup>472</sup>.

[...] no centro da intenção cognitiva da museologia encontra-se o processo de musealização da realidade [...] motivado pelo valor de musealidade, de caráter cultural e memorial. [...] É de igual importância que o valor destes representantes esteja conectado em acordo ôntico com o fenômeno que está representando. Deste acordo depende também seu valor para a memória e assim também sua importância e alcance para a replicação<sup>473</sup>.

Tendo estabelecido a hipótese para tese de doutoramento que o objeto da Museologia / Patrimoniologia é o estudo da fixação da re-presentação que o sujeito faz da realidade<sup>474</sup> (ou do mundo<sup>475</sup>), seja ela interna, subjetiva, ou externa, "objetiva", este termo re-presentação, apresentar novamente, ao ser escrito de forma decomposta,

---

<sup>472</sup> [...] "la exhibición en los museos nacionales busca representar una coincidencia ontológica entre realidad y representación, entre la sociedad y la colección de símbolos que la representan. (Canclini, 1990: 152) En síntesis, los museos nacionales crean una "meta-realidad", una especie de tierra de ensueño materializada." NAVARRO, Óscar. Museos nacionales y representación: ética, museología e historia. In: ICOM – ICOFOM – ICOFOM LAM ICOFOM SIB [Sibéria]. **Simpósio Museologia y Historia: un campo del conocimiento.** Córdoba [Argentina]: 2006. p.4. Disponível em: <<http://www.ilam.org/ILAMDOC/MuseosRepresentacion.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2015. Referencia: García Canclini, Néstor. **Culturas Híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidad.** México D.F.: Grijalbo, 1990. p. 152. Grifos nossos.

<sup>473</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie.** Brno: Masarykova Univerzita, 2005. P. 113. Negrito do autor. Referencia, neste ponto: BLACKMORE / OVÁ 1999, [BLACKMORE/ova/, Susan. **Te[or]ie memu: kultura a její evoluce.** Praga: 1999], NOSEK 2004 (sic) [NOSEK, J. ed. **Miénium vedy a filosofie.** Praga: 2002.]. Grifos nossos.

<sup>474</sup> reality (n.) 1540s, "quality of being real," from French *réalité* and directly Medieval Latin *realitatem* (nominative *realitas*), from Late Latin *realis* (see *real* (adj.)). Meaning "real existence, all that is real" is from 1640s. Disponível em:

<[http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=reality&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=reality&searchmode=none)>. Acesso em 15 fev. 2015. *real* (adj.) early 14c., "actually existing, true;" mid-15c., "relating to things" (especially property), from Old French *reel* "real, actual," from Late Latin *realis* "actual," in Medieval Latin "belonging to the thing itself," from Latin *res* "matter, thing," of uncertain origin. Meaning "genuine" is recorded from 1550s; sense of "unaffected, no-nonsense" is from 1847. *realia* (n.) "real things," 1952, neuter plural of Late Latin *realis* "actual, real" (see *real* (adj.)). HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary.** Disponível em: <[http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=real&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=real&searchmode=none)>. Acesso em: 15 fev. 2015.

<sup>475</sup> mundo "universo" literalmente "limpo, elegante"; usado como uma tradução do grego *kosmos* em seu sentido pitagórico de "universo físico" (o sentido original da palavra grega era "arranjo ordenado"). mundus "universe, world," literally "clean, elegant"; used as a translation of Greek *kosmos* (see *cosmos*) in its Pythagorean sense of "the physical universe" (the original sense of the Greek word was "orderly arrangement"). HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary.** Disponível em:

<[http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=mundus&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=mundus&searchmode=none)>. Acesso em: 15 fev. 2015.

hifenizada, destaca o radical da palavra “presente”, ligado ao substantivo “presença”, objeto da especulação de Martin Heidegger, do **ser** constituir-se no ente em presença.

Inicialmente, pareceu-nos útil, então, trazer elementos etimológicos em torno do conceito de re-presentação<sup>476</sup>, conforme a-presentados em dicionário<sup>477</sup>, e dos principais termos a ele associados. As partes seguintes deste capítulo ficaram reservadas ao apontamento do texto de Maria Nélida GONZÁLEZ DE GÓMEZ, **A representação do conhecimento e o conhecimento da representação**: algumas questões epistemológicas<sup>478</sup>, contribuição à ciência da informação por intermédio de reflexão filosófica. Segue-se a recuperação da consideração de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri <sup>479</sup>, a presença específica do campo, embora em abordagem museística. Finalizamos, enfim, com Arthur Schopenhauer, em sua obra **O mundo como vontade e representação**<sup>480</sup>.

### 3.1 Presentando conceitos ou Termos re-presentando conceitos

Regressando ao ponto inicial e referencial, procedemos à introdução terminológica, partindo do campo lexical, entendido como “conjunto de palavras cuja formação partiu de um radical comum”<sup>481</sup>, embora o autor, ao final do mesmo verbete, refira-se à

---

<sup>476</sup> Este capítulo tem origem no trabalho Representação da relação homem-realidade: apontamentos para elaboração de tese, realizado como conclusão da disciplina SEMINÁRIOS DE PESQUISA EM MUSEU E MUSEOLOGIA 03, ministrada pela Profa. Dra. Diana Farjalla Correia Lima, no primeiro semestre de 2012, elaborado de março a outubro de 2013.

<sup>477</sup> A principal fonte foi o **Online Etymology Dictionary**, dicionário de etimologia, digital, em cujas traduções as datações, que dizem respeito ao registro da palavra em inglês, habitualmente através do francês, foram mantidas, apenas como referenciais de tempo à adoção de termos de um idioma por outro, circunstância em que muitos vocábulos igualmente entraram no português, advindos do francês, por exemplo. Nas transcrições, as parcelas de sentido alusivas a usos restritos, particulares, as seccionamos e as dispusemos nas notas de rodapé, antecedendo à sequência total do verbete, em inglês.

<sup>478</sup> GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. **A representação do conhecimento e o conhecimento da representação**: algumas questões epistemológicas. In: Ci. Inf., Brasília, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993.

<sup>479</sup> GUARNIERI, Waldisa Rússio. In: ICOFOM. ISS 6. **Symposium Collecting today for tomorrow**. Leiden, October 1984. p. 51-59.

<sup>480</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

<sup>481</sup> CEIA, Carlos. **E-dicionário de termos literários**. Disponível em:

<[http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com\\_mtree&task=viewlink&link\\_id=519&Itemid=2](http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=519&Itemid=2)>. Acesso em: 26 maio 2013. O verbete prossegue caracterizando a formação e conceituação em palavras, a saber: “A composição e derivação são os processos de formação das palavras de um mesmo campo lexical. A noção de campo lexical é sinónima da de família de palavras. Por exemplo, para a palavra *carro*, podemos formar um campo lexical com as seguintes palavras: *carrinha, carrão, carrossel, carruagem, carroça, carripana,...* Os campos lexicais não estão fixos numa língua, porque estamos sempre a criar novos lexemas e a mudar a relação entre os lexemas que formam um campo.” Quanto à adoção da locução nos informa que “O conceito de campo lexical foi introduzido nos anos 20 e 30 por linguistas como Trier, Porzig e Weisberger. A diferença entre um campo lexical e um campo semântico, generalizada nos manuais de linguística e crítica literária, não é radical, porque um campo lexical é necessariamente também um campo semântico (de relações significativas), e vice-versa. Daqui resulta que muitos lexicógrafos preferem a designação de campo léxico-semântico”.

possibilidade de uso do termo “campo léxico-semântico”, derivado de uma identidade entre os ditos campos lexical e semântico. De modo absoluto, [...] “campo semântico é o conjunto dos significados, dos conceitos, que uma palavra possui. Um mesmo termo tem ou pode ter vários sentidos, os quais são escolhidos de acordo com o contexto abordado”<sup>482</sup>. Nos limites deste capítulo, mantemos um isolamento entre os dois campos, atendo-nos ao aspecto da radiciação do vocábulo re-presentação.

Partindo-se do termo isoladamente, “Representação (s.). Início do séc. XV, ‘imagem, semelhança’, de *representar* + *ação*. Sentido legislativo primeiramente atestado em língua inglesa em 1769”<sup>483</sup>. Retenhamos a essência apontada, de imagem, de semelhança. O verbo representar ocorre em inglês ao final do séc. XIV, significando

*‘trazer à mente por descrição’, também ‘para simbolizar, para ser a encarnação de’; do francês antigo *representer* (séc.XII), a partir do latim *repraesentare*, a partir de *re-*, prefixo intensivo + *praesentare* ‘apresentar’, literalmente ‘para colocar diante’<sup>484</sup>.*

Enriquece-se a apreensão do termo, agora dotado de caráter noético, integrante do processo mental, e cognitivo, considerando-se um sujeito que tenha um objeto a ser trazido a sua mente. O adjetivo representativo expressa ideia de relação de alteridade: “serve para representar”, final do séc.XIV, do francês antigo *representatif* (início do séc.XIV), a partir do latim medieval *repræsentativus*, a partir do latim *repræsentare*. Significando ‘colocar para os outros’, data de a partir de 1620<sup>485</sup>. Já pronunciado, o radical do vocábulo representação é a-presentação, antecedido do prefixo re. Prossigamos com a etimologia! “Apresentação (s.) final do séc. XIV, ‘ato de apresentar’, do francês antigo *presentacion* (séc. XIII), do latim *praesentationem* (nominativo

---

<sup>482</sup> BRASIL ESCOLA. **Campo lexical e campo semântico.**

Disponível em:

<<http://www.brasilecola.com/redacao/campo-lexical-e-campo-semantico.htm>>. Acesso em: 26 maio 2013.

<sup>483</sup> Representation (n.) early 15c., “image, likeness,” from represent + -ation. Legislative sense first attested 1769. HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary.** Disponível em: <[http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=representation&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=representation&searchmode=none)>. Acesso em: 26 maio 2013. “O adjetivo representacional, assinalado a partir de 1855. De representação + al (1) Especialmente sobre artes visuais, desde 1923. representational (adj.) 1855, from representation + -al (1). Specifically of visual arts from 1923. Ibidem.

<sup>484</sup> “Sentido legislativo atestado a partir dos anos 1650.” represent (v.) late 14c., “to bring to mind by description,” also “to symbolize, to be the embodiment of;” from Old French *representer* (12c.), from Latin *repraesentare*, from *re-*, intensive prefix, + *praesentare* “to present,” literally “to place before” (see present (v.)). Legislative sense is attested from 1650s. Related: *Represented*; *representing*. Ibidem. Observamos a relação da representação ao fato de consciência. Grifo nosso.

<sup>485</sup> “No sentido político de “o lugar das pessoas no governo, sendo os cidadãos representados por pessoas escolhidas” é registrado pela primeira vez nos anos 1620.” representative (adj.) “serving to represent,” late 14c., from Old French *representatif* (early 14c.), from Medieval Latin *repræsentativus*, from Latin *repræsentare* (see represent), Meaning “standing for others” is from 1620s; in the political sense of “holding the place of the people in the government, having citizens represented by chosen persons” is first recorded 1620s. Noun use first recorded 1640s; first used 1690s in noun sense of “member of a legislative body.” Ibidem.

*praesentatio*) 'colocação diante', substantivo do tronco do participio passado de *praesentare*<sup>486</sup>. Por sua vez, a base do termo é

Presente (s. 1). 'neste momento' (oposto ao passado e futuro), c.1300, 'o tempo presente', também 'ato ou fato de estar presente; porção do espaço em torno de alguém', do francês antigo *present* (substantivo) do latim *praesens* 'estar lá' (ver *presente* (adj.)). Na antiga linguagem jurídica inglesa, *these presents* [estes presentes] significam 'estes documentos'<sup>487</sup>.

Noções de tempo e espaço, no exame etimológico do presente, levam à consideração do caráter atual<sup>488</sup>, de configuração existencial constatável, de objeto ou ato, de presença percebida, de um objeto, por um sujeito. Outra acepção avança sobre o sentido de

Presente (s. 2). c.1200, 'coisa oferecida, o que é oferecido ou dado como um presente', do francês antigo *present* e latim medieval *presentia*, a partir de frases como francês *en present* (oferecer), 'na presença de', *mettre en present*, 'por diante, dar', do latim tardio *inpraesent* 'face a face', do latim *in re praesenti* 'na situação em questão', a partir de *praesens* 'estar lá' (ver *presente* (adj.)), sobre a noção de 'trazer algo à presença de alguém'<sup>489</sup>.

Inevitável recordar o *da sein* heideggeriano, o ser no mundo, a "presença". Com duplo sentido em inglês, *to present* é traduzível em português tanto como apresentar, como presentear ou presentificar, no sentido filosófico. De cerca de 1300, significa na língua de Shakespeare

'apresentar (alguém ou algo) formal ou cerimonialmente', também 'fazer uma apresentação formal, dar como um presente ou prêmio; doar', do francês antigo *presenter* (séc. XI, do francês moderno *présenter*) e diretamente do latim *praesentare* 'colocar diante, mostrar, exhibir', a partir do radical de *praesens* (presente). Do final do séc. XIV como 'exposição (de algo), oferta para inspeção, exibição'; também,

---

<sup>486</sup> "Significando 'aquilo que é oferecido ou presenteado' é de meados do séc. XV; como 'representação teatral ou outra' é registrado desde cerca de 1600." *presentation* (n.) late 14c., "act of presenting," from Old French *presentacion* (13c.), from Latin *praesentationem* (nominative *praesentatio*) "a placing before," noun of action from past participle stem of *praesentare* (see *present* (v.)). Meaning "that which is offered or presented" is mid-15c.; that of "a theatrical or other representation" is recorded from c.1600. Related: *Presentational*. ." HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em <[http://www.etymonline.com/index.php?term=present&allowed\\_in\\_frame=0](http://www.etymonline.com/index.php?term=present&allowed_in_frame=0)>. Acesso em: 26 maio 2013.

<sup>487</sup> *present* (n.1) "this point in time" (opposed to *past* and *future*), c.1300, "the present time," also "act or fact of being present; portion of space around someone," from Old French *present* (n.) from Latin *praesens* "being there" (see *present* (adj.)). In old legalese, *these presents* means "these documents." HARPER, idem.

<sup>488</sup> O termo *actual*, em inglês, conserva o sentido de real que a presença confere. No conceito de virtual, entretanto, *actual*, o atual é o estado de algo proveniente de potência. Ibidem. Cf. LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** 7. reimp. São Paulo: Ed. 34, 2005.

<sup>489</sup> *present* (n.2) c.1200, "thing offered, what is offered or given as a gift," from Old French *present* and Medieval Latin *presentia*, from phrases such as French *en present* "(to offer) in the presence of," *mettre en present* "place before, give," from Late Latin *inpraesent* "face to face," from Latin *in re praesenti* "in the situation in question," from *praesens* "being there" (see *present* (adj.)), on the notion of "bringing something into someone's presence." Idem. Acesso em: 27 maio 2013.

na lei, 'fazer uma queixa formal ou acusação de delito'. De c.1400 como 'representar, retratar'<sup>490</sup>.

No valor adjetivo, presente data de

c. 1300 , 'existente no momento', do francês antigo *present* 'evidente, à mão, ao alcance', como um substantivo, 'o tempo presente' (séc. XI), do francês moderno *présent* e diretamente do latim *praesentem* (nominativo *praesens*) 'atualmente, à mão, à vista; imediato, rápido, instantâneo; contemporâneo', do particípio presente de *praeesse* 'estar diante (alguém ou algo), estar à mão', de *prae*, 'diante' + ESSE 'ser'. Significando, em inglês, 'estar lá', a partir de meados do séc. XIV. Como tempo gramatical, registrado a partir do final do séc.XIV<sup>491</sup>.

Ser diante, evidente, alcançável são sentidos ou possibilidades temáticas para a palavra. Tudo isso associado ao prefixo re

'elemento de formação de palavra, que significa 'de volta ao lugar original; mais uma vez, de novo', [...] do francês antigo e diretamente do latim *re-*, 'de volta, de novo, contra', combinação Latina de fórmula concebivelmente do Indo-Europeu \* *wret-*, variante metatética de \* *Wert-* 'virar' [Watkins]. Muitas vezes, apenas intensivo e, em muitos dos empréstimos mais antigos de francês e latim, o sentido preciso de *re-* está perdido em sentidos secundários ou enfraquecido para o reconhecimento. O Dicionário Oxford de Inglês escreve que 'é impossível tentar um registro completo de todas as formas resultantes da sua utilização', e acrescenta que 'o número desses usos é praticamente infinito ...'<sup>492</sup>.

Imagem, semelhança, um sujeito que tenha um objeto a ser trazido a sua mente, algo colocado para si, ou colocar algo para os outros; ainda colocar por imagem na mente, o caráter do atual evocado, de referência da configuração existencial constatável, de objeto ou ato, de presença percebida de novo - indiretamente, de um objeto, por um

---

<sup>490</sup> present (v.) c.1300, "introduce (someone or something) formally or ceremonially;" also "make a formal presentation of; give as a gift or award; bestow," from Old French *presenter* (11c., Modern French *présenter*) and directly from Latin *praesentare* "to place before, show, exhibit," from stem of *praesens* (see present (adj.)). From late 14c. as "exhibit (something), offer for inspection, display;" also, in law, "make a formal complaint or charge of wrongdoing." From c.1400 as "represent, portray." Related: *Presented, presenting*. " HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em <[http://www.etymonline.com/index.php?term=present&allowed\\_in\\_frame=0](http://www.etymonline.com/index.php?term=present&allowed_in_frame=0)>. Acesso em: 26 maio 2013. Grifo nosso.

<sup>491</sup> present (adj.) c.1300, "existing at the time," from Old French *present* "evident, at hand, within reach;" as a noun, "the present time" (11c., Modern French *présent*) and directly from Latin *praesentem* (nominative *praesens*) "present, at hand, in sight; immediate; prompt, instant; contemporary," from present participle of *praeesse* "be before (someone or something), be at hand," from *prae-* "before" (see pre-) + *esse* "to be" (see essence). Meaning "being there" is from mid-14c. in English. As a grammatical tense, recorded from late 14c. Ibidem. Acesso em: 27 maio 2013. Grifo

<sup>492</sup>"O prefixo latino torna-se red- antes de vogais e H-, por exemplo." Re- word-forming element meaning "back to the original place; again, anew, once more," also with a sense of "undoing," c.1200, from Old French and directly from Latin *re-* "again, back, anew, against," "Latin combining form conceivably from Indo-European \**wret-*, metathetical variant of \**wert-* "to turn" [Watkins]. Often merely intensive, and in many of the older borrowings from French and Latin the precise sense of *re-* is lost in secondary senses or weakened beyond recognition. OED writes that it is "impossible to attempt a complete record of all the forms resulting from its use," and adds that "The number of these is practically infinite ...." The Latin prefix became *red-* before vowels and *h-*, e.g. Ibidem. Acesso em: 26 maio 2013.

sujeito. Ser diante, evidente, alcançável. E tudo isso “de volta ao lugar original; mais uma vez, de novo, mais uma vez”<sup>493</sup>.

Pelo exame dos vocábulos no campo lexical decorreram diversos outros, no campo semântico, cuja análise seria igualmente desejável, contida aqui em decorrência do espaço. Enunciamos apenas: tautologia, simbolizar, mimese, simulacro, ícone, significação, proposição, escala, descrição, descrever, mapa, imagem, ilustração, tipificar, materializar, perfilar, personificar, fingir, ficção, deturpar, fractal, o sufixo –grafia, *assemelhar...*

Tautologia (s.). “anos 1570, do latim tardio *tautologia* ‘representação da mesma coisa’ (c. 350), do grego *tautologia*, de *tautologos* ‘repetição do que foi dito’, de *tauto* ‘o mesmo’+ *logos* ‘dizer’, relacionado a *legein* ‘dizer’<sup>494</sup>. Recorde-se que, em grego, *legein* é dizer como também é raciocinar. Mimese (s.). Anos 1540, em retórica, do grego *mimesis* ‘imitação, representação, representação pela arte’, de *mimesthai* ‘imitar’<sup>495</sup>.

Significação (s.). Início do séc. XIV, ‘simbolização, representação’, do francês antigo *signification* ou diretamente do latim *significationem* (nominativo *significatio*), substantivo de ação do tronco do particípio passado de *significare*. A partir do final do séc XIX como ‘*significado*’ (de uma palavra, etc.)<sup>496</sup>.

Simulacro (s.). “dos anos 1590, do latim *simulacrum* ‘semelhança, imagem, forma, representação, retrato’, dissimilada de *simulacrom*, de *simulare* ‘fazer como’ (ver simulação). A palavra foi emprestada inicialmente como *semulacre* (final do séc. XIV), através do francês antigo *simulacre*”<sup>497</sup>.

Ícone (s.). Anos 1570, “imagem, figura, representação”, do latim tardio *icon*, do grego *eikon* “semelhança, imagem, retrato”, relacionado a *eikenai* “ser como, parecer como”, de origem desconhecida. No sentido de Igreja oriental é atestado desde 1833. No sentido da computação, primeiro registro em 1982<sup>498</sup>.

---

<sup>493</sup>HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: <[http://etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=re&searchmode=none](http://etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=re&searchmode=none)>. Acesso em: 26 maio 2013.

<sup>494</sup> Tautology (n.) 1570s, from Late Latin *tautologia* "representation of the same thing" (c.350), from Greek *tautologia*, from *tautologos* "repeating what has been said," from *tauto* "the same" + *-logos* "saying," related to *legein* "to say" (see lecture (n.)). Idem. Acesso em: 26 maio 2013.

<sup>495</sup> Mimesis (n.) 1540s, in rhetoric, from Greek *mimesis* "imitation, representation, representation by art," from *mimesthai* "to imitate" (see mimeograph). Ibidem. Acesso em: 26 maio 2013.

<sup>496</sup> Signification (n.) early 14c., "symbolization, representation," from Old French *signification* or directly from Latin *significationem* (nominative *significatio*), noun of action from past participle stem of *significare* (see signify). From late 14c. as "meaning" (of a word, etc.). " Ibidem.

<sup>497</sup> simulacrum (n.) 1590s, from Latin *simulacrum* "likeness, image, form, representation, portrait," dissimilated from *\*simulacrom*, from *simulare* "to make like" (see simulation). The word was borrowed earlier as *semulacre* (late 14c.), via Old French *simulacre*. Ibidem.

<sup>498</sup> icon (n.) also *ikon*, 1570s, "image, figure, representation," from Late Latin *icon*, from Greek *eikon* "likeness, image, portrait," related to *eikenai* "be like, look like," of unknown origin. Eastern Church sense is attested from 1833. Computing sense first recorded 1982." Ibidem. Acesso em: 26 maio 2013.

Proposição (s.). meados do séc. XIV, "uma colocação apresentada como um tema para discussão ", do francês antigo *proposicion* "proposta, submissão, proposição (filosófica)" (séc.XII), a partir do latim *propositionem* (nominativo *propositio*) "uma colocação prévia, declaração, uma apresentação, representação, pressuposto fundamental ", substantivo de ação do participio passado da raiz de *proponere*. Significando "ação de propor algo a ser feito" é do final do séc. XIV. Sentido geral de "assunto, problema, afirmação", registrado por volta de 1877<sup>499</sup>.

Escala (s.). Do verbo "subir", final do séc. XIV, do latim *scala*, a partir de *scandere* "subir". Esta é também a fonte (talvez via italiano *scala*) do substantivo no sentido musical (1590), e o significado "proporção de uma representação do objeto real" (anos 1660)<sup>500</sup>. Descrição (s.). Final do séc. XIV, do francês antigo *description* (séc. XII) e diretamente do latim *descriptionem* (nominativo *descriptio*) "representação, descrição, cópia", substantivo de ação a partir do participio passado da raiz de *describere* "escrever, transcrever, copiar, esboçar", a partir de-" para baixo" + *scribere* "escrever"<sup>501</sup>. Descrever (verbo). início séc. XIII, *descriven*, do francês antigo *descrivre*, *descrire* (séc. XIII), a partir do latim *describere* "escrever, copiar, esboçar, representar"<sup>502</sup>. Simbolizar (verbo). c.1600, "representar por um símbolo", também "ser um símbolo de", a partir do francês *symboliser*, a partir do latim moderno *symbolizare*, de *symbolum*<sup>503</sup>.

Imagem (s.). Cerca de 1200, "peça de estatuária; representação artificial que parece como uma pessoa ou coisa", do francês antigo *image* "imagem, semelhança; figura, desenho, retrato, reflexo; estátua", anteriormente *imagene* (séc. XI), do latim *imaginem* (nominativo *imago*) "cópia, estátua, figura [*picture*]", figurativamente "ideia, aparência", da raiz de *imitari* "copiar, imitar". Significando "reflexo em um espelho" é do início do séc. XIV. O sentido de imagem

---

<sup>499</sup> proposition (n.) mid-14c., "a setting forth as a topic for discussion," from Old French *proposicion* "proposal, submission, (philosophical) proposition" (12c.), from Latin *propositionem* (nominative *propositio*) "a setting forth, statement, a presentation, representation; fundamental assumption," noun of action from past participle stem of *proponere* (see propound). Meaning "action of proposing something to be done" is from late 14c. General sense of "matter, problem, undertaking" recorded by 1877. Related: *Propositional*. .  
HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em:  
<[http://www.etymonline.com/index.php?term=present&allowed\\_in\\_frame=0](http://www.etymonline.com/index.php?term=present&allowed_in_frame=0)>. Acesso em: 26 maio 2013.

<sup>500</sup> scale (v.) "to climb," late 14c., from Latin *scala*, from *scandere* "to climb" (see scan (v.)). This is also the source (perhaps via Italian *scala*) of the noun in the musical sense (1590s), and the meaning "proportion of a representation to the actual object" (1660s). *Scale down* "reduce" is attested from 1887. *Scale factor* is from 1948. Related: *Scaled*; *scaling*. Ibidem.

<sup>501</sup> description (n.) late 14c., from Old French *description* (12c.) and directly from Latin *descriptionem* (nominative *descriptio*) "representation, description, copy," noun of action from past participle stem of *describere* "write down, transcribe, copy, sketch," from *de-* "down" (see *de-*) + *scribere* "write" (see *script*).Ibidem.

<sup>502</sup> describe (v.) early 13c., *descriven*, from Old French *descrivre*, *descrire* (13c.), from Latin *describere* "to write down, copy; sketch, represent" (see description). Reconstructed with Latin spelling 16c. Related: *Describable*; *described*; *describes*; *describing*. Ibidem.

<sup>503</sup>symbolize (v.) c.1600, "to represent by a symbol," also "to be a symbol of," from French *symboliser*, from Modern Latin *symbolizare*, from *symbolum* (see symbol). Related: *Symbolized*; *symbolizes*; *symbolizing*. Ibidem.



mental constava do latim e aparece no inglês do final do séc. XIV. Com o sentido de "impressão pública" é atestado em casos isolados a partir de 1908, mas não em uso comum até a ascensão do jargão da publicidade e das relações públicas, em cerca de 1958<sup>504</sup>.

Ilustração (s.). cerca de 1400, "um brilho"; início do séc. XV, "uma manifestação", meados do séc. XV, "uma iluminação espiritual", do francês antigo *illustration* "aparição, aparência", e diretamente a partir do latim *illustrationem* (nominativo *illustratio*) "representação viva" (na escrita), literalmente "um esclarecimento", do particípio passado da raiz de *illustrare* "iluminar, fazer a luz", figurativamente "esclarecer, divulgar, explicar, adornar, tornar distinguido", da forma assimilada de *in-*"em" + *lustrare* "tornar claro, iluminar," relacionado com *lucere* "brilho", *lux* "luz". Sentido mental de "ato de tornar clara na mente" é a partir de 1580. Significado de "uma imagem ilustrativa" é de 1816<sup>505</sup>.

Mapa (s.). Anos 1520, redução do Inglês Médio *mapemounde* "mapa do mundo" (final do séc. XIV) e, em parte, do francês médio *mappe*, redução do francês antigo *mapemonde*, ambas as palavras em inglês e francês do latim medieval *Mappa Mundi* "mapa do mundo"; primeiro elemento do latim *mappa* "guardanapo de pano" (nas quais os mapas foram desenhados), "toalha de mesa, pano de sinalização, bandeira", disse Quintiliano por ser de origem púnica (cf. hebraico talmúdico *mappa*, contração de *menaphah* mishnaico "uma bandeira tremulando") + latim *mundi* "do mundo", de *mundus* "universo, mundo". Comumente usado no séc. XVII no sentido figurado de "epítome; representação detalhada." Para colocar (algo) no mapa "trazê-lo à grande atenção" é de a partir de 1913<sup>506</sup>.

Sentimos a necessidade de trazer mais alguns conceitos com seus termos para o cenário do que estamos a considerar. Tipificar (verbo). Anos 1630, "representar por um símbolo", do latim *typus +-ficar*. Significando "servir como um exemplo típico de uma

---

<sup>504</sup> image (n.) c.1200, "piece of statuary; artificial representation that looks like a person or thing," from Old French *image* "image, likeness; figure, drawing, portrait; reflection; statue," earlier *imagene* (11c.), from Latin *imaginem* (nominative *imago*) "copy, statue, picture," figuratively "idea, appearance," from stem of *imitari* "to copy, imitate" (see imitation). Meaning "reflection in a mirror" is early 14c. The mental sense was in Latin, and appears in English late 14c. Sense of "public impression" is attested in isolated cases from 1908 but not in common use until its rise in the jargon of advertising and public relations, c.1958. HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary.** Disponível em: <[http://www.etymonline.com/index.php?term=present&allowed\\_in\\_frame=0](http://www.etymonline.com/index.php?term=present&allowed_in_frame=0)>. Acesso em: 27 maio 2013.

<sup>505</sup> illustration (n.) c.1400, "a shining;" early 15c., "a manifestation;" mid-15c., "a spiritual illumination," from Old French *illustration* "apparition, appearance," and directly from Latin *illustrationem* (nominative *illustratio*) "vivid representation" (in writing), literally "an enlightening," from past participle stem of *illustrare* "light up, make light, illuminate;" figuratively "make clear, disclose, explain; adorn, render distinguished," from assimilated form of *in-* "in" (see *in-* (2)) + *lustrare* "make bright, illuminate," related to *lucere* "shine," *lux* "light" (see *light* (n.)). Mental sense of "act of making clear in the mind" is from 1580s. Meaning "an illustrative picture" is from 1816. Ibidem.

<sup>506</sup> map (n.) 1520s, shortening of Middle English *mapemounde* "map of the world" (late 14c.), and in part from Middle French *mappe*, shortening of Old French *mapemonde*, both English and French words from Medieval Latin *mappa mundi* "map of the world;" first element from Latin *mappa* "napkin, cloth" (on which maps were drawn), "tablecloth, signal-cloth, flag," said by Quintilian to be of Punic origin (cf. Talmudic Hebrew *mappa*, contraction of Mishnaic *menaphah* "a fluttering banner, streaming cloth") + Latin *mundi* "of the world," from *mundus* "universe, world" (see *mundane*). Commonly used 17c. in a figurative sense of "epítome; detailed representation." To *put (something) on the map* "bring it to wide attention" is from 1913. Ibidem.

classe, etc" é atestado a partir de 1854<sup>507</sup>. Materializar (verbo). 1710, "representar como material", a partir de *material*<sup>508</sup>(adj.) +-izar. Significando "aparecer em forma corpórea" é de 1880, no espiritismo<sup>509</sup>. Recordemos a matriz comum que *matéria* guarda com *mater* (mãe, em latim). Perfilar (verbo). 1715, "representar em perfil", de *profile* (inglês, substantivo), ou do italiano *profilare*. Significando "resumir uma pessoa, na escrita", a partir de 1948<sup>510</sup>. Figurar (verbo). Final do séc.XIV, "representar" (em uma imagem). Significando "dar forma de" é do início do séc.XV; "figurar na mente" é a partir de c.1600, "fazer uma aparição" é c.1600<sup>511</sup>. Personificar (verbo). 1727 "atribuir forma pessoal a coisas ou abstrações" (principalmente como uma técnica artística ou literária), do francês *personnifier* (séc.XVII), a partir de *personne*. Significando "representar, encarnar", atestado a partir de 1806<sup>512</sup>. Fingir (verbo). c.1300, do francês antigo *feign-*, participio presente da raiz de *feindre* "fingir, representar, imitar, fugir" (séc.XII), a partir do latim *fingerere* "tocar, segurar; elaborar, fabricar, alterar, mudar" (ver ficção)<sup>513</sup>.

- grafia. Elemento de formação de palavra significando "processo de escrever ou de registrar" ou "um escrito, um registro, uma descrição", do francês ou alemão – *graphie*, do grego - *graphia*, originalmente "descrição de, a partir de *graphein* "escrever, expressar por caracteres escritos, anteriormente desenhar, representar por linhas traçadas" "raspar, arranhar" (em tábuas de argila com um estilete), da raiz do proto-indo-europeu \* *gerbh-*"riscar, esculpir". Em emprego moderno, especialmente na formação de nomes das ciências descritivas<sup>514</sup>.

<sup>507</sup> typify (v.) 1630s, "to represent by a symbol," from Late Latin *typus* (see *type* (n.)) + *-fy*. Meaning "serve as a typical specimen of some class, etc." is attested from 1854. Related: *Typified*; *typifying*. HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: <[http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=typify&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=typify&searchmode=none)>. Acesso em: 15 fev. 2015.

<sup>508</sup> Recordando a raiz latina em comum com "matéria, mãe, matrimônio", como explorado em outro ponto desta tese.

<sup>509</sup> materialize (v.) 1710, "represent as material," from *material* (adj.) + *-ize*. Meaning "appear in bodily form" is 1880, in spiritualism. Related: *Materialized*; *materializing*. HARPER, idem. Acesso em: 15 fev. 2015.

<sup>510</sup> profile (v.) 1715, "to represent in profile," from *profile* (n.) or Italian *profilare*. Meaning "to summarize a person in writing" is from 1948. Related: *Profiled*; *profiling*. Ibidem.

<sup>511</sup> figure (v.) late 14c., "to represent" (in a picture); see *figure* (n.). Meaning "to shape into" is early 15c.; "to picture in the mind" is from c.1600; "to make an appearance" is c.1600. Meaning "work out a sum" is from 1833, American English. Related: *Figured*; *figuring*. Ibidem.

<sup>512</sup> personify (v.) 1727 "to attribute personal form to things or abstractions" (especially as an artistic or literary technique), from *person* + *-fy* or from French *personnifier* (17c.), from *personne*. Meaning "to represent, embody" attested from 1806. Related: *Personified*; *personifying*. Ibidem.

<sup>513</sup> feign (v.) c.1300, from Old French *feign-*, present participle stem of *feindre* "pretend, represent, imitate, shirk" (12c.), from Latin *fingerere* "to touch, handle; devise; fabricate, alter, change" (see *fiction*). Related: *Feigned*; *feigning*. Ibidem.

<sup>514</sup> -graphy. word-forming element meaning "process of writing or recording" or "a writing, recording, or description," from French or German *-graphie*, from Greek *-graphia* "description of," from *graphein* "write, express by written characters," earlier "to draw, represent by lines drawn," originally "to scrape, scratch" (on clay tablets with a stylus), from PIE root \**gerbh-* "to scratch, carve" (see *carve*). In modern use, especially in forming names of descriptive sciences. Ibidem. Acesso em: 15 fev. 2015.

Assemelhar (verbo). (*to like as*) Final do séc. XIII, "representar como". Em inglês *liken*, de *like* (adj.) + *-en* (1)<sup>515</sup>. Deturpar (verbo). Em inglês *misrepresent*. Anos 1640, de *mis-* (1) + *represent*<sup>516</sup>.

Sobretudo, o que escrevemos aqui é, na forma e convenção da língua portuguesa, no sistema latino, a litteração, "representação de sons por letras alfabéticas", 1843, do latim *littera* (ver letra) + *-ação*<sup>517</sup>.

### 3.2 A representação: argumento entre Ciência da Informação e Filosofia

Maria Nélide GONZÁLES DE GÓMEZ, a partir da importância identificada da organização e representação do conhecimento para a recuperação e disseminação da informação, oferece, em seu artigo A representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas<sup>518</sup>, uma reflexão em filosofia da ciência sobre os princípios que fundaram o modo de representar o conhecimento conforme diferentes referenciais, ao longo do tempo. Como a própria filosofia, e por ser ela a que se inicialmente ocupava da questão do saber, o conhecimento e a informação ocorrem no ocidente, em que a cognição do mundo tanto tem caráter geral, universal, quanto segmentar, dadas as especializações e parcializações da produção de conhecimento na contemporaneidade. Para a filósofa, um dos aspectos fundamentais para a informação é a sua transferência, caracterizada como [...] "um conjunto de ações sociais com que os grupos e as instituições organizam e implementam a comunicação da informação, através de procedimentos seletivos que regulam sua geração, distribuição e uso"<sup>519</sup>. Embora nosso interesse seja a consideração mais filosófica do que a das ciências sociais, trazemos do texto a referência que faz às "bases técnicas e seus suportes institucionais" citando "bibliotecas, arquivos, bases de dados, redes locais

---

<sup>515</sup> *liken* (v.) late 13c., "to represent as like," from *like* (adj.) + *-en* (1). Related: *Likened*; *likening*. I HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary.** Disponível em: [http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=-graphy&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=-graphy&searchmode=none). Acesso em: 27 maio 2013.

<sup>516</sup> *misrepresent* (v.) 1640s, from *mis-* (1) + *represent*. Related: *Misrepresented*; *misrepresenting*. Ibidem.

<sup>517</sup> *literation* (n.) "representation of sounds by alphabetic letters," 1843, from Latin *littera* (see *letter* (n.1)) + *-ation*. Ibidem.

<sup>518</sup> GONZÁLES DE GOMEZ, Maria Nélide. **A representação do conhecimento e o conhecimento da representação:** algumas questões epistemológicas. In: *Ci. Inf.*, Brasília, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993.

<sup>519</sup> Ibidem, p. 217.

e internacionais<sup>520</sup>, sem mencionar situações patrimoniais ou museísticas, bases e instituições definidas por fatores culturais e sócio-políticos. Na atualidade, a presença das tecnologias de informação digitais e reticulares, a visão iluminista dos públicos cede lugar aos critérios mercadológicos. E, por essas diferenças constatadas, se problematizar as fundamentações epistemológicas responsáveis por grandes momentos do mundo, a partir do ocidental, de representação do conhecimento<sup>521</sup>. Hoje, busca-se a equivalência formal dos componentes da informação: códigos, mensagens, *modelos da realidade* que organizam os programas, sistemas de conhecimento e estruturas cognitivas de emissores e receptores. Esses elementos, no âmbito da globalização da informação, se problematizam ao se encontrarem com as questões relativas às culturas locais, aos estilos de conhecimento, às *representações coletivas*, à estética (seja no conceito de imagem, seja no de percepção). GONZÁLEZ DE GÓMEZ patenteia a comunicação e informação enquanto práticas sociais, em [...] “que a representação não consiste em uma dimensão necessária da relação gnosiológica do homem com o mundo, mas em um *constructo* sócio-cultural constituído nas *relações de uns homens com outros homens*”<sup>522</sup>. Associa as mudanças nos pressupostos da organização e representação do conhecimento a determinadas premissas epistemológicas prevalentes nos grandes momentos observados.

Definindo conhecimento como relação do pensamento com o real, lembramo-nos da definição do objeto da Museologia para Stránský: o valor da relação do homem com a realidade. Tomando-se o pensamento como um desses valores relacionais, o conhecimento seria o resultado relacional que, conforme a autora, assume três formas no transcurso da cultura ocidental: a ontológica, o ser pensante prescindindo de representar o seu conhecimento, o mundo *é*; a da *consciência*, quando conhecer é representar, [...] “e o mundo só é enquanto é representado”<sup>523</sup>; a da linguagem, sistemas de significados ou sinalética, em que sujeito e objeto não desempenham relação com o

---

<sup>520</sup> GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. **A representação do conhecimento e o conhecimento da representação**: algumas questões epistemológicas. In: Ci. Inf., Brasília, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993. P. 217.

Nessa parte, o artigo trata dos valores norteadores da geração e transmissão da informação, nem necessária ou predominantemente determinados pela verdade e objetividade, mas por outros valores, ou outras determinações, como as cognitivas, instrumentais, estratégicas, estéticas e simbólicas. [categorias de representação?].

<sup>521</sup> “O efeito globalizador dos mercados e tecnologias de informação pressupõe a vigência de uma premissa epistemológica de máximo alcance, que assegure condições de uniformidade linguísticas ou lógicas de uso da informação, ou seja, que ocupe o lugar que, no primeiro paradigma da modernidade, fora preenchido pela institucionalização dos modelos de ação racional”. Ibidem, p. 218.

<sup>522</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>523</sup> Ibidem, loc. cit.

representado, agora independente. Se o ser é o real, a etapa inicial da cultura ocidental afirma o *existente*, o que é, assim não cabendo representação. Após, se concebe o sujeito que dá existência ao real se e quando o representa. Por atual, o modo em que, nem o que seja, nem quem cogite o que seja, mas o primado da representação por si, entificada, talvez.

O interesse em seguir a análise sobre esses grandes momentos está diretamente associado à questão central de nossa discussão, o objeto epistemológico da Museologia/ Patrimoniologia em Stránský. Marcadamente, o pai da museologia científica estabelece sua definição na segunda metade do século XX, antes do grande impacto das tecnologias de informação atualmente universalizadas. Em sua definição, gnoseológica, a relação estabelecida é entre o sujeito – homem e o objeto - realidade. No homem, numa relação orientada pela consideração da realidade, procurar-se-ia objetivar o valor que presidiria a cada ocorrência relacional dele, homem, com o real. Porém, é útil regredir ao momento epistemológico antecedente e, depois, avançar para o que estaríamos presenciando na nossa contemporaneidade.

Nos primórdios da filosofia, ocidental, grega, a concepção platônica do mundo das ideias, das formas, universais, estabelecia que a experiência se dava sobre a aparência, a manifestação do ideal. Assim, o caráter de **ser** era indireto e imperfeito no real, no percebido. Conceber a ideia no que se funda o real era conhecer o fundamento no aparente, a ideia primaz era determinante e, embora não seja adequado assim dizer, o real “representava” a ideia. Não era, portanto, necessário que se interpusesse uma representação sobre algo que, por natureza, não **era**, não enquanto existente, autônomo, completo, essencial. O caráter do *logos*, como razão, raciocínio, ou como palavra faculta a ideia pronunciada pela palavra, que definia, que essencializava, assumia a natureza de ente da ideia relacionada. Esse par *logos* – Idea estabelece uma configuração da aptidão de referir-se, idealmente, sobre ideias. Nada é representado, mas apresentado, a ideia tornada presente pelo *logos*. E, pelo *logos*, se expressa, expõe-se, põe para fora o pensado, dando ao universal a universalidade do legível, o *logos* grafado e discernível, *literado*, uma substanciação da forma da ideia. O ser presente, intuído, era o ser conhecido.

Assim, o *locus* de apresentação do real é o intelecto que intui (*nous*), em frente do qual o entendimento argumentativo (*dianóia*) possui um caráter derivado. A dignidade e excelência do saber não vêm da

competência lógica ou da receptividade transparente das faculdades de representar, mas da passiva abertura ao ser<sup>524</sup>.

A questão do caráter da palavra será mais trabalhada por Aristóteles, na relação do pensamento com o real, em que se considera o pensamento e o real. A organização dessa relação, pela gramática, pela lógica, do sujeito com o atributo, o predicado. Tratar-se-á, por esta via, da relação predicativa prevalecendo sobre a ontológica. O predicado, juízo enunciado sobre algo, só é possível quando se está associado a algo, de ser para ser, o que não constitui um apartamento da predicação com a ontologia.

O segundo momento descrito por GONZÁLES DE GÓMEZ traz o sujeito para o papel que o ser desincumbira no mundo do pensamento grego. A partir de Descartes, a contingência humana, destituída da supremacia teológica medieval, permeará a consideração do real e, ao mesmo tempo, impor-se-á à consideração sobre o que o real seria. O real, por essa reflexão, não é em si, mas sim como é compreendido pelo sujeito, sujeito ciente, científico, racional. “A unidade orgânica do homem com o mundo, a intuição, a presença das coisas elas mesmas, o saber da testemunha, irão sendo substituídos pela unidade da consciência, a representação e a construção experimental e documentária da prova”<sup>525</sup>. A consciência passa a representar a experiência do mundo e conhecer o mundo é representá-lo. O questionar evidencia o pensamento que, por seu turno, afirma a existência. Não uma existência indefinida, mas aquela do sujeito pensante, o eu, o indivíduo, o âmbito do subjetivismo. E o sujeito declara, nominalmente, como concebe o real: “No homem e por seu intermédio, enquanto instrumento de cognoscibilidade e comunicabilidade, constrói-se o novo plano de agregação para as coisas e as ideias: a linguagem”<sup>526</sup>. Segundo a autora, não mais se estando junto ao mundo, a intermediação com ele se daria através do nominalismo, dos signos, de significantes associados a experiências, representações, portanto. A taxonomia nos trará a organização do conhecimento que as categorias predadoras de Aristóteles apenas poderiam insinuar<sup>527</sup>.

---

<sup>524</sup> GONZÁLES DE GÓMEZ, Maria Néida. **A representação do conhecimento e o conhecimento da representação**: algumas questões epistemológicas. In: Ci. Inf., Brasília, v. 22, n. 3, set./dez. 1993. p. 218.

<sup>525</sup> Ibidem, p.219. Nosso sublinhado visa a estabelecer a relação com o uso do conceito de documentário, por DELOCHE.

<sup>526</sup> Ibidem, p. 218.

<sup>527</sup> LOCKE, John. **Ensayo sobre el entendimiento humano**. México: FCE, 1956. p. 72810, apud GONZÁLES DE GÓMEZ, op.cit., p. 219. "Porque, como entre as coisas que a mente contempla não há nenhuma, com exceção dela mesma, que seja presente para o entendimento, é necessário que alguma outra coisa apresente-se como signo ou representação da coisa em consideração, e esse é o papel das ideias. E, como a encenação das ideias, que constituem os pensamentos de um homem, não pode exibir-se de um modo imediato aos olhos de outro homem, nem armazenar-se em nenhuma outra parte que não seja a memória, que não é um armazém muito seguro, temos a necessidade de signos de nossas ideias

No idealismo kantiano, representação é construção e conhecimento é ato. Antes de qualquer experiência particular, o sujeito organiza toda experiência do mundo enquanto *fenômeno* e se coloca no domínio da re-representação. "Objeto de experiência possível"<sup>528</sup>, o possível é anterior ao real, pois não tem outra maneira de algo ser para o homem alguma coisa, se não nos limites de suas possibilidades gnoseológicas. Em Kant, a subjetividade deixa de ser individual, buscando a universalidade, e o conhecimento não é a representação, mas a pressupõe. Enquanto o conhecimento se relaciona com o objeto, se relaciona com o sujeito, através de sua *consciência*. As formas puras da intuição, transcendentais, de espaço e tempo, dão ao entendimento o obtido em fenômeno. O entendimento opera por conceitos, os quais favorecem o tornar público o conhecimento produzido: "Para Kant, a representação é uma atividade em que são retomadas e sintetizadas as multiplicidades do que se apresenta, e o conhecimento é uma síntese de representações"<sup>529</sup>.

No terceiro momento, a subjetividade dá lugar à objetividade do conhecimento, no aporte epistemológico do estruturalismo e dos estudos semióticos. Das filosofias da consciência chega-se às da linguagem: em Peirce e em Saussure, o caráter do signo como o âmbito do conhecimento do real, enquanto procedemos pensar o real, substituindo-o pelo seu signo ou esse pensar estruturado pela língua.

Interrompemos a recuperação do pensamento de GONZÁLES DE GÓMEZ para acompanhar um pouco mais de Charles Sanders Peirce, em sua teoria semiótica<sup>530</sup>, onde encontra os fundamentos do signo nele mesmo - o representamen, no que ele se refere – o objeto, e no interpretante. Peirce estabelece o termo representamen ao lado do de signo, e ao defini-los nos oferece ainda um recorte para o termo representação e dá o caráter relacional que tem entre objeto e interpretante: "Limitei a palavra *representação* à operação de um sinal ou a sua *relação* com o objeto *para* o intérprete da representação. O elemento concreto que representa eu chamo um sinal ou *representâmen*"<sup>531</sup>. Dito de outra maneira, o signo representa por "estar em lugar de, estar numa tal relação com um outro que, para certos propósitos, é considerado por

---

para poder comunicar nossos pensamentos uns aos outros, assim como para registrá-los em nosso próprio benefício".

<sup>528</sup> GONZÁLES DE GÓMEZ, Maria Nélide. **A representação do conhecimento e o conhecimento da representação**: algumas questões epistemológicas. In: Ci. Inf., Brasília, v. 22, n. 3, set./dez. 1993. P. 218.

<sup>529</sup> Ibidem, p. 220.

<sup>530</sup> PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977. (Estudos, 46).

<sup>531</sup> "I confine the word *representation* to the operation of a sign or its *relation* to the object *for* the interpreter of the representation. The concrete subject that represents I call a sign or a *representamen*." — C. S. Peirce, Lowell Lectures 1903, Collected Papers of Charles Sanders Peirce, v. 1, paragraph 540. REPRESENTAMEN. **Wikipedia**. Disponível em: <<http://en.wiktionary.org/wiki/representamen>>. Acesso em: 15 fev. 2015. Na tradução brasileira de 1977, o parágrafo 540 não corresponde a esse teor.

alguma mente como se fosse esse outro”<sup>532</sup>. Em outra passagem, Peirce oferece a definição para signo: “Qualquer coisa que conduz alguma coisa (seu *interpretante*) a referir-se a um objeto ao qual ela mesma se refere (seu *objeto*) [...]”<sup>533</sup>. E precisa a natureza do signo quanto ao objeto que representa: “O signo representa alguma coisa, seu objeto. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com *referência* a um tipo de ideia que eu, por vezes, denominei fundamento do representâmen. ‘Ideia’ deve aqui ser entendida num certo sentido platônico [...]”<sup>534</sup>.

Por sua vez, Charles Kay Ogden e Ivor Armstrong Richards, em *The meaning of Meaning*<sup>535</sup>, de 1923, empregam os termos *referente*, para o objeto, e *referência*, para o pensamento, trazendo novamente a nossa mente o termo representação, em que apresentar de novo ou de volta tipifica o caráter sígnico. Nos três termos (representâmen, referente e referência), a partícula re é uma constante, o elemento que atesta a relação substitutiva do signo, que está no lugar de outra coisa. O triângulo de referência (também conhecido como o triângulo de sentido e do triângulo semiótico) é um modelo de como símbolos linguísticos estão relacionadas com os objetos que representam. O triângulo foi publicado em *The Meaning of Meaning*. Embora muitas vezes referido como o “triângulo Ogden / Richards ” a ideia é também expressa em 1810, por Bernard Bolzano, em sua *Beiträge zu einer begründeteren Darstellung der Mathematik*. No entanto, o triângulo pode ser rastreado até ao século 4 aC, em *Peri Hermeneias* [Da interpretação], de Aristóteles (muitas vezes referida na sua tradução latina *De Interpretatione*, segundo livro de seu *Organon*). O Triângulo relaciona-se com o problema dos universais, um debate filosófico que dividiu os filósofos antigos e medievais (principalmente realistas e nominalistas). O triângulo descreve uma forma simplificada de relação entre o falante, como sujeito, um conceito, como objeto ou referente, e sua designação (sinal)<sup>536</sup>.

Abre-se para que a musealidade / patrimonialidade, sendo de natureza relacional, não absoluta, sendo interação entre sujeito interpretante, do seu entendimento do mundo,

---

<sup>532</sup> PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977. (Estudos, 46). P. 61.

<sup>533</sup> *Ibidem*, p. 74.

<sup>534</sup> *Ibidem*, p. 46.

<sup>535</sup> Há tradução em português, sob o título de **O significado de significado**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972. Para maior informação sobre semiótica, ver ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1980. (Estudos, 73). Para os precursores da perspectiva semiótica, da representação, Peirce cita Malebranche, Locke e Kant.

<sup>536</sup> TRIANGLE of reference. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Triangle\\_of\\_reference](http://en.wikipedia.org/wiki/Triangle_of_reference)>. Acesso em: 25 fev. 2015. A fonte observa que “muitos semioticistas atuais (incluindo [Umberto] Eco) [saudam] este trabalho como uma grande melhoria sobre a semiótica diádica de Saussure”.



tudo no processo de entendimento do mundo é significativa e significável, transformado em signo, seja ela, musealidade / patrimonialidade, portanto, de natureza semiótica, representativa.

No campo lexical da partícula **re**, voltemos a termos empregados por Peirce e Ogden & Richards. Referir (v.) data, em inglês, do século XIV, "retraçar, rastrear (a uma causa primeira), atribuir, ceder," a partir de *referer* francês antigo (séc. XIV) e diretamente de *referre* Latina "de se relacionar, se referem," literalmente "para levar de volta , "a partir de re-'de volta, de novo' (ver *re-*) + *ferre*" carregar "(ver inferir). Significado "se comprometer com alguma autoridade de decisão" é a partir de meados do séc. XV.; sensação de "dirigir (alguém) para um livro, etc." é de a partir de c.1600<sup>537</sup>. Referência (s.) dos anos 1580, "ato de referir," de referir + -ência, ou então a partir do francês *référence*, do latim medieval\* *referentia*, do latim *referentem* (nominativo *referens*), particípio presente de *referre*. Significado "direção a um livro ou passagem" é registrado a partir de 1610. Significando "testemunho" é de 1895. Livro de referência data de 1808. A frase "em referência a" é atestada nos anos 1590<sup>538</sup>. Referente (adj.) 1838, do latim *referentem* (nominativo *referens*), particípio presente de *referre*. Como substantivo, em inglês, ocorre desde 1844<sup>539</sup>. Relativo (sub.) final do séc. XIV, "um pronome relativo", do francês antigo *relatif* (séc. XIII), a partir do latim tardio *relativus* "com ou tendo referência ou relação", a partir do latim *relatus*, particípio passado de *referre* "referir-se". Significado de "pessoa da mesma família" [em inglês], registrado pela primeira vez nos anos 1650<sup>540</sup>.

Voltemos a GONZÁLES DE GÓMEZ, no percurso que traça sobre a representação. Com as circunstâncias da reflexão de caráter semiótico, o objeto que se diminuía à luz do sujeito reassume preponderância sob o caráter da objetividade: "No mundo

---

<sup>537</sup> refer (v.) late 14c., "to trace back (to a first cause), attribute, assign," from Old French *referer* (14c.) and directly from Latin *referre* "to relate, refer," literally "to carry back," from *re-* "back" (see *re-*) + *ferre* "carry" (see *infer*). Meaning "to commit to some authority for a decision" is from mid-15c.; sense of "to direct (someone) to a book, etc." is from c. 1600. Related: *Referred*; *referring*. HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: <[http://etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=refer&searchmode=none](http://etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=refer&searchmode=none)>. Acesso em: 12 fev. 2015.

<sup>538</sup> reference (n.) 1580s, "act of referring," from refer + -ance, or else from French *référence*, from Medieval Latin \**referentia*, from Latin *referentem* (nominative *referens*), present participle of *referre* (see refer). Meaning "direction to a book or passage" is recorded from 1610s. Meaning "testimonial" is from 1895. *Reference book* dates from 1808. Phrase *in reference to* is attested from 1590s. Ibidem.

<sup>539</sup> referent (adj.) 1838, from Latin *referentem* (nominative *referens*), present participle of *referre* (see refer). As a noun from 1844. Ibidem.

<sup>540</sup> relative (n.) late 14c., "a relative pronoun," from Old French *relatif* (13c.), from Late Latin *relativus* "having reference or relation," from Latin *relatus*, past participle of *referre* "to refer" (see refer). Meaning "person in the same family" first recorded 1650s. Ibidem.

contemporâneo, é enfatizado o produto do conhecimento e conhecimento objetivado<sup>541</sup>, público e publicado. Conforme Popper, a semiose, a produção de sentido, se autonomiza do sujeito: "O conhecimento em sentido objetivo é conhecimento sem conhecedor; é conhecimento sem sujeito que conheça"<sup>542</sup>. O signo do conhecimento se constitui na representação do conhecimento, representação considerável no interior do signo, nem mais do real, nem mais do sujeito<sup>543</sup>. A partir deste ponto, a autora se volta para a representação do conhecimento considerado pelo viés da informação<sup>544</sup>. Porém, antes de nos despedirmos do texto observado, cabe, ainda, trazer à aproximação ao nosso objeto dois aspectos constantes do artigo: 1) a reiteração, síntese e projeção que Gonzáles de Gómez faz dos momentos epistemológicos à informação que, como conceito, reflete as relações do pensamento com o real: "a informação concebida *in re*, como estrutura ou atributo de estados de coisas no mundo; a informação como *image*, no campo do intelecto ou da consciência e finalidade; a informação *in dito*, função da linguagem, do texto ou da razão escrita"<sup>545</sup>; 2) Os indicadores de um novo momento que se aproxima: talvez se possa considerar a emergência do tempo real das águas da navegação na rede global de informação como novo momento. Quando podemos experienciar o mundo, os eventos e os fenômenos dele e nele, sua realidade, em concomitância com seu acontecimento, ao mesmo tempo em que se essencializa se presentifica, o conhecimento "simultâneo" com o dado a conhecer, imediatamente recém-produzido, deixa espaço para a cognição co-respondente? Estabelece possibilidade de relação ou re-presentação, ou tem-se um absoluto? O tempo real trás a imagem remota de espaços que, pela dimensão da tela, único requadro da distância

---

<sup>541</sup> GONZÁLEZ DE GOMEZ, Maria Nélide. **A representação do conhecimento e o conhecimento da representação**: algumas questões epistemológicas. In: Ci. Inf., Brasília, v. 22, n. 3, set./dez. 1993. p. 219.

<sup>542</sup> POPPER, p. 1116. Apud GONZÁLES DE GÓMEZ, op. cit., p. 220.

<sup>543</sup> Para efeito de recorte e reserva de assunto que imbrica com outras vertentes da Patrimoniologia / Museologia, transcrevemos o que GONZALES DE GÓMEZ, por sua vez, à p. 220, destacara do argumento de VICKERY, p. 145, sobre Documentação: "A representação do conhecimento na forma simbólica é uma questão que preocupou o mundo da documentação desde sua origem. O problema é relevante agora em muitas outras situações além dos documentos e índices. A estrutura de registros e arquivos em bases de dados; a estrutura de dados nos programas de computador; a estrutura sintática e semântica da linguagem natural; a representação do conhecimento em inteligência artificial; os modelos de memória humana: em todos estes campos é necessário decidir como o conhecimento pode ser representado de forma que as representações possam ser manipuladas".

<sup>544</sup> GONZÁLEZ DE GOMEZ, op.cit., p. 221. [...] "desenha-se, em torno da questão da representação, um campo interdisciplinar que reúne, ao menos, as ciências do conhecimento, da linguagem, da informação e suas interfaces com as novas tecnologias". Por outro lado, o tratamento da representação no quadro operacional da recuperação da informação, como metalinguagem, perde, em parte, seu objeto de referência. As representações nos documentos e outros itens de informação (classificações, índices, cadastros e catálogos) e os conteúdos representacionais aos quais remetem (textuais, icônicos, sonoros) não se colocarão mais frente a frente como duas ordens da representação. A diversidade dos códigos das interpretações representacionais, assemelhados em sua base semiótica, serão agora pluralidades simultâneas e da mesma ordem: agregados de camadas de signos referenciando- se umas às outras, sem exemplares nem níveis privilegiados". Grifo nosso.

<sup>545</sup> Ibidem, p. 221.

do real des-velado, por uma câmera, um olho eletrônico, digital, este meio de acesso ao remoto do espaço, mas em tempo presencial. Antes, aguardávamos pela informação, pela representação dos fatos do mundo, mas, agora, podemos assisti-los a todos, agora! E mesmo quando, no YouTube, vemos, em re-visão, o acontecido, em tudo vemos um tempo intuído como consentâneo, um tempo que persiste na imagem do acontecimento, que é. O evento, o acontecimento, o fenômeno, parece ser a essência de outro modo de conhecer: nem coisa em si, nem sujeito - objeto, nem linguagem, em termos absolutos, mas a presença do que se institui como ente, no momento em que acontece e se dá a conhecer. Parafraseando Mc Luhan, o fenômeno é mensagem.

Este modo, universalizado, não sucede aos demais, nem os substitui, sendo a maneira, o método pelo que, a instâncias, consideramos o mundo. Em tempo real, pensamos o mundo enquanto atividade, mesmo imaginado, tornado imagem digital, o espaço apresentado é também o re-presentado (a invasão de Bagdá, por exemplo, é tanto um ataque, a invasão de uma cidade [a capital iraquiana], pelos militares [norte-americanos], quanto uma expressão de imperialismo, de ação bélica, de ingresso estrangeiro a um território nacional). O *local e o cultural*, apontados por GONZÁLES DE GÓMEZ, encontram-se no tempo real, do acontecimento com o concebedor, no entendimento da concomitância, entre o ente e o fenômeno.

Mas, seriam momentos, sucessivos, cada um ultrapassando o anterior ou, antes, seriam modos de conhecimento, que não suporiam exclusão ou negação?

### 3.3 A representação: a título de argumento museístico

Abordando o tema proposto pelo ICOFOM para o simpósio ocorrido em Leiden, Holanda, no ano de 1984, sobre o tema do coletar ou do colecionar na área museística, Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, em parte de sua contribuição, utiliza o princípio da representatividade como identificador daquilo que se viria a coletar para o acervo de Museu. Conceitua o termo como o que o objeto [...] “deve tornar presente alguma coisa, alguém, um fato, um período, um processo”<sup>546</sup>. Para a autora, a representatividade contempla dois caracteres, o da testemunhalidade e da documentalidade<sup>547</sup>. O sufixo

---

<sup>546</sup> GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. In: ICOM – ICOFOM. **Symposium Collecting Today for Tomorrow**. Leiden: ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, 1984. (ISS: ICOFOM STUDY SERIES, n. 6). p. 55. [...] “doit rendre présente quelque chose, quelqu’un, un fait, une période, un processus”.

<sup>547</sup> Ibidem, loc. cit. Na análise da autora, compreendida no seio das ciências sociais, da qual é egressa, os dois elementos “são muitos ligados à relação de significação” (“sont très attaches au rapport de signification.”).

*dade / idade* acrescido a uma palavra cria um substantivo abstrato, com a ideia de estado, situação, condição ou quantidade. A condição de testemunhar, ou testemunhal, na concepção de Guarnieri, equivale a um valor de testemunho, “condição sem o que não pode haver musealização de objetos”<sup>548</sup>, enquanto informante de algo ou de alguém.

A outra condição, da documentalidade, responde ao poder de ensinar, de dar a saber. Relacionada com a informação a ser transmitida, se constitui na mensagem, o caráter testemunhal é o de fazer presente pelo vestígio daquilo ou naquilo que se mantém, que *persiste*, que remanesce. Um aspecto em si, qualidade da coisa testemunhal, testificadora de “algo, alguém, um fato, um período, um processo”<sup>549</sup>. O documento, portanto, presentifica.

A advertência de Guarnieri sobre o fundamento da representatividade consiste em se assegurar a qualidade de o objeto ser verdadeiro, ser fiel, o que nos recorda Heidegger, para quem a verdade é a conformidade com as coisas<sup>550</sup>, com o fenômeno, com o real. Ressalva a museóloga que a fidelidade, o verdadeiro e o autêntico, são conceitos tomados [...] “no sentido da relação entre o objeto real e sua mensagem, entre o objeto – comunicação e a leitura do homem” e que nesse sentido não implica a fidelidade do objeto em si mesmo, considerando que “um modelo pode ser tão verdadeiro quanto um objeto antigo e autêntico”<sup>551</sup>.

### 3.4 A representação: argumento filosófico

Desde 1819, a filosofia ocidental, pela contribuição de Arthur Schopenhauer, de modo argumentado especificamente, assume o corpo das coisas, do homem, como objeto, essência de vontade, enquanto corpo em si, ao mesmo tempo em que esse corpo é tomado como representado, conceituado, no e pelo entendimento humano<sup>552</sup>. O mundo é experimentado pelo homem como percebido e racionalizado, isto é, apreendido em

---

<sup>548</sup> GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. In: ICOM – ICOFOM. **Symposium Collecting Today for Tomorrow**. Leiden: ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, 1984. (ISS: ICOFOM STUDY SERIES, n. 6). P. 55. [...] “é condição indispensável da musealização dos objetos” (“est condition ‘sine qua’ de la muséalisation des objets:”).

<sup>549</sup> Ibidem, loc. cit. [...] “quelque chose, quelqu’un, un fait, une période, un processus”. “alguma coisa, alguém, um fato, um período, um processo.”

<sup>550</sup> HEIDEGGER, Martin. **O que é uma coisa?** Lisboa; Rio de Janeiro: Edições 70, 1992. p. 42.

<sup>551</sup> GUARNIERI, op.cit., p. 55. [...] “un ‘modèle’ peut être si vrai qu’un objet ancien et authentique [...] au sens de rapport entre l’objet réel et son message, entre l’objet-communication et la lecture de l’homme”.

<sup>552</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

última instância por princípios da consciência<sup>553</sup>. Enquanto tudo é vontade, as representações dela e do mundo se manifestam, porém, apenas sendo concebidas como tais ao se tomarem os fenômenos em considerações de busca de seus entendimentos. Tal entendimento, enquanto representação, não pode representar absolutos, apenas relativos, ligado a um par que justifica o binômio percebido-entendido. Tomando certas concepções kantianas (e mais remotamente platônicas), Schopenhauer supõe o universo numênico, contraponto ao fenomênico, (conforme estabelecera Kant), onde as ideias e o que é transcendental, com existência autônoma em relação ao mundo físico e essencial e próprio ao ser, reafirmando a subjetividade introduzida por René Descartes. Arguindo os apriorísticos kantianos, de tempo, de espaço, Schopenhauer proporciona o terceiro termo, da matéria, e do relacionamento entre os três elementos, implicando em causalidade.

“O mundo é minha representação”: é a frase inaugural da obra **O mundo como vontade e representação**, de Arthur Schopenhauer<sup>554</sup>, no primeiro dos quatro livros que compõem a obra, parte essa dedicada à teoria do conhecimento. O que os olhos veem, no homem, pode vir a se constituir conhecimento abstrato e refletido, o que funda o espírito filosófico, segundo o autor. O mundo existe na relação com o ser que o percebe, em toda experiência possível e imaginável. E, conforme essa essência, tal relação precede as formas do princípio da razão – tempo, espaço e causalidade. A essência da representação, assim, se antecipa ao entendimento racional que, por isso não se confunde com a representação em si, neste caso somente representação relativa. No livro terceiro desta sua obra, Schopenhauer discorrerá sobre a representação ideal, absoluta, que a arte dá do mundo, por exemplo, em contraste com o particular relacional do entendimento que empreendemos correntemente, já que, através dos fenômenos, não experienciamos as coisas em si.

Surge o nome de Descartes associado ao ceticismo quanto ao mundo, prosseguindo na atribuição da primazia de Berkeley à consideração da representação<sup>555</sup>. Admirador da filosofia hindu, o filósofo alemão recupera o que, no pensamento vedanta, se postula sobre a relação:

O dogma essencial da escola vedanta consistia não em negar a existência da matéria, isto é, da solidez, da impenetrabilidade, da

---

<sup>553</sup> Sob a égide da supremacia cartesiana do *cogito*.

<sup>554</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001. p. 9.

<sup>555</sup> Ibidem, loc.cit.

extensão (negação que, com efeito, seria absurda), mas apenas corrigir a opinião comum sobre este ponto, e sustentar que essa matéria não tem uma realidade independente da percepção do espírito, sendo existência e perceptibilidade dois termos equivalentes<sup>556</sup>.

Realismo empírico - o que do real percebemos, e idealismo transcendental - o que há para além do perceptível, fenomenológico: tal a síntese da concepção representacional do mundo. E isso o ser humano opera por sua vontade, resultando que, então, “o mundo é a minha vontade”<sup>557</sup>.

O mundo tem a propriedade de ser pensado e dentre os objetos presentes no mundo temos já o nosso próprio corpo. Mas se o mundo é representação e é vontade, não há efetivamente realidade, para Schopenhauer. O sujeito, conhecedor, [...] “é o *substratum* do mundo, a condição invariável, sempre subentendida de todo fenômeno, de todo objeto, visto que tudo o que existe, existe apenas para o sujeito”<sup>558</sup>. Consubstanciam-se aqui as “duas metades essenciais e inseparáveis”<sup>559</sup> do mundo: o objeto, conformado pelo espaço e tempo, pela pluralidade; o sujeito, uno e indivisível, cada ser perceptivo que, como entidade, não se conforma em espaço e tempo (apenas o seu corpo). Há uma afirmação do pensador que se destaca para este trabalho. [...] “mas, se este único sujeito que percebe desaparece, ao mesmo tempo, o mundo concebido como representação desaparece também”<sup>560</sup>.

Distingue entre representações do estado intuitivo e as do estado abstrato. As representações da ordem abstrata formam a classe dos conceitos cuja capacidade de formulação o autor apenas identifica no homem, a razão, que os demais animais não teriam. Considerada a ordem intuitiva, Schopenhauer, retomando Kant, identifica que em todo fenômeno o ente que o percebe lhe aplica as noções de espaço e de tempo, sejam esses termos pensados abstratamente quanto ausentes de conteúdo. Essas

---

<sup>556</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001. p.10. Não seria precoce recordar que Charles Sanders Peirce, concebendo a semiótica, os signos, nomeia o signo, ele mesmo, como *representâmen*. E que Ogden e Richards designaram ao interpretante como *referência* e ao objeto como *referente*. Por suas teorias, tomamos o mundo fenomenologicamente percebido como referente, operando-o através de uma sua referência pelo que finalizamos por obtermos um substituinte, sígnico, o representâmen, a representação. Talvez essa matéria de que se fala seja uma base significante do mundo a que concorremos, pelo processo de significação, com o significado, com o conceito (cf. Saussure).

<sup>557</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>558</sup> Ibidem, p.11.

<sup>559</sup> Ibidem, loc. cit. Acompanhando a teoria, um conhecedor (sujeito) que tem em seu corpo o primeiro objeto, imediato (objeto), associando-se essas duas partes ter-se-ia a representação do sujeito para si, identidade, uma representação de seu mundo subjetivo, o “eu”. Atente-se para o par, para a relação que define o mundo: o homem e o mundo representado, lembrando da definição do objeto da Museologia para Stránský: o valor da ou na relação entre o homem e a realidade. Para ajuste ao pensamento de Schopenhauer, poderíamos reescrever a postulação como: o valor da ou na relação entre o homem e o mundo e que passaremos a adotar, pelo menos na intenção de equivalência entre realidade e mundo.

<sup>560</sup> Ibidem, loc.cit.

“formas gerais da intuição sensível” podem, segundo Kant, ser atingidas abstratamente, sem experiência. Pelo princípio da razão, a experiência toma sentido pela lei da causalidade e de motivação, e empreende-se pela lei da justificação aos juízos. Algo como o termo “valor”, em Stránský, associado à relação do homem com a realidade do mundo, um julgamento de um homem sobre a relação de outro(s) homem(ns), pelo que a experiência é avaliada numa instância como intuitiva para noutra ser estabelecida como abstração. Detendo-se sobre o tempo, Schopenhauer argumenta que apenas temos o presente, que destrói o momento precedente para logo também ser passado. O presente, assim, é um limite, mas sem extensão e sem duração entre dois momentos. O tempo entende-se em sucessão de presentes. Quanto ao espaço, de modo semelhante, pode argumentar o mesmo, que se trata de uma extensão fugidia: o que está no limite de outro espaço ou recorte em outro espaço. Tal o caráter relativo, de tempo e espaço. Lembrando a relatividade em Einstein, o definidor do evento, sua temporalidade e espacialidade, é o observador, pelo que não são elementos absolutos. Citando Heráclito - e o fluxo eterno das coisas, Platão – para quem a realidade é um devir, que jamais chega, Spinoza – sendo as coisas acidentes da substância, Kant – cujo conceito de “coisa em si” esclarece o que conhecemos como fenomenal, e a sabedoria indiana – o véu da ilusão, que é Maya. Com Heidegger veremos o termo *véu* associado ao termo desvelamento, pelo que até então se concebia a verdade ou realidade, *alethéia*. Para ele, o desvelamento trata da contraparte do esquecimento, *lethe*.

O tempo, o percebemos pelo princípio da razão enquanto sucessão e o espaço pela situação<sup>561</sup>. Sendo termos relacionais, supõem transitoriedade, determinada por motivo ou causa. A lei da causalidade, forma do princípio da razão, tem sua perceptibilidade na matéria<sup>562</sup>. “Toda a realidade da matéria reside, com efeito, na sua atividade”<sup>563</sup> e tal atividade se dá em espaço e em tempo: pelo material, a ação sobre o objeto cria a percepção. Conclui que a essência da matéria é ser causa e efeito, seu **ser** se constituindo somente em sua atividade<sup>564</sup> e, em decorrência, depende do conhecimento

---

<sup>561</sup> Interessante o uso do radical de *posição* no termo *dispositivo* de Foucault, explorado por Agamben. É possível se refletir que a *situação* independa do observador conquanto *dispor* implique em um posicionamento intencionado.

<sup>562</sup> Ver a discussão dos conceitos de tempo, espaço, matéria e movimento e de matéria, vida, espaço e tempo, no capítulo 3 desta tese, superpondo a escolha por essas categorias por Scheiner e Ramirez-Vázquez e Scheine, respectivamente.

<sup>563</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001. p. 15. E nos recordamos da *energeia*, da essência aristotélica.

<sup>564</sup> O autor observa que no idioma alemão o conjunto das coisas materiais preferível a *Realität* é *Wirklichkeit*, cujo radical, *wirken*, significa agir. SCHOPENHAUER, op. cit. p. 15. Em nota de rodapé, o seguinte

do espaço e tempo para ser percebida. Recorde-se que, segundo a postulação kantiana, assumida por Schopenhauer, espaço e tempo são apriorísticos, podendo existir independentemente da matéria. Atividade implica em mudança, na extensão (tempo) e na situação (espaço). Conceba-se que todos os fenômenos possam coexistir no infinito espaço e se sucederem no infinito tempo, pelo que se deve considerar que a causalidade **seja** independente destas formas. No entanto, da especificidade, em um fenômeno, de sua atividade percebida em um tempo e espaço é que ele se torna inteligível. Pensando com Heidegger, do universo de todas as possibilidades, algo que se presentifica, se evidencia, e esse evidente é o definido no processo fenomênico como extenso e situado. A duração

[...] apenas é inteligível pelo contraste entre aquilo que muda e aquilo que permanece; do mesmo modo, é a antítese do permanente e do variável que caracteriza a mudança ou modificação na qualidade e na forma, ao mesmo tempo [em] que a fixidez na substância, que é a matéria. Se ao mundo existisse unicamente no espaço, seria rígido e imóvel: não haveria sucessão, nem mudança, nem ação; uma vez suprimida a ação, a matéria sê-lo-ia do mesmo modo. Se o mundo existisse unicamente no tempo, tudo se tornaria fugidio; então, não haveria permanência, nem justaposição, nem simultaneidade, e, por consequência, não haveria duração; também não haveria matéria como há pouco. É da combinação do tempo e do espaço que resulta a matéria, que é a possibilidade da existência simultânea; a duração também daí deriva e torna possível, por sua vez, a permanência da substância sob a mudança de estados<sup>565</sup>.

Pela lei da causalidade é que um estado se determina como existente em certo lugar e momento e, sendo tempo e espaço formas do pensamento, conhecidas *a priori* (fora do fenômeno, do percebido), também são apriorísticas algumas propriedades: preenchimento do espaço, impenetrabilidade – atividade, extensão, divisibilidade infinita, permanência – indestrutibilidade, mobilidade. Schopenhauer excetua a percepção do peso, que considera *a posteriori*.

Para cada sujeito o objeto, em sua re-presentação; para cada classe de re-presentações, uma função relacionada, designada faculdade intelectual, sendo o *entendimento* a faculdade correspondente à causalidade, à matéria. O ato do pensamento que conhece pelas causas é intuitivo, imediato, e também intelectual,

---

pensamento de Sêneca, Epistulae, 81: “Admirável é a propriedade das palavras em determinadas situações e a utilização de uma palavra antiga produz conhecimentos muito eficazes”.

<sup>565</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001. p.16 - 17. Em nota de rodapé, à página 17, dá-se a definição de matéria para Kant: “aquilo que se move no espaço”, visto que o movimento resulta da combinação do espaço e do tempo”. Chamamos a atenção, nesse trecho transcrito, sobre elementos para discussão de interesse para a Museologia / Patrimoniologia. Grifos nossos.



reflexivo, já que implica em relacionar os efeitos. E por essa capacidade, por um par percebido de causa e efeito se pode intuir sobre todos os outros similares.

“Se, como representação, o mundo apenas existe pelo entendimento, ele também só existe para o entendimento”<sup>566</sup>. A experiência do mundo, sua intuição, se dá pelo entendimento das causas e efeitos, não se tratando de “dados” oferecidos aos sentidos, implicando a ordem intelectual.

### 3.5 Especulação

Cada um de nós, e todos nós, entes humanos, chegamos a um mundo dado, em meio a uma realidade na qual somos ingressantes e da qual somos integrantes. Nosso relacionamento, isto é, nossa parceria com as existências vem a se constituir um pacto em que devemos admitir essas mesmas existências, desde a nossa, como princípio de individuação, como com cada uma das coisas que, percebidas, são apropriadas em nós, processo de representação do existente em nós. Por hábito, adestramento adaptativo, vamos assumindo as maneiras pelas quais quem chegou antes de nós no mundo o representou. Já, por si, o elenco representacional estabelece um patrimônio “operacional”, que permite o estabelecimento e modos de relação com a realidade. Paralelamente, por acomodação nos ajustamos ao dado prévio sobre o mundo de forma que nos inserimos nele sem o questionarmos. Não se fala da acomodação por prostração, mas por ajuste. Ainda, recordemos, que acessamos esse mundo, cada vez mais complexo para ser imediatamente e simplesmente entendido, justificando que, por hábito e acomodação, aceitemos sem questionar e deixemos de nos questionar sobre o mundo ou sobre o que é dado sobre o mundo. Quando crianças, ao nos darmos conta de nossa subjetividade, principiamos a objetivar o mundo e, em nossa busca pela objetividade, perguntamos insistentemente sobre os “porquês”. Hábitos e acomodações, boa parte das vezes, atuam como procedimento de assunção das respostas, prontas, acabadas, às quais desistimos de continuar perguntando. Mas, sobre o que perguntamos? Como perguntamos sobre o real? Como inquirimos o que, antes de nós, se pusera como equivalência na consideração humana para a realidade? Como creditamos e reputamos o que encontramos para considerar o mundo? A(s) linguagem(s) é (são), afinal, intermediária(s) entre o pensado e o conhecido?

---

<sup>566</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001. P. 19.

Sabedores de que o ente não se situa em espaço e em tempo, mas também que sua representação se dá através de um corpo, este definido em espaço e tempo, causalmente nascido e mortal, se o sujeito não fixar a sua representação, ela e o mundo a que se prende desaparecerão. Quanto de diversos, inúmeros sujeitos não se perde pela falta de fixação da representação? O quanto de representação foi fixado, porém sem que outros sujeitos, em corpos em outros espaços e tempos, plurais, não foi interpretado como tal? E, ainda, quanto, das possibilidades e imaginabilidades do que se fixou representado se abre a novas representações, dado o caráter uno dos sujeitos concebedores?

Retomando a argumentação de Schopenhauer, sujeito e objeto são as duas metades do mundo, cada uma delas só [...] “é real e inteligível pela outra e para a outra; elas existem e deixam de existir em conjunto. [...] o sujeito acaba onde começa o objeto [...] todas as formas essenciais a qualquer objeto – tempo, espaço e causalidade – podem tirar-se e deduzir-se inteiramente do próprio sujeito, abstração feita do objeto”<sup>567</sup>, que essas formas [tempo e espaço] se encontram *a priori* em nossa consciência, conforme Kant. Schopenhauer reúne essas três formas essenciais no *princípio da razão*. [...] “um objeto qualquer está necessariamente ligado a outros, sendo determinado por eles e determinando-os por sua vez. Esta lei é tão verdadeira que toda realidade dos objetos enquanto objetos ou simples representações consiste unicamente nesta relação de determinação necessária e recíproca: esta realidade é puramente relativa”<sup>568</sup>. Mediante a reafirmação da relatividade da realidade, em mais um turno lemos a definição do objeto da Museologia para Stránský: parafraseando-o, poderíamos obter que a relação do homem com o mundo estabelece uma realidade, subjetiva, metarrealidade, que, de acordo com o valor atribuído em cada par relacional teríamos as realidades estabelecidas. Ora, se é do homem, consciente, re-presentar o mundo através de seus objetos, apenas em termos absolutos podemos saber como ele entende, conhece, concebe o mundo se for exposto, dado, fixado, pelo menos narrado a outrem. Estudar a relação do homem com o mundo, talvez, seja desdobramento do estudo da essência do **ser no mundo**. Tendo que, seja na filosofia grega ou na hindu, a relação do pensamento dos filósofos com a existência ficou registrada em escritos, tanto o sujeito pensa o seu objeto como sobre ele discorre. Re-presentando, e fixando sua representação, o pensado escapou de desaparecer, produto da consciência, de

---

<sup>567</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001. P.11-12.

<sup>568</sup> Ibidem, p. 12.

intencionalidade, da vontade, de um ente, ultrapassando o desaparecimento de seu objeto imediato, seu corpo, e dar certa segurança à persistência do que refletiu sobre a existência. O mundo está aberto a ser entendido, ser inteligível, pelo que podemos ter a intelecção do mundo, sua re-presentação, pela “propriedade de ser pensado”.

A definição do objeto da Museologia em Stránský merece ser reconsiderada e eventualmente substituída. Em termos hipotéticos, tal reconsideração poderia ser mais extensiva, posto que os eixos Homem e Realidade são bastante amplos e podem ser objeto de diversas disciplinas. Em acréscimo, tem-se que o campo lida com determinadas escolhas e com persistências em boa parte consagradas em instituições congêneres a museus, donde as Relações entre Homem e Realidade não seriam de quaisquer tipos, mas por um recorte ou abordagem específicos, pelo que retomamos o nosso enunciado de objeto da Museologia: o estudo da fixação da re-presentação da Realidade ou do Mundo: o Homem percebendo o Real o re-presenta sob diversos modos, do simbólico ao utilitário, do conceitual ao pragmático, e fixa tais re-presentações, desde ritos, palavras, artefatos, passando por publicações e outros modos de registro. Muitos desses, filtrados ou escolhidos, ou separados, são reunidos em arquivos, bibliotecas e museus e, mais contemporaneamente, em espaços cibernéticos. Por essa via, entende-se quando Bernard DELOCHE<sup>569</sup> afirma que a Museologia é um ramo da Filosofia que funda uma ciência documentária. Ainda tateando a questão, o que se torna fixo no re-presentado se define em termos gerais como memorial, patrimonial, museal, e vem a ser incorporado a um conjunto relacional que, por sua vez, se consideraria, sob certas análises, como documento. O documento, por seu turno, ao ser processado informacionalmente, preservacionalmente e comunicacionalmente, seria tomado nessa dimensão documental a ser tratado documentariamente, enquanto desdobramento científico a partir da formulação filosófica, mediante DELOCHE, repita-se.

---

<sup>569</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.

## CAPÍTULO 4

# ESPECULANDO SOBRE A CONSCIÊNCIA PATRIMONIAL – MUSEAL<sup>570</sup>

Aproximando-nos da questão da consciência, uma admissão é a sua existência e, no caso da consciência particular que abordaremos, a da patrimonial / museal, buscando especular sobre o que é em si, o que seja em si, em direção ao que lhe seja o fundamento constituinte. Se “eu sei que não sei”, pelo *cogito ergo sum* sabe-se ser, porque se pensa sobre o que não se sabe, afirmando nossa existência ao procurar resposta para o ignorado, com a consciência do que não se tem resposta. O ponto em que nos situamos e podemos considerar como angular entre cada um e todos os elementos relativos (existente, essente, ignorado e pensável) a uma discussão é a ponderação de: a) Saber que sabe (e o que não se sabe e o que se pode vir a saber, b) saber quem sabe, c) saber do que se sabe. Do que subjaz dos três apontamentos “a”, “b” e “c” apontados neste parágrafo, o “a”, o saber que se sabe, procurou-se constituir no primeiro capítulo desta tese, enquanto que se buscou saber através de quem com Heidegger, na projeção do capítulo da Patrimoniologia como Filosofia. Resta a terceira porção, o saber do que se sabe, que constituirá a especulação sobre a consciência do se identificar / saber o patrimonial / museal, olhando para a conceituação filosófica de zumbi, a subjetividade e a consciência em termos da experiência fenomenal.

Antes de entrarmos na discussão, inicialmente dispomos o reparo de que trataremos de aspectos sobre a consciência nos entes humanos. Estudos têm intensificado a compreensão de que há outros animais conscientes e autoconscientes. Apropriando-se dessa abordagem, citamos um artigo científico, da Universidade de Búfalo (2009), Nova Iorque, EUA<sup>571</sup>, e duas apropriações em trabalhos de conclusão de curso de Museologia, de Bruna Costa Queiroz da Cruz (2009)<sup>572</sup> e de Marcella Faustino Fernandes Bacha (2013)<sup>573</sup>. Outra menção a outro aspecto relevante, infelizmente não

---

<sup>570</sup> Parte do trabalho final *η κληρονομιά όπως φιλοσοφία / I κληρονομιά όπως filosofia / O patrimônio como filosofia*, apresentado à disciplina Teoria do Patrimônio, 1/2012, ministrada pela profa. dra. Tereza Cristina Moletta Scheiner, do PPG-PMUS, UNIRIO/MAST, em dezembro de 2012.

<sup>571</sup> EVIDENCE Points to Conscious 'Metacognition' In Some Nonhuman Animals. University at Buffalo. **Science Daily**, 15 September 2009. Disponível em: <<http://www.sciencedaily.com/releases/2009/09/090914172644.htm>>. Acesso em: 22 jan 2013.

<sup>572</sup> CRUZ, Bruna Costa Queiroz da. Das Baías Austrais aos *baianos*: por uma teoria delílica da museologia. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) - Escola de Museologia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

<sup>573</sup> BACHA, Marcella Faustino Fernandes. **A baleia em primeira pessoa**: iconografia, história, cultura e memória. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Escola de Museologia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

trabalhado, diz respeito à consciência da morte que o homem (e parece que os golfinhos também) tem.

A questão da constituição ontológica de “fim” e “totalidade”, obriga a tarefa de uma análise positiva dos fenômenos da existência até aqui postergados. No centro destas considerações, acha-se a caracterização ontológica do ser-para-o-fim em sentido próprio da presença e a conquista de um conceito existencial da morte<sup>574</sup>.

Na circunscrição do ponto de partida que para nós é Stránský, de **Archeologie a muzeologie**, transcrevemos um trecho que nos parece concitar à relação entre existência e consciência, o pensável, talvez:

[...] como consideramos somente o que podemos ver, tocar, medir e pesar, exorcizamos como insensatos os termos como alma ou espírito. Como declara o físico subatômico Fritjof Capra, é essencial acabar com a oposição entre massa e espírito. “*A consciência e a existência geral de subjetividade dos sistemas da natureza – diz Miloslav Král – está baseada na realidade muito mais profundamente do que foi o acidental epifenômeno ocasional da psiquê humana no inconsciente (cego) cosmos da ciência clássica*”<sup>575</sup>.

Citando P. Howard, Stránský aponta que “O autor chama a atenção para o fato de que o patrimônio cultural não está apenas relacionado à cultura material, mas, principalmente, à consciência [consciousness e awareness] cultural pessoal e transpessoal”<sup>576</sup>.

## 4.1 Patrimônio consciente? Gauleses e Asterix

Propomos trazer novamente à consideração o questionamento de Davallon<sup>577</sup> e sua demanda do tratamento filosófico do Patrimônio. Relata-nos uma experiência francesa, governamental. Ainda que o poder ou a governança sejam instituições sociais, são da sociedade e não a sociedade. Por exemplo, uma ação de governo pode ter caráter de propaganda, e para o exterior a um país, nada tendo a ver com a sociedade nacional. Ou ainda, os aspectos ideológicos com que se fundem ações nacionais, similarmemente podem não ter ou ser de natureza social, mas política. Considerado o dado, em 1987, o

---

<sup>574</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1997. v.2, p. 17. Ver também DUARTE, Rodrigo; NAVES, Gilzane. **O ser-para-a-morte em Heidegger**. Revista da Católica [de Uberlândia], n.4, v. 2, p. 64 -82, 2006.19 p. Disponível em: <<http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosn4v2/06-filosofia.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2015. Grifos nossos.

<sup>575</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p. 106. Referencia: (CAPRA 1992, 1993, 2002, KRÁL 1994, 1998).

<sup>576</sup> Ibidem, p. 265. “According to P. Howard [...] The author draws attention to the fact that cultural heritage is not only related to material culture, but [sic] primarily to personal and a transpersonal cultural consciousness and awareness”.

<sup>577</sup> DAVALLON, Jean. **Le Don du Patrimoine: une approche communicationnelle de la patrimonialisation**. Paris: Lavoisier, 2006. (Collection Communication, Médiation et Construits Sociaux).

Ministério da Cultura e da Comunicação de França lança um plano de valorização dos grandes sítios arqueológicos, sítios esses há muito abandonados<sup>578</sup>: dar valor àquilo que não o tem ou o perdeu ou o viu diminuir.

E esse Plano permanece uma boa ilustração, segundo o autor, das modificações ocorridas ao longo dos anos 1980 quanto à maneira de pensar o Patrimônio - por associar à restauração um programa de comunicação com o público, para “comunicar o patrimônio”. Para Davallon, a nova orientação se dá na consideração do público, explicitamente ao lado da dimensão científica ou do valor estético do patrimônio. Assim, a frequência pública se tornou um dos critérios da valorização<sup>579</sup>. Valor científico, valor estético, valor comunicacional. E quanto ao valor social, pertencimento, identidade, reconhecimento histórico, o patrimônio no matrimônio<sup>580</sup> inter-temporal, inter-espacial, inter-cultural, inter-pessoal, intra-personalizado. Em suma o patrimônio subjetivado, egocizado, em que o do outro - herança, digamos - se apropriada como de uma pessoa e ela o adicione a ele – desde a sua carga emocional ou memorial – e ele, patrimônio, por matrimônio com aquela pessoa, gesta e procria...

Seria interessante levantar o que ocorria no pensamento político-governamental e no cenário de por volta de 1987 em França, para tentar compreender a decisão inclusiva assumida com relação ao público, à sociedade. Parece-nos difícil aceitar ter sido uma medida exclusiva atinente à arqueologia francesa, pelo que entender as políticas do período pode ser significativo. Pelo Plano francês de 1987 passa-se a considerar o público com o qual se comunicará o Patrimônio, não mais restrito à produção científica ou à estética. O Plano tem em vista sítios “há muito abandonados”, sítios arqueológicos que abrangem ocupação humana de cerca de 35.000 a.C à Idade Média, de nômades da Pré- História passando por *oppida* gaulesas e localidades romanas. Peguemos nesse

---

<sup>578</sup> DAVALLON, Jean. **Le Don du Patrimoine**: une approche communicationnelle de la patrimonialisation. Paris: Lavoisier, 2006. (Collection Communication, Médiation et Construits Sociaux). P. 33, nota de rodapé 1. "Il s'agissait de Bibracte, Alésia, Mégalithisme en Morbihan, Argentomagnus, Pincevent, Grand, St Bertrand de Comminges, Bavay, Entremont, Glanum, Mont Bégo, Rougiers, Parc archéologique de Lyon, St Romain en Gal. Un article d'Olivier Favreau ("Archéologier: montrer des resultants pour convaincre", Prisme 1, févr. 1988, p.25-27) présentait un bon exposé de la problématique de la communication de ce patrimoine archéologique."

<sup>579</sup> Ibidem, loc.cit. "En 1987, Le ministère de la Culture et de la Communication lançait le "Plan patrimoine de mise en valeur des grands sites archéologiques" portant sur quatorze "grands" sites archéologiques considérés comme trop longtemps délaissés. Ce plan est encore aujourd'hui un des plus belles illustrations des modifications intervenues, au cours des années quatre-vingts, dans la façon de penser le patrimoine: ne proposait-il pas en effet d'adjoindre à toute restauration de sites ou de monuments une mise en communication à destination du public? L'usage de l'expression "communiquer le patrimoine" était en soi révélateur des nouvelles orientations: la prise en compte du public prenait ouvertement place à cote de la dimension scientifique ou de la valeur esthétique du patrimoine, tandis que la fréquentation devenait un des critères de mesure de la mise en valeur."

<sup>580</sup> A apresentação do termo matrimônio e sua relação com Patrimônio é objeto de outro capítulo desta tese. Destacamos o aspecto vertical, intergeracional, da relação patrimonial e do horizontal no matrimonial.

âmbito o caso das evidências arqueológicas relacionadas aos gauleses, e destes com os romanos e, entre eles, a derrocada gaulesa. Mas que gauleses? Gauleses de onde? Gauleses de quem? O que é essa *galiedade* (condição gaulesa) francesa?

Abaixo a realeza! Por uma França gaulesa! O Ministério das Relações Exteriores da França, em seu portal na internet transcreve texto de outra instituição francesa, LA DOCUMENTATION FRANÇAISE<sup>581</sup>, denominado “**De Alésia a Asterix: o patrimônio gaulês**”, original de 2008<sup>582</sup>. Vinte anos depois do Plano de 1987, como assume uma entidade do Estado francês a questão do Patrimônio gaulês? Melhor ler a sua íntegra, na que grifamos algumas expressões, destacando o que e como se assume a galiedade do francês.

Por muitos anos, o francês viu os gauleses como "nossos antepassados". Isso começou com a Revolução Francesa, quando os revolucionários tiveram que escolher entre a origem franca do Francês (Clovis [Chlodovech], fundador da monarquia que estavam abolindo) e *outro povo, os gauleses, inventado* para corresponder às pessoas da revolução.

Assim começou a carreira do semi-lendário Vercingetórix, uma figura histórica real, que heroicamente lutou e perdeu a batalha de Alésia contra César, em 52 a.C. Ele foi dado a conhecer a várias gerações de alunos como o "resistente" aos exércitos romanos, a própria alma da França, posto em serviço a cada grande guerra (1870, 1914-18) e sob a ocupação alemã, quando Vercingetórix era a imagem precisa do lutador da resistência.

"Nossos ancestrais, os gauleses" foi até mesmo ensinado na escola às crianças nas colônias francesas, que receberam os rudimentos da história nacional. Locais famosos da Borgonha, como Alésia / Alise-Sainte-Reine, o campo de batalha, e Bibracte, um reduto importante na Gália, e do Museu Galo-Romano de Lyon ainda testemunham a poderosa, laboriosa e mercantil civilização gaulesa que os romanos respeitaram.

Ainda há algo que permanece da antiga Gália: o galo nas camisas do rúgbi francês e times de futebol, as aventuras de Asterix e Obelix, os heróis intemporais dos quadrinhos franceses, e talvez também a ideia de que os franceses são ainda bastante mal humorados.

---

<sup>581</sup> LA DOCUMENTATION FRANÇAISE. **From Alesia to Asterix: the Gallic heritage**. 2008. Disponível em: <[http://www.diplomatie.gouv.fr/en/spip.php?page=article\\_imprim&id\\_article=12271](http://www.diplomatie.gouv.fr/en/spip.php?page=article_imprim&id_article=12271)>. Acesso em: 12 nov. 2012. “For many years, the French saw the Gauls as ‘our ancestors’. This began with the French Revolution, when the revolutionaries had to choose between the Frankish origin of the French (Clovis [Chlodovech], founder of the monarchy they were abolishing) and another people, the Gauls, invented to correspond to the people of the revolution. Thus began the semi-legendary career of Vercingetorix, an actual historical figure, who heroically fought and lost the battle of Alesia against Caesar in 52 BC. He was taught to many generations of pupils as the ‘resister’ to the Roman armies, the very soul of France, pressed into service for each major war (1870, 1914-18) and under the German occupation, when Vercingetorix was the precise image of the resistance fighter. ‘Our ancestors, the Gauls’ were even taught to the children in school in the French colonies, who were given the rudiments of national history. Famous sites in Burgundy, such as Alesia/Alise-Sainte-Reine, the battlefield, and Bibracte, a major stronghold in Gaul, and the Gallo-Roman Museum in Lyon still bear witness to the powerful, hardworking, trading Gaulish civilisation that the Romans respected. There still remains something of that ancient Gaul: the cock on the shirts of the French rugby and football teams, the adventures of Asterix and Obelix, the timeless heroes of French comics, and perhaps also the idea that the French are still rather stropicpy”.

<sup>582</sup> Sobre os gauleses, Vercingetórix e romanos, ver MUSÉO PARC ALÉSIA. Disponível em: <<http://www.alesia.com>>. Acesso em: 15 set. 2012. Centro de referência restabelecido. Grifos nossos.

Em síntese, no contexto da mesma Revolução Francesa que gerou o Patrimônio em seu conceito moderno, com caráter social e nacional, também se gera uma “tradição” inventada, no sentido de Eric Hobsbawn e Terence Ranger<sup>583</sup>, a dos gauleses como fundadores da França<sup>584</sup>, em que, a partir de um real, se elabora algo fictício que, por ser na origem geral, adquire contorno de total veracidade: o patrimônio superveniente sobre a base de patrimônio, sendo verdade pois está em conformidade com o fenômeno, com o observável, embora seja verdade estabelecida como tal, sem caráter de natural, enquanto verdade. E, assim, é verdade inventada, instaurada, instalada e fixada e “consagrada”, como se fosse verdade eterna, em sua origem.

A escola e o sistema oficial de ensino franceses impuseram-se sobre as gerações em formação, no caráter intergeracional que um patrimônio deva ter, assim sendo assegurado enquanto tal, ocupando o lugar da tradição oral. E a galiedade da França na Gália deve ser ensinada e apreendida na França não Gália, colonial, universalizada. No texto, reconhecemos muitos dos sítios constantes do Plano de 1987, então abandonados, a despeito do que se cumpria a missão revolucionária de construção do imaginário patrimonial. O tempo transcorreu e, além do desenvolvimento dedicado aos sítios comunicantes e comunicativos, desde 1987, por outra via os gauleses persistiam no galo dos uniformes dos esportes de gosto popular, nas histórias em quadrinho de Asterix e Obelix e na ideia do mau humor dos franceses! O patrimônio gaulês persiste nessa ideia do mau humor dos franceses! O mau humor dos franceses é um patrimônio ideal da França! É o que assume ao transcrever o artigo o Ministério das Relações Exteriores da França, pois!

De um meio a outro, ainda pela Internet, chega-se a um documento eletrônico digital sobre a importância do que possa ser um patrimônio ultramoderno. O título significativo em um blogue nos informa que: Everything I Ever Really Needed To Know I Learned From Asterix Comics<sup>585</sup>. Na colagem de número 17, presenciamos Obelix, professando seu mau humor, ira mesmo, e declarando aquilo que se teria como sabido, mas seria ignorado.

---

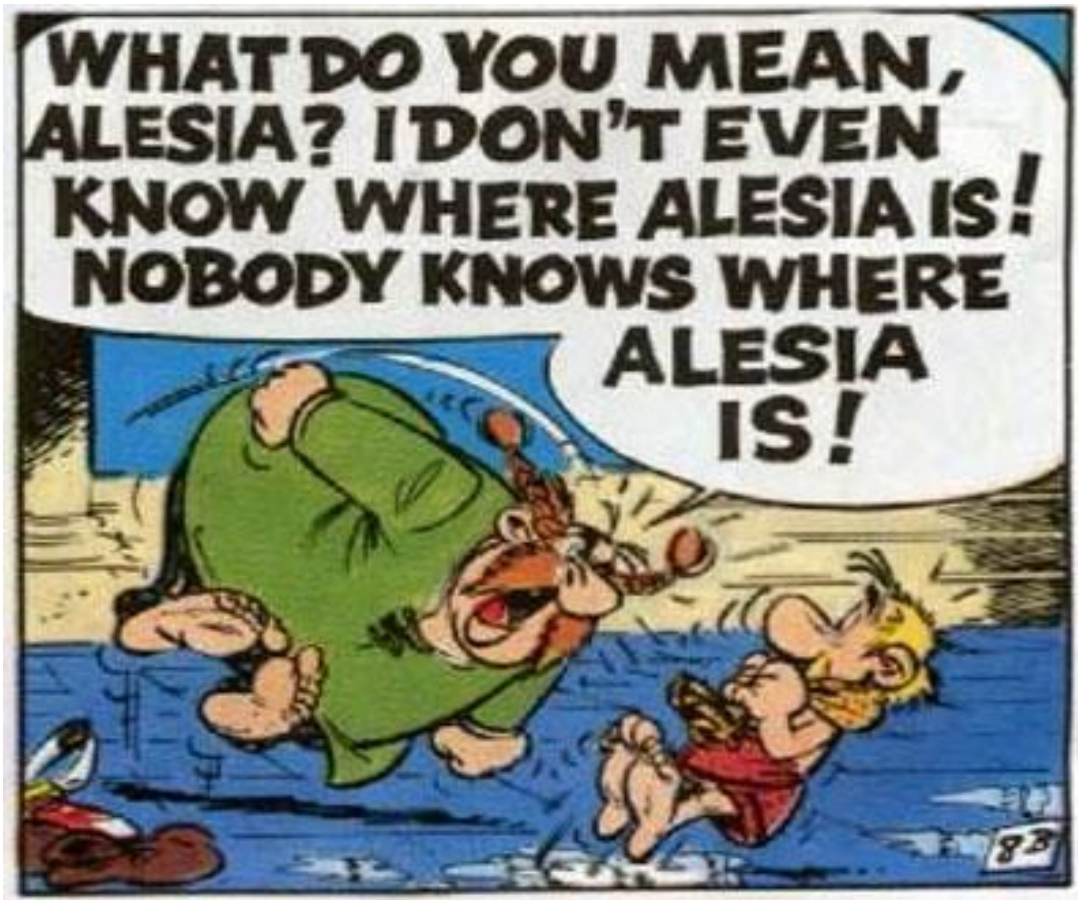
<sup>583</sup> HOSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

<sup>584</sup> Recordemos a figura heroica de Tiradentes, criada pela República brasileira, na lição de José Murilo de Carvalho.

<sup>585</sup> BIRD, Christopher [MGK]. **Everything I Ever Really Needed To Know I Learned From Asterix Comics**. Toronto. Disponível em: <<http://mightygodking.com/index.php/2008/07/28/everything-i-ever-really-needed-to-know-i-learned-from-asterix-comics-part-one/>>. Acesso em: 15 out. 2012.



Figura 01 - *Nobody Knows Where Alesia Is!*



Enquanto isso...

Na verdade, foi antes o que entrosaremos agora. De 28 de outubro de 1996 a 21 de abril de 1997<sup>586</sup>, o muito sério Museu Nacional de Artes e Tradições Populares, Paris – França, consagrou uma exposição a Asterix: **Eles são loucos!** por Asterix. Um mito contemporâneo. O que se vira lá era o confronto entre a etnografia, arqueologia, a ciência, enfim, e a ficção. E também se via a etnologia sobre as sociedades urbanas e no momento presente, aquela em que nós estamos e de que participamos: nós também somos objeto etnográfico. E nessa objetivação, como o indivíduo em nossa contemporaneidade, na sociedade francesa, sobretudo, neste caso, é mitificadora em

---

<sup>586</sup>LIBRAIRIE GOSCINNY. Disponível em : <<http://www.librairiegosciny.com/spip.php?article221>>. Acesso em: 15 set. 2012. "le très sérieux Musée National des Arts et Traditions populaires consacrait une exposition à Astérix." **Ils sont foux d'Astérix!** Un mythe contemporain.

sua sociedade de lazer e de consumo de massa. O bastante sério Museu, de saudosa memória, produziu um catálogo, cuja linguagem, aproximativa daquela das histórias em quadrinho, ficcionava a si mesmo, em que o catálogo era um diário de campo de um etnógrafo gaulês, contemporâneo a Asterix. E, pelo caminho da HQ, o Museu propunha uma discussão sobre o caráter do bem cultural na cotidianidade em uma sociedade complexa e o papel social que temos na mitificação da sociedade industrial ou pós-industrial. Goscigny e Uderzo fundaram um patrimônio que se fundara sobre outro patrimônio que talvez nem fosse tão patrimônio em sua essência, mas que se patrimonializara no momento em que surgia o moderno conceito de Patrimônio. Longo enunciado de uma cadeia curta, de termos repetidos, apenas modificados por advérbios ou adjetivos. E entre eles, esses advérbios e adjetivos que sabemos e reconhecemos, o que é o Patrimônio?

O que se quer saber é menos o que é o Patrimônio enquanto classe, ou objeto classificável, mas antes o que ele é em si mesmo. Davallon fala em valor que se dá a um conjunto social das práticas de patrimônio que, pela proximidade, deixa de ser objeto neutro, mas associado a valores produzidos. Preconiza se distanciar do fenômeno patrimônio para, na distância, ser abstraído o sistema de valor e, conforme a colocação da professora da disciplina Teoria do Patrimônio, a Dra. Tereza Scheiner, se abordar filosoficamente a questão da natureza do patrimônio e do objeto museístico como objeto de reflexão.

## 4.2 Ser zumbi?

**A natureza se desvelando para a ciência** (1899), escultura de Ernesto Barrias (1841-1905)<sup>587</sup>, a-presenta a concepção estética, alegórica, da percepção do final do século XIX sobre o fato científico. A natureza se torna verdadeira quando, e se, desvelada. Heidegger considerara mais justo traduzir *aletheia* não como verdade, mas como desvelamento, trazendo o sentido afirmativo de *lethe*, o velado (esquecido), como referente e referência. A natureza passa a ser conhecida pela ciência quando se torna verdadeira em sua nudez (parcial, no caso da re-presentação de Barrias). Verdadeiro é o que é manifesto, em conformidade com o a-presentado, sendo a co-respondência estabelecida através da consciência. A natureza se e-videncia, fica e-vidente, consitui-

---

<sup>587</sup> Escultura no Museu de Orsay, Paris. Ver PIERRE, Caterina Y. Louis-Ernest Barrias and modern allegories of technology. **Nineteenth Century Art Worldwide**. v.11, n.2, summer 2012. <Disponível em: <http://www.19thc-artworldwide.org/index.php/summer12/caterina-pierre-louis-ernest-barrias>>. Acesso em 11 out. 2012.

se e-vidência para o cientista. Essa empiria da verificação predicente que bem caracteriza a ciência tem na e-vidência, como também a filosofia, o que se assume como dis-posto, como ex-posto<sup>588</sup>.

Ver é complexo: vê-se pelo aparelho visual, córtex cerebral, visão física, e vê-se com o *logos*, derivado do *ratio* mental (ciência) ou da presentificação da palavra, que se nos a-presenta algo à mente. O ver sem consciência talvez seja apenas estímulo por ondas, sem resultar em *logos* para o visto. Diz-se que apenas vemos o que conhecemos ou, antes, porque conhecemos vemos, como a ideia platônica. A participação da consciência é operante, particularmente ao se falar de filosofia, de museística ou de patrimônio. O reparo de Davallon traz positivamente que a sociedade estabelece o patrimônio (assim como estabelece Museu), sociedade do tipo humano, resultado de procedimentos conceituais, práticos, pragmáticos, institucionais, políticos, econômicos, comunicacionais, educacionais... Pode-se não se ter consciência do fundamento do Patrimônio ou do conteúdo museificado sem, entretanto, invalidar o aspecto de se ter consciência de ver a manifestação do Patrimônio ou do Museu em que se desvela e pode se dar verificação. Descartes nos evidencia o homem sujeito, o homem ego, o homem pensante e que, como ele, tem a certeza [sem dúvida] de que tem consciência disso. Decorrem duas linhas analíticas: 1- a natureza da consciência; e 2 – o homem é detentor de consciência.

Trilhando pelo primeiro elemento, o da natureza, o sujeito quando em estado de consciência o é em face de um objeto, ele mesmo (seu corpo, como sua re-pesentação, conforme inicia Schopenhauer), sua capacidade inegável de pensar, aquilo que é pensado e pensável, aquilo que se dá a pensar. Satisfeito o estabelecimento dessa relação (par) sujeito-objeto, eclode o conhecimento, objeto em filosofia da gnoseologia e epistemologia. O tema é rico, instigante, pressupondo conceitos/áreas tais como percepção fenomenal, neurologia, conhecimento, ciência. Partimos do conceito de ser o conhecimento a crença verdadeira justificada, pelo que acreditamos que o conhecido o é por co-responder ao fenômeno e, metodicamente, poder ser evidenciado em conformidade com o objeto. A con(s)-ciência nos faz cientes de que somos ou estamos cientes de algo. Verdade, sendo conformidade, conforme Heidegger, pode ser vista tanto pelo senso comum, como pela ciência positiva e ainda filosoficamente<sup>589</sup>, a que se

---

<sup>588</sup> Pouco antes de nossa leitura do *Qu'est-ce que la philosophie?*, de Heidegger, no segundo semestre de 2011, passamos a empregar o termo evidência, em lugar de objeto ou acervo, no trato das exposições curriculares que coorientamos, nos cursos de Museologia da UNIRIO, Museologia e Comunicação III e VI. O apoio e fundamentação com Heidegger foi propiciado por disciplina, pelo doutorado, no programa de pós-graduação em filosofia IFCHS – UFRJ, ministrada pelo prof. Dr. Gilvan Fogel.

<sup>589</sup> Como nos ensina Heidegger, em **O que é uma coisa?**

poderia acrescentar a verdade na crença religiosa. São verdades, plurais, por poderem ser percebidas, em um mesmo fenômeno, de modos diversos. Verdade subjetiva, não do fenômeno em si.

Propomos, a título de exemplo, o caso do recente tombamento da cidade do Rio de Janeiro como paisagem cultural pela UNESCO<sup>590</sup>. Fechamos o foco de evidência sobre a orla litorânea do bairro de Copacabana e, dentro dele, sobre uma de suas calçadas. A “calçada de Copacabana”<sup>591</sup> é considerada como as ondas contínuas alternadas, em mosaico de pedras pretas e brancas, presente lá, em Copacabana, e re-presentada em filmes, ladrilhos hidráulicos, estamparia, constituindo-se padrão gráfico, como o xadrez, os *pois*, o *pied-de-poule*, o *tweed*. Fenomenalmente, há calçadas em Copacabana e uma delas tem aquelas ondas, portanto trata-se de verdade manifesta, em conformidade, na condição de real, com “calçada de Copacabana”. Haveria outra verdade, outra conformidade? Sim: outras calçadas, em qualquer outra cidade com o padrão “calçada de Copacabana”. Além dessas conformidades há outra, a da calçada, na orla de Copacabana, traço de Roberto Burle Marx (1909 - 1994), junto aos edifícios, denominada propriamente como “calçadão” de Copacabana. Verdades, crenças, justificações. Valores sociais do patrimônio carioca cancelado por organização de patrimônio internacional. Nesses casos, ou crenças, enquanto estamos convictos deles, como e-videntes, manifestos, não aventamos a possibilidade de não **serem** o que o hábito patrimonial nos proporcionou, a partir do início do século XX. Costuma-se<sup>592</sup> olhar o dado geográfico situacional, materialidade, técnica e forma plástica. E quanto a sua origem? Do outro do oceano Atlântico, que Copacabana fazia, existe, desde meados do século XIX uma re-ferência às navegações dos portugueses que os trouxeram, também, até a terra do Brasil, através do “mar largo”, mar grande, mar oceano... Transitando pelo Rossio<sup>593</sup> (praça D. Pedro IV [D. Pedro I do Brasil]), em Lisboa, lá se apresenta o “quê” nem supomos não ter sido original daqui, em sua *arkhé*, origem e razões primeiras.

---

<sup>590</sup> UNESCO. **Rio de Janeiro: Carioca Landscapes between the Mountain and the Sea**. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/1100/>; <http://whc.unesco.org/en/decisions/4813>>. Acesso em: 15 dez. 2012.

<sup>591</sup> UNESCO. **Decisions adopted by the World Heritage Committee at its 36th session (Saint-Petersburg, 2012)**. World Heritage Com, 36, 2012, **whc-12/36.com/19**. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/archive/2012/whc12-36com-19e.pdf>>. Acesso em: 12 dez, 2012. O documento refere a pavimentação em Copacabana, em mais de um momento.

<sup>592</sup> Os termos costume, hábito e tradição na formação da consciência podem ser interessantes para futura exploração.

<sup>593</sup> BARAÇAL, Anaildo Bernardo; SILVA, Luisa Olinto do Vale. **Mar largo na calçada da praia de Copacabana**. 2006. Trabalho de Conclusão de Disciplina (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO / Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2006.

Pense-se, então, na questão da consciência: do que se é con(s)-ciente e sob quais condições? As condições Davallon declarou serem as sociais, via do valor para o Patrimônio. No entanto, há a con(s)-ciência do fenômeno ampliado na tradição, na anterioridade, de que se pode abrir e se instalar em Copacabana, no caso que tomamos. A museóloga Marcella Bacha desenvolveu seu trabalho de conclusão de curso de Museologia, pela UNIRIO, sobre a Memória das Baleias. Entre os bens cariocas têm-se os Arcos da Lapa, Lapa da boêmia, da malandragem carioca, Lapa da *ferveção* das *naïtes*, especialmente nos finais de semana! Os Arcos são o patrimônio associado ao cenário de prazer da cidade na contemporaneidade, em conformidade com um conceito patrimonial.

A natureza de os arcos terem sido criados para serem aqueduto é pouco verificada no fenômeno para os consumidores da área. E, surdos, não podem ouvir os gemidos de morte das baleias, cuja gordura aglutina as pedras do monumento! As baleias foram e são, como no caso japonês atual, patrimônio que, fora da corrente a-presentação fenomenal, persistem, em sua morte, pouco percebidas como mamíferos (o que não se crê, justificadamente, ser a conformidade com um animal aquático, existente no mundo de peixes). Poderíamos pensar sobre o Profeta Gentileza, a consciência patrimonial que teria ao realizar a sua obra mural ou sobre a construção de nossa consciência patrimonial sobre o que inscrevera nos pilares de elevados. Similarmente, à produção de Artur Bispo do Rosário poder-se-ia inquirir sobre os níveis de consciência, autoconsciência e a patrimonial a que se veio valorizar seu trabalho.

Con(s)-ciência pode se dar em camadas, como nas cebolas. E pode-se ignorar a camada subjacente, crendo-se que a camada que percebemos é a última, única ou definitiva. Talvez seja essa percepção a que notabiliza a ordem do senso comum. Por si, a camada superficial pode ser também a camada de suporte, a única existente, estabilizando a percepção do senso comum com a apreensão científica, filosófica e, quiçá, a religiosa. O argumento da(s) crença(s) justifica as diversas naturezas de verdade, de conformidade que podem ser relativas a um mesmo fenômeno observado. Olhando para a escultura do Cristo Redentor, sobre o morro do Corcovado, no Rio de Janeiro, em todos os argumentos, do senso comum, do científico, do religioso, o que se apresenta é o mesmo. Dependendo da análise, pode se constituir em feito / grandiosidade, em técnica ou em religiosidade. Mas, o manifesto carece da subjetividade à procura da co-respondência. Retomando o assunto padrão “mar largo” – “calçada de Copacabana”, primazia histórica, predominância de em qual ocorrência mais se re-presenta conferem a base para uma disputa entre lisboetas e cariocas,

digamos, sem que se mude necessariamente a crença e se altere a con(s)-ciência. Poder-se-ia pensar na ocorrência de uma heteropia, de estar em Copacabana algo que é lusitano. Pensar a heterotopia<sup>594</sup> no caso do patrimônio e dos museus permitiria explorá-la nas suas implicações quanto à temporalidade (heterotopia no mesmo tempo ou em tempo diverso), no espaço (presencial e digital, p.ex.).

E quando dizemos ou pensamos não termos memória devemos nos perguntar se não temos consciência? Por consciência compreende-se a ciência de si de um sujeito. Enquanto ele pensa, ele pensa que pensa, como sistematizou Descartes. Na contemporaneidade, coube a Sigmund Freud precisar níveis de consciência: o do consciente, do inconsciente e o do subconsciente<sup>595</sup>. Destas instâncias, o consciente responde pela noção da realidade imediata, a parte de nós pela que fazemos contato com o mundo. Nele se situa a razão conhecida através da introspecção. A origem da consciência, primeiramente relacionada ao ar que queima nos pulmões, é identificada com o cérebro. Descartes se ocupava em procurar responder sobre a localização, no cérebro, da consciência, explicação que, sob o influxo da força do catolicismo romano, a fazia co-responder à alma, mente, distinta de corpo e cérebro. O interesse pelo campo fez se estruturar uma área no seio da filosofia, a filosofia da mente: estudo filosófico dos fenômenos psicológicos. A natureza e os estados mentais são estudados metafisicamente sobre o modo de ser da mente e a consciência enquanto tal. A epistemologia, de como a mente conhece a si mesma e sobre a relação entre os estados mentais e os estados de coisas que, por intencionalidade re-presentam, está ao lado de se investigar a percepção, a aquisição de informação, memória, testemunho, linguagem e introspecção. Ética e liberdade também são fatores filosóficos investigados nesse campo. Tem interfaces com a ciência cognitiva, neurociência, linguística e inteligência artificial<sup>596</sup>. Historicamente, dá-se como marco a este ramo da filosofia o livro **The Concept of Mind**, de 1949, do filósofo inglês Gilbert Ryle (1900-1976). Embora jovem, a filosofia da mente se manifesta profusamente em diversas linhas teóricas, estruturadas, e motivam acirradas discussões intelectuais entre partidários de correntes

---

<sup>594</sup> No sentido que assumiu em FOUCAULT, Michel. **De outros espaços**. Architecture, Mouvement, Continuité, 5, 1984. Disponível em: <[http://www.virose.pt/vector/periferia/foucault\\_pt.html](http://www.virose.pt/vector/periferia/foucault_pt.html)>. Acesso em: 31 maio 2015. Conferência no Cercle d'Études Architecturales, 14 mar. 1967.

<sup>595</sup> As sínteses e sistematizações a seguir foram colhidas no trabalho de CUNHA, Andréa Vermont S. R. da. **Sobre o conceito de Consciência em Filosofia da Mente**. Doutoranda, Doutorado em Filosofia da Mente, Instituto Packter, Porto Alegre, orientado por Mariluze Ferreira de Andrade e Silva. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/sobre-o-conceito-de-consciencia-em-filosofia-da-mente%C2%A0>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

<sup>596</sup> FILOSOFIA da mente. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Filosofia\\_da\\_mente](http://pt.wikipedia.org/wiki/Filosofia_da_mente)>. Acesso em: 12 dez. 2012.

divergentes, opostas<sup>597</sup>. *Gnothi se auton* [conhece-te a ti mesmo], adverte o oráculo de Delfos! Parte da tradição socrática fundadora da filosofia, grega, nessa abertura da tradição filosófica, o ramo que investiga a consciência e os *qualia* nos chamam a atenção: “Qualidades sentidas ou fenomênicas associadas às experiências, tais como a sensação de uma cor, ou a audição de um som, ou a visão de uma cor. Saber como é ter uma experiência é conhecer as suas *qualia*”<sup>598</sup>. Nosso estado de consciência sobre os fenômenos afirma o caráter subjetivo da experiência: ser sujeito e ser e estar consciente de si e do processo fenomenal que se nos a-presenta (lembrando-nos que não temos ou somos esta consciência ao nascermos, adquirindo-a com o tempo). Por essa linha, pode-se estar diante do fenômeno e não se ter consciência de que se está diante do fenômeno. No Idioma inglês, ao contrário de um termo único como em português, ocorrem os conceitos de awareness, estar-se consciente de algo<sup>599</sup>, não sendo a compreensão de algo, identificada esta à *consciousness*. Pela habilidade de se estar consciente de algo, pela *awareness*, a percepção da sensação de dor, identificada como tal, extraem-se as *qualia*, as ideias subjetivas sobre o que cada indivíduo experimenta<sup>600</sup>.

Um patrimônio poderia ser isolado na acepção da pessoa que, em se conhecendo a si mesma, está cônica tanto do processo pelo que conhece quanto da identidade de conhecer e ainda de saber o que conhece, talvez o modo, o meio, o pressuposto de um sujeito se relacionar com um objeto, em que a *awareness* re-presenta a característica e propriedade subjetiva. Descartes considerava os animais não humanos como autômatos, cujo comportamento seria totalmente explicável em termos de mecanismos físicos. Formulou a ideia de uma máquina que se parecesse e se comportasse como um ser humano. Em sua época, a máquina não podia usar criativamente a linguagem e nem produzir comportamento não verbal em situações arbitrárias: por essas duas impossibilidades, então, a máquina não pode se comportar como um ser humano,

---

<sup>597</sup> Inevitável considerar o caso da Museologia, ou da Patrimoniologia, com debate, mas pouca confrontação, talvez pouca paixão, pouco impulsionadas por Éros! A Museologia dataria da segunda metade do século XIX, seu estatuto científico revisitado pelo ICOFOM e assumido, entre outros, por Stránský, no final dos anos 1970, considerado o âmbito da Europa ocidental. O debate ocorre no âmbito das ciências interpretativas, sociais, sem pretenderem requerer um estatuto de previsibilidade enquanto olhariam com desconfiança (não encontrar justificava em, não crer ser verdade, não conferir correspondência) para a especulação filosófica.

<sup>598</sup> BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 327.

<sup>599</sup> DICHTCHEKIAN, Antonio Vaszken. Awareness não é compreensão, mas estar consciente de algo. **Psicologia Transpessoal e Fenomenologia**. 16/02/2007. Disponível em: <<http://transfeno.blogspot.com.br/2007/01/awareness-definition-by-wikipedia.html#/2007/01/awareness-definition-by-wikipedia.html>>. Acesso em: 14 mar. 2014.

<sup>600</sup> Ibidem. “Quando um paciente vai fazer uma cirurgia é recomendável deixá-lo temporariamente inconsciente. Anestesiastas se especializaram nisso, e a maior responsabilidade é evitar a consciência durante a operação. Awareness também é um conceito usado em CSCW.” [*Computer Supported Cooperative Work / trabalho cooperativo auxiliado por computador*].

concluindo que para o ser humano se requer algo imaterial, mental, além do físico, na interação entre cérebro e corpo<sup>601</sup>. Dava o pensador francês as bases para a *concebibilidade*<sup>602</sup> de um mundo igual ao nosso, de zumbis, destituídos da *awareness*. Cientistas no século XIX reduziam tudo ao físico, fisicalismo (ou materialismo), como depois se consagrou essa vertente. A apreciação dos fenômenos da consciência para outros pensadores demandava outra explicação. T. H. Huxley formulou o conceito do autômato consciente, por exemplo. Admitir um mundo zumbi, um mundo inteiro cujos processos físicos são compreendidos pela causação, mundo duplicado do nosso, mas sem as experiências conscientes. A noção de zumbis, sem *qualia*, e sua admissibilidade é oferecida à contra-argumentação sobre o fisicalismo, em que KIRK é um dos precursores. BLOCK e SHOEMAKERS cunharam a expressão relativa a *qualia*, *what they are like*, quando as propriedades das experiências ou do conjunto de pessoas pode/podem ser capaz/capazes de classificar experiências de acordo com o que eles são como... *what it is like* cheirar grãos de café torrados, por exemplo (como um enólogo faria, projetaria, compararia em suas precisões de “notas”). Zumbis, filosoficamente, são em tudo iguais a nós, exceto por não disporem de *qualia*.

Propomos que se observe a possibilidade de o zumbi não ser um outro, em outro mundo, que zumbi seja uma situação no mundo, quando não se usa ou não está disponível a habilidade de *qualia*. Pensemos que nascemos zumbis e que vamos apreendendo e desenvolvendo nossa capacidade de *qualia*, em certos casos usando-a sempre, noutros sequer cogitando que existam ou que estejam a nossa disposição. O problema não seria o de se conceber o outro mundo, mas vermos como concebemos o mundo real, actual, o mundo em si. Nesta parte do exercício, tentar-se-ia observar modos de ocorrência, instâncias, intensidades e naturezas do zumbi em nós<sup>603</sup>.

Com tipos e graus diversos, nosso estado zumbi é mais agudo, quase o é inteiramente inconsciente, em que apenas o estado zumbi percebe, mas não conceitualiza. Outro tipo seria o zumbi com relação à consciência formal.

Tome-se como exemplo:  $a^2+b^2=c^2$  fórmula em linguagem matemática a determinação da área do triângulo retângulo [triângulo perfeito] em que a soma dos quadrados dos

---

<sup>601</sup> KIRK, Robert. Zombies. 2012. In: ZALTA, Edward N., ed. **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/sum2012/entries/zombies/>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

<sup>602</sup> Para concebibilidade, ver David CHALMERS.

<sup>603</sup> Boa parte do que se poderá ler a seguir resultou de uma conversa com a amiga, neurologista, Ms. Ana Maria Ladeira Yamada, a quem agradeço o almoço japonês.



catetos<sup>604</sup> [na proporção entre eles de 3 e 4] é igual ao quadrado da hipotenusa<sup>605</sup> [esta, na proporção de 5]. Catetos são os menores lados e hipotenusa é o maior deles. A fórmula é deduzida e abstraída de situação verificável, a partir de necessidade de determinação fundiária de área de terreno, no caso, uma sua porção, não quadrilátera (onde se tem a relação de lado x lado). Primeiro, necessita-se precisar a posição de dois lados em relação de ângulo de 90°; tanto a partir dos dois catetos quanto da hipotenusa se deveriam gerar quadrados, consequentemente perfeitos, por terem seus quatro cantos em ângulos de 90°, constituindo três quadrados externos, sendo:

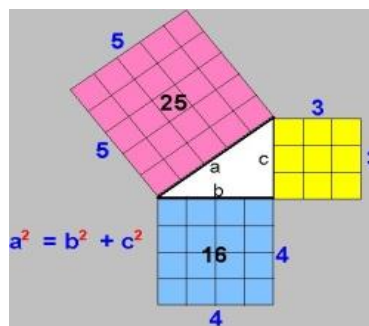
1, a partir do menor cateto, gerando um quadrado que, tomando a base da proporção 3, gera 9 quadrados menores ao se subdividirem em cada uma de suas três unidades constituintes;

2, a partir do maior cateto, gerando um quadrado que, tomando a base da proporção 4, gera 16 quadrados menores ao se subdividirem em cada uma de suas quatro unidades constituintes;

3, a partir da hipotenusa, gerando um quadrado que, tomando a base da proporção 5, gera 25 quadrados menores ao se subdividirem em cada uma de suas cinco unidades constituintes.

Donde: a soma 9+16 (nove quadrados da subdivisão do quadrado a partir do menor cateto + dezesseis quadrados da subdivisão do quadrado a partir do maior cateto) = a 25 (vinte e cinco quadrados da subdivisão do quadrado a partir da hipotenusa)<sup>606</sup>.

Figura 02. Teorema “de Pitágoras”, desenho



Um estado de ausência conceitual nos faria ignorar o fenômeno “Teorema de Pitágoras”, ausentes as percepções de “Teorema” e de “Pitágoras”, expressão que não se confunde com o teor do teorema em si.

<sup>604</sup> ANDERS, Valentín. **Etimologia de Chile**. Disponível em: <<http://etimologias.dechile.net/?cateto>>. Acesso em: 14 nov. 2012. Do grego *Kathetos*, significando o que cai em perpendicular.

<sup>605</sup> Ibidem. A palavra hipotenusa vem do grego *hupoteínousa* do verbo *hupoteínó* que significa: fixar fortemente uma coisa contra outra; estar estendido sob; esticar fortemente (uma corda); estender-se sob; estar estendido sob.

<sup>606</sup> Agradecemos à colega museóloga Débora Vasconcellos por nos repetir a decomposição que se sintetiza no teorema de Pitágoras. A ilustração é de: CURSO DE FILOSOFIA À DISTÂNCIA. **Pitágoras** (570 - 496 a.C.). Disponível em: <[http://www.filosofia.com.br/historia\\_show.php?id=12](http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=12)>. Acesso em: 31 maio 2015.

Ausência de consciência histórica ou de determinação de origem é considerável quando vimos saber que

Há provas que os antigos babilônios já conheciam o teorema muito antes de Pitágoras. Tabletes de barro do período de 1800 a 1600 a.C. foram encontrados e estudados, estando hoje em vários museus. Um deles, Plimpton 322<sup>607</sup>, mostra uma tabela de 15 linhas e 3 colunas, ilustrando trios pitagóricos. Na China, o teorema também já era conhecido cerca de 600 anos antes do período Pitagórico. O problema "Gou Gu", do famoso livro chinês Zhoubi Saunjing é um exemplo da existência do Teorema<sup>608</sup>.

Zumbi das *qualia* estéticas na apreensão do fenômeno, como no caso

[...] a sua beleza é realçada pela simplicidade dos seus componentes, três números inteiros consecutivos cujo primeiro número é o primeiro ímpar depois da unidade, o segundo é o quadrado e simultaneamente o dobro do primeiro número par [...] e o terceiro é justamente a soma de 2 e de 3 <sup>609</sup>.

Zumbi das propriedades matemáticas, a respeito de "Um terno pitagórico primitivo é um terno pitagórico em que os três números são primos entre si"<sup>610</sup>. Tal é o caso da relação dos números 3, 4 e 5.

Apressadamente, pensamos que quanto mais consciente se é mais se conceitualizam os objetos que se percebem fenomenologicamente (conceitos fenomenais). Entrecruzando com os tipos de conhecimento, apuraríamos estados zumbi com relação ao senso comum (a percepção usual de *qualia*), no científico (experimentado na empiria), na revelação religiosa, mística, e no conhecimento metafísico (filosófico). No caso do senso comum e da religião, o estado zumbi poderia ser associado à credulidade, enquanto que na ciência ao pressuposto. Como visto, na filosofia a tradição se abre para seu futuro, pelo que tanto ser crédulo quanto empírico lhe são diferentes.

Se nascemos zumbi, nossa naturalidade nos faz zumbi natural. A circunstâncias, no processo de existência, na relação com o mundo, atuamos em *awareness*, em escala e momentos desiguais. Suponhamos a patologia em que se está privado da possibilidade de se ter *awareness* em modos recorrentes, o que pode ser congênito.

---

<sup>607</sup> Integra a coleção Plimpton, por ele doada à Universidade de Colúmbia, Nova Iorque, EUA. PLIMPTON 322. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Plimpton\\_322](http://en.wikipedia.org/wiki/Plimpton_322)>. Acesso em: 14 nov. 2012.

<sup>608</sup> TEOREMA DE PITÁGORAS. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Teorema\\_de\\_Pit%C3%A1goras](http://pt.wikipedia.org/wiki/Teorema_de_Pit%C3%A1goras)>. Acesso em: 14 nov. 2012.

<sup>609</sup> CARDOSO, Maurício. Teorema de Pitágoras. **Curiosidades Matemáticas**. Disponível em: <http://essenciamatematica.blogspot.com.br/2009/09/teorema-de-pitagoras.html>>. Acesso em: 14 nov. 2012.

<sup>610</sup> TERNO pitagórico. **Wikipedia**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Terno\\_pitag%C3%B3rico](https://pt.wikipedia.org/wiki/Terno_pitag%C3%B3rico)>. Acesso em: 14 nov. 2012.

Zumbi poderia ser visto como autêntico (se primário, tal como **é**), falso (quando não corresponde ao que **é**), pseudo (quando aparentemente é zumbi sem de fato o ser), cínico (se fingido, dissimulado).

Na consideração do Patrimônio e acervo museístico, pela filosofia da mente, levamos em conta as contribuições deste ramo filosófico à análise do fenômeno, da percepção fenomenal e da consciência dessa percepção. A posição subjetiva, nem psicológica e, certamente, não sociológica, cultural ou comunicacional, segue a trajetória cartesiana e dela se distancia, facultando observar o campo da Patrimoniologia / Museologia por prismas, há não muito tempo, acrescentados ao problema do real e sua *aesthese*.

Nem tudo é retensível ou recuperável ou cabível num espaço de presentificação, talvez apenas o da memória e espaço digital/eletrônico. Pode-se não se estar zumbi em algum momento ou se ter consciência sobre tudo que se nos apresenta? O que determinaria o *que* e quando temos e exercemos *qualia*? O valor, de que Davallon fala no tocante às ciências sociais, pode ser expressão de nossas eleições subjetivas em relação ao sensível e selecionamos o que dar a presentificar ou continuar a presentificar. Percebemos todo o real ou parte dele? Percebemos o real em si ou conforme construções externas que nos adestraram? A realidade é tal como se apresenta ou se percebe (fenômeno) enquanto Patrimônio e Museu sejam fenômenos que instanciam a re-presentação na presença, por experiência direta ou remota, sob pactuação entre o social e o sujeito, e deste nas suas condições de consciência ou de zumbi. Tudo é ou pode ser patrimonial ou museal, carecendo das definições externas, sociais, como das internas, filosóficas. Talvez, nossa condição de zumbi metafísico, com respeito à abordagem filosófica, nos retenha nesta dimensão que nos restringe ao senso comum, à ciência e à religião (ritualização) do mundo.

### 4.3 O pêndulo

Em **O Balanço**, brinquedo e cotejo de estado de finanças, Jean-Honoré Fragonard (1732 - 1806) registra, em 1767<sup>611</sup>, a chinelinha que se despreendendo do pé da moça alça voo e ganha “autonomia”; o homem que atrás impulsiona o balanço; o que está à frente observa o conjunto de atos, em meio à natureza e à arte, o prazer.

---

<sup>611</sup> Pertence à Coleção Wallace, Londres.

Essa é uma imagem do movimento impulsionado, consciente do efeito produzido por uma causa, para por em trajeto. Não descreve a trajetória, que poderia ser a orbital, ou qualquer outro desenho de percurso. Passa-se, neste conceito, a usar a imagem pendular como a de um movimento que, sem ser moto perpétuo, tem origem em repouso e se energiza.

Pendularíamos nós entre o mundo das ideias e o mundo dos fenômenos? Qual o espaço do Patrimônio, um lugar no tempo na trajetória do pêndulo ou o sempiterno da vida e do movimento? Talvez haja a possibilidade de definição da origem, da *arkhé*, de um par determinado de Patrimônio em espaço-tempo, talvez mesmo possamos identificar como alguém põe o pêndulo em movimento e como outrem impulsiona, mais emprestando renovada energia para a continuidade, quiçá aspirando contribuir para permanência... Reparemos que se para esperar o desdobramento continuado pensamos em fazer algo, e o fazemos, como empurrar o pêndulo, sabemos, conscientes, da necessidade da suspensão pois, se o móvel a nada estiver atido, sob nosso influxo se desloca, à frente e/ou para baixo, até o repouso, o fim da energia... Tratamos então, sob nossa intenção, de fazer pendular na suspensão para que o móvel em perpassando persista.

Alésia em pêndulo, pela descoberta dos cientistas, pelo programa governamental dos anos 1980, pela comunicação, mediatização, enfim. Alésia da energização da **Documentation Française**, dos quadrinhos Asterix: Alésia em suspensão. Teorema de Pitágoras em suspensão, Arcos da Lapa, Calçada de Copacabana, Troia, sambaquis...

Perpassar: passar ao longo, percorrer. O termo entrosa conceitos de tempo e de espaço, e de uma matéria que, rompida a inércia, se apresenta ora aqui, ora acolá. Para cada tomo, corte ou secção considerada, para o início da trajetória de um bem cultural [pois haveria a consideração do sentido do infinito, do sem início, da teoria do Universo] teríamos um dado sincrônico do conjunto diacrônico. Poderemos sempre ultrapassar ou frear ou passar um ente, todas operações arbitradas, arbitrárias, intencionais ou não. Trata-se de considerar o dado da concomitância entre aquilo a ser móvel e o mobilizador e que essa relação ex-posta, sendo percebida e valorizada intrageracionalmente [matrimônio] perpassa uma geração para ser experienciada por outra. Considere-se o caso da arqueologia. A literatura considerada ficcional fala de Troia, um existente mental. A arqueologia lhe dá fé, como existente factual e a busca. Ao encontrá-la, o ficcional se torna material e a natureza da *arkhé* se altera, e a estruturação do conhecimento faz perpassar, o que era pela via do patrimônio literário, pela via do patrimônio arqueológico. Ambos os casos têm sua história, seu *cronos*, mas

fundamentos diferentes, seres diferentes, objetos diferentes. Mas um está dentro do outro: Troia em um texto, um texto tido como literatura, um texto lido com relato histórico, um achado de Troia, Troia uma cidade evidenciada, desvelada. O perpasso se dá no tempo como também nas qualificações de compreensão, nisto residindo o pêndulo ou o aspecto dos móveis e mobilizadores da ação pendular. Nessa enumeração sobre Troia, nada a impede de ser concomitante. Um jovem leitor, hoje, da Odisseia atribuída a Homero, pode atualizar rapidamente [tomando-se a atualização de páginas na internet como conceito] ou entrosar rapidamente os argumentos literário e material, perpassados em um agora, próprio da atualização. Assim, temos mais uma vez a ocorrência do intrageracional, amplificada pelo matrimônio entre patrimônio ficcional/histórico e material/histórico. Devemos ter em mente, em consciência, que essa operação pode, e na quase totalidade das vezes é, orientada, mobilizada, debreada, por alguém, ou por um instituto, que tem previamente a compreensão da justaposição do fato literário/arqueológico, no que reside uma operação patrimonial intergeracional. Se, todavia, não ler ou ouvir falar de Odisseia, se informações virem a não estar mais disponíveis ou, se de todo, decidamos questionar a relação ficção/materialidade, retomadas como evidências isoladas, volta-se a ter patrimônios independentes entre si - não se validando a atualização, consciente. Validar parece ser, portanto, o sacramento para que, em matrimônio gerado, em patrimônio seja persistente.

Pêndulo supõe o fio de suspensão. O que ou quem exerce esse papel? O que, se poderia pensar nas contingências fenomenais e quem quanto a quem as percebe ou sistematiza. No entanto, o caráter subjetivo de apreensão do fenômeno patrimonial [neste caso objeto] supõe tanto a consideração de um Patrimônio **ente** como o ente humano. Mas seria adequado extrair ou autonomizar o patrimônio de ser objeto? Por fundamento, ele **seria**? Não se adequaria mais refletirmos sobre uma dimensão patrimonial do objeto? E para isso não deveríamos nos inquirir sobre a constituição do objeto, suas dimensões e, especificamente, a patrimonial? Partamos, propomos, da aceção fenomenal do objeto, tudo que se a-presenta aos nossos sentidos e razão, aquilo que nos é lançado diante, à frente de nós. O estar diante tem peculiaridades: o que sempre esteve lá, e nós não o víamos [percebíamos] ou dele não tínhamos consciência; ou ainda não estava em nosso foco [porque podia estar às nossas costas] ou em um dado momento passou a estar, como um meteorito que cai na terra e presenciamos a ocorrência; o que foi posto lá, ex-posto, não era de lá ou não se lhe chamava a atenção, parecendo ali recente [por ausência de consciência fenomenal de um momento anterior]; o que não está fisicamente lá mas é evocado [como um

monumento, um arco do triunfo, sobre uma batalha em terra e tempo distantes, uma narrativa]; o que é sentido e/ou imaginado e compartilhado, como o conhecimento no segundo momento de sua concepção, a mitologia, a religião... E estes particulares podem ser percebidos em diversos e múltiplos sentidos, quando um monumento é apreciado enquanto fervor guerreiro, ou como atestado de anterioridade. Ele, o Patrimônio, como a bola, num fio de pêndulo que também pode ser um fio de prumo: cabe ao sujeito ter a consciência fenomenal, a dimensionalização patrimonial e a intenção de persistência da(s) percepção(ões). Uma cadeia completa requer antes do transmissor intergeracional (*pater*), o relacionamento ordenador (*mater*) e o indivíduo perceptor (sujeito). E havendo sujeito e objeto possibilita-se a consciência e a *gnose*, o conhecimento. Evocam-se os conceitos de potência (virtualidade) e atuância (atualidade). Mas, também, o de contexto ou enquadramento. Nosso enquadramento, no sentido filosófico, é grego. No quadro de aborígenes americanos, o fenômeno se percebe sem esse arcabouço ou pressuposto. De modo semelhante, o fenômeno Patrimônio no sentido social passa a ser percebido pós Revolução Francesa e, talvez, em contextos de formações históricas diversas e, ainda hoje, talvez não se disponha de conceito nosso de Patrimônio cultural, por exemplo. Na tentativa de identificarmos um fundo para o Patrimônio, contudo, por quê não se procurar reduzir à essência, no que tenham de próximo ao comum, quer o Patrimônio na cultura ocidental moderna e os tótems nas sociedades tradicionais? O extra-ordinário, o sobre-natural, o im-previsto, o in-esperado, o ex-posto, o sur-preendente? Quando o sujeito percebe a partir do ordinário, do natural, do previsto e esperado, do posto e do preso em que essas categorias se encontram irrespondidas, as instaura no além, no acima, no meta, na negação, no novo posicionamento, suspendendo o percebido fenomenalmente da categoria corrente, para orientá-lo na trajetória do moto perpétuo, no percurso do que parece ser interminável, não finito, metafísico.

Talvez isso: o Patrimônio seria parte da metafísica do prosaico, do cíclico, do explicável e mensurável, da previsibilidade científica. Patrimônio se constituiria como a dimensão pela qual a metafísica da existência se possibilita perpassar no modo cultural ocidental. Dito de outro modo, a expressão ou definição de uma filosofia existencial em que o ser no mundo se re-presenta para si, em sua *awareness*, para o concomitante e para o pósteros, operação realizada por outro ser que administra as re-presentações de seres em tempo concomitante com outros de sua relação (sacramentais, rituais, matrimoniais), para a continuidade (legatárias, processuais, patrimoniais). E é preciso que se perceba e se conceba (metafisicamente) o esplendor de Atenas áurea nas atuais ruínas da

acrópole de Atenas: ultra-passamos o olhar objetivo das ruínas para perpassarmos à magnitude da Grécia clássica. O que ouvimos quando escutamos sobre a crise financeira grega contemporânea? Apenas dados sobre a agonia econômica e a contingência sobre uma população nacional ou, para além, sobrevêm-nos as referências da Grécia antiga? A dimensão do metafísico seria percebida na dimensão da suspensão, da instauração, do perpasso e da validação? A dimensão do brincante em um folgado, ao menos em parte, difere da dimensão perceptiva do turista sobre o mesmo fenômeno, em que um *é* e se apresenta e o outro percebe em re-presentação, meta-presentificação? E nisso, o selo, a chancela, a classificação, a denominação de origem já instauram ou afirmam ou reafirmam a suspensão do percebido como mero. Tal dimensão, se pode ser agenciada por instituições sociais, tem suas condições de geração e ocorrência no ente, no existente<sup>612</sup>, em que zumbiedade / consciência são dimensões ou estados de interesse para a compreensão e análise do modo como nos relacionamos com o mundo.

---

<sup>612</sup> Insistimos no caráter exploratório do escrito, do exercício provocado pela proposição de Scheiner a partir de Davallon. Não há intenção concludente, mas a de trazer à consideração algumas possibilidades perceptivas para o fenômeno Patrimônio e, conforme nosso objeto de estudo, para o objeto da Museologia / Patrimoniologia, implica a tentativa de compreensão das suas essências, seus fundamentos.

# CAPÍTULO 5

## ALGUMAS ESPECULAÇÕES SOBRE O VALOR <sup>613</sup>

Começamos aqui trazendo o apresentado no *Pró-logos* desta tese, ao recordarmos como a Identificação dos casais das espécies integrantes definiu a salvaguarda da vida animal na Terra por Noé, individuação de implicação de uma noção biológica, como uma "taxonomia" (ciência da classificação, a partir do grego *taxís* "arranjo" (ver tática) + *-nomia* "método", de *-nomos* "gerenciar", de *nemein* "gerenciar"<sup>614</sup>), mediante a qual podemos mencionar o "episódio" da arca, registrado, especialmente, sob uma narrativa escrita. Academicamente, para a organização do conhecimento, autonomizado (*auto* – próprio + *nomia* – ordem, lei, gerenciamento + sufixação), uma ordem que lhe é à ciência, em sua crença a ser justificada, própria, a designar os objetos a observar e considerar em sua empiria. É pensável pensar sem nomear ou nomear sem pensar a coisa... donde a relação requerida entre existência e sua re-presentação mas requerendo o processo consciente para atribuir existência, ou re-conhece-la, e considerar importante conceituá-la?

Recuperamos, em caráter introdutório, os termos Museologia e Patrimoniologia. A primeira ocorrência por enquanto identificada do termo Museologia está no título do jornal alemão **Zeitschrift für Museologie und Antiquitätenkunde** sowie verwandte Wissenschaften [Jornal de Museologia e Antiguidades e ciências afins], editado de 1878

---

<sup>613</sup> Este capítulo é em boa parte apropriado de um trabalho de conclusão de disciplina do doutorado em Museologia e Patrimônio PPG-PMUS. Conforme o programa da disciplina Museologia, Patrimônio, Documentação e Informação, da Área de Concentração Museu e Patrimônio, da Linha de Pesquisa Museu e Museologia, do Programa de Doutorado em Museologia e Patrimônio – PPG-MUS, UNIRIO / MAST, ministrada pelas Professoras Doutoras Lena Vania Ribeiro Pinheiro (IBICT/MCT) e Diana Farjalla Correia Lima (UNIRIO), o presente trabalho busca relacionar o objeto do meu projeto de tese de doutorado com o conteúdo da matéria apresentada, salientando da ementa o tópico **A terminologia e o campo museológico**. BARAÇAL, Anaildo Bernardo. **Valor: termo e alguns conceitos**. 2012. Trabalho final de disciplina. (Doutorado em Museologia e Patrimônio) Disciplina Museologia, Patrimônio, Documentação e Informação, da área de concentração Museu e Patrimônio, da linha de pesquisa: Museu e Museologia, ministrada pelas professoras responsáveis Diana Farjalla Correia Lima (UNIRIO) e Lena Vania Ribeiro Pinheiro (IBICT/MCT) – Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS UNIRIO/MAST. Rio de Janeiro, dez. 2011/ jan. 2012. O texto em que se consubstancia este capítulo pretendeu ser tanto um início de discussão sobre o valor no objeto da Museologia / Patrimoniologia, quanto o de ter em conta o conteúdo e orientação da Disciplina Museologia, patrimônio, documentação e informação, e o aporte interdisciplinar da Ciência da Informação.

<sup>614</sup> taxonomy (n.) "science of classification," 1819, from French *taxonomie* (1813), coined irregularly from Greek *taxís* "arrangement" (see tactics) + *-nomia* "method," from *-nomos* "managing," from *nemein* "manage" (see numismatic). Related: *Taxonomic*; *taxonomist*. HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: <[http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=taxonomy&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=taxonomy&searchmode=none)>. Acesso em: 15 fev. 2015.



a 1884, por Johann Georg Theodor GRAESSE<sup>615</sup>. É Ana Gregorová quem nos apresenta o registro mais antigo em que ocorre a noção de museu.

[...] a relação museológica com a realidade foi demonstrada pela primeira vez por um fato histórico, descoberto por Leonard Woolley: a princesa Bel-Chalti-Nannar, filha do último rei da Babilônia, Nebonide, reuniu, no Século VI a. C., uma coleção que se pode considerar como o mais antigo museu do mundo, e que foi documentado por um registro de objetos, o que é sem dúvida o mais antigo guia conhecido de museu<sup>616</sup>.

Patrimoniologia, já vimos, tem sua gênese terminológica na proposição de Tomislav Sola, em 1982. O termo Patrimoniologia, enquanto Teoria do Patrimônio, por si deriva da definição extensiva da Museologia dada por Stránský, tendo por objeto, também, o estudo da relação específica do homem com a realidade, sendo o museu, segundo ele, “uma das formas possíveis da realização da relação do homem com a realidade”<sup>617</sup>. Assim, parece que o termo Patrimoniologia assumiria contorno de maior abrangência e includência, a que Stránský teria preferido, exclusivamente na consideração do patrimônio ecológico.

Em ambos os casos dos termos Museologia e Patrimoniologia, não podemos pensar sem nomear ou nomear sem pensar a coisa... Donde há tanto o requerimento da relação entre existência e sua re-presentação quanto o do processo consciente para atribuir existência, ou re-conhecê-la, e considerar importante conceituá-la.

O fórum em que se constituiu o ICOFOM, ligado ao ICOM, por sua vez ligado à UNESCO, conferiu uma abrangência e constante visibilidade para a disciplina museológica, sem que se deva ignorar o que ocorresse no mundo eslavo ou anglo-saxônico. A proeminência dos francofônicos e a gradativa ascensão dos anglofônicos geraram e geram questões sobre a ordem da terminologia, derivada das estruturas linguísticas, que correspondem, por sua vez, a estruturas de pensamento desses dois grandes grupamentos culturais expressados em idiomas, que lhe são peculiares. No entanto, conteúdos escritos em checo, de Stránský e de outros, como Jalinec, uma das línguas eslavas, no alemão, de Schreiner, e em tantos outros idiomas são pouco

---

<sup>615</sup> **Zeitschrift für Museologie und Antiquitätenkunde**, 1883. Apud SCHNEIDER, 1977, p. 183. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Johann\\_Georg\\_Theodor\\_Gr%C3%A4sse](http://en.wikipedia.org/wiki/Johann_Georg_Theodor_Gr%C3%A4sse)>. Acesso em: 15 jan. 2015. Disponível também em: [http://www.europeana.eu/portal/record/9200143/BibliographicResource\\_2000069469470.html](http://www.europeana.eu/portal/record/9200143/BibliographicResource_2000069469470.html)>. Acesso em: 15 jan. 2015. Ver também: KUNSTBUS. Disponível em: <http://www.kunstbus.nl/jaartal/1878.html>>. Acesso em: 10 maio 2004.

<sup>616</sup> GREGOROVÁ, Anna. [La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée?]. Museological Working Papers [do] ICOFOM. Estocolmo, n.1, p. 19, 1980.

<sup>617</sup> DESVALLÉES, André, dir. **Terminologia museológica**: proyecto permanente de investigación. ICOFOM/ICOFOM LAM. S/l: \_\_\_\_\_, maio 2000. p.56.

acessados pelas barreiras das suas identidades gráficas, fonéticas, léxicas e, sobretudo conceituais, ao lado de outros desestímulos ou interdições, a exemplo das diferenças ideológicas entre regimes políticos, das barreiras históricas e diplomáticas da política internacional a nos dificultar, ainda hoje a precisão da importância de outras produções teóricas, para dizermos no âmbito do trabalho que empreendemos agora, e o correspondente esforço para superação de obstáculos impeditivos à busca de outras contribuições do pensamento. Em muitos idiomas, reconhecemos toda a forma gráfica, pelo uso do alfabeto latino. Nestas, em algumas reconhecemos palavras, ainda que registradas com letras diferentes de como o escrevemos nos radicais em português ou nas formas de prefixação e de sufixação. Em outros grupos, como no grego e sobretudo cirílico, podemos reconhecer algumas letras, cujo valor pode não corresponder ao do sistema latino (foneticamente também ocorrendo entre as neolatinas e mesmo anglo-saxônicas, como o caso dos valores das letras “b” e “v”). No extremo, dos ideogramas chineses ou do sistema árabe, nada ou percebemos, embora até possamos estabelecer se tratarem de chinês (incerto na relação com o japonês, ou com o coreano) e árabe... Vemos, e esses sistemas de sinais são percebidos, são fenômenos, de apreensão genérica ou específica, da possibilidade de relacionamento a um sistema cultural até à precisão de uma palavra construída, objetivamente vista, com seu radical e flexão... São todos termos, espaços de-finidos pelo conjunto dos elementos cuja escolha individual, posicionamento, articulação e convenção, em som ou em imagem, grafia, os tornam o que são: termos. Mas as palavras, se apenas grafismos, podem ser como pichações em um muro ou um estilo de grafite, identificados como algo até autoral, associável e associado a um produtor específico ou escrito de modo tão personalístico a, embora incluído na categoria do escrito, apenas é “lido” pelo autor e iniciados, como símbolos em uma sociedade “secreta”. Procuramos dizer que o termo fenomênico, para aceder à compreensão de ser termo expressivo, demanda para além da forma apreensível, pela *aesthese*, de um conteúdo de-finidor, a que associamos ao âmbito numênico kantiano. O conceito, um algo pensável, na mente, noético, se estabelece em logos, em que sua razão e materialização estão indissociadas. O caráter ambivalente da locução conceito-termo, se mais observado no sistema linguístico ou da ciência, cuja metafísica poderia ser o sistema dos conceitos-termos da linguagem lógico-matemática, é objeto da arte, da propaganda e do estudo “arqueológico” em que se procura re-estabelecer a correlação entre a evidência material, ex-posta (o fenômeno dado e percebido), com o conceito para o qual foi criada (seu númeno). A Patrimoniologia / Museologia, seja na “arqueologia” do cotidiano, do tempo presente, e na do passado, desencavado, desobstruído, desterritorializado, traduzido, entre tempos e espaços diferentes, “olham”

o fenomênico e se indagam sobre um númeno associado ou associativo ou, ainda, “criam”, arbitram um outro conceito, como os gestores de instituições e conceituadores de ex-posições têm feito na atualidade, precisando o conceito para o adquirível, buscando as coisas que darão conta de uma *these*, colocação, em *ek-these* (exposição). Assim, esperamos ter enunciado uma função patrimonial / museal, a de, em manipulando o universo fenomenal, se arguir sobre o fundamento numênico a partir do qual o universo se constitui enquanto elemento apreensível, como esse fundo se apresenta e, ainda, como indivíduos e sociedades fixam e apreendem tanto para apresentar como para re-presentar o mundo.

O *logos*, em sua constituição numênico-fenomênica, conceitual-terminológica, além de *ratio* é palavra<sup>618</sup>, falada e escrita, originária do latim *parábola*, por sua vez tomada ao grego *parabolê* (*para* = à margem de) + *bolê* = lançar. Adquiriu o sentido de comparação, narração. Alterada para *palaulare*, deriva no francês *parler* = falar. Tanto nas neolatinas como no idioma inglês, a matriz de *palavra* é encontrada em muitos vocábulos, dentre eles o que mantém a etimologia primeira, *parábola*, no sentido de comparação, com relação a algo... Se, do ponto de vista constitutivo, a palavra é conceito [de] terminado, ao comparar, re-lacionar-se a algo, a palavra estabelece, talvez, um *what it is like*<sup>619</sup>, em que a palavra “é como se parecesse com, como se fosse” algo. No procedimento de

---

<sup>618</sup> Palabra viene de *parabola*, una voz latina tomada del griego *παράβολή* [*parabolê*], formada de *para* (al margen de) y *bolê*, marcando la idea de *lanzar*: establecer un paralelo entre..., es decir comparar. Em latín se verificó un cambio de sentido, de comparación se llegó a narración, com alteración em *paraula*, y creación del verbo *paraulare* (ver: hablar). Em francés, hablar se dice *parler*, y la voz española fue introducida en el siglo XII. ANDERS, Valentín. **Etimología de Chile**. Disponível em: <<http://etimologias.dechile.net/?palabra>>. Acesso em: 15 fev. 2015. *parable* (n.) mid-13c., *parabol*, modern form from early 14c., "saying or story in which something is expressed in terms of something else," from Old French *parable* "parable, parabolic style in writing" (13c.), from Latin *parabola* "comparison," from Greek *parabole* "a comparison, parable," literally "a throwing beside," hence "a juxtaposition," from *para-* "alongside" (see *para-* (1)) + *bole* "a throwing, casting, beam, ray," related to *ballein* "to throw". Replaced Old English *bispell*. In Vulgar Latin, *parabola* took on the meaning "word," hence Italian *parlare*, French *parler* "to speak". *parabole* (n.) comparison, metaphor," 1580s, from Greek *parabole* "comparison". *parabola* (n.) 1570s, from Modern Latin *parabola*, from Greek *parabole* "parabola, comparison, analogy; application" (see *parable*), so called by Apollonius of Perga c. 210 B.C.E. because it is produced by "application" of a given area to a given straight line. It had a different sense in Pythagorean geometry. HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: <<http://www.etymonline.com/>>. Acesso em: 15 fev. 2015. *parley* (v.) late 14c., "to speak, talk, confer," probably a separate borrowing of Old French *parler* "to speak". Related: *Parleyed*; *parleying*. Meaning "to discuss terms" is 1560s, from the noun. *parley* (n.) "conference, speech," especially with an enemy, mid-15c., from Middle French *parlée*, from fem. past participle of Old French *parler* "to speak" (11c.), from Vulgar Latin *\*paraulare*, from Late Latin *parabolare* "to speak (in parables)," from *parabola* "speech, discourse," from Latin *parabola* "comparison". *parlance* (n.) 1570s, "speaking, speech," especially in debate; 1787 as "way of speaking," from Anglo-French (c. 1300) and Old French *parlance*, from Old French *parlaunce*, from *parler* "to speak". *Parliament* (n.) c. 1300, "consultation; formal conference, assembly," from Old French *parlement* (11c.), originally "a speaking, talk," from *parler* "to speak"; spelling altered c. 1400 to conform with Medieval Latin *parliamentum*. Anglo-Latin *parliamentum* is attested from early 13c. Specific sense "representative assembly of England or Ireland" emerged by mid-14c. from general meaning "a conference of the secular and/or ecclesiastical aristocracy summoned by a monarch." HARPER, op.cit.

<sup>619</sup> Veja-se no capítulo sobre a consciência. Aproximando à teoria da filosofia da mente, pela palavra temos consciência de um *qualium* ou de *qualia*.

estabelecimento dos elementos articulados (conceito- termo; coisa / referente – signo / referência), a palavra é de-signador, está no lugar do que e-voca e, para tanto, requer que, para escapar a um efeito de babelização, dois interlocutores, ao menos, concordem em convencionar o re-lacionamento do conceito, referente, ao termo, referência. Chegamos ao nome, o *onoma* grego. E, como já dissemos, esta palavra recorda outra, *nomia*, significando ordem. E criar palavras é legislar, conforme o Crátilo, de Platão, sendo Orfeu um dos grandes legisladores (poeta – criação / *poiesis*) de palavras, a quem se associa seu seguidor ou imitador, igualmente poeta, Museu (*Μουσαῖος / Musaíos*). Em síntese, do associado numênico-fenomênico, forjado e expresso em *logos ratio*-palavra, um designador nome- ordem, temos conceitos-termos que a-presentam e re-presentam o mundo, tanto mental quanto físico, e que cuidamos para fixar sua capacidade re-presentativa (em dicionários, por exemplo, em arquivos, livros-bibliotecas, museus e em nossa memória) ou de os recuperar em processos de resgate e interpetração arqueológicos.

Pensemos em Stevenson, em Ilianovitch, em (Ana) Gregorová, em Mackintosh, em O'Hara, em D. Pedro II do Brasil, em Antonio Delfim Neto, Pieter Bruegel, o velho e o novo, em Robert Downey Júnior, em Salvador Dali... Os nomes nestes casos marcam relações patriarcais (pelos patronímicos *son, mac, o' e itch*, em inglês, escocês, irlandês, russo, respectivamente), subordinação por casamenteo (*ová*, mulher de, em idiomas eslavos), distintivos entre homônimos (filho, neto, júnior, novo) e até o caso de repetição, como para Salvador Dali, nome antecedente a seu irmão morto por hidrocefalia, que tanto lhe provocou questões existenciais (e surreais)... Para além da relação no seio de uma unidade familiar, de um pai que engravida uma mãe, certos termos dentre esses enunciados designam o pertencimento a clãs, disnatias, linhas de intenção sucessória, com implicações a sociedades extensivas. Estes casos bem exemplificam o caráter da qualidade do patrimônio, da validade pelo e do matrimônio e a significância em termos de **genomônio** – validação geracional do recebido em patrimônio – matrimônio- e **egomônio** – o criado ou validado por indivíduo - nas nomias, no estabelecimento e evidenciação pelo nomes das ordens, estamentos, etc, o que caberia observar nos gentílicos, nos nomes de cidades (Nova Iorque, Novo Hamburgo, Nova Friburgo [e *Freiburg im Breisgau* – Friburgo em Brisgóvia, para distinguir de homônina *Freiburg - Fribourg* suíça...]). Cidades, países, povos, culturas, períodos históricos (Grécia, gregos, grega, helenismo, para espelhar em exemplo) dinastias (Stuart e Tudor), marcas da sociedade de consumo de massa (a vitória da *Nike*), manufaturas (que confundem cidades e produções, como Limoges), técnicas (como a de porcelana) Ocorrem, ainda,

sobrenomes acrescentados, como aos “judeus novos”, em Portugal, a mudanças de nome, por vontade própria, ou incorporação, como em Luís inácio LULA da Silva, para o apelido, de franco reconhecimento social ser cartorialmente lançável (o *bolê* lançar, componente da palavra grega “parábola”) em cédula de votação, patrimônio e capital eleitoral... E os casos opostos em que um mesmo nome é registrado de forma diversa, em diferentes idiomas: Tiago, Iago, Jacques ou James; João, Ivan, John, Johann, Jan, Sean (em irlandês!), etc. A palavra onomatopeia<sup>620</sup>, do latim tardio *onomatopoeia*, do grego *onomatopoiia* "realizar um nome ou palavra" (em imitação de um som associado à coisa que está sendo nomeada), de *onomatopoiios*, de *onoma*, "palavra, nome" + um derivativo de *poiein* "composto, feito" (ver poeta [*poiesis*]). Podemos também nos referir aos apelidos que, em família, intra casais, entre amigos, no ambiente profissional, na galera, designam e identificam indivíduos e coisas, em âmbito restrito ou específico. Nos recursos mediáticos digitais – eletrônicos da contemporaneidade observam-se nomes, nos casos a seguir mencionados, acrônimos, em que a) somos instados a usar do recurso, sem saber seu nome e nem seu porquê (nem fenômeno nem númeno quanto a um *logos* designativo), como nas verificações pelo CAPTCHA, *Completely Automated Public Turing test to tell Computers and Humans Apart* – [teste de [Alan] Turing completamente público e automatizado para diferenciação entre computadores e humanos], ou b) re-conhecemos fenomenalmente (a função da coisa) sem o reconhecimento do nome da coisa, como no Código QR – *quick response* [resposta rápida]. Nessa mesma linha temos CPF (Cadastro de Pessoa Física), RG (Registro Geral), *email* (endereço eletrônico), senhas... Por outro lado, há designações, como a de *caviar*, pela que Zeca Pagodinho cantando nos pergunta: “Você sabe o que é caviar? Nunca vi, nem comi, eu só ouço falar!”<sup>621</sup>

E exemplos que se remetem ao enunciado no capítulo sobre a Patrimoniologia como Filosofia, em sua alínea “B”. E o *onoma*, os nomes próprios e de clãs e de cidades e os comuns já consistem em fundo da expressão do patrimonial / museal de uso corrente nas sociedades, a-presentando, re-presentando e fixando as relações do homem com a realidade, com o mundo, assim como Platão, ao designar Sócrates e registra-lo em livro, nele e com ele dia-loga, fala entre.

---

<sup>620</sup> **onomatopoeia (n.)** 1570s, from Late Latin *onomatopoeia*, from Greek *onomatopoiia* "the making of a name or word" (in imitation of a sound associated with the thing being named), from *onomatopoiios*, from *onoma* (genitive *onomatos*) "word, name" (see **name** (n.)) + a derivative of *poiein* "compose, make" (see **poet**). HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: <[http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=onomato&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=onomato&searchmode=none)>. Acesso em: 15 fev. 2015.

<sup>621</sup> BARBEIRINHO DO JACAREZINHO, LUIZ GRANDE, MAURO DINIZ. **Caviar**. 2002.

Retomando a consideração sobre o fundo re-presentativo fixado na palavra, exploremos o aspecto sobre os idiomas e nossas limitações linguísticas. Na atualidade, em um mundo reticular e em tempo real, temos a dependência da disponibilidade dos dados, a informação, e a da disponibilidade desses dados em idioma mais facilmente dominado pelo conjunto dos estudiosos e interessados em todo o planeta em uma língua franca. Por isso decorre que, embora existente o fato de alguém em algum lugar refletir sobre um aspecto, no nosso caso patrimoniológico / museológico, em termos reticulares passar a ser “inexistente”, por não ser acessível remotamente ou por não estar fora de uma comunidade científica ou linguística restritas.

Informação, acesso e sua recuperação são problematicamente acrescidos da diversidade aludida das estruturas linguístico-culturais, implicando na justeza da equivalência de termos em que o campo semântico parece mais se distanciar do campo lexical, conceitos – termos a serem clarificados daqui a pouco. Porém, para além da exposição do pensamento em um ou outro idioma, a própria base do pensamento explicitado, o conteúdo da forma, por assim se dizer em termos semiológicos, traduz-se aqui por conceito e termo, preferindo a antecendência do termo *conceito* na constituição do binômio. Assim, se a multiplicidade de termos remete ao âmbito dos campos semântico e lexical, e em idiomas díspares, o conceito contido no *logos*, na palavra, nos permite entender, cientificar e sobre ela e a partir dela, como instrumento, dia-logar. Onde a necessidade da estabilização da base que se tome como comum para a recuperação da informação e o prosseguimento do processo de produção de conhecimento, o que a organização do conhecimento, arquivos, bibliotecas e museus bem se empenharam ao longo de sua jornada historial.

Conceitos, sabemos, partindo do *logos* aproximadamente, pela teoria saussureana, em suas dimensões conceituais e formais, nas etapas notativas / denotativas, alcançam pela semiose significados que, mantidos os significantes (aproximemos ao dado de apreensão fenomenal), suportam a constância e uma abertura irrestrita dos segundos, os sentidos (agora aproximados ao numênico). Para a definição dos pressupostos do produto do conhecimento, referente da base epistemológica da reflexão desenvolvida, tem-se o requerimento da escolha e enunciação do conceito em que se toma um termo. Em derivação desta justeza programática resulta a clareza da acepção possibilitadora de que tal ou qual pressuposto referido no termo desdobre o percurso do processo reflexivo, a partir do fenomenológico, buscando o noético. Poderíamos inferir que - embora a apreensão subjetiva e a analítica sobre o fenômeno sejam diversas, em

decorrência da significação, do exercício noético, da mente, do númeno - o fenômeno de presença é constante. Por isso podemos ler um livro, ver um filme, observarmos uma obra de arte visual, um monumento, uma paisagem, uma cidade, etc. em dois momentos, em duas circunstâncias e apreendermos, sobre o mesmo, algo diverso... Ou que alguém manipule o livro, o filme, uma obra de arte visual, um monumento, uma paisagem, uma cidade, etc, na qualidade de diretor, de conceituador, de agente criador e, embora a base seja referente e reconhecível, o produto é um novo livro, um roteiro cinematográfico, um Marcel Duchamps com a Mona Lisa embigodada, um novo arco (como o do bairro da Defesa, em Paris, com escritórios em sua estrutura, mas no eixo da “Via Triunfal”), Christo (Vladimirov Javacheff Christo: Gabrovo – Bulgária, 1935 – Nova Iorque 2020) empacotando um elemento da paisagem ou uma obra de *land art*.

Do trabalho inicial de o conceito plasmar-se ou ser eleito em determinado termo, por coerência e sustentação interna de uma reflexão, considera-se o leitor ou interlocutor ou exegeta como elemento, mormente quando sistemas de interlocução mais universais, como os digitais, estão à disposição e de que são facilitadores. E nosso pensador referencial, Stránský, é um prolífico cunhador de termos, derivados da igualmente prolífica criação de conceitos, enunciados num idioma-cultura por vezes intraduzíveis a idiomas latinos e anglo-saxônicos<sup>622</sup>.

A primeira observação a que nos dedicamos se voltou ao enunciado axiomático<sup>623</sup> do objeto da Museologia: relação entre homem e realidade. Cada um dos termos de que se compõe necessita de especulação. Considerando-se o quanto conceitualmente se tem elabora os conceitos axiais de homem e de realidade, solicitam mais atenção os termos relação e entre.

Relação requer algo de e para referimento, não é absoluto ou autônomo. Tudo que é relativo é ordenado com e por outro dado. Nosso trajeto é o de buscar pelos absolutos, começando-se por identificar o que NÃO o é. Se estamos diante de um aspecto

---

<sup>622</sup> BARAÇAL, através de Katerina Kotiková, fez traduzir do checo o léxico que acompanha a obra **Archeologie a Museologie**, de 2005, incorporado em Anexo a sua dissertação de Mestrado. Mas, apesar de a tradutora ser antropóloga e pela complexidade do pensamento de Stránský, recorreu-se a Vinos Sofka, que estivera próximo de Stránský nos anos 1970/80, e a Susana Nesh para uma tradução para o inglês e interpretação de conteúdo. A dra. Tereza Scheiner, orientadora da Dissertação e o autor, juntos atribuíram conceitos ou equivalência a termo de tradução difícil, fosse na passagem do checo ao português, fosse na do checo ao inglês, e deste ao português. Convém assinalar que muitos dos termos criados por Stránský entraram para o vocabulário usual da Museologia, mas o pensador checo já se manifestou sobre o uso equivocado do termo, explícito em *Museal*, cujo conceito de origem tem sido desconsiderado.

<sup>623</sup> “Na lógica tradicional, um axioma ou postulado é uma sentença ou proposição que não é provada ou demonstrada e é considerada como óbvia ou como um consenso inicial necessário para a construção ou aceitação de uma teoria. Por essa razão, é aceito como verdade e serve como ponto inicial para dedução e inferências de outras verdades (dependentes de teoria)”. AXIOMA. **Wikipedia**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Axioma>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

relacional, precisamos saber do referente e do processo de referenciação, se a nossa intenção for a tentativa de compreensão do fundo que faz e estabelece uma determinada relação. E por relação se entende “conexão, correspondência”; também “ato de dizer”, do latim *relationem* (nominativo de *relatio*), “trazer de volta, restaurar; um relatório, proposição”, a partir de *relatus*<sup>624</sup>. Por sua vez, *relatus*, usado como particípio passado de *referre* “trazer de volta, ter de volta”, a partir de *re-* “novamente” + *latus*<sup>625</sup> (*particípio passado de ferre = trazer, portar*).

Relação tem equivalência em re-ferência (interpretante, em Peirce) e em re-ferente (objeto, em Peirce), nos conceitos e termos de Ogden e Richards.

A relação é um relativo entre dois elementos, portanto, como entre Homem e Realidade, na consideração do objeto da Museologia por Stránský. Propomos prosseguir olhando um pouco para o conceito de relação na matemática. Em sua lógica, [...] “uma relação é utilizada para descrever certas propriedades das coisas. Dessa forma, certas coisas podem ser ligadas de alguma forma; isso é chamado de uma relação. [...] as coisas são ou não relacionadas, não há meio-termo”<sup>626</sup>. Conquanto haja relações em conjuntos de pares – binárias, em conjuntos de triplos – trinárias, e assim por diante, na teoria dos conjuntos “uma relação entre dois conjuntos é um subconjunto do seu *produto cartesiano*”<sup>627</sup> que pode ser exposto nos planos das coordenadas cartesianas, com seus eixos de abscissas e ordenadas, de que nos serviremos mais tarde. “O uso do termo ‘relação’ é frequentemente utilizado como abreviação para se referir a relações binárias, onde o conjunto de todos os pontos de partida é chamado de domínio e o conjunto dos pontos de término é o *intervalo*”<sup>628</sup>. Relações podem ser: funções, equivalência, de ordem, transitivas (transitórias, p.ex. “menor do que”), simétricas (“x igual a y”), reflexivas (x “igual a” x). Função demanda uma explicação mais detalhada. “Funções associam chaves<sup>629</sup> a valores. [...] uma função é uma relação em que o primeiro valor

---

<sup>624</sup> Relation (n.) "connection, correspondence;" also "act of telling," from [...] French *relacion* "report, connection" (14c.), from Latin *relationem* (nominative *relatio*) "a bringing back, restoring; a report, proposition," from *relatus*". HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: <[http://etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=relation&searchmode=none](http://etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=relation&searchmode=none)>. Acesso em: 12 dez. 2011.

<sup>625</sup> "*relatus*, used as past participle of *referre* "bring back, bear back" (see refer), from *re-* "back, again" + *latus*". Ibidem.

<sup>626</sup> "a relation is used to describe certain properties of things. That way, certain things may be connected in some way; this is called a relation. It is clear, that things are either related, or they are not, there are no in-betweens." Ibidem.

<sup>627</sup> Ibidem. "a relation between two sets is a subset of their cartesian product."

<sup>628</sup> Ibidem. "The use of the term 'relation' is often used as shorthand to refer to binary relations, where the set of all the starting points is called the *domain* and the set of the ending points is the *range*."

<sup>629</sup> "Em computação, o termo chave apresenta dois sentidos comuns. Em um banco de dados, uma chave é um valor que permite identificar registros em um repositório de dados. Em criptografia, uma chave é um valor que deve ser passado para o algoritmo, com o objetivo de codificar ou decodificar uma determinada



de cada tuplo é único no conjunto”<sup>630</sup>. “Relacionamentos são as associações estabelecidas entre duas ou mais tabelas. Relacionamentos são baseados em campos comuns de mais de uma tabela, que envolvem muitas vezes chaves primárias e estrangeiras”<sup>631</sup>.

Já nos atrasamos demais em tratar do aparentemente despretensioso ou desimportante entre! Vamos a ele, portanto! Significando “em meio”, assim como boa parte de nosso patrimônio linguístico, é de origem latim, *inter*, composição de *in* (penetração, estar dentro) + *-ter*, sufixo de contraste<sup>632</sup>. Neste campo lexical estão *intra*, *dentro* e *entrar*<sup>633</sup>. Comparativamente a tantos outros vocábulos considerados ao longo deste trabalho, *entre* é de grafia e etimologia simples, mas nesta simplicidade reside seu aspecto grandioso de fazer supor TUDO que está ou esteja nos intervalos determinados por dois ou mais referentes e de ser a própria determinação do relacionamento, da relação em que se tomem de modo não absoluto dois ou mais referentes. Isto é: tudo que não é ab-soluto, sendo relacional, se dá e se estabelece entre os relacionados. Irresistível aproximar a noção de vale, embora de outra etimologia enquanto fundo entre

---

mensagem.” Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Chave\\_\(computa%C3%A7%C3%A3o\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Chave_(computa%C3%A7%C3%A3o))>. Acesso em: 12 dez. 2011. Chama-nos atenção o conceito específico de chave e nos recorda o título da obra **Conceitos-chave da Museologia...**

<sup>630</sup> “Functions associate keys with values. [...] a function is a relation where the first value of every tuple is unique through the set.” RELATION (mathematics). **Wikipedia**. Disponível em: <[http://simple.wikipedia.org/wiki/Relation\\_\(mathematics\)](http://simple.wikipedia.org/wiki/Relation_(mathematics))>. Acesso em: 12 dez. 2011.

<sup>631</sup> “Relationships are the established associations between two or more tables. Relationships are based on common fields from more than one table, often involving primary and foreign keys.” Disponível em: <[http://simple.wikipedia.org/wiki/Relation\\_\(mathematics\)](http://simple.wikipedia.org/wiki/Relation_(mathematics))>. Acesso em: 12 dez. 2011.

<sup>632</sup> La palabra **entre** (en medio) viene del latín *inter*, compuesto de: *in* (penetración, estar dentro) [...] de la raíz indoeuropea *en-*; *-ter*, un sufijo contrastivo. La palabra latina funciona como prefijo [...]. ANDERS, Valentín. Etimología de Chile. Disponível em: <<http://etimologias.dechile.net/?entre>>. Acesso em: 15 fev. 2015. Grifo nosso.

<sup>633</sup> *inter-* Latin *inter* (prep., adv.) "among, between, betwixt, in the midst of," from PIE *\*enter* "between, among" (cognates: Sanskrit *antar*, Old Persian *antar* "among, between," Greek *entera* (plural) "intestines," Old Irish *eter*, Old Welsh *ithr* "among, between," Gothic *undar*, Old English *under* "under"), a comparative of *\*en* "in" (see *in*). Also in certain Latin phrases in English, such as *inter alia* "among other things." A living prefix in English from 15c. Spelled *entre-* in French, most words borrowed into English in that form were respelled 16c. to conform with Latin except entertain, enterprise. HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em:

<[http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=inter&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=inter&searchmode=none)>. Acesso em: 15 fev. 2015. *intra-* word-forming element meaning "within, inside, on the inside," from Latin *intra* "on the inside, within," related to *inter* "between," from PIE *\*en-t(e)ro-*, from root *\*en* "in" (see *in*). Commonly opposed to *extra-*, but the use of *intra* as a prefix was rare in classical Latin. Disponível em: [http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=intra&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=intra&searchmode=none). Acesso em: 15 de fevereiro de 2015. *enter* (v.) late 13c. *entren*, "enter into a place or a situation; join a group or society" (trans.); early 14c., "make one's entrance" (intrans.), from Old French *entrer* "enter, go in; enter upon, assume; initiate," from Latin *intrare* "to go into, enter" (source of Spanish *entrar*, Italian *entrare*), from *intra* "within," related to *inter* (prep., adj.) "among, between" (see *inter-*). Transitive and intransitive in Latin; in French intransitive only. From c. 1300 in English as "join or engage in: (an activity);" late 14c. as "penetrate," also "have sexual intercourse" (with a woman);" also "make an entry in a record or list," also "assume the duties" (of office, etc.). Related: *Entered*; *entering*. Ibidem.

montanhas, quando pensamos nas curvas gráficas em que os pontos estabelecidos no plano cartesiano descrevem vales (depressões, pontos mais abaixo) e picos (elevações, pontos mais altos)... E a palavra intervalo prossegue nesta linha instigante, aludindo ao espaço entre, em uma escala, quando sistematizado, ou irregular, mas sempre estabelecido a partir de distância entre dois pontos, entre dois referentes.

E esse entre definidor e articulador faz abrir para os modos, os como, os meios pelos quais elementos se en-laçam. Mas este entre, modal e medial, deve ser objeto de outro capítulo...

Tais são os conceitos implicados no axioma de Stránský, sinteticamente listados em: conjunto(s), relacionamento(s), modalidades das relações, associações / referências / de um termo em relação a outro por um elemento e um valor. Persistem duas questões: 1) a da intervalação, o entre dois valores, entre si, ou de um valor em relação a uma origem, zero, digamos; 2) a estipulação da unidade de medida adotada, quando não matemática. Em suma, do que consiste e trata o valor.

Antes de nos apropriarmos mais destes conceitos, voltemos ao de relação. Sendo todo o relativo referente a outro termo (tomado no sentido aproximativo ao da matemática), um termo sem equivalência ou referimento é absoluto. Naturalmente, falando-se exclusivamente no interior do conceito, puro, na acepção apresentada por Deleuze e Guattari, aquele que é buscado pela Filosofia, porquanto em semiologia, p.ex., ou em *logos*, um conceito é indissociável de sua manifestação terminológica, ex-pressiva. O adjetivo absoluto significa “irrestrito; completo, perfeito”; também “não em relação a outra coisa”, a partir do latim *absolutus*, particípio passado de *absolvere* ‘tornar livre, fazer separado’<sup>634</sup>.

No plano ontológico, Heidegger aborda o absoluto que o ser **é**: o **ser** ele mesmo não nos “afeta”, não podendo por isso ser percebido. [...] “o ser não é um predicado real. [conforme Kant, repetindo Descartes] [...] Porque “ser” de fato não é acessível como os *entes*, ele passa a ser expresso por determinações óticas dos entes em questão, isto

---

<sup>634</sup> “Absolute (adj.) ‘unrestricted; complete, perfect;’ also ‘not relative to something else’ [...] from Latin *absolutus*, past participle of *absolvere* ‘to set free, make separate’”. HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: <[http://etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=absolut&searchmode=none](http://etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=absolut&searchmode=none)>. Acesso em: 12 dez. 2011.

é, pelos atributos”<sup>635</sup>, a existência como atributo. Faz constar em outro trecho que “Descartes toca a [...] questão de que o modo o significado de ser designa o ente cada vez referido. [...] Essa palavra “é” não pode indicar o ente cada vez referido no mesmo sentido (*sinônimos*, univoce), já que entre ambos existe uma diferença infinita de ser”<sup>636</sup>.

Trouxemos em outra parte e agora reintroduzimos as considerações de DELEUZE e GUATTARI sobre como os gregos, inventores do plano de imanência absoluto (e, enquanto para o pensar filosofante, se busca a formulação de conceitos puros) foram originais [também] ao relacionar o relativo e o absoluto quanto à desterritorialização<sup>637</sup>.

No entanto, o que importa ao presente capítulo é a consideração primordial de apenas um termo, valor, e de qual o sentido do conceito em uma dada formulação intelectual. Alguns parâmetros devem ser estabelecidos enquanto delimitadores da abordagem, visando restringir o observado ao campo museológico, não recusando a colaboração de outros, especialmente o da filosofia. Mas cumpre se colocar o problema.

Em 1979/80, lemos que Stránský define como objeto, científico em sua proposição, da Museologia como O estudo da relação Homem - Realidade. O museólogo checo enuncia a identificação na Filosofia dos fundamentos para a Museologia científica em setores filosóficos, da Ontologia, gnoseologia e noética.

Em 2005, em obra em checo<sup>638</sup>, o museólogo moravo declara que o objeto da Museologia é o estudo do valor na relação Homem – Realidade<sup>639</sup>, ou o estudo na relação de valor entre homem e realidade, expressões que implicam considerações diferentes, afirmativas diferentes decorrentes da dificuldade de tradução que, para efeitos de simplificação, adotamos a concomitância das preposições em e de, assim redigindo: o estudo do valor na e da relação Homem – Realidade. No entanto, associado a qualquer dos termos, o objetivo aqui é analisar o conceito de valor, incorporado a esta definição de 2005, embora prenunciado em 1979/80, quando Stránský, ao lado dos ramos da Ontologia, Gnoseologia e Noética relaciona o da Axiologia.

Do ponto de vista da proposta de redefinição de museu, recentemente levada a cabo no Canadá<sup>640</sup>, dos diversos contribuintes, apenas Tomislav Sola incorpora o caráter

---

<sup>635</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. parte 1. p. 140. Itálico do autor, grifo nosso.

<sup>636</sup> Ibidem, p.139. Grifos nossos.

<sup>637</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.p. 118-120.

<sup>638</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005.

<sup>639</sup> Ibidem, p. 108, 111, 112, 113, 117.

<sup>640</sup> MAIRESSE, François; DESVALLÉES, André; VAN PRAET, Michel. (Org.). **Vers une redéfinition du musée?** Paris: L'Harmattan, 2007.

valorativo no conceito museístico. E considerando a origem croata deste pensador, além do referimento circunstanciado ao termo em checo, o faremos também em croata, além de outros idiomas mais correntes.

E a presença do termo valor se constata em Davallon, em Deloche e em diversos outros autores abordados no transcurso deste trabalho, justificando e requerendo o aprofundamento da compreensão que dele se deva ou possa ter.

A Imbricação do conceito de valor com o conceito de relevância, para a Ciência da Informação, poderia, no âmbito da formulação do objeto da museologia, ser estímulo a contrastar campos enquanto também pudesse ser seminal. Coincidentemente, o segundo dos textos para leitura e discussão na disciplina Museologia, Patrimônio, Documentação e Informação, do PPG-PMUS, ministrada pelas Professoras Doutoras Lena Vania Ribeiro Pinheiro (IBICT/MCT) e Diana Farjalla Correia Lima (UNIRIO), no segundo semestre de 2011, versou sobre o aspecto do valor, em artigo de Michel MENOU<sup>641</sup>.

Chamamos a atenção que os propósitos deste capítulo têm caráter apenas exploratório, de estudo, em que resenhas e apontamentos serão estratégicos para a gradativa tomada de consciência das problematizações desta tese, em seu conjunto, atinentes ao objeto da Museologia / Patrimoniologia<sup>642</sup>.

Durante o processo seletivo para ingresso de Doutorado em Museologia e Patrimônio – PPG–PMUS, a comissão de recurso a quem a comissão de acesso encaminhara meu projeto se pronunciou questionando a validade do estudo proposto sobre o valor, por ser objeto já bem estudado em diversas disciplinas. Todavia, a ocorrência do valor na definição da Museologia é quase inédita fora do ambiente checo ou que se leia em checo, razão pela qual, exceto por nós, ainda não foi estudado. Embora não diretamente relacionado, o caso da museóloga e doutoranda russa Anna Leschenko, que tendo sabido de nossa dissertação, nela se interessou pela ocorrência do termo Metamuseologia, espantando-se com o fato de um brasileiro ter tido acesso a bibliografia não disponível em bibliotecas físicas ou digitais de um país, como a Rússia, que estivera tão politicamente próxima da República Checa.

---

<sup>641</sup> MENOU, Michel J. Trends in a critical review. The impact of information - II. Concepts of information and its value. **Information Processing & Management**, v.31, n. 4, p.479-490, 1995 -

<sup>642</sup> Reiteramos o agradecimento à museóloga Débora Vasconcellos, nossa ex-assistente no Museu Nacional de Belas Artes IBRAM / MinC, por nos ouvir, preparar os gráficos da parte final deste capítulo e auxiliar-nos em aspectos da formatação.

## 5.1 O ponto de partida de nosso questionamento sobre o valor

No projeto de acesso ao programa de doutoramento, sob o título **Museologia, metamuseologia - Patrimoniologia, metapatrimoniologia -Realidade, metarealidade: axiologia** prenunciávamos - no que determinados doutores da comissão de recursos, de 2011, designaram como um conjunto de metadados - as inquietações reunidas sobre a) a co-respondência de Museologia e Patrimoniologia, na possibilidade de serem uma só disciplina, b) a vontade de especular em um plano teórico sobre a teoria da Museologia / Patrimoniologia – a Metamuseologia / Metapatrimoniologia, em um âmbito filosófico, não científico e c) a de a realidade considerada, no campo da Museologia / Patrimoniologia, ser, no fundo, a qualidade da realidade tomada, ou seja, a realidade criada quando se tenta “recriá-la”, interpretá-la, manipulá-la, constituindo a metarrealidade mencionada por Stránký. Destacamos na formulação do título o aspecto de os “metadados”, após os “dois pontos” que os enfecham, resultarem no termo axiologia, a teoria do ou sobre o valor.

Se em nossa dissertação de Mestrado<sup>643</sup>, ao considerar o objeto da Museologia no pensamento stranskyano, o foco foi a gnoseologia e a relação sujeito-objeto, e alguma incursão na ontologia, nela se foi destacando a questão do valor, a vertente axiológica de que, junto com a noética, Stránký identificara nos pressupostos filosóficos da Museologia. Toda a parte final do trabalho dissertativo versou sobre o valor na reflexão do “pai da museologia científica”. Para ele,

[...] o nascimento do fenômeno [museu] sempre é motivado pela relação de valores entre Homem e realidade. Esta relação motivou a seleção de representantes autênticos destes valores e a requisição de sua conservação, mas também sua apresentação na intenção desta cognição na missão de criadora de cultura<sup>644</sup>.

“Assim cheguei à definição do termo *musealidade*, popularmente entendido como um valor da cultura e memória”<sup>645</sup>. E, “conforme minha opinião”

---

<sup>643</sup> BARAÇAL, Anaildo Bernardo. **O objeto da Museologia**: a via conceitual aberta por Zbynek Zbyslav Stránký. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro / Museu de Astronomia e Ciências Afins / Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Orientador: Profª. Drª. Tereza Cristina Moletta Scheiner, Rio de Janeiro, 2008.

<sup>644</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p. 111. Observe-se a presença e importância da autenticidade. Grifos nossos.

<sup>645</sup> Ibidem, loc. cit. Grifo nosso.

O campo cognitivo da Museologia está definido [...] pela musealização da realidade. Quer dizer, pelo que determina que alguma coisa tem e outra não tem valor para com o Homem e a sociedade, aquele dito valor museológico, quer dizer valor de cultura e memória. Somente com este ponto de vista podemos avaliar os instrumentos com os quais pode ser realizado o conhecimento da maneira mais efetiva<sup>646</sup>.

O primado dos elementos do conhecimento, sujeito e objeto, homem e realidade vê-se determinado pelo valor. Não se trata de qualquer relação, mas uma relação axiológica. Valor da relação? Valor na relação? Valor no homem? Valor na realidade? De que valor se falaria? De cada um deles? De todos eles? Ou, ainda, do metavalor? No âmbito da teoria da museologia / patrimoniologia, da metapatrimoniologia / metamuseologia, não cabe se observar as inúmeras manifestações, escalas e sistemas do valor, do natural, biológico, ao mercadológico e do desejo. Mas quem sabe se buscar compreender como, por que e onde se funda a capacidade valorativa? A teoria do valor, portanto, ocorre para além da expressão do valor, da escolha, da separação distintiva entre uma coisa e outra, entre uma noção e outra, entre uma teoria e outra, como exemplos de instâncias da base sobre a qual incide o juízo.

A história da Museologia, a história das coleções, a história da ética do colecionismo, a história da Patrimoniologia e do Patrimônio servem para explicar como e quais são os valores e, sobretudo, em sua perspectiva de definição pelo enquadramento de culturas e seus parâmetros ou paradigmas, ainda que se considerem momentos iniciais em que um indivíduo, com seu arbítrio, dá início a uma tendência, seja de armazenar coisas exóticas em um escritório ou recanto de igreja medieval, seja de iluminados que revolvem a terra e o mundo à cata de raridades para o brilho de famílias, coroas e, depois, nações.

Importaria menos o conhecimento da realidade em si, mas a identidade da representação (os re-presentantes) de valores culturais<sup>647</sup>, a musealidade, de que decorreria a musealização. [...] “o nascimento do fenômeno [do museu] sempre é motivado pela *relação de valores entre Homem e realidade*”<sup>648</sup>. A [...] “*musealização da realidade* [...] pelo que determina que alguma coisa tem e outra não tem valor para com o Homem e a sociedade, [...] *valor de cultura e de memória*. Somente com este ponto

---

<sup>646</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p. 111. A locução “musealização da realidade” equivale a “metarrealidade”. Grifos nossos.

<sup>647</sup> Ibidem, p. 114.

<sup>648</sup> Ibidem, p. 111. Itálico do autor.

de vista podemos avaliar os instrumentos com os quais pode ser realizado o conhecimento de maneira mais efetiva”<sup>649</sup>.

É importante perceber que [...] se trata de alguma relação de valores com a realidade, quer dizer que não é importante o conhecimento em si desta realidade, mas trata-se da identificação de tais entidades, que representam os valores culturais, quais as seleções, conservação e utilização influenciam o próprio desenvolvimento da cultura<sup>650</sup>.

Na relação procurar-se-ia a sua motivação,

Esta relação está delimitada pelo caráter da realidade musealizada e pela importância de seus *valores*. Disso concluímos que a Museologia tem que se basear no conhecimento da importância para a cultura e a memória daquela realidade que está sendo observada<sup>651</sup>.

Pronto: este o âmbito, o da fenomenologia! Mas, de onde surge essa necessidade e determinação de se separar<sup>652</sup>? Da e na sociedade? E os estágios coletivistas sociais não desdizem uma determinação “ontológica” para possuir e distinguir? O objeto não como coisa em si, mas re-presentation de, em e por valor?

Para Stránský, a musealização transforma a realidade em metarealidade cultural<sup>653</sup>. Esse objeto pré-existente, identificado como valor, em sua musealidade, e aquele a existir ou transformado, se caracterizaria como objeto observado, mas orientado para ser alterado pelo observador – cientista, o musealizador. Em uma primeira circunstância, o objeto se afigura na consideração ôntica, da experiência própria dos entes. Na segunda, o objeto metarrealizado desloca e supõe um sujeito observador e [re]criador do objeto, não mais de dimensão ôntica, por não ser da experiência ôntica, mas de um metasujeito demiurgo de realidades. Repetimos a pergunta que nos ecoa: a Museologia estudaria a si mesma? E se assim o fizesse, estudaria um objeto que seria objeto de sua criação? Estudaria a realidade ou a metarrealidade? Como ficaria a relação gnoseológica a se explicitar, de qual pressuposto sujeito e de qual pressuposto objeto se estaria tratando? Estaria focalizando a relação do homem com a realidade ou do ente muzealizador, o demiurgo, com a metarrealidade que criaria? E, enfeixando a argumentação, e a sintetizando, retransmitimos as considerações de Deloche: [...] “a museologia [...] não para de intervir sobre ele [seu objeto] para o modificar, pois o museu

---

<sup>649</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p. 111. Itálico do autor.

<sup>650</sup> Ibidem, p. 113. Comentários nossos, conforme a Dissertação. Grifos nossos.

<sup>651</sup> Ibidem, loc.cit.

<sup>652</sup> Conforme o conceito de Desvallées.

<sup>653</sup> Ibidem, p. 117.

está sempre construindo e transformando”<sup>654</sup>. [...] “os modelos servirão para dizer o que deve ser o museu e não para explicar o que ele é”<sup>655</sup>.

O museólogo tem que conhecer bem estes valores culturais e tem que preferir e favorecer com plena consciência e responsabilidade certos valores que ele acha que refletem os interesses do homem e também de toda a sociedade, não somente para conservar seus representantes, mas também para utilizar estes representantes de modo pleno, em nome do desenvolvimento da cultura e fortalecimento da consciência cultural da sociedade. Este tipo de trabalho pode estar em vários casos em contradição com os valores populares, como foi particularmente nas épocas de regimes totalitários<sup>656</sup>.

Deloche se questiona se [...] “a instituição museu realizaria convenientemente a especificidade da relação museal do homem com a realidade?”<sup>657</sup> *E o que* a Museologia poderia trazer sobre a relação homem-realidade? [...] “pois não é ela que nos permitirá melhor conhecer a realidade natural e cultural”<sup>658</sup>.

A museologia disciplinarmente talvez não possa ou tenha podido teorizar sobre a realidade, mas estamos especulando na instância da metamuseologia / metapatrimoniologia sobre essas questões da relação do homem com o mundo. *Mas, são exclusivamente questões museais ou têm o espectro biunívoco das patrimoniais? Não seria prudente e conveniente que o valor, pelo que se separam elementos, seja considerado no campo da Patrimoniologia / Metapatrimoniologia? No cerne do questionamento está um campo filosófico, o axiológico, geral o bastante para poder conter subsídios para compreensão teórica, metamuseal / metapatrimonial.*

Os contornos das discussões envolvendo limites conceituais e sua gênese residem no âmbito da teoria. Neste caso, os pressupostos que as instauram dizem total respeito à área de concentração em Museologia e Patrimônio. Discutir suas interfaces e reciprocidades, antes que suas eventuais diferenças, contribui para que o objeto de estudo, o valor, possa ser observado de pontos de vistas mais alargados e includentes, talvez até transcendententes? Refletir sobre o valor em si, seu(s) fundamento(s), origem e distinções e seus critérios conduz à cogitação de que o valor reside no campo da metarrealidade, transcendente enquanto dado pensável, mas não passível de

---

<sup>654</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001, p. 129. [...] “la muséologie [...] ne cesse d’intervenir sur lui [seu objeto] pour le modifier, car le musée est toujours à construire et à transformer”.

<sup>655</sup> [...] “les modèles serviront à dire ce que *doit être* le musée e non pas à expliquer ce qu’il *est*”.

<sup>656</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p. 128.

<sup>656</sup> Ibidem, p.107-108.

<sup>657</sup> DELOCHE, op.cit., p. 130. “[...] l’institution du musée réalise-t-elle convenablement la spécificité de la relation muséale de l’homme avec la réalité?”.

<sup>658</sup> Ibidem, loc. cit. [...] “car ce n’est pas elle qui nous permettra pas de mieux connaître la réalité naturelle ou culturelle”.



conhecimento em si, atingindo a dimensão do valor para além do valorável, do valor em si. Sobre quais bases estabelecemos sistemas de valor, ou de escolha, ou de seleção ou separação, seja no campo material como no imaterial, a exemplo de discriminação, segregação, que podem subjazer a critérios ou parâmetros de valor no âmbito da Museologia / Patrimoniologia? Há uma anterioridade do valor, cuja base transcendental se manifesta sob a forma cultural da distinção, sem, no entanto, se confundir com o real?

Procuramos recolher alguns casos para evidenciar questões de valor, demonstrando a relevância do tópico através de pontos em uma superfície narrativa de fatos da atualidade e, em um caso, remontando ao início do século XIX, pelo que esperamos de modo quase casual, se perceba sua significância para a contemporaneidade, quase que “em tempo real”.

A) 21 de janeiro de 2010

A senhora Hillary Diane Rodham Clinton sobe ao palco do auditório Walter e Leonor Annenberg. Falará sobre a liberdade na internet. Em seu pronunciamento, designando a internet como "a nova infraestrutura icônica de nossa era"<sup>659</sup>, oposta ao simbolismo divisor do muro de Berlim<sup>660</sup>, conclama ao acesso global sem censura à informação pela Internet. Um "novo sistema nervoso"<sup>661</sup> para nosso planeta! Associou o livre acesso à rede às cinco liberdades da Primeira Emenda<sup>662</sup> constitucional dos EUA. "A liberdade para se conectar é como a liberdade de reunião, só que apenas no ciberespaço". "Os países que restringem o livre acesso à informação ou violam os direitos básicos dos usuários da Internet correm o risco de se isolar do progresso do próximo século". "Nenhum grupo ou indivíduo deve ficar enterrado nos escombros de opressão"<sup>663</sup>. Enfatizou que o governo dos EUA está comprometido com o auxílio à liberdade na Internet. E que o Departamento de Estado<sup>664</sup> gostaria de trabalhar com os líderes da indústria, academia e organizações não governamentais para a saúde no mundo e direitos humanos.

---

<sup>659</sup> "the new iconic infrastructure of our age", nas palavras de Hilary Clinton.

<sup>660</sup> Construído a partir de 1961, começa a ser derrubado em 9 de novembro de 1989: fim da guerra fria, início do fim do bloco comunista do leste europeu. MURO de Berlim. **Wikipedia**. <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Muro\\_de\\_Berlim](http://pt.wikipedia.org/wiki/Muro_de_Berlim)>. Acesso em: 21 maio 2011.

<sup>661</sup> "new nervous system".

<sup>662</sup> Parte do Bill of Rights, votado pelo Congresso dos EUA em 1789. Identificado com o Iluminismo. BILL of Rights. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/United\\_States\\_Bill\\_of\\_Rights](http://en.wikipedia.org/wiki/United_States_Bill_of_Rights)>. Acesso em: 20 maio 2011.

<sup>663</sup> "The freedom to connect is like the freedom of assembly, only in cyberspace". "Countries that restrict free access to information or violate the basic rights of Internet users risk walling themselves off from the progress of the next century". "No group or individual should stay buried in the rubble of oppression."

<sup>664</sup> Corresponde ao Ministério das Relações Exteriores, à Chancelaria.

"Vamos fazer [da tecnologia] uma força para o progresso real no mundo inteiro"<sup>665</sup>.

"Na segunda à tarde, M. [Sofia Wilén] e Assange se encontraram de novo, visitaram o local de trabalho dela em um museu de Estocolmo e andaram juntos pela cidade antiga, diz o inquérito policial."

[...] "No museu [de História Natural - *Natural History* - *Naturhistoriska riksmuseet*] eles foram até o escritório onde Julian se sentou e começou a surfar na rede, procurando por tuíteres dele. Ficaram por lá esperando pela sessão de cinema no Cosmonova, às 18:00"<sup>666</sup>.

Assange é acusado de coerção sexual e estupro contra duas suecas. [...] O relatório, de 68 páginas, dá a versão da polícia sueca para os quatro dias da visita de Assange ao país, em agosto [de 2010]. Segundo a investigação, os encontros do australiano com as suecas realmente começaram de forma "amigável". Mas se tornaram violentos quando elas se negaram a fazer sexo sem preservativo. O documento, extenso e repleto de interrogatórios, é um baque na defesa de Assange, que alega que tudo foi montado de última hora como parte de uma conspiração comandada pelos EUA. [...]

Elas são identificadas só como "A" e "W". "A" tem 30 anos e é uma ativista da esquerda na Suécia. "W", 25, trabalhou no Museu de Estocolmo<sup>667</sup> e é descrita como "forte apoiadora" do WikiLeaks<sup>668</sup>.

---

<sup>665</sup> "Let us make [technology] a force for real progress the world over". Hilary Clinton. Apud. SHADID, Sharon; SILEN, Andrea. **Clinton Urges Global Internet Freedom**. Disponível em: <<http://www.newseum.org/news/2010/01/clinton-urges-global-internet-freedom.html>>.

Acesso em: 8 maio 2010. Ver também comentários em: HILARY Clinton's internet freedom. **Index on Censorship**. Disponível em: <<http://www.indexoncensorship.org/2010/01/hilary-clintons-internet-freedom/>>. Acesso em: 8 maio 2010. UNRESTRICTED open internet access ... **WordPress**. Disponível em: <<http://digiphile.wordpress.com/2010/01/21/unrestricted-open-internet-access-is-a-top-foreign-policy-for-the-us/>>. Acesso em: 8 maio 2010.

<sup>666</sup> ASSANGE in Sweden: Sofia. **Rixstep**. Disponível em: <<http://rixstep.com/1/20110131,00.shtml>>. Acesso em: 8 maio 2010. CONFIDENTIAL swedish Police report details claims against Assange. **The Age**. 20 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.theage.com.au/technology/technology-news/confidential-swedish-police-report-details-claims-against-assange-20101220-192ih.html#ixzz1LoSyA1e3>>. Acesso em: 8 maio 2011. "Katrin Weiss" [nome fictício] - reclamante; trabalhadora em museu (Alegações em Estocolmo/ extradição de Julian Assange pela acusação de estupro). P.12. "Depois do almoço, Weiss se ofereceu para levá-lo até o computador do trabalho dela. Quando Assange finalmente e cansou de surfar na rede e procurar tuites sobre si mesmo no computador de Katrin, no museu, eles foram ao cinema."p. 154 e 155. LEIGH, David e HARDING, Luke. **Wikileaks: a guerra de Julian Assange contra os segredos de estado**. Campinas: Verus, 2011.

<sup>667</sup> Disponível em: <[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:CLvPreL7\\_SMJ:veja.abril.com.br/blog/reinaldo/tag/julian-assange/+assange+estupro+museu&cd=4&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&source=www.google.com.br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:CLvPreL7_SMJ:veja.abril.com.br/blog/reinaldo/tag/julian-assange/+assange+estupro+museu&cd=4&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&source=www.google.com.br)>. Acesso em: 11 maio 2011.

<sup>668</sup> "Os termos *wiki* [...] e *WikiWiki* são utilizados para identificar um tipo específico de coleção de documentos em hipertexto ou o software colaborativo usado para criá-lo. O termo "Wiki wiki" significa "extremamente-rápido" no idioma havaiano. Este software colaborativo permite a edição coletiva dos documentos usando um sistema que não necessita que o conteúdo tenha que ser revisto antes da sua publicação. WIKI. **Wikipedia**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Wiki>>. Acesso em: 8 maio 2011. Ver também: <<http://wiki.org/wiki.cgi?WelcomeVisitors>>. Acesso em: 8 maio 2011. <<http://wiki.org/wiki.cgi?WhatIsWiki>>. Acesso em: 8 maio 2011.

“Julian Assange um ativista australiano da Internet é geralmente descrito como diretor” do Wikileaks, organização que publica material privado e secreto de fontes anônimas novas, novos vazamentos e denúncias<sup>669</sup>.

B) “Então, vamos ser claros!”<sup>670</sup>, a senhora Hillary Diane Rodham Clinton diz.

Vamos ser claros: esta divulgação não é apenas um atentado contra interesses da política estrangeira da América [EUA] . É um ataque à comunidade internacional - às alianças e parcerias , às conversas e negociações que garantem a segurança global e promovem a prosperidade econômica<sup>671</sup>.

Era 29 de novembro de 2010. Na Sala do Tratado, com seu azul Wedgewood, próxima ao seu escritório do prédio Harry Truman<sup>672</sup>, que sedia o Departamento de Estado dos EUA, a Secretária se pronuncia aos jornalistas.

Dois discursos sobre a informação na rede? Expressões de valores opostos? Estão em jogo os interesses da política dos EUA. O jornal, ou o jornalismo, opera como memória e patrimônio. Na notícia, ou através dela, pode-se verificar o dito como ultrapassado por outro dito que, ficando registrado, constata a contraposição. Então, onde reside a escolha? O que é a escolha?<sup>673</sup>

O ano de 2011 foi pródigo em movimentos que designamos como democráticos, notadamente em países do mundo árabe. Em apenas um ano, a efervescência pareceu eclodir das areias do deserto, em tremores não previstos pelos sismógrafos do mundo dito ocidental.

---

<sup>669</sup> Em 2010, diversas publicações suas foram de grande impacto. Em abril, divulga imagens do bombardeio de Bagdá, de 12 de julho de 2007, no qual civis iraquianos e jornalistas foram mortos por um helicóptero militar. Em julho, é lançado o **Diário de Guerra do Afeganistão**, com uma compilação de mais de 76.900 documentos, indisponíveis anteriormente para o público. Em outubro, aparece um pacote de quase 400 mil documentos sobre a Guerra do Iraque, em coordenação com grandes organizações comerciais de imprensa, permitindo mapear as mortes no Iraque e na fronteira com o Irã. Em novembro, começam a vir à luz os telegramas diplomáticos do Departamento de Estado dos EUA... WIKILEAKS. **Wikipedia**. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/WikiLeaks>>. Acesso em: 20 maio 2011.

<sup>670</sup> “*So let's be clear*”.

<sup>671</sup> THE WASHINGTON POST. 29 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2010/11/29/AR2010112903231.html>>. Acesso em: 08 maio 2011. Ver também <<http://www.state.gov/secretary/rm/2010/11/152078.htm>>. Acesso em: 08 maio 2011.

<sup>672</sup> Sobre a Sala do Tratado e o prédio Harry Truman, destinado ao Departamento de Estado dos EUA, ver: <<http://www.gsa.gov/portal/ext/html/site/hb/category/25431/actionParameter/exploreByBuilding/buildingId/700>>. Acesso em: 08 maio 2011.

<<http://www.allangreenberg.com/project.aspx?id=8&cat=2>>. Acesso em: 08 maio 2011.

<[http://en.wikipedia.org/wiki/Harry\\_S\\_Truman\\_Building](http://en.wikipedia.org/wiki/Harry_S_Truman_Building)>. Acesso em: 08 maio 2011.

<sup>673</sup> A exposição curricular da Escola de Museologia **O que você vê?**, de 2007, discutira esse fenômeno de um mesmo objeto, ao ser submetido a leituras, a olhares diferenciados, desemboca em metarrealidades várias.

Mas o deserto é novo? Também o é o motivo contra o qual se levanta o povo? Osmani Mubarak, então presidente do Egito, fora visitado pelo Presidente Luis Inácio Lula da Silva, e visitou o presidente Barak Obama<sup>674</sup>. Muamar Kadafi, o “irmão”, o “amigo” de Lula, também foi reverenciado<sup>675</sup>. Um já foi destituído, outro estava sendo bombardeado pela coalizão da Organização do Tratado do Atlântico Norte - OTAN. Por quê? Eram Presidentes e se transformaram repentinamente em ditadores? Não teriam sido o que sempre foram? Apenas receberam considerações diferenciadas devidas a estratégicos pontos de vistas diversos, no tempo e no espaço?

E o que pensar da burka (e niqab), com sua proibição em território francês? É ela o mal? É um mal em si? E o passou a ser desde setembro de 2010 para em abril de 2011 ser proibida?<sup>676</sup> Culturas, histórias, religiões diversas!

E a questão da mulher e a responsabilidade pelo seu corpo, incluindo a possibilidade de interrupção da sua gravidez? A memória do movimento pela liberação do aborto ilustra uma página, outra, sobre um objeto e maneiras de ser encarado e a luta pela aceitação de outro ponto de vista <sup>677</sup>.

E nós, apenas agora temos imagem re-produzida? Sim, e as instituições públicas que veiculam imagens recearão, com os rigores das sanções legais, mostrar-nos? E se o fizerem, se cercarão dos devidos cuidados. O Museu das Artes Primeiras, o do Cais Branly, em Paris, se algo re-presenta pessoa identificável e se alguém se reconhecer ou reconhecer a alguém deve preencher um formulário de autorização para que se possa, então, reproduzir a imagem da pessoa re-presentada...<sup>678</sup> Jean Cuisenier, em

---

<sup>674</sup> OS DITADORES não são eternos, mas a hipocrisia de seus cúmplices sim. **Bondeblog**. Disponível em: <[http://007bondeblog.blogspot.com/2011/02/os-ditadores-nao-sao-eternos-mas.html?utm\\_source=feedburner&utm\\_medium=feed&utm\\_campaign=Feed%3A+blogspot%2FNIKX+%28007BONDeblog%29](http://007bondeblog.blogspot.com/2011/02/os-ditadores-nao-sao-eternos-mas.html?utm_source=feedburner&utm_medium=feed&utm_campaign=Feed%3A+blogspot%2FNIKX+%28007BONDeblog%29)>. Acesso em: 18 abr 2011. Ver também <<http://www.wsws.org/francais/News/2011/avr2011/burqa-a19.shtml>>. Acesso em: 20 abr. 2011.

<sup>675</sup> LULA se reuniu quatro vezes com amigo irmão Kadafi. **O Globo**. 21 fev. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2011/02/21/lula-se-reuniu-quatro-vezes-com-amigo-irmao-kadafi-923853313.asp>>. Acesso em: 18 abr. 2011.

<sup>676</sup> LA BURQA interdit em France. **Europe 1**. Disponível em: <<http://www.europe1.fr/Politique/La-burqa-interdite-en-France-269796/>>. Acesso em: 20 abr. 2011. <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:WyHHYikB6Z0J:israel-europe.over-blog.com/article-juste-deux-arrestations-que-la-france-apporte-dans-interdiction-burka-read-more-http-www-dailymail-co-uk-news-article-1375654-france-burka-ban-two-arrested-paris-protest-html-ixzz1jgrklsyb-71521978.html+france+protestation+interdiction+burqa&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&source=www.google.com.br>>. Acesso em: 20 abr. 2011. Ou ainda <<http://rebellyon.info/Interdiction-de-la-burqa-et-du.html>>. Acesso em: 20 abr. 2011.

<sup>677</sup> **O segundo sexo**, obra de Simone de Beauvoir, de 1949, assinala a emergência da figura feminina, protagonista e responsável pelo seu corpo. Do ativismo de Simone, de outras mulheres e homens, na progressão legal na França, de 1975 a 1980, redundará a regulamentação do aborto.

<sup>678</sup> LES CONDITIONS de mise en ligne des collections. **Musée du Quai Branly**. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:M1DoKOY5pK4J:www.quaibrantly.fr/fr/documentation/les-conditions-de-mise-en-ligne-des-collections.html+droit+de+image+personne+represente+musee&cd=1&hl=pt->

artigo de 1987, nos dá conta de um dos primeiros processos em França de uma pessoa que se vendo em uma foto de festa de casamento, presente em uma exposição itinerante, entre museus de caráter etnográfico, questionou judicialmente a exibição pública de sua imagem, levando, em primeira instância, à determinação de retirada da foto. Ponto de partida para a reflexão sobre a pesquisa baseada em metodologia fotográfica no âmbito das ciências sociais: o contraste com o direito individual, as demandas públicas e privadas, considerando que o acervo em que constava a foto fora livremente doado a uma entidade museística; os aspectos deontológicos, de cada e de ambas as partes, do direito, da informação e da produção de conhecimento. “Em última instância, isso [a pesquisa] não terá mais objeto”<sup>679</sup>.

Ou tratar-se-ia de direito conflitante? De expressão ou de imagem, como propõe discutir o Museu do Eliseu, em Lausanne?

Na exposição [de abril a junho de 2008] confluem dois modos de expressão que, habitualmente, apenas se associam em caso de conflito; a fotografia e o direito. O resultado é **Controvérsias**, uma história jurídica e ética da fotografia, uma plataforma de reflexão que reúne 80 clichês de qualidades estéticas inegáveis, mas cujo conteúdo patrocinou - ou patrocina ainda - a crônica jurídica, mediática ou moral<sup>680</sup>.

Conceitos de valor moral e de moralidade? A arte fustiga limites?<sup>681</sup>

Decisões sobre expor arte, a realidade jurídica e a indústria cultural, em que um fato envolvendo a discussão entre arte e direito é objeto de um produto de arte cinematográfica?<sup>682</sup> **Dirty Pictures**, filme de produção norte-americana de 2000, dirigido por Frank Pierson, aborda o julgamento, em 1990, de Dennis Barrie, diretor do Centro de Artes Contemporâneas de Cincinnati, Ohio, EUA, “acusado de promover a pornografia, apresentando uma exposição de fotografias de Robert Mapplethorpe, que incluíam imagens de crianças nuas e apresentação de material gráfico de

---

BR&ct=clnk&gl=br&source=www.google.com.brhttp://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:dr5Q5rV3GfsJ:www.culture.gouv.fr/documentation/joconde/fr/partenaires/AIDEMUSEES/museofiche2.htm+droit+de+image+personne+represente+musee&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&source=www.google.com.br>. Acesso em: 25 abr. 2011.

<sup>679</sup> CUISENIER, Jean. Les droits de la personne sur son image. In: **Muséologie et ethnologie**. Paris: Réunion des Musées Nationaux, 1987. P. 204-214. p. 209. “À la limite, elle [a pesquisa], n’aura plus d’objet”.

<sup>680</sup> CONTROVERSE. **Scenes Magazine**. Disponível em: <http://www.scenesmagazine.com/>. Acesso em: 21 abr. 2011.

<sup>681</sup> OBEISSANCE civile. **Journal Mural**. Disponível em: <http://www.journalmural.com/2010/11/obeissance-civile/>. Acesso em 21 abr. 2011.

<sup>682</sup> DIRTY pictures. Wikipedia. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Dirty\_Pictures>. Acesso em: 19 abr. 2011. Barrie foi julgado inocente, mas a despeito da vitória legal e o aprendizado com a situação pública, levou a um comportamento mais conservador por parte de curadores e dirigentes de museus, de modo a evitar potenciais controvérsias em suas realizações.

sadomasoquismo homossexual.” O prévio cancelamento da programação da Galeria de Arte Corcoran, de Washington DC, não intimidou o corpo diretor do Museu em Cincinnati. A família do diretor do Museu também viria a ser afetada e alvo de um líder de um grupo conservador People for Community Values. “Como seu casamento começa a se desintegrar e a perspectiva de uma pena de prisão paira diante dele, ele se vê dividido entre sua devoção a sua família e sua determinação de defender as doutrinas da Primeira Emenda”<sup>683</sup>.

22 de junho de 2000: “O Museu Americano de História Natural e as tribos confederadas da comunidade grande de Ronde de Oregon assinam acordo histórico manutenção meteorito Willamette no Museu, reconhecendo relação espiritual da tribo para o meteorito”<sup>684</sup> Objeto científico? Objeto religioso? Objeto segregado? Objeto subtraído? Objeto compartilhado? Comunidades científicas e comunidades indígenas? 22 de janeiro de 2009: “Atacamenhos querem enterrar suas múmias. O Museu Padre Le Paige exibe restos humanos, mas as comunidades indígenas querem que os seus antepassados repousem em túmulos e não em um depósito. Este ano será crucial: entra em vigor a Convenção da OIT [nº 169, sobre os povos indígenas e tribais, da Organização Internacional do Trabalho] Chile solicitando a devolução dos bens patrimoniais às comunidades”<sup>685</sup>. *A quem agrada ver o avô numa vitrine?* Carlos Aguilar, vice-presidente do Conselho dos Povos do Atacama, Chile. O Museu, em São Pedro de Atacama, em maio de 2007, deixou de exibir 46 múmias lendárias, entre elas a chamada “Miss Chile”. Embora as múmias - monumentos nacionais, fossem o principal atrativo para os mais de 50 mil visitantes anuais do Museu, os indígenas exigem recolhimento para seus mortos e respeito ao seu passado<sup>686</sup>. O que é um antepassado? Uma entidade abstrata e coletiva ou um elemento individuado de uma ascendência?

---

<sup>683</sup> “As his marriage begins to disintegrate and the prospect of a jail sentence looms before him, he finds himself torn between his devotion to his family and his determination to defend the doctrines of the First Amendment.” Primeira Emenda da Constituição dos E.U.A., sobre liberdades.

<sup>684</sup> “The American Museum of Natural History and the Confederated Tribes of the Grand Ronde Community of Oregon sign historic agreement maintaining Willamette Meteorite at Museum, recognizing the Tribe’s spiritual relationship to the meteorite.” METEORITE agreement. American Museum of Natural History. Disponível em: <[http://www.amnh.org/rose/meteorite\\_agreement.html](http://www.amnh.org/rose/meteorite_agreement.html)>. Acesso em: 25 abr. 2011.

<sup>685</sup> “Atacameños quieren enterrar a sus momias. El Museo Padre Le Paige ya no exhibe restos humanos, pero las comunidades indígenas quieren que sus antepasados descansen en tumbas y no en un depósito. Este año será clave: entra en vigencia en Chile un convenio de la OIT que pide devolverles sus bienes patrimoniales”. [Organización Internacional do Trabalho]. ATACAMEÑOS quieren sus momias. **Prensa Políticas Públicas**. 22 jan. 2009. Disponível em: <<http://prensa.politicaspublicas.net/index.php/indigenaschile/2009/01/22/atacamenos-quieren-enterrar-a-sus-momias>>. Acesso em: 25 abr. 2011.

<sup>686</sup> Ibidem.

1945: a cidade japonesa de Hiroshima é bombardeada, evento que praticamente demarca o fim da 2ª Grande Guerra Mundial! Do avião da aeronáutica norte-americana Enola Gay desce a bomba atômica “Little boy” que destruirá de imediato e deixará seu legado corrosivo agindo silenciosamente. Decorridos 50 anos, em 1994, o Museu Nacional Aeroespacial, da Instituição Smithsonian, Washington, DF, EUA, prepara uma exposição comemorativa. Mas comemorar o quê? O engajamento dos EUA numa Guerra de vingança? A subjugação do povo japonês “obstinado” em defender sua cultura do imperialismo do oeste? O protesto e debate se deram em diferentes instâncias, dos veteranos de Guerra ao Congresso Nacional dos EUA. “A Instituição Smithsonian cancelou a exposição malfadada em janeiro passado em favor de uma exposição objetiva que iria mostrar o Enola Gay, sem armadilhas políticas. O fogo nunca foi efetivamente lançado, entretanto, e o Dr. Martin O. Harwit, diretor do museu, renunciou em 2 de maio, dizendo que nada de menos iria satisfazer aos críticos”<sup>687</sup>.

**O rato:** o convidado aflitivo do homem, em 1969, tratou-se de uma exposição no Museu do Bairro de Anacostia, criado em 1967, da comunidade negra de Washington DF, EUA, braço da Instituição Smithsonian<sup>688</sup>. E rato é objeto? Se ele é uma praga e infesta uma região, que tal conhecê-lo, de modo a combater a sua reprodução, propiciando seu controle? O asco ou a ignorância não exterminam roedores!

Mais um fato, ainda!

Uma miscelânea de objetos antigos inundava a recém-criada Comissão Real para Conservação das Antiguidades Dinamarquesas, de Copenhague. O espírito cívico dos cidadãos fazia amontoarem-se coisas. E, para dar conta delas, contratou-se o jovem numismata Christian Jürgensen Thomsen (1788-1865), então com 27 anos [1816]. Para o bispo [?] da Comissão, “O Sr. Thomsen é confessadamente apenas um diletante, mas um diletante com uma vasta gama de conhecimentos. Não tem nenhum grau acadêmico, mas no estado presente do conhecimento científico praticamente não considero tal fato uma desqualificação”<sup>689</sup>. Objetos sem identificação, embrulhados e empacotados! “[Eu] Não conhecia nenhum exemplo prévio sobre o qual basear a

---

<sup>687</sup> “The Smithsonian canceled the ill-fated exhibit last January in favor of a straightforward exhibit that would display the Enola Gay without political trappings. The fire never really went out, though, and Dr. Martin O. Harwit, director of the museum, resigned May 2, saying that nothing less would satisfy the critics”. ENOLA Gay. **War Bird Forum**. Disponível em: <<http://www.warbirdforum.com/enolagay>>. Acesso em: 25 abr. 2011. ver também <http://www.historians.org/perspectives/issues/2003/0312/0312new4.cfm>. Acesso em: 25 abr. 2011.

<sup>688</sup> **The rat:** man’s invited affliction. Apud ALEXANDER, Edward P. **Museums in Motion:** An Introduction to the History and Functions of Museums. 2.ed. S.l.: American Association for the State and Local History Book Series, 2008. p. 287.

<sup>689</sup> BOORSTIN, Daniel J. **Os descobridores**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1989. p. 544.

ordenação de semelhante coleção”. [...] “Seguindo regras do senso comum aprendidas no armazém da companhia de navegação do pai” separou por material, pedra, metal, cerâmica. Depois, por uso aparente: arma, utensílio, vasilha para comida, religioso. “Olhava para os objetos e depois perguntava a si mesmo o que perguntariam os visitantes do museu que os vissem pela primeira vez.” E os visitantes, a partir da inauguração do museu em 1819 viram os objetos em três armários. Um com objetos de pedra; no outro, objetos de bronze e, no terceiro, objetos de ferro. “Thomsen suspeitou que objetos de materiais semelhantes seriam de uma mesma era”<sup>690</sup>. À época, mesmo aos eruditos, facilmente se associavam utensílios de pedra aos pobres e os de bronze e de ferro aos mais abastados. Thomsen lhes confere a ordenação conforme o seu “princípio de cultura progressiva”<sup>691</sup>. Coisas comuns? De pobre? Coisas díspares ou constituintes de uma série e sequência?

O jovem dinamarquês, olhando o que fora apartado, valoriza os materiais, funções aparentes e a justaposição, a organização e ordenação. E a senhora Hillary reorganiza o que fora reunido em duas possibilidades analíticas, libertária ou vitimadora, conforme o valor para uma determinada re-presentação da realidade.

Através dos casos que apresentamos, buscamos um mapa feito de diversos nós; nós étnicos, sexuais, morais, legais, artísticos, etnográficos, científicos, religiosos, políticos, epistemológicos, culturais, internéticos, pré-históricos, humanos, brutais... Mapa fluido, mapa de laços lassos, mas ainda mapa. Em que residiria sua capacidade “de ser mapa”? No que encerra ou no que é encerrado?

E discutir os fundamentos daquilo que se desdobra nesses e em outras desfocalizações parece ser justificável para um tempo, o presente, em que necessitamos atentar para as muitas, ainda, persistências de sistemas de valor e de sua atribuição, definidores da expropriação e desvalorização de uns por outros.

A ideia do contemporâneo, racionalista, tem como marco a Convenção francesa, de 1792, em seu projeto de organização do conhecimento em instituições museísticas e o surgimento do conceito de patrimônio cultural: o iluminismo e as “ideologias”, do centro, direita e esquerda. E a esquerda se instaura em país e depois em bloco, contraposição do mundo, vigorando de 1917 à queda referencial do muro de Berlim, em 1989: o

---

<sup>690</sup> BOORSTIN, Daniel J. **Os descobridores**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1989. p. 544/545. Hesíodo já associara as Idades do homem à dos metais, informação literária ao que tudo indica não acessada pelo jovem Thomsen. Em 1836 publica o Guia [prático] de antiguidades escandinavas, traduzido para francês, inglês e alemão.

<sup>691</sup> Ibidem, p. 546.



comunismo. E vem se delineando na atualidade o interesse que, imantado em grupos de sua defesa, vem propondo o término do ciclo ideológico, um mundo sem fronteiras, interligado e em tempo real: o reticularismo ou nodularismo. Seriam esses os momentos em que predominariam valores racionalistas, de fundação epistemológica, [de interregno romântico], desdobrado no conceitual de caráter Ideológico, para dobrar-se nas comunidades dos grupos de interesse, em casos monográficos?<sup>692</sup>

O que é o real e o como se lhe atribui(em) o(s) valor(es)?: esta é parte do desafio acadêmico a que nos propomos! O conhecimento é metarreal, constrói uma realidade para re-presentar, inter-pretar, teorizar a realidade, mas é cognoscível. Realidade é o dado. Atribuímos significado, ao pararmos para pensar sobre algo, ao inter-pretarmos criamos uma realidade sobre a realidade, uma metarrealidade.

E, ao refletirmos sobre tudo isso, atingimos uma ultrarrealidade ou a transcendência<sup>693</sup>.

A título de exploração incipiente, precária e instável, nos perguntamos: o que é a escolha? Em termos filosóficos seria um juízo sobre a vontade e o que a vontade decide ser seu objeto? Um valor ou parte de um sistema de valores? Nos dois pronunciamentos da senhora Secretária de Estado norte-americano temos um mesmo objeto, a internet e/ou a liberdade, e um mesmo sujeito, Hillary, que, dependendo de quanto se agrade ou desagrade o teor e o interesse relativo, atribui valor diferente à liberdade de

---

<sup>692</sup> Para esses aspectos, apontamos, a seguir, algumas leituras auxiliares referenciais e instrumentais. **Museum**, Paris, v. 29, n. 2/3, 1977. Com editorial de Georges Henri Rivière, o volume dedicado aos **Nouveaux aspects du musée d'histoire**, reúne artigos sobre instituições e exposições, na Mongólia, Qatar, ex República Democrática da Alemanha, Inglaterra, França, Holanda, Dinamarca, Canadá, ex URSS, EUA, ilha de Guadalupe, Azerbaijão, Japão, Paquistão, Argélia, Gana, Cuba. Neste número, destacaria o instigante artigo de Gérard Collot, sobre o Museu de História de Metz, e o sobre o Museu das Forças Produtivas, permitindo se verificar o “antes e o depois” à queda do Muro. Para o período posterior a 1989, as Atas do encontro de países do antigo bloco comunista, como Lituânia, República Checa, Eslovênia, Macedônia, Romênia, Letônia, Bulgária, Bielorrússia, Sérvia e Montenegro, Moldávia, fornecerão tanto a tentativa de diagnóstico quanto de exorcização e de expiação diante das faiscações do ex-bloco capitalista: DOLÁK, Jan (Ed.). **Muzea v procesu transformace**. 24-26. Listopadu 2003 Brno. Brno: Universidade Mazaryk, 2004. Conhecer os museus do Comunismo, dos EUA e da República Checa, também pode ser útil na observação de aspectos históricos do valor. E para a reticularidade, reler, com foco, **Le musée virtuel**, de Bernard Deloche, e **O que é o virtual?**, de Pierre Lévy. Quanto ao âmbito e abrangência dos momentos, ler sobre a história dos tombamentos de monumentos, conjuntos e sítios, se verem as notícias sobre tombamentos, registros e inscrições, dos *building listed*, e a trajetória do termo patrimônio cultural, desde a Convenção. Convém, ainda, considerar a dicotomia ocidental do material x imaterial, para o que se inscreve DUVIGNAUD, Jean e KHAZNADAR, Chérif, dir. **Le patrimoine culturel immatériel: les enjeux, le problématiques, les pratiques**. [Paris] : Maison des cultures du monde, 2004 (com pronunciamentos africanos, extremo orientais, europeus e do Brasil) e a leitura de Henri-Pierre Jeudy sobre **La machinerie patrimoniale**. Paris : Sens & Tonka, 2001. E, talvez, averiguar as implicações conceituais das especificidades dos termos **evento, fato e versão**, quanto à realidade e a extensão fenomenológica do percebido. Para a questão filosófica, o mergulho nos juízos de Kant, em **A crítica do juízo**, e na Vontade, conforme Schopenhauer, na intenção de se especular sobre pressupostos para as definições manifestas do valor, sua natureza e anterioridade fundadora.

<sup>693</sup> Ver a exposição transcendental, em Kant.

expressão, ora libertária, ora potencialmente destruidora. Na expressão em si ou na da internet, não estão o “bem ou o mal”, mas revelam o juízo que se tem dela, internet. O valor definiria o patrimônio e o patrimonializável, o memorável; o musealizado e o musealizável, incluindo-se o modo, o como isso se efetiva<sup>694</sup>.

As interrogações que por agora nos vão ocorrendo dizem respeito ao fundamento da vontade e do arbítrio (*Will* e *Arbitration / free Will*): o que define o objeto da vontade e o juízo do arbítrio? O desejo? Seleção, seleção natural? Separação? Escolha e eleição? O que é juízo de valor, o que há de apriorístico e como se manifesta nesses processos de valoração a teoria da decisão?

21 de janeiro de 2010

E a senhora Hillary Diane Rodham Clinton, Secretária de Estado dos Estados Unidos da América do Norte, sob a admiração do público, deixa o auditório do **Newseum**<sup>695</sup>, o Museu da Notícia e do Jornalismo, em Washington DF! Um museu<sup>696</sup>, de imprensa, um centro de preservação e de memória, de escolhas e separações!<sup>697</sup>

---

<sup>694</sup> Repetimos que a exposição curricular **O que você vê?**, em 2007, da Escola de Museologia da UNIRIO, discutira esse fenômeno de um mesmo objeto, ao ser submetido a leituras, a olhares diferenciados, desembocar em metarealidades várias.

<sup>695</sup> O **Newseum** apresenta cinco séculos da história das notícias e imprensa jornalística com tecnologia de ponta e interatividade. Na fachada, numa superfície de mármore, está gravada a Primeira Emenda. O Museu visa proporcionar a melhor compreensão entre as pessoas. Propicia experienciar como e porque as notícias são feitas. Sua missão abrange “educar o público sobre o *valor* da imprensa livre em uma sociedade livre e contar as histórias dos eventos importantes do mundo de um modo único e envolvente”. Disponível em: NEWSEUM. **Newseum**. Disponível em: <<http://www.newseum.org/>>. Acesso em: 8 maio 2011.

<sup>696</sup> LE SITE internet d'un musée tombe avec la mort d'Oussama Ben Laden. Washington, le 4 mai 2011, Art Media Agency (AMA). [...] Le jour de l'annonce de la mort d'Oussama Ben Laden, le site web Newseum, du même nom que le musée, a cessé de fonctionner. Au moment du bug, le site recevait 2.800 visiteurs par secondes. L'intérêt de Newseum est que celui-ci propose tous les jours aux spectateurs les premières pages de centaines de journaux.

Le concept est très intéressant pour les personnes souhaitant obtenir un large panel d'informations sur un sujet. Depuis l'avènement des média players, il s'est avéré que les amateurs deviennent des experts de l'actualité et veulent se faire leur propre opinion exempte de la subjectivité des journalistes. La proposition de Newseum répond aux attentes des consommateurs en leur offrant un panorama visuel immédiat des actualités chaudes. Ceci explique son succès à l'occasion de l'annonce de la mort très controversée d'Oussama Ben Laden. Le musée a prévu de diffuser sur le site la vidéo du Memorial Day du 11 septembre de cette année et espère reproduire un phénomène similaire. 4 LE SITE internet d'un musée tombe avec la mort d'Oussama Ben Laden. **Art Media Agency**. 4 maio 2011. Disponível em : <http://fr.artmediaagency.com/12816/le-site-internet-dun-musee-tombe-avec-la-mort-doussama-ben-laden/>. Acesso em: 10 maio 2011.

<sup>697</sup> Agradeço à colega Andrea Pedreira, do Museu Nacional de Belas Artes – Ibram/MinC, por colaborar com algumas das indicações dos fatos iniciais.

## 5.2 O termo valor no campo lexical: incursões por dicionários

Valor, em português e espanhol, *valeur*, em francês, *valore*, em italiano *value*, em inglês, *Wert*, em alemão, *hodnota*, em checo, e *vrijednost*, em croata...

Compreende-se campo lexical como o “Conjunto de palavras cuja formação partiu de um radical comum”<sup>698</sup>. Embora o autor, ao final do mesmo verbete, refira-se à possibilidade de uso do termo “campo léxico-semântico”, derivado de uma identidade entre os ditos campos lexical e semântico, manteremos um isolamento entre eles, atendo-nos ao aspecto da radiciação do vocábulo valor.

Para a observação da lexicografia, recorreremos, como nos tem sido habitual, ao dicionário etimológico digital, em língua inglesa, Online Etymology Dictionary<sup>699</sup>, porém registrando historicamente os idiomas que deram existência e sentidos aos vocábulos. Pelo que pudemos considerar, a datação de ocorrência pode ser discutível. Como não se trata de trabalho de etimologia pura ou de história das palavras, a presença das datas é meramente ilustrativa da sua inserção em uma linha de tempo. Para o vernáculo, percorremos o **Novo dicionário da língua portuguesa**, de Aurelio Buarque de Holanda Ferreira<sup>700</sup>.

Um desenrolar de novelo com surpresas re-veladas pelo desdobrar das sequências e relações de termos, até então tomados por nós isoladamente e sem percepção do lastro comum entre eles. Numa digressão sobre como entramos e empregamos comumente o universo das palavras, as aprendemos em contexto e muitas vezes é assim que ainda

---

<sup>698</sup>CEIA, Carlos. **E-dicionário de termos literários**. Disponível em: <[http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com\\_mtree&task=viewlink&link\\_id=519&Itemid=2](http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=519&Itemid=2)>. Acesso em: 12 dez. 2011. O verbete prossegue caracterizando a formação e conceituação em palavras, a saber: “A composição e derivação são os processos de formação das palavras de um mesmo campo lexical. A noção de campo lexical é sinônima da de família de palavras. Por exemplo, para a palavra *carro*, podemos formar um campo lexical com as seguintes palavras: *carrinha, carrão, carrossel, carruagem, carroça, carripana, ...* Os campos lexicais não estão fixos numa língua, porque estamos sempre a criar novos lexemas e a mudar a relação entre os lexemas que formam um campo.” Quanto à adoção da locução nos informa que “O conceito de campo lexical foi introduzido nos anos 20 e 30 por linguistas como Trier, Porzig e Weisberger. A diferença entre um campo lexical e um campo semântico, generalizada nos manuais de linguística e crítica literária, não é radical, porque um campo lexical é necessariamente também um campo semântico (de relações significativas), e vice-versa. Daqui resulta que muitos lexicógrafos preferem a designação de campo léxico-semântico”.

<sup>699</sup> HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: <<http://www.etymonline.com>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

<sup>700</sup> 14<sup>a</sup>. Impressão da primeira edição da Editora Nova Fronteira, s/d.

as usamos. Estão em uma dimensão que denominamos de transparentes, sem chamarem atenção de *per se*. A exemplo da presente tarefa deste catítulo, o exame vocabular contribui para dimensionar a opacidade dos termos, influenciando para nos determos neles e, a partir deles, avançarmos para a contiguidade entre termos radicalmente aparentados, sem investir sobre seus usos correntes em nossa linguagem, em que a compreensão horizontal sobre o que se narra é o que se requer, não a filologia, retórica, etc.

Esta consideração vertical do lexicografado é, portanto, o objeto desta parte, em torno do termo valor.

Inicialmente, apresentamos o levantamento etimológico<sup>701</sup> que, por ser de língua inglesa, focaliza a partir da ocorrência naquele idioma. Embora mantendo o recorte histórico para o inglês, linearizamos, na tradução, a partir do surgimento do termo latino. Adotaremos Ing: para introduzir o conteúdo relativo ao uso do termo no vernáculo inglês e o destaque gráfico para os termos selecionados por nós, de modo a lhes conferir feição lexicográfica, será dado pelo sublinhado, conforme enunciado na Introdução e adotado em outras partes deste trabalho.

Valor, do latim *valere*, ser forte, estar bem, ser de valor (ver valente). Ing: por volta do ano 1300, é um substantivo que vem da palavra *value* do francês antigo, com o sentido de valor, o que vale, substantivo feminino do particípio passado do verbo *valoir*, valer, ter valor de. O significado *princípio social* é atestado a partir de 1918, supostamente emprestado da linguagem da pintura. Julgamento de valor (1892) é um empréstimo por tradução do alemão *Werturteil*<sup>702</sup>.

---

<sup>701</sup>HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: [http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=value&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=value&searchmode=none). Acesso em: 10 nov. 2011.

<sup>702</sup>Value. C. .1300, from O.Fr. *value* "worth, value" (13c.), noun use of fem. pp. of *valoir* "be worth," from L. *valere* "be strong, be well, be of value" (see *valiant*). The meaning "social principle" is attested from 1918, supposedly borrowed from the language of painting. *Value judgment* (1892) is a loan-translation of Ger. *Werturteil*. Ibidem. Acesso em: 14 nov. 2011. Conforme o levantamento apresentado por JANSEN, a ocorrência do termo em francês, italiano e inglês se dá a partir do século XI, e no português e espanhol desde o XII, vindo do latim tardio *valor-ōris*. Embora inexistente no latim clássico, neste falava-se em preço (*pretium*, *ii*) e, para quantificar os preços, usava-se o verbo *valer* (*valeo*, *ere*). HOUAISS, Antônio. In: **Enciclopédia Mirador Internacional**, São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1975. V. 20. verbete Valor. Apud JANSEN, Letácio. **Um breve ensaio sobre o valor**. REDAE – Revista Eletrônica de Direito Administrativo, n. 14, maio-jul 2008, Salvador, p.1-10. ISSN 1981-1861. Disponível em: <<http://www.direitodoestado.com/revista/REDAE-14-MAIO-2008-LETACIO%20JANSEN.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2011. p.2.

Letácio JANSEN abre seu artigo **Um breve ensaio sobre o valor** informando ocorrências da palavra valor e suas equivalentes, em português, espanhol, inglês, francês, alemão e italiano, em levantamento no buscador Google. Pelo resultado do somatório, expresso em 1 bilhão e 33 milhões, o autor comenta a banalização do valor em nossa contemporaneidade, transcrevendo:

Vivemos numa época em que se tornou hábito falar muito em valores, mesmo fora da ciência e da vida econômicas. Expressões tais como: valores morais ou éticos, estéticos, literários, religiosos, políticos, jurídicos, teóricos, etc, andam na boca de toda a gente. O vocábulo tornou-se banal: sofreu uma inflação; como que se democratizou, ao ponto de figurar nos artigos de fundo dos jornais e nos discursos político de certo recorte intelectual e de boa confecção.

Todos mais ou menos o empregam sem o menor embaraço, muitos com ênfase, uma ênfase de quem bebe do fino em matéria de cultura filosófica nas mais diferentes situações da vida<sup>703</sup>.

Discorrendo sobre o valor no sentido monetário, Jansen aponta que “Se admitirmos que um conceito só se torna definido quando consegue ser expresso através de uma determinada palavra podemos afirmar que a noção de valor [no sentido econômico?] entrou em nossa cultura apenas na Idade Média”<sup>704</sup>.

Na busca, recuperou-se, inevitavelmente, uma expressiva quantidade de termos ligados a valor pelo radical comum, que passaremos em revista, seja por abertura do campo lexical, seja para dar início ao processo de consideração sobre as implicações

---

<sup>703</sup> CABRAL MONCADA. Prefácio [1962] In: HESSEN, Johannes. **Filosofia dos valores**. Coimbra: Livraria Almedina, 2001. Apud JANSEN, Letácio. **Um breve ensaio sobre o valor**. REDAE – Revista Eletrônica de Direito Administrativo, n. 14, maio-jul 2008, Salvador, p.1-10. ISSN 1981-1861. Disponível em: <<http://www.direitodoestado.com/revista/REDAE-14-MAIO-2008-LETACIO%20JANSEN.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2011. Grifo nosso.

<sup>704</sup> JANSEN, op. cit., p. 1. Nas páginas subsequentes, Jansen historia o uso do termo e sua sistematização conceitual. Em linhas gerais, a formulação do conceito de valor se deve a juristas e economistas, e destaca o uso em: NICOLE ORESME, **Pequeno Tratado da Primeira Invenção das Moedas**, do século XIV; CHARLES DU MOULIN, **Sommaire**, do século XVI. Conforme ainda JANSEN, filósofos incorporam a noção de valor somente no século XVIII. JANSEN, p. 2. O conceito que se estabelecerá na virada do século XIII para o XIV derivou da consideração da alteração (intrínseca) do teor de metal nobre de moedas ou alterando a quantia explicitada (extrínseca): “Jacques d’ Arena, em 1295, parece ter sido o primeiro a colocar a diferença entre mutação do valor intrínseco e mutação do valor extrínseco.”, p. 2. O sentido de valor associado a importância de pessoas, na economia, surge por volta do século XVII. THOMAS HOBBS, no **Leviatã**, escreve: “O valor, ou a importância de um homem, tal como de todas as outras coisas, é o seu preço, isto é, tanto quanto seria dado pelo uso do seu poder. Portanto, não é absoluto, mas que depende da necessidade e julgamento de outrem. [...] Porque mesmo que um homem (como a maioria faz) atribua a si mesmo o mais alto valor possível, o seu verdadeiro valor não será superior ao que for estimado por outros”. HOBBS, Thomas. **Leviatã**, ou matéria, forma e poder de uma república eclesiástica e civil. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Apud JANSEN, Letácio. **Um breve ensaio sobre o valor**. REDAE – Revista Eletrônica de Direito Administrativo, n. 14, maio-jul 2008, Salvador, p.1-10. ISSN 1981-1861. Disponível em: <<http://www.direitodoestado.com/revista/REDAE-14-MAIO-2008-LETACIO%20JANSEN.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2011. p. 4.

conceituais do termo específico e daqueles outros que com ele compartilham ou derivam da identidade de sentido.

Valer e avaliar, verbo, em meados do século xv entrariam no inglês, provavelmente a partir do substantivo *value*, valor<sup>705</sup>. Valores, princípios, padrões, 1921, do plural de valor (s.)<sup>706</sup>. Desvalorização, assinalada como *devalue*, em 1918, representa uma forma anterior a *devaluation*<sup>707</sup>. Subavaliar, nos anos 1590, “taxar como inferior em valor”, de sub + avaliar. Sentido de “calcular ou estimar muito baixo ou muito abaixo” é registrado desde a década de 1610. Significando “taxar como muito baixo um valor monetário” é atestado desde os anos 1620<sup>708</sup>. Valente (*valiant*), que tem valor, destemido. Valério (a) (*Valerie*, de *Valerius*), que tem força, Válido (*valid*), que tem força, são, sadio. Valentia ou Valência (*valence*), força, capacidade. Equivalente (*equivalent*). Bivalente (*bivalent*) da química, 1864, de cromossomos em 1899<sup>709</sup>. Multivalente (*multivalent* – resgistrado em 1874). Polivalente (*polyvalent*, a partir de 1881). Ambivalência (*ambivalence*) é termo da psicologia, sentimentos simultâneos conflitantes, de 1924, derivado de *ambivalência* (*ambivalency*), de 1912<sup>710</sup>. Valetudinário (*Valetudinarian*), muito fraco, enfermício. Convalescente (*convalesce*), quem está recuperando a saúde [e por contiguidade semântica *convalescença*, *convalescimento*...]

Dentre os vocábulos em língua inglesa há os que disponham do radical de valor sem correspondente literal em português, o que sucede com o corrente verbo *to avail*, em português *disponibilizar*, *ser útil*, *ter serventia*...<sup>711</sup> E ainda *countervail*, *contrabalançar*. Mas estamos linguisticamente próximos em *prevail* – prevalecer. Outra palavra, como *valediction*, somente consta em nosso idioma como uma locução, com termos de radical diverso do britânico: *discurso de despedida*.

---

<sup>705</sup> HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: [http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=value&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=value&searchmode=none). Acesso em: 14 nov. 2011. Value (v.) mid-15c., probably from *value* (n.). Related: *Valued*, *valuing*.

<sup>706</sup> Ibidem. Values "principles, standards," 1921, from pl. of *value* (n.)

<sup>707</sup> Ibidem. Devalue. 1918, a back formation from **devaluation**. Related: *Devalued*; *devaluing*.

<sup>708</sup> Ibidem. Undevalue. 1590s, "to rate as inferior in value" (to), from *under* + *value* (v.). Sense of "to estimate or esteem too low" is recorded from 1610s. Meaning "to rate at too low a monetary value" is attested from 1620s.

<sup>709</sup> Ibidem. Bivalente. 1864, of chemicals, 1899, of chromosomes, from *bi-* + *-valent*, from L. *valentem*, prp. of *valere* "be worth" (see *valiant*)

<sup>710</sup> Ibidem. Ambivalence. "simultaneous conflicting feelings," 1924 (1912 as *ambivalency*), from Ger. *Ambivalenz*, coined 1910 by Swiss psychologist Eugen Bleuler (1857–1939) on model of Ger. *Equivalenz* "equivalence," etc., from L. *ambi-* "both" (see *ambi-*) + *valentia* "strength," from prp. of *valere* "be strong" (see *valiant*). A psychological term that by 1929 had taken on a broader literary and general sense.

<sup>711</sup> c.1300, *availen*, apparently a French compound formed in English from O.Fr. *a-* "to" + *vailen* "to avail," from *vail-*, present stem of *valoir* "b, *availen*, apparently e worth," from L. *valere* (see *valiant*). As a noun, from c.1400. *Availing*, prp. adjective, "advantageous" is from early 15c. Ibidem. Acesso em: 12 dez. 2014

Em todos esses casos da língua inglesa, a origem comum é o latim, entrado no idioma britânico através do francês antigo, a que o **Online Etymology Dictionary** atribui o percurso da presença do radical relacionado a *value* - valor, a partir do final do século XIII. E há casos de radicais ingleses de origem diversa da latina, para explicitar valor no sentido de valentia<sup>712</sup>, predominando o uso da base latina, todavia.

E, finalmente, temos valor, em inglês, na correspondência ao nosso valor, na acepção de coragem e heroísmo!<sup>713</sup>

O levantamento dos vocábulos que contivessem o radical val no **Online Etymology Dictionary** alimentou a busca do vocabulário derivativo de valor no dicionário de português. Como disséramos, a transparência com que usávamos boa parte dos elementos do léxico nos distanciavam da percepção do elemento comum, do elemento original que a todos unia em seus significantes, em sentido saussureano.

Em acréscimo à etimologia inglesa, e aguardando no futuro o acesso a dicionário etimológico de nossa língua, complementa-se com alguns mais vocábulos associados lexicalmente a valor: vale (representa dívida, etc.), valentão, valer, valia (mais valia), validação, validade, validar, validável, validez (invalidez), válido (inválido, não válido), valimento (desvalimento), valioso, valoração, valorar, valorativo, valores, valorização, valorizador, valorizar, valorosidade, valoroso, convalidar, convalidação, convalidável, convalidatório... Não se trata de uma enunciação exaustiva, nem da presença do radical na lexicografia britânica, nem na portuguesa, mas uma tentativa de exercício de consciência sobre o universo lexical do termo valor.

Em suma, em português e inglês, como poderíamos supor para os demais idiomas neolatinos, o termo valor e o seu radical têm ocorrência generalizada e rica, como poderemos ler em MENOU, apreciado na parte seguinte.

---

<sup>712</sup>HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: [http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=value&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=value&searchmode=none). Acesso em: 14 nov. 2011. Doughty. Old English *dohtig* "competent, good, valiant," from *dyhtig* "strong," related to *dugan* "to be fit, be able, be strong," and influenced by its past participle, *dohte*. All from Proto-Germanic *\*duhtiz-* (cognates: Middle High German *tūhtec*, German *tüchtig*, Middle Dutch *duchtich*), from PIE *\*dheugh-* "to be fit, be of use, proper" (cognates: German *Tugend* "virtue," Greek *teukhein* "to make ready," Irish *dual* "becoming, fit," Russian *dužij* "strong, robust"). Rare after 17c.; in deliberately archaic or mock-heroic use since c. 1800. If it had survived, its modern form would be *digthy*.

<sup>713</sup> Ibidem. Valor. c.1300, "value, worth," from O.Fr. *valour* "strength, value, valor," from L.L. *valorem* (nom. *valor*) "value, worth," from stem of L. *valere* "be worth, be strong" (see *valiant*). The meaning "courage" is first recorded 1580s, from It. *valore*, from the same L.L. word. (The M.E. word also had a sense of "worth or worthiness in respect of manly qualities"). Acesso em: 14 nov. 2011.

Retenhamos que, na acepção primeira, valor refere-se a uma capacidade de destaque do vigor, da força, da saúde, do estar bem e, portanto, ser de serventia, utilidade, prestar-se. A acepção do valor enquanto atributo material, econômico – monetário, parece estar ligada ao pré-capitalismo da baixa idade média – transição para o renascimento – idade moderna. Na idade contemporânea, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX, o valor vem para química e para a psicologia, em palavras que empregam seu radical em linguagem de especialidade.

Para o idioma português, recuperemos o que precisa o Aurélio para o vocábulo valor.

[Do lat. *valore*.] S.m. 1. Qualidade de quem tem força; audácia; coragem; valentia, vigor: [...] 2. Qualidade pela qual determinada pessoa ou coisa é inestimável e maior ou menor grau; mérito ou merecimento intrínseco; valia [...] 3. V. *valia* (3)<sup>714</sup>. 4. Importância de determinada coisa, estabelecida ou arbitrada de antemão: [...] 5. O equivalente justo em dinheiro, mercadoria, etc., especialmente de coisa que pode ser comprada ou vendida: preço, valia. 6. A estimativa em dinheiro de um artigo, em determinado tempo; o preço do mercado. 7. Poder de compra [...] 8. Papel representativo de dinheiro. 9. V. *validade* (2)<sup>715</sup> [...] 10. *Fig.* Estima, apreço [...] 11. *Fig.* Importância, consideração [...] 12. Significado rigoroso de um termo; significância. 13. *Econ.* Maior ou menor apreço que um indivíduo tem a determinado bem ou serviço, e que pode ser de uso ou de troca. [...] 14. Título negociável na Bolsa. 15. *Mús.* Duração de cada um dos sons musicais ritmados [...] <sup>716</sup>.

Entre as locuções de que participa o termo valor na lexicografia do Aurélio, ocorrem valor extrínseco e intrínseco. Para o primeiro, nota-se “1. O que depende de convenção ou arbítrio, e é maior que o valor real ou intrínseco. 2. Valor que a lei atribui arbitrariamente à moeda, independente do peso, e superior ao valor real dela.” Quanto a valor intrínseco, lê-se: “O que a moeda ou objetos têm por si próprios, independentemente de qualquer convenção ou de trabalho artístico.”

Prossequimos trazendo o que Aurélio registra para valer.

[Do lat. *Valere*, ‘ter saúde, ter força; valer’.] V. *int.* 1. Ter certo valor, ou ser de certo preço; ser equivalente; ser igual em valor ou em preço [...] 2. Ter merecimento, valor ou aplicação [...] 3. Ter proveito; ser proveitoso; aproveitar [...]. 4. Ser conveniente, proveitoso; convir; valer a pena [...] 5. Ter crédito, influência, poder [...] 6. Ser digno, merecer [...] 7. Ser válido ou valioso; ter validade, vigorar [...] 8. Querer dizer, significar [...] V.t.i. 9. Ser de utilidade ou vantagem; dar proveito, aproveitar, servir [...] 10. Granjear, acarretar, carrear, atrair [...] 11. Ocorrer, auxiliar, proteger, defender, acudir [...] 12. Mostrar-se ou ser

<sup>714</sup> Valia. [De *valer* + *ia*] S.f. 3. Utilidade, préstimo, serventia; valor [...]. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 14. imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d.

<sup>715</sup> Ibidem. Validade S.f. 2. Legitimidade, valência, valimento, valor.

<sup>716</sup> Ibidem. Seguem conceitos específicos de valor, nos campos da matemática, álgebra, eletrônica, economia, estatística, eletricidade, comércio. Grifos nossos.



apto ou capaz; conseguir [...] 13. Ser equivalente; equivaler [...] 14. Ter valor, coragem, força [...] 15. Servir-se, utilizar-se [...].

E, cada vez mais, se evidencia a polissemia do termo e a necessidade de se precisar o sentido em que o termo seria empregado em um determinado contexto epistemológico, valendo dizer, seu conceito referente (conforme acepção de referente – objeto em Ogden e Richards).

Na procura de melhor conhecermos o termo, propusemo-nos a consultar o **Dicionário de ciências sociais**, da Fundação Getúlio Vargas / Instituto de Documentação. 1987. Nele, há diversas entradas, a seguir apresentadas em seus aspectos gerais, apenas.

Valor (Economia) (*Value*)

A. [...] a) valor de troca, ou preço [...] b) valor de uso, ou utilidade, definido de várias maneiras, mais restritas ou mais amplas, que regem a relevância do conceito para vários tipos de ética utilitarista; e c) “justo preço”, ou o preço que deveria ser pago [...]”<sup>717</sup>.

Agora, mais outro campo das ciências sociais.

Valor (Sociologia) (*Value*)

A. Em seu emprego mais geral nas ciências sociais, valor designa o objeto, seja qual for, de uma necessidade, atitude ou desejo.  
A.1. Geralmente, nas ciências sociais, o termo só é usado nos casos em que existe uma verdadeira *relação* interativa de necessidades, atitudes e desejos<sup>718</sup>, por um lado, e objetos, por outro. Assim, não são valores os objetos que o observador científico percebe que têm significação para as necessidades, atitudes e desejos das pessoas que está observando, a não ser que essa significação possa ser traduzida numa *relação* perceptível entre os pensamentos e ações das pessoas observadas e os objetos<sup>719</sup>.

Desta forma concebido, o conceito para o termo valor aqui supõe os elementos sujeito e objeto, numa relação fenomênica, de tal modo que nela se perceba a expressão interativa do sujeito com o objeto. Ou seja: não é suficiente a copresença dos elementos, mas a orientação do sujeito em direção ao objeto.

---

<sup>717</sup> FUNDAÇÃO Getúlio Vargas / Instituto de Documentação. **Dicionário de ciências sociais**. Rio de Janeiro: \_\_\_\_\_, 1987. v.2. p. 1287. As informações conceituais e históricas sobre o termo no campo da economia representam grande interesse, no entanto não consideradas prioritárias tendo em vista a abordagem, extensão e tempo para elaboração do presente trabalho: a se retomar oportunamente. Grifos nossos.

<sup>718</sup> Em nossa busca de compreensão do valor, cogitamos da importância dos aspectos ontológicos do julgamento e da vontade (conforme Schopenhauer). Talvez se possam aproximar os conceitos de desejo e vontade, e o do julgamento com o que se considera necessidade. A atitude ficaria num plano ôntico, comportamental.

<sup>719</sup> FUNDAÇÃO Getúlio Vargas / Instituto de Documentação, op.cit., p.1288. Grifos nossos.

A.2. Em alguns casos, o termo é usado não para designar o objeto em sua concretude total, e sim os elementos do objeto que mostrem de fato a relação entre a pessoas observadas e os objetos. [...] Neste contexto, o valor não é a soma das qualidades ou atributos do objeto, mas somente os aspectos pelos quais o sujeito elege o objeto.

A.3. Em outros casos, o termo não mais designa o objeto ou seus elementos, e sim a relação do objeto ou de seus elementos com as atitudes, necessidades e desejos das pessoas observadas. [...] Assim considerado, o valor se instaura na qualidade relacional.

A.4. Outro uso, talvez o mais frequente, é encontrado em sociologia e antropologia. O termo passou a designar os padrões culturais compartilhados, através dos quais se pode comparar e julgar<sup>720</sup> a relação – moral, estética, cognitiva – dos objetos de atitudes, desejos e necessidades. Entre os que compartilham uma série de tais padrões, existe a crença de que são válidos e devem ser empregados na valorização de um objeto, i.e. relacionando-o com as necessidades, desejos e atitudes, e na avaliação de um objeto, i.e., comparando sua relação com a de outro objeto ou outros objetos<sup>721</sup>.

Destacamos na leitura dessa parcela de texto o caráter de cotejo entre ocorrências de relações. Não toda e qualquer relação interativa, como em A.1, ou de aspectos isolados do objeto tomados como valor na relação, em A.2, ou ainda dos objetos na relação, como em A.3. Observe-se que a construção do verbete em A.4 recorre ao campo lexical de valor, ao empregar os termos válidos, valorização e avaliação<sup>722</sup>. Em todos os usos do termo acima assinalados, o comum entre eles: a necessária relação das pessoas com o objeto ou objetos, pessoas consideradas sociologicamente. E relação dimensionalmente configurada como de certo tipo, definida por uma orientação determinada, não não-significativa. O valor é observado nessas abordagens, portanto, como decorrente da busca de supressão de necessidades e de realização de desejos e comporta o modo ou atitude como as pessoas se relacionam com os objetos. Na possibilidade conceitual do tipo A.4., o interesse da identificação do valor estará na consideração distintiva das aproximações relacionais entre grupos, a lhes constituir padrão cultural.

O verbete avança oferecendo outra abordagem analítica sobre valor.

B. O estudo dos valores tem sido principalmente uma tarefa filosófica. Isso ocorre especialmente com os esforços para determinar a validade dos valores, i.e., a verdadeira relevância dos objetos em relação às necessidades humanas, ou a correção de usar os padrões para julgar tal relevância [...] <sup>723</sup>.

---

<sup>720</sup> Reafirmamos a possibilidade de dependência ao valor da capacidade ontológica de julgamento.

<sup>721</sup> FUNDAÇÃO Getúlio Vargas / Instituto de Documentação. **Dicionário de ciências sociais**. Rio de Janeiro: \_\_\_\_\_, 1987. v.2. p. 1288. Grifos nossos.

<sup>722</sup> MENOUCorrerá ao mesmo expediente.

<sup>723</sup> FUNDAÇÃO Getúlio Vargas / Instituto de Documentação. Op.cit., p. 1288. Grifos nossos.

Esta consideração da especulação filosófica sobre o valor do valor, ou como se considerar valor o que se quereria ponderar como valor dis-põe e distancia o valor como objeto em si, intelectualmente, do valor como emanção relacional entre sujeito – objeto. O valor empiricamente considerado pela Sociologia ou Antropologia, enquanto dado a ser compreendido, assim, tem outra face da que lhe é explorada na Filosofia.

Ainda nesta vertente, mais adiante, o texto reafirma a limitação da concepção do valor enquanto objeto em si para a Sociologia, dizendo:

C. Por ter sido a validade objetiva dos valores considerada um problema que se situa fora do domínio da ciência (exceto por alguns positivistas, a objetividade dos valores como fenômenos característicos das ações dos seres humanos não tem sido posta em dúvida), os cientistas sociais, em sua maioria, não se têm dedicado a esse assunto. Ao mesmo tempo, porém, essa crença de que a questão da validade dos valores não é um problema científico criou grande controvérsia no que concerne ao lugar dos próprios valores do cientista em seu trabalho<sup>724</sup>.

Acompanhando mais um pouco o Dicionário de Ciências Sociais, o seu próximo verbete é o da Teoria do valor (Consistência de Valores). Inicialmente, a definição conceitual de valor para o campo das Ciências Sociais, como se segue.

A. Valor designa: grau de utilidade ou aptidão das coisas para satisfazer as necessidades ou proporcionar bem-estar ou deleite; qualidade das coisas, em virtude da qual se dá certa soma de dinheiro ou algo equivalente para possuí-las; alcance, significado ou importância de uma coisa, ação, palavra ou frase; força, atividade, eficácia ou mérito das coisas para produzirem seus efeitos. A conduta humana, na medida em que tem sentido para o indivíduo que age e para as pessoas que pertencem à mesma cultura e na medida em que é compreensível (M. Weber), torna-se objeto de valoração própria e alheia. Tais avaliações – em termos de aceitação e de rejeição, de elogio ou de censura – são conteúdos de juízos de valor. Os valores são os critérios que fundamentam a retidão de tais juízos em sua pretensão de validade comum para todos os membros de um mesmo grupo social. Consistem, por conseguinte, em orientações da ação coletivamente admitidas. O conteúdo de tais orientações é um componente decisivo do consenso social, uma dimensão da cultura, uma meta ideal para o sujeito-agente<sup>725</sup>.

O conteúdo da abordagem neste estágio é inequívoco quanto aos aspectos da vida social, alargados de modo patente para os valores sobre objetos não materiais, o que

---

<sup>724</sup> FUNDAÇÃO Getúlio Vargas / Instituto de Documentação **Dicionário de ciências sociais**. Rio de Janeiro: \_\_\_\_\_, 1987. v.2. p. 1288. Seria oportuno lembrar como Davallon aborda a questão do valor nas Ciências Sociais na apreciação do Patrimônio, conforme estudado no capítulo introdutório desta tese. Grifos nossos.

<sup>725</sup> Ibidem, p. 1289. Grifos nossos.

não se evidenciava no verbete anterior. Indo da implicação de valor a bens materiais a comportamento e atitudes socialmente apreciados ou depreciados, inclui explicitamente o plano da palavra, da fala, das coisas e dos atos [atual, actual] e dos modos de fazer, e de pensar, socialmente qualificados ou desqualificados.

B. Problema filosófico da consistência dos valores. Consistência e expressão ontológica. Nesse contexto cabe uma pergunta fundamental: que realidade têm os valores? A resposta exige uma análise prévia do valor ético, como dimensão constitutiva do ser do homem, do horizonte de uma ontologia<sup>726</sup>.

Se este tópico não se refere ao escopo do presente trabalho, o lançamos aqui para memória da ligação temática com o objeto da Museologia em Stránský, para quem a realidade é integrante do binômio complementado pelo homem, com quem ela se relaciona, e em cuja observação do valor completaríamos o objeto de estudo do campo disciplinar, museológico e inclusivamente patrimoniológico. Por se tratar de aspecto ontológico, também, para a exploração em curso, a eleição nesta instância capitular é pela abordagem do aspecto axiológico, e não ontológico ou noético.

Outras considerações para valor, notadamente de valor intrínseco e extrínseco, na Filosofia, caberiam em um capítulo, o último, em que se dedicaria o exame do termo na Museologia.

### 5.3 O termo valor passado em revista em alguma literatura

Entre as leituras propostas pelas professoras responsáveis pela disciplina MUSEOLOGIA, PATRIMÔNIO, DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO, ministrada no

---

<sup>726</sup> De maneira sintética, o texto passa em revista a história das configurações filosóficas a partir de Karl Marx, referindo ainda a Adam Smith e a David Ricardo, pelo viés da consideração à realidade. Interessante que, ao final da resenha, retoma Xavier Zubiri, de quem diz se dever [...] “talvez a análise mais rigorosa da dimensão ontológica do problema. Acima da objetividade está a realidade. As realidades não são valores, mas fonte de valor, são bens. O valor remete à bondade da realidade, enquanto instância e recurso, possibilidade de agir. Ao final, o homem constitui-se em sua própria realidade, apropriando-se das possibilidades que lhe são oferecidas a partir de determinada situação.” ZUBIRI, Xavier. **Naturaleza**, história, Dios. 5.ed. Madrid: Nacional, 1963. Apud FUNDAÇÃO Getúlio Vargas / Instituto de Documentação **Dicionário de ciências sociais**. Rio de Janeiro: \_\_\_\_\_, 1987. v.2. p. 1289. Em partes subsequentes, o verbete continua apresentando a Teoria do Valor, nas características que lhe deram diversos pensadores. Em virtude de a leitura para o verbete ter sido focada pelo campo da Sociologia, o recorte destaca aportes para a psicologia social, ou à cultura, por exemplo, excedendo os limites do trabalho em curso, embora interessantes, também. Extraímos uma citação de Emile Durkeim: “O valor resulta da relação da coisa com os diversos aspectos do ideal coletivo... Os principais fenômenos sociais, religião, moral, direito, economia, estética, não são outra coisa senão sistema de valores, i.e., ideais.” Idem p. 1289-1290. Grifos nossos.

segundo semestre de 2011, encontrava-se a conveniente presença, para nós, do trabalho de MENOUE, sobre o impacto ou o valor de informação...<sup>727</sup> O termo valor, neste caso, é objeto de consideração do texto e já expresso no título do artigo. Procedemos ao levantamento das ocorrências do termo no decorrer do conteúdo, na intenção de se poder focalizar e definir seu uso nos contextos em que se enunciam.

Quando MENOUE trata em seu texto da redução da incerteza [*uncertainty*] do conceito de informação, ele parte de Thow-Yick (1994, p. 653), para quem "os dados, informação, conhecimento e sabedoria são as únicas entidades básicas da teoria da informação"<sup>728</sup>. No entanto, MENOUE considera estar a taxonomia ainda não estabelecida e sistematicamente respeitada. Nesse esforço, o autor cita a abrangência de conceitos e de fenômenos contidos na palavra "informação" e relacionados tanto a processos como a estados materiais. O fato de estarem entrelaçados não anula a busca pelas definições, sendo requisito básico para o raciocínio eficaz sobre a informação. Nesse contexto, o autor emprega o termo valor<sup>729</sup>, pela primeira vez no corpo do texto, como diferenciador, a despeito da constante interação e interdependência, de todos os processos<sup>730</sup>, fontes<sup>731</sup> e estados<sup>732</sup>.

Ao revisitar a "equação fundamental", na realidade, o termo ocorre de modo importante<sup>733</sup>. Afirmando que o impacto ou valor da informação reside em como as pessoas constroem sentido, o que se deve buscar compreender. E no estado do conteúdo é que se pode descobrir o valor essencial da informação. Embora tendo valor, os demais estados o tem em caráter transitório. A abordagem até então prevalecente,

---

<sup>727</sup> MENOUE, Michel J. Trends in a critical review. The impact of information -II. Concepts of information and its value. **Information Processing & Management**, v.31, n. 4, p.479-490, 1995 -

<sup>728</sup> Ibidem, p. 481. "Data, information, knowledge and wisdom are the only basic entities of information theory".

<sup>729</sup> Ibidem, loc. cit. 'All processes, sources and states constantly interact and are interdependent. But they are distinct and do not have the same "value".'

<sup>730</sup> Ibidem, loc. cit. "The processes refer to the transformation and transportation of information. One may consider that they involve 6 main types of activities: acquisition, material, or physical, processing, intellectual processing, transmission, utilization, and assimilation."

<sup>731</sup> Ibidem, loc. cit. "Information-as-object may be differentiated according to its source, or store, as suggested by Ruben (1992). I would rather consider 4 instead of his 3 orders: [a] the hidden information existing in nature but yet to be discovered, [b] the information existing in the environment, consisting of messages or stimuli, which are intelligible but waiting to be perceived and interpreted (also called latent information), [c] the information configured by individuals, and [d] the information configured by groups or social systems. There might soon be a need for a fifth order, the artificial information contained in computer systems for collective use."

<sup>732</sup> Ibidem, p. 481. "Information may further be categorized according to its various "states", which can be: [a] a product, which encompasses information-as-thing, as-object, as-resource and as commodity; [b] what is carried in a channel, including by extension the channel itself, as for instance assumed in expressions such as "electronic information", or "the media"; and [c] the contents."

<sup>733</sup> Ibidem, p. 482 -484. The "fundamental equation" revisited, sendo a formulação original de BROOKES, 1980.

segundo o autor, considerou muito simplificada usuários e uso. Conforme MENO, o estado do conteúdo é constituído pelas camadas sucessivas: semântica, sintática e paradigmático.

Na página 483, tem-se a comparação das camadas semântica e sintática, integrantes da estrutura de conhecimento dito superficial, e a paradigmática, estrutura profunda, que corresponderia a duas equações paralelas, e se considerar o benefício final da informação como combinação das duas estruturas. MENO propõe outra equação fundamental para o efeito, ou valor da informação<sup>734</sup>. Os termos presentes nas equações e nela constantes são: a estrutura do conhecimento, o incremento da informação e o efeito da modificação.

No escopo do vimos reunindo, a questão do valor, o teor do texto refere-se à informação como conteúdo na consideração de ela ter um valor duradouro, para tanto devendo, inicialmente, apresentar atributos que atendam às necessidades decorrentes da estrutura paradigmática existente da base de conhecimento, a fim de ser reconhecida, possivelmente compreendida, memorizada e, eventualmente, utilizada numa fase posterior. A Informação-como-conteúdo deve, em segundo lugar, a fim de ter um impacto duradouro, transformar a estrutura de conhecimento existente de tal forma que se torna mais capaz de lidar com o tipo de problema que se apresenta, ou que é percebido como tal. O autor retoma as qualidades que Cole (1994, p. 473) espera existirem a partir de informações: "ser inesperada e esperada, antiga e nova, ao mesmo tempo". Até uma análise mais aprofundada, sentimos que o requisito estabelecido por Cole (1994, p. 470), em seu segundo critério de que "informação deve modificar a estrutura de conhecimento ao mais alto nível fundamental de que não, o nível mais baixo de que "pode ser aplicado ao valor essencial e duradouro de informação-como-conteúdo. Porém, uma modificação menos valiosa mas significativa pode ser limitada a incrementos na estrutura existente, por exemplo, simplesmente validá-lo através de outra experiência, e também ocorrem no nível superficial (semântico e sintático)<sup>735</sup>.

---

<sup>734</sup> A equação revisitada assim como a original, presentes no texto, contém símbolos lógico-matemáticos que não pudemos transferir para a configuração em Word. E mesmo que conseguíssemos, tanto pela especificidade da linguagem quanto pelo propósito deste trabalho, não seria pertinente e não teríamos a proficiência para apresentá-la convenientemente.

<sup>735</sup> MENO, Michel J. Trends in a critical review. The impact of information - II. Concepts of information and its value. **Information Processing & Management**, v.31, n. 4, 1995 -. p. 483. "The above implies that information-as-contents, in order to have a lasting value, should first present attributes that meet the requirements resulting from the existing paradigmatic structure of the knowledge base, in order to be acknowledged, possibly understood, memorized and eventually used at a later stage. Information-as-contents should secondly, in order to have a lasting impact, transform the existing knowledge structure in such a way that it becomes more able to cope with the kind of problem at hand, or is perceived as such. These two conditions can be seen as a result of the quality which Cole (1994, p. 473) expects from

Neste trecho, como antecipado na parte precedente, MENOOU explora tanto o conceito de valor na aceção relativa à informação, em caráter geral do valor da informação, mas ainda sobre a percepção do valor nas camadas e em cada uma das camadas da informação. Fraseologicamente, recorre ao radical da palavra valor para construir, na superfície do seu próprio texto, um tecido tramado sobre a noção do valor, fundamento de valor em si, mas também fonte de validação.

O estoque de paradigmas (estrutura profunda) não é estático nem isolado, mas permanentemente confrontado com a entrada de informação-como-conteúdo, e deve processar e organizar constantemente. Quanto mais a informação-como-conteúdo carrega padrões que possam ser absorvidos, maior o seu valor. Quanto mais diversificado, abrangente e flexível o estoque de paradigmas disponíveis para indivíduos e grupos, mais eles são capazes de interpretar novas informações, ou para gerar significados apropriados ou na expectativa de gerar ações compatíveis. A transformação da estrutura de conhecimento, tanto a nível superficial quanto profundo, é, obviamente, pelo menos em parte, se não a chave, para o aprendizado, uma das questões fundamentais na pesquisa da ciência da informação mencionada por Kochen (1984, p. 198) "O que é o processo de aprendizagem, de crescimento do conhecimento, de crescimento em compreensão e no crescimento em sabedoria?"<sup>736</sup>

No final deste arrazoado, MENOOU, ao procurar intensificar o papel da informação no conhecimento, e o comportamento implicado pela informação, de compreensão e de assimilação, cita MACHLUP: "a partir de vários pontos de vista, 'conhecimento vivo' ou

---

information: "being unexpected and expected, old and new at the same time". Until further examination, I feel that the requirement set by Cole (1994, p. 470) in his second criterion that "Information must modify knowledge structure at the highest fundamental level of it, not the lower level of it" can apply to the essential and lasting value of information-as-contents. But a less valuable yet significant modification can be limited to increments to the existing structure, e.g. simply validating it through another experience, and also occur at the superficial level.

<sup>736</sup> MENOOU, Michel J. Trends in a critical review. The impact of information - II. Concepts of information and its value. **Information Processing & Management**, v.31, n. 4, 1995 -, p. 483 - 484 "The stock of paradigms is not static, even though it may evolve only slowly. It is also not isolated but permanently confronted with incoming information-as-contents it has to process and [p. 484] organize. The more information-as-contents carries patterns that can be absorbed, the higher its **value**. The more diversified, comprehensive and flexible the stock of paradigms available to individuals and groups, the more they are able to interpret new information, or to generate appropriate meanings, hopefully leading to adapted actions. Not only is the transformation likely to require a two-stage process as Cole is suggesting, but it may well require a series of successful iterations of the process associated with successful actions. The transformation of the knowledge structure, both at the superficial and deep levels, is obviously at least a part of, if not the key to, learning. These statements echo one of the fundamental questions in information science research mentioned by Kochen (1984, p. 198) "What is the process of learning, of growth in knowledge, growth in understanding and growth in wisdom?"

o que as pessoas que vivem sabe pode ser o estoque de conhecimento relevante<sup>737</sup> na sociedade"<sup>738</sup>. E imbricam-se os termos valor, que vem articulando MENO, e relevância, introduzida pelas palavras transcritas de Machlup.

Na porção do artigo em que argumenta a ASSESSING THE PARADIGMATIC STRUCTURE [Avaliação da estrutura paradigmática], tem-se a adoção, em inglês, de

---

<sup>737</sup> O tempo disponível fez interromper nosso movimento de, após a consideração do termo valor, também resenhar o termo relevância, enquanto valor para a Ciência da Informação. Introduzimos apenas o registro de relevante, no **Online Etymology Dictionary**. "pertinente ao assunto em questão", 1550, do latim médio *relevanterem* (século XV tardio), participio do latim *relevare* "para diminuir, clarear" (ver aliviar). Originalmente um termo legal escocês significando "assumir, tomar posse da propriedade"; geralmente não utilizado até depois de 1800. Relevância é de a partir de 1733 (relevância no mesmo sentido é registrado a partir de 1560)." (tradução nossa). "pertinent to the matter at hand," 1550s, from M.L. *relevanterem* (late 15c.), prp. of L. *relevare* "to lessen, lighten" (see relieve). Originally a Scottish legal term meaning "take up, take possession of property;" not generally used until after 1800. *Relevance* is from 1733 (*relevancy* in the same sense is recorded from 1560s). HARPER, Douglas. **Onlyne Etymology Dictionary**. Disponível em: <[http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=relevancy&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=relevancy&searchmode=none)>.

Acesso em: 29 dez. 2011. Anexamos aqui referências de levantamentos na rede digital, tanto de termo relacionado a relevância, como a Ciência da Informação, recuperação, implicação (*implicature*), para futuras reflexões. Sendo também nossa intenção original resenhar material sobre o valor na Ciência da Informação, a relevância, ao proceder ao levantamento de artigos na rede eletrônica, listamos para oportunas resenhas. DAVIS, Wayne. **Implicature**. rev. 2010. Particularmente seu item oitavo: Relevance Theory. In: STANFORD Dictionary of Philosophy. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/entries/implicature/>. Acesso em: 29 de dezembro de 2011. FIGUEIREDO, Laura Maia de. **O conceito de relevância e suas implicações**. Ci. Inf. Rio de Janeiro, 6(2): 75-78, 1977. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1584/1197>>. Acesso em: 17 dez. 2011. WIKIPEDIA. Categoria: Ciência da informação. Disponível em: CIÊNCIA da Informação. **Wikipedia**. <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:Ci%C3%A7%C3%A2ncia\\_da\\_informa%C3%A7%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:Ci%C3%A7%C3%A2ncia_da_informa%C3%A7%C3%A3o)>. Acesso em: 29 dez. 2011. Repare-se que as subcategorias de CI incluem Arquivologia e Biblioteconomia, mas não Museologia. Este artigo menciona que a CI "Está estreitamente relacionada a outras ciências como: [...] Museologia. Refere-se ainda ao PPG-PMUS, da UNIRIO, como um dos 14 programas de pós-graduação no Brasil, segundo o sítio da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB). Cita, em primeiro lugar, entre as Referências, artigo da Profa. Dra. Lena Vânia, a saber: PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro, Informação: esse obscuro objeto da ciência da informação. **Morpheus**, v. 2, n. 4, 2004. Disponível em: <<http://www.unirio.br/morpheusonline/Numero04-2004/lpinheiro.htm>>. Acesso em: 29 dez. 2011. RECUPERAÇÃO de informação. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Recupera%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_informa%C3%A7%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Recupera%C3%A7%C3%A3o_de_informa%C3%A7%C3%A3o)>. Acesso em: 29 dez. 2011. RELEVANCE (information retrieval). **Wikipedia**. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Relevance\\_\(information\\_retrieval\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Relevance_(information_retrieval))>. Acesso em: 29 dez. 2011. RELEVÂNCIA **Wikipedia**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Relev%C3%A2ncia>>. Acesso em: 29 dez. 2011. Este artigo se volta para a relevância no âmbito da apresentação e presença de textos na Wikipédia, assim se caracterizando: O que se segue é uma proposta normativa para a Wikipédia lusófona. Se a proposta aqui apresentada tiver amplo apoio da comunidade, poderá converter-se numa recomendação ou política definitiva. Por favor, comente na página de discussão da proposta as alterações que gostaria que fossem feitas; pode também modificar esta página diretamente." Entre os tópicos do Índice destacamos: "1 Critério geral de relevância; 2 Porque precisamos de exigir relevância? 3 O que é (ou não é) a relevância? ; 3.1 A relevância não é subjetiva; 3.2 A relevância é permanente; 3.3 A relevância não se refere ao conteúdo do artigo; 3.4 Relevância não é popularidade; [...] 5 Como escrever um bom artigo." Grifo nosso.

<sup>738</sup> MACHLUP, E. **Knowledge: its creation, distribution and significance**.v.1 Knowledge and knowledge production. Princeton, N.J.: Princeton University Press. P. 167. Apud MENO, Michel J. Trends in a critical review. The impact of information -II. Concepts of information and its value. **Information Processing & Management**, v.31, n. 4, 1995 -. p. 484 [...] "from various points of view, 'living knowledge', or what living people know, may be the *relevant* stock of knowledge in society".



termo de valor semântico relativo a valor, sem, no entanto, estarem relacionados no âmbito da lexicografia, lexical: *assessing*<sup>739</sup> x *evaluating*.

O termo inglês *assessment* se popularizou em 1960: "O processo de *assessment* se refere a recolher, organizar e sintetizar informação diversa para distintos fins, entre os quais está facilitar a avaliação da aprendizagem e da tomada de decisões"<sup>740</sup>.

Examinando um pouco mais o termo, o seu conceito se firmou mais como avaliação quanto à gestão do conhecimento e mesmo na gestão empresarial relacionada à competência, eficiência e autoconhecimento de funcionários<sup>741</sup>. Por essa leitura, verifica-se o recurso, por MENOU, a um termo ligado a avaliação, porém uma avaliação específica, cujo termo consagrado para expressão desse conceito teve origem em outra palavra, etimologicamente distinta.

MENOU reconhece a metodologia para identificação de estruturas paradigmáticas na etnologia, para análise estrutural de contos, crenças e congêneres, e na psicanálise, em técnicas dificilmente aplicáveis no campo em que o autor está trabalhando. A realização de entrevistas levando entrevistados a declarar os atributos ligados a cada item de informação e fontes talvez possa ser uma solução. Ter-se-ia a expectativa de que os paradigmas por trás de cada item de informação surgissem no decorrer do inquérito, com alguns de seus atributos ou dimensões<sup>742</sup>. E se teria que realizar uma segunda

---

<sup>739</sup> Conforme o **Online Etymology Dictionary**, o verbo *Assess* ocorre desde o século XV, significando "fixar o montante (de um imposto, multa, etc)", do Anglo-Francês *assesser*, do Médio Latim *assessare* "fixar um imposto sobre", originalmente freqüentativo do Latim *assessus* "um assento", particípio passado de *assidere*, "se sentar ao lado" (e, portanto, para auxiliar no escritório de um juiz), a partir de *ad-*"para" + *sedere* "sentar". Uma das atribuições do assistente do juiz era a de fixar o montante de uma multa ou dos impostos. Significando "para estimar o valor da propriedade com a finalidade de tributar" é de 1809; o sentido, por extensão, de "julgar o valor de uma pessoa, ideia, etc" é a partir de 1934. HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: [http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=assessing&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=assessing&searchmode=none). Acesso em: 29 dez. 2011.

<sup>740</sup> ORENGO, Janette. **La evaluación dentro del concepto de educación procesal**. Disponível em: <[http://www.suagm.edu/umet/biblioteca/Reserva\\_Profesores/janette\\_orengo\\_educ\\_409/Cap1\(c\)La\\_evaluacion\\_dentro\\_del\\_concepto\\_de\\_educacion\\_procesal.pdf](http://www.suagm.edu/umet/biblioteca/Reserva_Profesores/janette_orengo_educ_409/Cap1(c)La_evaluacion_dentro_del_concepto_de_educacion_procesal.pdf)>. Acesso em: 29 dez. 2011. "El proceso de *assessment* se refiere a recoger, organizar y sintetizar información diversa para distintos fines, entre los cuales está facilitar la evaluación del aprendizaje y la toma de decisiones. Puede ser cualitativa como cuantitativa".

<sup>741</sup> ASSESSMENT. **Wikipedia**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Assessment>>. Acesso em: 15 dez. 2011.

<sup>742</sup> MENOU, Michel J. Trends in a critical review. The impact of information - II. Concepts of information and its value. **Information Processing & Management**, v.31, n. 4, 1995 -. p. 487. [...] "dimensions which a priori appear to be useful pointers to the characteristics of a given stock of paradigms. I have tentatively identified 7 dimensions, on the basis of those particular aspects of appropriate information which are often mentioned in the literature, for instance Neelameghan (1981), and/or those I had the opportunity to observe: **Informal-Formal**, which refers to the existence, or not, of an identified formal source for the paradigms, **Endogenous-Exogenous**, which refers to the fact that the paradigms originated, or not, from within the group, **Resident-Circulating**, which refers to the fact that the paradigms remain unsaid or are exposed to open discussion, **Unconscious-Conscious**, which refers to the degree to which the paradigms are

série de entrevistas, a fim de posicionar os conceitos paradigmas de informação e seu valor ao longo dos eixos<sup>743</sup> das dimensões, que o autor apresentará na sua sequência de texto. Alerta para o devido cuidado, aqui de novo extremo, a ser tomado para não comprometer o viés nas respostas e sua interpretação.

Nesse ponto, valor para o autor parece-nos significar o intervalo quantitativo, variável para cada uma das dimensões, configurando, no seu lançamento nos eixos correspondentes, posições gráficas representativas da estrutura paradigmática da informação<sup>744</sup>.

E, como fizera à página 483, recorre a diversos termos, tendo em comum o radical do termo valor, reiterando o sentido em seu texto que o conceito toma no geral. Dentro de sua especulação de possibilidade analítica para o objeto de seu estudo, nos diz que

A imagem resultante [mapa] poderia ser validada através da construção de histórias similares àquelas em que a informação inicial foi recolhida, contando com paradigmas com as mesmas dimensões como aqueles encontrados, ou sobre os contrários antitéticos, e analisar o feedback dos entrevistados quando ouvem essas histórias. Se o comportamento e as informações relatadas na história são julgados válidos, no caso, quando as mesmas dimensões estão implícitas, ou inválidos, pode-se supor que o apping está correto. Discussões em grupo dos resultados ou a simples observação de casos relevantes também pode ser considerado como meio de validação. Um tempo as investigações não são susceptíveis de produzir resultados decisivos por causa do risco de má interpretação e outras interferências. Seria aconselhável repeti-los em intervalos<sup>745</sup> regulares durante algum tempo, como mais um meio de verificação. Observações mais distantes provavelmente seria ainda mais interessante por evidenciar possíveis mudanças paradigmáticas no estoque e o uso de informações relacionadas e comportamento<sup>746</sup>.

---

grounded in structured justifications, **Ancient-Recent**, which refers to the lasting of the paradigms, **Stable-Changing**, which refers to the possibility for the paradigms to be adapted, or not, as a result of experience, **Multiple purposes-Single purpose**, which refers to the range of events whose interpretation can be supported by the paradigms. "(grifos nossos) Traduzindo, as 7 dimensões são: Informal-Formal, Endógena-exógena, Sedentário - circulante, Inconsciente-consciente, Antigo-recente, Estável-mutável, Finalidades múltiplas- finalidade única.ms.

<sup>743</sup> MENO, Michel J. Trends in a critical review. The impact of information - II. Concepts of information and its value. **Information Processing & Management**, v.31, n. 4, 1995 -. p. 487. "These dimensions should be seen as axes along which the paradigms can be positioned. Although it is possible that some paradigms fully fit at any one end of an axis, the more likely situation is that they take an intermediate position, being more formal than informal, more circulating than resident, etc."

<sup>744</sup> MENO concebe que a partir de uma configuração geral de estruturas paradigmáticas se possa determinar a importância relativa, destacar fatores e relevâncias, além de possibilitar mapeamentos de paradigmas individuais e elaboração de mapa combinado, com base, por exemplo, em valores médios em cada eixo. Aqui também, o termo supoe uso mais matemático, de intervalos observáveis, mensuráveis, comparáveis e aptos a fomentar interpretações analíticas.

<sup>745</sup> Embora etimologicamente, na fonte em que temos nos pautado, o termo intervalo tenha outra origem léxica e semântica, o caráter diferencial implicado em vale [valo] e o teor de valor têm simbolicamente algo que lhes é atrativo, algo como o escalonado. Grifos nossos.

<sup>746</sup> MENO, op.cit., p. 487. "The resulting picture could be validated by constructing stories similar to those by which the initial information was gathered, relying upon paradigms with the same dimensions as those

Como visto na parte primeira, podemos constatar que o léxico associativo do termo valor é aqui empregado como implicação do próprio conceito e de sua iteração ou redundância, sugerindo que o valor está indissociado de aspectos de valor, como verificação atributiva, tal como validade, validação, invalidação.

O arrazoado sobre dimensões e eixos desemboca na parte textual que trata do mapeamento das dimensões da estrutura pragmática, as sete dimensões enunciadas na nota de rodapé de número 46. O termo valor neste trecho do artigo aparece logo após uma afirmação sintética das dimensões que, simultâneas enquanto paradigmas estruturais, não são observadas enquanto julgamento de valor, locução que talvez caracterize subjetivismo indesejável em um processo de *assessment* / avaliação da informação<sup>747</sup>.

Por fim, MENOUE arremata o texto, em sua Conclusão, não com o termo valor afirmativo, mas com um termo negativo e no sentido de uso corrente: “Focalizar a informação como conteúdo e em sua capacidade de transformar a estrutura paradigmática da base do conhecimento não invalida as preocupações que foram discutidas no artigo”<sup>748</sup>. Deixamos ver a importância terminológica e o controle que tem do termo e dos conceitos, permitindo ser lido, aqui, como uma mudança de campo, demonstrando sua habilidade e destreza no emprego das palavras e do contexto.

Patricia J. BARNETT, ao nos propor uma digressão sobre questões de informação no âmbito dos acervos bibliográficos e dos museográficos quanto à informação em Arte, nos provoca uma projeção sobre a natureza da análise no campo da Ciência da Informação e do valor da informação para a concepção científica.

Catálogos de objetos estão focados nos próprios objetos; Catálogos bibliográficos espelham a pesquisa, se de objeto específico ou se

---

found, or on the contrary antithetic ones, and analyzing the feedback of the respondents when they hear these stories. If the behaviour and information reported in the story are judged valid, in the case when the same dimensions are implied, or else invalid, one may assume that the apping is correct. Group discussions of the findings or the simple observation of relevant cases may also be considered as means of validation. One time, investigations are not likely to yield decisive results because of the risk of misinterpretation and other interferences. It would be advisable to repeat them at regular intervals over some time, as a further means of verification. More distant observations would probably be even more interesting by evidencing possible changes in the paradigmatic stock and the related information use and behaviour.” Grifos nossos.

<sup>747</sup> MENOUE, Michel J. Trends in a critical review. The impact of information - II. Concepts of information and its value. **Information Processing & Management**, v.31, n. 4, 1995 -. p. 488. “A ‘traditional’ stock of paradigms could hypothetically be characterized as being fully informal, endogenous, resident, unconscious, ancient, stable and multiple purposes. This implying no value judgment.”

<sup>748</sup> Ibidem., p. 489. “Focusing on information-as-contents and its ability to transform the paradigmatic structure of the knowledge bases does not invalidate the concerns which were discussed in the previous article.”

abrangendo áreas mais conceituais e amplas de conhecimento do tema.

Enquanto o mundo do museu carece de motivação para trabalhar em conjunto para trocar e compartilhar informações, de modo a definir, adaptar e construir suas estruturas de dados e normas, o mundo da biblioteca carece de motivação para aperfeiçoar e trazer todos os seus dados juntos em bases de conhecimento, com a finalidade de pesquisa<sup>749</sup>.

---

<sup>749</sup> BARNETT, Patricia J. An Art Information System: From Integration to Interpretation. **LIBRARY TRENDS**, V. 37, N. 2, Fall 1988, pp. 194-205. Trecho constante da parte intitulada **Inference Issue**. "Object catalogs are focused on the objects themselves; bibliographic catalogs mirror research, whether object specific or encompassing more conceptual and expansive areas of subject knowledge. While the museum world lacks motivation to work together to exchange and share information so as to define, adapt, and build its data structures and standards, the library world lacks motivation to refine and bring all of its data together into knowledge bases for the purpose of research." A autora dedicará uma porção de seu artigo à qualidade do intrínseco e do extrínseco no processo substitutivo enquanto dado, em ambos os campos bibliográfico e museográfico. "Intrinsic / Extrinsic Issue or Pointer Versus Surrogate. Most of the literature documenting the differences between a bibliographic item and an art object goes to great length in dealing with the intrinsic/extrinsic issue. The information used to document a bibliographic item is generally *intrinsic* to the book itself-i.e., its author, title, or publication date-whereas the information used to document an art object is mostly *extrinsic* to the object-i.e., the scholarly opinions, interpretations, and attributions of an art historian. These are real and basic differences that ultimately make one set of documentation acts as a pointer to the literature contained in the book, and the other set of documentation acts as a complete description of an otherwise mute object. Whatever there is to say about that object may be totally contained in the surrogate record, including a surrogate image of that object. Do the differences between a pointer and a surrogate record have grave ramifications for the ability of the museum and art history world to tap bibliographic documentation principles and systems? While half the purpose of a bibliographic catalog is to function as a pointer to a known entity-the desired book-the other half is to locate unanticipated documents through its system of subject descriptors. In this latter case, the catalog could be said to be pointing at the contents of a book-contents that might also contain an art historian's opinions, interpretations, and attributions. The usual method of making comparisons, item-for-item, needs to be suspended in order that the record information about the art object may be compared with the information contained within the pages of the book-not the usual one-to-one, record- to-record, comparison. A massive task has taken place in the bibliographic catalog through subject analysis: the construction of a scheme of knowledge that seemingly unbinds the book. If it could be said that the art object is much enriched by the art historian's documentation, then that same information, elaborated on and published as unique documentation in articles and books, needs to be linked to that object. The real difference between object and bibliographic item information is that the object description enumerates and the bibliographic content description ("descriptors") abstracts. But whether enumerative or abstracted, the basic elements of subject description-the descriptors-remain the same. Those same questions posed to an object catalog can be posed to a bibliographic catalog. The former answers them for specific art work, the genre of object databases; the latter, for the whole realm of art historical research beyond the physical object. Elements of conservation, technique, and iconography are being linked into a broader conceptual scheme of knowledge including *conservation*, *techniques*, and *iconography* with each aspect maintained within a distinct syndetic structure of faceted subject knowledge." Os termos intrínseco e extrínseco serão objeto do terceiro capítulo, considerados na sua implicação de Valor. Na parte do texto Modular Systems Versus Total System Approach o termo reaparece, apenas como indicador de um quantitativo em numérico, o valor de seguro. Visando reter o contexto, transcrevo a totalidade do parágrafo, que também complementa a discussão que apresentei sobre distinções entre os campos de tratamento bibliográfico e museográfico quanto aos dados. "Reading about bibliographic databases from the art historian and museum perspectives, one encounters again and again the assumption that there is a very limited number of fields in bibliographic databases - "at the most, thirty different fields." In museums, there may be "well over a thousand of what could be construed by different people to be very useful information" (American Society for Information Science [ASIS] 1983, p. 11). This useful information includes loans, insurance value, exhibition restrictions, artist biographical information, and other data, some of which can be categorized as collection management information rather than cataloging information. Library science makes a clear distinction between cataloging information and acquisitions, circulation, interlibrary loan, and authority control information. In an integrated online catalog system, all information on a bibliographic item or object would be brought together from these different files and subsystems into one unified catalog."

Por essa comparação dos campos de museus e de bibliotecas, Barnett patenteia a orientação diversa da de MENO, no usuário, que no campo museístico recai sobre os itens de acervo, não no público.

Dando continuidade à revisão dos textos apresentados para leitura na disciplina que nos propiciou explorar mais de perto a questão do valor, verificamos que no artigo de JAPIASSU, a presença do termo valor somente é verificável - antecipado no Resumo e figurando no desenvolvimento do texto - condicionado pelo termo Social. No conteúdo, o julgamento do valor social dos resultados da ciência enquanto via para o progresso, ou o mito dessa condução, se constitui em uma das máscaras da ciência, que dão título ao artigo!<sup>750</sup>

Já no artigo da profa. Dra. Diana Farjalla Correia Lima, **O que se pode designar como museu virtual segundo os museus que assim se apresentam...**<sup>751</sup>, as referências a valor são mais frequentes.

A terminologia museológica pela qualidade de expressar um bem simbólico representa, em virtude de tal atributo de valor, um patrimônio que o campo detém, e a questão da sua relação com informação e comunicação em museus tem sido objeto de estudos pela Museologia<sup>752</sup>.

Cita, inauguralmente, no Resumo, o termo em acepção de uma atribuição simbólica, equivalente a patrimonial. A integração ao universo do simbólico e do patrimonial se dá através do valor a aspecto da experiência, fenomenológica, e tal mecanismo sendo próprio à Museologia vindo ocorrendo em trabalhos sob seu recorte. Como assinalado para MENO, também Lima manipula a lexicografia em torno do radical de valor ao falar em validade (“E considerou-se a presença de qualquer um destes indicadores como válido”<sup>753</sup>) que se atribui à presença de indicadores no espectro do observado em seu trabalho, os museus que se auto-designam virtuais [digitais eletrônicos], indicadores do país no sistema *Uniform Resource Locator* – URL (Localizador Padrão de Recursos) e no endereço postal eletrônico. Retomando o conceito terminológico mais relativo ao campo museológico, o texto traz o fenômeno considerado à circunscrição epistemológica objetiva: “O formato digital, em termos do seu entendimento com valor

<sup>750</sup> JAPIASSU, Hilton. As máscaras da ciência. **Ciência da Informação**. Rio de Janeiro. V. 6, n.1; p.13-15, 1977. p. 13.

<sup>751</sup> LIMA, Diana Farjalla Correia. **O que se pode designar como museu virtual segundo os museus que assim se apresentam...** Disponível em: <<http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/bitstream/123456789/531/1/GT%209%20Tx%2011-%20LIMA,%20Diana%20Farjalla%20Correia.%20O%20que%20se%20pode%20designa....pdf>>. Acesso em: 20 out. 2011.

<sup>752</sup> Ibidem, p. 3. Grifo nosso.

<sup>753</sup> Ibidem, p. 7. Grifo nosso.

de patrimônio cultural, relaciona-se ao bem simbólico resultante de mais um novo processo tecnológico surgido em tempos recentes”<sup>754</sup>.

Por fim, o termo valor é recuperado no texto de Lima quando precisa para a UNESCO a definição de Patrimônio Digital, transcrita e traduzida pela autora, em que lemos: “Muitos desses materiais são de valor e significância duradouros e, por isso, constituem um patrimônio que deve ser protegido e preservado para as gerações atual e futura”<sup>755</sup>. E aqui o sentido do termo valor parece ser apenas o corrente, do senso comum. Em outro artigo, LIMA<sup>756</sup>, introduzindo aspectos dos bens culturais / simbólicos tradutíveis em materiais e não materiais emprega o termo valor no seguinte enquadramento:

[...] No segundo caso, caráter intangível: manifestações culturais que não estão “inscritas” em objetos em razão da sua natureza imaterial, tratando-se de bens sem apoio de qualquer suporte físico (procissões, cantos, danças, folguedos, propostas artísticas, etc.). Portanto, necessitando ser “documentados” por registros de imagens e/ou textuais e/ou sonoros a fim de fornecer formas ‘físicas’ para construção do dado informacional. E, sobretudo, para permitir avaliação quanto à relevância daquele tipo de costume tradicional, atendendo à descrição detalhada dos valores de forma e conteúdo desses aspectos culturais nas suas variâncias locais, ao modo do processo de catalogação museológica para objetos concretos (tridimensionais).

Como em ocorrências anteriores, constata-se um termo derivado, avaliação, e relacionado ao valor na informação, relevância. Neste caso, avaliar é a escala de mensuração do impacto informacional, nos termos de MENO, anteriormente

---

<sup>754</sup> LIMA, Diana Farjalla Correia. **O que se pode designar como museu virtual segundo os museus que assim se apresentam...** Disponível em: <<http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/bitstream/123456789/531/1/GT%209%20Tx%2011-%20LIMA,%20Diana%20Farjalla%20Correia.%20O%20que%20se%20pode%20designa....pdf>>. Acesso em: 20 out. 2011. p. 9. Grifo nosso.

<sup>755</sup> Ibidem, loc.cit. “The digital heritage consists of unique resources of human knowledge and expression. It embraces cultural, educational, scientific and administrative resources, as well as technical, legal, medical and other kinds of information created digitally, or converted into digital form from existing analogue resources. Where resources are “born digital”, there is no other format but the digital object. Digital materials include texts, databases, still and moving images, audio, graphics, software and web pages, among a wide and growing range of formats. They are frequently ephemeral, and require purposeful production, maintenance and management to be retained. Many of these resources have lasting value and significance, and therefore constitute a heritage that should be protected and preserved for current and future generations. This ever-growing heritage may exist in any language, in any part of the world, and in any area of human knowledge or expression.” UNESCO - United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization. **Charter on the Preservation of Digital Heritage**. Paris, 2003. Artigo primeiro. Disponível em: <[http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL\\_ID=17721&URL\\_DO=DO\\_TOPIC&URL\\_SECTION=201.html](http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=17721&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html)> Consultado em: jun. 2008. Apud LIMA, Diana Farjalla Correia. **O que se pode designar como museu virtual segundo os museus que assim se apresentam...** Disponível em: <<http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/bitstream/123456789/531/1/GT%209%20Tx%2011-%20LIMA,%20Diana%20Farjalla%20Correia.%20O%20que%20se%20pode%20designa....pdf>>. Acesso em: 20 out. 2011. Grifo nosso.

<sup>756</sup> Ibidem, p.6. Grifos nossos.

considerado. A presença de valores, na sequência da sentença, prende-se, por outro lado ao caráter comum do termo, seja de distintivo, seja de qualidade, de elementos diferenciadores e identitários, na forma e no conteúdo, ou de qualidades formais ou contedísticas nas expressões culturais.

Se no artigo anteriormente tratado Lima nos fala do valor museológico, neste o mote será o valor informacional, contemplado na citação de Mensch, que caracteriza a função museística de investigação como [...] “interpretação científica do valor informativo do patrimônio cultural...”<sup>757</sup> Reconhece-se aqui a natureza de suporte e de transporte de dados dos objetos que integram os acervos dos museus [e acrescentaríamos os bens patrimoniais em geral] e sua importância para o tratamento enquanto obtenção de dados e produção de conhecimentos necessários ao processo de informação.

Em mais um momento, vemos o termo valor através de seu radical lexical, quando a autora se baseia nas colocações de FERREZ: “Os sistemas de documentação museológica [sic] equivalem aos que, em Biblioteconomia e na Ciência da Informação, recebem o nome de sistemas de recuperação de informação”<sup>758</sup>. O conceito de equivalência na frase tem a intenção de determinar a identidade e igualdade dos valores atribuídos a ambos os sistemas que recebem, todavia, nas respectivas áreas em que ocorrem, designações diferentes. FERREZ, como BARNETT fizera, procura buscar as bases comuns, mais que as específicas, visando a integração que, ao final, permitira ao sistema da informação ser inclusivo, completo, interagente e interdisciplinar, como marca das origens e níveis vários das produções de conhecimento e de seus usuários.

Em mais um texto lido de LIMA, agora em coautoria com COSTA<sup>759</sup>, retoma-se o sentido do valor justaposto à Museologia. No Resumo antecedente ao artigo, o termo ressurge,

---

<sup>757</sup> MENSCH, Peter van, 1992, p. 2, apud LIMA Diana Farjalla Correia. *Ciência da Informação e Museologia em Tempo de Conhecimento Fronteiriço: Aplicação ou Interdisciplinaridade?* In: PPGCI ECA-USP; ANCIB. (Org.). **ANAIS do IX ENANCIB- Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação Diversidade Cultural e Políticas de Informação**. São Paulo: PPGCI ECA-USP; ANCIB, 2008, v., p.8 Grifo nosso.

<sup>758</sup> FERREZ, Helena Dodd. **Documentação museológica: teoria para uma boa prática**. Estudos Museológicos. IPHAN. Rio de Janeiro. 1994. (Cadernos de Ensaio 2), p. 68, apud LIMA, op. cit. p.12. Acrescente-se que o termo relacionado à equivalência também ocorre nos Estatutos do ICOM, em que caracteriza Profissionais de museus também aqueles que possuam [...] formação especializada ou experiência prática equivalente em qualquer campo relativo à gestão e atividades de museu.” Apud LIMA, Diana Farjalla Correia. *Ciência da Informação e Museologia em Tempo de Conhecimento Fronteiriço: Aplicação ou Interdisciplinaridade?* In: PPGCI ECA-USP; ANCIB. (Org.). **ANAIS do IX ENANCIB- Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação Diversidade Cultural e Políticas de Informação**. São Paulo: PPGCI ECA-USP; ANCIB, 2008, v., p.13. E por preciosismo, mencionamos a inclusão na bibliografia deste artigo de referência que tem o Valor como objeto do título. KIELGAST, Soeren, HUBBARD, Bruce A. **Valor agregado à informação: da teoria à prática**. *Ciência da Informação*. Brasília. v. 26, n. 3, p. 271-276, set-dez. 1997.

<sup>759</sup> LIMA, Diana Farjalla Correia, COSTA, Igor F.R. **Ciência da informação e museologia: estudo teórico de Termos e conceitos em diferentes contextos --subsídio à Linguagem documentária**. VII CINFOM.

ou melhor, a locução, na conceituação de que certos bens simbólicos adquirem valor museológico, de patrimônio: “Em cenário de ruídos na comunicação, objetiva identificar/selecionar/analisar termos e conceitos – bens simbólicos de valor museológico (patrimônio)”<sup>760</sup>. No tópico 2.2, “Representando o Patrimônio ou por uma representação do Patrimônio...”, há uma tripartição das caracterizações de Patrimônio: a) Patrimônio como monumento; b) Patrimônio como conjunto indivisível e c) Patrimônio como bens culturais e naturais, móveis e imóveis<sup>761</sup>. O termo valor está evidente nos três aspectos conceituais de Patrimônio. No primeiro, que implica a noção de materialidade pelo que [...] “o caráter histórico é evidenciado pela relevância testemunhal do dado físico como critério de valor patrimonial e, portanto, limitando a idéia de patrimônio a um espectro restrito de fenômenos materiais”<sup>762</sup>. Note-se, primeiramente, a copresença do termo relevância. A prevalência do critério testemunhal expresso materialmente permite a constatação de um valor, de patrimônio, igual e decorrentemente, material. Concebido como b) Patrimônio como conjunto indivisível, aqui o valor é a relação entre os bens, [...] “que traz sentido ao agrupamento dos fenômenos sejam eles naturais ou culturais, móveis ou imóveis, não está restrita -- no plano conceitual do patrimônio -- a uma área de conhecimento, a não ser pela necessidade operacional em musealizar tais fenômenos”<sup>763</sup>. Ao dispor os termos valor e relação, a perspectiva deste item permite lembrar-se do próprio objeto da Museologia para Stránský, o valor da relação (homem-realidade)... a alínea c) não nos traz o termo valor, que reaparece, todavia, no arrazoado final a respeito das possibilidades múltiplas de re-presentações e também de emprego ou recurso terminológico, [...] “consignando conceitos que irão atender aos valores patrimoniais atribuídos pelas áreas do conhecimento que lhes associam suas competências, demarcando (legitimando) para as comunidades seu território de especialidade (de poder simbólico).” Fica enunciada a interdependência entre o termo e o conceito e a sugestão de “atendimento”, de resposta valorativa que um conceito represente<sup>764</sup>.

---

<sup>760</sup> LIMA, Diana Farjalla Correia, COSTA, Igor F.R. **Ciência da informação e museologia**: estudo teórico de Termos e conceitos em diferentes contextos --subsídio à Linguagem documentária. VII CIFORM. p.1.

<sup>761</sup> Ibidem, p. 9-10.

<sup>762</sup> LIMA, Diana Farjalla Correia, COSTA, Igor F.R. **Ciência da informação e museologia**: estudo teórico de Termos e conceitos em diferentes contextos --subsídio à Linguagem documentária. VII CIFORM. p. 10.

<sup>763</sup> Ibidem, loc.cit.

<sup>764</sup> Registramos a presença na bibliografia deste artigo de um texto em que termo associado a valor introduz o seu título. LAAN, Regina Helena van der; FERREIRA, Glória Isabel Sattamini; BONOTTO, Martha E. K. Kling; NEVES, Iara Conceição Bitencourt; GASPERIN, Inês M. de. *Avaliação de descritores relativos às ciências da informação: relato de pesquisa. Em Questão*, Porto Alegre, v. 10, n.2, p. 337-347, jul./dez. 2004.



MOODY e WALSH (1999), citados por BEAL<sup>765</sup>, determinam sete leis que definem o comportamento da informação como um bem econômico: 1ª) a informação é (infinitamente) compartilhável; 2ª) o valor da informação aumenta com o uso; 3ª) a informação é perecível; 4ª) o **valor** da informação aumenta com a precisão; 5ª) o valor da informação aumenta quando há combinação de informações; 6ª) mais informação não é necessariamente melhor e 7ª) a informação se multiplica<sup>766</sup>. Como se verifica, dos enunciados das sete leis, três versam explicitamente sobre valor. No entanto, não há espaço no momento para o resgate do teor dessas Leis. Nossa atenção recaiu sobre a apresentação em forma gráfica dessas leis nas coordenadas cartesianas que nos levaram a nos perguntar se não se poderia fazer uma transposição para análise relativa à Memória. E, continuando a divagar, se não se poderia aplicar as coordenadas cartesianas ao objeto da Museologia / Patrimoniologia? Por essa via, a formulação inicial a nos ocorrer foi fazer do plano o espaço do lançamento dos valores na relação, no plano em que se dariam interseções de pontos de ordenadas Homem com pontos de abscissas Realidade (mundo, preferiríamos), quando cogitamos procurar conhecer o conceito do próprio plano em Descartes. As coordenadas, de uma evocação juvenil escolar, começaram a adquirir seu corpo próprio, opaco, e, num desenrolar, foram articulando outros termos associados como o termo relação. E isso é objeto de capítulo específico, a respeito do conceito da realidade - mundo e homem, através de seus modos de relacionamento.

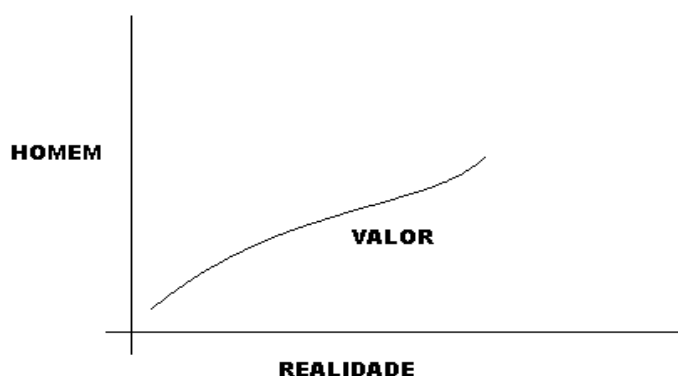
Na primeira concepção da relação objetiva da Museologia / Patrimoniologia e a situação do valor (conjunto – funções) ter-se-ia:

---

<sup>765</sup> BEAL, Adriana. **Gestão Estratégica da Informação**: como transformar a informação e a tecnologia da informação em fatores de crescimento e de alto desempenho nas organizações. São Paulo: Atlas, 2004. p. 23. Apud GONÇALVES, Marcio. **Processo de comunicação da informação nas empresas da incubadora tecnológica do Instituto Gênesis (PUC-RJ)**. 2006. (Dissertação de Mestrado) – PPGCI, Universidade Federal Fluminense – IBICT, [Niterói?], 2006. Disponível em: <[http://www.isafreire.pro.br/dissertacao\\_marcio\\_goncalves.pdf](http://www.isafreire.pro.br/dissertacao_marcio_goncalves.pdf)>. Acesso em: 27 dez. 2011.

<sup>766</sup> GONÇALVES, Marcio. **Processo de comunicação da informação nas empresas da incubadora tecnológica do Instituto Gênesis (PUC-RJ)**. 2006. (Dissertação de Mestrado) – PPGCI, Universidade Federal Fluminense – IBICT, [Niterói?], 2006. Disponível em: <[http://www.isafreire.pro.br/dissertacao\\_marcio\\_goncalves.pdf](http://www.isafreire.pro.br/dissertacao_marcio_goncalves.pdf)>. Acesso em: 27 dez. 2011. p. 57-61

Diagrama 01. Relação Homem – Realidade e Valor



No entanto, destinaremos discutir as possibilidades dessa contribuição no próximo capítulo.

O roteiro que originalmente estabelecemos para as considerações do conceito de valor incluíam dois outros campos, um dedicado à observação de certos termos, na lógica e na matemática, como relação, e outro privilegiando o termo valor na definição do objeto da Museologia conforme Stránský. Descreveria este capítulo um arco, do geral ao particular / específico. Vários fatores nos impossibilitaram de chegar a termo em nossos propósitos, neste momento, mas o volume dos levantamentos e o estado do processamento de diversos textos orientam para a conclusão futura de dois artigos, suplementares / complementares à compreensão do conceito de valor.

Tendo começado pela observação do termo e conceitos de valor e correlatos, no escopo de uma Disciplina constante do programa de doutorado, gradativamente nos fomos dando conta das implicações do termo como tal no campo museológico / patrimoniológico e em outros, como no da Ciência da Informação.

Com o aporte obtido em GONÇALVES, com o resgate da configuração dos eixos cartesianos e a inquietação quanto ao objeto da Museologia / Patrimoniologia, o principal desdobramento deste capítulo teve, por consequência, propor uma revisão do objeto de Projeto de Tese de nosso doutoramento, passando da observação do valor<sup>767</sup>,

---

<sup>767</sup> Apontamos a discussão sobre o valor em Heidegger, no **Ser e tempo**, contida nas páginas 109 a 112. Já à p.103 ocorre a abordagem do valor: “Descrever o ‘mundo’ fenomenologicamente significa: mostrar e fixar numa categoria conceitual o ser dos entes que simplesmente se dão dentro do mundo. Os entes dentro do mundo são as coisas, as coisas naturais e as coisas ‘dotadas de valor’”. [...] A substancialidade é o caráter ontológico das coisas naturais, das substâncias. Esse caráter é o fundamento de tudo. p. 103-104. As “coisas dotadas de valor” são os [...] “entes em que, de imediato e na maioria das vezes, a pré-sença se

enquanto termo da definição do objeto da Museologia / Patrimoniologia, para o objeto teórico em si, como um todo.

Sabendo-se que devemos empreender ao exame do termo relação e de outros, em decorrência, no âmbito da lógica e da matemática, o caminho que supomos é o de analisar o atual objeto científico stranskyano da Museologia, estendido para a Patrimoniologia, por Tomislav Sola, para se pensar sua propriedade ou necessidade e adequação de sua superação.

Não sermos especialista em Ciência da Informação requereu maior esforço na tentativa de compreender, em profundidade e extensão, os conceitos apresentados pelos autores da área. De modo exemplar, reler MENOUE, com os olhos voltados para a elaboração do presente capítulo, exigiu constantes idas e vindas ao interior do texto e a fontes externas que auxiliassem a precisar o sentido em que as afirmações do autor se iam posicionando. Tendo como referência e referente o campo da terminologia, e tendo em mente as advertências de SOKAL e BRICMONT<sup>768</sup>, inevitável olhar boa parte dos termos como opacos, isto é, a necessidade de ultrapassar o significante e ir à identidade do significado filológico, do e no texto, e o disciplinar, do léxico específico. Fosse pelo alerta dos autores de **Imposturas intelectuais**, fosse por incorporar a prática de identificação e de interpretação de conceitos e termos, o exercício serviu, no plano metodológico, ao desenvolvimento da imprescindível atenção à terminologia, especialmente por tratarmos de um campo, o museológico / patrimonial, que, por sua propalada “juventude”, se por um lado empresta termos de outras disciplinas, por outro define seus próprios, como o fez Stránský, no entanto carentes de universalidade quanto aos seus conceitos e de estabilidade quanto aos seus usos.

---

detém” [...]. p. 104. HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. Parte 1. Grifos nossos.

<sup>768</sup> SOKAL. Alan; BRICMONT, Jean. **Imposturas intelectuais**. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010.

## CAPÍTULO 6

# OS MODOS E O MEIO DA RE-LAÇÃO DO HOMEM COM O MUNDO:

revedo a aproximação pelo entre, o modal e o medial, como objeto da fixação em patrimônio da dinâmica do “espaço do tempo”.

O ser humano<sup>769</sup> se notabiliza entre os demais seres pela capacidade de fixação e de transmissão de sua percepção do mundo. Seja sob a forma de uma pintura rupestre, da palavra e da tradição oral, da escrita inscrita sobre uma superfície maleável, da arte digital, dentre tantas existentes, dentre tantas possíveis, potentes, a condição humana implica a busca da expressividade e da continuidade, homem consciente da morte. Diante de um mundo que percebe em fenômeno e se apropria, na presença do mundo constitui o real e o re-presenta, para si e para o próprio mundo. Na medida da sua consciência sobre a consciência, qualifica as evidências do mundo e as valoriza como merecedoras de serem representadas e de serem representantes do mundo, tal como percebido, em outra realidade, metarrealidade. Nossa humanidade nos fez testemunhais, memoriais e, enfim, patrimoniais / museais, sem que neste enunciado se estabeleçam precedências e causalidades, mas supondo dependência, relação, de termos que seriam, em essência, absolutos. Stránský, no capítulo de **Archeologie a muzeologie** que aborda a Metamuseologia, na página 111 a 113, trata da questão do valor expresso em musealidade, e a derivação desta em musealização e, por sua vez, a abordagem da metarrealidade que um programa de musealização da musealidade engendra<sup>770</sup>. Ser para a morte, o homem se relaciona com a existência com o desenvolvimento de sua consciência pelo que, sabedor da sua finitude, busca compreender como acaba em matéria, mas pode permanecer em memória. Os conceitos do binômio permanência / persistência nos auxiliam a entender as peculiaridades dos processos de continuidade possíveis.

Uma coisa persiste se e somente se existe ao longo do tempo assumindo partes temporais diferentes, ou estágios, em tempos diferentes, ainda que nenhuma dessas partes esteja completamente presente em mais do que um tempo. Inversamente, uma coisa permanece se, e somente se, existe ao longo do tempo, estando completamente presente em mais do que um momento temporal. A

<sup>769</sup> Para uma visão geral e sintética sobre o humano, ver HUMAN. **Wikipedia**. <<https://en.wikipedia.org/wiki/Human>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

Disponível em:

<sup>770</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005.

persistência corresponde ao modo como uma peça dura no tempo: o 1º ato não está presente quando do 2º ato. A questão consiste então em saber se será melhor conceber os objetos comuns como persistentes ou permanentes<sup>771</sup>.

Em sentido sintético, recordemos a etimologia dos termos dos conceitos chave de nossa perspectivação teórica: relação, entre, homem, realidade, mundo, presença, representação. Mas carecemos de uma advertência preliminar pois, se um dos conceitos abordados foi o da con-(s)ciência, precisamos afirmar não ser o homem o único ser consciente, do mundo e de si, *consciousness* e *awareness*<sup>772</sup>. Por outro lado, pelo espectro da especulação aqui empreendida, já é demais alargado se cogitar sobre a relação no que concerne ao homem e o estágio ainda incipiente das investigações sobre a consciência em entes não-humanos, ouvindo-se a prudência de nos atermos nos limites da consideração sobre o humano. De qualquer modo, trata-se no fundo de nossa posição antropocêntrica, em nossa tradição greco-judaico-cristã-ocidental a determinar o modo geral de filtro da percepção do e sobre o mundo, a que chamamos cultura...

Limites, de-limitações, fundo, aparências, acidentes, inter-pretações, tese (colocação), pressupostos, condicionamentos... Segundo o relativismo cultural, só podemos saber aquilo que podemos saber e, ecoando Sócrates, a certeza da ignorância, mobiliza a se se querer saber o que não se sabe e se vem a saber segundo as condições da

---

<sup>771</sup> "Terminologia [*endurance / perdurance*] introduzida por Mark Johnston [**Is There a Problem about Persistence?** Aristotelian Society, sup. v. 61: 107-135. 1987], filósofo australiano do século XX, para esclarecer um antigo contraste e descrita por David Lewis em [On] **The Plurality of Worlds** (1986). [...] O problema é antigo, pois muitos filósofos sentiram-se tentados a conceber a duração dos corpos, especialmente em movimento, como uma sucessão de novas entidades ou como recriações em diferentes lugares". BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 295. Ver também: HAWLEY, Katherine. **David Lewis on Persistence**. University of St Andrews, Saint Andrews, Escócia. Disponível em: <[shttp://www.st-andrews.ac.uk/~kjh5/OnlinePapers/LewisOnPersistence.pdf](http://www.st-andrews.ac.uk/~kjh5/OnlinePapers/LewisOnPersistence.pdf)>. Acesso em: 14 nov. 2013. DYKE, Heather; BARDON, Adrian, ed. **A Companion to the Philosophy of Time**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2013. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=H1AiUQ4EKJYC&pg=PT446&lpg=PT446&dq=johnston+endurance+perdurance&source=bl&ots=7mnBxr3QoE&sig=KISR7aEXq8h7UmdRNZB5sDtU05o&hl=pt-BR&sa=X&ei=0vrFUpnGHtXesAT5y4C4DA&ved=0CEQQ6AEwAg#v=onepage&q=johnston%20endurance%20perdurance&f=false>>. Acesso em: 14 nov.2013. Ver ainda: BENOVSKY, Jiri. **Endurance, Perdurance and Metaontology**. Department of Philosophy. University of Fribourg, Switzerland. SATS, vol. 12, p. 159–177. 2011. Disponível em: <[http://www.jiribenovsky.org/papers\\_download/endurance\\_perdurance\\_metaontology\\_jiri\\_benovsky.pdf](http://www.jiribenovsky.org/papers_download/endurance_perdurance_metaontology_jiri_benovsky.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2013. Grifos nossos.

<sup>772</sup> Sobre a consciência em cetáceos, especialmente, ver. CRUZ, Bruna Costa Queiroz da. **Das Baías Austrais aos baianos**: por uma teoria delfínica da museologia. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) - Escola de Museologia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. BACHA, Marcella Faustino Fernandes. **A baleia em primeira pessoa**: iconografia, história, cultura e memória. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Escola de Museologia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Ver também: EVIDENCE Points to Conscious 'Metacognition' In Some Nonhuman Animals. University at Buffalo. **Science Daily**, 15 September 2009. Disponível em: <<http://www.sciencedaily.com/releases/2009/09/090914172644.htm>>. Acesso em: 22 jan 2013. Termos que podem estar associados ao tema da consciência, valeria explorar os sentidos de *witness*, relato, descrição, registro, asserção, cognição, percepção, sensação, entre outros.

capacidade de saber. Especular, então, constitui o movimento exploratório, tanto reflexivo, diante do espelho de nossas feições, quanto procedimento do pensamento: o fenômeno e o númeno (ou a mente, o noético elencado por Stránský). Digredindo sobre o **eu**, Johann Gottlieb FICHTE<sup>773</sup> fornece-nos elementos para pensarmos o entre o **eu** e o **não eu** ou o **fora do eu**...

[...] tudo que é pensado como se encontrando fora do Eu, a tudo que é distinguido do Eu e contraposto a ele [...]; [...] o Eu nunca se torna nem pode tornar-se consciente de si mesmo a não ser em suas determinações empíricas, e que estas determinações empíricas pressupõem necessariamente algo fora do Eu. Já o corpo do homem, que ele chama o *seu* corpo, é algo fora do Eu.

Já aí, desde o corpo em que se a-presenta o **eu**, para Fichte, fora desta conexão com a corporeidade e exterioridade, ele não seria um homem, e sim algo simplesmente impensável para nós. A relação do homem com a realidade faz pensáveis ambos os termos, por estabelecer e dar como pensável para nós. Mas nos adverte o filósofo,

se é que ainda se pode chamar “algo” ao que nem sequer é um objeto de pensamento. Considerar o homem [o **ser**, diríamos] em si e isolado não significa, pois considerá-lo, nem aqui nem em parte alguma, apenas como Eu puro, sem nenhuma relação com algo fora do seu Eu puro, e sim meramente pensá-lo fora de toda relação com seres racionais iguais a ele<sup>774</sup>.

Ele [o homem] não é o *que* é primeiramente porque *ele* existe, e sim *porque existe algo fora dele*. A autoconsciência empírica, isto é, a consciência de uma determinação qualquer em nós, não é possível sem um pressuposto de um Não-eu [...] Este Não-eu tem de agir sobre a capacidade passiva do homem, que chamamos sensibilidade [fenômeno?]. Assim, na medida em que o homem é algo, ele é um ser sensível<sup>775</sup>.

Em FICHTE, o Não-eu tem o caráter da diversidade [relacional, relativa], enquanto o Eu é a unicidade plena e absoluta. O Eu puro nunca pode se contradizer [...] “mas o Eu empírico, determinado e determinável pelas coisas externas [homem e realidade, o homem empírico, social], pode contradizer-se; [...] [o homem] deve ser o que é porque quer sê-lo e deve querê-lo<sup>776</sup>. “Não apenas a vontade deve estar sempre de acordo consigo mesma [...] e sim todas as forças do homem, que em si são apenas uma única força e são distinguidas apenas em sua aplicação a diferentes objetos”<sup>777</sup>.

Da teoria heideggeriana selecionamos duas premissas, a do homem como ser para a morte e a do homem como ser em presença. Pela nossa tradição judaico-cristã,

<sup>773</sup> FICHTE, Johann Gottlieb. **O destino do erudito**. São Paulo: Hedra, 2014. p. 19.

<sup>774</sup> Ibidem, p. 19-20. Grifo nosso.

<sup>775</sup> Ibidem, p. 21. Itálicos do autor.

<sup>776</sup> Argumento que nos recorda a vontade, em Schopenhauer. FICHTE. op. cit., p. 21.

<sup>777</sup> Ibidem, 22-23. Grifos nossos.

encontramos na Bíblia, na carta de Paulo de Tarso aos Coríntios, I:21: [...] “a morte veio por um homem”; e, em I:22, [...] “como em Adão todos morrem”<sup>778</sup>. Duas dimensões entrosadas, entre a consciência sobre o **eu**, o relacionamento de si consigo mesmo, e a externa, de si com o fenômeno do mundo?

E em ambas dimensões hipotetizadas se encontra o entre (eu comigo mesmo, o numênico ou fenômeno mental, que o *cogito ergo sum* sintetiza e sistematiza, e eu com o fenômeno externo), nas duas vias de caráter ôntico, do **ser** re-lacional. No entanto, **ser é**, sem requerer entre nada, sem aspectos ou acidentes, tão somente **essente**. E o **essente sendo** no mundo, mundo ôntico que também **é**, é absoluto, em contraposição conceitual e existencial ao relativo.

No percurso em direção ao fundo, indefinível e indeterminado, encontramos a afirmação de **ser**, e nisso não há modo ou meio, por que, o que percebemos ou intuimos são manifestações do **ser**, não ele mesmo, e embora possamos depurar a análise das manifestações, elas necessariamente requererão a análise dos modos, *quomodos*, *comos* e *meios*. Sobre o fundamento essente se constituirão, se desdobrarão, se perceberão os modos e meios do **ser** homem com o mundo relacional, entre ele e o real, as demais coisas, *realias*, em que muitas vezes realizará (*homo faber*) ou metarrealizará (componente do *homo* museal / patrimonial, em nossa perspectiva e abordagem).

O **ser** em presença **é**, constatável sob processos de con-(s)ciência do outro ser que o constate. Sendo **ser** para a morte, morre. Mas a memória de sua presença pode permanecer / persistir, em processo de re-presenciação – re-presentação. Todavia, não se trataria da presença presente, mesmo que estivéssemos diante de uma múmia, porção aspecto de um essente, morto. Aquele essente estaria re-presentado em aspectos, tanto evidências daquele ser quanto da maneira como o arqueólogo, historiador, museólogo / patrimoniólogo e observador, presencial ou remoto, selecionam e destacam, de uma totalidade impossível de continuar sendo, morto o ser re-ferido.

Modesto Mussorgsky assistiu a uma exposição de quadros<sup>779</sup>, naturalmente matéria para a visualidade, e compôs re-ferências musicais, a partir de material sonoro.

---

<sup>778</sup> TARSO, Paulo de. Carta aos Coríntios I: 21-22 In: **BÍBLIA**. rev. at. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, s/d. [tradução: João Ferreira Almeida]. Disponível em: <<http://www.sbb.org.br/interna.asp?areaID=7>>. Acesso em: 20 abr. 2015. Convém registrar, na contemporaneidade, o fato de que mensagens através do correio eletrônico digital o ser e existir, a morte e continuidade podem ser constatadas através do “lixo eletrônico” que, mesmos deletados, ficam na memória da máquina, a que *hackers* e “desmontadores” potencialmente continuam tendo “vivo” acesso).

<sup>779</sup> Peça musical escrita para piano, em junho de 1874, re-presenta a percepção do compositor sobre alguns dos quadros de seu amigo Viktor Hartmann, recém falecido (1873), aos 39 anos de idade, que vira na ex-

Sabemos das pinturas apenas o que delas permaneceu: a re-presentação musical de Mussorgsky<sup>780</sup>.

O entre é o que estabelece o **eu** com o Não-eu, os não-absolutos ou a relativização dos absolutos (contribuição dos gregos, conforme se lê em Deleuze e Guattari). A relatividade einsteiniana incorpora dois termos (espaço e tempo) na capacidade definidora do observador, que estabelece por qual entre se de-termina a quadridimensão, o **ser** observador dentro do espaço-tempo, e não fora dele, olhando termos ab-solutizados.

Os modos<sup>781</sup> (comos<sup>782</sup>) e meios da relação requerem o estabelecimento dos termos tomados em sentido não absoluto para a configuração do entre relacional. Em um plano último, talvez, esteja o entre relacional de existência com consciência, que nos ensinou Descartes (o pensamento, sendo pensável, afirma a ontologia, enquanto ato ôntico: pensar). Pensamos, logo existimos; observamos, logo vemos; apalpamos, logo tateamos; sonhamos, logo projetamos e procuramos realizar, presentificar. Fora da dimensão em que eticamente se possam considerar os pensamentos e atos, no cotidiano e nas posturas intelectuais (expressões de nossos modos e meios de relação com o mundo<sup>783</sup>), procedemos a interações plurais, variadas, em tipologia e intensidade.

---

posição a-presentada em galeria na cidade de São Petersburgo, Rússia, em 1874, e compôs uma música para cada um deles. as várias partes da peça foram unidas por um tema comum (*Promenade* - Passeio). QUADROS de uma exposição. In: **Wikipedia**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Quadros\\_de\\_uma\\_Exposi%C3%A7%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Quadros_de_uma_Exposi%C3%A7%C3%A3o)>. Acesso em: 11 abr. 2013

<sup>780</sup> Caso interessante é o do Hino Nacional Brasileiro. Sua música, composta por Francisco Manuel da Silva, tornou-se popular, desde 1831, com versos comemorativos à abdicação de D. Pedro I. Sua letra foi trocada à época da coroação de D. Pedro II, e a música, dada a sua popularidade, passou a ser considerada, sem ser oficializada, como o hino nacional brasileiro [[http://pt.wikipedia.org/wiki/Hino\\_Nacional\\_Brasileiro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hino_Nacional_Brasileiro)]. A composição da Grande fantasia triunfal do Hino Nacional Brasileiro, do estadunidense Louis Moureau Gottschalk, foi usada na propaganda política do Partido Democrático Trabalhista, na época da Ditadura civil militar de 1964, em desafio a sua proibição de execução. Em concurso promovido pela República em seus dias iniciais, venceu a composição de Leopoldo Miguez, mas teria o próprio Presidente, Deodoro da Fonseca, se manifestado pela predileção ao antigo hino. E o de Miguez passou a ser o Hino da Proclamação da República. Em 1922, pelo centenário da Proclamação da Independência, adota-se a letra escrita por Joaquim Osório Duque Estrada, que se torna a oficial<sup>11</sup>. 9 Tanta história, que inclui a intérprete Fafá de Belém a cantá-lo no comício das **Diretas Já!**<sup>12</sup> E o cantamos, à capela, nas nossas celebrações futebolísticas, para espanto e encantamento! BARAÇAL, Anaildo Bernardo. **Plano de trabalho**: encaminhado à Comissão de Seleção da Chamada Pública IBRAM nº 7, de 24 de outubro de 2014, para o Cargo de Diretor do Museu Histórico Nacional IBRAM/MinC. Rio de Janeiro, 23 nov. 2014. Opostamente, no caso do Hino do estado de Santa Catarina... [...] "introduzido em 1892 e finalmente sancionado por lei estadual em 6 de setembro de 1895, durante o governo de Hercílio Luz. Tem letra de Horácio Nunes Pires e música de José Brazilício de Souza. A letra, pelo aspecto geral abolicionista, tem sido às vezes considerada pouco representativa do estado. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Hino\\_do\\_estado\\_de\\_Santa\\_Catarina](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hino_do_estado_de_Santa_Catarina)>. Acesso em: 10 maio 2013. Ver também <<https://www.youtube.com/watch?v=Nv89EUF1J1g>>. Acesso em: 10 maio 2013.

<sup>781</sup> La palabra modo viene del latín *modus* (manera, medida) [...]. ANDERS, Valentín. **Etimología de Chile**. Disponível em: <<http://etimologias.dechile.net/?modo>>. Acesso em: 26 maio 2015.

<sup>782</sup> La palabra como deviene del latín *quo modo?* de qué modo? Ibidem. Disponível em: <<http://etimologias.dechile.net/?como>>. Acesso em: 26 maio 2015.

<sup>783</sup> Ver: SOKAL, Alan; BRICMONT, Jean. **Imposturas intelectuais**. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010.



As coisas, além de fundamentalmente **serem**, suportam propriedades. Sobre o fundo de ser coisa, que sempre já **é**, aí, e que se manifestou em presença, observam-se os binômios: substância – acidente; suporte e propriedade; subjetividade e predicação<sup>784</sup>. Sobre a coisa, e para sua verificação enquanto analítica de sua conformidade, em busca da verdade e do fundo, há as instâncias de: Expressar-se – expressão; Enunciar a – comunicação; Enunciar sobre – informação; Enunciar acerca de – proposição<sup>785</sup>. Tratam-se de modos e meios de, analiticamente, ou filosoficamente, abordarmos as coisas do mundo, através de modos e meios, em gradiente que contempla simplicidade e consideração fenomênica, como a proposição filosófica sobre a validação de uma formulação assertiva e distinção sobre o que é e como se a-presenta.

Em termos ilustrativos, em ex-posições museísticas ou de apreensões patrimonialísticas, podem se dar modos a-presentativos fáticos (as coisas para serem fruídas em sua experiência material, física), descritivos – comunicativos, adicionais – informativos e propositivos, através de enunciados mais complexos e elaborados, talvez científicos ou de questionamento de natureza filosófica. Similarmente, na museística / patrimonialística, há modos de abordagem quanto à substância e acidente das coisas separadas ou em territórios delimitados, ainda que cibernéticos, em relação ao suporte e propriedades, e mesmo quanto à subjetividade e predicação, comparável aos sentidos simbólicos associados e resultantes de interpretação, imputados?

Ainda que saibamos da impossibilidade de jamais conhecermos o ser, igualmente sabemos da assunção necessária de se conhecer e reconhecer a questão do ser como sendo, essente. E sua situação original, constitutiva e de fundo nos possibilitada, pela apreensão fenomenal, sensorial e intelectual, identificarmos o que de essência e de fundamentalidade embasa a coisa, justamente pelo que **é**, pela sua condição de **ser**. A discussão ontológica a que nos dedicamos, do que é a Museologia / Patrimoniologia, concomitante à especulação de sua essencialidade, exige a exploração de como, em manifestação, a podemos apreender e, mesmo, no caso epistêmico, discutir. Mais uma vez insistimos na orientação do pensamento de HEIDEGGER, para este contexto especialmente no contido em seu **Ser e tempo**.

Nós não *sabemos* o que diz “ser”. Mas já quando perguntamos o que é “ser” nós nos mantemos numa compreensão do “é”, sem que possamos *fixar* conceitualmente o que significa esse “é”. Nós nem sequer conhecemos o horizonte em que poderíamos apreender e fixar-lhe o sentido. *Essa compreensão do ser vaga e mediana é um fato.*

---

<sup>784</sup> HEIDEGGER, Martin. **O que é uma coisa?** Lisboa; Rio de Janeiro: Edições 70, 1992. p. 41-42.

<sup>785</sup> *Ibidem*, p. 43.

[...] A interpretação dessa compreensão mediana do ser só pode conquistar um fio condutor com a elaboração do conceito de ser. É a partir da claridade do conceito e dos modos de compreensão explícita nela inerentes que se deverá decidir o que significa essa compreensão do ser obscura e ainda não esclarecida e quais espécies de obscurantismo ou impedimento são possíveis e necessários para um esclarecimento explícito do sentido do ser<sup>786</sup>.

Se o filósofo alerta sobre a universalidade do conceito de ser, também adverte que [...] “isso não pode significar que o conceito de ser seja o mais claro e que não necessite de qualquer discussão ulterior. Ao contrário, o conceito de ‘ser’ é o mais obscuro<sup>787</sup>”. Transpondo para o conceito de Museologia, então, considerando-se a crescente expansão universalizante de seu conceito, vimos o quão estaria imerso em obscuridade. Desde a década de 1980 se dá o debate sobre a natureza, estatuto e objeto, e consequente conceituação, da Museologia, ao mesmo tempo em Tomislav Sola propõe a alternativa pela Patrimoniologia.

Apontamos no excerto atrás transcrito o recurso à fixação do sentido como mecanismo a que recorreremos independente da precisão do “horizonte em que poderíamos apreender [...] o sentido”. Destacamos a reflexão sobre a importância basilar do conceito, que nos reforça a própria importância da linha de pesquisa do programa de doutorado em Museologia e Patrimônio, PPG/PMUS, de Termos e Conceitos da Museologia, como pertinente e adequada para levantamento de questões das quais e pelas quais os termos fixam os conceitos. Prossequindo, a implicação entre a “claridade do conceito” e os modos de compreensão nele inscritos, da especulação do conceito como meio e subsídio para a justeza da compreensão derivativa. Afirma Heidegger, na outra parte citada, a obscuridade da compreensão do ser “ainda não esclarecida”, não posta em, ou na claridade. E, nesse sentido, pretendemos com esta tese contribuir, oferecendo reflexão a acrescentar elementos aclaradores sobre a essência da Museologia / Patrimoniologia, ainda que nos iniciais limites da simples especulação, pela “falta de uma resposta determinada e mesmo pela ausência de uma colocação adequada da questão”<sup>788</sup>.

A Museologia / Patrimoniologia e sua essência, essente, se manifestam em **entes**, para cuja definição Heidegger apresenta:

Chamamos de “ente” muitas coisas e em sentidos diversos. Ente é tudo de que falamos, tudo que entendemos, com que nos comportamos dessa ou daquela maneira, ente é também o que e como nós mesmos somos. Ser está naquilo que é e como é, na realidade, no ser

---

<sup>786</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. parte1, p. 31. Itálicos do autor, grifos nossos.

<sup>787</sup> Ibidem, p. 29

<sup>788</sup> Ibidem, p. 35.

simplesmente dado (*Vorhandenheit*), no teor e recurso, no valor e validade, na *pre-sença*, no “há”<sup>789</sup>.

Elaborar a questão do ser significa, portanto, tornar transparente um ente - o que questiona – em seu ser. Como modo de *ser* de um ente, o questionamento dessa questão se acha essencialmente determinado pelo que nela se questiona – pelo ser. Esse ente que cada um de nós somos e que, entre outras, possui em seu ser a possibilidade de questionar, nós o designamos com o termo *pre-sença*<sup>790</sup>.

O ser é sempre o ser de um ente. O todo dos entes pode tornar-se, em suas diversas regiões, campo para se liberar e definir determinados setores de objetos. Estes, por sua vez, como por exemplo história, natureza, espaço, vida, pesença, linguagem, podem transformar-se em temas e objetos de investigação científica. A pesquisa científica realiza, de maneira ingênua e a grosso modo, um levantamento e uma primeira fixação dos setores dos objetos<sup>791</sup>.

Temos por aqui um fluxo de como em sendo, na inquirição filosófica, os entes de ser podem suscitar o questionamento orientando para a produção de re(s)postas e organizar áreas de conhecimento, a partir de objetos epistemicamente identificados em que ocorrem as fixações dos setores dos objetos. Ao conceituarmos, ao atribuímos um logos terminológico consagramos o procedimento que, do reconhecimento para a intelecção de um ente, ao questionarmos sobre o seu ser, tanto o orientamos para campos epistêmicos quanto fixamos os seus conceitos, seus termos e, mesmo, suas áreas de posição epistemológica, de nossa parte valendo ressaltar o caráter fixional e a importância do reconhecimento da importância de se estudar os modos de como tais fixações se deram, seja no campo do senso comum, seja no da ciência, seja no da filosofia, seja no da religião. Diz-nos Heidegger:

As ciências são modos de ser da *pré-sença* nos quais ela também se comporta com entes que ela mesma não precisa ser. Pertence essencialmente à *pré-sença* ser em um mundo. Assim, a compreensão do ser, própria da *pré-sença*, inclui, de maneira, igualmente originária, a compreensão de “mundo” e a compreensão do ser dos entes que se tornam acessíveis dentro do mundo<sup>792</sup>.

O modo dessa existência dos seres no mundo, implicada a re-lação entre o ser e o mundo, quer dizer das possibilidades, acidentes, aspectos que assumem as existências no real. Supõe, como tal, que na unicidade de ser, a ocorrência / manifestação / apreensão são plurais, modais e de nós espera a observação relacional daquilo que é, em sua manifestação, com o mundo, a realidade em que se a-presenta. Esse caráter múltiplo da *pré-sença* na teoria heideggeriana constitui os primados: 1º ôntico, 2º

<sup>789</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. parte1, p. 32.

<sup>790</sup> Ibidem, p. 33. Ver N1 do original. Grifos nossos.

<sup>791</sup> Ibidem, p. 35. Grifos nossos.

<sup>792</sup> Ibidem, p. 39 e 40. Ver N2 do original. Grifo nosso.

ontológico e 3º da condição ôntico-ontológica da possibilidade de todas as ontologias<sup>793</sup>. [...] “a pre-sença tem a tendência de compreender seu próprio ser a partir *daquele* ente com quem ela se relaciona e se comporta de modo essencial, primeira e continuamente, a saber, a partir do ‘mundo’”<sup>794</sup>.

Se enfatizamos o papel exercido pela fixação, como componente do objeto epistêmico da Museologia/Patrimoniologia, Heidegger repara que [...] “não é necessário fixar o ente a ser primeiro interrogado”<sup>795</sup>. A fixação, portanto, não é imprescindível quando se começa a questionar, em nossa interpretação, ao termos começado a questionar, iniciamos o processo de fixação, por um lado pela recorrência com que formulamos argumentos e mais outros novos argumentos, para confirmação, certificação e verificação de nossas hipóteses sobre o que questionamos, seja, para na síntese, podermos apresentar, em linguagem comum ou de especialidade, a ao menos outra pessoa que, desde então, compartilha, legítima e patrimonializa o fixado, dando-se, afinal o ponto inicial em que se fixou algo, no entre consigo mesmo e no entre com o mundo.

Ao dispor que o ente se mostra, “se faz ver assim como...”<sup>796</sup>, nos faz lembrar do conceito de *what it is like*, da Filosofia da Mente. *What they are like* implica as propriedades das experiências ou do conjunto de pessoas que pode/podem ser

---

<sup>793</sup> “O filósofo alemão Heidegger propõe distinguir duas palavras: **ôntico** e **ontológico**. Ôntico se refere à estrutura e à essência própria de um ente, aquilo que ele é em si mesmo, sua identidade, sua diferença em face de outros entes, suas relações com outros entes. Ontológico se refere ao estudo filosófico dos entes, à investigação dos conceitos que nos permitam conhecer e determinar pelo pensamento em que consistem as modalidades ônticas, quais os métodos adequados para o estudo de cada uma delas, quais as categorias que se aplicam a cada uma delas. Em resumo: ôntico diz respeito aos entes em sua existência própria; ontológico diz respeito aos entes tomados como objetos de conhecimento. Como existem diferentes esferas ou regiões ônticas, existirão ontologias regionais que se ocupam com cada uma delas. Em nossa experiência cotidiana, distinguimos espontaneamente cinco grandes estruturas ônticas: **1.** os entes materiais naturais que chamamos de **coisas reais** (frutas, árvores, pedras, rios, estrelas, areia, o Sol, a Lua, metais, etc.); **2.** os entes materiais artificiais a que também chamamos de **coisas reais** (nossa casa, mesas, cadeiras, automóveis, telefone, computador, lâmpadas, chuveiro, roupas, calçados, pratos, talheres, etc.); **3.** os entes ideais, isto é, aqueles que não são coisas materiais, mas idéias gerais, concebidas pelo pensamento lógico, matemático, científico, filosófico e aos quais damos o nome de idealidades (igualdade, diferença, número, raiz quadrada, círculo, conjunto, classe, função, variável, frequência, animal, vegetal, mineral, físico, psíquico, matéria, energia, etc.); **4.** os entes que podem ser valorizados positiva ou negativamente e aos quais damos o nome de **valores** (beleza, feiúra, vício, virtude, raro, comum, bom, mau, justo, injusto, difícil, fácil, possível, impossível, verdadeiro, falso, desejável, indesejável, etc.); **5.** os entes que pertencem a uma realidade diferente daquela a que pertencem as coisas, as idealidades e os valores e aos quais damos o nome de **metafísicos** (a divindade ou o absoluto; a identidade e a alteridade; o mundo como unidade, a relação e diferenciação de todos os entes ou de todas as estruturas ônticas, etc.)”. CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000. Disponível em: <HTTP://br.geocities.com/ncrost02/convite\_a\_filosofia\_30.htm>. Acesso em: 20 fev. 2008.

<sup>794</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. Parte 1.p. 43.

<sup>795</sup> Ibidem, p. 42. Grifo nosso.

<sup>796</sup> Ibidem, p. 58.

capaz/capazes de classificar experiências de acordo com o que eles são como..., caracterizando as *qualia*, qualidades subjectivas das experiências mentais conscientes.

Em Ser e tempo, Heidegger dedica espaço ao tempo, considerando desde a distinção “ingênua” das diversas regiões dos entes: “ente temporal” = processos naturais e os acontecimentos da história; ente “não temporal” = as relações numéricas e espaciais)<sup>797</sup>. Em determinado ponto de seu pensamento, nos oferece o sentido da análise existencial, das anterioridades, através da observação, através do fixado<sup>798</sup>. E afirma: “O ser da pré-sença tem o seu sentido na temporalidade”<sup>799</sup>. A historicidade [que projetaríamos na musealidade / patrimonialidade]

indica a constituição ontológica do acontecer próprio da pré-sença como tal. [...] Em seu ser, de fato, a pré-sença é sempre como e “o que” ela já foi. [...] a pré-sença é sempre o seu passado [...] a pré-sença sempre já nasceu e cresceu dentro de uma interpretação de si mesma, herdada da tradição. De certo modo e em certa medida, a pré-sença se compreende a si mesma de imediato a partir da tradição. [...] Seu próprio passado [...] precede a pré-sença, antecipando-lhe os passos [...] A pré-sença pode descobrir a tradição, conserva-la e investiga-la explicitamente. Pode até considerar uma tarefa autônoma descobrir a tradição e explicitar o que a tradição “lega” e como ela o faz<sup>800</sup>.

A tradição<sup>801</sup> de que fala esconde e encobre... o que entrega à responsabilidade da evidência<sup>802</sup>. Uma retenção do teor de **Ser e tempo** ainda se requer, sobre a consideração a respeito de relação.

---

<sup>797</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. parte1, p. 45.

<sup>798</sup> Ibidem, p. 47.

<sup>799</sup> Ibidem, loc.cit. Grifos nossos.

<sup>800</sup> Ibidem, p. 48.

<sup>801</sup> Heidegger submete a Ontologia à tradição. [...] a) “destruição [da Ontologia] não se refere ao passado; a sua crítica volta-se para o ‘hoje’ e os modos vigentes de se tratar a história da ontologia, quer esses modos tenham sido impostos pela doxografia, quer pela história da cultura ou pela história dos problemas. Ibidem, p.51. A positividade [da questão do ser?] reside no fato de ser suficientemente *antiga* para poder apreender e compreender as possibilidades proporcionadas pelos ‘antigos’. [...] a resposta à questão do se r[...] só se dará, de modo suficiente, quando se encontrar uma explicação e um esclarecimento acerca do modo específico da ontologia tradicional legada pelo passado, de seus encaminhamentos, de suas questões, de suas respostas e fracassos, como algo necessariamente ligado ao modo de ser da pré-sença”. Ibidem, p. 47. “O ente é entendido em seu ser como ‘vigência’, isto é, a partir de determinando modo do tempo, do ‘presente’. [...] A presença, isto é, o ser do homem, caracteriza-se como [em grego, *zôon logon echon* – vivente dotado de palavra, Aristóteles], o ser vivo cujo modo de ser é, essencialmente, determinado pela possibilidade da linguagem. O *legein* [em grego: falar, dizer] fornece a orientação para que se obtenham as estruturas ontológicas dos entes que nos vêm ao encontro nas falas, interpelações e discussões”. Ibidem, p. 54. “O próprio *legein* ou o *noein* [em grego: perceber, observar, pensar [...] possui a estrutura temporária da pura ‘interpretação’ de uma coisa. O ente que se manifesta nessa apresentação e que é entendido como o ente próprio é, portanto, interpretado com referência ao pre-sente, ou seja, concebido como vigência (*ousia*) [em grego: ser]. Ibidem, p. 55.

<sup>802</sup> Ibidem, p. 49-50. Muito mais nos proporciona a escritura de Heidegger, abordando temas para nós relevantes, entre os quais destacamos: a fenomenologia, seu conceito e o método fenomenológico ([...] “não “a quidade real dos objetos da investigação filosófica, mas o seu modo, como eles o são”. Dá ao fenômeno o conceito de “o que se mostra, o que se revela, *trazer para a luz*”, ( p.56 a 58 e prossegue conceituando na p. 65). Sobre o evidente, evidência (p.58), o referente, referência (p. 61), o conceito de *logos* e sua polissêmia (p. 62-64). Grifos nossos.

Na própria pre-sença e para ela, esta constituição ontológica é, desde sempre e de alguma maneira, conhecida. No entanto, para ser também re-conhecida, o *reconhecimento* explícito nessa tarefa toma a *si mesmo*, enquanto reconhecimento do mundo, como relação exemplar entre “alma” e mundo. Por isso, reconhecer o mundo (*noein*) e interpelar e discutir o “mundo” (*logos*) funcionam como modo primário do ser-no-mundo, embora este último não seja concebido como tal. Porque, no entanto, esta estrutura de ser permanece ontologicamente inacessível, ela é experimentada onticamente como “relação” de um ente (mundo) com outro ente (alma)<sup>803</sup>.

Temos de renunciar por ora à tarefa de recuperar o vasto conteúdo de Heidegger e retomamos Stránský. Partindo do objeto museológico stranskyano, os diversos modos epistêmicos de relação entre homem e realidade, que teriam suas representações fixadas, tornadas persistentes, podemos identificar: o ontológico (da essência do ser, da realidade, da vida e do mundo - o existente). Em fundamento, **ser não é** modo, mas a essência que, em presença, permite se darem os modos; o fenomenológico (o evidente); o consciente, em se percebendo o mundo ter-se uma percepção ciente dele; o gnoseológico (o cognoscente - sujeito + objeto do conhecimento = *co + gnoscere*, pelo que se “obter conhecimento, chegar a saber”<sup>804</sup>); o patrimoniológico / museológico (o persistente, transmitente, o continuado presente).

Nossa cultura dita ocidental observa a matriz grega, para a filosofia e ciência, e a judaico-cristã em termos históricos e os, assim ditos, preceitos éticos. Pela tradição bíblica aprendemos que, no jardim das delícias, o paraíso terreal em que o homem vivia, usufruente de tudo quanto deus criara, além dele mesmo, homem. A interdição de consumo era ao fruto da árvore da sabedoria ou do conhecimento. Homem e mulher, o ser humano é seduzido pela vontade de comer também aquele pomo e resulta a consciência sobre se estar nu! A gênese de um olhar sobre o mundo, sobre si mesmo, mas um olhar comprometido com o sentido do olhar para o que se olha. O corpo que corporificava assume aspecto de algo a se ter pudor, de ser passivo de juízo, de reflexão. De repente, o espanto com a nudez percebida! O conhecimento, nessa época edênica é com a consciência do estado, de ser e de se estar nu, conhecer ou conceber o conceito de nudez do ente, nudez física, nudez intelectual (o pecado de conhecer o conhecimento privativo de Deus? Conhecer e compartilhar com os humanos o fogo de Zeus? Comer o fruto da árvore do conhecimento?), no movimento contrário ao do Diógenes, grego. Consciência é, conforme estabelece Blackburn, “Possivelmente a fonte de problemas mais penetrante e provocante de toda a filosofia”<sup>805</sup>. Difícil de definir,

---

<sup>803</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. Parte 1. p. 97. Grifos nossos.

<sup>804</sup> CONHECIMENTO. **Origem da palavra**. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/palavras/conhecimento/>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

<sup>805</sup> BLACKBURN, Simon. Dicionário Oxford de filosofia. Rio de Janeiro: zahar, 1997. P. 72.

a circunscrição em que o **eu** se concebe, ocupa grande espaço na filosofia da mente, a que recorremos e procuramos nos apoiar neste capítulo. A inquietação sobre a inteligência da nossa essência de conhecimento nos cerca desponha em diversas linguagens. Rômulo e Remo, gêmeos heróis da tradição mitológico-literária, são criados por lobos e posteriormente fundadores de Roma. Outros animais mamíferos nos podem nutrir quando infantes e, crescidos, restituídos ao ambiente humano, logo podem aprender e apreender, dada a capacidade intuitiva, inata, de conhecer, de ter consciência. Mogli, personagem de Rudyard Kipling (inicialmente no conto **In the Rukh** (na coletânea **Many Inventions**, 1893), posteriormente em **O livro da selva** e **O segundo livro da selva** (1894–1895), esse, também, menino lobo detinha grande conhecimento em outro sistema, a partir da percepção dos lobos com que fora criado<sup>806</sup>. Tarzan, personagem de Edgar Rice Burroughs, publicado em revista em 1912 e em livro em 1914. John Clayton III, Lorde Greystoke era filho de aristocratas ingleses que desembarcam em uma selva africana após um motim, com a morte de seus pais, Tarzan é criado por macacos, que lhe deram o nome de "Pele Branca". É adaptação moderna da tradição mitológico-literária de heróis criados por animais, incluindo a de Rômulo e Remo. "Por ter sobrevivido na selva desde sua infância, Tarzan mostra habilidades físicas superiores às de atletas do 'mundo civilizado', além de poder se comunicar com os animais"<sup>807</sup>.

Nessas considerações literárias, os seres humanos, ao **serem** criados fora da cultura humana desenvolvem a consciência / conhecimento, mas naturalmente não de natureza humana, sendo que a vida em sociedade nos seria intuitiva. No caso dos autistas, teriam eles consciência e conhecimento, e, tendo, teriam em nível relativo? Esquizofrênicos teriam dois ou mais sistemas de consciência e de conhecimento? E nas peripécias propostas na história de Nell<sup>808</sup>, a questão de quem somos em essência na produção e expressão de cultura, no estabelecimento e contribuição persistente ao contínuo cultural, nosso, e na compreensão da cultura do outro? Embora não possamos responder, pelo menos não categoricamente, a essas questões, o questionamento em si aponta para o questionar, para o espanto com a consciência e o conhecimento. Consciência e conhecimento bem podem ser sinônimos, por princípio, *com + scientia – co[m]+gnoscere*, pela matriz latina ou em matriz grega. E tudo isso é o pensado pelo pensamento, pela atividade mental, e tudo isso manifesto em palavras, articuladas em

---

<sup>806</sup> MOWGLI. **Wikipedia**. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Mowgli>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

<sup>807</sup> TARZAN. **Wikipedia**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Tarzan>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

<sup>808</sup> HANDLEY, Mark. **Idioglossia**. EUA: 1992. [Texto teatral]. HANDLEY, Mark e NICHOLSON, William. Nell. EUA: 1994. [Adaptação para cinema].

linguagem, o *logos* intelectual, do arrazoado, pelo *logos* expressivo, falado<sup>809</sup> (significado e significante? Representâmen e signo?) O que nos falta em conhecimento do grego, excede em estimulações de significado ou de proximidade gráfica, como se palavras, escritas de modo semelhante integrassem, se não o mesmo campo lexical, o mesmo campo semântico.

E segue nosso exercício de sistematização e de contribuição ao objeto filosófico da museologia / patrimoniologia, retomando os modos apresentados em capítulos anteriores, lançados e ordenados em uma tabela que, partindo da essência, arrola os caracteres relacionais com o mundo.

Quadro 01. Objeto – Modo – Referencial – Teoria(s)

	O ser, o real	ESSENTE	-	Ontologia	<b>É, não sendo modal</b>
	<b>Objeto</b>	<b>Modo</b>	<b>Referencial</b>	<b>Teoria(s), ramos</b>	<b>Notas</b>
1	O fenomenal	EVIDENTE	Heidegger	Gnoseologia, fenomenologia	
2	A consciência	CONSCIENTE	Diversos	noético ou filosofia da mente	Consciência na relação sujeito-objeto, o cognoscente;  o consciente sobre o apreensível e o persistente
3	A representação	EQUIVALENTE	Schopenhauer	O mundo como vontade e representação	Das pinturas rupestres à digitalização; o ambiente do <i>logos</i>
4	A musealidade / patrimonialidade	PERSISTENTE	Museologia/Patrimoniologia – Filosofia	Em construção, mas a partir de Stránský	[exemplos: Sócrates, representado por e em Platão; mito da caverna]

<sup>809</sup> BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. P. 293 (verbete pensamento dos animais).



A construção terminológica dos modos considerou o aspecto radical de entificação, dado pelo sufixo **ente**, comum a todos os termos empregados. E, como esses, concitam-se outros, de igual sufixação, que poderiam vir a ser considerados para incorporação, como “consistente”, no sentido do modo da materialidade, abordado em Heidegger, ou a instrumentalidade, de que ele também trata. Citamos ainda a possibilidade do modo mais recente, o da neo-ontológico, da concomitância do agente com o meta-objeto, o tempo do "ao vivo", do "tempo real" na ciência da computação, as questões da virtualidade, do ente em virtualidade, considerado na possibilidade do ente em actualidade, de nossa contemporaneidade, em ato e potência digital, via Bergson e Pierre Lévy.

Platão, Schopenhauer e Heidegger, como se enuncia, são os pensadores cuja contribuição foi mais solicitada, com ênfase ainda sobre os dois últimos, notadamente em suas respectivas obras **O mundo como vontade e representação** e **Ser e tempo**.

Porém, nosso foco neste capítulo se fecha sobre esses conceitos e o campo disciplinar da Museologia / Patrimoniologia. Em particular, ou no centro, estão os conceitos de permanência / persistência<sup>810</sup>.

Uma coisa persiste se e somente se existe ao longo do tempo assumindo partes temporais diferentes, ou estágios, em tempos diferentes, ainda que nenhuma dessas partes esteja completamente presente em mais do que um tempo. Inversamente, uma coisa permanece se, e somente se, existe ao longo do tempo, estando completamente presente em mais do que um momento temporal. A persistência corresponde ao modo como uma peça dura no tempo: o 1º ato não está presente quando do 2º ato. A questão consiste então

---

<sup>810</sup> “Terminologia [*endurance / perdurance*] introduzida por Mark Johnston [**Is There a Problem about Persistence?** Aristotelian Society, sup. v. 61: 107-135. 1987], filósofo australiano do século XX, para esclarecer um antigo contraste e descrita por David Lewis em [On] **The Plurality of Worlds** (1986). [...] O problema é antigo, pois muitos filósofos sentiram-se tentados a conceber a duração dos corpos, especialmente em movimento, como uma sucessão de novas entidades ou como recriações em diferentes lugares.” BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 295. Grifos nossos. Ver também: HAWLEY, Katherine. **David Lewis on Persistence**. University of St Andrews, Saint Andrews, Escócia. Disponível em: <<http://www.st-andrews.ac.uk/~kjh5/OnlinePapers/LewisOnPersistence.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2013. DYKE, Heather; BARDON, Adrian, ed. **A Companion to the Philosophy of Time**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2013. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=H1AiUQ4EKJYC&pg=PT446&lpg=PT446&dq=johnston+endurance+perdurance&source=bl&ots=7mnBxr3QoE&sig=KISR7aEXq8h7UmdRNZB5sDtU05o&hl=pt-BR&sa=X&ei=0vrFUpnGHtXesAT5y4C4DA&ved=0CEQQ6AEwAg#v=onepage&q=johnston%20endurance%20perdurance&f=false>>. Acesso em: 14 nov. 2013. Ver ainda: BENOVSKY, Jiri. *Endurance, Perdurance and Metaontology*. Department of Philosophy. University of Fribourg, Switzerland. SATS, vol. 12, pp. 159–177. 2011. Disponível em: <[http://www.jiribenovsky.org/papers\\_download/endurance\\_perdurance\\_metaontology\\_jiri\\_benovsky.pdf](http://www.jiribenovsky.org/papers_download/endurance_perdurance_metaontology_jiri_benovsky.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2013. Grifos nossos.

em saber se será melhor conceber os objetos comuns como persistentes ou permanentes.

A título ilustrativo, Salvador Dali nos propiciou um discurso visual sobre a percepção do tempo na obra **A persistência da memória**, uma pintura a óleo sobre tela, datada de 1931, pertencente ao Museu de Arte Moderna de Nova Iorque.

Persistência e consciência necessitam, para a percepção patrimoniológica / museológica, da manifestação, da evidência. Tal expressão desses dois conceitos se dá através da *ek-these*, da *ex* – posição, da colocação para fora, colocação à frente. Donde ser decorrente abordar a *ek-these* para a completude do arco, do existente ao evidente, ao re-presentado e ao persistente apresentado e / ou re-presentado.

Mas haveria outro filão a ser arguido, por amor ao *logos*, por afeição ao *onoma*, por espanto conceitual: se há *ex*-posição, há, também *in*-posição. Seria talvez, então, a abertura subjetiva, da posição *pro*-posta, externa, de fora, para o si mesmo, o conhecer conforme si mesmo, *in*-pondo-se aquilo que se apresenta. E, com isso, *ter*-se-ia a autofecundação, a *com*-cepção de algo, coisa ou fato que, de origem remota ou externa, nos vem pelo *patrimonium*, é legitimado pelo *matrimonium*, se assume como *genomomium*, de um tempo – espaço articulado, *com*-temporâneo, *pré*-sente, para, afinal ser efetivamente *in*-corporado. Certamente, é inversamente concebível que das experiências subjetivas surjam *ek*-theses que, por sua vez, a despeito da origem e vetor, cumprirão o percurso geral, no tempo, no espaço e na apresentação e re-presentation.

Compreender no ser a fixação das representações, tal seria o objeto da Museologia / Patrimoniologia. Para clareamento do pensamento e sua organização, voltamos ao apresentado no capítulo ALGUMAS ESPECULAÇÕES SOBRE O VALOR. Lá apropriamos da representação gráfica de Marcio GONÇALVES<sup>811</sup>, projetando-a para o campo no qual empreendemos a nossa especulação: o da Museologia / Patrimoniologia. Identificamos a coordenada ordenada como a linha do tempo, que transcorre, e sua representação pelo patrimônio. Na abscissa, situamos o espaço, que se define ampliando e retraindo, na sua representação do matrimônio, do ente fecundado, a territorialização, a *mater* - ia. Os dois termos, patrimônio e matrimônio, se relacionam nos conjuntos –funções, à luz do fenômeno, da percepção, da consciência e do valor que, em suma, matematicamente representam cada ponto de interseção entre um dado,

---

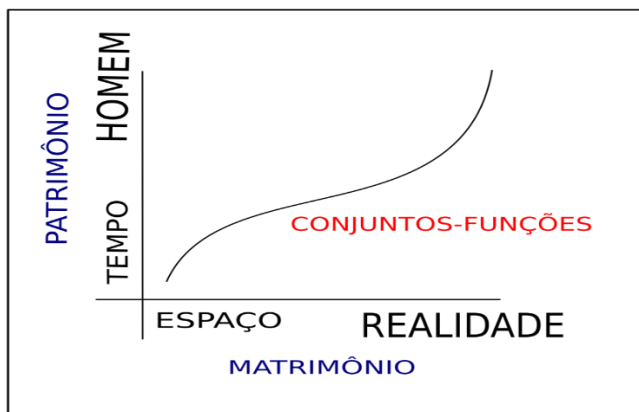
<sup>811</sup> GONÇALVES, Marcio. **Processo de comunicação da informação nas empresas da incubadora tecnológica do Instituto Gênesis (PUC-RJ)**. 2006. (Dissertação de Mestrado) – PPGCI, Universidade Federal Fluminense – IBICT, [Niterói?], 2006. Disponível em: <[http://www.isafreire.pro.br/dissertacao\\_marcio\\_goncalves.pdf](http://www.isafreire.pro.br/dissertacao_marcio_goncalves.pdf)>. Acesso em: 27 dez. 2011. p. 57-61.

aqui, no tempo com outro, também em nossa configuração, do espaço. Ou seja: na relação do espaço – tempo, para cada par relacional percebido, consciente, resulta um valor, um entre infinitas possibilidades de valoração. Vejamos essa representação do A) homem relacional para, em uma segunda configuração, destacar o B) homem museal / patrimonial!

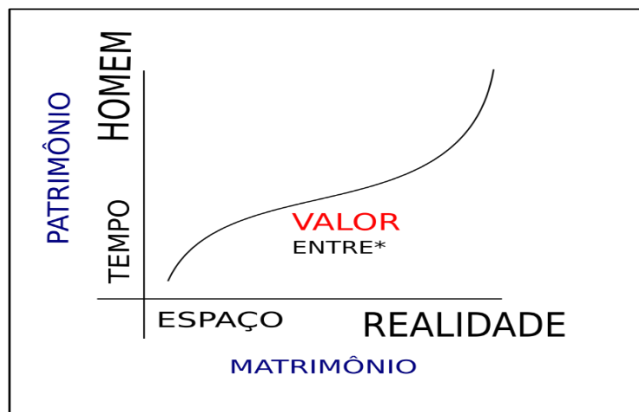
Diagrama 02 A) Homem relacional

B) Homem patrimonial

### A) Homem relacional



### B) Homem / Patrimonial



Salientamos que no segundo quadro, o termo valor assume a curva dos pontos de interseção das coordenadas, das funções, das relações, dos **entres**, os “pontos” de interseção e de consideração da relação.

Se as relações são os encontros nos pares de pontos coordenados, na ordenada e abscissa, o objeto seria o valor, os Conjuntos desses pares e as Funções que tomariam

valores para equações. Se isso for admissível, então, o valor conforme a definição do objeto da Museologia em Stránský mereceria ser reconsiderado e eventualmente substituído. Em termos hipotéticos, tal reconsideração poderia ser mais extensiva, posto que os eixos Homem e Realidade são bastante amplos e podem ser objeto de diversas disciplinas. Em acréscimo, tem-se que o campo lida com determinadas escolhas e com persistências em boa parte consagradas em instituições congêneres a Museus, donde as Relações entre Homem e Realidade não seriam de quaisquer tipos, mas por um viés ou abordagem específicos, pelo que reapresentamos nosso enunciado para a definição do objeto da Museologia / Patrimoniologia: o estudo da fixação da re-presentação do Mundo. O campo museístico e patrimonialístico lida com determinadas escolhas e com persistências, em boa parte consagradas em instituições congêneres a museus, donde as relações entre homem e realidade proclamadas por Stránský não seriam de quaisquer tipos, mas por um recorte ou abordagem específicos, pelo que se requer a revisão do objeto disciplinar, a que concorremos : o estudo da fixação da representação da realidade - mundo: o Homem percebendo o real o representa sob diversos modos, do simbólico ao utilitário, do conceitual ao pragmático, e fixa tais representações, desde ritos, palavras, artefatos, passando por publicações e outros meios de registro. Muitos desses, filtrados ou escolhidos, ou separados, são reunidos em Arquivos, Bibliotecas e Museus e, mais contemporaneamente, em espaços cibernéticos. Por essa via, entende-se quando Bernard DELOCHE afirma que a Museologia é um ramo da Filosofia que funda uma ciência documentária. Ainda em sentido exploratório da questão, o que se torna fixo no representado se define em termos gerais como memorial, patrimonial, museal, e vem a ser incorporado a um conjunto relacional que, por sua vez, se consideraria sob certas análises como documento. O documento, por seu turno, ao ser processado informacionalmente, preservacionalmente e comunicacionalmente seria tomado nessa dimensão documental a ser tratado documentariamente, enquanto desdobramento científico a partir da formulação filosófica, repetimos, na acepção delocheana.

Na observação do ser humano, poderíamos acrescentar a seus estados de homo faber, de homo sapiens, ao de homo museal / patrimonial, quando passa a se ocupar de fixar as representações do mundo...

Esse homem museal / patrimonial pode ser considerado em aspectos nos conjuntos de relação do

- **Zero** espaço, em que se consideram mais o patrimônio em sua diacronia, independente de uma diatopia.

- **Zero** tempo, em que o matrimônio, em sua sintopia, coespacialidade, se exerce em um mesmo e dado tempo, sincronia.

Seriam posições iniciais, perto do absoluto, do zero.

A partir deles, as combinações vão se pluralizando, compreendendo:

- Fenômenos sincrônicos e sintópicos ou de sincronia-sintopia fenomênica;
- Fenômenos diacrônicos e diatópicos ou de diacronia-diatopia fenomênica;
- Anacrônico - atópico - discrônico - distópico (se possível admitir!).
- A heterotopia (foucaultiana) e a heterocronia (caso mesmo da representação, da presença e reapresentação: um tempo em outro tempo).

Mas, como vimos já desde o segundo capítulo, o tempo a que identificamos o patrimônio, é um tempo intergeracional, o de algo produzido (produto) por alguém e legado a outrem, especialmente de outra geração. O espaço, identificando ao matrimônio, teria o espaço intrageracional, o da concepção, o da produção.

E sendo o fenômeno de natureza perceptiva e consciente, identifica e atribui valor (ao que e como conhecer, ao que e como armazenar, ao que e como circular, ao que e como fazer permanecer... Tal estabelecimento de valor decorre do estar ciente, con[s]ciente. Tais características, reconhecemos, então, no homem museal / patrimonial que desenvolveu a orientação para fixar conscientemente essa consciência fenomenal, à qual atribuiu valor. Zumbis e outros animais, ainda que conscientes, não têm ou não desenvolveram (pelo menos ainda não sabido) a capacidade de musealizar / patrimonializar a sua relação com o mundo, não criaram sistema de registro de seus pensamentos (se os têm), assim como em nossa fase em que ainda não conhecíamos as palavras, por exemplo... E o ente museal / patrimonial fixa a consciência do registro, escrevendo sobre, documentando, comunicando no espaço para o tempo, o valor fenomenal que conscientemente percebe.

Os modos epistêmicos poderiam ser correlacionados aos modos mesmos que na museística se têm tratado os objetos: o objeto pelo objeto (essente); o objeto como fonte para a ciência (cognoscente); o objeto como "projeção" de quem o detem (pertinente); o objeto na relação com o sujeito (gnoseológico); a consciência museal /

patrimonial (muselizável ou musealizante; patrimonializável ou patrimonializante do objeto – por sua vez, podendo ser valorado especificamente como museificável); o objeto processo; o objeto digital (neo-ontológico)... Vale mencionar os objetos já atribuídos à Museologia do estudo da coisa pela coisa, que lida com coleções, que privilegia a interpretação, que se torna auxiliar de outras disciplinas (etnografia, antropologia, história, estética...), a museologia da virtualidade... E, com isso tudo, vir a discutir, a autonomia do pensamento patrimoniológico/museológico dos objetos, no sentido corrente de coisa material ou de expressões imateriais, para argui-lo no seio dos objetos de pensamento, quer dizer, filosóficos...

Podemos imaginar o estabelecimento do contrato<sup>812</sup> museal / patrimonial, do tornar persistente o presente e a representação do mundo tal como a procedemos, da persistência do presente - passado e a sua representação para o sentido da permanência. Trazemos o pronunciado por Júlio César em relato sobre uma vitória ao Senado de Roma, em 47 a. C.: *Veni, vidi, vici!* “Vim, vi e venci” assinalam, no todo, o registro que possibilitou chegar até nós chegar, hoje, a presentificação pela representação. Vir atesta o deslocamento; ver, a evidência do fenômeno; e vencer, implicando a permanência, a continuidade da vida, de César! Mas, no todo, ex-põe-se a vitória sobre a morte, ainda não sobrevivida, a necessidade de memorialização da própria vida, enquanto vivente. Heidegger assinala a íntima conexão que liga fenômeno e *logos*, “deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo”<sup>813</sup>.

Considerar a Museologia / Patrimoniologia pela sua abordagem como metadisciplina, examiná-la como teoria de um fator constituinte e constitutivo do homem e de sua consciência como tal, em sua finitude e idealidade, sintetiza a relação (não absoluto) extrema e radical da nossa relação com o mundo. E empreender o embate do *logos* com o caos. Expressamo-nos, em registro escrito, por signos linguísticos (latinos, gregos, cirílicos, árabes, chineses...) e o idioma português é Patrimônio, talvez o maior patrimônio do Brasil, partilhado por sua população, inteira, indiscriminadamente, cujo valor é museísticamente atestado no Museu da Língua Portuguesa, instrumento de nossa relação com o mundo brasileiro e lusófono, de nossa construção e representação imediata de nossa realidade.

---

<sup>812</sup> Lembremo-nos da *museologia contratual*, de Bernard Deloche. Ver nota 379.

<sup>813</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. Parte 1. p. 65.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que tivemos vontade e comemos do fruto da árvore do conhecimento, adquirimos consciência de nossa nudez e fomos expulsos do paraíso, e não demorou em advir a consciência da morte, talvez concebida pela morte do cônjuge remanescente ou a partir da morte de alguém na primeira geração adâmica. “A gênese de um olhar sobre o mundo, sobre si mesmo, mas um olhar comprometido com o sentido do olhar para o que se olha. O corpo que corporificava assume aspecto de algo a [...] ser passivo de juízo, de reflexão”, dissemos na parte que tratou da consciência. Enfrentamos o dilúvio e Noé nos permitiu estarmos aqui, na tradição judaico-cristã.

Neste ponto, já olhando para o passado mais mediato do que o da aparição na tela do computador das teclas-letras que representam os conceitos que nos vieram à mente e pelas que, agora(?), escrevemos esta finalização. Olhamos para o caminho percorrido, através do qual, desde a pergunta no bacharelado sobre o caráter do objeto, museístico, que nos fez cursar o pós-graduação em sistemas de significação da ECO-UFRJ, passando para o sentido do objeto disciplinar, científico, da Museologia, descolado do Museu, chegamos a esta superfície, em que levamos a efeito à inquirição de um objeto filosófico para a Museologia em sua aglutinação com a Patrimoniologia. Fizemos o itinerário segundo um móvel cognitivo interno, no entanto permeável a professores, colegas, amigos, ainda que o sentimento de solidão tenha sido intenso.

O que se obtém através do caminho percorrido? A cada passada, quanto mais se foi sucedendo o percurso na ativação do pensamento, cada excitação conceitual que palavras propiciaram permitiram se desdobrarem novas faixas de rolamento ou acostamentos à estrada. É como se as faixas e os acostamentos já estivessem lá, sem que fossem percebidos e, assim, supor que outras faixas e acostamentos, infinita e transcendentemente, estivessem lá, onde vaga o pensamento, sem todavia a quase jamais se realizar em algo pensado. Trata-se do exercício, da qualidade de se desenvolver algo, pela repetição de pensar, em que o universo do pensável cada vez mais se amplia e a convicção de que será inabarcável. Uma afirmação de existir e uma negação de se apreender pela não consciência daquele existir, e que no entanto é. Resta o pensamento, processo, e aquilo que foi pensado, que pode ser pensado. A consequência desta trajetória é a consciência da complexidade do objeto de reflexão, quer pelas nossas carências, a requerer, passo a passo, a decifração das palavras e, mais, de seus conceitos, quer pela ausência de mapa prévio, complexidade do objeto, em se tratando de algo que, em sua proximidade, tem sido apresentado intensamente

por uma determinada representação interpretativa, complexidade por não haver bússola ou GPS capaz de indicar rotas, especialmente se tratando de percurso mental em que se demanda a verdade, algo que faça sentido, que pareça conforme ao considerado.

A construção resultante, se producente, deve ser creditada a todos nós. Se insuficiente, apenas a nós [mim]. Temos que falar no plural “majestático”, sem entendermos por-quê o devemos fazer, dado o caráter subjetivo de qualquer trabalho de reflexão, mormente o de uma tese de doutoramento. Submetemo-nos, não sem protesto, à ditadura das normas, protocolos e formalismos. Falar do ser e se ter que se pulverizar numa coletividade irrestrita e não conceituada fragiliza e neutraliza o fundamento existencial daquele que, escrevendo, não se pode dar nome nem pronome próprio, individual. Regras do jogo que ainda não foram mudadas, apesar de, felizmente, como as missas católicas, não sermos mais obrigados a redigir teses em latim, admitindo-nos o uso do vernáculo.

Palavras! As teclamos nas sucessões de letras que buscavam completar os termos que expressassem nossos pensamentos, nossos conceitos. Foram muitas palavras e requereram a combustão de incontáveis neurônios. Quem nos lê, lê o nosso passado, embora diante, na pre-sença do texto escrito e ex-posto. Assim, um pouco de nós, do que pensamos, se dá, na permanência de tempos presentes, esperando que, para além do pensado, se nos tenha permitido re-velar um modo de pensamento. Nas notas explicativas da obra **Ser e tempo**, a de número 54 aborda o termo *das Geredete*, falatório: a partir do verbo alemão *reden* (falar, discursar, discorrer) se deriva o vocábulo [...] “para exprimir uma conotação específica de excesso, superficialidade e descompromisso com o que se fala. Esta conotação, porém, corresponde a uma tendência constitutiva do exercício concreto da existência. [...]”<sup>814</sup> No âmbito da escrita, impressa ou manual, gráfica ou audiovisual o correspondente ao falatório é o “escritório”<sup>815</sup>. E por esse “escritório” estamos aqui, nós e os leitores, atados pelo texto em que fixamos o que pensamos, o nosso “pensado”, agora passado, participando do exercício do conhecimento do mundo. E pergunta Heidegger: “Como um conhecimento pode ter um objeto?”<sup>816</sup>

Permitimo-nos hipotetizar um objeto para nosso mundo disciplinar e para esse caminho muitas foram as perguntas formuladas... E para obter ou produzir respostas às

---

<sup>814</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. parte 1. p. 323.

<sup>815</sup> Ibidem, p. 324.

<sup>816</sup> Ibidem, p. 99



perguntas dizemos: - só acha quem procura! “Todo questionamento é uma procura”<sup>817</sup>, nos diz Heidegger! Assim, buscamos respostas neste exercício de aproximação entre Patrimoniologia / Museologia e Filosofia, ficando a abertura, pelas nossas, às considerações seguintes das suas, leitor!

Mais uma vez repetimos que se tratamos do homem, devemos nos abster da exclusividade da consciência, tendo em vista que pouco conhecemos sobre outros animais, sendo que no caso específico dos cetáceos já se reconhece sua capacidade de auto-consciência, memória e transmissão cultural.

Sintetizando o decorrido, projetado na tecitura e textura do texto, cabe-nos re-passar o percurso viável (da via em que se pode enveredar...). Começamos evocando o imaginário da Arca de Noé e, junto a ela, o do “patriarca” que Stránský representa para nós [para mim e alguns outros, cremos que poucos]. Aos poucos, foram sendo introduzidas o âmbito, natureza e extensão de nossa proposta tética e de nossa abordagem, em que se dá a exposição de nossa hipótese sobre o objeto da Museologia / Patrimoniologia: o estudo da fixação da representação da relação do homem com a realidade – mundo. E que, tanto quanto possível para nossa capacidade e limitações, buscaríamos apoio no pensamento filosofante. Enquadrando-se na linha 01, Museu e Museologia, o trabalho e nosso pensamento desvinculam, já desde a nossa dissertação de Mestrado, para o mesmo PPG-PMUS, Museologia com relação a museu que, se e quando mencionado, o foi em transcrição ao pensamento vigente e preponderante ou para oferecer visualização ao leitor. A advertência de Stránský continua válida: o Museu não é o objeto disciplinar, mas é campo destacado na sua realização e possibilidade fenomênica de observação. Assim, o museal, aqui, não é adjetivo relativo a museu, significando, na superposição a patrimonial, um caráter da humanidade que se substancia sob diversos modos e meios, bem mais perceptíveis e universais que museus.

Nortearam-nos os objetivos de refletir sobre a Museologia / Patrimoniologia quanto ao seu fundamento disciplinar, tomando a Filosofia como referência epistêmica, visando contribuir para a teoria da Museologia / Patrimoniologia; observar o tratamento da disciplina Museologia / Patrimoniologia direta ou indiretamente relacionado à Filosofia, procedendo a uma tomada de consciência sobre a produção específica do campo museológico / patrimonial nessa vertente; propor, de modo o mais sistematicamente possível, a consideração da Museologia / Patrimoniologia, enquanto teoria, como ligada à Filosofia e contribuir para a reflexão no campo, seja pela revisão de bibliografia sobre as contribuições a respeito da relação da Museologia /

---

<sup>817</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. parte 1. p. 30

Patrimoniologia com a Filosofia ou ainda pela apresentação de espantos, perguntas e propostas de respostas que re-presentam um processo especulativo, um processo exploratório. Foi penoso e arriscado recorrermos a fontes em idiomas eslavos, especialmente o checo, e ao grego, nos quais nos reconhecemos ignorantes. Valeram-nos a antropóloga Katerina Kotiková e colegas que nos trouxeram à clareira as evidências tomadas para nossas argumentações. Parte do resultado do esforço, disponibilizamos nos anexos relativos às referências dos dois textos de Stránský a que mais recorreremos: *O Predmet muzeologie* (O objeto da museologia), de 1965, e do capítulo 5, *Metamuseologia, de Archeologie a muzeologie* (Arqueologia e Museologia), de 2005. Ambos, por si, significaram a porta da interpretação da construção do pensamento stranskyano, uma *arché* necessária em busca dos fundamentos.

Ao longo das laudas dadas à leitura e crítica esperamos ter justificado sua extensão e, em certos momentos, o detalhismo e detalhamento cansativos, como o relativo às etimologias. Tudo, cremos, justifica o trabalho, no anseio de produção de conhecimento, de revisão do conhecido e de seu compartilhamento para reflexão. Sobretudo, para nós, fica o mérito de uma nova perspectiva analítica, que tratou do assunto sem recorrer às funções museísticas, tidas por museológicas, da “preservação, pesquisa e comunicação”. De modo semelhante, insistir e perspectivar, como Deloche e Scheiner, a natureza filosófica da Museologia, a que exercemos a simbiose da Patrimoniologia. Destacaríamos o recurso a casos provenientes de diversos campos do conhecimento e da experiência e realização, especialmente as humanas, a par de seus espaços e tempos de ocorrência, recorrendo ao mítico, ao sagrado, ao científico, ao senso comum, da pintura rupestre à contemporaneidade digital – eletrônica, passando pela história em quadrinhos, pela cultura de massa e informação. O caráter que se pretendeu abrangente, inclusivo, tem seu principal esteio no *logos*, na palavra, na sua dupla articulação mental (razão, mente, noética) e expressiva (material, interativa, dialógica), palavra que, para nós, constitui um dos primeiros e mais efetivos e eficazes patrimônios dos seres que falam<sup>818</sup>: palavras que nos unem entre gerações e culturas, palavras que se actualizam, palavras em sua potente transparência, palavras atuantes em sua opacidade. Palavras que substanciaram Sócrates dialogando com e em Platão, palavras que são nominações e ordenadoras (*onoma* e *nomia*), palavras belas, de Orfeu e Museu, palavras infinitas, que nos levam para além da finitude pela nossa morte!

---

<sup>818</sup> LEÃO, Emmanuel Carneiro. Apresentação. In: HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. parte 1. p.15 - 17.

Estes termos, que nos parecem associados, *onoma*<sup>819</sup> e *nomia*<sup>820</sup> referem-se ao nome das coisas, *onoma*. Não seria a atribuição onomástica da sua ordem, de sua lei de instauração, sua *nomia*? Nomear não é ordenar? E quanto ao termo *logos*, tendo por conteúdo *palavra* e *discurso*, *razão*? E as relações entre *logos*<sup>821</sup> e *onoma*, como em

---

<sup>819</sup> Onomastic (adj.) 1716, from French *onomastique* (17c.), from Greek *onomastikos* "of or belonging to naming," from *onomastos* "named," verbal adjective of *onomazein* "to name," from *onoma* "name" (see name). onomatopoeia (n.) 1570s, from Late Latin *onomatopoeia*, from Greek *onomatopoiia* "the making of a name or word" (in imitation of a sound associated with the thing being named), from *onomatopoiios*, from *onoma* (genitive *onomatos*) "word, name" (see name (n.)) + a derivative of *poiein* "compose, make" (see poet). Related: Onomatopoeic; *onomatopoeial*. eponym (n.) one whose name becomes that of a place, a people, an era, an institution, etc., 1846, from Greek *eponymos* "given as a name, giving one's name to something," from *epi* "upon" (see *epi-*) + *onyma*, Aeolic dialectal variant of *onoma* "name" (see name (n.)). synonym (n.) early 15c. (but rare before 18c.), from Latin *synonymum*, from Greek *synonymon* "word having the same sense as another," noun use of neuter of *synonymos* "having the same name as, synonymous," from *syn-* "together, same" (see *syn-*) + *onyma*, Aeolic dialectal form of *onoma* "name" (see name (n.)). anonymous (adj.) c.1600, from Late Latin *anonymus*, from Greek *anonymos* "without a name," from *an-* "without" (see *an-* (1)) + *onyma*, Aeolic dialectal form of *onoma* "name" (see name (n.)). paronomasia (n.) "pun," 1570s, from Latin, from Greek *paronomasia* "play upon words which sound similarly," from *paronomazein* "to alter slightly, to call with slight change of name," literally "to name beside," from *par-* (see *para-* (1)) + *onomasia* "naming," from *onoma* "name" (see name (n.)). homonym (n.) 1807, from French *homonyme* and directly from Latin *homonymum* (Quintilian), from Greek *homonymon*, neuter of *homonymos*, from *homos* "same" (see *homo-* (1)) + *onyma*, Aeolic dialectal form of *onoma* "name" (see name (n.)). patronymic (n.) 1610s, from Late Latin *patronymicum*, from neuter of *patronymicus* "derived from a father's name," from *patronymos* "named from the father," from *pater* (genitive *patros*) "father" (see father (n.)) + *onyma* "name," Aeolic dialectal variant of *onoma* "name" (see name (n.)). As an adjective from 1660s. antonomasia (n.) use of an epithet for a proper name (or vice versa; e.g. *His Holiness* for the name of a pope), 1580s, from Latin, from Greek *antonomasia*, from *antonomazein* "to name instead, call by a new name," from *anti* "instead" (see *anti-*) + *onomazein* "to name," from *onoma* "name" (see name (n.)). metonymy (n.) 1560s, from French *métonymie* (16c.) and directly from Late Latin *metonymia*, from Greek *metonymia*, literally "a change of name," related to *metonomazein* "to call by a new name; to take a new name," from *meta-* "change" (see *meta-*) + *onyma*, Aeolic dialectal form of *onoma* "name" (see name (n.)). Figure in which the name of one thing is used in place of another that is suggested by or associated with it (e.g. *the Kremlin* for "the Russian government"). Related: *Metonymic*; *metonymical*. pseudonym (n.) 1828, in part a back-formation from *pseudonymous*, in part from German *pseudonym* and French *pseudonyme* (adj.), from Greek *pseudonymos* "having a false name, under a false name," from *pseudes* "false" (see *pseudo-*) + *onyma*, Aeolic dialectal variant of *onoma* "name" (see name (n.)). "Possibly a dictionary word" at first [Barnhart]. Fowler calls it "a queer out-of-the-way term for an everyday thing." Properly in reference to made-up names; the name of an actual author or person of reputation affixed to a work he or she did not write is an *allonym*. An author's actual name affixed to his or her own work is an *autonym* (1867). name (n.) Old English *nama*, *noma* "name, reputation," from Proto-Germanic *\*namon* (cf. Old Saxon *namo*, Old Frisian *nama*, Old High German *namo*, German *Name*, Middle Dutch *name*, Dutch *naam*, Old Norse *nafn*, Gothic *namo* "name"), from PIE *\*nomn-* (cf. Sanskrit *nama*; Avestan *nama*; Greek *onoma*, *onyma*; Latin *nomen*; Old Church Slavonic *ime*, genitive *imene*; Russian *imya*; Old Irish *ainm*; Old Welsh *anu* "name"). Meaning "famous person" is from 1610s. Meaning "one's reputation" is from c.1300. As a modifier meaning "well-known," first attested 1938. *Name brand* is from 1944; *name-calling* attested from 1846; *name-dropper* first recorded 1947. *name-tag* is from 1903; *name-child* attested from 1845. The *name of the game* "the essential thing or quality" is from 1966; to *have one's name in lights* "be a famous performer" is from 1929. HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. Disponível em: <[http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=onoma&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=onoma&searchmode=none)>. Acesso em: 13 set. 2012.

<sup>820</sup> Na ausência de vocábulo direto em língua inglesa, a constar no dicionário de etimologia, recorreremos ao termo anomia. *Anomy* (s) "lawlessness," 1590s, anglicized from French *anomie*; from Greek *anomia* "lawlessness," noun of quality from *anomos* "without law, lawless," from *a-*, privative prefix, "without" (see *an-* (1)) + *nomos* "law". HARPER, Douglas. Online Etymology Dictionary. Disponível em: <[http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=nomos&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=nomos&searchmode=none)>. Acesso em: 13 set. 2012. Na mesma busca, contendo o termo, oriundo de *nomos* ou *nemein*, encontram-se os termos: *bionomics*, *heteronomy*, *antinomian*, *taxonomy*, *autonomy*, *nomothetic*, *autonomous*, *metronome*, *gastronomy*, *antinomy*, *agronomy*, *astronomy*, *Deuteronomy*, *economy*, *numismatic*.

<sup>821</sup> A propósito da conceituação de *logos*, anote-se: VILELA, Fábio Renato. **Lógica, logos e logicismo**: ensaio filosófico. 2010. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/ensaios/2301124>>. Acesso em: 14 nov. 2013. "LOGOS, termo grego que deriva de "LEGEIN" = falar ou reunir. É um Conceito, ou uma

**Crátilo?** Nessa obra, Platão põe em diálogo Sócrates, Hermógenes e Crátilo, para discutir sobre a relação das coisas com seus nomes, com as palavras, obra fundadora da etimologia e da linguística<sup>822</sup>. Parece que as inquietações expressas quanto aos termos *onoma* e *nomia* são postuladas como patentes, no pensamento grego, aceitando-se a controvérsia que nele se configura entre *nomos* e *physis* (lei e natureza). Platão, provavelmente ciente da homonímia entre *nomos* e *onoma*, os justapõe nesse diálogo<sup>823</sup>. MACEDO, ao escrever

Pois se para ele há pinturas melhores e piores, o mesmo não acontece com os nomes, com as palavras, com o discurso. Para Crátilo, todos os legisladores<sup>824</sup> são bons e, por conseguinte, todos os nomes são igualmente bons, não sendo possível sequer falar falso.

traz o contexto grego de que o designador de palavras legisla, aproximando os conceitos de nomes e de leis<sup>825</sup>.

---

Noção Central na Filosofia Grega; tendo tantos significados quanto são as Correntes que o utilizam, chegando a variar até mesmo dentro de um mesmo Sistema, como se verá abaixo, em Heráclito. Em grego clássico equivale a: 1) Palavra; 2) Verbo; 3) Sentença; 4) Discurso; 5) Pensamento; 6) Razão; 7) Definição; 8) Conclusão (esperada) etc. É possível que sua origem, derivada de 'reunir', 'recolher', tenha lhe dado o Sentido, ou o Significado, de ser uma 'combinação', uma 'associação', e/ou uma 'ordenação ou organização'. Afinal, são características ou funções que geralmente se atribui ao LOGOS, pois o objetivo da LÓGICA é ordenar, organizar o que antes era disperso e confuso. Como dito acima, em Heráclito já se encontram quatro significados diferentes, mas inter-relacionados, que o termo "LOGOS" terá na Filosofia posterior. A saber: 1. Como Princípio ou Lei Cósmica, ou divina. 2. Sendo a Racionalidade do Real; isto é, o termo "Logos" indicando que a Realidade está ou é de acordo com a Racionalidade. Com as Leis que regem o Raciocínio coerente. 3. O 'Espírito' ou a 'Alma' do Fogo, que para Heráclito era o Elemento (terra, ar, água, fogo) Primeiro, Primordial, do qual todos os outros derivam. 4. Significando a Razão ou o Raciocínio ou a Racionalidade humana cuja serventia é a de proporcionar a capacidade de 'entender' a Realidade. Na seqüência serão expostos mais alguns dos Significados que o termo abriga: Para PLATÃO, 'Logos' é a Definição ou uma Sentença Predicativa (ou frase que contém um adjetivo) que expressa, ou menciona, uma qualidade essencial de algo; ou seja, esse 'algo' não poderia sê-lo se não tivesse essa qualidade. • Para ARISTÓTELES, 'Logos' é a Sentença (ou a frase que contém uma afirmação ou uma negação sobre o Objeto a que se refere) que pode ser 'Verdadeira' ou 'Falsa' e que expressa (através da fala ou escrita ou da pintura etc.) o Pensamento sobre algo. Disso, aliás, é que surgiu a expressão: LOGOS APOPHANTIKÓS = aquele que manifesta (que mostra, ou revela) algo.

<sup>822</sup> CRÁTILLO. **Wikipédia**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%A1tilo\\_\(di%C3%A1logo\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%A1tilo_(di%C3%A1logo))>. Acesso em: 14 nov. 2013.

<sup>823</sup> LITTLE, Edward. **Language and the brain**: T.W. Deacon. Disponível em: <<http://groups.yahoo.com/group/aristotle-met/message/830>>. Acesso em: 14 nov. 2013. Ver também PREZOTTO, Joseane. **O Crátilo de Platão: uma leitura**. Curitiba, UFPR, 2004. Disponível em: <<http://www.classicas.ufpr.br/projetos/monografias/JoseanePrezotto-Cratilo.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

<sup>824</sup> CASADESÚS BORDOY, Francesc. **Nueva interpretación del Crátilo platónico a partir de las aportaciones del papiro de Derveni**. Universitat de les Illes Balears *EM* LXVIII 1, 2000. p. 57. "Orfeo, habría sido considerado, al menos en los ambientes órficos, el sabio legislador, o *nomothetis*, que dio el nombre a las cosas tan reiteradamente citado en el diálogo". nota 16: "Orpheus is the wise namegiver". Apud BAXTER, T.M.S. **The Cratylus Plato's critique of naming**, Leiden. 1992 ou 1997. p. 134.

<sup>825</sup> MACEDO, Dion Davi. Platão e Crátilo: do *ónoma* ao *lógo*. **Letras Clássicas**, n. 2, p. 47-56, 1998. p.50. "É quando Sócrates questiona Crátilo sobre a relação entre pintura e coisa e entre palavra e coisa que melhor se percebe o seu ponto de vista. Ao estabelecer diferença, em 430 a, entre nome e coisa, Sócrates faz com que Crátilo aceite que o nome é uma "imitação da coisa" (430 a: [...], da mesma maneira que "as pinturas imitam certas coisas" (430 b: [...])." p. 50. "Platão procura mostrar que o heraclitismo generalizado conduz à impossibilidade simultânea do ser e do discurso. É preciso então, ensina Sócrates contra Crátilo, **partir** das coisas para que o conhecimento seja possível: somente através dos nomes não conhecemos sequer estes. Para decidir entre o modelo e a cópia, é necessário ir do modelo à cópia, não o contrário. A relação entre as coisas e os nomes, como relação de verdade, exige que se passe da verdade das coisas

Se, em Crátilo, discute-se a relação entre palavras e coisas, outra boa discussão se dá sobre a extensão dos conceitos de coisa<sup>826</sup> e de fato, e entre os fatos e os juízos, ou valores sobre os fatos e as coisas. Mas isso é outra tese!

Formular perguntas nos foi constante e, mesmo findado o trabalho, continuam persistindo. O método de elaboração das questões pode mesmo dispensar a reposição de uma entre tantas possíveis construções responsivas. E Heidegger, também nisso, é mestre. E o exercício de especular, de destrinchar cada vocábulo e o conceito que expressa, marcou a trajetória, nem sempre, todavia, se dispondo de elementos ou de preparação para obter uma imagem mais nítida no espelho.

Em termos objetivos, os levantamentos e revisão de literatura permitiram o esclarecimento (trazendo à clareira, tornando e-vidente) sobre o estado da arte dos pensados sobre o objeto filosófico da Museologia / Patrimoniologia, em artigos e nos poucos textos mais alentados, e o processo de pensamento, quando a insistência argumentativa do pensador retem a relação perspectivada entre Museologia e Museu. E, aqui, advém a crítica ao modo epistêmico em que se produziu o pensado e o pensamento naquilo que investiga sobre o fundamento filosófico da Museologia. Paralelamente, assim se procedendo, se exercita o exame dos pressupostos e dos métodos analíticos e as consequências obtidas em formas de teses para a teoria da Museologia / Patrimoniologia.

Agora caminhado, o trabalho foi deixando as referências estabelecidas, no campo museológico / patrimoniológico, para enveredar pelo da consideração filosófica, quando o pensado dos filósofos vai, aos poucos, se diluindo em prol do pensamento desses pensadores e o nosso próprio processo se foi autonomizando e se libertando para uma “levitação” sobre o terreno (ou território) subjacente, algo como, em tendo o sentido, se distanciar da forma, como LEÃO abordou sobre o último estágio da leitura de uma escritura filosófica, o atravessado pela essência do não dito. Fragmentos do pensamento de Heidegger, de Schopenhauer, de Deleuze, de Guattari, por exemplo, colaboram para, aquém e além de suas palavras, ter-se a possibilidade de se desmaterializar da representação que, para o pensamento, as escrituras tivessem. Se no princípio era a palavra, e o investimento para compreendê-las o mais fundadamente,

---

à verdade das palavras, uma verdade secundária e dependente. Ela supõe a antecedência da verdade em relação ao dizer verdadeiro. É neste sentido que se deve entender e admitir a possibilidade de compreender as coisas sem os nomes, isto é, estabelecer a impossibilidade de compreender os nomes sem as coisas. p. 52.

<sup>826</sup> Lembramos o conceito de coisa para Kant, através do curso sobre esse conceito lecionado por HEIDEGGER, Martin. **O que é uma coisa?** Lisboa: Edições 70, 1992.

e apreendê-las para em sua essência referencial ao conceito reassumi-las em sua pureza pristina, escandida em sua mais nítida adequação. Tornar evidente a palavra no seu caráter de ser o que é e a ela recorrer ao mesmo tempo como substrato e superfície, como fundo e arcabouço, como estruturante e como estrutura. Por este aspecto, a principal metodologia deste trabalho, o da consideração ao *logos*-palavra, começa a se expandir como modelo analítico através da transposição de O que é filosofia?, de Heidegger, para o campo em apreciação, inicialmente sobre o termo Patrimoniologia, objeto do capítulo 2.

O resultado da reflexão sobre o que é a Museologia / Patrimoniologia, qual o seu objeto, menos defini, mais abre possibilidades. Os elementos a que se chegou não são todos os possíveis, alguns, apenas, que nos pareceram mais naturais em seu desprendimento daquilo que os autores, notadamente Stránský, pensaram. Retomamos, no início de nossa trajetória tética ao pensamento de Stránský, na dimensão da sua concepção da Museologia como ciência e na do objeto disciplinar que a ela propôs: a relação entre homem e realidade. Investigar esses termos e a proposição como um todo, no corte dos conceitos, teve um caráter arqueológico, dada a primazia de autonomia como a instituição Museu com que o pensador checo estabelece outra via epistemológica para o campo da Museologia. Ainda mais, acompanhando-o, procedemos à investigação em âmbito metateórico, sobre os fundamentos da teoria da Museologia, em sua simbiose com a Patrimoniologia. O pensamento, o processo de pensar de Stránský, sendo referencial a muitos outros pensadores, a partir de 1965, lança luz, sob a qual pode se buscar ver para além do apreensível. A dissertação de mestrado em Museologia e Patrimônio, A via conceitual aberta por Z. Z. Stránský, orientada pela Dra. Tereza Scheiner, que permitira retrair elementos do pensamento stranskyano, permite, conhecimento já dado, base para questionamento e formulação de perguntas que se puseram sobre a natureza da Museologia / Patrimoniologia.

Por fim, considerados os estágios anteriores, buscamos examinar elementos possivelmente estruturantes do fundo que se pretende conhecer. A consciência, a essencialidade, a existência, a percepção da Museologia / Patrimoniologia como atinente ao pensamento sobre a representação do mundo e a emergência e necessidade da sua fixação ôntica. Seja no campo da memória, no da documentação, na arte, nas transmissões coletivas, nos meios correntes digitais / eletrônicos, a procura pela verdade possível, do registro, da referência, de que a palavra já é exemplo e atestado, observar no pensamento o fundamento da fixação pareceu-nos instigante e justificável face à universalidade deste procedimento do ser enquanto expressão de sua

essencialidade, pois, como diz Leão, o homem é a fala, é expressão. Na ausência dela, não ex-posto, é morto ou é nada.

Procuramos admitir o leitor na construção começando pelo começo, realizando uma revisão de literatura sobre Museologia e Patrimoniologia, em sua face dita científica e examinando as indicações de serem disciplinas filosóficas. Preparava-se então o terreno para o questionamento sobre o objeto de estudo da Museologia / Patrimoniologia e a proposição em outro, que nos parecera mais condizente e próximo a sua essência. Como para Heidegger, a recuperação dos elementos pretéritos foi motivada pelo seu caráter historial, e não pela definição histórica. Dado, no percurso, termos nos conscientizado do bastião linguístico em que se resguardam alguns pensadores da Museologia, o francês, sentimos a necessidade de discutir a fundamentação apresentada em sua defesa, que consideramos pouco fundamental... E quanto à perspectiva filosófica, buscamos autores em alguns de seus textos a nos permitir refletir sobre seus argumentos, sobre como veem a Museologia e Patrimônio e como veem a Filosofia. Heidegger nos forneceu, através do seu *Qu'est-ce que la philosophie?* a ideia de uma “paráfrase”, projetando sua digressão questionante sobre a Filosofia para, especialmente, a Patrimoniologia, em sua particularização com a latinidade (e não grecidade) e com o espírito legal inicial, cuja trajetória é marcada pela assunção de um caráter cívico e social com a Revolução Francesa.

Ocorre-nos enfatizar que, nessa perspectiva historial, e não histórica, excetuada a Introdução e os capítulos 1 e 2 e o 6, os de número 3 a 5 prescindem de uma ordem ou anteposição ou posposição. Enquanto autônomos, se tomados em termos absolutos, tratam de termos da hipótese apresentada, pelo que os conceitos tanto perpassam a todos eles, desde a Introdução, em boa parte das vezes sublinhados, pretendendo evidenciar os tijolos da construção, de maneira que ao aprofundarem um sentido não se podem deixar de relacionar com o todo.

Ecoam-nos os termos do objeto da “intenção cognitiva” que Stránský atribui à Museologia, pelo que, ao tomá-los por base, investimos no aprofundamento de seus sentidos. E a derivação começa, então, no capítulo 4, a perseguir a especulação sobre nossa hipótese, naquele momento se dedicando ao aspecto da representação. Pela Ciência da Informação, pela Filosofia, pela contribuição em Museologia, procuramos reunir algumas perspectivas para o assunto, de modo a nos dar sedimentação para os termos de nossa própria proposição.

A questão da consciência nos veio pela constatação de antagonismos entre diferentes apresentações de fatos (a questão da verdade, da conformidade, e da presença),

recorrendo ao caso dos gauleses, para ficar no campo da discussão da suposta supremacia francesa no campo museológico e mesmo patrimonial. A “descoberta” da tese sobre zumbi, assistindo aulas em Filosofia da Mente no doutorado de Filosofia da UFRJ se impôs como um momento de modificação em nosso pensamento, a noção de “admissibilidade”, de um universo paralelo, a nos fazer considerar que temos o zumbi dentro de nós e de que esse mundo paralelo é interno, porque em construção, quando pequenos, porque sejamos ou estejamos alienados. O pêndulo nos surgiu, como em outros casos, da memória e da observação sobre determinadas obras de arte a que tivemos muito prazer em explorar...

A centralidade do conceito de valor já nos vinha desde o fechamento da dissertação de mestrado e se materializou no Projeto apresentado para ingresso no doutorado. Deixou de ser central, mas não perdeu importância. Explorado em um final de disciplina do curso, foi reassumido e articulado ao todo, especificado no capítulo 5 e retomado no 6. Stránský, desde a proclamação de 1965, no *Predmet*, identifica a Axiologia entre os ramos da Filosofia fundantes e embaixadores da Museologia, ao lado da Ontologia, Gnoseologia, Noética e Ética. Em 2005, a presença do valor é pronunciada na sua definição objetiva sobre o estudo do valor da e na relação do homem com a realidade. E, por grata coincidência (se ela existe, de fato), chegamos à Ciência da Informação e de como GONÇALVES<sup>827</sup> tratou graficamente as leis de MOODY e WALSH que definem o comportamento da informação como bem econômico, donde a importância da definição de valor. Novamente, os dicionários nos socorreram na procura do conceito atrás das palavras.

Era chegado o ponto em que os elementos apresentados e escolhidos da proposição e tomados privilegiadamente em capítulos, se encontrassem em uma articulação finalizadora (ainda que sem ter o caráter de pretensão de ser final ou cabal). O valor convive e, mesmo, cede lugar ao entre, preposição a assumir papel relevante no procedimento da análise relacional. Através do quadro sobre objetos e referências epistêmicas e filosóficas constituído, pretendemos organizar tanto o que já é quanto os modos de relacionamento do homem com o mundo, exercício especulativo que, mesmo para nós, se abre, não significando uma de-terminação desses modos relacionais. Os quadros com os planos cartesianos, similarmente, visaram ao mesmo tempo em que esquematizar o campo relacional a esclarecer e tipificar os componentes que, em

---

<sup>827</sup> GONÇALVES, Marcio. **Processo de comunicação da informação nas empresas da incubadora tecnológica do Instituto Gênesis (PUC-RJ)**. 2006. (Dissertação de Mestrado) – PPGCI, Universidade Federal Fluminense – IBICT, [Niterói?], 2006. P. 57-61. Disponível em: <[http://www.isafreire.pro.br/dissertacao\\_marcio\\_goncalves.pdf](http://www.isafreire.pro.br/dissertacao_marcio_goncalves.pdf)>. Acesso em: 27 dez. 2011.



relação, resultam em pontos de entrecruzamento, e nesses entre, permite a assunção de valores, à luz do percebido em consciência. Este sexto capítulo reflete a intenção de sintetizar os elementos propostos e analisados em direção ao objeto desta tese: reflexão, recuperação de contribuições, um caminho (método) filosofante, proposição, enfim. E aqui, nestas considerações finais, expormos os conteúdos patentes e, de certo modo, re-velar, nosso estado, digamos psíquico, motivacional, para o empreendimento. Não foi um caminho fácil, pelas fontes que, quando disponíveis, eram muitas em idioma eslavo e, por isso, estarem mais “atualizadas” do que as constantes de bibliografias referenciadas, como a do próprio processo seletivo de ingresso ao Doutorado. Precisamos, pensamos lutar contra o senso comum que se tem sobre a disciplina Museologia, ainda que neste senso comum se inclua a academia museológica. Tivemos que lutar com nossas limitações e com o desejo de irrestritamente as abolirmos. Pretendemos exercitar nossa reflexão ao ponto da exaustão física, ao abandono de outras tarefas da vida cotidiana, porém sem abrimos mão de nossa missão como professor e como funcionário público a serviço de nosso povo e do Estado em que nascemos e em que deitamos, também nossas raízes culturais, por cujo orgulho pretendemos contribuir para valorizar o nosso modo entre de considerar a realidade, o mundo.

Não tivemos e nem temos a expectativa de ponderar este trabalho como A verdade, esperando que, todavia, em não sendo A verdade, faça algum sentido: - *Se non è vero, è ben trovato!* Diz o ditado italiano... Estando consubstanciado, coloca-se de imediato à crítica dos doutores integrantes da banca analítica, a quem agradecemos a aceitação e atenção. Em suma, e sobretudo, esta tese é para nós [mim] a fixação da re-presentação da nossa [minha] relação com a realidade – mundo da conceituação do objeto da Museologia / Patrimoniologia.

### *Post scriptum*

Revedo esta tese para sua impressão, encadernação e entrega ao PPG-PMUS, em janeiro de 2022, sete anos após sua realização, inevitável vermos outras perspectivas sobre nosso próprio pensamento, à luz dos acréscimos e processos de reflexão por que passamos. Entre todas, fundamental a de substituir o conceito relacional do “agente” homem para ser, donde, para um ser museal -patrimonial, entidade geradora e fruidora do **egomônio**, validado geracionalmente, em **genomônio**, corresponderá sua intenção de fixar em registros, variáveis, a sua relação com o mundo, assumindo, assim, a essência do objeto da Museologia – Patrimoniologia, inscrevendo essa teoria como Metamuseologia – Metapatrimoniologia.

## REFERÊNCIAS

ACTA. **Origem da palavra.** Disponível em : <<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/androceu/>> . Acesso em : 11 dez. 2012.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

ALEXANDER, Edward P. **Museums in Motion: An Introduction to the History and Functions of Museums.** 2.ed. S.I.: American Association for the State and Local History Book Series, 2008.

ANDERS, Valentín. **Etimologia de Chile.** Disponível em: <<http://etimologias.dechile.net/>>. Acesso em: 29 set. 2012.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poema de sete faces. In: \_\_\_\_\_. **Alguma Poesia.** 1930. Disponível em: <<http://drummond.memoriaviva.com.br/alguma-poesia/poema-de-sete-faces/>>. Acesso em: 26 maio 2015.

AQUILINA, Janick Daniel. Muséologie et muséographie: la tour de Babel ou les origines de la confusion. In: **Muséologies** – Les cahiers d'études supérieures, 2009, 4/1, p. 43-59. Disponível em: <<http://museologies.org/>>. Acesso em: 16 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. The Babelian Tale of Museology and Museography: A History in Words. In: **Museology** - International Scientific Electronic Journal, Issue 6, 2011. Department of Cultural Technology and Communication, University of the Aegean. p.1-20. Disponível em: <<http://museology.ct.aegean.gr/articles/2011104162340.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2015.

ASSANGE in Sweden: Sofia. **Rixstep.** Disponível em: <<http://rixstep.com/1/20110131,00.shtml>>. Acesso em: 8 maio 2010.

ASSESSMENT. **Wikipedia.** Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Assessment>>. Acesso em: 15 dez. 2011.

ATACAMEÑOS quieren sus momias. **Prensa Políticas Públicas.** 22 jan. 2009.

AVRAM Moiseevich Razgon. **Wikipedia.** Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Avram\\_Moiseevich\\_Razgon](https://en.wikipedia.org/wiki/Avram_Moiseevich_Razgon)>. Acesso em: 22 fev. 2015.

AXIOMA. **Wikipedia.** Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Axioma>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

BABIĆ, Darko. O muzeologiji, novoj muzeologiji i znanosti o baštini [Sobre museologia, nova museologia e ciência do patrimônio]. In: VUJIĆ, Tarka; ŠPIKIĆ, Marko (ed). **Ivi Maroeviću baštinici u spomen** [Á memória de Ivo Maroevic]. Zagreb: Zavod za informacijske studije Odsjeka za informacijske znanosti Filozofski Fakultet Sveučilišta u Zagrebu [Instituto de Estudos de Informação do Departamento de Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Zagreb], 2009, p. 43-60. Disponível em: <[http://www.academia.edu/5217606/O\\_muzeologiji\\_novoj\\_muzeologiji\\_i\\_znanosti\\_o\\_ba%C5%A1tini](http://www.academia.edu/5217606/O_muzeologiji_novoj_muzeologiji_i_znanosti_o_ba%C5%A1tini)>. Acesso em: 22 abr. 2015.

BACHA, Marcella Faustino Fernandes. **A baleia em primeira pessoa**: iconografia, história, cultura e memória. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Escola de Museologia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

BARAÇAL, Anaildo Bernardo; SCHEINER, Tereza. A teoria museológica em exposição: o caminho do museu. **Museu e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 122-138, 2014.

\_\_\_\_\_. **O objeto da Museologia**: a via conceitual aberta por Zbynek Zbyslav Stránský. 2008. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro / Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_. ***Η κληρονομιά όπως φιλοσοφία / Η κληρονομιά όπως filosofia / O patrimônio como filosofia***. 2012. Trabalho de Conclusão de Disciplina (Doutorado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro / Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2012.

\_\_\_\_\_. O que é Museu Pessoal? [apresentação] In: \_\_\_\_\_. ed. **Museu Pessoal**. Rio de Janeiro: SPHAN / Pró-Memória – Museus Castro Maya, 1986. 2 p.

\_\_\_\_\_. **Valor**: termo e alguns conceitos. 2012. Trabalho de Conclusão de Disciplina (Doutorado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro / Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2012.

\_\_\_\_\_; SILVA, Luisa Olinto do Vale. **Mar largo na calçada da praia de Copacabana**. 2006. Trabalho de Conclusão de Disciplina (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO / Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2006.

BARBEIRINHO DO JACAREZINHO, LUIZ GRANDE, MAURO DINIZ. **Caviar**. 2002.

BARNETT, Patricia J. An Art Information System: From Integration to Interpretation. **Library Trends**, Baltimore, v. 37, n. 2, p. 194-205, fall 1988.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1973. (Debates, 70).

BEAL, Adriana. **Gestão Estratégica da Informação**: como transformar a informação e a tecnologia da informação em fatores de crescimento e de alto desempenho nas organizações. São Paulo: Atlas, 2004.

BERTONE, Tarcisio, cardeal. **Laocoonte**: Nas origens dos museus do Vaticano. [Discurso na inauguração da exposição]. 16 de nov. 2006. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/secretariat\\_state/card-bertone/2006/documents/rc\\_seg-st\\_20061116\\_laocoonte\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/card-bertone/2006/documents/rc_seg-st_20061116_laocoonte_po.html)>. Acesso em: 10 de fev. 2015.

BÍBLIA. rev. at. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, s/d. [tradução: João Ferreira Almeida]. Disponível em: <<http://www.sbb.org.br/interna.asp?areaID=7>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O conhecimento, a terminologia e o dicionário. **Ciência e Cultura**. v.58, n.2, São Paulo, abr/jun. 2006. Disponível em:

<[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252006000200014&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252006000200014&script=sci_arttext)>. Acesso em: 13 fev. 2015.

BIENAL de São Paulo. Teatro: Tchecoslovaquia. Exposição organizada pelo Instituto do Teatro em Praga, Ministério da Cultura, e comissão preparativa presidida por Svatopluk Stepánek. In: **Catálogo da VI Bienal de São Paulo**, parte 2, 1961, p. 469. Disponível em: <<http://issuu.com/bienal/docs/namebb0a44/86>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

BILL of Rights. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/United\\_States\\_Bill\\_of\\_Rights](http://en.wikipedia.org/wiki/United_States_Bill_of_Rights)>. Acesso em: 20 maio 2011.

BIRD, Christopher [MGK]. **Everything I Ever Really Needed To Know I Learned From Asterix Comics**. Toronto. Disponível em: <<http://mightygodking.com/index.php/2008/07/28/everything-i-ever-really-needed-to-know-i-learned-from-asterix-comics-part-one/>>. Acesso em: 15 out. 2012.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BONFIGLIO, Thomas Paul. **Mother Tongues and Nations: the invention of native speaker**. Nova Iorque: Walter de Gruyter, 2010. (Trends in linguistics. Studies and monographs; 226). Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=bhRnWijVdUMC&pg=PA126&lpg=PA126&dq=Unvorgreifliches+translation&source=bl&ots=nZLn1TGw87&sig=2TVHE78ipCxy3ycytlWfN2RKUFc&hl=pt-BR&sa=X&ei=x0HIVL6vA8KMyASA9YH4BQ&ved=0CC4Q6AEwAg#v=onepage&q=Unvorgreifliches%20translation&f=false>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

BOORSTIN, Daniel J. **Os descobridores**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1989.

BOVESPA. **Atletismo**. Disponível em: <<http://www.clubedeatletismo.org.br/bmf-bovespa/curiosidades/corridas-de-revezamento-193804-1.asp>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

BRASIL Escola. **Campo lexical e campo semântico**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/redacao/campo-lexical-e-campo-semantico.htm>>. Acesso em: 26 maio 2013.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CARDOSO, Maurício. Teorema de Pitágoras. **Curiosidades Matemáticas**. Disponível em: <http://essenciamatematica.blogspot.com.br/2009/09/teorema-de-pitagoras.html>>. Acesso em: 14 nov. 2012.

CASADESÚS BORDOY, Francesc. **Nueva interpretación del Crátilo platónico a partir de las aportaciones del papiro de Derveni**. Universitat de les Illes Balears *EM* LXVIII 1, 2000.

CEIA, Carlos. **E-dicionário de termos literários**. Disponível em: <<http://www.edtl.com.pt/>> ou <[http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com\\_mtree&task=viewlink&link\\_id=519&Itemid=2](http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=519&Itemid=2)>. Acesso em: 12 dez 2011.

CENTRE National de Ressources Textuelles et Lexicales. **Analyse et Traitement Informatique de la Langue Française** – CNRS. Disponível em: <<http://www.cnrtl.fr/>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

CENTRE for Museology and Heritology Studies - Faculty of Philosophy, University of Belgrade. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/heritagefbg/centar-za-muzeologiju-i-heritologiju/saradnici>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000. Disponível em: <[HTTP://br.geocities.com/ncrost02/convite\\_a\\_filosofia\\_30.htm](HTTP://br.geocities.com/ncrost02/convite_a_filosofia_30.htm)>. Acesso em: 20 fev. 2008.

CHAVE (computação). **Wikipédia**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Chave\\_\(computa%C3%A7%C3%A3o\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Chave_(computa%C3%A7%C3%A3o))>. Acesso em: 12 dez. 2011.

CIÊNCIA da informação. **Wikipédia**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:Ci%C3%Aancia\\_da\\_informa%C3%A7%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:Ci%C3%Aancia_da_informa%C3%A7%C3%A3o)>. Acesso em: 29 dez. 2011.

CIMBROS. **Wikipedia**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cimbros>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

COLE, C. Operationalizing the notion of information as a subjective construct. **Journal of American Society for Information Science**, 45 (7), 1994. p. 465-476.

CONCEITO. **Wikipedia**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Conceito>>. Acesso em: 26 maio 2013.

CONFIDENTIAL swedish Police report details claims against Assange. **The Age**. 20 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.theage.com.au/technology/technology-news/confidential-swedish-police-report-details-claims-against-assange-20101220-192ih.html#ixzz1LoSyA1e3>>. Acesso em: 8 maio.

CONTROVERSESES. **Scenes Magazine**. Disponível em: <<http://www.scenesmagazine.com/>>. Acesso em: 21 abr. 2011.

CRÁTILO. **Wikipédia**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%A1tilo\\_\(di%C3%A1logo\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%A1tilo_(di%C3%A1logo))>. Acesso em: 14 nov. 2013.

CRUZ, Bruna Costa Queiroz da. **Das Baías Austrais aos baianos**: por uma teoria delfínica da museologia. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) - Escola de Museologia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

CUISENIER, Jean. Les droits de la personne sur son image. In: MUSEU DE ARTES E TRADIÇÕES POPULARES. **Muséologie et ethnologie**. Paris: Réunion des Musées Nationaux, 1987. p. 204-214.

CUMMINGS, Alissandra. Apresentação. In: DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François, ed. **Key concepts of Museology**. Paris: Armand Colin, 2009.

CUNHA, Andréa Vermont S. R. da. **Sobre o conceito de Consciência em Filosofia da Mente**. Doutoranda, Doutorado em Filosofia da Mente, Instituto Packter, Porto Alegre, orientado por Mariluze Ferreira de Andrade e Silva. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/sobre-o-conceito-de-consciencia-em-filosofia-da-mente%C2%A0>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

CURSO de filosofia à distância. **Pitágoras** (570 - 496 a.C.). Disponível em: <[http://www.filosofia.com.br/historia\\_show.php?id=12](http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=12)>. Acesso em: 31 maio 2015.

DANTAS, Itamar; TACIOLI, Ricardo. O último trabalho de Vinicius: A história de um dos discos infantis mais importantes da música brasileira: A Arca de Noé. In: ITAÚ CULTURAL. **Álbum Itáú Cultural**. Disponível em: <<http://albumitaucultural.org.br/secoes/a-arca-de-vinicius/>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

DÃO. **A Arca de Noé** - Vinicius de Moraes (1980). 2014. Disponível em: <<http://1001br.blogspot.com.br/2014/04/a-arca-de-noe-vinicius-de-moraes-com.html>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

DATABAZEKNIH. **Otakar Štěpánek**. Disponível em: <<http://www.databazeknih.cz/autori/otakar-stepanek-7165>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

DAVALLON, Jean. **Le Don du Patrimoine**: une approche communicationnelle de la patrimonialisation. Paris: Lavoisier, 2006. (Collection Communication, Médiation et Construits Sociaux).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** 2. ed., 6. Imp. São Paulo: Editora 34, 2009.

DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.

DESVALLEES, André. **La muséologie selon Georges Henri Rivière**. Paris: Dunod, 1989.

\_\_\_\_\_, dir. **Terminologia museológica**: proyecto permanente de investigación. ICOFOM/ICOFOM LAM. S/l: \_\_\_\_\_, maio 2000.

\_\_\_\_\_; MAIRESSE, François, ed. **Dictionnaire encyclopédique de muséologie**. Paris: Armand Colin, 2011.

\_\_\_\_\_; MAIRESSE, François, ed. **Key concepts of Museology**. Paris: Armand Colin, 2009.

\_\_\_\_\_; MAIRESSE, François. Introduction. In: \_\_\_\_\_, ed. **Key concepts of Museology**. Paris: Armand Colin, 2009. p.15-21.

DICHTCHEKENIAN, Antonio Vaszken. Awareness não é compreensão, mas estar consciente de algo. **Psicologia Transpessoal e Fenomenologia**. 16/02/2007. Disponível em: <<http://trans-feno.blogspot.com.br/2007/01/awareness-definition-by-wikipedia.html#!/2007/01/awareness-definition-by-wikipedia.html>>. Acesso em: 14 mar. 2014.

DIEGO RIVERA PŘÍHODOVÁ, Barbora. **"Scenography is science"**: Miroslav Kouril, his theory of scenography and the Institute of Scenography in Prague. 2013. Disponível em: <<http://www.muni.cz/research/publications/1106756>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

DIRTY pictures. **Wikipedia**. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Dirty\\_Pictures](https://en.wikipedia.org/wiki/Dirty_Pictures)>. Acesso em: 19 abr. 2011.

DOLÁK, Jan, ed. **Muzea v procesu transformace**. 24-26. Listopadu 2003 Brno. Brno: Universidade Mazaryk, 2004.

\_\_\_\_\_; VAVRIKOVÁ, Jana. **Muzeolog Z. Z. Stránský: život a dílo** [O museólogo Z. Z. Stránský: vida e obra]. Brno: Universidade Masaryk, 2006.

DRAGAN BULATOVI. **Wikipedia**. Disponível em: <[https://sr.wikipedia.org/wiki/Dragan\\_Bulatovi%C4%87](https://sr.wikipedia.org/wiki/Dragan_Bulatovi%C4%87)>. Acesso em: 22 abr. 2015.

DUVIGNAUD, Jean e KHAZNADAR, Chérif, dir. **Le patrimoine culturel immatériel: les enjeux, le problématiques, les pratiques**. [Paris] : Maison des cultures du monde, 2004.

ECO, Umberto. **Semiótica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Ática, 1991.

ENOLA Gay. **War Bird Forum**. Disponível em: <<http://www.warbirdforum.com/enolagay>>. Acesso em: 25 abr. 2011.

ÉTICA. **Wikipédia**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89tica>>. Acesso em: 22 fev. 2015.

EVIDENCE Points to Conscious 'Metacognition' In Some Nonhuman Animals. University at Buffalo. **Science Daily**, 15 September 2009. Disponível em: <<http://www.sciencedaily.com/releases/2009/09/090914172644.htm>>. Acesso em: 22 jan 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 14. imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d.

FERREZ, Helena Dodd. **Documentação museológica: teoria para uma boa prática**. Estudos Museológicos. IPHAN. Rio de Janeiro. 1994. p. 65-74. (Cadernos de Ensaios 2).

FICHTE, Johann Gottlieb. **O destino do erudito**. São Paulo: Hedra, 2014.

FIGUEIREDO, Laura Maia de. **O conceito de relevância e suas implicações**. Ci. Inf. Rio de Janeiro, 6(2): 75-78, 1977. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1584/1197>>. Acesso em: 17 dez. 2011.

FILOSOFIA DA MENTE. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Filosofia\\_da\\_mente](http://pt.wikipedia.org/wiki/Filosofia_da_mente)>. Acesso em: 12 dez. 2012.

FINKEL, Irving. **Was the ark round?** A Babylonian description discovered. 24 jan. 2014. Disponível em: <<http://blog.britishmuseum.org/2014/01/24/was-the-ark-round-a-babylonian-description-discovered/>>. Acesso em: 31 maio 2015.

FLUGEL, Katharina; ERNST, Wolfgang. ed. **Musealisierung der DDR? 40 Jahre als kulturhistorische Herausforderung**, Hochschule ur Tchnik, Wirtschaft und Kultur. Leipzig: Alfter, 1992 (sic).

FOGEL, Gilvan. **O que é filosofia?** Filosofia como exercício de finitude. Aparecida: Ideias e Letras, 2009.

FORMAS e meios. **Eneida de Moraes:** mulher linha de frente. 2009. Disponível em: <<http://formasemeios.blogs.sapo.pt/789495.html>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** 8. Ed. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

\_\_\_\_\_. **De outros espaços.** Architecture, Mouvement, Continuité, 5, 1984. Disponível em: <[http://www.virose.pt/vector/periferia/foucault\\_pt.html](http://www.virose.pt/vector/periferia/foucault_pt.html)>. Acesso em: 31 maio 2015.

FRIEDRICH Waidacher. **Wikipedia,** Disponível em: [http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=sk&u=http://sk.wikipedia.org/wiki/Friedrich\\_Waidacher&prev=search](http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=sk&u=http://sk.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Waidacher&prev=search). Acesso em: 23 fev. 2015.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA AO ESTUDANTE/MEC. **Dicionário de ciências sociais.** 2. ed. Rio de Janeiro, 1987. 2 v.

GONÇALVES, Marcio. **Processo de comunicação da informação nas empresas da incubadora tecnológica do Instituto Gênesis (PUC-RJ).** 2006. (Dissertação de Mestrado) – PPGCI, Universidade Federal Fluminense – IBICT, [Niterói?], 2006. Disponível em: <[http://www.isafreire.pro.br/dissertacao\\_marcio\\_goncalves.pdf](http://www.isafreire.pro.br/dissertacao_marcio_goncalves.pdf)>. Acesso em: 27 dez. 2011.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. **A representação do conhecimento e o conhecimento da representação:** algumas questões epistemológicas. In: Ci. Inf., Brasília, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993.

GREGOROVÁ, Anna. [La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée?]. In: ICOM - ICOFOM. **La muséologie:** science ou seulement travail pratique du musée? Museological Working Papers / Documents de Travail sur la Muséologie - MuWoP / DoTraM, Estocolmo, n.1, p. 19-21, 1980.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. In: ICOM – ICOFOM. **Symposium Collecting Today for Tomorrow.** Leiden: ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, 1984. p. 51-59. (ISS: ICOFOM STUDY SERIES, n. 6).

HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary.** Disponível em: <<http://www.etymonline.com/>>. Acesso em: 15 ago. 2011. [acesso inicial]

HEIDEGGER, Martin. O fim da filosofia e a tarefa do pensamento. In: **Heidegger:** conferências e escritos filosóficos. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1996. P. 95-108.

\_\_\_\_\_. **O que é uma coisa?** Lisboa; Rio de Janeiro: Edições 70, 1992.

\_\_\_\_\_. Qu'est ce que la philosophie? In: \_\_\_\_\_. **Heidegger:** conferências e escritos filosóficos. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1996. P. 27-40.

\_\_\_\_\_. **Ser e tempo.** 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. parte 1.

HEINZ arno knorr. **Wikipedia.** Disponível em: <[http://de.wikipedia.org/wiki/Heinz\\_Amo\\_Knorr](http://de.wikipedia.org/wiki/Heinz_Amo_Knorr)>. Acesso em: 11 fev. 2015.



HERPETOLOGIA. **Wikipedia**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Herpetologia>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

HILARY Clinton's internet freedom. **Index on Censorship**. Disponível em: <<http://www.indexoncensorship.org/2010/01/hilary-clintons-internet-freedom/>>. Acesso em: 8 maio 2010.

HISTÓRIA da República Checa. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria\\_da\\_Rep%C3%BAblica\\_Checa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_Rep%C3%BAblica_Checa)>. Acesso em: 11 fev. 2015.

HJORLAND, Birger. **Heritology** (Cultural heritage). 17.10.2006. Disponível em: <<http://www.iva.dk/bh/core%20concepts%20in%20lis/articles%20a-z/heritology.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2015.

HOSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HUMAN. **Wikipedia**. Disponível em: <<https://en.wikipedia.org/wiki/Human>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

ICOM. **ICOM news / Nouvelles de l'ICOM**. Paris, n. 3, v. 16, 1963/6. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k65590900.image.langEN>>. Acesso em: 12 fev. 2015.

ICOM - ICOFOM. **Research work in Museums: its possibilities and limits / Le travail de recherché dans le musée**: possibilities et limites. ICOFOM, 1978.

ICOM - ICOFOM. The French-speaking museal world in the ICOM dialogue. In: **Dictionnaire encyclopédique de muséologie**. [2010]. Disponível em: <<http://network.icom.museum/icofom/dictionnaire-encyclopedique-de-museologie/>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

ICOM – ICOFOM - ICOFOM-LAM (Comitê para Museologia, do Conselho Internacional de Museus, da UNESCO, Organização Regional do ICOFOM para a América Latina e Caribe). **Carta de Coro**. VIII Encuentro Regional del Icofom IAM. Museología, filosofía e identidad en América Latina y el Caribe. Coro - Venezuela, 4/12/1999. Disponível em: <[http://icofom-lam.org/files/carta\\_8.pdf](http://icofom-lam.org/files/carta_8.pdf)>. Acesso em: 25 mar. 2015.

ICOM - ICOFOM. **La muséologie**: science ou seulement travail pratique du musée? Museological Working Papers / Documents de Travail sur la Muséologie - MuWoP / DoTraM, Estocolmo, n.1, p. 6, 1980.

ICOM - ICOFOM. **La théorie des systèmes et la muséologie**. Museological Working Papers / Documents de Travail sur la Muséologie - MuWoP / DoTraM, Estocolmo, n.1, p. 3, 1980. MuWoP/ DoTtraM, n.2, p.8, 1981.

IDEIA. **Wikipedia**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ideia>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

JANSEN, Letácio. **Um breve ensaio sobre o valor**. REDAE –Revista Eletrônica de Direito Administrativo.n.14 –maio-jul 2008. Salvador. P.1-10. ISSN 1981-1861.

Disponível em: <<http://www.direitodoestado.com/revista/REDAE-14-MAIO-2008-LETACIO%20JANSEN.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2011.

JAPIASSU, Hilton. **As máscaras da ciência**. Ciência da Informação. Rio de Janeiro. v. 6, n.1; p.13-15, 1977.

JEUDY, Henri-Pierre. **La machinerie patrimoniale**. Paris: Sens & Tonka, 2001.

JOHANN DANIEL MAJOR. In: **Wikipedia**. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Johann\\_Daniel\\_Major](http://en.wikipedia.org/wiki/Johann_Daniel_Major)>. Acesso em: 20 abr. 2015.

JOHANN Georg Theodor Grässe. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Johann\\_Georg\\_Theodor\\_Gr%C3%A4sse](http://en.wikipedia.org/wiki/Johann_Georg_Theodor_Gr%C3%A4sse)>. Acesso em: 15 jan. 2015. Disponível também em: ,[http://www.europeana.eu/portal/record/9200143/BibliographicResource\\_2000069469470.html](http://www.europeana.eu/portal/record/9200143/BibliographicResource_2000069469470.html)>

JUTLAND. **Wikipedia**. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Jutland>>. Acesso em: 10.02.2015.

KIRK, Robert. Zombies. 2012. In: ZALTA, Edward N., ed. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/sum2012/entries/zombies/>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

KYSOVÁ, Šárka Havlíčková; PRIHODOVÁ, Barbora. Archaeology of Concepts and Ambitions: Performing Structuralism through the Field of Scenography (Czechoslovakia, 1970s). In: **Theatralia**, n.2, 2014, p. 111- 121. (III). Personalities and Methodologies of the Prague School. Disponível em: <[https://digilib.phil.muni.cz/bitstream/handle/11222.digilib/130882/1\\_Theatralia\\_17-2014-2\\_14.pdf?sequence=1](https://digilib.phil.muni.cz/bitstream/handle/11222.digilib/130882/1_Theatralia_17-2014-2_14.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 11 fev. 2015.

LA BURGA interdit em France. **Europe 1**. Disponível em: <<http://www.europe1.fr/Politique/La-burqa-interdite-en-France-269796/>>. Acesso em: 20 abr. 2011.

LA DOCUMENTATION FRANÇAISE. **From Alesia to Asterix: the Gallic heritage**. 2008. Disponível em: <[http://www.diplomatie.gouv.fr/en/spip.php?page=article\\_imprim&id\\_article=12271](http://www.diplomatie.gouv.fr/en/spip.php?page=article_imprim&id_article=12271)>. Acesso em: 12 nov. 2012.

LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LATERNA magika. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Laterna\\_Magika](http://pt.wikipedia.org/wiki/Laterna_Magika)>.

LAW, Jonathan, ed. **The Methuen Drama Dictionary of the Theatre**. S.l.: A&C Black, 2013. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=oXMsAQAAQBAJ&pg=PT1019&lpg=PT1019&dq=institute+of+scenography+prague+created+kouril&source=bl&ots=Ld6rwF4nn\\_&sig](https://books.google.com.br/books?id=oXMsAQAAQBAJ&pg=PT1019&lpg=PT1019&dq=institute+of+scenography+prague+created+kouril&source=bl&ots=Ld6rwF4nn_&sig)>

=M8QGyBWq4Q5scq\_dK\_Knb7SupiA&hl=pt-BR&sa=X&ei=PU7VVITAA4yogwTI64P4AQ&ved=0CDQQ6AEwAw#v=onepage&q=insitute%20of%20scenography%20prague%20created%20kouril&f=false>. Acesso em: 11 fev. 2015.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. Apresentação. In: HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. parte 1. p. 11-20

LEIGH, David; HARDING, Luke. **Wikileaks**: a guerra de Julian Assange contra os segredos de estado. Campinas: Verus, 2011.

LES CONDITIONS de mise em ligne des collections. **Musée du Quai Branly**. Disponível em:

<[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:M1DoKOY5pK4J:www.quai-branly.fr/fr/documentation/les-conditions-de-mise-en-ligne-des-collections.html+droit+de+image+personne+represente+musee&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&source=www.google.com.br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:M1DoKOY5pK4J:www.quai-branly.fr/fr/documentation/les-conditions-de-mise-en-ligne-des-collections.html+droit+de+image+personne+represente+musee&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&source=www.google.com.brhttp://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:dr5Q5rV3GfsJ:www.culture.gouv.fr/documentation/joconde/fr/partenaires/AIDEMUSEES/museofiche2.htm+droit+de+image+personne+represente+musee&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&source=www.google.com.br)>. Acesso em: 25 abr. 2011

LE SITE internet d'un musée tombe avec la mort d'Oussama Ben Laden. **Art Media Agency**. 4 maio 2011. Disponível em: <http://fr.artmediaagency.com/12816/le-site-internet-dun-musee-tombe-avec-la-mort-doussama-ben-laden/>. Acesso em: 10 maio 2011.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** 7. reimp. São Paulo: Ed. 34, 2005.

LIBRAIRIE GOSCINNY. Disponível em: <<http://www.librairiegoscinny.com/spip.php?article221>>. Acesso em: 15 set. 2012.

LIMA, Diana FARJALLA CORREIA. **Ciência da Informação e Museologia em tempo de conhecimento fronteiriço**: aplicação ou interdisciplinaridade? In: PPGCI ECA-USP; ANCIB. (Org.). ANAIS do IX ENANCIB- Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação Diversidade Cultural e Políticas de Informação. São Paulo: PPGCI ECA-USP; ANCIB, 2008, p. 1-15.

\_\_\_\_\_. **O que se pode designar como museu virtual segundo os museus que assim se apresentam...** Disponível em: <http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/bitstream/123456789/531/1/GT%209%20Ttxt%2011-%20LIMA,%20Diana%20Farjalla%20Correia.%20O%20que%20se%20pode%20designa...pdf>. Acesso em: 20 out. 2011.

\_\_\_\_\_; COSTA, Igor F.R. **Ciência da informação e museologia**: estudo teórico de Termos e conceitos em diferentes contextos - subsídio à Linguagem documentária. VII CINFORM.

LITTLE, Edward. **Language and the brain**: T.W. Deacon. Disponível em: <<http://groups.yahoo.com/group/aristotle-met/message/830>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

LUC BENOIST. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://fr.wikipedia.org/wiki/Luc\\_Benoist](http://fr.wikipedia.org/wiki/Luc_Benoist)>. Acesso em: 11 fev. 2015.

LULA se reuniu quatro vezes com amigo irmão Kadafi. **O Globo**. 21 fev. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2011/02/21/lula-se-reuniu-quatro-vezes-com-amigo-irmao-kadafi-923853313.asp>>. Acesso em: 18 abr. 2011.

MACEDO, Dion Davi. Platão e Crátilo: do *ónoma* ao *lógo*. **Letras Clássicas**, n. 2, p. 47-56, 1998.

MAIRESSE, François; DESVALLÉES, André; VAN PRAET, Michel. (Org.). **Vers une redéfinition du musée?** Paris: L'Harmattan, 2007.

MAJOR, Johann Daniel. **Wikisource**. Disponível em: <[https://de.wikisource.org/wiki/ADB:Major,\\_Johann\\_Daniel](https://de.wikisource.org/wiki/ADB:Major,_Johann_Daniel)>. Acesso em: 20 abr. 2015

MAROEVIC, Ivo. El rol de La musealidad en la preservación de la memoria. In: ICOM - ICOFOM. **Museología y Patrimonio Intangible en América latina y el Caribe: una visión integradora**. La Antigua Guatemala, Guatemala 2004. Disponível em: <[http://icofom-lam.org/files/13\\_maroevic\\_musealidad\\_en\\_la\\_preservacion\\_de\\_la.pdf](http://icofom-lam.org/files/13_maroevic_musealidad_en_la_preservacion_de_la.pdf)>. Acesso em: 12 de outubro de 2013.

\_\_\_\_\_. **Introduction to Museology: the european approach**. Munique: Dr. Christian Müller-Straten, 1998.

MAZARYK UNIVERSITY. Disponível em: <<http://www.muni.cz/history/milestones>>. **Acesso em: 23 jan. 2015.**

McCARTNEY, Paul; THE BEATLES. **Let it be**. Inglaterra: 1969 /1970.

MENOU, Michel J. Trends in ... a critical review. The impact of information - II. Concepts of information and its value. **Information Processing & Management**, v.31, n. 4, p.479-490, 1995 -

MENSCH, Peter van, ed. **Professionalising the muses: the museum profession in motion**. Amsterdam: AHA Books, 1989.

\_\_\_\_\_. **Towards a methodology of museology** (PhD thesis, University of Zagreb, 1992. Disponível em: <[http://www.muuseum.ee/et/erialane\\_areng/museoloogiaalane\\_ki/ingliskeelne\\_kirjand/p\\_van\\_mensch\\_toward/](http://www.muuseum.ee/et/erialane_areng/museoloogiaalane_ki/ingliskeelne_kirjand/p_van_mensch_toward/)>. Acesso em: 10 ago. 2011.

METEORITE agreement. **American Museum of Natural History**. Disponível em: <[http://www.amnh.org/rose/meteorite\\_agreement.html](http://www.amnh.org/rose/meteorite_agreement.html)>. Acesso em: 25 abr. 2011.

METIERS de la Culture des Archives et du Document - MECADOC. **Patrimoines et Musées**. Disponível em: <<http://www.infodoc.flsh.uha.fr/web/musees/web/tout.php>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

MINERALOGICKÉ MUZEUM. **Portréty osobností spjatých s muzeem**: Karel Tuček [retratos de personalidades associadas ao Museu: Karel Tuček]. Disponível em: <<https://web.natur.cuni.cz/ugmnz/muzeum/muzeum/portrety/tucek.html>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

MIROSLAV Kusý. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://sk.wikipedia.org/wiki/Miroslav\\_Kus%C3%BD](http://sk.wikipedia.org/wiki/Miroslav_Kus%C3%BD)>. Acesso em: 10 fev. 2015.

MODELO para armar. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://es.wikipedia.org/wiki/62\\_Modelo\\_para\\_armar](http://es.wikipedia.org/wiki/62_Modelo_para_armar)>. Acesso em: 26 de maio de 2015.

MÖLLEROVÁ, Jana. **Homo botanicus**: Klášterský, Ivan. 2009. Disponível em: <<http://botany.cz/cs/klastersky/>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

MORAES, Vinicius. **A arca de Noé**. Rio de Janeiro: Philips, 1980. 1 disco sonoro (ca. 48 min), 33 1/3 rpm, 12 pol.

MOWGLI. **Wikipedia**. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Mowgli>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

MURO de Berlim. **Wikipedia**. <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Muro\\_de\\_Berlim](http://pt.wikipedia.org/wiki/Muro_de_Berlim)>. Acesso em: 21 maio 2011.

MUSÉOLOGIE. **Wikipedia**. Disponível em: <<https://fr.wikipedia.org/wiki/Mus%C3%A9ologie>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

MUSEUM [national] d'Histoire Naturelle: vivants ou empaillés, les animaux jouent les stars. **France Soir**. 22 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.francesoir.fr/culture-art-expo/museum-dhistoire-naturelle-vivants-ou-empailles-les-animaux-jouent-les-stars>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

MUZEJSKI DOKUMENTACIJSKI CENTAR [Centro de Documentação de Museus]. **Ivo Maroevic**. Disponível em: <[http://mdc.hr/muzealci-ispis\\_en.aspx?muzealacld=49&print=yes](http://mdc.hr/muzealci-ispis_en.aspx?muzealacld=49&print=yes)>. Acesso em: 22 abr. 2015.

NAVARRO, Óscar. Museos nacionales y representación: ética, museología y historia. In: ICOM – ICOFOM – ICOFOM LAM ICOFOM SIB [Sibéria]. **Simpósio Museologia y Historia: un campo del conocimiento**. Córdoba [Argentina]: 2006. p. 1-7. Disponível em: <<http://www.ilam.org/ILAMDOC/MuseosRepresentacion.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2015.

NEWSEUM. **Newseum**. Disponível em: <<http://www.newseum.org/>>. Acesso em: 8 maio 2011.

OBEISSANCE civile. **Journal Mural**. Disponível em: <<http://www.journalmural.com/2010/11/obeissance-civile/>>. Acesso em 21 abr. 2011.

O JOGO da amarelinha. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Jogo\\_da\\_Amarelinha](http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Jogo_da_Amarelinha)>. Acesso em: 26 maio 2015.

ORENGO, Janette. **La evaluación dentro del concepto de educación procesal**. Disponível em: <[http://www.suagm.edu/umet/biblioteca/Reserva\\_Profesores/janette\\_orengo\\_educ\\_409/Cap1\(c\)La\\_evaluacion\\_dentro\\_del\\_concepto\\_de\\_educacion\\_procesal.pdf](http://www.suagm.edu/umet/biblioteca/Reserva_Profesores/janette_orengo_educ_409/Cap1(c)La_evaluacion_dentro_del_concepto_de_educacion_procesal.pdf)>. Acesso em: 17 nov. 2011.

OS DITADORES não são eternos, mas a hipocrisia de seus cúmplices sim. **Bondeblog**. Disponível em: <<http://007bondeblog.blogspot.com/2011/02/os-ditadores-nao-sao-eternos->

mas.html?utm\_source=feedburner&utm\_medium=feed&utm\_campaign=Feed%3A+blogspot%2FNIKX+%28007BONDeblog%29>. Acesso em: 18 abr 2011.

PARMÊNIDES, Xenófonos. **Filósofos épicos I: Parmênides e Xenófanos**, fragmentos. Edição do texto grego, revisão e comentários. Fernando Santoro. Revisão Científica Néstor Cordero. Rio de Janeiro: Hexis, Fundação Biblioteca Nacional, 2011. p. 57. Disponível em: <[http://www.academia.edu/1220814/Filosofos\\_Epicos\\_I\\_Parmenides\\_e\\_Xenofanes\\_fragmentos](http://www.academia.edu/1220814/Filosofos_Epicos_I_Parmenides_e_Xenofanes_fragmentos)>. Acesso em: 14 nov. 2013.

PATRIMONIUM. **Wikipedia**. Disponível em: <<https://de.wikipedia.org/wiki/Patrimonium>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

PEZATTI, Erotilde Goreti. A gramática da derivação sufixal: os sufixos formadores de substantivos abstratos. In: **Alfa**, São Paulo, 34: 153-174, 1990. Disponível em: <<http://br.bing.com/search?q=seer.fclar.unesp.br%2Falfa%2Farticle%2Fdownload%2F3837%2F3544&form=DLCDF8&pc=MDDC&src=IE-SearchBox>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977. (Estudos, 46.)

PIERRE, Caterina Y. Louis-Ernest Barrias and modern allegories of technology. **Nineteenth Century Art Worldwide**. v.11, n.2, summer 2012. <Disponível em: <http://www.19thc-artworldwide.org/index.php/summer12/caterina-pierre-louis-ernest-barrias>>. Acesso em 11 out. 2012.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro, Informação: esse obscuro objeto da ciência da informação. **Morpheus**, v. 2, n. 4, 2004. Disponível em: <<http://www.unirio.br/morpheusonline/Numero04-2004/lpinheiro.htm>>. Acesso em: 29 dez. 2011.

PLIMPTON 322. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Plimpton\\_322](http://en.wikipedia.org/wiki/Plimpton_322)>. Acesso em: 14 nov. 2012.

PREZOTTO, Joseane. **O Crátilo de Platão: uma leitura**. Curitiba, UFPR, 2004. Disponível em: <<http://www.classicas.ufpr.br/projetos/monografias/JoseanePrezotto-Cratilo.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

PRITCHARD, Duncan; TURRI, John. The Value of Knowledge. In: **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. 2011. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/knowledge-value/>>. Acesso em: 18 nov. 2011.

QUADROS de uma exposição. In: **Wikipedia**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Quadros\\_de\\_uma\\_Exposi%C3%A7%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Quadros_de_uma_Exposi%C3%A7%C3%A3o)>. Acesso em: 11 abr. 2013.

RAYWARD, W. Boyd. **Visions of Xanadu: Paul Otlet (1868–1944) and Hypertext**. In: *Jasis* 45, p. 235–250, 1994. Disponível em: <<http://people.lis.illinois.edu/~wrayward/otlet/xanadu.htm>>. Acesso em: 3 mar. 2015.

RAZGON, A.M. Research work in museums: its possibilities and limits / Le travail de recherche dans le musée: Possibilités et limites. In: ICOM – ICOFOM. **Possibilities and limits in scientific research typical for the museums / Possibilités et limites de la recherche scientifique typiques pour les musées**. Polônia: 1978. p. 20-45; 99-127.

RECUPERAÇÃO de informação. **Wikipedia**. Disponível em: [,http://pt.wikipedia.org/wiki/Recupera%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_informa%C3%A7%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Recupera%C3%A7%C3%A3o_de_informa%C3%A7%C3%A3o)> Acesso em: 29 dez. 2011.

RELEVANCE (information retrieval). **Wikipedia**. Disponível em: [<http://en.wikipedia.org/wiki/Relevance\\_\(information\\_retrieval\)>](http://en.wikipedia.org/wiki/Relevance_(information_retrieval)). Acesso em: 29 dez. 2011.

RELEVÂNCIA **Wikipedia**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Relev%C3%A2ncia>>. Acesso em: 29 dez. 2011.

REINBACHER, W. Rudolph. **Leben, Arbeit und Umwelt des Arztes Johann Daniel Major**. Linsengericht [Alemanha]: M. Kroeber, 1998. Disponível em: [http://www.kieler-stadtentwicklung.de/Daten/Johann\\_Daniel\\_Major.html](http://www.kieler-stadtentwicklung.de/Daten/Johann_Daniel_Major.html)>. Acesso em: 11 abr. 2015.

RELATION (mathematics). **Wikipedia**. Disponível em: [http://simple.wikipedia.org/wiki/Relation\\_\(mathematics\)](http://simple.wikipedia.org/wiki/Relation_(mathematics))>. Acesso em: 12 dez. 2011.

REPRESENTAMEN. **Wikipedia**. Disponível em: <http://en.wiktionary.org/wiki/representamen>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

SANSONI, Andrés. Acercamiento “lógico” y “onto-lógico” a la categoría *patrimonio cultural inmaterial*. In: ICOFOM-LAM. **Museología y Patrimonio Intangible en América latina y el Caribe: una visión integradora**. La Antigua Guatemala, Guatemala, 2004. Disponível em: [http://network.icom.museum/fileadmin/user\\_upload/minisites/icofom/pdf/99.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/99.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2013.

SCHEINER, Tereza. **Apolo e Dioniso no Templo das Musas: Museu - gênese, idéia e representações em sistemas de pensamento da sociedade ocidental**. 1998. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

\_\_\_\_\_. Editorial. [apresentado na XVI Conferência Geral do ICOM, Canadá, set. 1992]. In: ICOM – ICOFOM - ICOFOM-LAM. **Bulletin**, a.3, n.6/7, dez. 1992 – abr. 1993.

\_\_\_\_\_. **Imagens do ‘não-lugar’**: comunicação e os novos patrimônios. 2004. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

\_\_\_\_\_. Muséologie, éducation et action communautaire. In: ICOM – ICOFOM – ICOFOM LAM / CECA. **Museologia, Educação e Ação Comunitária**. VI Encontro Regional do ICOFOM LAM / CECA / ICOM. Cuenca, Equador, out. 1994.

\_\_\_\_\_. Musée et Muséologie: définitions en cours. In: MAIRESSE, François, DESVALLÉES, André; VAN PRAET, Michel. (Org.). **Vers une redéfinition du musée?** Paris : L’Harmattan, 2007. p. 147-165.

\_\_\_\_\_. Repensando o museu integral: do conceito às práticas. **Boletim do Museu. Paraense. Emílio Goeldi**. Ciências. Humanas. v.7, n.1. Belém, jan./abr. 2012.

Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-81222012000100003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222012000100003). Acesso em: 3 mar. 2015.

SCHNEIDER, Evzen. "La voie du musée", exposition au musée Morave, Brno. **Museum**, Paris, v. 29, n. 4, p. 182-192, 1977.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

SCHROEDER, Mark. Value Theory. In: **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. 2008. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/entries/value-theory/>. Acesso em: 27 jul. 2011.

SHADID, Sharon; SILEN, Andrea. **Clinton Urges Global Internet Freedom**. Disponível em: <http://www.newseum.org/news/2010/01/clinton-urges-global-internet-freedom.html>. Acesso em: 8 maio 2010.

SOFKA, Vinos. Editorial. In: ICOM - ICOFOM. **La muséologie**: science ou seulement travail pratique du musée? Museological Working Papers / Documents de Travail sur la Muséologie - MuWoP / DoTraM, Estocolmo, n.1, p. 3, 1980.

\_\_\_\_\_. Introduction du rédacteur en chef. In: ICOM - ICOFOM. **La muséologie**: science ou seulement travail pratique du musée? Museological Working Papers / Documents de Travail sur la Muséologie - MuWoP / DoTraM, Estocolmo, n.1, p. 6, 1980.

\_\_\_\_\_. Introduction du rédacteur en chef. In: ICOM - ICOFOM. **La théorie des systèmes et la muséologie**. Museological Working Papers / Documents de Travail sur la Muséologie - MuWoP / DoTraM, Estocolmo, n.1, p. 3, 1980. MuWoP/ DoTraM, n.2, p.8, 1981.

SOKAL, Alan; BRICMONT, Jean. **Imposturas intelectuais**. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010.

SOLA, Tomislav. **Heritology**: A contribution to a possible definition of museology. Paris: 1982. Disponível em: <http://heritology.com/index2.html>. Acesso em: 15 de mar. 2007.

\_\_\_\_\_. **A Contribution to Understanding of Museums: Why Would the Museums Count?** Disponível em: <http://dzs.ffzg.unizg.hr/text/sola-contribution.htm>. Acesso em: 25 mar. 2015. [texto de a partir de 1998].

SONNFRIED Streicher. **Wikipedia**. Disponível em: [https://de.wikipedia.org/wiki/Sonnfried\\_Streicher](https://de.wikipedia.org/wiki/Sonnfried_Streicher). Acesso em: 11 fev. 2015.

SOUZA FILHO, Augusto Bello de. **A metodologia da filosofia**. Disponível em: <http://www.bibliapage.com/filosof2.html>. Acesso em: 29 set. 2013.

STANFORD University. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Disponível em: <http://plato.stanford.edu>. Acesso em: 26 maio 2013.

STECKNER, Cornelius. Das Museum Cimbricum von 1688 [O museu cimbricum de 1688] und die cartesianische "Perfection des Gemüthes" [A "perfeição da mente" cartesiana]. In: GROTE, A. (Hrsg.) **Macrocosmos in Microcosmo**. Die Welt in der



Stube. Zur Geschichte des Sammelns 1450 bis 1800 [O Macrocosmo no microcosmo: o mundo na sala. Sobre a história das coleções – de 1450 a 1800]. Opladen: s.n., 1994.

STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005.

\_\_\_\_\_. Das Öko-Paradigma und die Museologie. **Museum Aktuell**, [Munique], [Christian Müller-Straten], 51, 2025-2028, 1999.

\_\_\_\_\_, ed. **Estudos básicos de Museologia**. Banska Bystrica [Eslováquia]: Departamento de Eco-Museologia - Universidade Matej Bel, 2000. Disponível em: [http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=sk&u=http://muff.uffs.net/skola/muzeo/bb\\_zaklady\\_studia\\_muzeologie.pdf&prev=search](http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=sk&u=http://muff.uffs.net/skola/muzeo/bb_zaklady_studia_muzeologie.pdf&prev=search)>. Acesso em: 25 mar. 2015. Disponível em: <[http://muff.uffs.net/skola/muzeo/bb\\_zaklady\\_studia\\_muzeologie.pdf](http://muff.uffs.net/skola/muzeo/bb_zaklady_studia_muzeologie.pdf)>. [Original em eslovaco]

\_\_\_\_\_. [La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée?]. In : ICOM – ICOFOM. **La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée?** Museological Working Papers / Documents de Travail sur la Muséologie - MuWoP / DoTraM, Estocolmo, n.1, p. 42-44, 1980.

\_\_\_\_\_. Is museology a sequel of the existence of museums or did it proceed their arrival and must museology thus programme their future? In: **Museology and Museums**, Basic Papers, ICOFOM Symposium (Helsinki- Espoo, September 1987), ICOFOM Study Series, 12, p. 287-292, 1987.

\_\_\_\_\_. La muséologie est-elle une consequence de l'existence des musées ou les précède-t-elle et determine [t-elle] leur avenir? In: **Museologie et Musées**, ICOFOM Study Series, n.12, p. 293-298, 1987.

\_\_\_\_\_. La théorie des systèmes et la muséologie. In : ICOM – ICOFOM. **La théorie des systèmes et la muséologie**. Museological Working Papers / Documents de Travail sur la Muséologie – MuWoP / DoTraM, Estocolmo, n. 2, p. 72-76, 1981.

\_\_\_\_\_. Predmet muzeologie. In: \_\_\_\_\_. ed. **Sborník materiálu prvního muzeologického sympozia**. Brno: Museu da Morávia, 1965. p. 30-33.

\_\_\_\_\_. Prefácio de "Quem é Quem em museus". **Museum Aktuell**. Munique: Christian Müller-Straten, maio 2003, p. 1-4. última revisão, maio 2005. Disponível em: <<[http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=de&tl=pt&u=http%3A%2F%2Fwww.museum-aktuell.de%2Fpdf%2Fvorwort\\_ma.pdf&anno=2](http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=de&tl=pt&u=http%3A%2F%2Fwww.museum-aktuell.de%2Fpdf%2Fvorwort_ma.pdf&anno=2)>>. Acesso em: 27 fev. 2015.

SUDEC. Katja, dir. Verena Vidrih Perko. In: **Cooperate – Institut UPS**. [Eslovênia?: 2011-2012?]. Disponível em: <<http://www.co-operateskuc.com/projects/aktiv/lecturers-526/verena-vidrih-perko>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

SUPREMATISM. **The Art Story**: Modern Art Insight. Disponível em: <<http://www.theartstory.org/movement-suprematism.htm>> . Acesso em: 11 fev. 2015.

TARZAN. **Wikipedia**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Tarzan>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

TEOREMA de Pitágoras. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Teorema\\_de\\_Pit%C3%A1goras](http://pt.wikipedia.org/wiki/Teorema_de_Pit%C3%A1goras)>. Acesso em: 14 nov. 2012.

TERNO pitagórico. **Wikipedia**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Terno\\_pitag%C3%B3rico](https://pt.wikipedia.org/wiki/Terno_pitag%C3%B3rico)>. Acesso em: 14 nov. 2012.

THE WASHINGTON POST. 29 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2010/11/29/AR2010112903231.html>>. Acesso em: 08 maio 2011.

THOW-Yick, L. The Basic Entity Model: A fundamental theoretical model of information and information processing. **Information Processing & Management**, 30(5), 1994. p. 647-661.

TOMISLAV Sola. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Tomislav\\_%C5%A0ola](http://en.wikipedia.org/wiki/Tomislav_%C5%A0ola)>. Acesso em: 23 abr. 2015.

TRIANGLE of reference. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Triangle\\_of\\_reference](http://en.wikipedia.org/wiki/Triangle_of_reference)>. Acesso em: 25 fev. 2015.

TSURUTA, Soichiro. In: ICOM - ICOFOM. **La muséologie**: science ou seulement travail pratique du musée? Museological Working Papers / Documents de Travail sur la Museologie – MuWoP / DoTraM. n.1, p. 47-49, 1980.

UNESCO. **Decisions adopted by the World Heritage Committee** at its 36th session (Saint-Petersburg, 2012). World Heritage Com, 36, 2012, whc-12/36.com/19. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/archive/2012/whc12-36com-19e.pdf>>. Acesso em: 12 dez, 2012.

\_\_\_\_\_. **Rio de Janeiro**: Carioca Landscapes between the Mountain and the Sea. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/1100/>; <<http://whc.unesco.org/en/decisions/4813>>. Acesso em: 15 dez. 2012.

.UNIVERSIDADE Federal de Minas Gerais – Escola de Belas Artes. **Aula 7**. Disponível em: <<http://www.eba.ufmg.br/graduacao/materialdidatico/apl001/aula007web.html>>. Acesso em: 14 nov. 2012.

UNIVERSITÉ d’Artois. **Expo-museographie**. Disponível em : < <http://www.formation-exposition-musee.com/>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

UNIVERSITÉ d’Avignon. **Davallon, Jean**. Disponível em:< <http://www.univ-avignon.fr/fr/recherche/annuaire-chercheurs/membrestruc/personnel/davallon-jean.html>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

UNIVERSITY of Belgrade. **Dragan Bulatovic**. Disponível em: <[http://www.f.bg.ac.rs/cv/BUDR\\_117.pdf](http://www.f.bg.ac.rs/cv/BUDR_117.pdf)>. Acesso em: 22 abr. 2015.

UNRESTRICTED open internet acess ... **Wordpress**. Disponível em: <<http://digiphile.wordpress.com/2010/01/21/unrestricted-open-internet-access-is-a-top-foreign-policy-for-the-us/>>. Acesso em: 8 maio 2010.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Russian Avant-Garde Theatre**: War, Revolution and Design. [2014]. Disponível em: <<http://www.vam.ac.uk/blog/russian-avant-garde-theatre-war-revolution-and-design-1913-1933/when-the-point-of-support-disappears>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

VILELA, Fábio Renato. **Lógica, logos e logicismo**: ensaio filosófico. 2010. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/ensaios/2301124>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

VIERGEK, Hildegard K., ed. **Museologia e Filosofia**. ICOM - ICOFOM Study Series – ISS 31. Coro, Venezuela, 28/11 – 4/12/1999. Preprints. Munique: Museums Pädagogisches Zentrum, [2000?].

VLADIMÍR Denkstein. **Wikipedie**. Disponível em: <[http://cs.wikipedia.org/wiki/Vladim%C3%ADr\\_Denkstein](http://cs.wikipedia.org/wiki/Vladim%C3%ADr_Denkstein)>. Acesso em: 11 fev. 2015.

VOJTECH Filkorn. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://sk.wikipedia.org/wiki/Vojtech\\_Filkorn](http://sk.wikipedia.org/wiki/Vojtech_Filkorn)>. Acesso em: 10 fev. 2015.

WIKI. **Wikipedia**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Wiki>> . Acesso em: 8 maio 2011.

WIKILEAKS. **Wikipedia**. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/WikiLeaks>>. Acesso em: 20 maio 2011.

ZBYNEK Zbyslav Stránský. **Wikipedia**. Disponível em: <[http://cs.wikipedia.org/wiki/Zbyn%C4%9Bk\\_Zbyslav\\_Str%C3%A1nsk%C3%BD](http://cs.wikipedia.org/wiki/Zbyn%C4%9Bk_Zbyslav_Str%C3%A1nsk%C3%BD)>. Acesso em: 10 fev. 2015.

ZIMMERMAN, Michael J. Intrinsic vs. Extrinsic Value. 2002, rev.2010. In: **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/value-intrinsic-extrinsic/>>. Acesso em: 19 out. 2011.

# APÊNDICES

## Apêndice 01

Levantamento de dissertações de mestrado do PPG-PMUS, de 2008 ao 1º semestre de 2014, por Victor Ramuz, a pedido.

Título da Dissertação	Autor (a)	Ano	Palavras-chave	Orientador e Membros da Banca
<b>Do monumento ao fragmento:</b> o Jardim de passados do museu Casa de Rui Barbosa.	Ana Cristina de Oliveira Sampaio.	2008	Museologia. Patrimônio material. Arqueologia. Museu Casa de Rui Barbosa	José Mauro Loureiro Rosana Pinhel Mendes Najjar Nilson Alves Moraes
<b>Quando o Museu abre portas e janelas.</b>	Bruno C. Brulon Soares.	2008	Museu. Museologia. Nova Museologia. Museu comunitário. Novo Museu	Tereza C. M. Scheiner Márcio D'Olive Campos Heloisa Helena Costa Márcio Rangel
<b>Espaços Urbanos em Processo de Representação:</b> Praça Floriano Peixoto e Ilha dos Museus.	Lucia Helena dos Santos Torres	2008	1. Museologia. 2. Patrimônio. 3. Arquitetura e história. 4. Espaços públicos urbanos. 4. Praça Floriano Peixoto (Rio de Janeiro, RJ). 5. Ilha dos Museus (Berlim, Alemanha).	Nilson Moraes Sonia Gomes Pereira Nireu Cavalcanti Luis Carlos Borges
<b>Em direção à Museologia Latino-Americana:</b> o papel do ICOFOM LAM no fortalecimento da Museologia como campo disciplinar.	Luciana Menezes de Carvalho	2008	Museu. Museologia. América Latina. ICOM. ICOFOM LAM	Tereza Cristina Scheiner Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda Moema de Rezende Vergara Suely Moraes Ceravolo

<p><b>Espaço construído:</b> o museu e suas exposições.</p>	<p>Elisa Guimarães Ennes.</p>	<p>2008</p>	<p>Museu, Comunicação, Exposição, Linguagens da exposição</p>	<p>José Dias  Priscila de Siqueira Kuperman  Rosane Maria Rocha de Carvalho</p>
<p><b>O Objeto da Museologia:</b> a via conceitual aberta por Zbynek Zbyslav Stransky.</p>	<p>Anaildo Bernardo Baraçal</p>	<p>2008</p>	<p>Museu. Museologia. Metamuseologia. Musealidade. Zbynek Stránsky. ICOFOM.</p>	<p>Tereza Cristina Moletta Scheiner  José Mauro Matheus Loureiro  Nélida Gonzáles de Gómez</p>
<p><b>A patrimonialização de material genético brasileiro:</b> o estudo de caso da coleção de cultura de fungos filamentosos do Instituto Oswaldo Cruz.</p>	<p>Roberta Nobre da Câmara.</p>	<p>2008</p>	<p>1. Coleção de Fungos Filamentosos do Instituto Oswaldo Cruz. 2. Funfilamentosos – Catálogos e coleções – Brasil. 3. Patrimônio genético – dos de casos. 4. Museus de ciência</p>	<p>Marcus Granato  Magali Romero Sá  Marcio d’Olive Campos  Marcio Ferreira Rangel</p>
<p><b>O museu como vereda fértil:</b> a Museologia no Museu de Arte Contemporânea.</p>	<p>Tatiana Gonçalves Martins</p>	<p>2008</p>	<p>Museu e Museologia. Arte Contemporânea. Museu de Arte Contemporânea. MAC de Niterói.</p>	<p>Tereza Cristina Moletta Scheiner  Diana Farjalla Correia Lima  Rosane Maria Rocha de Carvalho</p>
<p><b>Sala do artista popular:</b> tradição, identidade e mercado.</p>	<p>Luiz César Baía</p>	<p>2008</p>	<p>Museologia, Patrimônio, Arte Popular, Identidade, Tradição e Mercado.</p>	<p>Nilson Alves de Moraes  José Mauro Matheus Loureiro  Luiz Carlos Borges  Myrian Sepúlveda dos Santos</p>

<p><b>A Exposição como encenação e a intermediação museológica:</b> parâmetros de técnica de encenação teatral que podem ser usados na exposição.</p>	<p>Luisa Olinto do Valle Silva</p>	<p>2009</p>	<p>Museu; teatro; exposição; encenação; arte; intermediação</p>	<p>José da Silva Dias  Sibele Cazelli  Maria de Lourdes Naylor Rocha</p>
<p><b>Museu e ato criativo</b></p>	<p>Maria Fernanda Terra Maluf</p>	<p>2009</p>	<p>Museu, Museologia, Arte, Ato criativo, Criatividade, Percepção, Imaginação, Memória, Linguagem, Formas Simbólicas, Representação, Espacialismo, Universalismo Construtivo.</p>	<p>Tereza Cristina Moletta Scheiner  José da Silva Dias  Luiz Guilherme de Barros Falcão Vergara</p>
<p><b>A invenção do patrimônio histórico musealizado no bairro da Cidade Velha de Belém do Pará, 1994-2008</b></p>	<p>Rosangela Marques de Brito</p>	<p>2009</p>	<p>Invenção. Patrimônio histórico musealizado. Simbolização.</p>	<p>Cristóvão Fernandes Duarte  Heloísa Helena Fernandes  Luiz Carlos Borges  Nilson Alves</p>
<p><b>Patrimônio a contragosto:</b> a presença de bens culturais na vida cotidiana de São Miguel das Missões</p>	<p>Willians Fausto Silva</p>	<p>2009</p>	<p>1. Museu das Missões (RS). 2. Museologia. 3. Patrimônio cultural – Aspectos sociais – São Miguel das Missões (RS). 4. Símbolos sociais e culturais. 5. Museus</p>	<p>Mário de Souza Chagas  Márcio D’Oliveira Campos  Clarice Ehlers Peixoto</p>
<p><b>O Tombamento: de instrumento a processo na construção de narrativas da nação.</b></p>	<p>Julia Wagner Pereira</p>	<p>2009</p>	<p>Tombamento, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Narrativas nacionais, Preservação.</p>	<p>José Mauro Matheus Loureiro  Thereza de Barcellos Bauman  Nilson Alves de Moraes</p>

<p><b>Fragmentos Urbanos:</b> O Patrimônio e a construção das imagens simbólicas nas cidades contemporâneas.</p>	<p>Carlos Eduardo Ribeiro Silveira</p>	<p>2009</p>	<p>patrimônio - paisagem urbana – museu – memória social – identidade.</p>	<p>Nilson Alves de Moraes José Mauro Matheus Loureiro Heloísa Fernandes Gonçalves da Costa Maria Lygia Alves Niemeyer</p>
<p><b>Geoconservação e Musealização:</b> a aproximação entre duas visões de mundo. Os múltiplos olhares para um patrimônio</p>	<p>Aline Rocha de Souza</p>	<p>2009</p>	<p>Musealização.</p>	<p>Deusana Maria da Costa Machado Heloísa Helena Gonçalves da Costa Rita de Cássia Tardin Cassab</p>
<p><b>Museu de Imagens do Inconsciente:</b> das coleções da loucura aos desafios contemporâneos.</p>	<p>Eurípedes Gomes da Cruz Junior</p>	<p>2009</p>	<p>1. Museu de Imagens do Inconsciente. 2. Silveira, Nise da, 1905-1999. 3. Coleções da loucura. 4. Arte e ciência. 5. Patrimônio cultural. 6. Museus</p>	<p>Lena Vania Ribeiro Pinheiro Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda Maria Cristina dos Reis Amendoeira</p>
<p><b>Patrimônio Aeronáutico:</b> Presenças e ausências no Museu Aeroespacial brasileiro</p>	<p>Felipe Koeller Rodrigues Vieira</p>	<p>2009</p>	<p>1. Museologia. 2. Patrimônio. 3. Patrimônio Aeronáutico. 4. Conservação. 5. Museu Aeroespacial Brasileiro.</p>	<p>Marcus Granato Heloisa Helena Fernandes Gonçalves da Costa Henrique Lins de Barros</p>
<p><b>O Tombamento:</b> de instrumento a processo na construção de narrativas da nação.</p>	<p>Julia Wagner Pereira</p>	<p>2009</p>	<p>Tombamento, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Narrativas nacionais, Preservação.</p>	<p>José Mauro Matheus Loureiro Thereza de Barcellos Bauman Nilson Alves de Moraes</p>

<p><b>Coleção de Paleontologia do Museu de Ciências da Terra/DNPM-RJ:</b> patrimônio da paleontologia brasileira.</p>	<p>Fernanda Nascimento Magalhães Pinto</p>	<p>2009</p>	<p>1. Patrimônio. 2. Geociências 3. Coleção Paleontológica</p>	<p>Deusana Maria da Costa Machado</p> <p>Rita de Cássia Tardin Cassab</p> <p>Moema de Rezende Vergara</p> <p>Marcus Granato</p> <p>Vera Maria Medina da Fonseca</p>
<p><b>A cartografia no Exército Brasileiro:</b> um olhar sobre a construção das narrativas de patrimônio nacional.</p>	<p>Flávia do Carmo Pereira</p>	<p>2009</p>	<p>Patrimônio. Memória. Cartografia. Nação. Território</p>	<p>Luiz Carlos Borges</p> <p>Nilson Alves de Moraes</p> <p>Douglas Corbari Corrêa</p>
<p><b>Curso de Museus - MHN- 1932-1978:</b> o perfil acadêmico-profissional.</p>	<p>Graciele Karine Siqueira</p>	<p>2009</p>	<p>1. Museu – Estudo e Ensino. 2. Museu Histórico Nacional – História- Brasil. 3. Museologia – Brasil</p>	<p>Ivan Coelho de Sá</p> <p>Marcus Granato</p> <p>Fátima Regina Nunes Nascimento</p>
<p><b>Proteção ao patrimônio cultural brasileiro:</b> análise da articulação entre tombamento e registro.</p>	<p>Mario Ferreira de Pragmácio Telles</p>	<p>2010</p>	<p>Patrimônio Cultural. Tombamento. Registro. Maracanã.</p>	<p>Marcio D’Olive Campos</p> <p>Mário se Souza Chagas</p> <p>Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti</p>
<p><b>Coleções, colecionadores e museus:</b> entre o visível e o invisível. Um estudo acerca da Casa de Cultura Cristiano Câmara, em Fortaleza, Ceará.</p>	<p>Michel Platini Fernandes da Silva</p>	<p>2010</p>	<p>Coleção. Museu. Colecionador. Colecionismo. Christiano Câmara</p>	<p>Ivan Coelho de Sá</p> <p>Márcio Ferreira Rangel</p> <p>Fátima Regina Nascimento</p>



<p><b>Navegando no Museu Virtual:</b> um olhar sobre formas criativas do fenômeno museu.</p>	<p>Monique Magaldi</p>	<p>2010</p>	<p>Museu. Museologia. Virtual. Internet. Museu Virtual.</p>	<p>Tereza Cristina Scheiner Lena Vania Ribeiro Pinheiro Marília Xavier Cury</p>
<p><b>Encantamento e estranhamento:</b> como moradores de Belo Horizonte experimentam o Museu de Artes e Ofícios.</p>	<p>Maira Freire Naves Corrêa</p>	<p>2010</p>	<p>Museu de Artes e Ofícios. Público. Museu. Turismo. Encantamento. Estranhamento. Experiência turística.</p>	<p>Rosane Maria Rocha de Carvalho Tereza Scheiner Sibele Cazelli</p>
<p><b>Educação museal – Entre dimensões e funções educativas:</b> a trajetória da 5ª Seção de Assistência ao Ensino de História Natural do Museu Nacional.</p>	<p>Marcele Regina Nogueira Pereira</p>	<p>2010</p>	<p>Museus, educação, Brasil, dimensões, Museu Nacional, Roquette Pinto</p>	<p>Mário de Souza Chagas Libânia Nacif Xavier Sibele Cazelli Jorge Antônio Rangel Maria Ester Alvarez Valente</p>
<p><b>Ciência em flashes :</b> museologia, patrimônio e divulgação no Espaço COPPE Miguel de Simoni Tecnologia e Desenvolvimento Social.</p>	<p>Michele de Lima Gonçalves</p>	<p>2011</p>	<p>Museus e Centros de Ciência, Patrimônio Científico e Divulgação da Ciência</p>	<p>Moema Rezende Vergara Maria Esther Valente Henrique Lins e Barros Márcio Rangel</p>
<p><b>A trajetória da formação da Coleção de Objetos de C&amp;T do Observatório do Valongo.</b></p>	<p>Maria Alice Ciocca de Oliveira.</p>	<p>2011</p>	<p>Museologia, patrimônio científico, coleções, Observatório do Valongo</p>	<p>Marcus Granato Marta C. Lourenço Marcio Rangel</p>

<b>A 'maceguenta' memória social na política cultural da 'azamboada' Campos dos Goytacazes.</b>	Maria Azevedo Moretto	2011	patrimônio – dispositivo – política cultural - Campos dos Goytacazes – ocultamento.	Nilson Alves de Moraes ? ?
<b>Museu Imperial, Metodologias de Conservação e Restauração Aplicadas às Coleções: uma narrativa.</b>	Eliane Marchesini Zanatta	2011	Patrimônio; Museologia; Museus; Preservação; Conservação; Restauração.	Fátima Nascimento  Marcus Granato  Ivan Coelho de Sá  Diana Farjalla Correia Lima
<b>A produção de renda irlandesa e seu aprendizado em Campos dos Goytacazes / RJ.</b>	Jorge Luiz do Amaral	2011	Não constam palavras-chave	Maria Cecília de Castello Branco Fantinato  Diana Farjalla Correia Lima  Marcio D'Oliveira Campos
<b>Design da experiência nos jardins botânicos</b>	Lilian Mariela Suescun Flórez	2011	Museu. Museologia. Patrimônio. Design. Jardins Botânicos. Exposição. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.	Tereza Cristina Moletta Scheiner  Priscila de Siqueira Kuperman  Nelson Rodrigues Sanjad
<b>A PRODUÇÃO DE RENDA IRLANDESA E SEU APRENDIZADO EM CAMPOS DOS GOYTACAZES / RJ</b>	Jorge Luiz do Amaral	2011	Não constam palavras-chave	Maria Cecília de Castello Branco Fantinato  Diana Farjalla Correia Lima  Marcio D'Oliveira Campos

<b>Design da Experiência nos jardins botânicos.</b>	Lilian Mariela Suescun Flórez	2011	Museu. Museologia. Patrimônio. Design. Jardins Botânicos. Exposição. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.	Tereza Cristina Moletta Scheiner  Priscila de Siqueira Kuperman  Nelson Rodrigues Sanjad
<b>Curandeiros e pajés numa leitura museológica:</b> o Museu do Marajó Pe. Giovanni Gallo - PA.	Karla Cristina Damasceno de Oliveira	2012	Amazônia, pajelança, imaginário; Museu do Marajó; patrimônio.	Luiz Carlos Borges  Márcio D'Olive Campos  Alda Lúcia Heizer
<b>Arte contemporânea no museu:</b> um estudo de caso do Instituto Inhotim.	Anna Thereza do Valle Bezerra de Menezes	2012	Museu; Museologia; Arte contemporânea; Instituto Inhotim; Inhotim	Heloisa Helena Fernandes Gonçalves da Costa  Ivan Coelho de Sá  Maria de Lourdes Parreiras Horta
<b>Vivências do museu:</b> a arquitetura e os caminhos da museografia no Museu de Astronomia e Ciências Afins.	Antônio Carlos Martins	2012	Arquitetura, Museologia, Museu, Museografia e Patrimônio	José Dias  Maria Esther Alvarez Valente  Alda Lúcia Heize
<b>Curandeiros e pajés numa leitura museológica:</b> o Museu do Marajó Pe. Giovanni Gallo - PA.	Karla Cristina Damasceno de Oliveira	2012	Amazônia, pajelança, imaginário; Museu do Marajó; patrimônio.	Luiz Carlos Borges  Márcio D'Olive Campos  Alda Lúcia Heizer
<b>A Patrimonialização de Remanescentes do Processo de Industrialização:</b> o legado Cia. Nacional de Álcalis.	Cláudia Machado Ribeiro	2012	Museologia. Patrimônio. Patrimônio industrial. Cia. Nacional de Álcalis	Marcus Granato  Diana Farjalla Correia Lima  Cristina Meneguello

<p><b>Um artista desvenda o 'Labirinto':</b> a fraseologia documental de Hélio Oiticica aplicada à sua produção.</p>	<p>Daniela Matera do Monte Lins Gomes</p>	<p>2012</p>	<p>Não constam palavras-chave</p>	<p>Irene V. Small  Lena Vania Ribeiro Pinheiro  Diana Farjalla Correia Lima</p>
<p><b>Museus Castro Maya:</b> de coleção privada a museu público.</p>	<p>Denise Maria da Silva Batista</p>	<p>2012</p>	<p>Museu. Museologia. Patrimônio cultural. Institucionalização de coleções. Colecionismo. Coleções e colecionadores – Rio de Janeiro (RJ). Museus Castro Maya – História. Maya, Raymundo Ottoni de Castro, 1894-1968.</p>	<p>Marcio Ferreira Rangel  Tereza Cristina Moletta Scheiner  Myrian Sepúlveda dos Santos</p>
<p><b>Arte urbana no contexto social chileno:</b> intervenções de arte no Chile.</p>	<p>Marcela Arriagada Jofré</p>	<p>2012</p>	<p>Museologia, Patrimônio, Arte Chilena contemporânea, Arte conceitual, Intervenções de arte.</p>	<p>Nilson Alves de Moraes  Luis Carlos Borges  Tereza Cristina Moletta Scheiner  Marcelo Campos</p>
<p><b>Sobre os museus pela paz.</b></p>	<p>Marcelo Sá de Sousa.</p>	<p>2012</p>	<p>Museu. Museologia. Museus pela Paz. Paz. Tanatomuseologia. Política.</p>	<p>Heloísa Helena F. G. da Costa  Marília Xavier Cury  Tereza Cristina Scheiner</p>

<p><b>Litígios patrimoniais:</b> as disputas pela representação do patrimônio nacional (1967-1984).</p>	<p>Roberto Sabino da Silva.</p>	<p>2012</p>	<p>Representação, patrimônio, tombamento e preservação.</p>	<p>Lia Calabre  Nilson Moraes  Simone Weitzel  Márcio Rangel</p>
<p><b>Contra a conspiração da ignorância com a maldade:</b> a Inspetoria Estadual dos Monumentos Nacionais e o Museu Histórico e de Arte Antiga do Estado de Pernambuco.</p>	<p>Rodrigo José Cantarelli Rodrigues.</p>	<p>2012</p>	<p>Patrimônio Cultural – Proteção – Brasil; Inspetoria de Monumentos de Pernambuco; Museu do Estado de Pernambuco</p>	<p>Mário de Souza Chagas  Aline Montenegro Magalhães  Luiz Carlos Borges</p>
<p><b>Itinerários no acervo do instituto de antropologia da Universidade do Ceará (1958-1968):</b> a coleção Arthur Ramos como discurso.</p>	<p>Maria Josiane Vieira</p>	<p>2012</p>	<p>Museu Arthur Ramos, IAUC, Museologia e Patrimônio, Discurso e Imaginário.</p>	<p>Luiz Carlos Borges  Nilson Alves de Moraes  Priscila Faulhaber Barbosa  Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros</p>
<p><b>Famílias no Museu Nacional.</b></p>	<p>Eliane Ezagui Frenkel.</p>	<p>2012</p>	<p>1. Museu. 2. Público. 3. Interação familiar. 4. Conhecimento. 5. Comunicação em museu. 6. Educação não formal. 7. Experiência museal.</p>	<p>Denise Studart  Maria Esther A. Valente  Sibele Cazelli</p>
<p><b>As contribuições da museologia para a preservação e musealização do Parque Nacional da Tijuca.</b></p>	<p>Elisama Beliani</p>	<p>2012</p>	<p>Museu e Museologia, Patrimônio, Preservação, Musealização, Parque Nacional da Tijuca.</p>	<p>Rodrigo Jesus de Medeiros  Priscila de Siqueira Kuperman  Tereza Cristina Moletta Scheiner</p>

<p><b>A cidade paulista de Itu:</b> perspectivas relacionadas à patrimonialização e Musealização.</p>	<p>Emerson Ribeiro Castilho.</p>	<p>2012</p>	<p>1. Itu (SP). 2. Patrimônio Cultural - Proteção. 3. Cidades e vilas. 4. Museus. 5. Museologia. I. Lima, Diana Farjalla Correia. II. Universidade Federal do Estado</p>	<p>Marília Xavier Cury</p> <p>Heloisa Helena Gonçalves da Costa</p> <p>Diana Farjalla Correia Lima</p>
<p><b>Um olhar sobre a conservação de arte contemporânea brasileira do Museu Nacional de Belas Artes.</b></p>	<p>Geisa Alchorne de Souza</p>	<p>2012</p>	<p>Museu, Museologia, Conservação, Arte Contemporânea</p>	<p>Ivan Coelho de Sá</p> <p>Marcus Granato</p> <p>Maria Luisa Ramos de Oliveira Soares</p>
<p><b>Patrimônio arqueológico e museus:</b> a Coleção Balbino de Freitas e o Museu Nacional.</p>	<p>Helena Vieira Leitão de Souza</p>	<p>2012</p>	<p>Museus, Patrimônio, Pré-História Brasileira, Coleção Balbino de Freitas, Sambaquis.</p>	<p>Deusana Maria da Costa Machado</p> <p>Márcio Ferreira Rangel</p> <p>Rita de Cássia Tardin Cassab</p>
<p><b>Museu a seu modo:</b> o museu como dispositivo de validação da teoria social de Gilberto Freyre.</p>	<p>Gleyce Kelly Maciel Heitor</p>	<p>2013</p>	<p>Museu, Museologia, Dispositivo, Regionalismo, Gilberto Freyre.</p>	<p>Mário de Souza Chagas</p> <p>Alexandro Silva de Jesus</p> <p>Luiz Carlos Borges</p>
<p><b>A patrimonialização do imaterial:</b> um estudo de caso do samba carioca.</p>	<p>Álea Santos de Almeida</p>	<p>2013</p>	<p>Samba carioca; Patrimônio; Patrimonialização; Musealização</p>	<p>Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda</p> <p>Luiz Carlos Borges</p> <p>Márcio Ferreira Rangel</p> <p>Eduardo Ismael Murgia Maranon</p>

<b>Instrumentos científicos, um desafio para os museus:</b> estudo de caso das comissões de Luiz Cruls ao Planalto Central do Brasil.	Bianca Mandarino da Costa Tibúrcio.	2013	Instrumento científico; Museu de ciência; Biografia de instrumentos científicos; Divulgação científica.	Moema de Rezende vergara Antonio Augusto Videira Marcio Rangel
<b>O Estado Novo (1937-1945) e a política de aquisição de acervo do Museu Nacional de Belas Artes.</b>	Carlos Henrique Gomes da Silva.	2013	Patrimônio, Museus de Arte, Coleções de Arte, Desenvolvimento de coleções, Políticas de aquisição, Museu Nacional de Belas Artes	Lena Vania Ribeiro Pinheiro Diana Farjalla Correia Lima Rosane Maria Rocha de Carvalho Nilson Alves de Moraes Geraldo Moreira Prado
<b>Políticas públicas de C&amp;T e museus de ciência:</b> o Museu de Astronomia e Ciências Afins.	Ethel Rosemberg Handfas.	2013	Políticas Públicas, Museus de Ciência, Preservação do Patrimônio, Patrimônio Científico e Tecnológico.	Heloisa Helena Fernandes Gonçalves da Costa Lia Calabre de Azevedo Maria Esther Alvarez Valente
<b>Caminhos de Minas:</b> A Lei Robin Hood e as políticas municipais de preservação do patrimônio mineiro.	Luciana Christina C. Souza	2013	Patrimônio, Preservação, Políticas Públicas, Municipalização	Lia Calabre de Azevedo Márcio Ferreira Rangel Nilson Alves de Moraes
<b>Formação de mediadores em museus de ciência</b>	Isabel Lourenço Gomes	2013	1. Museus de ciência – Aspectos educacionais. 2. Mediadores – Formação. 3. Educação não-formal. 6. Saberes docentes	Gloria Regina p. C. Queiroz Maria Esther a. Valente Sibele Cazelli

<p><b>Um museu da cidade:</b> imaginário, debate museológico e o caso de Juiz de Fora.</p>	<p>Luciana Scanapieco Queiroz.</p>	<p>2013</p>	<p>Museu de Juiz de Fora, Museu de Cidade, CAMOC</p>	<p>Nilson Alves de Moraes  Marcos Olender  Marcio Rangel  Beatriz Kushnir</p>
<p><b>O patrimônio de ciência e tecnologia da Universidade Federal de Juiz de Fora:</b> concepção museológica das coleções.</p>	<p>Patrícia Muniz Mendes</p>	<p>2013</p>	<p>Museologia. Patrimônio de C&amp;T. Coleções universitárias. Universidade Federal de Juiz de Fora.</p>	<p>Marcio Ferreira Rangel  Marta Lourenço  Marcus Granato</p>
<p><b>Entre o mar e o militar:</b> o visitante do Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana.</p>	<p>Rafael Fraga Gutterres</p>	<p>2013</p>	<p>Museu; Museologia; Museus Militares; Patrimônio; Ressonância; Estudo de Público</p>	<p>Priscila Kuperman  Marcio Rangel  Hélio R. S. Silva  Luiz Carlos Borges</p>
<p><b>Antropologia, Arqueologia e identidade no nascimento do Museu Câmara Cascudo (1960-1973).</b></p>	<p>Raquel Barros dos Santos</p>	<p>2013</p>	<p>1. Instituto de Antropologia Câmara Cascudo. 2. Museu Câmara Cascudo. 3. Patrimônio cultural. 4. Museologia. 5. Arqueologia e história. 6. Identidade (Conceito filosófico).</p>	<p>Priscila Faulhaber Barbosa  Alejandra Saladino  João Pacheco de Oliveira</p>



<p><b>O público infantil no Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil.</b></p>	<p>Thamiris Bastos Lopes</p>	<p>2014</p>	<p>1. Museologia. 2. Museu de Arte. 3. Educação não formal. 4. Público Infantil. 5. Estudo de público.</p>	<p>Maria Cristina Monteiro P. de Carvalho  Maria Esther Alvarez Valente  Sibele Cazelli</p>
<p><b>Coleção Luíza Ramos:</b> um nordeste imaginado em rendas.</p>	<p>Márcia Pereira de Oliveira.</p>	<p>2014</p>	<p>Coleção. Rendas. Região. Nordeste. Luíza Ramos.</p>	<p>Nilson Alves Moraes  Thereza de Barcellos Baumann  Luísa Maria Gomes de Mattos Rocha</p>
<p><b>O valor que tem o Ver-o-Peso tem.</b></p>	<p>Paola Haber Maués</p>	<p>2014</p>	<p>Museu. Museologia. Patrimônio. Valor. Museu Integral. Ver-o-Peso.</p>	<p>Marisa Mokarzel  Priscila Kuperman  ?</p>
<p><b>Salvuarda do patrimônio fossilífero no espaço museu:</b> um estudo de caso sobre os processos de formação e curadoria das coleções paleontológicas pertencentes ao Museu da Geodiversidade.</p>	<p>Flávia Alessandra da Silva Figueiredo.</p>	<p>2014</p>	<p>Museologia; Museu; Coleção; Museu Universitário; Paleontologia; Patrimônio Fossilífero; Curadoria.</p>	<p>Alejandra Saladino  Márcio Ferreira Rangel  Magali Romero Sá</p>

## Apêndice 02

Levantamento sobre os cursos de graduação em Museologia no Brasil (ago-set 2013) por Marcella Bacha, a pedido, através de dados eletrônicos e a partir de base institucional fornecida pela Diretora da Escola de Museologia da UNIRIO, profa. Dra. Elisabete Mendonça, e complementado com Levantamento de Cursos de pós-graduação em museologia no Brasil (Mestrado e Doutorado), janeiro de 2015.

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO  
Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS)  
Departamento de Estudos e Processos Museais (DEPM)  
Museologia II  
Professor: Anaildo Bernardo Baraçal  
Monitora: Marcella Bacha

Levantamento de informações sobre cursos de Museologia no Brasil [com revisões do professor orientador]

RIO DE JANEIRO/RJ

2013

\* Monitora em 2013 da Disciplina Museologia II Escola de Museologia - UNIRIO e integrante do Projeto **A Filosofia e o objeto da Museologia.**

**1. Universidade:** Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

**Ano de Criação:** 1932

**Vinculado:** Centro de Ciências Humanas e Sociais; Departamento de Estudos e Processos Museológicos

**Organograma:** [http://www.unirio.br/museologia/download/manual\\_do\\_aluno.pdf](http://www.unirio.br/museologia/download/manual_do_aluno.pdf)

**Grade Curricular:**

[http://www.unirio.br/museologia/download/FLUXO\\_OBRIGATORIAS\\_INTEGRAL.pdf](http://www.unirio.br/museologia/download/FLUXO_OBRIGATORIAS_INTEGRAL.pdf)

**Disciplina relacionada à filosofia:** Introdução à Filosofia / Epistemologia

**Visão conceitual da Museologia:** A **Escola de Museologia** da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) [...] vem aprimorando constantemente seu currículo e seus métodos de ensino, para formar profissionais sempre sintonizados com o mercado de trabalho existente e prospectivo. **ONDE ATUA O MUSEÓLOGO?**

"Museus/ Galerias de arte/ Institutos de pesquisa / Centros de documentação e Informação / Centros Educacionais / Escolas / Universidades / Centro de Ciências e Tecnologia / Jardins Botânicos / Zoológicos / Aquários e planetários / Parques e reservas naturais / Sítios Históricos e Arqueológicos / Pequenas, médias e grandes empresas / Coleções públicas e particulares / Produtoras de vídeo e TV / Arquivos / Bibliotecas / Teatros / Cidades - monumentos."

**QUE ATIVIDADES DESENVOLVE?**

"Pesquisa / Preservação / Conservação / Documentação / Informação / Interpretação / Educação / Administração / Desenho de Políticas de Cultura e desenvolvimento sustentável." (SCHEINER, Tereza. 1997)

**2. Universidade:** Universidade Federal da Bahia (UFBA)

**Ano de Criação:** 1970

**Vinculado:** Área III, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; Ciências Sociais, Filosofia, Gênero e Diversidade e História

**Organograma:**

[https://www.ufba.br/sites/devportal.ufba.br/files/Organograma\\_UFBA.pdf](https://www.ufba.br/sites/devportal.ufba.br/files/Organograma_UFBA.pdf)

**Grade Curricular:**

<https://alunoweb.ufba.br/SiacWWW/ConsultarDisciplinasObrigatoriasPublico.do;jsessionid=6A927FC7B45DC5257E5CE7B66C990C5D>

**Disciplina relacionada à filosofia:** Introdução a Filosofia

**Visão conceitual da Museologia:** O curso de graduação em Museologia foi criado em 1969, sob a iniciativa do Prof. Valentin Calderón de la Vara, historiador e arqueólogo. Desde o início de seu funcionamento procurou alinhar-se às mudanças conceituais, teóricas e ao desenvolvimento das múltiplas práticas de preservação, incluindo-se a aplicação de novas tecnologias no universo museológico. A meta é preparar e profissionalizar agentes ativos para assumir seu papel na articulação e expressão das diversas identidades sócio-culturais características da nossa realidade plural e heterogênea. Os estudos centram-se nos referenciais analíticos e conceituais da Museologia; estudos da história da Bahia relacionados ao patrimônio regional e local, articulado com as realidades nacionais e estrangeiras; nos procedimentos científicos aplicados em problemáticas específicas da área, situando projetos de pesquisas e projetos profissionais; na capacitação para desenvolver sistemas para o gerenciamento de coleções, incluindo as de museus virtuais com a respectiva aplicação de multimeios; nos princípios de conservação específicos aplicados a acervos sob guarda de museus ou instituições de outra natureza; o desenvolvimento de projetos de exposição museológica; a gestão museológica em instituições culturais com base em planos museológicos, creditação institucional, marketing; estudos de cultura material, imbricados à compreensão de objetos preservados dentro do escopo político e ideológico que permeia a constituição e preservação de coleções. Com base em ações de ensino, pesquisa e extensão, o curso pretende formar profissionais com uma visão ampla sobre as diversas realidades sociais, atentos às reflexões da Museologia nacional

e internacional em uma área de atuação com demanda de pessoal qualificado e em franca expansão, sinalizada pela implantação em nível Federal e pelas ações do IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus) e pela criação de mais 13 cursos de museologia no país.

**3. Universidade:** Centro Universitário Barriga Verde

**Ano de Criação:** 2004

**Vinculado:** não obtido eletronicamente

**Organograma:** não obtido eletronicamente

**Grade Curricular:** [http://www.unibave.net/index.php?op=conteudo\\_art&a=6221](http://www.unibave.net/index.php?op=conteudo_art&a=6221)

**Disciplina relacionada à filosofia:** Filosofia da Cultura

**Visão conceitual da Museologia:** O Curso de Museologia tem como missão formar profissionais qualificados, providos de sólida base humanista, dotados de visão crítica da realidade sócio-econômico-cultural, e aptos a atuar como agentes das transformações de que a sociedade necessita, bem como produzir e difundir conhecimento na sua área de atuação.

**4. Universidade:** Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

**Ano de Criação:** 1960

**Vinculado:** não obtido eletronicamente

**Organograma:**

[http://ccs.ufpel.edu.br/wp/wp-](http://ccs.ufpel.edu.br/wp/wp-content/uploads/2013/02/organograma.pdf)

[content/uploads/2013/02/organograma.pdf](http://ccs.ufpel.edu.br/wp/wp-content/uploads/2013/02/organograma.pdf)

**Grade Curricular:** <http://museologiaufpel.wordpress.com/cursogradecurricular/>

**Disciplina relacionada à filosofia:** Epistemologia

**Visão conceitual da Museologia:** Desde sua criação em 2006 até o atual momento, o Curso de Museologia vem refletindo uma realidade social que embora seja uma tendência que venha cada vez mais se consolidando em todo ocidente moderno, no contexto da cidade de Pelotas e regiões vizinhas é um fenômeno evidente: a urgência quanto às questões relativas à preservação do patrimônio e suas implicações nos quadros de construção de memória, seja social, coletiva ou individual. No campo museológico, Pelotas está situada na chamada 7ª Região Museológica, categoria de delimitação geográfica proposta pelo Sistema Estadual de Museus - SEMRS. Constam formalmente registradas nessa região, mais de 60 unidades museológicas que abrangem praticamente todas as tipologias de museus, como os históricos, ecomuseus, militares, ciências naturais, tecnológicos, etc. Esses espaços de salvaguarda da memória serão, certamente, um dos mais beneficiados pelo Curso de Museologia da UFPel, uma vez que, tendo o profissional Museólogo que se ocupa do museu como um todo, em suas funções de comunicação com a sociedade, possibilita-se assim a adequação das mais diversas práticas museais. Segundo perspectivas conceituas e epistemológicas do campo, em consonância ainda com as características específicas histórico - contextuais da própria área geográfica em que se encontra estabelecido, o Curso de Museologia vem consolidando mais do que um diálogo, uma participação efetiva e transformadora na região. A criação deste curso veio para responder uma determinada expectativa da comunidade, e por outro lado, ele próprio vem se construindo intelectual e estruturalmente a partir de uma relação simbiótica com a sociedade local. Esta troca, ou como poderíamos mesmo chamar de —movimento de retroalimentação— é fundamental para caracterizar e demonstrar — indo além do conceito de rede — uma permanente relação sistêmica na qual estejam garantidas trocas dinâmicas e equitativas de informação e experiências.

**5. Universidade:** Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

**Ano de Criação:** 2006

**Vinculado:** Centro de Artes, Humanidades e Letras; Artes Visuais, Ciências Sociais, Cinema e Audiovisual, Comunicação Social, Licenciatura em História, Serviço Social e Tecnologia em Gestão Pública

**Organograma:** <http://www.ufrb.edu.br/portal/a-ufrb/estrutura-organizacional/2-uncategorised/32-organograma>

**Grade Curricular:** <http://www.ufrb.edu.br/cahl/images/matriz-curricular/matriz-curricular-museologia.pdf>

**Disciplina relacionada à filosofia:** Fundamentos de Filosofia

**Visão conceitual da Museologia:** A museologia se interessa por estudar e estabelecer uma relação profunda entre o homem e o seu patrimônio (no seu conceito mais amplo), num cenário institucionalizado, o museu, ou em outros ambientes. Interessa à museologia compreender, conduzir, criar e/ou estabelecer processos que fomentem a apropriação do patrimônio pelo homem, de forma a contribuir no seu auto-reconhecimento como sujeito histórico e na formação cidadã. O Curso de Museologia habilita profissionais para atuar: na gestão de instituições museais (museus, casas de cultural, memoriais, centros culturais etc.), assumindo cargos de direção, chefia, coordenação, administração, organização ou supervisão; na realização de trabalhos técnicos institucionais, a exemplo de documentação, conservação, exposição, ações educativas e dinamização de acervos institucionais públicos ou privados; no planejamento, idealização e execução de trabalhos museológicos de monitoria, treinamento, extensão, aperfeiçoamento, especialização e outros; na organização de eventos culturais, tais como seminários, colóquios, exposições de âmbito nacional ou internacional; na prestação de serviços de consultorias e assessorias a empresas, escritórios técnicos, licenciamentos ambientais, entre outros; na realização de perícias, pareceres, laudos, relatórios e pesquisa de bens patrimoniais; em atividades de órgãos patrimoniais nacionais e internacionais; assim como na docência da museologia em nível fundamental, médio e superior.

**6. Universidade:** Universidade Federal de Sergipe (UFS), campus Laranjeiras

**Ano de Criação:** 2007

**Vinculado:** Arqueologia, Dança, Teatro e Arquitetura

**Organograma:**

[http://divulgacoes.ufs.br/sites/default/files/organograma\\_academico\\_ufs.jpg](http://divulgacoes.ufs.br/sites/default/files/organograma_academico_ufs.jpg)

**Grade**

**Curricular:**

<https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/departamento/componentes.jsf?id=219>

**Disciplina relacionada à filosofia:** não há

**Visão conceitual da Museologia:** O Bacharelado em Museologia forma profissionais para atuar no campo de memória coletiva e nas várias atividades das instituições de proteção, documentação e conservação, pesquisa e difusão do patrimônio cultural.

**7. Universidade:** Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

**Ano de Criação:** 2008

**Vinculado:** Instituto de Filosofia, Artes e Cultura; Conselho Departamental; Diretoria; Secretaria; Departamento de Museologia

**Organograma:**

<http://www.ufop.br/acessoainformacao/images/ORGANOGRAMA%20UFOP.pdf>

**Grade Curricular:** <http://www.prograd.ufop.br/arqdown/matriz/MUL.pdf>

**Disciplina relacionada à filosofia:** Introdução a Filosofia

**Visão conceitual da Museologia:** O curso de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) iniciou suas atividades no dia 18 de agosto de 2008. Em um cenário de acervos acumulados por mais de um século, o curso se consolida com várias

possibilidades de estudo. Um dos grandes diferenciais reside no fato de a região de Ouro Preto e Mariana contar com pelo menos quatro arquivos históricos, três centros culturais, inúmeros monumentos e um incomparável patrimônio artístico-cultural. O curso possibilita ao aluno escolher diferentes áreas específicas, como mineralogia, geologia, restauração, documentação e pesquisa. Aproveitando a vocação natural da cidade de Ouro Preto com um significativo conjunto de museus, o primeiro curso de Museologia do estado de Minas Gerais permite uma sólida formação teórica, bem como a aplicação dos conhecimentos adquiridos pelo futuro museólogo durante o curso, mediante ações de experimentação da prática profissional no Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas, demais museus da UFOP e da região, considerando o apoio do Sistema de Museus de Ouro Preto. A formação dos profissionais garante habilidade e conhecimentos às práticas demandadas em museus, centros culturais, centros de documentação e informação, órgãos de gestão cultural. O principal objetivo é a preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural brasileiro.

**8. Universidade:** Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

**Ano de Criação:** 2008

**Vinculado:** Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação; Arquivologia, Biblioteconomia e Comunicação Social

**Organograma:** <http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/organograma>

**Grade**

**Curricular:**

<http://www1.ufrgs.br/graduacao/xinformacoesacademicas/curriculo.php?CodCurso=731&CodHabilitacao=145&CodCurriculo=1&sem=2013022>

**Disciplina relacionada à filosofia:** Introdução ao pensamento filosófico

**Visão conceitual da Museologia:** O curso de Bacharelado em Museologia propõe-se a formar profissionais para atuar no campo da Museologia, contribuindo para a construção da cidadania, por meio da difusão e da preservação da memória, do patrimônio e da cultura das sociedades. Para isso, foi planejado de modo a oferecer uma formação de museólogos preparados para atuarem, numa perspectiva contemporânea, como agentes de reflexão e exercício profissional na área de Museologia, a partir do estudo, análise, crítica e atuação em instituições e espaços da sociedade onde seja necessário o desempenho de funções de caráter museológico. O Museólogo atua em diversos tipos de instituições que se voltem, direta ou indiretamente, à proteção, documentação, conservação, preservação, pesquisa e difusão do patrimônio integral da humanidade, tais como museus, centros culturais, institutos de pesquisa, centros de documentação e informação, universidades e escolas, bem como prestar serviços técnicos e de consultoria especializada em outros espaços organizacionais.

**9. Universidade:** Universidade Federal de Brasília (UNB), campus Darcy Ribeiro

**Ano de Criação:** 2009

**Vinculado:** Faculdade de Ciência da Informação; Arquivologia e Biblioteconomia

**Organograma:** <http://www.dpo.unb.br/orgugr.php>

**Grade Curricular:**

<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&sqi=2&ved=0CDYQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.fci.unb.br%2Findex.php%2Fdocumentos%2Fmanuais%3Fdownload%3D14%3Amanual-do-curso-de-museologia&ei=NoQuUtOmGoLq9ASMr4DABg&usg=AFQjCNEkMu47Y33c3acd8laGmhuZ4NVorW&sig2=lv00Dml8Y6JFbIVkF1ITUw&bvm=bv.51773540,d.eWU&cad=rja>

**Disciplina relacionada à filosofia:** Não há.

**Visão conceitual da Museologia:** O museólogo é o profissional que atua em museus, centros culturais, institutos de pesquisa, centros de documentação e informação, galerias de arte, arquivos, bibliotecas, sítios arqueológicos, parques, centros

comunitários, universidades e escolas, podendo ainda prestar serviços técnicos e de consultoria especializada em qualquer instituição vinculada direta ou indiretamente à proteção, documentação, conservação, pesquisa e difusão do patrimônio natural ou cultural. As responsabilidades do museólogo incluem a salvaguarda, documentação, difusão e estudo analítico de acervos naturais e culturais; o planejamento, programação e realização de exposições; o desenvolvimento de programas educativos e culturais para museus; a construção de um discurso crítico sobre natureza, homem, sociedade e cultura; a defesa do patrimônio, em todos os âmbitos (local, regional, nacional, transnacional, global); a defesa dos ideais éticos de respeito à vida, à pluralidade biológica e cultural e à igualdade de direitos em todas as sociedades. A profissão de Museólogo, no Brasil, é regulamentada por Lei desde 1984 e tem seus direitos garantidos através dos Conselhos Regionais (Corem) e do Conselho Federal de Museologia (Cofem). O campo de Atuação do museólogo é muito ampla e abrange: Ação Cultural, Ação Educativa, Ação Documental, Catalogação, Ações Preventivas, Exposição, Gestão do Patrimônio Cultural, Memória Empresarial e Pesquisa.

**10. Universidade:** Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**Ano de Criação:** 2009

**Vinculado:** Centro de Filosofia e Ciências Humanas > Departamento de Antropologia e Museologia

**Organograma:** [http://www.ufpe.br/ufpenova/images/organograma\\_ufpe.pdf](http://www.ufpe.br/ufpenova/images/organograma_ufpe.pdf)

**Grade**

**Curricular:**

[http://www.ufpe.br/proacad/images/cursos\\_ufpe/museologia\\_perfil\\_102.1.pdf](http://www.ufpe.br/proacad/images/cursos_ufpe/museologia_perfil_102.1.pdf)

**Disciplina relacionada à filosofia:** Teoria dos objetos e das coleções

**Visão conceitual da Museologia:** não obtida eletronicamente

**11. Universidade:** Universidade Federal de Goiás (UFG)

**Ano de Criação:** 2010

**Vinculado:** Ciências Sociais e Relações Internacionais

**Organograma:**

[http://www.prodirh.ufg.br/uploads/64/original\\_Organograma\\_Unid\\_Acad\\_Maio\\_2012.pdf](http://www.prodirh.ufg.br/uploads/64/original_Organograma_Unid_Acad_Maio_2012.pdf)

**Grade Curricular:** [apresentada na íntegra no documento original da então bolsista, retirada por efeito de economia e proporcionalidade em relação a não apresentação das grades dos demais cursos. Nota do autor]

[https://www.cienciassociais.ufg.br/up/106/o/Projeto%20Pedagogico%20Museologia%20UFG\\_ULTIMATE.pdf?1328650812](https://www.cienciassociais.ufg.br/up/106/o/Projeto%20Pedagogico%20Museologia%20UFG_ULTIMATE.pdf?1328650812)

**Disciplina relacionada à filosofia:** Teorias do objeto e estudos de cultura material

**Visão conceitual da Museologia:** A proposta de criação do curso de bacharelado em Museologia partiu da interação entre a Faculdade de Ciências Sociais e o Museu Antropológico da UFG, a fim de garantir a convivência intelectual profícua entre estudantes e professores de áreas afins, como Ciências Sociais, Filosofia e História e dos demais cursos e atividades da UFG. As disciplinas de cunho teórico, e algumas práticas, são oferecidas no Campus Samambaia e, as de teor prático são ministradas no Museu Antropológico, de modo que seus acervos, laboratórios, exposições e demais áreas de atuação possam se constituir em laboratórios das disciplinas práticas.

**12. Universidade:** Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

**Ano de Criação:** 2010

**Vinculado:** Escola da Ciência da Informação

**Organograma:** não obtido eletronicamente

**Grade Curricular:**

<http://colgradmuseo.eci.ufmg.br/documentos/grade-curricular-2014>

**Disciplina relacionada à filosofia:** não identificada.

**Visão conceitual da Museologia:** O objetivo do curso é formar profissionais (museólogos) aptos para interpretar as relações entre o homem, a cultura e a natureza, nos seus contextos espacial e temporal, de forma a intervir, de maneira responsável, nos processos de identificação, musealização, preservação e uso do patrimônio – este entendido como representação da atividade humana no tempo e no espaço. O profissional museólogo pode atuar nos mais diferentes tipos de museus, tais como os museus históricos, de artes e de ciências (os mais numerosos) como, também, em museus etnográficos, temáticos, de empresas, comunitários, dentre outros. Pode trabalhar tanto em instituições museais (os museus propriamente ditos) como na musealização de determinada atividade, território ou bem cultural. É possível trabalhar na perspectiva de museus com ou sem acervos físicos, bem como museus públicos ou privados. O Curso de Museologia conta com a parceria da Escola de Belas Artes e com a participação da Rede de Museus e Espaços de Ciências.  
<http://colgradmuseo.eci.ufmg.br/o-curso>

**13. Universidade:** Universidade Federal do Pará – UFPA

**Ano de Criação:** 2010

**Vinculado:** Instituto de Ciências da Arte; Artes Visuais, Cinema, Dança, Multimídia, Música e Teatro

**Organograma:** [http://www.proplan.ufpa.br/doc/ORGANOGRAMA\\_UFPA.pdf](http://www.proplan.ufpa.br/doc/ORGANOGRAMA_UFPA.pdf)

**Grade Curricular:** não obtida eletronicamente

**Disciplina relacionada à filosofia:** não obtida eletronicamente

**Visão conceitual da Museologia:** Curso de Graduação em Museologia trabalha conhecimentos artísticos, culturais, científicos e tecnológicos com o propósito de formar profissionais capacitados para atuar na preservação, estudo e comunicação do patrimônio cultural e natural. Os bacharéis devem ser capazes de planejar, organizar, administrar e supervisionar museus, exposições culturais e educativas, serviços educativos e atividades socioculturais dos museus e de instituições afins.

**14. Universidade:** Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

**Ano de Criação:** 2010

**Vinculado:** Centro de Filosofia e Ciências Humanas; Departamento de Antropologia

**Organograma:** não obtido eletronicamente

**Grade Curricular:** <http://museologia.ufsc.br/files/2013/08/Horário-Disciplinas-2013-2-Mus.pdf>

**Disciplina relacionada à filosofia:** Não há

**Visão conceitual da Museologia:** Visão Conceitual de Museologia: Tem como foco habilitar profissionais para: o incremento da teoria museológica; o entrelaçamento de áreas acadêmico-científicas afins; a potencialização da política museológica nacional, regional, estadual e municipal; a atuação junto a órgãos culturais e educacionais como museus, centros de memória, galerias de arte, órgãos governamentais ligados ao patrimônio cultural, instituições de ensino superior, institutos de pesquisa e outros; a sofisticação do gerenciamento de metodologias e técnicas nos campos de conservação, documentação e extroversão museológicas.

**15. Universidade:** Faculdade de Artes e Ciências Dom Bosco FAECA, Monte Aprazível, SP

**Ano de Criação:** 2012



**Vinculado:**

[http://www.faeca.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=52&Itemid=64](http://www.faeca.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=52&Itemid=64)

**Organograma:** não obtido eletronicamente

**Grade Curricular:** não obtida eletronicamente

**Disciplina relacionada à filosofia:** não identificada

**Visão conceitual da Museologia:** não obtida eletronicamente

Levantamento de cursos de pós graduação em Museologia no Brasil (Mestrado e Doutorado), suplementado por Marcella Bacha, em janeiro de 2015.<sup>828</sup>

**1. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)<sup>829</sup>****MESTRADO**

Linha 1: Museu e Museologia

Linha 2: Museologia, Patrimônio Integral e Desenvolvimento

Disciplinas obrigatórias para ambas as linhas:

**Teoria e Metodologia da Museologia:** Abordagem teórico-filosófica do Museu enquanto fenômeno e da Museologia como campo disciplinar. Aspectos teórico-metodológicos da Museologia. Relação com outros campos do conhecimento. Fundamentos para a construção de uma Teoria do Museu. Museologia, ciência e filosofia. Museologia e Arte. Museologia e ética. Museu Interior. Museu Universal. Museu Virtual

**Teoria do Patrimônio:** Abordagem teórico-filosófica do Patrimônio natural e cultural, propiciando os fundamentos para uma Teoria do Patrimônio. Patrimônio integral: natureza, sociedade e representação. Aspectos filosóficos, políticos e éticos da preservação do patrimônio. Patrimônio mundial: o papel da UNESCO e outras organizações. Política ambiental e patrimonial. Metodologias de preservação e conservação de patrimônio. Documentação e interpretação do patrimônio material e imaterial. Museologia e os Novos Patrimônios.

**Museologia, Patrimônio, Documentação e Informação:** Documento e informação: conceitos e abordagens em diferentes áreas. Documento e informação na Museologia. A Sociedade da Informação e do Conhecimento e o impacto das novas tecnologias nos paradigmas de informação. Modelos e formatos de documentação e informação de objetos museológicos segundo a sua natureza: aplicações no Brasil e no exterior e instituições produtoras. Informação em Arte. A documentação / registro do patrimônio material e imaterial. A terminologia de museus no ciberespaço: convergências e divergências conceituais: museus digitais, virtuais, eletrônicos, na Web etc. Ferramentas tecnológicas para recuperação, acesso e uso da informação em museus. Disciplina obrigatória para linha 1:

**Museologia e Comunicação:** Museu como signo. Análise do Museu nos sistemas de representação das diferentes sociedades. Museu e olhar social. Museu como produtor de mensagens. Teoria do Objeto. Museu e Linguagem: representação e análise da informação. Museologia e Sistemas Simbólicos. Critérios semiológicos. Terminologia da Museologia. Discurso museológico - constituição e análise. A exposição como discurso. Museu e comunicação de massa. Museologia e novas tecnologias da informação e da comunicação.

Disciplina obrigatória para linha 2:

**Museologia e Conservação:** Análise teórico/prática das metodologias de conservação de conjuntos patrimoniais e de acervos. Patrimônio material e imaterial. Teoria da

<sup>828</sup> Sublinhados nossos.

<sup>829</sup> Dados obtidos em: < <http://ppg-pmus.mast.br/inicio.htm> >. Acesso em: 20 jan. 2015.

Conservação. O ICCROM e outros organismos vinculados à conservação. Museus, bibliotecas e arquivos. Conservação de coleções.

Disciplinas optativas:

**Seminários de Pesquisa em Museu e Museologia I, II:** Temas relativos às principais questões do Museu e da Museologia na Atualidade, enfatizando as questões em debate no cenário nacional, latino-americano e internacional, com especial ênfase nas relações entre Museu, Museologia e os novos paradigmas do conhecimento.

**Museologia, Patrimônio e Desenvolvimento Sustentável:** Museu, cultura e sociedade. Análise dos processos sociais em suas relações com o patrimônio e os museus, no tempo e no espaço. Patrimônio, museus e Museologia na sociedade globalizada: perspectivas de desenvolvimento. Museologia, patrimônio, identidades. Consciência planetária, diversidades e o patrimônio do futuro: participação das sociedades na defesa e preservação do patrimônio. Museologia, desenvolvimento urbano e patrimônio sustentável. Potencial turístico do patrimônio. Musealização de áreas patrimoniais de interesse turístico. A ética do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável.

**Seminários de Pesquisa em Museologia e Patrimônio I, II:** Temas relativos às principais relações entre Museu, Museologia, Sociedade e Patrimônio na Atualidade, enfatizando as questões em debate no cenário nacional, latino-americano e internacional, numa perspectiva de reconhecimento das diferenças multiculturais frente aos desafios das novas tecnologias e da globalização.

**Cultura e Sociedade: itinerários simbólicos:** Análise dos itinerários simbólicos que vêm contribuindo para configurar, no tempo e no espaço as diferentes relações entre cultura e sociedade.

**Patrimônio, natureza e biodiversidade:** Análise das relações entre o humano e a natureza. Patrimônio local e biodiversidade. Diversidade geo-socio-cultural. Patrimônio e sustentabilidade: estratégias mundiais de desenvolvimento.

**Patrimônio, Museologia, Educação e Interpretação:** Sujeito e percepção. Abordagem teórico-pedagógica da Museologia e do Patrimônio. Museologia, educação e ação comunitária. Pedagogia da liberdade e da esperança: o museu como formador de mentalidades. Museologia e educação ambiental.

**Museologia e Arte:** Análise e interpretação da Arte como produto dos processos criativos do Homem, no tempo e no espaço. Musealização do patrimônio artístico: perspectivas mundiais, regionais, nacionais e locais.

**Museu: Teoria e Práticas:** Dimensão institucional do Museu. O museu como sistema: dinâmica e organização. Funções. Análise das alternativas contemporâneas de gestão de museus. Constituição e desenvolvimento de acervos. Museologia aplicada a acervos. Museologia e patrimônio: acervos nacionais. Metodologia e práticas de gestão comunitária em museus.

**Tópicos Especiais em Museologia e Patrimônio:** Os Tópicos Especiais deverão ser trabalhados sob a forma de seminários e/ou cursos de leitura comparada, com temas definidos a cada semestre.

## DOUTORADO

**Seminários de Pesquisa em Museu e Museologia III, IV:** Temas relativos às principais questões do Museu e da Museologia na Atualidade, enfatizando as questões em debate no cenário nacional, latinoamericano e internacional, com especial ênfase nas relações entre Museu, Museologia e os novos paradigmas do conhecimento.

**Seminários de Pesquisa em Museologia e Patrimônio III, IV:** Estudos avançados sobre as relações entre Museu, Museologia, Sociedade e Patrimônio, enfatizando as questões em debate no cenário contemporâneo, numa perspectiva interdisciplinar.

**Tópicos Avançados em Museologia e Patrimônio:** Pesquisas aplicadas, seminários, cursos de leitura e/ou ciclos de debates sobre questões emergentes da Museologia e do Patrimônio.

## 2. Universidade de São Paulo (USP)<sup>830</sup>

### MESTRADO

Linha 1: História dos Processos Museológicos, Coleções e Acervo

Linha 2: Teoria e Método da Gestão Patrimonial e dos Processos Museológicos

**História dos processos museológicos, coleções e acervos:** Apresentar as principais linhas teórico-metodológicas contemporâneas utilizadas na interpretação de processos museológicos (e suas implicações sociais, econômicas e políticas), bem como da formação de instituições museais, suas coleções e acervos; Evidenciar o caráter interdisciplinar dos estudos voltados à temática da disciplina, observando eixos de convergência entre a Museologia e áreas afins; Problematizar abordagens sobre as políticas de formação de coleções museológicas, sua história e natureza.

**Os museus e os estudos sociais das ciências e tecnologias:** Conceituar estudos sociais das ciências e tecnologia (CTS - Ciência Tecnologia e Sociedade). Compreender o universo e a trajetória dos museus de ciências e tecnologias. Discutir os significados do colecionismo em ciências e tecnologias nos processos museais. Discutir as possibilidades de análises dos estudos de CTS para os processos museológicos. Compreender o alcance das ciências e tecnologias para a comunicação pública nos processos museológicos.

**Público de Museu e Pesquisa de Recepção:** Conceituar estudos sociais das ciências e tecnologia (CTS - Ciência Tecnologia e Sociedade). Compreender o universo e a trajetória dos museus de ciências e tecnologias. Discutir os significados do colecionismo em ciências e tecnologias nos processos museais. Discutir as possibilidades de análises dos estudos de CTS para os processos museológicos. Compreender o alcance das ciências e tecnologias para a comunicação pública nos processos museológicos.

**Acessibilidade em Museus:** Inclusão Cultural de Pessoas com Deficiência e Públicos não Usuais: A disciplina tem por objetivo abordar questões relativas à acessibilidade de pessoas com deficiências e públicos não usuais no ambiente museológico, de modo a promover uma reflexão crítica acerca da criação de programas e políticas de inclusão cultural que promovam o acesso qualitativo desses públicos nas ações culturais das instituições.

**Arqueologia da Paisagem e Territórios Patrimoniais:** Explorar as interfaces possíveis entre a Arqueologia e a Museologia<sup>831</sup>, convergindo para assuntos relacionados com a arqueologia da paisagem e a musealização do território. Apresentar e discutir a Arqueologia da Paisagem como subsídio à compreensão dos territórios patrimoniais, na perspectiva da Arqueologia Regional.

**Coleções, Patrimônio e Museus de Arte:** A disciplina tem por objetivo abordar questões relativas à constituição e à incorporação de coleções privadas e acervos de museus de arte, de modo a promover uma reflexão crítica acerca da elaboração de uma política de aquisição e recepção de doações em museus de arte.

**Comunicação e Expografia:** Conceituar comunicação museológica em face de pressupostos da área de comunicação. Discutir qualidade comunicacional para os museus. Discutir objetivos comunicacionais e suas aplicações em projetos. Refletir sobre o potencial comunicacional das exposições museológicas. Exercitar o processo de estruturação da linguagem expositiva. Exercitar a crítica de exposições.

**Educação em Museus aspectos Teóricos e Metodológicos:** Conhecer e refletir a respeito das particularidades da educação museológica; Discutir os princípios teórico-metodológicos da Educação Museológica; Apresentar os principais desafios que o trabalho educativo em museus enfrentam na contemporaneidade; Refletir a respeito da

---

<sup>830</sup>Dados

obtidos

em:

<<https://uspdigital.usp.br/janus/componente/catalogoDisciplinasInicial.jsf?action=4&tipo=D&codcpg=103>>.  
Acesso em: 20 jan. 2015.

<sup>831</sup> Faz recordar a proposta de Stránský apresentada em **Archeologie a muzeologie**.

educação museológica na sua interface com as áreas de comunicação e da psicologia da aprendizagem.

**História dos Museus e da Museologia:** Abordar os museus e a museologia a partir de sua inserção em processos históricos e culturais nos quais se deram suas formações e diferentes tendências, tendo como referência matrizes históricas européias e promovendo reflexões sobre contextos, problemáticas e atuações brasileiros e latino-americanos na constituição de museus e na construção da museologia.

**Musealização da Arte Contemporânea:** A disciplina oferece subsídios históricos, teóricos e metodológicos para o estudo dos impasses decorrentes da arte contemporânea no Museu.

**Museologia: Princípios Teórico-Metodológicos:** Apresentar o quadro referencial da disciplina aplicada Museologia e seus respectivos vetores teórico-metodológicos; Discutir as reciprocidades entre as perspectivas sensorial e intelectual dos processos museológicos; Indicar os limites e reciprocidades entre Museologia e Museografia; Problematizar as questões referentes às metodologias de trabalho interdisciplinar voltadas para a cadeia operatória dos procedimentos de salvaguarda e comunicação do campo museal.

**Museus de História Natural:** Origens, Histórico e Funções: Propiciar contato com a história de instituições como o Museu de Zoologia da USP, no mundo e no Brasil, contextualizando os diferentes papéis desempenhados por suas coleções ao longo do tempo e peculiaridades do seu processo curatorial (aquisição/salvaguarda, pesquisa e extroversão).

**Museus de História no Ocidente:** Trajetórias, Tipologias, Desafios Contemporâneos: Abordar experiências de museus e de musealização de espaços urbanos vinculados à temática histórica, destacando, partidos museográficos, referências teóricas e metodológicas que orientaram tais experiências, bem como as intersecções disciplinares que as configuraram. Explorar as principais abordagens críticas sobre tais experiências museais, examinando as contribuições disciplinares específicas que constituem sua fortuna crítica.

**Museus de História:** Espaços de Reflexão sobre a Escrita da História, o Ofício do Historiador e a Memória Histórica: Compreender e problematizar o papel desempenhado pelos museus de História na configuração de escritas sobre a História durante o século XIX e o século XX. Apontar e discutir as relações historicamente produzidas entre o ofício do historiador e os museus de História. Discutir as transformações conceituais que assinalaram o percurso dos museus de História, em concomitância com o delineamento da disciplina da História e os pressupostos da construção de um saber sobre o passado. Compreender e problematizar as diferentes formas de abordagem dos vínculos/contradições entre História e Memória. Discutir os nexos entre a configuração do campo da Museologia e o percurso histórico dos museus de História, em particular no Brasil.

**Os Espaços da Arte e suas Representações do Coleccionismo ao Museu:** Esta disciplina visa abordar o museu a partir de uma perspectiva interdisciplinar, articulando conhecimentos das áreas de arte, arquitetura e fotografia. Serão analisadas as condições de exibição das obras de arte em diferentes momentos históricos, levando em conta as determinações arquitetônicas e institucionais que concorrem para a produção de sentido. O objetivo é não só trabalhar os temas propostos, do ponto de vista histórico, mas oferecer ferramentas metodológicas para a utilização crítica das fontes visuais a partir da problematização do conceito de representação em diferentes estudos de caso.

**Planejamento Museológico: da Museologia Tradicional à Sociomuseologia:** Apresentar os princípios teórico-metodológicos referentes ao planejamento museológico; Explicitar as diferenças entre fato museal, fenômeno museológico e processo de musealização; Problematizar os diferentes modelos de gestão

museológica; Divulgar metodologias aplicadas a planos museológicos; Discutir os limites e reciprocidades entre Museologia tradicional e Sociomuseologia.

### 3. Universidade Federal da Bahia (UFBA)<sup>832</sup>

#### MESTRADO

Linha 1: Museologia e Desenvolvimento Social

Linha 2: Patrimônio e Comunicação

Disciplinas Obrigatórias:

**Teoria Museológica:** História da formação do pensamento museológico contemporâneo. Análise do museu como fenômeno social e da sua relação com os públicos, além do estudo sobre as políticas de preservação do patrimônio cultural e os museus no Brasil.

**Patrimônio e Poder:** Análise do conceito de patrimônio cultural e a natureza e complexidade sócio-política dos processos de patrimonialização nas sociedades contemporâneas. Discute ainda a relação entre os movimentos sociais e as reivindicações identitárias no processo de construção patrimonial.

**Pesquisa Museológica:** Análise da metodologia do trabalho científico aplicado à Museologia. Estudo dos métodos e procedimentos aplicados à pesquisa museológica em museus, instituições afins e com o patrimônio cultural com o objetivo de prover subsídios científicos para que o aluno identifique linhas de pesquisa em Museologia.

Disciplinas Optativas:

**A iconografia como documento histórico:** Definição de iconografia e roteiro de possibilidades de emprego de imagens como documento histórico, contextualizando-as e relacionando-as com os fatos e documentos históricos.

**Análise crítica da imagem e contextos socioculturais:** Estudar de forma sumária as diversas correntes da Crítica de Arte, que possibilitem e forneçam subsídios teóricos e práticos para a compreensão do estudo e análise de imagens de obras de Artes Visuais, sejam elas criações populares ou instituídas, representadas por meio das linguagens da pintura, da escultura, da cerâmica, do desenho, da gravura e de objetos. Ao esquadrihar detidamente uma imagem/obra de arte é possível estudar seus aspectos sociais, históricos, políticos, filosóficos, antropológicos, sociológicos, psicológicos, religiosos, além de diversas outras representações simbólicas que falam dos "modos de vida" do homem em tempos e espaços distintos, que formam a constituição da história, memória e imaginário do sujeito que a produz, assim como externa representações de práticas e valores culturais da sociedade em que foi produzida.

**Artes Visuais na Bahia:** Compreensão das manifestações artísticas da Bahia e sua inserção na história da arte brasileira.

**Bahia Contemporânea - História e Cultura:** Discutir as principais tendências e meios que possibilitaram as transformações mais significativas porque passou a Bahia à partir dos anos 40 do presente século. Tomando-se como marco a crise do modelo agrário-exportador, buscar-se-á a identificação dos caminhos que levaram à industrialização, ao crescimento de Salvador, a uma nova regionalidade, sem esquecer o sentido da modernização implementada, o papel da universidade, a questão étnica e o carnaval.

**Centros Históricos:** Conceito de Centro Histórico, seus recortes e escalas: cidades, centros e setores urbanos históricos. A importância simbólica, social e funcional dos conjuntos históricos urbanos. Centralidade versus fragmentação urbana. Centro Histórico e centro de negócios. As pressões sociais, funcionais, econômicas e culturais sobre os Centros Históricos. Mudanças comportamentais do público e do poder.

---

<sup>832</sup> Dados obtidos em:

<<https://alunoweb.ufba.br/SiacWWW/ListaDisciplinasEmentaPublico.do?cdCurso=379240&nuPerCursolnicial=20132>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

Recomendações internacionais. Experiências européias e latinoamericanas relevantes. Metodologia cognoscitiva dos Centros Históricos.

**Cidades e Patrimônios:** Estimular a reflexão sobre o patrimônio cultural, participando do processo de construção de "cidades saudáveis". Analisar os processos de produção e de preservação da memória coletiva e as práticas culturais contemporâneas. Promover a reflexão sobre a contribuição dos museus nos espaços urbanos contemporâneos, frente às questões que são postas em uma cidade em desenvolvimento no século XXI.

**Colecionismo e Museu - Perspectivas Históricas:** Propõe a análise das práticas culturais que ativaram a constituição do patrimônio histórico e cultural no Brasil, através de museus, coleções e atuação de gestores, explorando-as como recurso a representações simbólicas distintivas, permeadas por confrontos e tensões sociais.

**Comunicação, cultura e exposição:** A exposição como meio de comunicação. Instituição de narrativas expográficas: imagem, percepção, representação e auto-representação de grupos culturais em exposição de museus.

**Conquista e dominação: os povos indígenas no Brasil:** Estudo dos processos históricossociais de conquista, dominação e administração das populações indígenas no Brasil e seus efeitos dissociativos no tocante à reprodução de suas sociedades.

**Cultura e Comunicação:** A comunicação interpessoal e midiática como meios de difusão e de produção de bens culturais. Cultura e tecnologia. A reprodução técnica da cultura. As teorias da cultura de massas. As teses da indústria cultural e das indústrias da cultura. A midiaticização da cultura. A cultura da mídia. O impacto da comunicação e da mídia na cultura. Comunicação, mídia e esfera cultural.

**Cultura e Contemporaneidade:** Configurações do moderno. Modernidade, modernização e modernismo cultural. Críticas à modernidade. O mal-estar da modernidade. Alternativas neomodernas, pós-modernas e supermodernas. A questão da superação da modernidade e a emergência de pensar o contemporâneo.

**Cultura e Identidade:** A construção sócio-cultural da representação de identidades. A questão das identidades complexas e do hibridismo cultural (minorias, nacional, transnacional etc). Estudo das identidades - sexual, étnica, de classe, "raça" - tanto do ponto de vista da antropologia e da sociologia quanto dos estudos culturais e das correntes pós-modernas.

**Cultura e Organizações:** Universos de significações imaginárias de diferentes tipos de organizações: empresas, ONGs, instituições governamentais, sindicatos, associações, etc. Modo de inscrição das práticas organizacionais no imaginário social ou na cultura da(s) sociedade(s). As organizações enquanto atores sociais que contribuem para criar novas significações sociais e novas práticas. Cultura das organizações. Universo imaginário de produtos, serviços e marcas. Identidade e imagem institucional. Fundamentos teóricos das práticas organizacionais reunidas sob a rubrica "marketing".

**Cultura e Poder:** Relações entre os campos da política e da cultura. A politização da cultura: conexões, limites e problemas; seus momentos e movimentos emblemáticos. A culturalização da política: emergência e expansão de temas culturais no âmbito da política contemporânea. Cultura e cidadania: a invenção social da cidadania e a historicidade da noção de "cidadão". A nova cidadania cultural: coexistência da diversidade étnica, religiosa, de gênero e nacionalidade. O poder econômico, a cultura política e as políticas culturais. Cultura e tecnocracia.

**Economia da Cultura:** O papel da cultura na economia e a economia da arte e da cultura. Produção mercantil e distribuição da cultura e dos bens culturais. Impacto das novas tecnologias nas artes e na cultura. Globalização, economia das "indústrias culturais" e comércio internacional de arte e cultura. Mercado de trabalho na produção de arte e cultura. Política cultural e política econômica. Economia da cultura e desenvolvimento econômico. Política cultural, propriedade intelectual e economia da cultura.

**Estudos de Acervos de Museus:** Estudos do campo conceitual, terminológico e prático sobre coleções ou de determinados acervos expostos em museus, em reserva ou em sítios de internet, com o objetivo de reconhecer diferentes tipologias de acervos e estilos artísticos, através da observação dos elementos técnicos e decorativos, incluindo-se a descrição e análise de objetos museológicos.

**Gênero e Museologia:** Reflexão crítica sobre a relação Patrimônio e Gênero e sua influência na construção do sujeito e seus discursos identitários, entendendo esta relação como legitimação de poder e construção social.

**Inscrições na arte sacra templos e lápiides:** A origem e a evolução da técnica de escrever, com seus sistemas e seus processos evolutivos, desde a antiguidade até o presente, com estudo dos materiais e instrumentos usados na escrita, além das formas mecânicas típicas de cada época. Estudo da acentuação, pontuação e numeração, além dos sistemas abreviados visando o aperfeiçoamento de sua transcrição. A prática da análise paleográfica e da transcrição documental, objetivando atender as áreas específicas que demandam o assunto paleografia.

**Museus e Coleções Científicas:** Museus de Ciência, patrimônio de ciência e tecnologia, preservação e divulgação da ciência: definições, conceitos e práticas. A disciplina tem por objetivos discutir o patrimônio da ciência e da tecnologia, abordando desde a conceituação, as formas de proteção e a legislação, até a conservação de acervos relacionados. Finalmente, a partir desse panorama sobre os acervos de Ciência e Tecnologia, serão apresentados os museus de C&T, em sua gênese de formação, diversidade e sua relação com o patrimônio.

**Museus e Memória dos movimentos sociais no Brasil:** Teoria e prática dos movimentos sociais. Análise das práticas museológicas ligadas às memórias dos movimentos sociais no Brasil. O papel dos museus na garantia do direito à memória e à preservação de manifestações de diferentes movimentos sociais no país. Museus, Museologia e movimentos sociais. Museologia e Memória Social. Análise dos documentos, das cartas, das políticas públicas e das experiências nacionais e internacionais.

**Museus e o Ensino da História da Arte:** Consiste na leitura, interpretação e discussão de bibliografia clássica e atualizada sobre a pesquisa em história da arte, desenvolvidas a partir de acervos museológicos e suas relações com a comunicação museológica nos variados meios, especialmente nas exposições e nas ações educativas. O estudo compreende também em exercícios de crítica e desenvolvimento de ações teórico-práticas que privilegiem as relações entre pesquisa histórico-artística e comunicação museológica.

**Patrimônio Afro-Brasileiro, exposição e narrativas museológicas:** A disciplina tem por objetivo a reflexão sobre a formação do patrimônio afro-brasileiro e sua patrimonialização, refletindo sobre presença africana no Brasil, a sua influência na cultura nacional e a construção de imagens, através de exposições e narrativas museológicas.

**Patrimônio Cultural e Comunicação:** O patrimônio cultural como meio de difusão e de produção da cultura. Cultura e tecnologia. A reprodução técnica da cultura. As teorias da cultura de massas. A cultura atrelada à memória social e coletiva. A mídiatização da cultura diante do patrimônio diverso. A cultura da mídia. O impacto da comunicação e da mídia na esfera cultural.

**Política de Preservação de Acervo Cultural:** A política de preservação cultural a nível nacional e internacional; entidades, programas e ações. A legislação de proteção, suas bases e níveis de aplicabilidade. Articulação entre setores público e privado na proteção dos bens culturais. Globalização e políticas culturais.

**Políticas Culturais:** Estudo teórico e/ou empírico de políticas públicas e/ou privadas desenvolvidas nos campos da cultura. Análise das relações contemporâneas entre cultura, Estado, mercado, sociedade civil, comunicação e entretenimento. A questão do financiamento da cultura: Estado, mecenato, marketing cultural e consumo. Tipos de

política cultural. Especificidades do planejamento, da gestão e da administração culturais. A singularidade da relação entre administradores e integrantes do sistema cultural: criadores, divulgadores, organizadores e consumidores.

**Práticas Sociais e Representações Culturais:** Estudo de processos históricos das lutas que organizam o mundo social inscritas nas práticas culturais.

**Semiótica Visual:** Introdução à semiótica: conceitos fundamentais. Semiótica e visualidade. Semiótica e psicanálise. O campo escópico.



## Apêndice 03

Exercício ou tempestade cerebral sobre uma visão de constituição filosófica do currículo do Curso de Museologia da UNIRIO (empreendido de 08 a 11/09/2006), apresentado pelo professor Anaildo Bernardo Baraçal ao Diretor da Escola de Museologia CCH/UNIRIO<sup>833</sup>.

REFORMA CURRICULAR: O quê, quem, quando, onde, como e por quê?

Objeto não fala. O que e como nós falamos sobre e através dos objetos (discurso, ideologia). Charles S. Peirce defines an object as: "By an object, I mean anything that we can think, i.e. anything we can talk about." Charles Sanders Peirce. **Wikiquote**. Disponível em: [https://en.wikiquote.org/wiki/Charles\\_Sanders\\_Peirce](https://en.wikiquote.org/wiki/Charles_Sanders_Peirce). Acesso em: 11 set. 2006.

This entry begins with some remarks on *Object* as a philosophical category, based on a brief selection of statements drawn from the literature. Natural-language uses of 'object' are (unsurprisingly) diverse. The modest *American College Dictionary*, for example, contains some twelve entries for the term, among which appear the following: "something that may be perceived by the senses, especially by sight or touch", and again, "anything that may be presented to the mind: *objects of thought*." Of the two, the latter is plainly the more general use, and from a traditional logico-metaphysical standpoint, it is also the more fundamental—perhaps the most fundamental of any. STANFORD ECYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. **Object**. *First published Tue Oct 1, 2002; substantive revision Tue Mar 28, 2006*.

Sempre interpretado, significado relativo, mutável nos tempos e espaços sociais (Ver FEYERABEND)

Filosofia, objetivos

Agentes atualizadores e actuais (actantes?) da realidade manifesta nos fenômenos museais brasileiros e em condições de colaborar para o desenvolvimento do campo museológico.

Missão

Preparar o indivíduo educando em museologia para contribuir para a crítica e desenvolvimento do meio museal e do campo museológico.

Funções:

- Delimitação do objeto

---

<sup>833</sup> Conteúdo expresso em mensagem eletrônica ao então Diretor da Escola de Museologia CCH/UNIRIO, aos 13 set. 2006. Para: Ivan Coelho de Sá. 13 Set 2006. Prezado Ivan, segue uma tempestade cerebral sobre uma visão para o curso que submeto aos pares. Certamente seu caráter apressado impõe inconsistências sob vários aspectos, porém ressalto sua espinha dorsal de natureza filosófica. Uma aposta e proposta para se pensar e atuar com e sobre a realidade brasileira, contribuição cidadã, uma vez que nós professores e alunos da universidade pública somos custeados por todos os contribuintes e devemos dar retorno à nossa sociedade: um compromisso. Em particular, peço-lhe retransmitir esta mensagem ao Cícero, ao José Mauro, ao Mário e à Thereza, sem prejuízo dos demais, conforme já me pronunciei no início (a todos os pares). Independente da obrigatoriedade e da pressão dos prazos, considero oportuno, sempre, se refletir sobre o que fazemos. Embora, idealista incorrigível, platônico, acredite no teor expresso, tenho consciência dos limites por implicar uma construção. Talvez possamos estabelecer ao menos os alicerces agora, em um cronograma que nos possibilite, a médio prazo, concretizar em sua plenitude o que um dia teria sido sonho, eterna ventura e aventura humana. Abraços do Anaildo.

- Investigação
- Interpretação

Problematização implícita:

O quê e como preservar?

O quê e como pesquisar?

O quê e como comunicamos?

Objeto da museologia

Relação memorial que a humanidade tem com o objeto (tomado em dimensão “sínica”, de entidade teorizada)

Relação humana com a museidade

Museu: manifestação/expressão socialmente determinada dessa relação, um recorte intencional definido no espaço-tempo, um intervento conceitual sobre o real.

Constitui-se fenômeno social de expressão sensível, perceptível, dessa relação.

Um modo de ver em processo de pára-significação, no interstício entre o notativo e o conotativo, participando das duas naturezas/ instâncias sínicas.

Uma acepção primeira “interpretada”, indo da reprodução/apropriação (ícone) à relação (índice) até à abstração (símbolo)

Como a humanidade se relaciona com o sobre valor do objeto Objeto-signo.

Essência da museologia e da musealidade

Museidade: potência

A capacidade ou potência no sujeito para atrair o pensamento a partir de um objeto e nele se despertar o desejo de referenciação e de interlocução

A capacidade ou potência no sujeito para o que se atrai a percepção e/ou intelecção intencional, com sentido memorial, ainda que fugaz (fotografar, registrar, p.ex.)

Musealidade: expressão museal, processo relacional e relativo

Eufemismo, medo da palavra objeto, da origem nas musas, do espaço tempo?

(sagração, legitimação, seleção, reunião?)

Musealidade: capacidade ou potência de expressão/manifestação museal da qual o Museu é um caso privilegiado, enquanto fenômeno.

Realidade subjacente à actância museal, à intenção de musealizar.

Fenômeno:

Proposta “conceitual” de currículo [obrig.45; opt. 19]

Museologia geral

- Teoria da museologia
- História da museologia
- Metodologia da museologia– mnemônica, lógica e dialética -
- Epistemologia da museologia
- Ética da museologia
- Axiologia da museologia
- Sociologia da museologia
- Linhas filosóficas (postulados)

Museologia especial:

0 - História da musealização

I - Objeto e delimitação, princípios e extensão - natureza e missão (tipos, abrangência, e conteúdo)

- políticas de aquisição

- políticas de documentação

- políticas de conservação



# ANEXOS

## Anexo 01

Referências obtidas nas Notas traduzidas, com revisão, de STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. Predmet muzeologie. In: \_\_\_\_\_. ed. **Sborník materiálu prvního muzeologického sympozia**. Brno: Museu da Morávia, 1965. p. 33.

### Notas

- 1) Contribuição à discussão acondicionado pelo registro breve. O texto foi complementado com citações diretas de alguns autores e com coleção de notícias.
- 2) M. [Miroslav] KUSÝ. **[Marxistická] teória poznania** [Teoria [marxista] do conhecimento]. Bratislava: [Slovenské vydavateľstvo politickej literatúry – Editora eslovaca de literatura política], 1962. p.311 et seq.
- 3) V. [Vojtěch] FILKORN. **Úvod do metodologie [vied]** [Introdução à metodologia [da ciência]]. Bratislava: [Vydavateľstvo Slovenskej akadémie vied- Editora da Academia Eslovaca de Ciência], 1960. p. 15 e ss. [Filozofická bibliotéka, zv. 5.]
- 4) Veja a parte das palestras deste livro de anais.
- 5) **Stage regional d'études de l'Unesco sur le rôle éducatif des musées**. Paris : UNESCO, 1960. p. 12
- 6) M. KOURIL. **Scénografie jê veda** [A cenografia é ciência]. (Acta scénographica, 1961, 7).
- 7) Ibidem, p. 122.
- 8) S. [Sonnfried] STREICHER. **Zu Problemen der Einheit von Forschungs und Bildungstätigkeit der naturwissenschaftlichen Museen** [Problemas da unidade de pesquisa e ensino nos museus de ciência] (Neue Museumskunde, 1962. 4/ p. 272 et seq.
- 9) H. [Heinz Arno] KNORR. **Was ist ein Museumsgegenstand? [O que é um objeto de museu?]**. Neue Museumskunde, 1963, 4, p.190 et seq.
- 10) STREICHER: idem p. 273.
- 11) STREICHER: idem p. 275.
- 12) KNORR: idem p. 193.
- 13) Do conjunto, chamo a atenção para os conteúdos bibliográficos publicados em ICOM NEWS, em particular ICOM NEWS Vol. 6, 3 (1963), uma orientação adequada também se pode adquirir em Výberová bibliografia zahraničnej muzeologickej literatúry [Bibliografia selecionada de literatura estrangeira de museologia], Bratislava – Praga, 1962 (1 – 2), 1964 (3), 1965 (4).
- 14) Chamo aqui a atenção aos materiais de seminários organizados com patrocínio do ICOM, por exemplo, no Brasil, México, Japão e Alemanha Ocidental.
- 15) L. [Luc] BENOIST. **Musées et muséologie**. Paris: [Presses Universitaires de France], 1960. p. 118. [Que sais-je?]
- 16) V. [Vladimír] DENKSTEIN, F. [František] MATOUS, K. [Karel] TUČEK. *Musea slouží lidu* [Os museus servem ao povo]. Praga: Orbis, 1954. p. 22 et seq.; K. [Karel] TUČEK, I.[Ivan] KLÁŠTERSKÝ, O. [Otakar] ŠTĚPÁNEK. [Zakládání přírodovědeckých sbírek vlastivědných museí: Návod k vytváření, udržování a správě přírodovědeckých sbírek vlastivědných museí] [Criação de coleções de museus de história natural: instruções para a criação, manutenção e gestão de coleções de ciências naturais em museus etnográficos]. Praga: Orbis, 1955; M. P. SIMKON. **Sber materiálu zé sovětského období** [Coleta de material do período soviético]. Praga: s/e, 1955.
- 17) K. von RATH. **Museum und Öffentlichkeit II**. In: *Die Öffentlichkeitsarbeit der Museen*. [Museu e público II. In: *As relações públicas dos museus*]. Colônia: Comissão UNESCO, 1964). p. 47.
- 18) RATH: idem p. 48.

19) Chamo atenção para a literatura mencionada em anexo da palestra de abertura deste livro de anais, para mais explicações sobre termo de ciência sobre fontes (veja Questões de arquivística, 1962, 2, p. 113 et seq.).

## Anexo 02

Referências relativas ao Capítulo 5 (Metamuseologia) de STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005.

Esta seleção bibliográfica corresponde às obras citadas em notas no capítulo 5, de **Archeologie a muzeologie** e recortadas das referências gerais constantes às p. 207 a 251. As obras foram revistas, quanto à precisão ortográfica nos idiomas originais, tanto quanto identificado, a títulos, especialmente na complementação dos subtítulos, casas editoras, data de edição e, em alguns casos, busca pelo título em inglês ou assunto do título em português. A ordenação manteve a ordem alfabética, sendo a ordem de obras, quando mais de uma por autor, observada a partir da sequência alfabética do título original.

ASSMANN, A.; HART, D. ed. **Mnsemosyne, Formen und Funktionen der kulturellen Erinnerung**. Frankfurt: 1993.

BAUDRILLARD, Jean. **Agonie des Realen**. Berlim: 1978.

BENES, Josef. Fenomén casu v archeologii. **Archeologické rozhledy**, 49, 231-241, 1997.

\_\_\_\_\_. Muzealizace a její místo v muzeologii. **Múzeum**, 3, 1-7. 1991. ou Význam a vývoj muzeologie v českých zemích, **Muzeologický bulletin**, 1, 9-26. 1991.

BLACKMORE/ova/, Susan. **Te[oj]rie memu: kultura a její evoluce**. Praga: 1999.

BOHM, David. **Rozvíjení významu** [: Víkendový dialog] [Unfolding Meaning: A weekend of dialogue with David Bohm]. Praga: 1992. Praga: 1992.

BUTLER, T. **Memory: History, Culture and Mind**. Oxford: 1989.

CAPRA, Fritjof. **Bod obratu: veda, společnost a nova kultura**. Praga: 2002.

\_\_\_\_\_. **Tao fysiky**. Bratislava: 1992.

\_\_\_\_\_. **Wendezeit**. Berna, Munique e Viena: 1993.

\_\_\_\_\_. **Problémy jazyka vedy**. Praga: Svoboda [?], 1968.

ECO, Umberto. Interview mit Umberto Eco. In: **Süddeutsche Zeitung**, n. 269, 1985.

\_\_\_\_\_. **Über Gott und die Welt**. Munique: 1987.

ENNENBACH, Wilhem. **Muzeologické sesity**. 1979, VII.

FLIEDL, G. ed. **Museum als soziales Gedächtnis**. Kagenfurt: 1988.

GREGOROVÁ, Anna. **Múzeá a múzejníctvo**. Martin: 1984.

HERBST, W., LEVYKIN, K. G. ed. **Museologie**. Theoretische Grundlagen und Methodik der Arbeit in Geschichtsmuseen. Berlin: 1988.

HERLES, D. **Das Museum und die Dinge**. Munique: 1996.

HOLUB, M. **Maxwelluv démon cili o tvorivosti**. Praga: 1988.

HOWARD, P. **Heritage: management, Interpretation, Identity**. Londres / Nova Iorque: 2003.

HUYSEN, A. **Twilight Memories: Marking Time in a Culture of Amnesia**. Nova Iorque e Londres: 1995.

JEUDY, Henry Pierre. Die Musealisierung der Welt oder Die Erinnerung des gegenwärtigen. **Ästhetik und Kommunikation**, 67/68, 23 an. 1987. ou Die Welt als Museum. Berlin: 1987.

KRÁL, Miloslav. **Kam smeruje civilizace?** Praga: 1998.

\_\_\_\_\_. **Zmena paradigmatu vedy**. Praga: 1994.

LUBBE, Hermann. **Das Fortschritt und das Museum: Über den Grund Unseres Vergnügens an Historischen Gegenständen**. Londres: 1982.

LYOTARD, Jean François. **S.t.** S/l: s.e, 1985 (sic) (?)

MAYRAND, Pierre. The new museology proclamation. **Museum**, 1985, 148, 200-201.

\_\_\_\_\_. **Sens et enjeux de la muséologie populaire**. 1985. (manuscrito)

MENSCH, Peter van. **For Now and Ever: an Introduction to Collecting for Museums**. Amsterdam: Reinwardt Academie, 1994.

\_\_\_\_\_. Museology as a scientific basis for the museum profession. In: **Professionalising the muses**. Amsterdam: Aha Books, 1989.

NEUSTUPNÝ, J. **Otázky dnešního muzejnictví**. Praga: 1950.

NORA, Pierre. **Zwischen Geschichte und Gedächtnis**. Berlin: 1990.

NOSEK, J. ed. **Miénium vedy a filosofie**. Praga: 2002.

POPPER, K.B. **Logika vedeckého zkoumání**. Praga: 1976.

SCHMIDT, S. J. **Gedächtnis: Probleme und Perspektiven der interdisziplinären Gedächtnisforschung**. Frankfurt: 1991.

STRÁNSKÁ, Eva. Alternativna muzeológia? **Museologica**. I. 71-80, 2000.

STRÁNSKÝ, Zbynek Z. Das Öko-Paradigma und die Museologie. **Museum Aktuell**, 51, 2025-2028. 1999.

\_\_\_\_\_. Der Begriff der Museologie. In: JELINÉK, Jan. ed. **Muzeologické sesity**. Supplementum 1, Einführung in die museologie. Brno: UJEP, 1971.p. 14-39. ou Úvodem k diskusi o pomeru muzeí, galerií a památkové péče. **Muzeologické sesity**. 1971, 3, 77-

88, ou Grundlagen der Allgemeinen Museologie. **Muzeologické sesity**. Supplementum 1, Einführung in die museologie. Brno: UJEP, 1971. p.40-68.

\_\_\_\_\_. **Introduction to the Study of Museology**: for the students of the International Summer School of Museology. ISSOM, Brno: Universidade Masaryk, 1995. 116p. ou Museologie als selbständige Wissenschaft. In: Flügel – Vogt (eds.): **Museologie als Wissenschaft und Beruf in der modernen Welt**, 11-29, Weimar. 1995.

\_\_\_\_\_. Muzealizace v kontextu ekologické a kulturní krize. In: \_\_\_\_\_. Ed. **Museologica**, II. Banská Bystrica: UMB, 2001. p. 206-213.

\_\_\_\_\_. Museologische Terminologie. **Neue Museumskunde**, 31, n.1, 12-17. 1988. ou Museologia: Deus ex machine. **ICOFOM Study Series**, 15, 215-223, 1988.

\_\_\_\_\_. Pojem kulturní dedictví. In: **Acta histórica et museologica Universitatis Silesianae Opaviensis**. 5, Opava, SLEZSKÁ UNIVERZITA, 2000. P. 65-69. ou **Úvod do studia muzeologie**. 2.ed. aktualizada. Brno: Universidade Masaryk, 2000. 169p.

\_\_\_\_\_. Predmet obecné a speciální muzeologie [Objeto geral e museologia especial]. **Casopis Moravského muzea v Brno** [Revista do Museu da Morávia em Brno], **Vedy společenské** [Ciência Social]. 1968-1969, v.53-54, n. 2, p. 207-252

\_\_\_\_\_. Potrebujeme eko-muzeologii? **Múzeum**, 45, 2, 18-20. 1999.

\_\_\_\_\_. **Úvod do studia muzeologie**. Brno: UJEP, 1980 [1979?]. ou Museology as a science: a Thesis. **Museologia**. 1980, n. 15, 33-39.

\_\_\_\_\_. **Úvod do studia muzeologie**. Brno: Universidade Mazaryk, 2000.

STURM, Eva. **Konservierte Welt. Museum und Musealisierung**. Berlin: 1991.

TONDL, L. **Mezi epistemologií a sémiotikou**. Praga: 1996.

\_\_\_\_\_. **Veda, technika a společnost**. Praga: 1994.

TSURUTA, S. Museology – science or just practical museum work? **Museological Working Papers**, 1, 47-49, 1980.

WAIDACHER, Friedrich. **Handbuch der Allgemeinen Museologie**. Viena, Colônia e Weimar: 1993.

\_\_\_\_\_. **Museologie – Knapp gefasst**. Viena: 2005.

\_\_\_\_\_. **Príručka vseobecnej muzeológie** [Guia geral da museologia]. Bratislava: SNM [Museu Nacional da Eslováquia], 1999.

WALDENFELS, B. **Stachel des Fremden**. Frankfurt: 1990.

WESCHENFELDER, K. Museale: Gegenwartsdokumentation. In: ZACHARIAS, W. ed. **Zeitphänomen Musealisierung**. Essen: 1990. p.180-188.

ZACHARIAS, W. ed. **Zeitphänomen Musealisierung**. Essen:1990.



ZALMAN, J. Muzealizace jako názor k odžití minulých jevu. In: **Muzea v procesu transformace/Museum in Transformation Process**, 199-203. Brno, 2003.

NB.:

1: Os dois artigos abaixo não constam da listagem das referências da literatura consultada do Archeologie a muzeologie, p. 207-251, embora, no corpo de texto, Stránský tenha se referido a obra sua de 1965. Para essa data, na relação da produção textual de Stránský, Dolak e Vavriková indicam dois textos:

STRÁNSKÝ, Zbynek Z. Podstata muzeologie a její zarazení do vysokoskolského studia. [A essência da museologia e sua inclusão no ensino superior] In: \_\_. Ed. **Sborník materiálu prvního muzeologického sympozia**. Brno: Museu da Moravia, 1965. p. 10-17.

\_\_\_\_\_. Predmet muzeologie. In: \_\_. Ed. **Sborník materiálu prvního muzeologického sympozia**. Brno: Museu da Moravia, 1965. p. 30-33.

2: Quanto a SOLA e STIPCEVIC, citados no corpo de texto, após HOWARD, sobre Patrimônio, p. 265, não figuram na literatura listada, às páginas 207-251.

Projeto de pesquisa: conceitos e objetos da Museologia. Victor Alexandre Soares Ramuz. 2015. Não concluído.

**Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro**  
Escola de Museologia  
Curso Integral de Museologia

### PROJETO DE PESQUISA: conceitos e objetos da Museologia

Victor Alexandre Soares Ramuz  
Matrícula: 20111341551

Prof. Orientador: Ms. Anaildo Bernardo Baraçal

#### 1. Introdução

Delimitar o objeto de estudo da Museologia sempre foi um assunto a ser discutido desde meados do século passado. O filósofo Z. Z. Stránský preferiu não usar o termo “objeto de estudo”, achando mais cabível “tendência de conhecimento”, e essa tendência de conhecimento gera a construção não de um campo que se fragmenta em diversos objetos de estudo, mas sim de uma área de conhecimento rica o suficiente para ter diversas vertentes a serem desenvolvidas e estudadas.

A diversidade de opiniões sobre a área traz consigo uma gama de discussões e tentativas de análise objetivando a construção de se ter um conceito e um objeto de estudo para a Museologia [ao lado de uma terminologia comum], visando assim a consolidação do campo. Diversos são os autores que propõem objetos epistêmicos com relação à Museologia (Desvallées, Mensch, Razgon, Rússio, Stránský, entre outros), que trazem consigo uma delimitação do estudo da área.

A Museologia como o Estudo da Finalidade e Organização dos Museus (UNESCO, 1958); Estudo da história e trajetória dos museus, seu papel na sociedade, seus métodos específicos de pesquisa, conservação, educação e organização [...] dos diferentes tipos de museus (ICOM, 1972); Museologia como ciência social que estuda os objetos de museu enquanto fonte de conhecimento (RAZGON, 1982); A museologia como o conjunto de teoria e prática envolvendo o cuidado e o uso da herança

(patrimônio) cultural e natural (MENSCH, 1983); Abordagem específica entre o homem e a realidade (STRÁNSKÝ, 1980); Estudo do fato museal (RÚSSIO, 1981).

Diferentes concepções foram apresentadas, como as citadas acima, e influenciaram na construção do campo da Museologia. Ideias são aproveitadas e servem de combustível para a elaboração de outra ideia, podendo existir relação entre elas (Vide Stránský referindo-se a Waldisa Rússio e Gluzinski como museólogos com pontos de vista semelhantes ao seu).

É importante, assim como foi no Encontro do ICOFOM de 1986, a reflexão e a tentativa da construção do objeto de estudo, da tendência de conhecimento, da essência da Museologia nos dias atuais, englobando o universo universitário, o qual as ideias são discutidas.

## **2. Objetivos**

### **2.1 Gerais**

- Identificar os conceitos de Museologia adotados pelos corpos docente e discente dos Cursos de Museologia da UNIRIO
- Identificação dos objetos disciplinares da Museologia pelos corpos docente e discente dos Cursos de Museologia da UNIRIO

### **2.2 Específicos**

- Analisar o histórico dos conceitos de Museologia
- Analisar o histórico dos objetos de estudo da Museologia
- Levantar e sintetizar os conceitos de Museologia adotados pelos corpos docente e discente dos Cursos de Museologia da UNIRIO
- Levantar e sintetizar os objetos disciplinares da Museologia pelos corpos docente e discente dos Cursos de Museologia da UNIRIO

## **2. Metodologia**

Será entregue a cada profissional do corpo docente e aos discentes dos Cursos de Museologia da UNIRIO um questionário, cuja formulação contou com a gentil colaboração da profa. Mestre Avelina Addor, contendo algumas questões que vão de encontro à discussão da Teoria Museológica, questões essas, pertinentes, como: tempo de atuação em Museologia; formação acadêmica; especialidade no campo museológico, além da questão-chave que gira em torno da definição do termo Museologia e de seu objeto.

Em um primeiro momento, será realizada a aplicação dos questionários para o corpo docente, abarcando tanto os professores museólogos e/ou do Departamento de Estudos e Processos Museológicos - DEPM, como os professores dos demais departamentos. Após essa fase, será feita a mesma aplicação, porém para o corpo discente da Museologia - UNIRIO, abrangendo os alunos que estão no momento inicial de formação (segundo período), e os alunos que estão no período final de formação (sétimo e oitavo períodos).

Através da análise dos dados obtidos, será possível delimitar e discutir os diferentes conceitos e objetos com relação à questão-chave. Para as questões objetivas, citadas acima, será feito, para uma melhor compreensão, uma apresentação gráfica dos resultados. Para a questão da definição do termo, será feita uma análise qualitativa.

#### **Cronograma das atividades:**

	Fev	mar	Abr	maio	jun	jul
Leitura da Bibliografia	X					
Aplicação dos questionários ao Corpo Docente		X	X			
Análise parcial dos dados obtidos			X			
Aplicação do Questionário para o Corpo Discente				X	X	
Análise final dos dados obtidos						X

### **3. Desenvolvimento**

Em processo

### **4. Resultados**

Em processo

### **5. Bibliografia**

BELLAIGUE, M. 22 ans de réflexion muséologique à travers le monde. **Cahiers d'études/Study Series**. Comité International de l' ICOM pour la museologie. 8: p. 4-5, 2000.

CERÁVOLO, Suely Moraes. Delineamentos para uma teoria museológica. **Anais do Museu Paulista**. V.12. jan.- dez. 2004

DECAROLIS, Nelly. Relaciones de la Filosofía con la Museología contemporánea. In: **SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE**. ICOFOM LAM, Coro, Venezuela, Subcomité Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 65-70, nov/dez 1999.

MENSCH, Peter Van. **Towards a methodology of museology. Tese de doutorado. Universidade de Zagreb**, 1992. Disponível em: <[http://www.muuseum.ee/et/erialane\\_areng/museoloogiaalane\\_ki/ingliskeelne\\_kirjand/p\\_van\\_mensch\\_towar/](http://www.muuseum.ee/et/erialane_areng/museoloogiaalane_ki/ingliskeelne_kirjand/p_van_mensch_towar/)>.

\_\_\_\_\_. Museum object: what and why? In: SOFKA, Vinos. **Collecting today for tomorrow**. ICOFOM Studies Series 6, Estocolmo: ICOFOM, p.18-23, 1984.

RÚSSIO, W. R. C. G. A interdisciplinaridade em Museologia (1981). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). **Waldissa Rússio Camargo Guarnieri: Textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de estado da Cultura: Comitê Brasileiro do ICOM, 2010.

STRÁNSKÝ, Z. Z. In: MUWOP: Museological Working Papers/ MuWoP – Museological Working Papers. **Museology – Science or just practical museum work?** Estocolmo: ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM; Museum of National Antiquities, v. 2, 1981.